

Figura 1 Illustratio 1

L019 Versão: V1 R27 – 25 setembro 2024 – | Status: Perspecto Promptus \ lapsus correção

Affectio

"A insana consequência de um virtual contato"

Affectio – Mara – maio 2019

"A amplitude do afeto demole o significado de fronteira"

setembro-2019

MARA ROMARO

Praefatio a Affectio

17 agosto 2019 14 h | Terraço | 22 graus | Ensolarado com nuvens esparsas

Ensaio para relato do afeto na cadência espiral de minha voz na retroação de um ano, na erupção-alude da paixão e todas as faíscas e tempos ensolarados nas vísceras dos estrepes dardeados da sarabatana de sua própria ausência.

Concepção empírica de transliteração e poetização das manifestações emitidas nos registros e relatos. Construído em capitular retroação dos áudios, contendo espiras do 'momento-agora' e das espiras das nuances relativas a cada essência ou acontecimento da data base do registro baseado em fatos.

A segunda parte, baseada em fantasia, se localiza no mundo paralelo da ilusão, dos artífices modos de materializar os anseios, ao registro da elaboração dos devaneios mais recônditos em uma criação galgada e amalgamada em mescla de fragmentos e influências da minha pintura e poesia, com estímulos auditivos, gustativos, sensoriais e a dança como protagonista, com apreciação na imersão musical relativa a elementos de agudo teor afetivo, agregando sofisticação do aprofundamento providos no método *novam scripturam* [1], rompendo as fronteiras de qualquer autocensura.

INTENT

Descrever minha visão amadurecida poética para o conteúdo de afeto, na essência do verbete em latim, com a visão macroscópica dos fatos, em ampliação, revisitando os registros dos arroubos de minha erupção de amor gravados em cerca de quinze áudios e o universo hipotético de desenrolar da fantasia dos anseios, devaneios em materializações que ocorreram ou não metafisicamente. O entremeio das impressões retroativas com as impressões progressivas vai se dando em espiras internas, ou em textos inteiros, com espiras no conceito de pontos de vista, num embaralhamento dessas espirais em tempo invertido – mais recente com o mais antigo do momento da escrita.

1 Método de escrita e criação artística, descrito no ensaio L018 Novam Scripturam da mesma autora.

QUAERIT INSTICTU - INCITAMENTUM[2]

Dança, audição de música, filmes de sons, elementos naturais, exposição ao calor intenso provocado e exposição ao frio intenso provocado, álcool, leitura de poesias de densidade aguda afetiva, sessões de leitura e de apreensão dos vocábulos de uma pesquisa radial e focada, além de conceitos que, construídos para cada imagem poética demandaram a visualização desses elementos quando possível e até o desenvolvimento de pintura de alguns. Músicas selecionadas para temas centrados em lugares já percebidos que iriam florescer imagens poéticas, bem como músicas de memórias importantes. Estímulos de visualização de fotos. Lucubração matinal em novidade para coleta de estruturas de alguns versos, enriquecimento das fantasias no momento que ao despertar os sonhos irracionais ainda estão na mente. Pintura. Extenuação de ânsias.

QUAERERE

A leitura em modo amplo, somada às imersões temáticas quando, por exemplo, tratou-se de tema cultural de uma localidade, ou uma imagem poética cujo ensejo demandava saber. Pesquisas diversas dispostas em anotações esparsas, que vieram demandadas de partículas criativas, imagens e contexto cultural. A absorção do conteúdo, se fez preliminar ao momento da criação, ou materialização dessa criação.

GEMMA I OSSEUS

O momento de estruturação e momento da criação, foi um amálgama das partículas, mas todo ele, em âmbito geral, demandou um rito de iniciação, com leitura, com estímulos específicos em cada demanda, observando os mapas mentais, as estruturas pensadas ou mini roteiros, e coleta de fragmentos escritos em lucubração. Frases. Que vieram na criação ou no momentum.

MOMENTUM[3]

---

2 *Incitamentum* - Lat. - Incentivo, mas no sentido de estímulo.

3 *Momentum* - Lat. – Impulso, movimento, mudança, variação. Revolução. Peso. Importância, influência. Motivo, causa, circunstância. Parcela, pequena quantidade. Momento,

Como fase primordial de refinamento, tenha sido ela, escrita ou ilustração, o momento inspirador, lapidador e preciosidade, contou com respeito às fases de *nihil, circunspectis i glutinari, quaerere.* Não se trata de correção. Se trata de algo mais que a aglutinação. Pensamento de aprimoramento em continuidade, desde a ideia preliminar, durante pesquisa e estímulo, e pós escrito.

RUDITATIS[4]

Intencionalmente, havia uma necessidade de escrita na pedra bruta, no cingir baixo relevo, simples, mas denotado por um preparo prévio, que incluiu pesquisas, estudo de verbetes, estrutura e criação. Fases de correção, foram uma releitura rápida, uma releitura do último escrito ou parte dele. A cada capítulo fechado, uma releitura integral com correção e referência. Na fase final de criação do livro, uma terceira leitura, mais lenta, verificativa de termos e referências, concordâncias, que prosseguiu desde metade do *Itinĕris* juntamente às escritas dos capítulos quatro em diante. Como refinamento, o cuidado de preservar estilos, sentido, dubilidade, esclarecer em apontamentos bastidor de algum detalhe colocado no texto. Coleta de pontos importantes para o Posfácio, cujo intuito foi adicionar estrutura de pensamento e simbolismos usados, ressaltando camadas criativas e elementos mais sutis e mais ocultos do texto.

---

minuto, instante. No método da escrita, refere-se ao momento inspirador, obtido com base em estímulos.

4 *Ruditatis* – Lat. – imperícia, ausência de habilidade. – Considerar a efetuar o aprimoramento.



[Illustratio 13]

Affectio, Affectionis (f.) (ad-facĭo)

– Lat. – Relação, disposição. **Modo de ser**, **estado**.

Boa disposição, Sentimento, **Paixão. Afeição**.

Affecto –as –are –aui –atum (ad-facĭo)

- Lat. – Meter-se a, empreender. Procurar obter, pretender, **aspirar**.

Affectus –a –um (ad-facĭo)

- Lat. **– Possuído de, dotado, tomado de, cheio**. Disposto. **Afetado**.

Et ego gratias ago mihi Δ À Mara

Exposição da minha vivência, visão, devaneio e loucura de amor, por delicadeza não relaciono pessoas às visões. Perspectivas em volutas, personificando o eu, ego, outrem ou coisa, fato ou ilusão.

DESTAQUES LITERÁRIOS

Nectar Nectăris, Epistula Scriptam in sanguinem, Aestuarium, Itinĕris incluindo Observatio.

Contém linguagem coloquial.

Sumário

Capitular
15 VIRTUALIS[5]

|06 maio 2019 | referente a áudio tema

Vos enim estis [6]

Estava no dia da noite, observando o sentido anti-horário, com os olhos voltados para o nada, sem foco, sem nitidez, enquanto relembrava ainda aquela manhã, o clangor que quebrara meu olho fixado na tela com uma linha piscante, de uma falha eletrônica, e a imagem da tela tremulava abaixo do limite imposto. Eu me virei e larguei o telefone tocando, dei passos já com os fones retirados do ouvido contrafeita. Ele apanhou o gancho e o levou ao ouvido, não sei o que disse nem que cara fez.

_ É para você. Ele está nervoso.

†

Papilio circuitus[7]

Vento que passa e uma borboleta se aproxima, rodeia incólume, eu me espreguiço olhando suas cores, imaginando uma espécie de treliça repleta de plantas trepadeiras, com flores em broto.

Lentamente a borboleta, alça um fôlego de seu peito menor que um bicho-pau, ela impassível lança força a fechar enormes asas, cada asa de seus mais de 180 graus vão sendo conduzidas à uma invisível palma de mão, como um bater de

---

5 Lat.medv. virtualis 'virtual', do lat.cl. vīrtus,ūtis 'força corporal, ânimo, denodo, virtude.'

6 Vos enim estis – Lat. - É para você.

7 Papilio circuitus – Lat. - Borboleta rodeia, voa em círculo. Forma ablativa.

palma, lento e o ar se projeta lentamente para fora, formando um fluxo, e o empuxo eleva um tanto microscopicamente.

Ela aumenta seu ritmo, procede um breque para adernar levemente à esquerda em rodopio, e um gigantesco brilho das lentes de um óculos, assustam-na com os cílios que piscam lentamente baixando um leque abaulado de estranhos espigados filamentos, e as cores amarela e marrom se espelham para si. Ela se reflete e afugenta. Promove mais força a subir mais e mais, vendo os brilhos apenas reflexos miúdos do mar dos fios de cabelo daquela horrenda criatura abaixo dela.

†

Harenae8

| áudio 15 ✇

Não saberia dizer o que andei sentindo, as janelas não me livraram clausura, nem o ar rarefeito, e os gestos rápidos dos esquilos que galgavam sorrateiramente a grande árvore, eu me vi nos dias que se somam a cada hoje, afundar em areia movediça entre análises, hipóteses, compreensão de minha própria voz me fazendo deixar as conversas ao meu lado evaporarem feito fumaça, eu uma talvez margarida colhida pelo sol surda-muda. O olhar se desviava das poças do dia, das lamúrias, e enquanto ele andava ao meu lado embaraçado de seus afazeres, eu olhava as páginas brancas e as máculas de pingos, que estavam no ápice de uma fronde, um cristal recebido de uma chuva, que ali se prendeu, tudo mais caiu, ele não sucumbiu, o dia se passou, o vento o esqueceu, a formiga o tocou com seus minúsculos braços, comeu uma ínfima parte de seu líquido. As noves horas chegou braseira, uma revoada de andorinhas se lançavam cortando os ares, em um costurar de agulhas cuidadosas e lentas, por vezes se podia saber que abriam um veio no lago com seu bico empunhado como espada. E quando uma se cansou, veio rebatendo as plumas de suas asas, contra a luz do sol fez a gota se encher de sombra, pesou, e a rama se sacudiu de um impacto. A bólide caiu, esbarrou em uma folha seca, continuou caindo, e fez um estrondoso *splash* na página branca, que o papel pôs-se a absorver, e manchar um tantinho mais escuro. Ela olhou a caneta verde que escrevia as primeiras palavras, e como atropelo de lágrimas de emoção viu a tinta se espraiar lentamente no restante de umidade ainda esquecida por ali, em palavra de amor chorado, batizado em seus dias de cinquenta e algum ano.

†

8 Harenae – Lat. areai. No texto é o sentido de Areia movediça.

Mortem

Peguei o telefone em estranheza, ouvi a nítida voz de meu irmão:

_ Ela foi encontrada morta hoje, caída em sua cama. Não sei nada mais.

A hora emudeceu. Caíam as pernas por terra e os olhos de vidro que estilhaçaram.

Após o hiato cádmio, as gotas mercúrio espalhadas, e as farpas em meus neurônios alertavam as últimas palavras de uma virtual mensagem, que me dizia uma mão invisível sobre meu rosto a qual eu não via nada além de gelo, como um flóculo pairando volante nos ares dos tempos que eu julgava necessários. Veio repentinamente todo o degelo, ganido e sangrado, de tudo que esvaiu para a ravina do nunca mais.

†

Occurrens a fratribus 9

Encontramo-nos, todos nós dos nós, aqueles que se podiam sorrir, os que mal possuíam palavras a se dizer, cientes dos olhos de águia de nossos antepassados, franzia a boca uma, uma lágrima esquecida guardada entre murmúrios, toquei o antebraço da filha, alguém olhava as pontas do seu calçado, os celulares minguavam suas baterias, e entrelaçados num entra e sai, como uma arpa tocada, as cordas lentamente vibravam na produção de um som que subia pela garganta e se juntava aos movimentos de articulação, de vogais e consoantes, dizendo o depois do antes. Senti e levei as mãos à face e me enterrei ali, até que meu soluço me desse ar a aspirar e suspirar exaustivamente – como pude não responder algo tão simples naquela hora? – enquanto via um debulhar de lágrimas da minha querida menina, eu relembrava, a meninota de pernocas ágeis, fugindo de mim, eu tentava colocá-la sobre as fraldas arrumadas, e ela se esquivava faceiramente em risos marotos, eu recuperava e a fuga desarrumava tudo por sobre a cama, até que pelas axilas eu a trazia rindo e suas pernocas esperneando-se. Vestia e rolava depois entre as risadas, passando a mão na barriga ofegante e colocando o indicador sobre o seu sinal de nascença e fazendo uma careta e um som engraçado de apito. Saudade.

†

9 *Occurrens a fratribus* -Lat. Encontro de irmãos, no sentido de Encontramo-nos.

Pluviam **10**

Chuva mansa, entre guinchos dos pássaros e os raios imperiais do sol cortando os ares, em um resplandecer das cores do arco-íris. O caminho de casa, nós íamos apressados na motocicleta, as poças jogavam água, curvava aqui e ali, descia as curvas sinuosas do ziguezague, e eu segurava em seu tórax. Àquela hora, os raios cor alaranjada do sol se pondo, pude ouvir o ronco da vespa, em seu estrondo esganiçado e engasgado, sua cor pérola em contornos pretos, brilhando em cera e polimento, e sua buzina. Sentia os cabelos soltos no ar, nos tempos que andávamos sem preocupação, com dois fones conectados no mesmo walkman rodando uma fita cassete, ligada no *play*, passando sob a energia de pilhas, sua face magnética na cabeça de leitura e o volume máximo. Enquanto ele apontava a montanha límpida, sob um cheiro de geosmina 11e suor das árvores em seus cachecóis de plantas. A fumaça de motor dois tempos da vespa deixava um rastro, eu me virava para olhar, mas já havia sumido. O que me vinha à cabeça nesse momento, é que o lugar era uma terra arrasada e eu uma desterrada, sem ninho, como se a união de momentos bons e péssimos, houvesse tornado uma Síria, que na verdade era aqui mesmo, em mim. Algo aonde não era meu lugar de voltar. Estranho pois eu estava ali mesmo. Por isso eu via a boca mexendo os lábios e não ouvia nada, absorta em um caminhar entre imagens perdidas do passado.

†

Terrarium

| Áudio 15 – terrarium e imprensa de palavras.

Em mim mesma, o som dos violinos me traduziam as ondas, a memória que efêmera me ocorrera tão pouco, que me marcava de sonhos desejando um reencontro. Eu sentia a garganta que se apertava, pensando em uma vastidão de ocorrência de dias, sentindo e sentindo e sentindo, uma implosão tão grande que eu supunha se traduzir em incompreensão, mas não. E toda vez que eu sentia novamente a consciência viva, como esse ninho de pássaro, de beija-flor, na árvore de jardim, e que ele revoava, dançando ao meu redor, os passos de uma valsa, com seu fraque verde, reluzente como uma cor de carro que jamais tive, mas assim eu me punha em pé, com demora, erguendo as ancas, virando-me, pondo-me de joelhos, com as areias incrustadas no cimento me martirizando, erguia um tornozelo e o outro e estirando enfim os joelhos, virando daqui

10 *Pluviam* - Chuva

11 Geosmina – cheiro da chuva, significa perfume da terra em grego, produzida pelos actinomicetos, ao produzir esporos liberados nas gotas da chuva que caem.

e dali, nessa visita do voo, como um convite do impossível, dizendo-me em gritos, o amor está ali, o amor está aqui, e nada acontece nesse espaço vazio que nos separa, como o céu que caiu e plantou ali uma planície sem fim.

Eu me dava conta das contas assumidas para minhas cadernetas e engolia em seco, um ar de outono, a dor me acinturava, o *terrarium* numa garrafa vazia, ludibriando meu poder e meu senso de ternura, naquelas flores minúsculas que não sobreviveram ao meu desvelo.

Daquela época em diante, diante da tela de computador, entre este e mais este texto, que eu publicava a seleto público de desconhecidos, percebi um estranho olhar virtual.

E as estatísticas me disseram aquilo que em monólogo eu gravava em desabafo, de sentimentos que ninguém senão eu mesma podia saber completamente.

Após mais de um ano, eu gravava e escrevia por vezes uma mensagem, para pessoa. Mas não em carta, nem em e-mail, em um labirinto de nuvens e poesias na 'imprensa de palavras'.

Eu publicava e alguém sondava o site, no rol de textos, parecia um *robot*, por vezes de um país estranho, das fronteiras do universo, do outro lado do planeta e de diversos locais, que eu curiosamente não entendia o interesse, mas alegrava, até ocorreu por conclusão do meu esposo – é o duende de jardim de Amelie Poulain - na verdade um anão. Diversos momentos sucederam nos quais expressei minhas dúvidas a respeito dos acessos 'não seguidores' até perceber nas estatísticas a presença de um ponto de onde não havia nenhum seguidor, nem amigos que de lá me conhecessem, e sempre esse acesso. Gravei conclusões em áudio e os acessos 'duendes' e de sondagem pareceram sumir, aliás tudo que era virtual sumiu, e então sabendo a quem eu compartilhava alguns áudios, me dei conta que esta pessoa havia reagido. E da reação eu analisei, em meu neurótico acompanhar dos acontecimentos, tanto do meu sentimento como dessa relação mais do que etérea – imaterial. Percebendo que minha conclusão levaria à sua identidade, passou a visitar novamente. Somente o texto do dia, pois eu analisava os acessos aos antigos textos que era prática rara entre os seguidores.

Ocorreu que os acessos desidrataram naturalmente durante meu tempo de produção de lançamento do livro, e os acessos deste ficaram evidentes na madrugada, após pouco tempo da publicação. De um acompanhamento este efeito me causou preocupação e perturbação que cheguei a 'fechar' meu artifício de imprensa de palavras, mas dia seguinte eu já queria saber se o fantasma da ópera apareceria.

Seguiu o mistério. Por vezes este acesso se disfarça de acessos domésticos, ou em algum país presente nos meus seguidores, meio parecendo querer se camuflar.

O que deseja este indivíduo que acessa tão correntemente meus textos e publicações, se não me suporta, por que então acessa, e por vezes diversas vezes quando se trata de texto longo, como se tivesse interrompido?

†

Entre as mãos vazias na hora da madrugada, nas noites insones, eu colhia flores de vidro, coloridas de plasma sangrado de minha alma, com voracidade o amor me entorpecia, e nada podia mais ser igual, e a vida cotidiana caiu na escada e quebrou, eu segui mancando e gemendo as dores profundas de trauma, dorida, pelo coração em voo desesperado de libertar para um céu que não posso pertencer.

Eu revia em minha mente, os dedos excetuando os polegares, a dar apoio à cabecinha aveludada de penugem, de bebê contido no meu regaço, brincando e cantarolando para ouvir entre meus trancos, as gargalhadas que levavam ao engasgo.

Os olhinhos brilhantes e eu estendia meu dedo indicador, lentamente para a direção do rosto, a passar alisando as sobrancelhas, direita e esquerda, depois nas pontas dos filamentos dos cílios, provocando um piscar. Depois eu coçava a barriga e brincava com os dedos no queixo produzindo o abrir e fechar dos lábios, onde como ventríloqua eu dizia dizeres absurdos e mesmo sem entender meu bebê sorria. Foi assim. Três vezes. Eu achava que nada poderia cegar minha felicidade de mãe e me esvaziar o peito.

†

Solitudo et pueritia amicitiam[12]

Nunca estive tão só. Na verdade sim, sempre, é que percebo agora. Não faz sentido falar com ninguém. A amiga de infância sob sombra de um esquisito enciumar, com olhares incisivos e a própria vida que leva, para arrabaldes intransponíveis de nós mesmas, aonde não conseguimos mais saber aquilo que em amizade vivemos.

Justamente, eu nesse momento que me vi, numa espécie de esparrela, estrebuchando pela dor de minha consciência, que há dias que se parece fantasmagórica,

12 *Solitudo et pueritia amicitiam* – Lat. -Solidão e amiga de infância.

outros dias parece em carne e osso, entre mim e meu esqueleto, dentro do coração, em cada batida, que com a mão que ama sobrepõe o peito a sentir o som, no momento que se coloca lentamente a cabeça no peito, acomoda entre o queixo e envolve os braços, sente um morno vento, e naquela cadência, encontra-se com o mar, mar calmo, sereno, em brilho cádmio de luar.

Por este perceber, entendo que o peito não é mais este lugar cotidiano, de preços e contas, de vozerio e piadas, por vezes sem o *timing* do meu próprio desespero. E já não se senta junto na rede, não se espera à mesa, nem se tem conta mais do gosto do beijo, pois tudo se enterra numa sombra, de uma falésia ou meu próprio sentir avesso, e o dragão por fim deixa das entranhas grutas de ravinas, ou de cavernas de pluviais águas que a cavaram tempos atrás. Seja lá como for, o dragão me parece, ele parece bem forte e me apavora. O que foi nunca mais será.

†

14 CONSCIENTIA

Conscientia de amore-Litterae

|9 maio 2019 | áudio 14 ✇

Submergi meus olhos em asas de vidro, em gotas secas à deriva na dança indígena circular em floresta em perdida busca, eu afundava em corais, movimentava guelras e deslizava em resinas choradas das árvores, em pingos de ouro havia o sentimento que simbioticamente vivia e convivia, um dia notei, um dia eu caí por terra, as chuvas me açoitavam, as formigas me sondavam, fui caminho, fui perdição, eu era um pássaro-peixe, talvez um felino-sapo, um gafanhoto-cobra, algo estranho, dois ventrículos em luta pugilista, sangue arterial e venoso, apenas eu olhando...

O redemoinho dos cantos de ribeirão, a centopeia se contorcendo na morte do Sol, a picada da abelha na virilha da alma a me acordar para dia e noite dor solidão.

Eu vaguei nas casas de meu despejo, as mesas de escrita que tive, as velhas canetas entupidas, as folhas de papel vagabundo, os meus antigos papéis de carta,

em aviões ao vento que o arremessa nas calhas junto às folhas maceradas das invernadas.

Eu, nesse momento janeiro deste ano de 52 anos, em rebimbar de rojões e uma pálida exultação, meu olhar perdido voava aos ares, era essa sensação, do sentimento que me acometeu, um dia no tempo recente apareceu o novo gêiser, senti que amava, mas antes eu amava, então o que era? A estranheza de mim mesma, vagando perdida sonâmbula pelas ruas das palavras escritas... Ah sim, eu vagava no passado, nos resíduos de tintas impregnados na luxúria do meu canto de unha, as cores vinho e rubi Parker, minha mesa na casa dos anos 2000, enquanto eu desenhava, por um sentimento incontível de grande afeição, nem me relembrava as travas e grandes cadeados que aprisionavam-me em gaiolas.

Pois assim marcou-se a era das cartas de andorinhas, cartas seladas a desenhos, e cada dia um desafio ainda maior – o de desvendar e *desembramar* o novelo, uma tinta de outra cor, ou um desenho recortado, ou um retrato cotidiano, ou tinta branca sobre algum papel ocre.

Um envelope que estava encerrado na gaveta, a mão levantava voo da mesa e lentamente o dedo indicador se eriçava, a engatar a maçaneta, abrir lentamente a gaveta, pegando o envelope com delicadeza a não amassá-lo, dobrar a carta e enfiar para dentro dele, depositando cola na aba, limpando excessos.

Lembro-me de ir ao correio, pensar na fila sobre aquela mensagem, de depositar uma espécie de pássaro esperança no vão da caixa coletora de cartas, voltar pela calçada experimentando um sentimento de transgressão, ou de segredo, um brilho de coragem e um revolver gelado no abdômen me impondo um dilacerado receio da reação, uma adaga de silêncio.

†

Frange testa ovi 13

Um fato, certa noite nesse janeiro caiu uma chuva pesada, eu ouvia, assim como lá pelos anos 2009 a chuva torrencial curvando a mata, barulhando forte um veio d'água, e naquela madrugada não houvera ônibus para ir ao trabalho e o dique de contenção do lago São Fernando se rompeu, o lago esvaziou-se na fúria da chuva e da noite, e a paixão arrastou o que viu pela frente, e tudo se emudeceu e se entregou como natimorto, e tudo parecia um petróleo denso, afogado, que ia engolindo as margens de esperança, até a planície dos pântanos. E os olhos que não viam, supunham a lava apagada que se combustaria por dentro.

---

13 *Frange testa ovi* – Lat. Romper da casca do ovo.

Aquela sensação voltava deslizando as terras, e me recordando que eu me sentia arremessada aos ares, como uma explosão, com o ar do susto simultaneamente ao da queda. Assim era o sentir do sentimento xifópago que era nascido talvez junto à amizade que tive e o elo filial.

O dia chegava, era meu grande momento de passarinho saindo da casca, eu ouvia com os olhos marejados e ofuscados do visgo, sons estridentes dos piados do mundo lá fora, sentia encolhida, dentro de minhas próprias asas, e com a avidez de boca aberta em desespero de fome, a penugem grudenta e desgrenhada fazia parecer fim de desfile de carnaval em chuva ácida, e o Sol se apontava no leste com uma agulha de furar os olhos, em dor, dor dos dias e das dores sofridas e das dores mergulhadas e das perfurações de dores, de momentos de dores de dias e noites – dor – sentia sem gosto as minhocas na boca e o ar ventado acima do ninho.

O amanhecer era uma espécie de promessa falsa, mas era a melhor mentira de amor, que nada melhor que um dia após a dor, então, sempre lá – ela – e eu me apegava como uma brisa de céu profundo, como estrelas-anjo caídas em flor.

Se apagasse o cigarro, tudo desaparecia.

Amar era em cores, as cores intensas invisíveis e desconhecidas do espectro.

Amor era essa força, esse viver. Um prazer de precipitar a materialização do voo, que para uns é queda, de tudo que jamais acontecia.

Nada podia ser entendido se havia a compreensão mais absoluta de que tudo era o amor. O qual nunca precisaria ser justificado, nem mesmo por uma breve levantada de sobrancelhas, ou questionada uma amizade. Amor era a única palavra mais completa em si, sem limites ou aprisionamentos.

Amor era para ser recebido. Amor era para ser dado. Os ecos de dardos. Peso das pedras do tempo sobre os ombros. Pesos e cicatrizes. Havia em mim o respeito pela fera, pelos ferimentos que poderia me desferir em um rasgar com força de patada.

†

Flavo Diem 14

Minha vida teve um dia amarelo. Eu sentei ao lado de minha mãe inerte. Ela adormecida enquanto o jardim semeava sua flor nos bicos de um beija-flor de ouro, voando livre através do *spray* de queda d'água, um véu branco puro descia colorindo sua face, como se através eu pressentisse uma despedida lenta, de

14 *Flavo Diem* – Lat. Dia amarelo.

mínimos movimentos esquecidos no globo ocular, eu segurei sua majestosa mão, desejando que pudesse lhe dizer em compreensão um abraço de gargantilha de pescoço, assim como criança que se dependura para girar corrupio em sua força de não se perder na força centrífuga, e não perder o elo do olhar.

Quem mais poderia saber que ali eu poderia saber, aquelas tantas perguntas que há anos ela não podia responder, que eu podia plantar canteiros de amor, regando minhas lágrimas de iminente perda, para flores de seu caminho de céu azul puro, e eu sabia que a bondade se despedia da minha vida, e o escuro me brutalizaria.

Entre contas de rosário e velo, silenciosa e inerte, fiquei timidamente segurando suas lindas mãos de adeus.

†

Puer pictura[15]

E por amor a gente se faz forte para sair da casca cada dia, e sentar diante das cores e pintar o bebê que carregou no colo, bebê esperneando vigorosamente aos ares, entre brinquedos singelos balançando em cores de caleidoscópios, nessa mesma promessa vã da vida, como se os joelhos passariam sãos e salvos.

Então eu esculpia tintas delicadamente em precisão cirúrgica, com finas estecas e cinzéis a dar olhar e brilhos coloridos, e dar sensação do movimento daqueles dedinhos tão expressivamente italianos, gestuais e de imenso encanto e as expressões mais belas de boca retorcida de lado.

Em esmero eu ficava aficionada nas cores e nas teias de tintas que deitava sobre a pintura de minha menina, que tanta felicidade me fez sentir.

†

Amor xifópago
| Áudio 14 ✇

Se a sorte eu afugento, o que se tem é o que se faz. Deter o tempo nas ações que vão de encontro, a salvar o ninho do predador, a salvar o pássaro do tiro, a salvar o peixe da água salobra, a salvar a si mesmo no mar faminto de almas. Eu sinto em meus olhos a vida de antes e de antes, inexoravelmente, e sinto o medo de alguma sombra me revelar mais uma faceta que me atraia a novo labirinto a

15 *Puer pictura* – Lat. Pintura de bebê.

subir em galho apodrecido. Sempre tenho me dito em boca que eu mesma quero tapar, a crueldade que é um abandono materno.

Eu descobri em mim mesma, uma parte surpreendente, nesse amor xifópago, ele nunca se desmembrara, sempre era um ser único cujas faces ora estavam de frente, ora se viravam e estavam de frente, cada face em oposição a si mesma. Era uma coisa que me fazia voar, enfrentar qualquer travessia, qualquer obstáculo, e não pensei esgotar as palavras chave, e a palavra não fez entendimento. Incansável eu girei todos os mundos das palavras, mas achei que não era a palavra errada mas a leitura, ou talvez a resposta do coração. Não devo me ver como problema. Estive exausta sofrendo ao deter consciências espirituais e do exercer de olhar cego tentando ver o que ela sentia.

E as hipóteses me confinam em um redemoinho de vento, de rumores, de algo que nunca se amaina, não serena.

†

Vocalibu[16]

Certo dia me diz Eu te amo. Noutro dia diz _Que amizade é essa?

†

Salve

Um dia, eu chegava ao meu emprego, de antemão cansada de pouco dormir, de posição incômoda de sentar horas no ônibus e dos temporais sem guarda-chuva, irrompi pela porta do escritório andando calma, estava dentro da jornada, aparentemente eu iria salvar algum gladiador, e sabendo ser a maior das mentiras, depus a bolsa marcada de arranhões gastos sobre a mesa, liguei o computador, digitei o *login*, e comecei a pensar nas tarefas, e logo me lembrei de olhar o correio eletrônico, a resolver as buchas. Havia um e-mail: Bom dia.

"Aquilo que não puderes controlar, não ordenes. - Sócrates"

Sorri. Respirei fundo e me pus em frente de batalha. Tivera sido tempos depois de uma conversa sobre livros, leitura, Exupéry.

---

16 Vocalibus – Lat. As falas.

Dia após dia, foram dias de bons dias, que me dava um instante de introspecção como se o dia pudesse ser lido e relido, com a precisão do que ia ser.

†

Flos amoris[17]
| 09 maio 2019 22:30

Um buquê de flores, este mesmo, na mão da florista que selecionava algo de trinta rosas vermelhas, arrumava o aramado cuidadosa após o aparo das hastes, que despidas de suas folhagens e espinhos pelo V da tesoura passado com presteza, envolvido com pequenos mosquitinhos brancos, um celofane de estampa rendada e um papel meia saia de manilha parda, envolto em amarra de sisal encaracolado com cordonê vinho, em laço. As notas de cruzado saíam da carteira fechada à velcro, das mãos brancas com os pelos arrumados em cacho para sua parte externa. Envolvia dentro da jaqueta junto à barriga, entre vento e ansiedade, dia 23, chegava com olhar perdido por detrás das coroas das flores balançando em mãos trêmulas, chamava meu nome, o som ecoava diante do gradil da área de serviços, batia à porta encostada, o vento a abria e o som ecoava adentro dos corredores, ensoleirando na porta do meu quarto, que reconhecia a música, saía apressada deixando a caneta cair no chão e ir repicando para baixo da cama, enquanto eu virava o primeiro corredor, ganhava o hall da despensa, atravessava e corria à maçaneta de aço reluzente, destravava a porta com sorriso em choro, e ele estendia seu buquê de sorriso, sempre, todo dia 23.

Onde estão os dias vinte e três...

†

Amicitia est?[18]
| áudio 14

A fala que diz - a segunda - eu poderia tomar como um repúdio, acho que expressava um desconforto de minhas constantes incursões, ou aquela mácula inesperada que goteja no peito de uma blusa, no ângulo visível amplamente com qualquer pessoa com quem trocar palavras provocando perturbadores desvios de olhares. A mácula amarga falada talvez por alguém sem noção ou por inveja.

---

17 *Flos amoris* – Lat. - Flor de amor. – Refere-se ao Bouquet dia 23.

18 *Amicitia est?* – Lat. - Que amizade é?

A primeira fala em final de expediente, em momento em que suas circunstâncias se abrumam, sem menor vestígio que contribuísse agora com alguma investigação pormenorizada, dado que a fala ouvida no auricular do telefone, não presumia sua expressão, nem a falta de cuidado, onde se iniciam gestos, os quais passaram limiares para corredores apagados de intimidade. Por mais que eu quisesse saber, minimamente se amanheceu em interjeição que emascarava qualquer batimento de coração. Por fim as falas desintegravam sob um braseiro consumido de vexamento dos olhares alheios, ou o mero receio que houvessem visto, uma espécie de autorreprovação confinou entre repúdio e amor lá onde não encaixava em formas pré-moldadas.

À princípio não compreendi as contradições, mas comecei a pautar o desenho da flor branca como a mudança de expressão, como um recolhimento de botão diante da geada, como o orvalho se congelando lentamente durante as olheiras da madrugada, em prantos indecifráveis. Soou um pensamento em voz, de sua fenda de armadura – "Meu Deus o que estou fazendo?" e esse eco devorado no vento da planície rasgada com teor de detestar compondo um fosso de feudo, em ato de desconversa, eu podia tecer hipóteses de ódio, ainda que ocorridas expressões que me diziam que "era como se fosse uma filha", descuidadas durante meu luto materno, que não podiam ser apagadas, mas eram encobertas por qualquer tapete de entrada de casa. De certo modo, o meu ânimo ingênuo foi esvaziando com a nolição, e mesmo o contundente eu-te-amo, desaparecera como passe de *pilarĭus*19. Senti-me completamente desamparada, senti o peso dessas irresponsabilidades, e as alternativas de interpretação badalando seu arrependimento em pensamento como uma brincadeira sem graça com meu sentimento; o que diferenciava gritantemente seu comportamento com meus outros colegas de trabalho, justamente percebido isso através deles próprios.

Por que inquiria tanto a meu respeito?

†

De manibus20
|10 maio de 2019 22:58

Confundo-me entre engolir e tossir, confundo-me entre voltar a pegar um lenço bordado, mas sem já saber porque paro ao acaso, com dedo no furo de meu queixo, reviro olhos daqui para lá e de lá para cá, a pálpebra se eleva lentamente com um tantinho da sobrancelha direita, e eu franzo o rabicho do olho esquerdo,

---

19 *Pilarĭus* –i – Lat. O que faz truques usando uma bola, malabarista.

20 *De manibus* – Lat. – de suas mãos. –Significa Tocar.

com o rabicho da boca em mesmo lado, badalando a pontado do nariz, uma - duas e três vezes.

Aquela manhã que eu recordava, era quando eu tive meu carro com motor fundido ao tocar as primeiras curvas de mau cheiro do rio Tietê, ou se era uma linda manhã, deslizando com meu *Twingo* preto perolizado, olhando no visor central a hora que já era adiantada para o compromisso em Santo Amaro21; creio que era segunda recordação, dado que neste dia, o trânsito era um rosário sendo puxado por mãos de criança, de curvas a capotar as contas nos cantos das mesas, e seu dedinho puxava com ímpeto, agora indo em direção da jarra de cristal e logo mudava de vontade indo para a fruteira; assim, esse cordel nos pântanos petrificados, havia um grande trem de lindas fumaças trafegando entre malabaristas e seus fogos frios, entre pessoas enfileiradas dando largos passos nas faixas de pedestres, semáforo pingando cores de chuvas, e alguma música de CD tocando, sem que eu possa imaginar agora qual fosse, e avancei, no final do cruzamento, houve diversas freadas, por instantes não notáveis, até que parei felizmente bem em tempo da lanterna vermelha à minha frente, com ar de 'ufa', meu pescoço retorceu como anzol para trás, e depois arremessou a vara de pescar para adiante, sem que meu nariz caísse; logicamente eu ainda me perguntava se os olhos não haviam caído, mas o *crash* rasgou o tímpano, junto a uma dor atordoante no pescoço, com um sangue quente que vazava subindo em mata-borrão meu pescoço.

Aturdida, saí e nada ocorrera, no carro que abalroei e o causador entre arrotos de riso manteiga lambrecava-me de desculpas justificando nada ter acontecido.

Motores ligados, meu tremor soltando os acelerares de fumaça pelas rebimbetada-parafusela, como dragão soprando as franjas dos olhos com fumaça preta.

Assim trêmula cheguei ao trabalho, a porta traseira não fechava mais, e no estacionamento fiquei n vezes batendo até que engatilhasse o fecho, com a palma da mão arroxeada e os suores correndo entre orelha e pescoço, logo pela manhã, sem contar o atraso, cujo telefone eu pegava do clips no cós da calça, já esperando a qualquer instante uma ligação de minha chefe.

Adentrei a sala, percebendo o peso do meu salto de sapato, ressoar acima do necessário, e os olhos dela se erguerem acima da armação de seu óculos virado de encontro a papéis sobre sua mesa. Alguém se afastou com minha aproximação, eu me pus nervosamente a justificar meu atraso, mas completamente an-

---

21 Bairro de São Paulo.

gustiada com diversos problemas e este evento, houvera sido apenas uma picareta lascando a parede do dia, em um racho que tomou vida e foi trincando sem controle.

Eu estava diante da mesa, com minha mão direita espalmada sobre sua mesa, de forma aos dedos estarem curvados soldando vapores que embaçavam ao redor. Enquanto passava a outra mão posicionando meu óculos e na sequência passando pelos fios de cabelo que supunha eriçados mediante eletricidade de meu agouro.

Ela depositou uma caneta bronze ao lado do papel, levantou o dedo indicador lentamente, com os demais seguindo o cardume, cuja ponta alongada do dedo decolou um pequeno voo em direção às costas da minha mão tensionada em sua frente, enquanto eu despejava palavras, provavelmente sem sentido, que lentamente aquela cobra se aproximava com olhos amarelados olhando avidamente para além do encimado das articulações dos dedos à mão, enrugadas, com o tendão hirto margeado pela veia com imperceptível pulso.

Lentamente pousou seu dedo indicador, e os demais, exceto o polegar até que eles premissem suavemente seus travesseiros digitais a curvar em J dizendo algo com o olhar. Parei e olhei para a mão sobre a mão e sem interpretação, cuidadosa no campo minado, fui erguendo meu pescoço apontando meus olhos perfazendo o caminho da mão, pulso, braço, peito, cordão pendurado, pescoço, queixo, boca, nariz e olhos.

Sem mover uma palha, talvez minha boca exprimisse um implorar para que não tocasse, e ela lentamente afrouxou o suave peso da mão e dedos, e eles ficaram retos e sua tangente se desencostou. Gentilmente depôs sua mão sobre a folha de papel, e eu escutava um turbilhão de palavras jorradas de catarata, sobre minha cabeça, como uma ducha gélida, tentando me manter aprumada em calma. Dizendo-me a mim mesma que apenas era um gesto casual.

†

VERBA AFFECTIO[22]

|14 maio 2019 9:30 – 9:52 lago do major. 14d.

Haverá um momento, uma voz de si mesma, que inquirirá das palavras, que gentilmente acarinharam seu rosto. Saberá profundamente o valor delas, em

---

22 *Verba affectio* – Lat Palavras de amor. – originalmente significava Palavras que acarinharam.

memórias brilhantes de diversos momentos e de sua própria silhueta que em beleza fora esculpida para sempre entre leitores embevecidos que a proferirão; e mais do que existido, esse afeto tornara sua vida especificamente singular que somente seu olhar perdido saberá este viver.

E os dias se desenharão entre esboços, cores indizíveis recobrirão sua face em mais beleza que nem mesmo seu amor reparou.

O silêncio que pobremente corre os campos, nada colhe de afeto cálido, a não ser seus vapores.

Que amor calado é ingrato, que torna devedora a mais rica beleza.

“Ama-me em luzes acesas

derrama plumas de flores de afeto

dos campos aveludados da minha mente

Ama-me porque não há outro amor

capaz de sobrepor azul anil do céu

Nada e tudo

que acaba sendo o ar de sustentação

do meu voo de solidão

- Cintilação em céu de ponto cego 2018 – Mara Romaro”

“BeijoTe em linha de contorno

BeijoTe sussurros de concha acústica

Pés de borboleta

Sou farfalhar de voo macio

Planta aos pés do ouvido um arrepio

Águas correntes – Fios tonalizados de crepúsculo

BeijoTe a superfície da água de cabelos escuros" – BeijoTe – 2018 – Mara Romaro

†

|14 maio 2019 14h Música Romantiken – Tomas Andersson Wij

Embrace vacans23

E assim eu poderia abraçar a todos os ventos que abraçou.

†

Chorus noctem24

| Áudio 14

Dança premindo os restos mortais das meias em chão lustroso.

Gestos perdidos de fêmea que se ergueu, do escorrido escuro das sarjetas empoadas de São Paulo, e de um mangue de sangue e menstruais enganos. Como aranha engatinhei prenha de minhas veias presas nos fritos infantes e gritei. A ameaça de roubá-los de minha coberta placentária repleta de penugem e voo alto e o cair estanque socado de esmago das alturas que os braços não sustentam.

Que dessa adaga, o amor antigo morreu mais outro pouco.

Seu próprio plasma que brilhou como teia caçadora de águas e das luzes-manhã, acobertou-a de sangue em capa e capuz, e de suas mãos não carecia os metais embaçados de amarras e '*bitter*-ser25' que fosse aranha, fosse cadela, fosse loba, égua, fosse coruja, ou beija-flor, seu gênio estava dentro de seu próprio sangrar, espírito livre a ir ao encontro de cada abraçar.

Vislumbrou nos lodos perdidos, entre sombreado de árvores sussurrando os gemidos calados, em nascentes puras ocultas, correndo as águas em profusão rápida, fazendo passeio de aluvião.

Enquanto nas escuridões não permitidas da noite, me calava a boca, tomando meu corpo salivando-me sombras, silêncio e solidão.

---

23 *Embrace vacans* – Lat. - Abraçar vago.

24 *Chorus noctem* - Danças da noite.

25 amargurar-se.

Agora noite é minha amante, entrego minhas palavras, saudade e pensamento; e ouço os gemidos outros de chamuscar candeeiro.

Na tarde entre palavras angústia, corte para exangue, meus braços dançam incansáveis o ar dos vazios espaços deste amar, de brilhos escorridos recém-saídos do mar.

Como os brilhos brancos contornando o corpo andante dos músculos – estes – retesos da força em libertar aos céus o amar.

Na minha boca sinto águas salgadas como se de alguma forma andasse em minha direção, atravessando como cortinas de prata, o beijo inclinado do sol.

†

Synchronus

Amor em flor não pode em não sincronicidade, negar a parte mais linda da flor, seu despertar, assim como algo que a natureza grudou, ser arrancado em assassínios de tesouras tão-tão primordialmente.

A transpiração condensada em nuvens, a terra não se furta ao seu pranto e seivas de alegria, como mãos suaves de plantio cuidado e refrescar de penugem de carneiros.

E o que da terra brota, não sei, não recebo, flores secam.

Águas passam desprezadas de seu barro, numa ocorrência que vejo esmorecida em desespero, sofrer perene, com alguém que parece ter de mim minha asa, ter de mim parte do que sinto. A insolação forte me relembra trôpega em caminho perdido, tentando evitar a dor da dor, das evidências de vidas antigas, de perdida num mundo o qual alguém tem minha capacidade de respirar, e mesmo sendo ainda eu mesma, em minha casa, meu lar, meus filhos voando para a vida, esse valor resplandece, mas nunca pode me trazer o novo dia, o brilho nos olhos da alma, porque sinto, e isso ninguém pode me confiscar, e não me apequeno, sigo adentrando desfiladeiro, sigo nos tufões e raios mais derradeiros como calibre de artéria e um bater forte de asas de grande coruja pertencente à noite de mim mesma.

Ressoa, um coagulado sangue, ferida aberta na calma do medo, uma existência lanceada certeiramente, entre as horas mais distantes do polo norte, entre geleiras e poeira de magnetos, as luzes das sombras cantando uma espécie de apreço intangível, aonde nenhuma grande expedição consegue chegar à salvo – o tão precioso apreço literário e condenação, únicos sobreviventes de seres enigmáticos ajuntados pelas mãos de demônios dentro do ventre dos ventos de furação.

Dentro de sua tromba, cordão umbilical do olho do céu, é amor no qual me perco.

†

13 CONFRACTA[26]

| 15 maio 2019

Vision nativitatis [27]

Nasci, era dia de luz, um calor imenso quase tão manto aquecido de onde eu acabara de deixar, e em pequenas manchas acinzentadas que eram tomadas de cores amarelas, eu via um corredor de arestas, e ângulos de um rosto vestido de hábito, com uma faixa branca e manto enegrecido, com um rosto sem definição, de mesma falta de foco, eu sentia um suave sacolejar até ser recebida em braços de mãe.

Voltava meus olhos à visão superior, de rosto iluminado como tal fica um dedo frente a uma vela em chama, como membrana transparente, mover entre sons opacos e um vento que dança as sombras de visão incompleta por imaturo nervo; e como um buraco que tomasse minha barriga me fazia esgoelar, querer em pânico de queda arremessar os braços ao ar, como se algo fosse me amparar, no antigo líquido amniótico, mas era amplo vazio este frescor e ruídos mistos, apenas um resto da voz interior de mãe fazia eu reconhecer algo.

Nasci. O leite que não bebi, a morte ceifou o coto umbilical, e a náusea da viagem que eu não quis me cercou de mareadas lágrimas que me derreteram, os dias sucessivos apreensivos que vaguei no saguão entre a vida e a morte, como um esquálido corpo emaranhado de murcha vivacidade, e fraqueza que encobria céus e auroras. Assim deixei meu peso e as esperanças.

Mãos decididas mexiam um líquido em xícara escaldada, após o préstimo de mexer, e olhar derramado atento, uma mão que abrisse a gaveta, escolhia uma colher, e também mergulhava lentamente, como um nadador em mergulho ornamental, e dirigia para o soro, que com delicadeza triste, o continha em poucas gotas, que dirigia à boca recém-quase-morrida, em um traço afinado de robustez de dias perdidos e vidas em jogo. Levava as gotas adentrar a boca e certificar-se de que cada uma era absorvida. Um facho de luz da janela de casa trazia a face dela para perto da lua, como a definição do branco, assim de tempos em tempos, por minutos, por horas, por dias, por semanas cada gota foi recolocada, mesmo diante dos vômitos constantes.

---

26 *Confracta* – Lat. feminino de *Confractus*, particípio de *confrigo*. – significa quebrado em pedaços, destruído.

27 *Vision nativitatis* –Lat. - Visão de nascimento.

Assim salvou-se-me a criança, resguardada em um braço de anjo, um conta-gotas de persistência e devoção, que enquanto criança fiquei menos que a infância.

†

Narrat amore in me hoc vitae[28]

O Amor me diz neste momento da vida, uma intensidade que se aproxima de velocidade gravitacional, em queima de temperatura de seiscentos graus célsius nas lágrimas sangradas da lua, lua nova que orbita meu céu interior.

O amor me veste as roupas mais vestais do nascer do dia, com estampas sobre transparentes tecidos que enevoam meu corpo, que se define honesta cor e idade, que lealmente toca as mãos em despertar nos fios de cabelo, talvez um dedo frio de susto sem pensar, e toca com a suavidade da profunda amizade.

As pestanas que abrem a uma série de imagens arredondadas como anêmonas das sombras do canto, e os pássaros que perdem suas penas e calmas nas pequenas intromissões do Sol.

A amizade sob forma dos sentimentos de consolar, contribuir, colaborar, estampam os suores a serem colhidos no cotidiano que trafega entre problemas, afazeres automáticos, falas repetidas, por vezes uma voz aguda, por vezes uma voz grave, por vezes aflição e outrora sorrisos.

Por este tempo, em fim de ano, eu cogitaria beber dos vinhos desmesuradamente, beber até que pudesse esquecer o tanto, aquele Amor de um dragão de fogo, que corta longos mares, despedaçando as camadas mais profundas do solo, despedaçando o fundo do mar, em imediato ebulir de águas d'antes angelicais.

As manchas da visão desfocada me traziam decifrações das formas inexatas, de paixões que quando era menina-mulher pensava saber, depois mulher-mãe-menina pensava saber, depois mulher-coragem parecia saber esquecer e relembrar entre os desmaios da noite e as incongruências do dia.

Ainda me perguntava se soava amizade-honestidade-lealdade. Mas o som não se pronunciava.

Quando pensei no namoro que morreu criança, pensava então que eu fantasiava sua existência em flores invisíveis e aconchego de promessa, desaparecido por

---

28 *Narrat amore in me hoc vitae* –Lat. O Amor me diz neste momento da vida.

praga na primeira decepção. Nunca poderia ser um ser nascido. Não se afigura absolutamente nada num tempo esvaído.

Quando pensei numa relação duradoura, cheia de cor, com gametas que nos trouxeram o senso mais violento do que é responsabilidade, aos poucos, as flores desapareceram para o fim do começo da existência de um jardim. Trazendo uma realidade que dia após dia apagava a possibilidade do que seria a ternura do colher da flor, trazendo a noite das dúvidas das intenções e faces da verdadeira lealdade.

†

|16 maiode 2019 23:13 | Música Romantiken 13b

Amêncoa amarum oscula[29]

Ah, volta e meia minha língua esquecida embebida em licor amêndoa amarga, enquanto no cachecol de friagem úmida, observava no saguão do metro a espera ávida de centenas de pessoas, em um caleidoscópio de roupas descombinadas, que acenavam meu cansaço dos olhos arrefecidos do inverno de solidão.

Destacou-se um casal que se reencontra no momento que se avistava o farol do trem se achegando à plataforma, eu recuada em passos de bolhas nos pés, olhava triste o beijo entre eles, como se isso nunca mais fizesse o mesmo sentido para mim.

O cachecol voou para o canto perdido desapercebido, me apressei com a garganta trancada em gaiola de pássaros feridos de pata quebrada.

O frio se fez intenso, entre as pessoas que se apertavam nos espaços, enquanto meus olhos envidraçados leitosamente nada mais podiam perceber.

†

Reditus[30]

Já uma noite que nossa casa se fazia lar cantante o regresso da caçula dos mares longes de Alcobaça, cheia de luz e bochechas coradas, falante entre os pesos das

---

29 *Amêncoa amarum oscula* - Beijo amêndoa amarga.

30 *Reditus -us* – Lat. - Regresso. Volta, retorno. Rendimento, lucro, fonte de renda.

malas e enquanto aguardava no saguão, a antiga angústia apreensiva de sua partida me relembrava, cada pessoa que surgia, olho se franzia tentando abarcar e embarcar a imagem sonhada em calor da voz da filha. Durante intermináveis anos parei ali nessa espera transpirada de vidros fundidos de deserto, e me esquecia de qualquer coisa, a não ser fixamente olhar.

Ela aponta empurrando sua bagagem, que me faz um rosto de riso-pranto, choro-engasgo, qualquer coisa que pudesse se assemelhar com um novelo de lã parado no meio da garganta em autocontrole do rosto em face de alegria, sem que um brilho da exasperação do tempo todo e todos os temores não se sangrassem por dentro do minuto corrente.

Após ela se reencontrar com pai, outras pessoas, nos abraçamos finalmente. O que não poderia pagar tudo que senti naquele ano.

Meus vazios perfilados com suas grandes lanças transpassavam meu peito sabendo das tantas horas de permanência no fosso de abismo de rochedo impenetrável.

A vida em seu habitual desalento, transladava para casa, outra roseira viçosa, mas com que surpresa dias logo adiante, não surge diante do pequeno vitrô de três abas verticais, uma silhueta de gato, que furtivamente houvera se abancado de uma tábua próxima à nossa ameixeira. O mal humor logo veio sob forma do espanador de animais, o espantalho marido, que saiu enxotando, para minha cara de espanto.

Gato pardo não cedeu, voltou encostar-se na vidraça, com meigos olhos que fibrilavam conferindo um brilho espelhado laranja à meia noite de luar e ventos de chuvas.

Amanheceu, o gato encontrava-se, neste dia eu saí e me aproximei, notando sua debilidade nas costelas aparentes, me condoí, e ainda assim, com ares arredios, se afastou, mas quieto ali pela redondeza ficou.

Mais um pouco, o gato repentinamente se dependurou na travessa da vidraça da porta frontal de casa, colando sua pelagem branca no vidro, parecendo um gesto de desespero a se fazer notar, saí com um pires de leite, que o tal rodeou sinuosamente, até se pôr a lambiscar.

Por um instante, a extensa agonia de mim evaporou-se, num gesto intempestivo, assumi adotar e cuidar, ainda que não pudesse, com toda a resistência meu esposo dizia coisas e exigências que eu assentia às cegas, querendo carregar aquele peludo no colo, mas era bem arisco, pois então descobrimos a surpresa, era fêmea.

Tratei de pegar panos e arrumar um abrigo e dia seguinte eu ficava afobada para levar a ração, e assim, a gata branca e bege, entrou em minha vida, com seus olhos roubados do céu, um jeito feminino e delicado de desfilar, e um arranjo estupendo em um rabo que adornava toda sua elegância.

Assim do nada, surgiram vozes agudas e finas, cheias de coisinhas delicadas em flores a dizer para a gatucha, que de boba não tinha nada. Assim foi tomando-nos e domando-nos, dia após dia, num turbilhão de um feitiço de afeiçoamento.

Qual não foi o embasbacar dos filhos ao se depararem com a A! E mais ainda, com as tantas honrarias do Sr. Espantalho de brinquedo. Pois nos acalentamos de carinho por um serzinho repleto de surpresas. Era 17 de Fevereiro.

†

Confractus crystallis[31]
|Áudio 13

Há um momento, que amar é estar com seus cristais fadados à quebra.

Não por um instante, mas certa de que meu sentimento, cercava-me nos fins de semana dos filhos sonolentos, eu me dirigia ao armário e pegava delicadamente as xícaras de porcelana, celebrando nosso domingo, com café tranquilo e convívio. Entre meus borbotões, por vezes descia à sombra da árvore, enquanto por um átimo, a terra dava seus milhares de giros diante do Sol, de todo tempo, eu pensava, tudo que certamente essa força me mostrava, eu sentia não somente ferida, mas buscava compreender essa mescla de afeto de flores híbridas, eu olhava como se imune da vida pudesse, eu erguia minha linda xícara de flores rosas ao meu lábio, eu sorria lentamente derrubando o canto dos olhos, eu dizia palavras aos meus filhos que não imaginavam como eu me sentia, todo tempo sem a mão em minha mão, sem o olhar em meu olhar, sem a boca em meu coração, sem o morno das águas poderem aquecer.

Eu dissimulava completude de minha vida, tentando me agarrar em algo frágil sem sustento de meu peso, no lado de cá desse abismo cortado dos confins e confins das limitações.

Então, eu percebia que de alguma forma essa força que me batia no peito, bateria até congelado, percebi que entre memórias impossíveis de vida passada era maior do que todo teor das forças que nos afastava e de alguma forma, após

31 *Confractus crystallis* – Lat. Quebra dos cristais. No texto: Cristais fadados à quebra.

muito vasculhar qualquer sensação em mim, encontrei em mim mesma essa força, em sempre. Em sempre. Estava sempre nas flores. Sempre a flor levada em grande afeto, levava em si algo que se basta em dizer: amor.

E o vazio, era esse eco mordaz, era um solavanco dentro de um ferimento, era um arrancar da capacidade de se sentir pleno, e este vazio, era o mesmo de antes, era uma ferida aberta, de sangue morto, de um ferimento que não se tem memória, que se sabe dele, mas costumeiramente é um sinal de nascença. Aventei todas as direções de possiblidades, me perguntei exaustivamente o que era causa. Por fim, exausta após muito tempo, me dei conta de que me apaixonara no início, ainda que só pudesse perceber um sentimento filial.

E tricotando por dentro dos meus ventrículos, tentava dar ponto na tal pergunta foda quando morreu minha mãe: O que faço com esse amor agora?

O fio de meada nunca se chegou ao final.

As questões emaranhadas em farpas e escarpas pontiagudas por onde meus pés descalços galgavam altura na fronteira da sua moradia, eu sempre despencava, despencava, e da exaustão da perda, perguntei-me inebriada de tanta dor, se a falta não houvera potencializado o sentimento. Me perguntei, quem éramos...

Concebi as formas que isso pudesse ser uma amizade viável, foi uma gigantesca trincheira que percorri, sangrando e tentando imaginar-me sã e salva. Não pude esquecer.

†

| 20 maio 2019 22:44 | RItual – Delerium 13c

Reminiscentia - Pater[32]

Entre as paredes de uma pintura, caberia meu manto de amor?

Para as tais horas de desespero, eu achava que me refugiar na pintura me salvaria, entre as faces indecifráveis, eu supunha poder me pegar pela mão, como aquelas noites de adormeceres entre os afagos de mãos de meu pai, falando estórias

32 *Reminiscentia - Pater* – Lat. - Reminiscências – Pai.

estapafúrdias sem início e fim, entre seu dedilhar na trama de pequenos cachos de meus cabelos de seda de criança à própria sorte.

Amanheceu o vento dos esboços que carbonizaram durante as grandes eras de minha vida, inúmeros dias que minha vida foi invencível, nos traços rabiscados dos sonhos, e das pessoas que amava.

Assim, encerrados anos em uma pasta antiga, os riscos acarvoados, já nem tão nítidos, deviam me rir, me trazer pincéis vivos para as mãos pintar.

Diante da mesa, eu me senti incapaz, de produzir o retrato tão intrincado, meu pai, e seu ar estupefato, posando de palhaço.

Olhar agora seu retrato quando ele se aquietou no outro lado da vida, me fez sentir inveja daqueles momentos antigos, e toda sua irreverência.

Não me salvou da agonia, mas me arranca sorriso, e ontem eu me achava incapaz, pois esquadrinhei seu rosto como figurinhas de um gibi que eu lia incansavelmente. E com riscos apagados me vi vencida pelo papel branco.

Quando, tempos atrás, meu filho me ajudou com os papéis de pintura, para seu aniversário e casa nova, queria uma figura que alegrasse – só poderia ser do avô.

Meu pai não parava de admirar todos meus filhos, assim como aquela renca de netos todos, que o punha a contar seus causos engraçados, e certamente, eu queria poder fazer jus a meu pai e meu filho.

Enfiei o rosto entre o vão dos cotovelos, cansada, insone, de olhos quase mortos, supus que não mais poderia.

Acordei. Prossegui no matemático ampliar do esboço, em 1.4.

Quando terminei o esboço, senti enorme ânsia de choro, quanta saudade me sangrava, e sabia que os traços se perderiam por baixo da tinta e que seria bem difícil, improvisei um cordame para deixar a fotografia suspensa e preparei as cores, para ir delineando, trazendo à vida, meu pai, sua voz, sua anedota.

Ainda parecia ontem, ele me contava, que fora num velório, lá pelas bandas de Nazaré Paulista, chegando lá, junto aos companheiros do conjunto de samba, eles estavam aflitos que logo fosse jogada última palma de terra por sobre o caixão, pois a tempestade se avistava nas montanhas das cercanias, e daquelas que levantava as saias e virava avesso os guarda-chuvas, eles bateram no ombro de compadre, apertos de mãos, e se entreolhavam de sorrisos amarelos, segurando a beira do casaco dobrado, dando encolher de ombros.

Escureceu. De súbito, um raio e a luz que apaga, deixando o velório e o fechamento dos préstimos atarantados, as pessoas murmuravam atrapalhadas, todo mundo com medo de tropeçar nos apoios do caixão. Ouviu-se o fechar da caixa, choros escancarados. Assim bem de repente, a luz voltou. E todo mundo gritou:

_ Eeeeeeh! Eba!

Constrangidos, todos taparam suas próprias bocas, com riso vazando dos olhos.

Ele contava chorando de rir. Assim como quando errou a festa de casamento e se deram noutra, mas isso era outro causo.

Assim que terminei a dança e as tintas da paleta de cores, faltava umas tantas coisas, mas as costas eram espinhos de roseira para todo lado, dancei, e me espatifei de dores e angústia.

Olhei de novo seu nariz de palhaço, sorri. Lembrei a voz longe, me chamando, e falando em francês, me perguntando: - Quel parfum est-ce, ma fille?

A enfermeira me advertia, que aquele dia ele decidiu-se falar em francês e ela não entendia nada.

Enquanto passei o pincel zero-zero em cada detalhe, e os filetes de cinzel de cada uma ruga, era um lento levar meus dedos sobre o rosto dele, como se de outra maneira eu pudesse então alcançá-lo, dirigindo seu carro amarelo, que passava por mim, e buzinava, em convulsos soluços de risos de piadas que brotavam de seu bolso, e *borboletavam* em coloridos botões coloridos de roupas descombinadas.

Ai, Sr. S!

Bem que eu quero ver a cara do filho, com alegria de rever a alegria que como esperança replanta flores nos pequenos vasinhos da sala.

†

Arcanum legentibus in mane horas[33]
| Áudio A13

Na alta madrugada me abraço com o nada, com a entrega e a sensação do tudo.

---

33 Arcanum legentibus in mane horas - Leitores misteriosos da madrugada.

Lentamente me viro ao lado a dar-me com um torcer estrilado, e os dedos passam lentamente pelo braço morno e os tantos brados de respiração profunda, e como uma alavanca meus pés descem ao chão ao mesmo tempo que me empurro a sentar na beira da cama, as horas me dizem um dolorido lumiar do ecrã do celular. Percebo que àquela altura da noite estava exatamente no momento de uma publicação, que eu deixara para ter resguardo de um visitante da minha 'imprensa de palavras', desconhecido e persistente.

Olhos entorpecidos, observo, ainda não havia sido divulgado, às quatro e dez, recebo a notificação de publicação, que imediatamente clico para verificar estatísticas, no tempo de poucos segundos em que a tela carrega as estatísticas, noto um acesso, aliás dois, desta vez oriundos do Brasil, assim imediatamente. Sem que fosse assinante da 'imprensa de palavras'34.

Um gelo percorreu, desencaixou as vértebras, senti-me frágil e de vidro. O celular se desprendeu de meus dedos e caiu lentamente no chão, instantes depois apagou. O escuro se fez.

Aquela ciranda de questões voltava à mente, me apertando o coração, lá fora o vento depenava as folhas fracas, arrebanhando para os ares, como um bando de pássaros, e uma estranha silhueta se compunha do movimento das folhas sugadas na noite, entre um piado e outro de um olho perdido na árvore de uma coruja invisível.

Embora sem chão me sentisse, com vontade de fechar todas as páginas escritas, dentro de um fichário antigo e jogá-las dentro de um baú oco, como um portal sepulcral para outro mundo que fosse exclusivamente meu. Que eu não entregasse minha pele, minha derme, minha saliva, minha lágrima, minha voz, o balé rodopiante dos dedos do meu carinho, para as mordidas vorazes de lobos brancos ferozes das neves, em quedas de grandes partes destacadas de um precipício de gelo, que enterrasse com as máculas de água as tintas tinteiros derretidas, sem mais sentido, sem nenhum nada.

Aquilo que sensível é, tão mais arde a queimadura, tanto mais que querer, que bem querer, que faz uma queda ser melhor que o medo.

Por que o medo? Todo aquele ardiloso distanciamento me fazia sentir algo, algo que me fazia alvo de repugna, e isso me triturava por dentro. Era esse fato de parecer que algo amedrontava, era a única resposta que me feria, como flechas.

Tremi. Eu tremia cada vez que tentava aproximar, como um reflexo de tortura, durante anos. Gravar minha voz me fez parecer menos trêmula.

---

34 Imprensa de palavras – veículo pessoal de publicações literárias cibernéticas.

Então, eu pensava no meio da noite, durante aquele momento que tudo se apagava, o que eu queria com ela, e isso fazia toda diferença, por mais que tudo pelo o que eu tivesse lutado para recuperar a amizade, de ter viabilidade. Pensava no apego, que havia realmente, e era indubitavelmente eco de vida passada. E aceitação. O que importava nessa altura da minha vida o fato de amar?

Se uma carruagem dourada passa por mim, sem que eu possa adentrar para trilhar outro rumo, eu deixava a casa, e por mais evidente amor, havia um chão onde invisivelmente eu estava. O amor que invade em partículas, como um sentimento, como uma penumbra, uma névoa, uma neblina, sombras do dia e da noite, nas nove horas, isso se dissipa, mas espelha em meu cristalino. O orvalho que permanece como resinas vertidas de uma seiva profunda, em um amor tão puro e perene, que não sucumbe ao Sol, ele se esconde nas faces inferiores das folhas e gramíneas, e emana sua alma viva toda manhã, em estranhos espíritos de nuvens que se levantam do chão.

Nada que se passasse poderia apagar o vínculo materno tão profundo.

Nesse momento da meia-madrugada, eu pensava no nódulo no seio, pensava em tudo que isso pode representar de uma hora para outra, e que questões assim me desestabilizavam, percebidas como se fossem acontecidas à ela, que tornava esse elo visceral.

Eu sabia, e isso sempre se confirmava – o que era indevido – o elo espiritual era com ela e não era com a minha mãe. Não poderia compreender isso com a razão.

Volto a me deitar, olho no meio do escuro, os ombros do meu esposo virado nadando em seu sono, que não ouso tocá-lo.

Não ouso discordá-lo, não ouso escutá-lo, não consigo mais que sejamos como éramos.

Eu estendo minha mão, lentamente ela serpenteia saindo no meio das curvas onduladas da coberta de um cobertor acetinado, estendo a mão lentamente, levantando a ponta do meu dedo, em direção de sua cabeça, lentamente, quando percebo o calor emanado, próximo à ponta de meus dedos, recuo, recolho a mão lentamente, que se quebra como a de gelo arenoso que se esfacela em poeira.

†

Calcitrant35

Nas horas da manhã, as pernas atarracadas de um bebê de onze meses, se esperneiam.

Ela é erguida, segura pelas axilas, levada para o encosto do carrinho, já no saguão antes da porta ser aberta, uma mão pega uma haste de um lado, a outra de outro, atando-as na barriga, enquanto a meninota chacoalha os bracinhos como se aprendesse a voar como as borboletas, e enquanto a mão se aproxima da testa, puxando o capuz bem a esconder as orelhinhas do vento frio que assobiava, a mão passeia pelas bochechas entre os sorrisos desdentados, com um incrível par de dentinhos inferiores à mostra. A mão, ajeita a gola do macacão amarelinho de plush, com um aplique de um ursinho no peito esquerdo, cujo dedo passa pela costura pespontada, dá um cutucão na altura do umbigo, desce pela perna fazendo andar entre o dedo indicador e meio, até o pé esquerdo da meninota.

Puxa o extremo da costura do pé do macacão, fazendo boca prensada de desagrado, pois a menina está crescendo, e aquela roupa dará seu último passeio.

A mão leva a chave no ferrolho da fechadura, ouve-se um destrave pelo estampido metálico, como um gatilho. A mão segura a manopla daquele carrinho de bebê, as pernocas da menina chicoteiam sem parar. Está esfuziante indo passear.

Ganha os ares da rua, do Sol, das folhas em galhos das árvores por onde passa, desce sarjeta, atravessa com atenção a rua, sobe outra sarjeta, as rodinhas giram, giram, giram rapidamente com seu ruído e os braços e pernas inquietos da menina sorridente, só que quase sem dente.

†

Conculcabit et annos[36]
| Áudio 13

Ela ouvia uma música intensa, como se os violinos e tropel de pianos fortes, fizessem as nuvens passarem em um minuto o tanto que passaram em tantos anos, que foram já dezenove.

35*Calcitrant* –Lat. - Se esperneiam. 3ª pessoa do plural do verbo Lat. Calcitro –as –are –aui –atum. Atirar para longe com violência, escoicear, recalcitrar, resistir. – No sentido de espernear.

36 *Conculcabit et annos* – Lat. esmagado pelos anos. Originalmente: Tropel dos anos.

Os olhos que fecham, sem nada querer perceber da janela aberta do dia corrente, coisa que tanto fazia-me sentir força. Mas ver toda a transição do tempo, me fez sentir o mais gélido ar da tristeza, penetrado em meus poros. Era um horizonte infindo de dimensão gigantesca. Assim entendi o tamanho e profundidade.

Nossa vida que tinha momentos, mas eram oásis de mar morto. Nada pode ser mais da mesma forma. Caminho que se perde do mapa. É uma aflição. Eu mereço viver bem.

E quanto ao absurdo mais secreto... E quanto ao que ela sente? – Digo isso em rosto de desespero.

†

|24 maio 2019 0:36 | 13d

Plantationibus [37]

Eu carregava, prensado sob a lateral dos cotovelos, enorme saca de humos, cujo bico estava com um rasgo, onde eu chacoalhava caindo na terra revolvida; deixei ao lado, e fui lentamente buscar a pequena pá, demos de ombro um com o outro no sopé da escada, onde jazia uma caixa com as mudas, hastes imponentes de cara para o Sol, balançando uma rosa em cada. Ele foi pegando a muda ensacada em plástico negro, me entregando, dando sempre seus conselhos, e eu cavava, e enterrava a raiz, depois de ter retirado o invólucro. Ergui-me, com as mãos nas costas, me endireitando, passando em seguida as costas das mãos na testa perlada e ele, junto ao lado, virou sorridente, com olhos encantadores dizendo palavras que ecoavam em sopro de farinha, e caiam ao chão sem a decifra. Eu olhava para os olhos dele, que viravam daqui para ali, piscavam agitados, e seus lábios se contraíam a cada sílaba, juntamente com os braços que faziam gesticulações imensas, que daria a remar uma canoa sem remo. Eu sorri do jeito, em gratidão das mudas, puxei sua camiseta, como um anzol que prendesse, e lancei meu antebraço para diante, alcançando lentamente sua cintura, afaguei as costas, sob seus protestos, e lancei a outra mão, adiante, para meados das costas, ganhando altura, e um pequeno silêncio nos amansou no Sol que queimava. Então, fui andando sobre a grama recém-plantada, cuidando com os pés, sem ofender sua boniteza, e abri a torneira, lustrosa que entumeceu o corpo da mangueira, e o jorro de água, espraiado em um chuveiro aberto, caiu mansamente

---

37 *Plantationibus* – Lat. Mudas. Refere-se a: Plantio.

sobre as novas roseiras, que abotoaram pingos e gotas nas folhas serralhadas e nas pétalas externas dos botões.

Andei, saltitante, até a porta de casa, pensando: Quem agora será capaz de vir pisotear meu canteiro...

†

Solarium suspensus [38]

Notei pela manhã, sobre o bailéu, um andarilhar gingado, de duas patas.

A cada passo à frente, o pescoço se esticava com o bico para frente, sem grandes cristas ornamentais, seu passinho agitadiço, ia com aquele par de olhos esbugalhados, com uma pálpebra cinza, que descia por vezes, e de movimento brusco, o pescoço descia curvado para o chão, e ciscava algo que eu não podia decifrar.

Eu arrastei a porta sobre os seus trilhos, suavemente ela deslizou, com os vidros esverdeados e brilhantes, eu desci ao terraço, um degrau, trazendo cadeiras, enquanto o desengonçado se afastou ao canto, me olhando de revés.

Nós dois saímos carregando a mesa, eu me virei para direita, andando passos de ré, arrastando os chinelos, e ele depositou a mesa com suas exclamações.

Eu trouxe uma toalha imaculada, e pousei lindas xícaras, de uma espécie de ganso, saía um café num jorro liso, com faixa de brilhos e um tanto translúcido, caía na xícara de beirada ligeiramente em hipérbole para fora, o café deitava e jorrava pelas paredes da xícara subindo grandes ondas arredondadas, que se alternavam para este ou aquele lado, ondulando a superfície, fazendo sumir as areias dos açúcares derramados previamente.

Subia um vapor que eu animada com sorriso largo, punha a cunha da palma da mão para aquecê-la no vapor. Ouvia-se um tilintar de colheres revirando o café, e o alvoroço das crianças, e calmamente eu cortava um pão em canoa, passava manteiga, falando docemente para as bochechas vermelhas e os cabelos emaranhados de cipós dos sonhos acordados. E ensinava alguma coisa, enquanto eles tomavam seus leites contando uma profusão de histórias, umas atravessadas às outras, que cada cisco eu pegava com o coração, e fazia assim uma espécie de *harpax* [39]que eu deixasse em algum lugar que um dia batesse uma luz, acendesse em brilho, e dentro da resina eu veria aquela pequena pérola de lembrança.

---

38 *Solarium suspensus* – Lat. – Solário suspenso. Referente a :Bailéu.

39 *Harpax, harpagis* – Lat. – âmbar (já que atrai objetos pequenos).

Um dia de cortina azul profunda, sem uma nuvem que se avistasse, entre as borboletas e abelhinhas, tomamos café em tempo outonal, no nosso dia de descanso.

†

Limbus[40]

Olhando à vidraça, na ventania que me cerca, eu estava intrigada, pensando no que faria tal pessoa ler assiduamente os textos, que acabei percebendo em mim, uma curva ascendente de preocupação, sobre uma caixa de correio secreta, repleta de conteúdo, nos quais eu expunha circunstâncias da minha vida real e somava mensagens que eu já não podia enviar com selo e lacre de goma, já não podia saber, se um e-mail havia sequer sido visto. Então segui num pântano misterioso, sem caminho aberto, intrincado de fendas que poderiam me ferir, poderiam causar não sei que tipo de percepção, que temperatura feriria a pele dela ou nunca haveria de ser.

Toda a virtualidade do limbo, meu purgatório era mais real que meu jardim, então havia esse compartimento, onde por vezes os áudios ficavam lá emudecidos, contendo minhas estranhas preocupações com a leitura, ou não, e minhas conclusões sobre o comportamento e as estatísticas. Pois o *modus operandi* mudava de rumo, ou havia um hiato, e criava mais suposições. Há uma poeira, um rastro que o ardil não conseguiu varrer, entre as horas da madrugada eu olhava pensando sobre os olhos que passavam sobre as frases daquilo que eu soube tardiamente e que me sangrava mortalmente, e pesava cada texto que recebia acesso, seu teor, de qual época era, e das tantas verificações das listas dos conteúdos como se procurasse por algum texto nunca divulgado.

Pois refleti sobre a busca, cogitei ser algo relativo a um tempo que nos comunicávamos, um texto que falava sobre algo a respeito da perda e do quanto era importante manifestar o apoio. Algo assim, que dispus também nos escaninhos do limbo-meu-purgatório. Então, as reações ocorriam, em coisas que somente eu poderia compreender.

Um tempo prolongado de inverno, que eu cada vez mais me enrijeci, entre músculos tensos que já não correspondiam a união que eu tivera, e as sombras do fim me machucam. Eu fixava meus objetivos e permanecia na escrita, assolada de problemas de toda ordem, pensando, o quanto era tempo de ser feliz. Nada

---

40 *Limbus* – Lat. Borda, franja, tira, bainha, orla, zona do zodíaco. No texto: purgatório.

tenho dela, a não ser aquele tipo de pássaro desengonçado, de peito cheio, curvando cabeça e olhos esbugalhados, batendo bico no chão, na pedra, na folha, no casco da árvore, querendo sempre mais alguma letra.

Mas que na primeira aproximação, acelerava o passo fugidio, içava suas asas com imponência, flapeava, e galgava a escada dos ares, sem mais, desaparecendo em algum céu, em alguma ramagem, em algum lado oculto.

Tudo que tive eram flores de um dia, que despedaçavam ou dentes-de-leão que eclodiam com um encostar de dedos. Por mais que eu lembrasse, jeito habilidoso de tecer ninho, nas temporadas antigas, de um breve carinho.

Então, eu não tinha nada.

Amargurada diante do Sol e da Lua, eu me perguntava – o que vai ser – que da influência há de vir um ferimento, e eu pesava as plumas de neve das consequências. A caixa de correio, à mercê da ferrugem, meus olhos esquadrinhavam lá de longe sua distância e seu container vazio, contendo as teias e restos de folhas caídas no outono passado. Sabendo a medida da distância, meus ouvidos ouviam o seu batimento cardíaco. O que ele me diz...

Nas sarjetas de chuva, corria em pressa o tempo, e nele não embarco, nem fico, como sem lugar, pensando sempre, como terá sido a face do espelho oposta, durante quase uma vida.

Por conta de *cupidĭtas*[41], eu olho para trás, vejo a ponte da amizade, caída.

Diante da garganta desse abismo, eu me martirizo, sem vontade de seguir.

Sabendo que no galope do livro, era um cavalgar perigoso, um caminho que eu precisava mais do que nunca trilhar, e saber exatamente o conteúdo de todo enigma.

Quando penso nas flores do amor feminino, me lembro exatamente nas sendas pedregulhosas, que eu almejava dar orgulho, um sentimento tipicamente filial.

Eu silenciosamente olhava as paredes brancas, pensando no momento do lançamento do livro. Uma dor de chaga me ardia queima de ponta de cigarro, de cauterizar a ferida.

†

---

41 *cupidĭtas, cupiditatis – Lat. – Desejo, vontade forte. Ambição, paixão, cobiça.*

Crus dolor[42]

As madrugadas antigas me acordam. Elas me lembram entre as sombras, as dores de frio. Eu revirava de lado ao outro, desesperada com a cabeça, a noite uivava nos miolos das pernas, como um quebranto de vidro que se alastrava palidamente até as canelas. Após muito tempo nessa agonia, eu chorava engolindo e um rangido metálico de uma cama de armar, dava conta de alguém vindo, com seu rosto examinador, minha avó inquiria o que me acometia. Choramingando eu mostrava os joelhos.

Prontamente ela dizia: - Ah, eu tenho um jeito para isso.

Saiu e voltou com um vidro de álcool e embeber um pano e passar na região das pernas, depois mansamente, com seu jeito afetuoso, enfaixou minha perna com atadura, enrolou o coberto para baixo das pernas, primeiro do lado direito, deu volta à cama, fez o mesmo do outro lado.

Sentou ao lado, achegou-se de meu rosto, com a luz azulada do abajur, ela disse para que eu ficasse quieta, não mexesse as pernas, ficou friccionando sobre o cobertor xadrez vinho e azul marinho. Assim adormeci como se em banho quente.

Não que o ar de minha vó fosse severo, mas ela era distante, então eu me acabrunhava, e nessa memória eu relembro seu jeito meigo e atencioso, em saudade desejosa de saber a cor da sua voz.

†

Coloribus album[43]

Em dia profícuo, na minha penumbra da vida lá fora. Na palheta com tintas brancas, um papel preparado, para as fitas dançarem os contornos dos horizontes mais perdidos, que me assolam o eco mais vazio, a insensatez das conjecturas da floração, e o silêncio de minha voz proferida no vácuo, entre as fitas os contornos dançam, as fitas que o tocam, nas linhas perdidas de neves nunca ocorridas.

---

42 *Crus dolor* – Lat. Dores de perna.

43*Coloribus album* – Lat. - Tintas brancas.

A paz que nunca pousa como raios tímidos de Sol enevoado, eu espero, quando as borboletas regressarão a empoleirar em meus braços abertos, sempre ali oferecidos sem gratidão.

A face que eu tocava, gravando em tênues aramados de esboços, esvoaçando nos ventos desorientados, no lumiar esgotado das mágoas incineradas, sem o sono nem a destreza, como se eu tecesse um bordado inglês em gola de cambraia, com fios da lua, numa vigília de esperança fria, de crenças antigas e abandonadas.

Pendurada em secagem, em cada ângulo mostrava-se de outra forma, com a dança das luzes nas esculpidas formas. Assim, o tempo se desfazia nos átrios de natais silentes, entre brilhos pendurados na soleira de lareira, à espera infindável de tempos prósperos e aquecidos, que reproduzissem, os atos de coragem, da amizade mais profunda e inabalável.

Ao final da melodia, fez-se um ponto final de silêncio das 2 horas e trinta e cinco.

Recolhida aqui, com um poncho de lã alpaca, me encolho na encosta do espaldar da poltrona, com a friagem comendo as canelas da alma, das perdas irrefutáveis, das perdas inconcebíveis, das buscas desatinadas e do hemorrágico tempo.

†

| 26 maio2019 19:31 | momentum às 18h| | 13 e |ND 7 | Estímulos: dança, álcool, músicas de imersão.

Dic mihi quid 44

| 26 maio 2019 | Áudio 13

Entendi o amor comigo mesma. Me diga você uma coisa que está no coração.

Pode se sentir as roupagens e as nudezes, mas o pulsar da alma, pensei ter tocado, ter eletrificado as pontas dos dedos, mas entenderia a alta tensão somente após esturricada pelo raio. Gostava e o amor da alma em efes desenhei. Estar sem par influiu? Os sofrimentos rasgados na alma de si, me arrastou na correnteza, nunca soube.

44 *Dic mihi quid* - Me diga você uma coisa.

Acordei as costuras apodrecidas das minhas cicatrizes nas madrugadas, e as gargantas de meus desfiladeiros, nos ecos investindo gládios 45contra minhas sombras, a estima que florescia, era o nevoeiro congelado, aonde eu esticava as mãos além dos espelhos das vidas, para saber que dívida e o que eu devia fazer, em um rodopio veloz de vertigem de ressacas contra rochas, do espalmo de espuma. Nada mudava essa força.

Eu queria esticar os braços além dos espelhos de distâncias, olhando através de esferas puras de luz e milagre. Não bastavam mensagens, eu queria tocar a presença, ainda que fosse algo inimaginável, um plasma ondulando as visões.

O quanto as entranhas[46] do coração oculto poderia ser draconiano47? O quanto as entranhas poderiam orlar minha mente, entrecerrar meus olhos para meu carma e me fazer vagar fossas abissais com o lume de um maçarico antigo, numa busca dos despojos do naufrágio, numa gana de encontrar o rosto, a voz e abraçar na superfície de um lençol aquífero?

N'água esvaía um plasma róseo, de uma dor que não me define, uma sentença que não me descreve, e esse veneno não deveria alcançar a estima de luz tão clara, que está no meu coração.

O que estou sentido me estrangula o ar que respiro, o gole que engulo.

Nos ângulos tramados das estrelas, num fio de lumiar esquecido, eu confluo pensamentos que preciso me desligar, viver o que está em minhas mãos – a minha arte e minha família.

As horas riscadas da janela de um trem-bala, me desesperam as cenas que se cegam, dos momentos que eu posso não suportar, sem saber nada que nas imagens se desintegram nas poeiras velozes do tempo, sem que eu consiga ser eu, ser, sem saber, enquanto há as chuvas desse meu amor nos dias, nas secas, nas nuvens e nas neves do Saara. Eu fico olhando as distorções que se cegam, como se a minha vida fosse de alfenim[48], que na língua *derrete-se-me* sua doce pele.

Adormeço com meus braços envoltos nos luares de seu corpo, na sangria de lava e gêiseres etéreos *immateriale,* murmurando no aço ébrio de versos cantarolados nas danças dos braços agitando panos.

---

45 Gládios – espada de dois gumes.

46 Entranha – 1. ventre materno; 2. sentimento; 3. profundidade. – todos os significados simultâneos.

47 Draconiano – 1. excessivo; 2. cruelmente severo. – dubilidade intencional.

48 Alfenim – massa branca feita de açúcar.



Receptio [49]

Entre lágrimas saí em passos de corrida de joelhos tortos, fugindo aos pequenos demônios que me seguiam em olor fuliginoso.

Ao chegar a um portão branco em aramado losangular, pude pulá-lo agilmente com os pés se metendo em vãos, bati à porta na chamada entoada do nome de amizade, segurando a grade do postigo de vidro lenticulado[50], que se abriu com rosto afável sorridente, mas com imediatos olhos de indagação.

Ao entrar, se podia ver no fundo das vistas do pequeno corredor e sala, a abertura para a cozinha, com uma senhora no fogão, de costas e outra à pia, entre o chuviscar do som de água corrente no alumínio areado.

Um *fumacê* de fritura permeava grossamente o ar, aonde em passos despercebidos fomos ao sofá diante de um grande televisor chiando imagens riscadas verticais, fora do ar, enquanto minha amiga girava o seletor do U. H. F.[51] tentando captar imagem de programa, eu sentava com as mãos no rosto, e ela volvia rapidamente para falar para eu deixar disso, contar o que houvera sido, enquanto eu soluçava os infortúnios de populosos entreveros nos tetos de casa, e ela mostrava o gato escarrapachado no tapete colorido de crochê, e falava diligente com entonação de me animar: 'minha vó está fritando pastéis e vai ter café preto!' Meus olhos orvalhados de lágrimas apensas, se iluminavam em brilho de vontades mil, das tantas coisas diferentes que eu comia em blocos de gelo de ar, então, parava de chorar, e cedia ao pedido dela para desembaraçar o cabelo da boneca, sentadas com as pernas cruzadas, ficávamos esperando os esbravejos da vó, nos sinos que rebatiam na autoridade de seu mandar.

Nos achegávamos nas abas da mesa de fórmica, com nossos cotovelos, com olhos seguindo o curso do bule de ágata saindo do pingador [52]do saco de pano embarrigado de pó de café babado de água fervente, cujas xícaras marrons recebiam o café puro lá pelas três da tarde, com pequenos pastéis de massa de cachaça, esticados no muque com rolo de madeira, pela sua mãe, com rosto corado filamentoso de pequenos vasos sanguíneos à mostra das maçãs, com seu

---

49 *Receptio* – Acolhimento.

50 Refere-se ao tipo Lenticular – formas de pequenas lentes unidas umas às outras que perfazem a textura do vidro.

51 U.H.F. - Ultra High Frequency, que significa Frequência Ultra-Alta, é a designação da faixa de radiofrequências, que era usado para sintonia de TV aberta.

52 pingador - dicionário popular – pingante.

cabelo de fino encaracolar e olhos de terno cuidar, perguntando-me se eu comia pastel.

Eu timidamente assentia, encolhendo os ombros, como se dissesse: 'Já que tá que vá!'.

Assim, melando a mão nos púnhamos a arrancar nacos com os dedos, mastigar avidamente, enquanto sua avó dava todas as ordens de afazeres que engolíamos junto com o café. 'Vai arear caçarola de ferro no quintal, escovar o tanque, jogar milho para as galinhas, tomar banho...' – assim iam desfilando as severas ordenanças, que eu olhava de canto, falando de boca cheia aos olhos da amiga – 'a gente faz de duas, logo acaba'.

Esquecida das lamas escorridas pela face, ficávamos lá entretidas, até ouvirmos palmas de alguém de casa, vir em meu resgate, com o adiantado das horas, que ia dizendo 'tchau' olhando para o chão assoalhado, levando um esfregar dos dedos longos da mão italianada de sua mãe, que vinha para fechar a porta e travar a fechadura, enquanto eu saía de lá saltitando os calcanhares.

†

Enses lucis longitudinalis[53]

|momento ano anterior

Nos momentos deste ano, eu sentia o desespero das águas que, arremetiam-se entre uma e outra parede de granito, na garganta de uma caverna escura, de duas silhuetas bem distintas, salientadas pela luz da manhã em espadas longitudinais.

Sabia que cada perfil tinha desenho aramado profundo, com características muitíssimo diversa em estima, numa graduação de capilaridade por onde a água escolhia normalmente por impulso escorrer, passar sua mão insípida nas linhas de uma tábula Dispílio[54], mas não podia ler as camadas sedimentares de petrificada voz.

No decorrer dos dias, saber de minhas incrustações houvera perdido a luz, que me dava a sensação de descoberta, como se pudesse ler o que jamais pode ser proferido, eu passava as horas da noite, atormentada pela dor da perda, solidão, pela desintegração das grandes e vastas erosões eólicas, que escavavam o perfil próximo que eu conhecia como amor amado, e na figura disforme dos tempos

---

53 *Enses lucis longitudinalis* –Espadas de luz longitudinais.

54 Uma tábula de Dispílio –Grécia, com escrita charagmata indecifrada datada em carbono 14 em 5260 AC, em escrita ideográfica desconhecida.

desgastados, ganiam vozes insuportáveis, cingiam os trejeitos mais afiados nas lâminas enferrujadas. Eu via os fragmentos que se perdiam sem brilho, nas tempestades que não se agendavam, eu sentia o frio subir congelando meus ossos, acinzentando meu globo ocular e circuncidando a íris de uma catarata seca de teia.

O abismo nunca foi tão real, dos ecos dos meus sentimentos que sulcavam formas roubadas das crateras lunares, para as nuvens fracas do dia, que as vozes abafadas se afundavam sem minha percepção alguma de sua presença.

Só me fazia navegar nos versos que me fizessem tocar a pele que eu tanto desejava, esquecendo meu frio trincar nas auréolas sem carinho, sem diálogo, sem entendimento, cavando fundo, o enterrar de um grotão verdadeiro, invisível aos olhos nus dos dias, irrefletidos nos olhos mortos noturnos.

Havia o ricochetear de meus olhos, entre pesos e medidas, em descida geométrica de peso gravitacional, fazendo eu perder meus alicerces, fundamentos que sumiram e me fizeram completamente ininteligível aos meus filhos.

Assim me afoguei em condensadas nebulosas, me afoguei em meu pranto concreto que me alimentou do vácuo, e meu amor só incandescia, incandesceria numa estrela nascida fria, com luz que tardia, não tanto em anos-luz, mas trazia a mensagem reinterpretada de mim mesma, em um dialeto que eu custava a pronunciar, mas que não queria ser ouvido, por ninguém - jamais.

As fendas me engoliram, e a única coisa que se ilumina na noite, são os mistérios, são as direções, são as estrelas, em sua perpétua mentira, que me sorve lentamente a vida, como um vinho raro. Num aprofundado esquema de dutos e câmaras, entre paredes opostas tão diferentes, e em cada uma sinto coisas completamente diferentes.

A minha mão busca tatear o caminho que nunca está tocado, apenas uma irradiação de lumiar tênue o alcança - suponho, em meu senso de desorientação.

Por vezes matizo uma cor relembrada, uma espécie de café requentado em grânulos ásperos, de música antiga já esquecida, que retoma a memória, que me faz reviver os momentos quentes de amores, em gratidão das tantas aventuranças e as tendas na campina verde, a temperatura de nascente de água pura, que nos lavou os pés, os pés dos cabelos.

E entre danças absurdas e vastas, de bocas sedentas de suas juventudes, os ímpetos que nos copulam já sem o decifrar de simulacros. Assim fazemos as horas de sono ser a embriaguez da vida, que na verdade já nos come com as mãos seguras no pescoço, prestes a nos desmaiar ou ceifar o rumo. Aquilo que nos

acomete como uma reação esperada, numa tragicomédia de nossa sorte, talvez permitida na lua, ou sacramentada de aliança de nó de linha de amargura.

†

12 AMPLEXUS DE ACQUA[55]

| 28 maio 2019 14:37 |12 a | Mezanino| ND 6 | Músicas: Stay-Triangle Sun, Sehnsucht – Thomas Lemmer, III – Mrs Dalloway – Max Richter; (Nos estímulos – dança, álcool) - in Between – Schiller, Freya – Dave Pad, Turkey – Furkan Sert, Boreas – Amanaska. | Tempo de preparo, imersão, escuta de ÁUDIO: 1:50. | Áudio 11 Dez 2018.

†

Feles affectio[56]

Acerca de um ano, eu acordei envolta em cobertas de dores, num dia de sábado, com ar límpido e confiando que meus registros fariam eu sorrir luz de girassol da manhã. Como que içada por mãos chamativas de anjos, e um riscar arranhava polindo a madeira dilacerada dos vernizes pela chamada insistente da gata na manhã. E sempre que eu abria a porta, ela emitia seus grunhidinhos serpenteando meus tornozelos, com a cabeça inclinando a orelha para fazer um aceno de carinho, ao passo que seu rabo eriçado e verticalmente empinado tremulava.

Assim que dei meus passos no encaixe desajustado das pernas nas alpargatas com o corpo pendendo trôpego, enganchando a mão esquerda na maçaneta que destrava, abrindo uma fresta que é empurrada pela A pedindo passagem, festejando o despertar em costumeiro miado vibrado abemolado.

Como uma cantiga esperada, seu grunhido gutural me despertava afável voz aguda entoada em chamegos ao longo do pescoço e logo abaixo das orelhas empinadas alertas, com sua saudação de rabo todo frufru, com leve caída de cauda para lado direito de meu olhar.

Tleque!

- pruuuuuo! pruuuuuuo!

- O-lá!!! Ai que bunitinha!

Ela cabeceia meu tornozelo, pulando para cima da calça do pijama, como um golpe judoca, ela cai maciamente de costas, com as garras agarradas na perna, e circunda o chão com cada uma de suas elásticas vértebras, enterrando afiadas unhas para me ter, e eu com uma azáfama de tentativas de me desvencilhar

55 *Amplexus de acqua* – aos braços da água, o abraço da água. Remonta à poesia Mãe em orvalho.

56 *Feles affectio* – Lat. Afeto pela gata. Ref. à Gata na manhã.

quieta para não acordar o dono da festa que expele roncos pelos vãos de taquara naquela manhã.

Eu me apodero de chave, assim me acercam as duas gatas, uma fronte à vidraça, outra por dentro com olhos de ataque à arqui-inimiga, com um Sol em manto azul lindo típico de dias de outono, tal estava ainda hoje.

Dando passos no terraço amornado do Sol já da melhor hora, entre miados ardidos da gata Y, eu dou passos de dores lombares de chibatadas das desventuras da vida, contorcendo meus cantos de olho, ainda assim me ponho a examinar o verde gramado, com luzes ocultas orvalhadas, assim termino minha conferência de presença em toque inanimado da água tecida por aranhas ocultas próximas ao gotejar de torneira.

Farfalhando as pernas do pijama comprido além da conta, por entre as brisas adentro a sala, arrebanhando *tasses* [57]desenhadas e melodiosos borbulhares das águas de chaleira para filtrar um café denso em perfumes desenhados.

Em passos seguidos gatunamente pela bisbilhoteira gata, eu achego ao lado do sono, ergo meu pulso, sentando-me à beirada, com meia bunda, projeto o antebraço em direção ao pescoço, na dúvida se toco o alto do ombro, uma vigorosa espádua e em dúvida se toco a aurícula, ou se percorro cariz. Estendo os dedos indicador, meio e anelar, com gesto de pega, e contorno o pescoço ao pé do ouvido, com um pulo de susto exclamado e gemido:

- Que mão gelada! - Assim despertou dum pulo só.

Então garganteio risos quase cacarejados e assobiados como uivo de loba, me afastando lépida, seguida pela A que olhava com um certo desprezo, mas interessada nos regalos da beira da mesa.

Sigo rindo, me acocorando para festejar os pelos do cangote da gata, que mia com trejeitos agudos pedintes, eu exclamo: 'Já sei o que você quer, *bunitinha*! Vem, vem gatinha!

Ao redor da mesa recendendo o café, manteiga fresca, pão ensacado, em burburinhos e fungadas de nariz de rinite, meio bufando junto com espreguiçar, eu sorrio o mal jeito que preguei, dando com suas rugas de condenação pelo meu ato.

Assim de um pulo, A se empoleira na cadeira, ao lado do dono que cheio de zelo, estica o dedo com um pingo de requeijão para festejos de lambidas seguidas,

57 tasse – Fr. – xícara ou taça.

para um súbito desinteressar a se pôr lamber a ponta da pata dianteira, mordiscar suas unhas e entortar para lamber seu próprio pescoço.

Assim sem mais, abandona em passos dançados ligeiros para ir pela fresta para saída do jardim, ultrapassando as cortinas amarelentas de cetim ebúrneo com os chuviscos dourados do Sol abrasado,

com atlético correr de um puma,

sem se ver tocar o chão gramíneo,

em disparar ataque a coisa alguma.

†

Domus paterna[58]

|áudio 12 – dissabores da incompreensão

Madrugada de 11 de dezembro de 2018. Nada fiz.

Vaguei pelas horas, em busca de uma música, de uma coisa ou nada, as horas abafadas de verão brisaram pela fresta de janela basculante do mezanino, entre um toque dançado em luares apagados, entre pequenos repuxos de um tendãozinho no lábio, restos de sono em desajeitamento, entre um sentar, um deitar com olhos perpendiculares na aspereza da parede regelada, e um resto de bafo de poeira esquecida no acolchoar.

As horas passaram e pelas três me pus em andarilho halo lunar percorrer os encalços de minha melancolia, em vazios preenchidos no firmamento, em promessa de estrela numa nebulosa razão dos tempos famigerados de família em caótica desunião. Eu via sobre o teto que eu vitrificava a ríspidos *grêlons*[59] esquiando em risco de giz, uma espécie de chuva que caía mansa, em memórias que eu buscava estendendo meus dedos nas arestas da estante que representava um resto sepulcro da casa de meus pais, em suas dobras lisas e côncavas perfeitamente lisas, guardavam uma fina camada empoeirada de inúmeros descasos e de certa forma uma repelência de tendência a ver-me eternamente infantilizada como atributo de incapacidade. Uma espécie de tinta óleo de paredes cinquen-

---

58 *Domus Paterna* – Lat. casa ancestral. Ref. – Irmãos...

59 *grêlon* – Fr. – pedras de granizos.

tenárias em rasgos descascados, expondo tons incongruentes com a visão superficial, vigiliavam[60] olhares judiciários e ao mesmo tempo completamente distraídos com sua própria indumentária. Assim eu sentia, essa madrugada expulsa nas ruas de paralelepípedos, em sonâmbulo abandono.

O amargor fritava minhas entranhas em ácidas lembranças regurgitadas até a garganta para cascatear novamente para um indigesto e eterno ruminar.

Ajeitei-me numa rota coberta de luzes alaranjadas de uma vela que tremia com um fio de fumaça negro que fremia para cima, num derramar de ilusões sobre o que eu amava nas pessoas amadas da minha vida, como um capuz de cetim azul brilhante, que farfalhava com os ventos lunares, que tremia no passar dos minutos demonstrando o interior de uma respiração e pulsar, que eu provavelmente desconhecia verdadeiramente a fronteira interior. Eu avaliava as cores em semânticas cegas das luzes negras que recaíam nos grânulos gelados das pressões da estratosfera, e meu teto imaginário sofria um primeiro trincado.

Desses reflexos eu buscava uma espécie de mérito perdido no tempo, e à medida que eu seguia colhendo essas memórias, junto emaranhado, como dejetos de lodo de rio, eu pescava inúmeros e grandes dissabores, suas ausências, pouco caso, um olhar de quase inobservância, que reunia na mesa dos doze, um banquete de risos e desleixado afago amigo. Assim eu mais que sangrei, daquilo que eu já nem esperava.

Murmurei por dias meus agradecimentos de lábio fechado a fecho-éclair.

Na noite eu sentia falta do burburinho do ir deitar de tanta gente, chinelando a passadeira do corredor, as luzes furtivas que escapavam da fresta de outras portas que como rabicho de cometa vazavam da porta de meu quarto, assim como falas ecoadas longe, barulhos de copo se enchendo da água da bica do filtro de barro. Senti o vácuo das ilusões e das pessoas, que em abraço das brincadeiras pareciam ser outras.

Nessa época, um sarro amargo pairou em capim posto de canto de boca, um sorriso entredente falso, e sensação de aversão, das pessoas que já foram amigas, mas que com uma espécie de momento-traíra, soavam suas caras como um avinagrado vinho de desconfiança. Nunca me senti mais enjaulada ao mesmo tempo que à mercê de uma estranha coisa, até bizarra, uma delação do meu direito de ser. Como se fossem invertidos os polos e eletrodos, à um iminente choque. Assim me pareceu, após esse pavio queimado, o fétido da pólvora que apagou nossa luz da manhã e a sensação anfitriã da terra natal. Foi uma primeira saraivada de dias, de estremecer dos surtos raivosos, com disparar de olhares

60 de fazer vigília.

amarelentos demoníacos do ódio, assim pareceu-me primeira vez, a cor do ar de terra arrasada, entre escritos inacreditáveis de rumos de uma destruição que profeticamente era previsível, onde nós irmãos dessa terra, já não pactuávamos mais nenhuma partilha, nem mesmo da calçada. Primeiros dias sem Sol e sem Lua. Dias da escuridão. Os dias natalinos eram natimortos, assim como meus escritos publicados. Sem sentido.

Por mais que eu tentasse isolar caso a caso, ver um semblante, eu somente conseguia sentir os efeitos do apedrejamento.

†

Puer equus[61]

Num momento do domingo pedido nos céus preenchidos de abelhas de mel, eu acordava da febril convalescença de uma amigdalite.

Ao lado de minha cama, com madeiramento igual a mais outras três, do quarto das meninas, eu equilibrava o abajur de madeira em laca branca, que emparedava cinco livros infantis, de capa dura verde, que em suas lombadas formavam juntas, uma janela e uma porta. No telhado de inclinação pronunciada, em laqueado vermelho, dava uma lamparina e um pica-pau pintado a pincel colado na base. Logo pela manhã eu apagava com a haste de alavanca no interruptor, uma luz verde de formato de gota invertida.

Com olhos mansos, lembrava passando língua nos beiços, o bolo de chocolate e canja, com afeto em um cartão pequenino com as letras da senhora, mãe de meu cunhado.

Eu fitava os livrinhos que puxava com o dedinho e o repunha em seu lugar.

Com os pijamas floridos já alvejados de tanta lavagem, em suas pernas largas e mangas curtas, botões repregados com linhas de outra cor, com nós mal feitos de aprendizado de costura.

Ouvia o ronco do motor rasgado parado sob as tantas janelas da espelunca maluca, e saía atabalhoada me pondo a trocar a roupa, para dar passeio junto, com irmã, com o tal 'cavalinho'.

Ah, isso era coisa rara, renegada enquanto minha insistência não vencesse, que tal brinquedo antigo e raríssimo, não era facilmente emprestado.

---

61 *Puer equus* – Lat. cavalo novo, infante. - Cavalinho.

Portanto, em tempo pronta, com *shorts* vermelho curto, perna fina areada de ressecamento dos frios, camiseta de gola careca com sanfona esgarçada, braços finos e cabeleira densa, com olhos meio escondidos nas madeixas quase indígena.

Assim com a conga vermelha amarrada e meias caneladas brancas que desciam escorregando pela canela, saímos no carro que tossia: 'rãn tan tan. tan tan rãnnnn tan tan tan tan...' e lá nas calçadas do paço da câmara, em chão reto, ele retirava o cavalinho de ferro bege, cujas ancas traseiras podiam vir para frente e para trás, conforme se fazia descer o ferro dos estribos, que eram de tinta apagada, gasta. O cavalinho com rodinhas nas patas, que eu montava com sorriso de orelha a orelha, eu pressionava as pernas e suas patas abriam ângulo, deslizando para frente, quando soltava, uma mola as recolhia, assim ia se cavalgando, passo a passo, na manhã dos anos 70, assim eu sendo um ser feérico, de capa-espada, com os ventos levando as flâmulas de um feudo, tremulando a crista de cordões barbante laranja sobre o elmo reluzente, com a couraça inflada com incrusto de ouro em formato de flor-de-lis, com pesadas grebas e um espaldar frisado, com uma insígnia de espada no ombro, e os pés que arqueados sobre cavalo branco, indo em disparada para um abrupto precipício dos encantos, onde as ondas de águas de panos amorteciam a queda, ainda que me pesassem os escarpes, sua linda cor prata me fazia fagulha ao vento, que podia saltar as escarpas rochosas e seguir no caminho de um jardim de nuvens.

Sob um grito apatetado me chamando, acabava a doce *brincância,* com o estridente cair de desfiladeiro:

- Vem *Jequitinhonha*, já chega por hoje!

Olhar intrépido se recusava ao recuo, seguia, ouvindo então apitos de assobio com beiço assim dobrado com os dedos.

†

| 31 maio de 2019 19:55 em meu relógio dourado 12b

Horologium revixit [62]

Num repentino momento enevoado atipicamente no final do dia, nuvens se condensaram rapidamente num conluio de precipitação.

Como um raro passo nas calçadas da rua central, a decisão imberbe de arrebanhar relógios parados para que meu tempo eu os fizesse dançar, furtei minhas

62 *Horologium revixit* – Lat. Relógio renovado, novamente. - Relógio Redivivo.

notas estiradas em um *cashbox* trancado, para um deleite muito próprio e saliente nas pontas invisíveis dos cílios inferiores.

Cortês senhor pegou o bracelete com enorme cuidado, em expressão de antiquário, enquanto o fim de expediente soava nos movimentos acelerados de moças que atendiam algum freguês remanescente. Os minutos de parada cardíaca eram-me eternos, até que um sibilo de suspiro de meu fiel tempo voltando à vida, que uma revoada de recolhimento dos pássaros gania, assim uma dor diferente, nas interjeições estridentes de som férreo contra vidro, me esganiçando finais de palavras para que eu justificasse cada quinze *mangos*[63] que eu gastara para reanimar dois de três relógios – um - a manhã em drapeado de piados aprisionados nas horas do nascer do sol, outro para a manhã já amadurecida em sol de dança dos ombros e das mãos regentes com as penas gotejantes da tinta, e o terceiro – a mágica hora do mar, a noite em sonhos, nos marulhos do amor implacável nos cortes cinzelados pela lua, com as visões poéticas dos fantasmas de nós mesmas.

Com pouca afeição, as nuvens cerraram os dentes, as pessoas se congelaram na rua, que o dia amarelo se fez em esbravejar de uma rasante máxima.

O reflexo áureo cegava as vistas, as pessoas tampavam aba na altura de sobrancenho, e parados na espera de um veículo amainado que me permitisse a travessia, entre resmungos inaudíveis e ignorados eu reluzia, as horas mais belas e mais queridas, com um esplendor de cores cristais de grandes lustres dependurados no fim tardio.

Assim, gemia contra meu pulso, minúsculas engrenagens como um prelúdio de piano ao fundo, com espuma de espelhos as luzes se chicoteavam, em meu coração o dia amarelo voltava aos olhos na estranha praia invisível da imensidão.

†

ausentavam mihi

Enfim havia tantos momentos entre nós, mas que não se perpetuavam, por um estranho fenômeno ausentavam-se-me.

†

63 mangos – gíria -referente à moeda corrente, real, mas como um valor pobre.

Amplexus

Girando uma lapiseira habilmente entre os dedos indicador e meio, malabaristicamente fazia planar sob palma da mão por segundo, entre um piscar atento e pensativo nas atividades em um dia a decorrer.

O titubeio falhou o recolher prestímano, a lapiseira branca caiu sobre o tampo da mesa, a ponta do grafite se partiu, enquanto franzi o canto da boca, virei para meu pulso, o ponteiro dourado indicava a hora certa, conferida contra o relógio branco de indicadores de pequenos traços negros, levantei-me para ir à porta de uma sala de reunião contígua ao saguão.

No canto brotara, eu notei, uma planta frondosa, de folhas lisas, e uma das moças da limpeza, pegava no carrinho uma flanela laranja de arremate costurado com linha brilhante, dobrada em oito partes e arredondada em sua palma de mão, ela lustrava cada folha das folhagens, retirando cada grânulo – eu a sorri, ela acenou-me com uma piscadela de bom dia em discrição.

Brilhos ensombreados dos espaços interprédios reluziam e mesclavam com o espelhamento das vidraças.

Lentamente soou chegada de um elevador. Ouvi um solavanco de travamento do maquinário. Um som lento de deslizar com um frêmito ao final do curso das portas, em ângulo meu coração soprava, que um olor revoou aquele átrio como uma premonição, uma revoada de borboletas saía como um vozerio abafado, num hiato estranho tendo-se um redundante dado passagem ao pisar fora do compartimento. Eu encostada na divisória, *semblava* os aromas de café esquecido na língua, cumprimentava ao longe um passo apertado de colega que passava no corredor raspando o terno no interno das coxas, com aceno de três dedos ligeiros.

Algumas pessoas desembarcaram andando com seus pesos, em direção aos seus postos financeiros.

Um clarão se deu, que duas pessoas trocavam palavras e separando-se ela irradiava um largo sorriso de passos apressados, já a outra sem muita graça virou-se em direção à mesa de operações.

Um amigo operador, se pôs no saguão, apertando botão de chamada, com caderno metido na axila, olhava ao pé direito que adernava esquerda e direita.

F ao se aproximar, empurrou bolsa para trás, como se não nos víssemos há duas décadas, ela estendeu braços para meus ombros encurvando nos cotovelos, de súbito que passivamente aturdida recepcionei.

O enquanto se desenrolava lento, nos soslaios dos transeuntes e do amigo que esperava lentamente o abrir de portas.

-(Essa é uma recordação que suspende meu ar e interrompo para um bebericar, ressentir a ventania que em ar parado congelou, todas as flâmulas coqueirais entre um findar da tarde hoje, acomodada nas nuvens de uma rede que balançava quase nada, um pulso antigo nas têmporas)-

†

Dux meus[64]

Enquanto H me olhava, infinitamente brando, com o que eu percebia de penumbra, em rostos que se alinhavam como planetas, num manso verde da montanha lavada pelas águas do ar.

Eu sentia serenamente um desconforto que cedia à febre, que amainava como findar de tarde, mas o peso de um monólito arqueava meu tórax, ainda assim meu peito contrito me dizia que o ar ainda não soprava.

Não ter condição, muito maior do que esta palavra, eu só pude saber, os tantos *batalhos* que enfrentei e perdi todos.

Quando pessoas me incineraram em lixo, soube mais que carrancas da minha inadimplência, a humilhante dificuldade, que me esvaziou no ano quinto após minha demissão de São Paulo, eu recebi um desfecho irreversível de complicação, e minha depressão enevoou minha visão, me empurrando a equivocada solução médica. Os ímpetos destrutivos que como abutres espreitaram nos galhos carbonizados de queimada, crocitando em todas as incapacitações que recebi junto a um coquetel de remédios, mover, andar, coordenar os dedos, deglutir, escrever e desenhar.

Como outrora seu olhar me era restaurador e zeloso, enquanto eu, convulsa, perdia os controles em tremores gigantescos, quase como ataque, assustado, ele se levantava, andava até mim, me enlaçava em braços apertados, tentando me acalmar as reações nervosas involuntárias, que me desesperavam, e que eu, mais uma vez, me recolhia nos degraus de uma escada de cimento, com olhar vago, no decorrer das horas.

Olhava então no decorrer do ano passado, para as tantas vicissitudes, olhando para tudo isso nos pestanejares dos nossos momentos afetivos e amorosos, que sangravam uma diferença gritante, onde me vi numa situação que o afeto por ela,

64 *Dux meus* –Lat. - meu guia.

podia sentir no dia e na noite, me sentindo inadequada nos sabores da aurora dessa paixão.

Foi então este último ano marcado por dores nessa translação, que foram agravadas pelo acidente do tombo, inúmeros obstáculos, eu me refugiava na lembrança terna de minha amiga, como salvando-me.

Essas silhuetas incongruentes que me afaga e me repulsa, uma espécie de lancinante tormenta, me navegava entre polos e agulhas enlouquecidas de bússolas entre aquilo que conheci, bom e ruim, mas que no grito do tempo de distanciamento e na frigidez das barreiras, havia a dor intrínseca da adaga, que ilógica se perde nas ondas agigantadas no superlativo do tempo vivido assim. Envolvo meus braços nos despojos que do naufrágio salvaguardam-me no universo poético de amor que nos escombros de apesar, fazia-me crer que não iria aguentar.

†

Osculu

E numa emanação febril nos olhos, senti o rosto que veio se aproximando de meu lado esquerdo, dizendo algo de bom dia, com a respiração exalando menta, com os poros recendendo a um pó de uma maquiagem clarificada.

As mãos que ganharam minhas costas que arquearam lentamente para frente, enquanto o Sol que se abriu cortou as brechas e cortou a vidraça lateral, reluziu lá do fundo morna como água de banho, em úmidos cabelos muito certamente alisados diante de algum espelho, e a luz tangenciou as lentes dos óculos de hastes pretas no saguão, que se virou para a luz que nos acometeu em espelhamento, como acordar de um eclipse.

As mãos estiraram pela escápula e me apertaram lentamente com o rosto que encostou a bochecha contra o lado de minha orelha e cabelos lisos, na intromissão de alguns grisalhos pios de passarinhos encarapitados em ninho.

Como um abarcar de um xale aquecido, as cabeças foram lentamente soerguendo-se simultaneamente para voltar a se olhar frente a frente, mas num lampejo, o ímpeto a fez voltar em minha direção para um beijo de cumprimento, que um tanto deslocado à direita, esbarrou o canto de seu lábio ao canto de meu lábio sem que isso tilintasse, ou que se parecesse, ou que se pudesse determinar o ângulo das cores amareladas, em uma vibrante espada do raio solar que interrompia-se em nariz e contornos do semblante, expressando a exultância quase histérica de um arroubo da intuição, creio eu, de um âmago inesperado, que me trouxe tímido sorrir e dizer de bom dia, no que se precedia a uma reunião enfadonha.

Havia se passado um século de afago ali, que eu notara as expressões enigmáticas e pasmas, que vinham disparadas do átrio, em seus passantes e em suas adivinhações.

A emanação calorosa em surpreendente momento, me deixara perplexa, completamente desajeitada na resposta de grandioso nascente, de esvoaçar de pássaros invisíveis, que sem saber perceber exatamente o que se passara, tentava as definições mais simplórias, com um olhar lacrimado.

†

In armis

| Música: Main Title Theme Westworld – Ramin Djawadi

Como um desses momentos da vida, que com as mãos balançando um valsar de música orquestrada em imponentes instrumentos de corda, como um vulto que adentra minha solidão, trazendo aquele momento de formatura, após jogar do capelo, em vestidos de baile, de pares de formandos com seus pais. Ele estendeu seu antebraço com garboso paletó, delicada enganchei minha mão dentro do verso do cotovelo, em passos miúdos nos dirigimos, e com toda precisão elegante, deu-me a outra mão, que ao soar a valsa, pôs-se a me conduzir entre rodopios e gingado nas notas mais vibradas, que iam crescentes a um esfuziante farfalhar de pares reluzindo o brilho nas vestes de tecidos tafetá, entre luzes e batidas cadenciadas e notas agudas, contornadas de um piano completamente centrado. Então, este momento, com meu lindo pai, flutuamos, diferentemente dos demais, que nossos saltos não tocaram o chão, e os arcos subiam e desciam, as pessoas olhavam emocionadas, minha mesa, com o orgulho de meu esposo e mãe, eu que pensava que poderia valsar com minha bebezinha ao colo, e que isso se igualaria àquele momento, mas nenhuma valsa jamais foi.

Olhos mareados entre os braços que brandem de um lado ao outro com um balé de dedos em gesto rebuscado que remonta os tempos nos sons emitidos nos efes de cada violino, violoncelo, contrabaixo, e de cada soar das madeiras enfeutradas dos martelos do piano dedilhado por mãos plenas. Como bandeira ao vento os braços se esquecem e a música se repete num lamurioso orvalhar.

†

Citrus crustulam[65]

No balbuciar do inverno, no ano que precedeu meus convulsos tremores, aflita diante dos problemas, eu reuni para um chá da tarde, meus irmãos numa conversa requerida, de desdobramentos da casa herdada, na minha ilusão simplória de acolhimento, me pus a preparar *sfogliatelli* com um recheio de creme de baunilha com laranja que eu cristalizara, entre o preparo de um *ciambella* com raspas de limão, entre as porcelanas de mamãe dispostas entre guloseimas que cada um trouxe, com o café exigido para as irmãs todas alegres já tomando lugar rodeado à mesa, entre pratinhos de bolo, pãezinhos com geleia que eu mesma preparara de véspera, de banana com laranja talvez, em risos ao mesmo passo num duelo das antigas trocas de farpas.

Mas que enquanto eu lamentava as perguntas inoportunas, havia hoje uma espécie de dissipação, que fazia essas querelas não serem nada, diante de estarmos aqui reunidos alegremente, entre confeitos que eu costumava me deleitar de fazer, nas horas que as sombras dos desesperos me abandonavam e me faziam crer. Entre todos, a irmã essa que se foi de nossa vida este ano, lembrava a animação dela no meio da comilança e conversa versada em todas as direções, como sempre.

Assim, o momento se abrilhantou, como asas de borboleta cravejadas de gemas, incrustada pelo próprio Fabergé.

†

| 02 junho 2019 22:25 | Músicas árabes | 12c

Signum [66]

Precisamente naquele momento eu me deparei com meus reflexos no vidro, adiante dançavam vultos do gramado e flores no jardim suspenso, da lateral de meu lugar eu contemplava o nada, num mistério infindo de não saber o que tivera se passado com meu irmão, em profunda tristeza que nevava sobre meus ombros, que acumulava nos bolsilhos dos olhos, suas luas brancas se descompassavam de foco, manchas do olhar abstraído desciam como balões arrefecidos, nenhum som havia e minha voz emudecida. Levantei os dedos do meu bolso, em ar frígido que eu os protegera, levei ao meu baixo ventre com melancólica voz, sem saber o que dizer para meu bebê, em pensamento eu vagava fantasmagórica, andando sobre cada desabrochar de flores, e balbuciava meu persignar-se numa prece sem início e fim.

---

65 *Citrus crustulam* – Lat. – Bolo de limão. Receita de *Ciambella* de limão para chá com meus irmãos.
66 sinal dos céus

Um furtivo colega se aproximou. Gritou no meu ouvido pelas minhas costas – Buuuuuh! Saiu todo galhofo, escancarando gargalhada que tamborilava.

Senti um 'tchuuu' de fluxo que me molhava a calcinha. Assustada fui direto ao banheiro apenas me desesperar pela grande mancha de sangue que havia perdido.

Fui diretamente ao serviço ambulatorial, que começaram a procurar uma condução para me trasladar ao médico em segurança, mas só havia Kombi de préstimos de manutenção, e após discar um dial para o consultório do ginecologista, amigos me trouxeram bolsa, com os objetos arrebanhados de urgência.

Numa travessia angustiante, que iniciava naquele momento, eu segurava meu baixo ventre, me desesperando a cada solavanco, a cada tranco e freada nos sinais que fechavam todos, de mal comigo. Até que depois de longo tempo, me apresentei no saguão, enfiando braço para segurar elevador, com todos os pesos possíveis no ombro, a cada andar soava um tilintar, porta que se abria, nunca chegava ao andar.

Naquela época, meu médico possuía um equipamento de ultrassom sem muita definição. Eu que me deitara, ele espirrava o gel e deslizava a haste, olhando com atenção e cara fechada.

Bateu suavemente em meu ombro, dando-me papéis absorventes, já se dirigindo à sua escrivaninha, em posse de sua caneta tinteiro, me olhou e disse: - Está me parecendo que o 'ovo' rompeu-se, mas acho ainda precoce ter essa definição, a natureza se encarrega, você vai para casa e repouso absoluto; amanhã me faça um teste de gravidez em urgência, me telefone para dizer o resultado. Qualquer sangramento mais intenso, procure o pronto socorro. Mas me ligue de imediato. Outros podiam se dar por vencidos, mas eu prefiro esperar. Fique o mais calma possível, se 'vingar' é porque é forte.

Sem nada dizer, apenas assentir, saí arrasada, com meu esposo que chegava esbaforido na sala de espera, e me despedindo nos dirigimos ao carro em silêncio combinado para o momento certo.

Ouviu o que havia ocorrido e nos pusemos em marcha para casa.

Meu choro começou manso, meu desespero e inconformismo foi me asfixiando, pensando como isso podia ter me acontecido...

Pela manhã na primeira hora, estava com o pedido médico no laboratório do hospital, com rosto abreviado em cor cinza de um receio triste.

Então, num chamar trincado e arranhado fui vagando fraca à sala de coleta de exames, esperei a eternidade, e o exame me foi entregue, com o laboratorista

me afirmando que havia dado duvidoso, que precisaria refazer. No envelope com uma janela, o papel exibia a manchete de meu nome, deslizei os dedos finos e enlacei o papel entre o indicador e o meio, num estirar farfalhado, olhei para a palavra datilografada: Negativo.

Com o choro represado, me dirigi à casa de minha mãe, e disse a ela chorando: Perdi o bebê, eu acho, mas terei que ficar de repouso e fazer exames. O Dr. A achou que deveria esperar.

Com exames negativos, retornei ao médico, que altivo me animou, que iria fazer ultrassom, estava de seis semanas – em tese, novamente ele olhou silente, depois que sentou em sua mesa, disse que poderia ser 'ovo-cego'.

Com meu diafragma retorcido em soco, eu estava branca e apática. Ele falou serenamente, que eu repousasse até duas semanas, e estando com oito semanas completas ou dez, então que eu fizesse um ultrassom *trans* numa clínica Xyz, para poder ter certeza. Se confirmasse esta hipótese, ele interromperia a gestação.

Foram mais semanas tensas, com sangramentos que foram sumindo.

Dia que precedia aquele setembro, fomos à clínica, em pura angústia, que não me permitia mais me referir em voz àquele bebê de antes.

O exame iniciou com o médico ciente do caso, com o monitor que minutos depois ele virou para mim, e mostrou algo que pulsava, um músculo que contraía e descontraía, em imagem cinza borrada, envolto em membranas, ainda numa formação fetal e um coração agigantado em proporção ao corpúsculo, em ares inacreditáveis eu sorria-chorava, chorava-sorria, não posso determinar. A confusão não terminara de uma estranha epopeia desse filho que eu sonhava.

O temor nunca passou mais depois disso, para aquele coraçãozinho de ouro, que eu não posso esquecer nunca de como pulsava em galope.

†

Amara fraterna tisane[67]

Neste dezembro de 2018 eu sorvia chá como uma tisana, mas as amarguras no que me parecia sempre um tocar uníssono dos meus irmãos, as decepções antigas saíram de suas tumbas.

---

67 *Amara fraterna tisane* – Lat. - Tisana amarga de irmãos.

Eu lembrava como a um vexame, o adentrar de um por um na sala de estar, em época de alguns poucos anos idos do ano 2000, imersa em terrível desespero, que era como uma lâmina pousada na garganta, meu tempo de depressão profunda. Em uma ação conjunta se puseram eles, me rodeando sentados em todos os assentos livres e outros em pé, com olhares sinistros, se dirigiram a mim:

- Você quer nos contar o que está havendo?

Trêmula, eu não podia explicar para um, muito menos a outros oito de uma só vez, o que eu estava sentindo, que eu precisava desesperadamente resolver uma amizade daquela pessoa, e que certamente eu nada faria em deixar meus filhos, eu sabia o suficiente para mim, mas ninguém poderia compreender porque eu decidi alugar um apartamento em São Paulo, para não perder proximidade. Estava diante de um tribunal para o qual minha inocência nada valia.

Foi um dos momentos mais constrangedores, encará-los, me enfiando na terapia que eu já tinha contratado mas que no fundo foi como me atribuir uma condenação, ao sentimento que eu não podia dominar.

Os ecos de vazios, neste último dezembro me fizeram encapsular, dentro de meu canto como refugiada das perguntas, das frases efusivas destes para assuntos farpados, refugiava de olhares ríspidos, de falas clichê, de comunicados de tudo que já não me concerne, e na minha dedicação eu me segurava, na dedicação da escrita.

Vencer meus tremores nas tintas a óleo, determinada a não definhar nas minhas dores e miséria incompreensível, e inclusive não ceder à mofa diante do meu esmerado labutar financeiramente improdutivo.

Observava acessos de minha imprensa de palavras como um respiro, com a ilusão de leitura, quando para piorar minhas preocupações notei intervenções para manipular as somatórias de estatística. Quem? Quem necessitaria encobrir passos de leitura? Por que estariam ocorrendo aquelas incongruências dos totais e dos acessos dispostos por textos?

Eu precisava me dizer, e me repetia, que justificar esse fosso medieval como obstáculo e distância era ódio traduzido em rejeição, que me feriu sempre e continuará encravado, se materializando nas minhas dores físicas e em cicatrizes de alma.

Uma horda de pensamentos diletos em zelo de minha escrita, batucava sem cessar perguntas sem resposta e com respostas prováveis, na hipótese que esses acessos de não seguidores, pudessem ser de minha amiga. O que seria motivação da leitura?

Toda minha angústia podia apenas tocar levemente o ombro amigo de meu esposo, mas não dava para apaziguar nada, e cada vez menos eu podia conversar com meus filhos que alardeavam suas vidas, mas cada vez mudavam mais ainda de assunto quando se tratava de tema de minha escrita.

Cada vez mais confinada entre paredes e assoalho de madeira de mim mesma, dentro dos meus borbotões sem nexo, sem conclusão, com tristes brilhos de pechisbeque, numa incessante luta interior enfrentando meu 'eu' adversário.

Então sozinha, tremendo pintei, me fiz feliz por instantes que logo se evaporavam com lágrimas sofridas e um agonizante coração.

11 VINCULUM

†

Reversus[68]

|03 junho de 2019. 22:01 em meu bracelete dourado. |11a

Lado reverso de um divisor de mares.

O fim da tarde comia o tempo vorazmente, e as minhas atribulações estavam espalhadas sobre a mesa, roía o canto da pele do dedo anelar direito.

Badalando quase dezessete horas em dia de festividade de final de ano da equipe, um ruído falante vinha se achegando, os sons se percebiam acima das divisórias, com passos pesados e de salto de um mocassim com bico afunilado em estilo social. Repousando o braço sobre a mesa, num momento ansioso de ver irromper M no portal da divisão, mas duas pessoas seguiram o corredor de baias adiante, perfiz um olhar flectido desapontado, retomando o e-mail com letras hachuradas na tela elevada por um dispositivo preso ao tampo da mesa.

Soou o elevador, e risos característicos foram percebidos perspicazmente por ouvidos felinos, com olhar agudo oblongado e as mãos já jogando de lado os trabalhos para o dia seguinte, murmurando nas paredes da minha mente, fuzilando os trabalhos na trincheira abandonada para um enrustido afazer – 'Vete al carajo!' – fechando documento aberto no computador bruscamente.

Pelas mesas dos demais que se interpunham, estavam conversando animadamente, e M com bolsa tiracolo preta acolchoando máquina fotográfica, que ela segurava com as palmas da mão amparando a lente 55 mm, arrebanhando os camaradas circundando mesa em braços então agora amicíssimos, para logo mais em avidez brindarem seus *chopps*, com disparo do flash e som do clique.

Inesperadamente M se voltou para mim e pôs-se a regular a lente, imediatamente acenei para não me fotografar, mas enquanto eu acenava com um espalmar e virando o rosto para baixo, já havia sumido a luz com os olhos alegres, se aproximou da mesa, com olhar fixo no porta-retratos logo atrás, com uma recordação tímida de filha junto numa rede.

As conversas ricocheteavam a sala, todos prontos para ir, com seus pertences, logo ganharam os ares de noite menina, de ar de frescor, uns num carro, outros noutro, logo rompemos os semáforos e apeamos no lumiar amarelento de um

---

68 *Reversus* – Lat. –Reverso.

bar, com mesa longa para um carrossel de gentios para exorcizarem seus dias infernais do ano.

Na mesa que me acomodei, minha amiga e integrante da minha equipe, sentou-se de fronte, deixou a máquina na mesa, um *chopp* já chegava esbaforido, que alguns já secavam oásis, e eu solicitei água e confabulando com colega de coordenação a meu lado nos dizíamos – Vamos de vinho? M você toma vinho também? – Seus olhos brilharam, sua blusa bordô marcava sua silhueta que animadamente aceitou de pronto, desprezando o copo já esvaziado, para uma taça muito mais elegante.

Ela rodeou a mesa tirando fotos e sempre rodando a lente para melhor foco, selecionando regulagem com prontidão, e foi descendo taças de vinho.

Certo momento, a máquina estava colocada em minhas mãos para fotografá-la em *close*, e os presentes foram sendo trocados, até que ela, havia de presentear o companheiro de célula de trabalho, entre frases quase poéticas de embriaguez, mas sim, logo vi e comentei a ela: - Percebeu o que disse? Nossa que bonito isso, que a amizade (de vocês) nunca termine! – M só dava risada, em abraço frondoso com presente escolhido à medida, como era de ser em se tratando de M, ela arquitetava muito bem qualquer agrado, mimo ou presente. Clique – Flash! Novamente outro disparo de meus olhos no quadrado de enquadramento ótico.

Rebrilhou as rendas do *soutien* por baixo da trama de sua blusa.

Noutra rodada de vinho, que sedenta ela havia evaporado da taça, a mesa quase dançava nas risadas e animação, subitamente M virou sua cabeça para baixo, com olhos fechados sem rigor, desfaleceu.

Entre risos o menino a seu lado, cutucava, falava, e em uma curva ascendente de preocupação, começou a passar os dedos delicadamente com água gelada no rosto adormecido, chamando sem alarde, e eu comecei a sentir o estômago doer, transpirar toda a bebida, mas certamente não estava tão alcoolizada. '*Puta que parió*!' ecoava no chispar de meus olhos, vendo o sururu porvir, ela desmaiara.

Enquanto via olhar reprovador desapontado da minha chefe, já íamos juntando alguns para levá-la para o hospital, para minha preocupação.

Na primeira clínica, quando o médico se pôs a examinar, ouvindo minhas narrativas, chamava o nome, e não havia reação, pegava o pulso, dava pequenas batidinhas na face, enquanto eu já queria dar um chacoalhão, e ele em cuidado precioso, dirigiu as mãos aos bolsos, com dedo indicador enlaçou uma lanterna, com agilidade precisa, com outros dois dedos longos da mão esquerda abriu as

pestanas para observar a pupila. E então firmemente disse: 'Não podemos atendê-la aqui, não temos equipamentos para reanimar. Precisa ser levada ao hospital mais próximo, ela não está reagindo'.

Foi então que um gelo começou a subir pelas pernas, e eu com diligência a pedir para avisarem familiares, revirarem sua bolsa, celular, com sua carteira, não restou outro jeito a não ser ir ao hospital. Em caminho golfados de vento e vômito.

E dadas as circunstâncias, apesar de contrafeita, não podia deixá-la, mas precisava providenciar roupa, um banho para mim, enquanto a enfermagem tentava tirar a roupa, de imediato fui ajudar a despir, a segurar o braço com firmeza para que pegasse a veia, como algo automático que depois eu teria que explicar a mim mesma.

Desalentada eu ligava para casa, olhando para ela desfalecida com preocupação, mas tinha que deixá-la ali, com alguém que ficasse de olho, mas em tal caso, com as roupagens pouco adequadas do hospital, eu ficava com franzir da boca, e pedia para A controlar a situação, até que retornasse, quando em um reflexo ébrio, ela suplicava ininteligivelmente: 'Não me abandone aqui!', para meu constrangimento.

Assim com mais pressa que qualquer dia, tomei ruas, elevadores, banhos, reviradas de bolsa e armário à procura de roupas, em um desespero *incomedido*. Sem me permitir tremer, olhava os cantos de minha casa perscrutando se tudo estava conforme para acolhê-la depois deste deslize, com pressa saí pela porta ventando areias dos pés.

'Por que isso teve que acontecer logo hoje? Merda!' – suando de certa dor no coração.

†

Sensualis vinculum [69]

|06 junho 2019 0:51 |11c | Áudio 11 de de 01 de dezembro 2018 | ✇

Um negrume que me pegava pelo braço, ou um espírito que evaporava do bico da chaleira na alta madrugada, eu revejo no infinito das ondas que virão em minha direção quebrar sua insensatez.

---

69 *Sensualis vinculum* – Lat. elo sentimental.

Uma água que desce helicoidal e açoita as costas do chão da terra, que não há como impedir que a chuva venha, em gelos ou cristais, ou um desfolhar das rosas de outono.

Por dias eu me remontava nos dias inicias de dezembro último, nos longos dizeres de minha vaga cega por entre labirintos de jardins, esses que nem nasceram, foram imagens espelhadas, em folhas de álamos, de paineiras, num tocar de teclas em sonata pelas mãos do vento morno com tessitura de mel de voz, mas que era nascituro de tempestade nas imagens de meu avesso, nesse olhar profundo a realmente tocar com as minhas mãos o amor em submersão nas piscinas turquesas traiçoeiras do caribe num triângulo de amplitude. E entender era maior do que viver a vida, ou perceber no andar fantoche a graça com gratidão para a mão que me está estendida, um amigo, um irmão, a vida, em olhos furados como vórtice.

Quando se se depara com uma coisa extremamente forte, as medições extrapolam as escalas, os olhares me desenganavam como algo doentio. O veredito ou o que aguardo na leitura dele, é uma agressão profunda e real, é o punho que me sangra virtuais condenações.

Segui vivendo amores impossíveis, que os amores eram sempre para o mesmo ser, e suplantava estratificando como rochas milenares sedimentares, no final eu podia ver a verdade do amor incondicional. Mas antes eu delirei exposta aos sóis todos reunidos no parélio, em tentações onde se é convidado a odiar uma pessoa que se ama; onde se é exposto a tortura tênue disfarçada de pequenas dores, mas que sangra e que fazem[70] sentir-se inferior. Quando pessoas amadas geram um tipo de ofensa ou cicatrizes que carregaremos no coração da alma, quase converte em inimizade, ou indiferença, ou indiferenças teatrais escarnecidas, preconceitos que são injetados e transformam a situação insular por pressões dos mares que a isolam de todos os lados.

Repentinamente, carinho se torna constrangimento. E ter essa desfiguração de gestos de afeto normais, receber a incompreensão, é horrível. Há tempos era uma manifestação afetiva normal, e por que não poderia? Que de um momento para o outro isso acorda com a foice da condenação que seguirá ferindo-me indefinidamente na frigidez. Não dá para mudar o que se sente, um amor dourado como um grande palácio repleto de recintos magníficos, reluzente de verdadeiras riquezas.

Não poderei ver senão a pureza que senti em olhar para ela como a mãe que eu já não tinha e como a mãe que eu sinto que ela existe para mim, além do

70 Aqui refiro-me às dores. Antes à tortura.

útero de onde nasci, além dos caminhos que andei e dos mares que não pude ter para mim. De repente eu encontrei ali o reencontro profundo e perene.

Eu notara situações anômalas, de pessoas que acolhem um elo, quando vencem diferenças. Eu acreditava nas utopias dessas adoções, mas me vi tão ferida como um cão sarnento, a repelência é uma coisa que estraçalha, faz se desacreditar de si mesmo. Quando advém de quem se ama é um sentimento horrível.

Estranhamente experimentei contrastes demais a complicar a visão da verdade e a solução sempre foi impossível.

No decorrer dos anos, surgiram flores boiando nas águas que passavam, por mais que eu percebesse não poderia contar nem fazer delas um diadema, não poderia determinar quem enviava as 'flores', e essas impressões contraditórias, sempre percebi como algo que ela não aceita, não aceita parte de si mesma e é bem mais do que isso, muito mais, com certeza.

Nos invernos sucessivos de andar pensativa, um vento encanado rugiu como apenas um leão, ela convergia diversos significados de afeto, e percebi a infecção de sentimentos do sofrimento da repulsa, eu sentia a indigência, o desterro profissional, uma compulsória influência para tratamentos psiquiátricos, e a floresta cerrada tinha um emaranhado de farpas para eu rastejar até a clareira de mim mesma, o entendimento profundo, que de peito aberto – não desistirei - aceito o amor em mim mesma, não tenho que explicar, não importa que não era parte de minha vida, que era um contato profissional, todos amores caem do céu um dia, eu vejo como anjos que ocultam as asas em jorros de chafarizes que estão no centro dum jardim abandonado.

O conjunto dos versos escritos desenhados como os carinhos que não podem ser dados, eles conseguem. Conseguem transcender tudo – o sofrimento, as impossibilidades, a realidade – e ser a essência mais pura, como um gás etéreo que está. É algo que a pobreza de alma humana se cega entre paredes de castelos e redomas, mas que não livra das solidões.

Viverei e morrerei e ninguém vai querer sentir essa dor. A fuga é o caminho diário das pessoas. Meu eco é a dor renegada. As vozes morrem nas frases de plástico. As soluções são pássaros afugentados do que não se enfrenta face a face.

Por momentos senti o ranço do revide que o efeito dominó causa, uma inclinação a proceder da mesma forma, com abandono. O sofrimento prolongado me fez dentro do duelo entre o amor incondicional e a reciprocidade.

Os olhos que vão sofrendo o esvaziamento no casamento fustigado, algemando um dilema entre aquilo que desejo e o que existe de concreto.

Estar vivendo no corpo do impossível me faz querer qualquer gesto de afeto que o vento me traga no rosto, no corpo que flutua no momento do respirar de uma borboleta arfando, que uma abóbada se centra em meu eixo como nadir que une em oposição no outro lado o ser amado, sem considerar a medida, sem importar a dimensão, apenas o universo que isso representa. O fato é que tudo que imperceptível foi à lógica, a intuição revelou a verdade mais profunda, que jamais poderia ser vestida apenas com a túnica da cordialidade, não se podia ocultar as luzes refletidas nas fibras brancas abrilhantadas no que era puro, o reflexo atravessava as tramas do tecido cor de vinho embriagado, mas que ainda torpe a luz refletida perfurava as lentes mais refratárias de sua própria percepção deste pulsar, não permaneceriam as imagens inculcadas, permaneceria a luz refletida que se somava ao sentimento.

†

Hospitalitatis

| 5 junho 2019 0:30 a 1:03 | 11b | Música: is it too late – Thommas Lemer.

Por instantes em que ajudei empurrar uma cadeira de rodas, por um lado respirava mais aliviada.

Ganhar as ruas para casa, imersa na noite, em reações mal calculadas por parte de M, que ainda estava com ares de estar prestes a pular do avião sem paraquedas. Eu nunca me senti mais diligente, encontrei molho de chaves de primeiro, tilintando as enxaquecas a porta se abriu, para um olhar discreto e acanhado, que logo encaminhei para o quarto.

Logo cogitei de imediato o banho, assim, fui buscar toalha enquanto ela sentada aturdida sem querer aceitar de ficar no quarto de minha filha.

Ela foi ao banheiro, mas eu estava com ácido comendo a epiderme, receando algo, entrei e ajudei que ela entrasse no banho, ajudando novamente com as roupas, oferecendo algo como se minha mão se atraísse, mas ela estava vexada, com jeito deprimido.

Saí e retornei com toalha para saber se ainda precisava algo.

M estava aquiescida, praticamente completamente chateada, e eu que me preocupasse com os abutres.

Ela se enxugava frígida, minhas mãos continham movimento latente para amparar caso ela caísse, com pequenas micro reações enquanto ela já vestida de pijama,

aparentava rosto mais corado, andando normalmente tendendo a uma calma germinada de um cuidado no chão de meu lar que ela pisava.

Eu estava com os pertences dela, itens da bolsa, óculos com a lente saída, necessaire, explicações da sua roupa que já estava lavada no varal secando, ela timidamente se colocou com os tornozelos encolhidos sobre as coxas enfiando os dedos dos pés sob o lençol, apalpando a cama com estranheza.

Sentei na beirada da cama, vendo-a se acomodar, com uma baforada de serenidade e um copo de água, que delicadamente repousei numa prateleira próxima.

Minutos depois em conversas sussurradas na sala, estava despedindo de A e falando com meu esposo trivialidades antes de ir deitar, quando minha filha passou pela porta do quarto e viu algo, e veio avisar – M estava no chão.

Eu entrei lá e abaixei para ela sair do chão. Assim ela retornou para a cama.

Minutos depois, minha filha, olha e aponta com o dedo, e contrariada me dirijo ao quarto onde M estava deitada novamente no chão. Acocorei, falando brava, com o dedo na ponta do nariz, mas ela se esquivou como uma criança, deitando na cama, com olhar de cabeça girando.

Assim, vi então ela cerrar os olhos, dando uma olhada da soleira da porta, adentrei meu quarto, farfalhou a coberta, suspirei profundamente, virei para meu esposo que beijei com a intenção de que o estralo arranhasse o vidro, ecoasse corredor afora, que se percebesse, que soubesse, que eu estava ali no meio da minha vida, com uma amiga deslocada na cama justamente da minha filha. Então, virei-me, mas com os olhos fitos em alguma cortina esquecida de minha alma, me senti completamente nua e não ela, num vento que soprou de morno verão pela madrugada que eu acolhia os mínimos ruídos do quarto ao lado, com tal agudeza, que queria inexistência dos minutos, queria ver o nascer do dia, mas alguma sombra incongruente formou-se entre mim e o sono, que minha mão acolhia dádivas que precisava recusar. No fundo, moldava minha moral, torcendo os fios do cabelo, com mordiscar do canto da boca, lobrigando a escuridão desejando que não tivesse sido assim, mas tomada de um entusiasmo atípico, denotado da embriaguez.

†

Collus I
| 06 junho 2019 2:43 | 11c

No rosto feliz de H, estava o brilho de compaixão.

Ele estava tomado de emoção, e eu saindo da cesárea, exausta e fraca, houvera desmaiado de dor, não havia posto os olhos na bebezinha que chegava com a luz de Lua cheia, e ele me dizia repetidas vezes, o quanto era linda.

A eternidade que me desesperou, fazendo que eu tentasse levantar prematuramente, amanheceu no dia de céu rosado e pálido azul, o céu se resumia a um quadrante de meu universo maternal, logo nos primeiros minutos chegou uma enfermeira trazendo minha primeira filha, que olhei com amor gestado em lágrimas de dúvidas e receio, mas que ali em meus braços eu dava as mãos, examinava os cabelos, desarrumava as vestes, olhava o peito, o cotovelo, a ruga de pescoço, dobrinha na coxa, os dedos do pés e via cada semelhança e discordância, num momento de aleitamento cósmico, de nosso silêncio, e nossos instintos e intuições.

Eu me transformei daquele momento em seguida. Eu sei quantas coisas enfrentei. Cada momento me remete às estranhas ocorrências de dores, e luz magnificente do amor.

A mãe do meu esposo chegou em curiosidade, minha mãe havia ido descansar, porque estivera muito no hospital nos crepúsculos da minha vida, então, ela nasceu, e me enterneci, cada dia algo a mais, assim foi, assim é. Uma mão na minha mão. Sem sombra que se perceba destas.

†

Melancholia

|06 junho 2019 | 17:54 a 18:55| Música: Mrs Dalloway – Max Richter | 11d

No tempo que seguiu daquela abrupta expulsão, um ar que permeado de poeira intoxica, mãos pálidas que se queimaram de tocar a Lua, os vasos sanguíneos que se entortaram feito derrames de vinho.

O dia cinza veio permear meus hálitos de beijos, que efervesciam fumaças nas baixas temperaturas. Vidro enevoara de gotículas de chuva, essa que não choveu, como dentro de uma retorta, destilou-se em pérolas derretidas de uma espécie de almas brancas vestidas de bruma, que eram meus versos condenados à loucura. Eles pairavam nas esquinas, cercavam de nevoeiro grosso na lua nova, empapavam as estradas de espelhos líquidos que corriam seus sangues de mercúrio em correntezas de um regelar supremo. Eu olhava muda, os sangues deles corriam nos brilhos de meus olhos, numa queima invisível, que num relampejar seus vapores haviam sido comidos pelo fogo morto de tristeza, em flâmulas *evaporíticas* dos olhos, lançavam um cinza embrumado nas lentes dos óculos por um

átimo. Elas me revisitaram neste inverno. (Eu) As vejo nas tardes, que danço e levanto as mãos para ir de encontro a uma pequena taça de chá esbeiçada em tons café num céu pálido de giz.

Os dias vinham em uma persistente garoa fina, que eu vagava os corredores graníticos do prédio, soava o piscar de olhos dos elevadores, um entra e sai de ciscos, arrebanhados com vento, de pessoas sem face, de casacos agitados nos andares sem corpo, vozes *turbilhadas* sem nada dizer.

Ganhava os pés nas calçadas, com seus formatos geométricos que em textura brilhavam uma espadada de sol de vento vermelho, em corações de inox, que marchavam com olhos cegos arrastando ao chão.

Eu vencia o vento gelado que me apedrejava de gelos secos, com um chapéu russo de pele *ochre* macia como meu travesseiro de pensamentos, nos quais acomodava ela numa espécie de divã macio, sentava ao seu lado ouvindo um proferir inconcluso de sílabas desparceradas, com as quais eu tentava formar algum vocábulo, mas os ruídos se acumulavam, um pequeno chiado de pneus molhados infinito, com solavancos das águas de poças, de chãos espelho sem planta, sem folhas, sem brisa, semblantes.

Eu retirava a mão do bolso, enquanto a bolsa pendia no ombro esquerdo, lentamente a erguia como chumbo até uma maçaneta de canos curvilíneos niquelado em porta de vidro, que minha mão com um resto de dor aquecida provocava um contorno de uma espécie de suor do sentimento, embaçando o espalmar que em clamor se derretia o pranto, que como prataria antiga se oxidava sem gotejar sua luz ao dia.

Adentrava num lugar morno, em seus fantasmas carnavalescos de olores de cafés em banhos de espuma.

Numa busca acanhada de um canto de janelas, uma távola, uma xícara de café expresso, e chuvas de partículas de açúcares, que nevassem ao redor de meu neurônio. Num movimento estático de uma colherzinha que se contorcia como bailarina de circo fazendo piruetas no trapézio, sem cair, sem tocar o solo.

Num breve bafejo das chuvas que congelavam meias luas de gotas nos vidros, descendo lentamente com um risco quase imperceptível, rangiam seus dentes numa dor aguda, que me tocavam profundamente o peito, enquanto elas se desfaleciam num acúmulo beirado do peitoril. Eu escrevia em letras negras num visor quartzo de um pequeno dispositivo de agenda eletrônica, de teclas bojudas negras, as insígnias de caracteres brancos, onde em movimentos silenciosos eu escrevia prantos. Depois fechava aquele pequeno tampo prateado, alisava as marcas de digitais de meus próprios dedos, para um dia depois colar uma profusão de palavras soltas de uma áspide indomável que se alojava nalgum canto.

E umedecida de humilde sensação, uma sensação de imensidão, de um *canyon* vasto além dos olhos, com a curvatura de um caracol perdido entre as passadas pesadas da vida, num caminhar lento sem destino, nos arrojos das corredeiras das águas por vezes empoadas de piche, com espumas que se rebelavam àquela insuportável normalidade.

No caminho de volta, eu me aproximava de canteiros, a tocar as folhas e vê-las chorar dores que eu não conseguia medir, andava colhendo esses brilhantes líquidos desprendidos dos anéis de Saturno.

As trincas do frio em nevralgia de acasos, iam se passando os dias mais vazios, daquela presença solene, daquele sol de cor avessa, daqueles olhos de um mel doce, daquele andar determinado a estar, daquela música em contorcido violoncelo que frestava uivos que na alma da noite em dor escapavam, naquela friagem molhada no couro do sapato, em pequenas areias que se seguravam na barra da calça, do caminhar alagado nos mares de mercúrio. Nas ondulações e arrepios que voavam dos ares dos limpadores dos carros e anunciavam as luzes refratadas de pingos no crepúsculo.

As ruas das avenidas vazias de uma morna sensação de algum que fosse, um único olhar, que recordasse qualquer que fosse o acutângulo de sua expressão, que tocasse um dedo mindinho em lassidão como um gesto em *anadema*[71] que em alucinação me desse esse toque, com o calor de uma sensação que percorresse o verso do pescoço, ou que em olhar de desespero concedesse uma mísera sensação de acolhimento.

Foram assim, os tempos que caminhei no desfiladeiro de um emprego em sua despedida.

†

Aurora

O dia há muito tempo que houvera chegado, lentamente abri os olhos com ligeira sensação de algo por vir.

Ah pois M estava dormindo, será que acordara? Será que precisava de algo... Nossa preciso ver se as roupas secaram.

---

71 *Anadema, anadematis* – Lat. - Enfeite de cabeça.

Prontamente em pé, em segundos, ainda na camisola com a qual dormi, em sete passos, pronto já estava no pé da cama, olhando com a cabeça inclinada e perguntando suavemente – Dormiu bem?

- Ooo-i! Nossa há algum tipo de martelo demolindo as paredes das minhas têmporas, acordei antes de clarear, observei as luzes que iam s'intensificando nos ruídos de avalanches de carros nos cruzamentos, e durante a corredeira de sete quedas, senti friagem que me benzia para este dia de ter que relembrar algo tão desastrado. Perdoe-me porque não sei como desmaiei, não ocorreu isso antes.

Logicamente eu tinha diversas expressões admoestadas pero grunhi algo simples:
- Que porre!

Passei rapidamente para o sopé da cama com intimidade declarada já que normalmente minha filha ficava ali diariamente, e houve um entreolhar indecifrável por uma fração de segundos, talvez eu tivesse um ímpeto indomável que me grunhia nos esôfagos, que eu os afogava como se fosse fome. Prontamente, era por bem eu buscar comprimidos para dor de cabeça, mas ela já se encolhia meio a sentar com pernas em z a remexer suas coisas já pegando um comprimido. Eu notava o jeito que procurava nos seus anzóis e conchas de praia, talvez houvesse alguma folha de poema dobrado e borrado com gotas do vinho, amarrotado das peripécias, queria olhar se via uma parte deste papel pautado, quando logo me dei conta que não poderia deixar que tomasse água velha.

- Espera, vou buscar água. – Que prontamente ela retorquia:– Por quê? Essa água é feita de outra coisa?

Girei sobre os calcanhares, como um passo de balé, esgueirando nos caminhos estipulados para cada coisa certa, o pé direito se erguia, o calcanhar esquerdo rolava e na planta dos pés, flexionava a curvatura enquanto que o pé direito pousava o calcanhar no chão de piso frio alternadamente. Os braços ventavam lentamente, pondo-se um diante do outro como disputa, trotando lentamente uma carruagem bronze guiada por cavalos rosilhos, cortando as cores esbranquiçadas nebulosas que aferventavam a sala, como uma infusão de flores, como pequenas lamparinas acesas no interior de lótus navegando ares púberes matinais, com sua prece, cujo ângulo dos olhos sobrevoou a mesa da sala, pairando no crucifixo acima da linha do olhar, e enquanto o cabelo se ajeitava com um pente invisível de brisa de vento relativo, numa inércia do adentrar à esquerda na cozinha.

Os dedos carinhosamente escolheram com olhares de microscópio a limpidez profunda, que com máximo esmero cuidou de encostar apenas duas digitais, servir água fresca, girar-se lentamente, como que voltando de um oásis, em passos de salvamento, sem deixar que fugisse nenhum vapor que pudesse fazer falta.

Ao encontrar no quarto, segurando o comprimido, arqueou o ombro lentamente para projetar o braço, antebraço e pulso, fazendo um estiramento com o copo de água pura sendo oferecido como as lentes de um largo sorriso contra outro sorriso.[72]

†

Mentis commotionis[73]

|06 junho 2019 23:48 | 11d|

Enquanto as sombras passaram em meu rosto dançando tamborilar suave e notas amendoadas de piano, durante meu concentrar, lentamente levantavam os lençóis nos varais, nas águas quentes que me massageavam eu pensava, que nas águas frias com que lavava, eu lembrava, além das tantas percepções que fazia eu suspeitar a submersão de seus problemas, arredia de seus espinhos, acenava muito ao longe para sua pequena, e qualquer movimento misterioso, eu apenas fotografava, achava por vezes que talvez ela própria tivesse tido desequilíbrios, tive essa sensação quando antes, e posteriormente. Mas naquelas rotundas de teatro, nos bastidores os suores dos atos muitas vezes não se justificavam, a não ser por ganas pessoais. Ao reescutar meus pensamentos, hoje as recordações tomaram meus olhos. Eu sentira que ela me amava de maneira diferenciada por um estranhamento que não pude definir.

Naquele enquanto, em um dia de implantação sistêmica, eu viajava pelas curvas da manhã descendo para o mar de fuligem, para acostar meu barco nos estacionamentos subterrâneos, naquele dia iluminado e feliz às pessoas que não eu, deixando meus filhos com seus olhos grudados nos seus travesseiros, eu houvera passado meus dedos indicador e maior nas sedas de suas mechas, e com um arquear projetado para frente em agachamento eu fiz um beicinho lentamente franzindo cada pequeno sulco dos meus lábios, fazendo deles uma sanfona pressionada para corvejar um estridente *basiŏlum*[74] sugado na testa de cada um dos pequerruchos.

---

72 Em contrapartida, o texto *Affectio* do capítulo *Nulusdum*, refere-se a esta aurora em realidade alternativa.

73 *Mentis Commotionis* – Lat. Inquietações da mente. *Commotio* – Lat. Abalo, estremecimento. Comoção, emoção, agitação da alma. Na forma Genitiva.

74 *Basiŏlum* –i – Lat. – beijinho.

Nos encontramos, C e eu nas posições que ocupávamos na mesa, e ordenadamente, checamos com nosso fornecedor dúvidas do pacote, trocamos conversa frugal, nos pusemos em marcha das instalações, que nem demorou muito tempo, eu refiz duas vezes as conferências do que houvera sido aplicado, e tínhamos uma incumbência questionável, a de verificar estação por estação de usuário se ao abrir o sistema não daria um erro grave. Eram diversos andares com dezenas de estações, e fomos em dupla, lado a lado, tagarelando piadas, ligando estação, usando login genérico, coisa que achávamos inócua, mas enfim, prosseguindo nas estações, logo adiante ele se emaranhou em uma conversa esquisita no celular. Desligou afoito e em profusão de falas nervosas, deixando-me seguir sozinha com as verificações, enquanto ele se contorcia nos ciúmes, ou encenação destes, seja lá o que tenha sido, ele saiu pela porta e dizendo que me ligaria depois, logo vi que ia enfrentar as centenas de estações sozinha e ainda ir em outro prédio em seguida, testar mais duas dúzias. Segui com olhos fixos, e telefonei para minha chefe.

_ Oi, tudo bem? Já implantamos e estou fazendo as verificações, estou acabando o andar principal, faltam os outros dois. – Ouvia as indagações e me punha a responder minimizando a situação, numa crescente irritação no outro lado da ligação. _ Não. Não sei ao certo, ele teve um problema, foi resolver, talvez retorne... Pois é... Eu vou fazendo... Calma... Dá tempo sim. Ficarei até terminar e vou avisando. Falamos mais tarde então.

No final do dia, o colega me liga, em voz de choro _ M! Ela me traiu! Não acredito nisso! – Eu já questionando a demora de retorno, e não parava o desfile de situações de briga entre namorados, decepção, mas durante a conversa que se amainou com as falas. _Olha amigo, se isso revelou para você um lado ruim, talvez seja melhor isso agora, e você certamente ou vai se acertar ou seguir em frente, porque não tem jeito. Pensa com frieza amanhã ou mais dias. Eu falei com F, ela ficou contrariadíssima com seu abandono em dia cheio de trabalho – imediatamente ele respondeu _ Ela me ligou ríspida, completamente diferente dos dias normais que liga para saber de você.

_ Como assim? Ela tem feito perguntas de mim com que frequência?

_ Olha M, na verdade ela se preocupa com você, ela costuma querer saber como está, se parece deprimida, se tem chegado na hora, como estão os problemas do sistema. Várias vezes. Mas normalmente ela quer saber como você está. Eu respondo que está conduzindo bem as coisas, que sempre está aqui antes dos demais. Quer minha opinião? Ela gosta de você, se preocupa. Eu não acho você deprimida, deprimidos nem saem da cama, vivem despencados, com olheiras feito poço, distraídos, toma cuidado com os de lá que podem estar fazendo intriga.

_ Nossa! Liga de manhã, é isso?

_ Às vezes quando você foi ao médico, coisa assim. Pelo que sei, dos amigos de lá do núcleo; ela realmente se importa, porque se ver bem, pelo lado profissional ela costuma cobrar os serviços, e é assim com os demais e com a gente, muito embora tenham outros lá que possam estar num momento delicado, ela não indaga, não se envolve.

Após nos despedirmos, eu já estava terminando as últimas estações no segundo prédio, as luzes da noite permearam minha mente com um ar estranho, de perfume indefinível.

De certa forma, apesar dos maus momentos de trabalho, senti que nesse momento complexo que eu estivera vivendo, eu contava de fato com uma cumplicidade, ou um gesto mais próximo que eu ainda não costumava saber direito o que era, numa situação que se alternou, sofreu inflamações que não respondiam mais sob quais motivações ela agia.

†

Motricium
| 08 de junho 2019 02:17 11e

Um dia, apareceu meu irmão com uma motoneta roxa, de rodas pequeninas, seu motor parecia um zumbido.

O seu riso era matreiro, todos se abancaram na sarjeta para o ver sair e voltar, com a cabeleira flutuando, com riso debochado.

Emprestou-me a dar uma volta, eu reinava as pedaladas da bicicleta sempre emprestada, pedalei a dar ronco do motor, um tranco para cair do cavalete, parecia dominar um alazão, nas sendas das chácaras em arvoredo, em suas sombras pisei, nas ruas empedradas de terra, trilhei, deitei cabelos nos ventos, vaguei nas ruas, nas avenidas já longe, um Pégasus que flutuava, um gosto tingido de sorvete, o libertar das correntes, angústia esquecida, lá longe ela enguiçou. Nada que eu não soubesse que poderia ser, nas vãs tentativas nada pude resolver, nada além de empurrar suando o sol de vento. E chegando em casa, meu irmão bravo, disse que não ia mais deixar, mas dia seguinte estávamos todos sentados nos meios fios da calçada, e rodando as rodas da sorte.

†

Desertum

|07 junho 2019 | 16:55 | áudio 11 de 01 de dezembro 2018 até 35´, audição corrida e expressão visceral, com lapidação posterior. | 11E |


Entre os gongos e timbales que ressoaram nos meus anversos, um ferimento foi mortal, uma ferida que jamais se cicatrizou, ou essas sombras dos sons, das vozes ocultas do eu mais temível dela, sua cariz mais carrancuda que impôs argumento de obsessão, esse ferimento que gangrena com o tempo mais aterrador, o tempo vazio do que não pode ser, que se aninha em meus devaneios, nasce e renasce nas eclosões de seres. Em inaudível voz que geme os dezoito anos que me faz refém do massacre, do confrangimento, um olhar que me olha com ressalva, uma luz lancinante de dor, um aceno da morte, uma asfixia. Então eu recolho minha face em meus vincos de braços cruzados nalguma mesa, um olhar microscópico de minha tez, em rente ângulo que tangencia os cimos das dunas, de um deserto quase sem fim, com vales arranhados encarquilhado amarfanhar, onde a cáfila dissolve-se em apagados rastros.

Não ter oportunidade de me salvar, como relações áridas, e o amor que evaporado, desidratado em quase um último suspiro, onde já não sei o olhar verdejante de meu esposo.

Eu sinto que com ela o amor foi profundo, com a emanação perfilada no horizonte das miragens da irradiação do mar de fogo invisível que era meu casamento, são imagens borradas desfeitas no horizonte nas fronteiras distantes de meu coração, como um passado que também se rastejou nos solos rochosos nos confins do calor exausto.

Eu jamais me senti menos mulher, nunca. Mas que a vida não me malogra a escolha, se esse dia chegasse para abraçar o fogo infernal e invernal, ou as cinzas do fogo oculto no tição; o que seria, como eu faria? As naturezas da amizade, que se pássaro libero, em que céus voariam? Não sei, eu mal consigo lidar comigo mesma.

Eu sinto que ela está presa na minha literatura, os poemas, eu sinto a emanação que essas palavras da 'imprensa de palavras' são uma válvula de escape de uma caldeira, e a leitura por um instante faz um arvorar de horizonte, um prazer estanque que deve se contrapor com suas culpas internas, suas armaduras perfurantes que em si fazem suas torturas.

E entre os grandes espaços de distâncias continentais desérticas, de repente aquilo que ela aprecia como um refrescante gole de água no sol escaldante, pode ser um respiro profundo por conta da culpa, pela incompreensão, saber que não

participa da vida, e por ter aquela contemplação profunda do crepúsculo, da aurora, e não conseguir dar absolutamente nada, e sente essa pobreza.

Apenas pode ser um olhar efêmero de ler uma poesia, mas aí é que está. Está. Essa sensação de leitura como algo tomado para si mesma, dá um toque imaterial que consegue voar ante todas as barreiras existentes, como uma migração de pássaros em rotas que amainam a realidade abrupta da morte e vida.

O amor se materializa quando dá errado, e se materializa em vida quando ele dá certo.

Mas gerar seres, não é bem materialização do amor, é apenas reprodução, as faces da natureza humana.

O Amor mesmo, sua materialidade é a sua própria dor. Aquilo se materializa, estranho, mas é. Dá um câncer. Um aperto tamanho no peito que dá um caroço. Talvez quem manifesta, materialize menos... Não sei, talvez por isto eu esteja escapando, não sei se posso estar escapando assim, com o que esse sentir me fez voar e cair do alto todas as rasantes.

Não posso minimizar as dores que ela sente. Ela pode sentir uma dor muito grande – suponho - A dor de querer ter tido uma filha como eu era, e que não seria, teve a sua própria; ela não conseguiria aceitar um elo assim, que não tivesse sido de seu próprio ventre.

Os preços que são cobrados e serão, por referências de carma, e que essas marés voltarão nas ressacas que afundarão as estruturas, entre nuances bizarras e dias em lumiar brando, eu já senti ânsias de nascer dela, pelos acontecimentos anteriores dessa vida, que eu nem aceitava essa minha família, e eu preciso saber aceitar um fato irrevogável.

Meus braços serão asas que se estenderão sobre os ombros dessa família, como um proteger do fustigar, como uma sombra das diferenças, e não posso ignorar como eles me trataram que me fez sentir depenada, entretanto terei que seguir parte deste todo.

E... Com a minha amiga, eu queria tudo, eu queria tudo, queria viver um momento, eu queria viver uma amizade, eu queria viver um encontro, eu queria viver o amor, eu queria viver tudo! Eu queria mais do que sonhos, muito mais. Eu queria muito saber tudo que ela pensou, tudo que ela achou, eu queria saber tudo que ela achou do que estive escrevendo, meus Deus é uma coisa louca, que eu me desenvolva no meio disso.

Meu olhar num momento ferino, meu olhar no momento faminto, meu olhar no momento de cria, meu olhar mais águia na profundidade dos desertos e oceanos, entre todas as lentes oculares dos olhos da rapina, tem as inúmeras imagens do amor sentido nas vidas anteriores, na imensidão do amor da alma, não posso fisgar e deglutir um verme como obsessão. Não é. Não quero viver uma outra ótica, no futuro ainda mais dramática, por isso sempre me desesperei em amenizar no tempo presente.

Os tantos sentidos dos ciclos que não se fecham; seria mais simples num dizer assim: aqui se faz aqui se paga, ou dizer que a morte finda a vida.

Como que se explica o amor, porque meus filhos não entendem as dores e os sacrifícios inerentes. Meus filhos não me abraçam nesse total, eles amam as lasanhas que asso, as alegrias contagiantes de nosso divertimento, mas não conseguem me abraçar com essas dores, fracassos, com essas marcas fustigadas desse sentimento incompreensível em outra pessoa.

O volver dos meus olhos e de minhas mãos, as escritas sem paga, o amor incoerente entre mim e H, e uma matemática não aplicada...

†

Omnia

| 07 junho 2019 23:30 | 11E | Sobre o querer tudo e todo.

Eu vivi, vivi aquilo que eu sentia em cegueira ou em visão, na noite, na manhã, mas nada era senão um grande buraco, um dente-de-leão desfolhado[75], pétalas ao cair da tarde, enquanto próxima eu estive num sonho bom, sonhos não respondem à nossa voz, e os doces são sem sabor. Um despertar numa paisagem fugaz, nas montanhas que eu já não conhecia, eu olhava longe, tão longe que percebi. Ela estava tão em mim que eu sentia, todas suas lacunas, seus poros ocos, os espaços entre os cílios, o céu vazio na boca, um silêncio das características maquiadas, seu andar parado, seu sono desperto, uma espécie de busca de qualquer coisa ou lugar que fizesse fugir o ecoar do eco, mas eu sentia, um calor apagado, um rosto desbotado, cair da tarde fria, uma inércia da pasmaceira, uma calma aparente, uma felicidade comprada, mais acima dos meus voos, num dado momento no andar do cimento pisado, num ar já apagado, numa cena de cinema eu caí nos meus encalços, não no rastro, que eu não era carraça.

---

75 Trata-se de um tentáculo com o texto do capítulo Nullusdum – Lumina auream - *De clausura luminaria auream* que descreve esse desfolhar, elemento real, usado como estímulo e imagem poética.

Senti o deslizar completo, senti todas as fronteiras, senti o antídoto do nada, senti o veneno do tudo. Ela era. Nada seria o suficiente para tamanho sentimento, nenhuma voz seria, nenhum toque seria, nenhum choque seria, nenhuma vida seria.

Eu vi o todo, faltava-me o lado do amor, não este amor que sentia, mas o amor que fosse sentido na pele, presente, passado, futuro. Era ela.

Eu precisava me dizer, olhando meus olhos no espelho, o pensamento em vertente da boca, cada som emitido, desse todo, esse tudo que fazia meu sentido de viver.

†

Circumscriptĭo [76]

|07 junho 2019 23:33 | Áudio de 01 de dezembro 2018, de 35:35 ao final – em escrito de audição continua | 11E `

Um certo alento de sentir as folhas de papel liso impressas de meu livro, olhava para aquela materialização que me foi concedida, como um beijo da vida no seio do coração, um alento que me faz saber que de alguma forma o amor ali viverá. Há uma exultação nesses momentos de dezembro último como um elemento que me define essa escrita, ela passa a existir, para que de alguma forma não confundam com o espanar do pó corriqueiro da casa. Com tudo que está acontecendo, é um livro para a mão, é algo melhor do que arma, e todas as armas é que precisam ser destruídas, banidas da humanidade por inteligência. A espiritualidade existirá como conjunto quando a humanidade as erradicar, as violências e as guerras.

Se o amor é um caminho, ele tem que estar para as pessoas estranhas. Essa dedicação de escrita é para isso, pois minha amiga me ignora, essa pessoa que eu amo; faz questão de transparecer isso, mesmo que não seja verdade. Ainda que suas sombras nas sombras não exibam as letras lidas, ou que os sons se façam ouvir apenas no coração dos seus lábios, ainda quando na noite escura se fantasie de outras capas as palavras que por mim foram talhadas, sem que nem mesmo seus olhos duvidem, e que nenhuma palavra possa sair da caverna à luz do dia.

---

76 *Circumscriptĭo circunscriptionis* – Lat. – Círculo traçado em volta, circuito, contorno. – Significa o escrito (livro) fechado em suas próprias abas e capas, fechado em si mesmo.

Eu não poderei vender sonhos ficcionais para meras cortinas de sonhos banais, nas minhas conversas, só poderei dialogar com o pensamento, como personagem mais importante, cujos trejeitos de dilema, pode ser como eu, um contraste de sentimentos, de amores obtusos que refratam, e seu espectro irisa um rosto alumiado na noite escura de um ser amado, versando idílio apaixonadamente.

Quando o inverno se brutaliza, nestas camuflagens da montanha, ainda sei que um murmúrio ferido de sua calma por pequenas luzes vigilantes, os nervos óticos que se condenam numa fumaça de espanto de ar frígido das horas mudas - assim eu desejo - que as meias esferas que englobam a esfera na esfera de brilho que se olhem de frente nos espelhos de suas luzes, e assim eu lhe diga algo para o ouvido.

Sentir tudo que acontece nos arredores da nossa alma, no calor mútuo dos frios passados. Com a estranheza de cogitar já ter sentido isso junto um dia, nas inatividades dos nossos braços, quando nos sentamos próximas, que sem ter se dito nada, num universo estranho vivenciou algo maravilhoso. É possível que jamais me diga os escritos de seu carnaz. Nenhum pergaminho me chegará, nem serão corrigidas as inverdades sobre mim que provavelmente usou para se proteger, daquilo que para mim era amizade, e era. É possível e provável que não fale comigo mais, que fará meus dias vagarem até os pântanos.

A poesia vai ficar. E a poesia vai estar com ela como as mãos minhas que se estenderam em seu rosto sem jamais tocá-lo. Eu escrevi também para isso. Transpor os abismos de outro mundo, e talvez esse tenha sido meu grande passo.

Adormeço entre os cetins lisos dos toques vazios, de uma sensação ínfima tátil que se adensa com as luzes apagadas da oportunidade. Nas pinturas rupestres ficará a dúvida, dos tantos anos que meu aniversário foi calado, por uma breve exceção de um dia em que na última hora demonstrou saber que essa data sempre existiu.

Da minha força eu domo a depressão, não permito que me controle, mas não sei fazer isso o tempo todo, nos pesadelos eu temo falhar.

Estou vivendo a noite, no respiro profundo do meu direito de amar, os devaneios vivos que nunca deixaram a pele esfriar.

†

10 LIBRO

†

Iris Sibirica[77]

|08 junho de 2019 16:03 |10a

De todas as vezes que fui ao Rio, essa foi uma doce ilusão, com mão aquecida aristocrática, um piano de caldas negro, com vidro de verniz, cadeira de balanço com treliçado de palha. Um perfume batizado de Íris.

Um jeito organizado completamente perfeito e uma mesa que parecia enfeitada para festa. Minha avó era simpática anfitriã, que sorrateira enchia tacinhas de vinho do porto, nas escondidas me dava uma, que tirava suas mãos alongadas com lindas manchinhas em branco e preto, esticava-me os dedos, anelados em enlace da taça com mindinho arqueado, com elegância levava ao meu lábio, se arcando ligeiramente para se aproximar, entornando lentamente-rápido para o segredo entre nós, e sem deixar o cristal em meus atabalhoados dedos, inclinava até o último gotejar.[78]

Sorria afavelmente como travessura *imedida*, sem que Seu Arnaldo desconfiasse, depois tomava lentamente o seu vinho, que caíra de uma linda garrafa lapidada em cristal, se gabando da origem da iguaria. Então meus olhos faiscavam como vaga-lume, em dias acalorados, que as carapuças enevoadas proibiam praias, nada fazia mais diferença que as 'especialidades' de Dona Iris. Eu ia reparando, em distintos objetos, disparando perguntas que ela logo se cansava de responder.

Pois então, aquele dia, irrompeu com sua risadinha em tons guturais de 'u', em abraço com batente da porta, para mamãe e eu, teceu bordados de convite em cambraia de linho. Íamos à Colombo, então eu já fui logo para o banho, minhas roupas formais de quase nunca, sapatos das bolhas, e desembaraçar de cabelos.

Nós três, como cobra, jacaré e elefante, as moças iam de passo sincronizado, abrindo passos em ângulos abertos em alternado sapateado, de braços dados, pisando as sinuosas pedras pretas e brancas.

Depois de regatear em lojas do centro, passar numa igreja para ajoelhar e embeber os dedos esquerdos de água benta, claro que minha avó não perderia esse

---

77 *Iris Sibirica* – Flor Íris. – Alusão à avó materna.

78 Significado:– são as formas de afeto que eram uma infusão de cura para minha infância.

frescor de serenidade, a logo tecer as perguntas, sabendo quando eu faria minha comunhão.

À certa rua, aos certos passos, à certa porta com vitrines envidraçadas, dentro um artístico mobiliário de madeira envernizada, com lindos ornamentos, luminárias antigas, com um bojo de vidro em tons rosados, mesas elegantes, cadeiras de espaldares com acabamento semitorneado, em verniz café – a esta altura, é provável que a recordação embrumada do tempo, me renegue a verdade dos fatos – uma toalha fina de mesa, onde nos cercamos sentadas, com um *maître* com um alvíssimo guardanapo estirado no braço esquerdo, em traje pomposo, nos fazendo vênia e reverência à minha vó, que devia ser assídua, portanto, em simpático sorriso de cordialidade alva, ajeitou detalhes chiques na mesa, e minha vó se dirigiu em voz suave para mim, como veludo - o que você deseja comer com o chá, minha menina?

- Aqui tem bomba de chocolate?

Logo minha mãe intervinha, que lá havia tantas gostosuras, por que eu haveria de querer um doce que costumava comer em Atibaia?

Eu logo afirmava com poder de certeza.

- Bomba de chocolate.

Entre muitos sorrisos circunscritos em arquear hiperbólico do olhar, o *maître*, vovó e mamãe, se entressorriam.

Quieta, mas revirando os olhos para todas as direções, o piso em um diferente ladrilho, com desenhos que me lembravam tapete persa, um piso superior envolto por uma balaustrada de gradil embarrigado, trançando desenhos, e lá havia mesas de degustação, enquanto eu notava o passar acelerado e perfeito, um esguiar elástico de gato dos garçons empunhando bandejas erguidas, em equilíbrio das pontas dos dedos.

À lateral havia um balcão amadeirado, que acima subiam as fogueiras de espelhos cristais, com nichos de onde saiam chuveiros de luminárias, que reluziam um enevoado ar de mágica. Acima, em meio àquela fenda ovalada do segundo piso, se via uma cúpula de cristal, com desenhos envidraçados azuis, verdes, amarelos, translúcidos, com ornamentos que pareciam coroas douradas; que eu poderia suspeitar serem do jardim mágico de Deus.

- Você não vai querer o sorvete?

- Depois da bomba de chocolate, sim! – de limão.

Apesar de meu ar decidido, na verdade me ardiam curiosidades de outras coisas que eu espichava o olhar a uma vitrine de doces, confeitos, um vitral colorido de gelatinas que deviam ter vinho do porto escondido – pensava fazendo um meio fechar de olhos direito e entortar da boca, com ar arguto de quem acha que desvendou o caso, com pequeno estralinho de canto de mandíbula e assentir da cabeça.

A xícara, um poema à parte, que possuía fitas de ouro, nos locais que íamos beijá-la. Eu notava a fumaça saindo, do bule numa dança que nos reunia em especial momento de uma atenção exclusiva, coisa que eu nunca experimentara, como a visão do ápice da torre do sino, como as visões proibidas campanárias que ninguém mais visse.

E enfim, com passos de aceno, curvar suspendendo o prato no ar, em um meio giro, ele se assentava na mesa sem fazer nenhum ruído, com a bomba que era bem encorpada, com diversos chocolates que derretidos em avalanche a encobriam.

E por fim, com meu jeito de menina, usei o talher, a cortar com delicadeza ensinada em gestos marionetes de mãe, a comer enchendo as bochechas de um inundar de gostos aprazíveis.

Nunca esqueci, mas nunca pude voltar.

†

Audientĭa[79]

|08 junho 2019 19:27 e 9 junho 2019 00:16 | 10a

Sentei nesse dia, diante da mesa de meu quarto, algo mais do que íntimo, um som que liguei, e a música silenciou, aos poucos me dei conta de qual data era, de que ensejo era, de que sensação era.

E toda aquela mistura entre o êxito e o fracasso, e a solidão nua em carne viva, me recordei muito bem daquele dia e sua véspera – o lançamento de meu livro Vipassana na livraria Martins Fontes[80].

Eu me recolhi em casa, para um preparo, peguei meu livro nas mãos, transpirei receios, de que nada haveria lá e eu sem livro olharia atônita, meus ossos dos

---

79 *Audientĭa* –ae – Lat. silêncio para ouvir, atenção ao que se quer ouvir, audiência, audição. – em todos os sentidos e audição.

80 Em 22 de Novembro de 2018. Avenida Paulista em São Paulo.

dedos cairiam de nervosos para assinar; tomei meu lugar na poltrona, sem recostar, reli uma pequena encadernação de poemas, honrados para um diplomado momento de nascimento de escritora, textos de minha derme de coração, suavemente o segurei para com aba erguida de pasta transparente que fecha com um caracol de cordonê, que aninhava os vinte marcadores de página de miniatura das ilustrações réplicas feitos à mão durante quase dois meses na sofrida gestação da edição deste livro. Cada desenho um colapso de sangramento de sentimento, uma doce tortura de prazer de vencer a dor da minha *pintura-fobia*.

Eu hoje, lembrei coisas tão singelas, para momentos que me revestem ao acaso, da continuidade da vida, suas estações, seu girar inebriante, que fascina e me desespera no despertar contínuo em nudez robusta de liberdade.

Dentre as palavras quis dar cadência de continuidade, e rodei o áudio de minha voz num timbre sonado de orgulho próprio de uma plateia repleta de ausentes, numa emoção mergulhada num mar límpido de meu sincero relato, e uma sensação forte me acometeu o rosto que recobri com minhas duas mãos, os olhos que precisei cerrar, nas penumbras de minhas lágrimas, ladeada de minha cama de elucubração e amores - um tremulado ao vento, o outro torturado em confinamento, tremuladas pelo vulto que com olhar preocupado vagou na porta silenciada.

Enxergava-me na cafeteria na Martins Fontes em ansiedade de espuma expressa, me via no carro antes contendo as pérolas do sol me amornando na palma da mão, ventando uma música que houvera sido lançada naquele dia, um novo disco de Mumford & Sons, afortunadamente navegando na ida para SP, enquanto avisava meus 'amigos da literatura' que estava indo ao meu lançamento.

Eu senti nesse aqui e agora, os acordes de *'42'*, incomum vibrar dos tímpanos que se propaga pelas trompas e chega em contração na garganta, chicoteia arrepios na vertebral C5 os acordes de notas de angústia, da expectativa que me possibilitava o pânico e a esperança.

Após subir escadas rolantes e me dar num átrio com várias entradas para livraria, perambular entre canteiros, extasiada no colorido de lombadas e capas estupendas de livros, com um sabor amendoado de amora nas mãos que riscaram as plumas de palavras então impressas.

Mas afinal eu estava feliz, quando ao me apresentar, me dispuseram uma mesa reservada, uma pilha de livros Vipassana na vista do caixa, eu com meu estojo de aquarela em tabletes, óculos, a caneta inox Cross e Lamy prateada com corpo transparente, envelopadas em estojo espiral plenas de líquido tinteiro *mocha* e *sunset*.

Num dado momento, estávamos juntos – os que estiveram por mim. Meus filhos, esposo, genro, nora, sogra, irmã do meu esposo em casal, e uma irmã e sua amiga em única representação de meu berço, que chegaram naquele instantinho, logo em seguida a minha psicóloga também escritora. Amigas de minha filha e uma amiga dos tempos do banco em São Paulo.

Solene agradeci e li então alguns poemas iniciais. Houve um som aclamado que me estampou adrenalina, e então foi o primeiro livro a desenhar pequena flor de aquarela, e a frase de autógrafo.

Com mãos muito trêmulas, em garrancho entreguei para minha sogra, que na sua elegância acolheu meu livro, aos seus mais de oitenta anos.

Estive lá entre a felicidade mais importante da vida, mas sem as mãos e abraços de tantos queridos, que nisso eu havia por dias sentido, para esse estranho hiato, do orgulho que não existiu, minha voz inflou bonecos alegres num segundo rol de poesias que deixou olhos atentos, que então satisfiz a existência destes versos para selar para sempre com essa melodia em mim.

Falei com uma desconhecida, que adorou, mas não podia comprar o livro e ao final eu perguntei sobre os livros que estavam na livraria, e me disseram: Serão devolvidos à editora, e este foi mais um dos ferimentos dos percursos à beira de abismo que trilho, cada escritor em uma milha diferente dessa costa escarpada.

Minha amiga... Eu não me permiti lançar olhares em sua busca, eu sabia, a consequência da exposição ao gelo era um invisível percorrer de trincas pelos ossos das minhas ausências *inanestesiáveis*.

Fomos a uma pizzaria, felizes com meus filhos e cunhados. Minha cunhada me perguntou – “Mara, porque seus irmãos não vi-e-ram? Nooossa!”, sorri triste, e não sei de qual interjeição me usei, qual escudo de frase básica me defendeu, não sei que lentes de óculos foram cortinas. Fato. Esteve em meu nascimento escritora apenas uma, aquela que das artes sabe o seu preço.

E lentamente, que em abraço de peito, a cada um, lá, naquele marco de tempo, eu agradeci ternamente.

†

Accipere librum in manibus meis [81]

| 23 novembro de 2018 | Evento de lançamento do livro, áudio fidedigno A10 transcrito até 11´27”. | 10c ✇

Vinte e três de novembro de 2018. Amor dez. Eu acho que é dez. Seja lá o que for, eu vim aqui no meu intervalo de atividades domésticas para falar da maneira mais poética que consigo disso. Um intervalo para brindar com uma bebida que guardei aqui nesse meu momento, de êxito e ao mesmo tempo de desamor, de alegria e de tristeza, de começo e fim. De um lado e de outro, eu posso dizer que eu já havia escrito isso, que essencialmente eu era sentimento; engraçado que os sentimentos, a maior parte da minha vida, foram sentimentos tão bons e geravam uma coisa maravilhosa e ao mesmo tempo dor. Eu, obviamente, esse é o momento pós lançamento do livro, muitas coisas acontecem, as coisas que no fundo eu sempre soube, eu sempre soube. E é terrível constatar...certas coisas; mas eu fico pensando que, apesar de tudo eu estou com esse livro. Eu vou até pegar ele na mão! Esse livro, nas circunstâncias atuais então, é uma vitória! - de uma pessoa que está na condição material em que eu me encontro, na condição pessoal que eu me encontro, na posição... no lugar em que está meu coração. É uma vitória! Eu não senti derrota não. Eu senti, claro, eu senti um pouco a verdade, de quem está ali e quem não ‘tá ali. São verdades. São verdades. Mesmo que algumas pessoas quisessem estar ali, como algumas pessoas não conseguissem vencer suas travas.

Mas eu vim falar de amor. Eu vim falar porque eu sabia, ia ser um não bem forte da minha amiga, da minha outra mãe, da pessoa que eu amo e admiro, e eu sabia que ela ia dizer esse não e que ia ser forte, esse ‘não’ ia doer e machucar, junto a outros nãos recebidos ali. Não aqueles que não puderam escolher, mas aqueles que escolheram não estar ali.

Eu sabia dos preços pessoais deste livro, eu sabia, e ainda esses preços pessoais ainda acontecerão. Eles vão triturar amores. No caso dela é muito difícil saber, eu creio que é uma mistura de sentimentos, por um lado se concretiza firmemente o dizer desse sentimento, por outro lado o dizer da outra vida, por outro lado, existe uma palavra para expressar isso que eu não ‘tou, ‘tou tentando aqui pensar nessa palavra, que ela deve ‘tar sentindo, digamos, como um insulto, mas não como um insulto propriamente, mas pelo fato de eu ter a ousadia de colocar tudo isso publicamente. E ela se sente um pouco exposta, apesar de não ter seu nome ali, é uma história exposta, é uma fratura exposta; sempre foi! Sempre foi, não mudou. Não adianta, a gente se recolhe nos caramujos da vida mas, é o que

---

81 Accipere librum in manibus meis – Ter um livro em minhas mãos, ‘pegar meu livro’ na mão.

é! Então, o não da minha amiga de ela não vir é muito difícil de interpretar como as situações porque eu não sei, de verdade. Mas eu sei que quem quer realmente estar e se doar – a pessoa está. Faz imensos sacrifícios, eu já fiz isso por muitas pessoas, por ela então...gigantescos. Um percorrer de nuvem das dunas de deserto, de caminhas difíceis, sozinha. E eu acho que ela queria dizer esse não para mim e destruir o meu sentimento, que não endossasse esse sentimento, de existência de outra vida, que não reconhecesse esse elo. Havia muitas coisas ali. Ela não precisava fazer isso porque a presença não diria isso; a presença diria pelo menos a leitora que ela poderia ter sido, o respeito humano, o respeito até pela amizade que houve, ou o respeito pela escrita, poderia significar muitas coisas e eu não poderia interpretar como um aceno de que estou recebendo abertamente o amor mais poderoso; mesmo que ainda fosse, teria que existir outras situações para que se dissesse algo assim. Uma coisa muito particular. Não existe. Eu não tinha essa expectativa. Eu não tinha expectativa da presença, eu sabia mas, eu desejava que se quebrasse um ciclo de nãos. É uma coisa... que possibilitasse uma coisa melhor. Mas ela quer dizer esse não, pra que quebrasse o meu amor. É um desejo muito ruim, querer quebrar. É uma voz poderosa da rejeição, mas eu não recebo, essa voz veio todos esses anos, em inúmeras atitudes, ela já teve tantas vezes fazendo isso. Não tem o poder de quebrar o que eu sinto, nunca teve. Não vai ter. Eu até queria, eu falei assim – Ela não vai estar lá e eu acordarei no outro dia puta da vida, porque minha amiga que mais poderia dar contribuição literária e erudita na minha vida, se recusa à amizade – nesse âmbito! Mas não, já sabia tam'ém, tantas vezes que me fechou a porta de diversas formas, com silêncio, com negativas, de todas as maneiras. De todas as maneiras não encerra, porque é muito diferente amor, um amor plano de um amor que não é plano; um amor que tem raiz muito maior do que o tempo, é muito complicado dizer tudo que influi em termos de existências. É muito complicado mesmo.

Mas o que esse momento eu fico triste, não com o que eu não consegui, porque eu fui feliz ali naquele momento com as pessoas que estavam ali porque eu quis isso, e eu me entreguei de coração para eu ser feliz naquele momento que era... meu! Eu aproveitei cada segundo. Claro que tudo que não é possível sempre machuca.

†

X

|10 junho 2019 2:22 | músicas: La Balbianello Dosso d´aveto Mix)- Finland & Aaskoven, Hot winds – Ganga e Hot Winds – indian version - Ganga, Dawn - HOFF, It is too late – Thomas Lemmer, Storms- Nick Box, In Between - Schiller , Madan remixed by Gekko – Salif Keita. | Nunc momentum| 10B

Exatamente, tão momento x na madrugada, como dedilhados múltiplos, filamentos dolorosos me despertam, como olhos pairados num enxame de lassidão e torpor. Uma espécie de água morna a quente que lambe a memória açoitada no estirar profundo do vento. Seu ulular sorriso me convida à dança que não posso dar um primeiro passo. Imóvel fico aquiescida com a música que me enlaça, com ânsias que me fisgam, ainda imóvel, cogito. Ainda imóvel me repassam momentos do domingo, que inverossímil docemente me toca com duas mãos quentes uma face fria, que a pele do rosto ressente esse déjà vu incessante.

Estiro-me lentamente, movimentos estudados, vencendo quase perdidamente a imobilidade dos minutos *pairantes*, para em longo desenrolar de me pôr em pé, com invisíveis cabos de uma marionete, com passos quebrados no compasso do coração, uma lágrima evaporada nos *cantilhos* do peitoril da pálpebra inferior, como asas irrequietas de gaivotas que corvejam um mar aleitado de lua morta, nesse vale seco no fronte além das fronteiras das paredes do quarto, com a atmosfera guardada de uma luz bronze irreproduzível na pintura, nesse dedilhar ágil mas errado de um violão de teclas do notebook.

Dirijo-me em arrasto pesado e lento, um pé ante outro, no que precede às duas e vinte e dois, decidida a saber qual música ecoa meu desenhar de mãos sobre um corpo vermelho, glorificando o sol insone. Entregando as raízes germinadas de ventos ocos de dentro da palma de suas mãos, em uma boca oculta nas sombras fortes dos negros contrastes de brilhos.[82]

Aqueço um chá em qualquer caneca de gatinho, como um iogurte e nacos de queijo, solto um engasgo de gemido de um fantasma que pendeu como flâmula do varal no desejo do vento noturno, num acolher um tanto incompreensível, como todo olhar de anjo, todos as contrações musculares agitadas rápidas dos músculos impotentes durante aquela música de aguardente, para suportar o céu interrompido nos afazeres gelados da torneira.

Em espirais de cachos de cabelos, como uma crina que cobre um manto na escápula ardente de meu clamor de amor, pelo amor de pimenta fervente de língua convulsa, que pulsa, que navega os movimentos marulhos dos pés que a chapinham.

---

82 Texto se utiliza da helicoidal estratificação, neste caso, no fraseamento, dentro dos parágrafos, perfazendo junto e estilhaçado os sentidos: o meu agora na madrugada, o dia de domingo, a pintura Gratitud al mar – F, cujas partes da montanha, céu e base do areal haviam sido pintados, em 10 junho 2019 - as camadas cinzeladas e o corpo vermelho, o texto menciona o corpo vermelho, antes de ele ter sido pintado, ainda era um esboço com tinta faltante na madrugada.

Entre as ações do almoço, da música forte e alta, desarvorada, entre um milimétrico picar das coisas, o arder da chama, e meus movimentos valsados na minha escuridão de uma cortina interna em camisola transparente, com a nudez colada nas areias molhadas.

Nesta madrugada, mastigava ainda assonada, pedaço de queijo, goles de chá quente, o calor que acentuava os fogos guardados na linha da mão, meus olhos de pupilas que engoliram todo negrume num espelhamento de vultos na vidraça criando um universo paralelo, ainda não decifrando o rugir do quente vento, nas fisgadas reais dos acúmulos areais em meu viver solidão no interior da família que sorri as falas que se sobrepõem, as interjeições dos olhos que rebatem a pintura que recentemente envernizei, mas que não se sublimam os encantos dos sentidos e sentimentos que todas elas incendiaram as minhas mãos.

Eu me anestesiei (d)os lábios silentes, acobertada de um manto, que quando revirei para me recolher, como um gesto de capa puxada contra o peito do coração, revirantes olhos dos brilhos acetinados, uma luz azulada nevava nas folhas esquerdas do pinheiro e ameixeira, era tão real a enevoada orvalhada das luzes âmbares, que o sobrado retorcido me realizou a pintura que prateara as folhagens[83].

Sentei-me na cama, preparada para acomodar em outra posição de imobilidade, no diluir lento do sentimento de estender das minhas mãos que entrelaçavam as mãos espalmadas ao ar, em grande calor, como um juntar de passos, que juntos fizessem as águas pisadas subirem aos cantos lisos no inferior da maxila, que os dedos não fossem frouxos nem apertassem as cartilagens. Numa espécie de cavalgar de exultação deitasse correr como raios que eletrificam os brilhos com cabelos de anjo de fogo.

Chegassem a um lugar indescritível, um *deck* de madeira de lei, onde se senta em meditar entre lençóis desfraldados que não um varal, mas um cortinado de penumbras de frescor, entre maciez dos carinhos de pequenos pulsares nos jardins que acachoeiram em pontas de dedos, que são levados como pequenos riachos em filetes de sorriso do sol, em um momento impreciso de infinidade. Que se perdem em braços, tez, temperatura e saciedade de sumo de fruta que umedece as paredes do céu com gostos que as cores alizarinas escorrem como um melado tênue.

Em *slowmotion* cada fita de fio de cabelo se liberta em solto movimento ao sabor do vento, antes que seja tarde, antes que a vida contorne as esquinas do mar sem fim, num veleiro de panos, como catamarã em deriva do amor pleno vivido

83 Pintura da Pedra Grande noturna, recentemente pintada para o Sussurrar.

em carne e osso, nos espelhos d'água entre os visgos emanados dessa paixão sentida entre si.

Às três e tanto, na cama da madrugada, no calor abaixo das cobertas, entre as percepções táteis dos dedos, era como o deglutir em seco, mas sim, uma sensação física existente, que as dores naufragadas por um devaneio verdadeiro, uma passagem biográfica ou a duvidosa curva da imaginação, o corpo vermelho em meus braços, de exaustivo amor, adormeceu em profunda beleza lunar.

Nas músicas que ficaram nos sabores entre meu recostar de travesseiro de pescoço com pensamento navegando saudade, desejo, nas correntes quentes equatoriais formadoras de grandes massas de condensação de coração de verão de inverno.

†

Dignitatis

|09 junho 2019

A presença de leitores em lançamento não é apenas prestígio, é dignidade.

†

Indelebĭlis[84]

|23 novembro 2018. Continuação Amor 10 do 11º, até 18º minuto. 10e.



Isso é assim, eu sei, já sabia. Eu já sabia. E eu vi tudo no meu baralho, eu já sabia, o que seria – tal – esse lançamento, eu já sabia. Ele ainda será - esse livro - a existência dele é... Eu tenho uma visibilidade restrita, até um certo ponto, ele ainda vai fazer coisas. É um processo de assimilação lenta, até mesmo para ela, mesmo que não leia. A existência do livro, ela tem uma existência forte, ela emana coisas, ela emana muitas coisas e essas energias que não são definidas, elas acontecem, quer queira quer não. A minha própria intuição ela é válida.

84 *Indelebĭlis* – lat. indelével – que não se pode apagar ou destruir.

(Eu tenho que descer que está começando uma chuva e minha roupa está no varal).

Não destrói nem nunca vai destruir o amor que eu tenho.

E é engraçado que eu percebo que não destrói também as minhas relações com H. Porque eu tenho um sentimento muito próprio com ele, uma ligação profunda também. Mesmo que sofra avarias e coisas nessa vida, eu percebo que mantém.

Eu percebo que apesar de tudo o sentimento filial, ele fica. Ainda mais que ele é um foco de tudo que não pode ser. Foi negado. Foi negado embora de repente nem fosse a intenção, mas foi. Ele não teve ocorrência em tempo suficiente. E não porque não dá para comparar com a convivência que eu tive com a minha mãe biológica, minha mãe M. Ela foi uma grande mãe sim. Inegavelmente, mesmo eu sendo décima segunda. E aí eu digo que (in)depende, independe mesmo, não tem dependência, a minha vida vai transcorrer.

(E realmente estão caindo uns pingos de chuva, e agora eu estou enrolada aqui, como é que eu vou fazer com a roupa).

A minha mãe, outra mãe, ela me negou, coisa que ela não podia na outra vida. Ela, teve um instante que ela agiu instintivamente que possibilitou uma coisa importante, mas depois ela agiu – e eu sabia que isso ia acontecer – ela agiu daquela forma (respiração exasperada) e reafirmou isso, e isso foi muito ruim. Não tem como. Eu não posso consertar isso. Eu não posso consertar. Eu tentei de todas as maneiras, meu Deus do céu! Fazer com que a amizade fosse possível. Reconhecer tudo, reconhecer o que eu sentia em relação à outra mãe, o amor que era uma coisa, sempre foi, muito pura. E reconhecer o amor no âmbito mais profundo que eu era isso. Que eu pressinto e acho que teve raízes mais antigas que mesmo assim eu acatei. Não destrói; quantos nãos eu já ouvi, não consegue. Não destrói. Não apaga. Não vai apagar, só 'tá agravando, porque dói. E cada oportunidade negada dói; cada situação assim nas circunstâncias em que são, dói. Machuca e não dá para voltar para trás. São decisões importantes na vida que interferem na vida das pessoas, interfere e causa um efeito dominó, propaga porque causa coisas. Causa! Realmente.

Eu não me eximo das situações que isso tudo influiu na vida dela. Não me eximo. Era muito sonho poder ter um abraço de amigo ali, era muito sonho que ela lesse, compreendesse e tolerasse pelo menos e tornasse possível algo. Era muito sonho que recebesse então o amor num âmbito muito mais profundo. Mas não destrói o amor. Não destrói.

†

Ventum
| 09 junho 2019 | 13:50 10d

Como um vento que passou, não! Como um vento que sempre passou e continuará.

†

Circumsaltamus[85]
|10 junho 2019 | 23:21 | Juventude10c |

Uma atmosfera que neste momento não se parece com aquelas mesmas chuvas de papéis e serpentinas, num lodo de papel que se emaranhava espraiado no canto que meu pé fincava, beirando um girar de pessoas enlouquecidas em pulos com os suores pingando dos cabelos, um quase pisotear.

Durante o redemoinho, olhava fixamente, com alguma espécie de sorriso que desconheço em mim.

Nas vagas coloridas e reluzentes em purpurina ensolarada, com uma fumaça em pó talco de uma espécie de condensação de partículas de maquiagens e estrelinhas metálicas, batons amassados, uma floresta de bruma com esses aborígenes ritualísticos entoando vozes esganiçadas e um delírio de exorcismo fantasmagórico.

Olhava com certo desprezo as mesmas vestes que vulgarmente se propunham sedução, olhava os suores mórbidos, os rostos enlameados de gotas sujas e copos de bebida já avinagrada e um colorido descombinado de piratas, odaliscas e havaianos.

Fumaças de cigarros nos cantos da janela, apinhada de gente exaurida ou um tanto bêbada para tomar uma infusão de ares.

Repentinamente um vulto vampiresco ou talvez uma rapina noturna, uma ventada túnica negra, com um rosto que barbado circundava pedras jade iluminadas, com um cabelo ondulado com brilho azul petróleo, que esvoaçavam as mechas,

---

85 *Circumsalto* – v. Lat. dançar em torno de, saltar em volta de. – Dançamos em torno.

e seu sorriso me dirigia olhares a cada volta, até que de um puxão me arrebatou nas vagas afogada no delírio alucinante, como palmeiras enfrentando furações.

E no olho do vórtice, me enlaçou frente a frente, e suas mãos puxaram pelo meu pescoço, no pressionar de seus dedos indicadores e meio, trouxe no laço puxando lentamente, se inclinando com nariz aquilino, comendo os brilhos de minha íris negras, de encontro à sua boca.

O furor nos cobria de um escudo, entre nosso beijo surdo-mudo, numa cegueira de chamas esquecidas nas encostas das montanhas. Um momento que nos fez correr juntos a um escape, uma escadaria negra, onde nossas línguas proferiam frases de mistérios, como um banho de assuntos que saltava de estrela em estrela, de signo em signo, secando nossas salivas, num momento que nos preencheu de esperança.

Mas não nos vimos mais no tempo certo, os dias se sucederam em desencontro, e eu trilhei sozinha para um caminho de espinhos.

†

Badawī[86]

| 13 junho 2019 00:38 | 10d | mezanino | por H.

Dentre as nuvens que passaram em meus olhos, feito corisco as lembranças inolvidáveis piscavam rápidas, como acelerados ventos dos sóis, em um planetário despetalado, dos tantos desencontros e desilusões.

Boca que me ardia as cáusticas palavras que M por vezes me desferia, assim como beijos áridos ou de mel derramado, como se ela tivesse corbículas[87] e dormisse em hexagonais alvéolos de favos, que me trazia em seu calor emanado como areias espelhantes de sol.

Eu mesmo que contrariado, gostava de seu acostar, como se eu asas tivesse, ela se aproximava em um porto seguro, de vastas costas já retorcidas dos anos que carrego meus males, minhas broncas, minha vontade de ventar rápido como um relâmpago; e apesar de ruminar amargos, seu calor que me toca pelo quase imperceptível tocar de seus mamilos, como uma conversa de águas de rio e

86 *Badawī* - Beduíno, originada do árabe, *badawī* em sua forma plural *badawiyyūn*, que significa pessoas do deserto.

87 Corbícula – é uma espécie de cesta de pólen é a parte da tíbia da perna traseira da abelha.

linhas de pesca, um pequeno olhar numa greta que apequena meus olhos na curiosidade de um brilho dos seus olhos, me torno para seu luar.

Como se fôssemos tropeçar em nossos braços, suas mãos e coxas me esquentam e sinto meu peito cheio de ar, de fome, de juventude, que minhas mãos se adonam de seu rosto, com seus olhos negros que me olham como pérolas da noite como um veludo de ébano, e me deito a beijar sua escápula, seu queixo, sua orelha, como se estivéssemos entre céu e mar, deitados em alfombra, esquecidos do frio ou calor, esquecidos das vestes e das sombras, das dores e todas as asperezas.

E como um cavalgar por uma aleia margeada de eucaliptos altos, em sua palha e córtex que nos farfalha os pés, no momento que me emparedo com ela nos troncos despidos em seus felogênios, nas sendas ocultas das trilhas serranas, nossas bocas se amassavam, e nos amávamos como signos zodíacos.

Enquanto me livrava das teias do cabelo, encontrava seu rosto que me amansava, encontrava um mergulho de gaivota, como se meu ventre colasse nas costas, e estranhos toques no toutiço, como uma mágica, uma fagulha que incendiasse em fumaças bruxuleantes, como algum feitiço que me tornasse íntegro, ao mesmo tempo que ambos um apenas, como uma espécie de junção cardíaca que somasse nos pulsos a força de nosso coração.

Eu por fim, me jogava de lado, qualquer que fosse o caso, como caído do baio, afogado e ungido, com força telúrica e uma sensação de sossego nas árvores de entardecer, com os passarinhos aninhados de olhos entrecerrados, com as ventanias e chuvas que sobem pelos corredores de vargedo como um véu que refresca a sofreguidão, o cansaço, o incandescente mormaço de ar parado em dia de verão.

Como um gosto de uma poeira de chocolate adocicada enlameando minha língua, entre perfumes que me vestem em exótica sensorial percepção cega, que sem palavras, selo o sono com beijos.

Assim entre essas centelhas, senti, por um instante no dia que se fora cedo demais para que nos reencontrássemos, enquanto de olhos sérios diante da televisão, ela passou, parou atrás do espaldar, lentamente senti os seus dedos tocarem levemente ambas as orelhas, massagear os lóbulos, juntas suas palmas que circundaram das têmporas até meu queixo, e pousou um pequeno beijo na testa que enrugava tentando olhar para cima, vendo-a de ponta cabeça.

Assim segui meu dia, na esperança de um momento. Entre nossas misérias, nos juntamos cabeça no ombro, a escuta desalentada da vida, um primacial abraço longo, entre uma espécie de suspirar de angústia profunda, que por minutos mais

longos esperei que seus nós de garganta afrouxassem, para meu alívio, que não sei como olhar para sua dor profunda e seja lá o que for que martiriza tanto.

As alegrias que pendiam das chamas discretas de luz e reflexos de imagens que ignorávamos como uma pinacoteca fechada, que entre nossas tramas de tecido das quais revirávamos, encontramos nossos corpos, que ali apenas ficaram no carinho que traduzia todos os anos, nossos momentos no campo nas tendas frente a uma fogueira que esquecida crepitava em lumiares da madrugada resfriada, em um aconchego que nos trouxe de volta por momentos, nossas paixões refletidas nos filhos que adultos andam suas próprias sendas, nos trouxe o toque macio como em uma estola de pelo fino e com brilhos estelares que se perderam nos seus cabelos. Assim nos olhamos e nos quisemos, em amar maduro, ali nas luzes das tempestades de solidão, em seu olhar atraente beduíno desértico e abocanhar exato de uma loba.



Denegatio[88]

|23 novembro 2018 | Áudio, continuação. 18º minuto até o final. 10e.
☢

Aí a questão é essa, porque existem paixões passageiras, existem tempestades passageiras, mas existem outras coisas que são inexplicáveis, que não são lógicas, que elas vêm. O que eu até chamei de tatuagens da alma. Não tem como (dês)ligar, não tem como fugir, aquilo interfere; e para ela interfere. Ela lembrou? Ela sabe? Ela conseguiu o isolamento da mente dela perfeitamente de mim? Ela sente alegria por alguma coisa que eu tenha êxito? Existe um torcer para que a coisa dê certo ou ela me odeia? É difícil, é muito complexo. Existem todas as coisas juntas? E por quê?

Então é muito complexo, a negação, esse 'não' ele tem muita coisa dentro dele, dessa, daquela, de outras coisas, de coisas que até eu desconheço.

Mas o amor ele é, o amor mesmo ele é mais forte. Eu já percebi antes, eu percebo agora, eu percebo, eu percebo que eu vou ficar doendo muito por isso. E o amor vai 'tar lá.

É foda, cara! Então, tudo é uma questão que não depende de mim, que depende de uma coisa que parece que nem existe neste momento. Que é o ser que olhe por nós e que permite. Parece um momento obscuro que nada pode ser possível e que estamos aqui à própria míngua, de nós mesmos, de nossos egoísmos,

88 *Denegatio* – Lat. negação, rejeição, recusa.

das nossas vaidades, da nossa pequenez, do quanto a gente é falho e que não é capaz, e que falta coragem.

Ah eu tive. Eu venci meus medos, eu me vesti de coragem pelo tanto que eu sentia. Eu vesti. E eu só agravei. Eu agravei, eu assustei, as pessoas pensam que eu sou louca. No fundo é isso, acha que tudo isso, não tem a capacidade, tem apenas a insanidade. Não é. Não é assim, nem mesmo esse amor, não é. Ele não é assim.

Eu queria a verdadeira oportunidade, a segunda chance, terceira, eu não sei dizer em termos de vidas, mas eu queria a oportunidade verdadeira que é o momento que você, que eu me disponho e a pessoa se dispõe, e que possibilita. Eu queria isso, sem nenhuma arma, sem nenhuma – sabe – nenhuma ganância. Mas não. A minha amiga, ela 'tá presa a coisas muito de afirmações sociais, o seu lugar no mundo – isso não vale nada, ela não entendeu ainda. Isso não vale nada, essas conquistas não são conquistas.

O tempo que perde, é o tempo que subtrai a nossa condição espiritual.

Eu queria pouca coisa. Talvez eu quisesse muito! O amor era maior do que pensava e no fundo eu fui me dizendo durante cada vez que ouvi esse tipo de não, eu fui me dizendo, aquela dor cravada, ferrada; e o amor ficou; ficou e eu disse coisas que... aquelas poesias elas são o resultado da sobrevivência desse amor a todas as dores.

E não existe poesia mais pura, porque não é só questão de que a poesia diz quando a dor destrói, ela começa ficar carregada de despeito, ela fica carregada de raiva, até ódio, mas não! Não nesse caso. Nunca. Que sempre eu senti aquele gosto do mel, da cor do mel – mais puro. E não podia dizer. E não podia dizer.

Eu nem podia enxergar isso por que, eu não podia dizer, não podia. Tinham diversos sentidos e percepções ocultas, havia muita coisa oculta e deve haver ainda. Deve haver muita coisa oculta; que eu não saiba. Eu só queria, eu queria ter tido a oportunidade de reencontro. A oportunidade de peito aberto. Mas não iria, mesmo assim meu sofrimento permanece, o amor permanece e ele se fortalece. Cada vez que isso aconteceu, o amor fortaleceu. A descoberta das suas raízes que, se expuseram ao tempo, se expuseram ao ar. Foram desenterradas.

Enfim, ainda bem que eu recebo de outras pessoas um cuidado, não é só um acolhimento, é um cuidado. Porque é tudo isso é muito difícil, tudo isso é muito difícil. É mais do que dizer isso, ou seja, muito difícil e complexo. É muito mais do que isso.

Eu sei, eu sei profundamente isso. Eu senti, cara! Eu senti e eu tentei aproveitar cada instante que a vida me possibilitasse qualquer coisa, porque eu já sabia, até mesmo quando eu comprei um torrone para entregar fora de hora, que causasse espanto, mas foram diversas situaçõezinhas assim, eu tentei aproveitar a cada instante porque eu sabia, eu intuía, e então essas situações todas elas não perdem a existência.

Eu só queria saber a verdade mais profunda do que se sente. Do que ela sente. Eu não sei. Esse não – não me diz.

Esse não me diz apenas as circunstâncias. Ele me machuca, ele foi para me machucar, para me apartar. Éh... Definitivamente. É uma faca... é o torcer da faca nas costas, fazer isso. É para que eu me cortasse disso.

Não! Não consegue. Não consegue fazer isso. Não consegue e as coisas provavelmente vão mudar daqui em diante. Eu não sei de que forma. Mas eu visualizo, eu já sabia. As coisas acabam mudando. E não é porque me feriu profundamente, mas a dor faz uma voz de sobrevivência de um outro tipo, não é uma sobrevivência que você está na água se afogando e tenta sobreviver, é um pouco diferente, é a relação do sentimento da alma. Mas uma facada. É uma dor profunda e deve ser para ela uma dor também. Não sei como. Não sei o que afeta, o que ela sente, quanto ela sente; o quanto ela encobre, o quanto ela veste a questão racional, quanto é mais importante nesse instante a vida material. É difícil eu dizer, eu me abstenho um pouco de julgar, mas eu sinto, eu sinto que havia uma vontade que ela não teve coragem. Ela achava mais lúcido dizer esse não para que eu cortasse uma coisa que ela acha talvez doentia(?); classificasse dessa forma, ainda, ainda! Ou que tenha muita vergonha da relação homoafetiva, não sei. Não sei, não é uma coisa vazia, não. Eu senti. Eu senti a presença de pensamento, mas não posso afirmar.

Eu tenho muito trabalho aqui. Eu vou encerrar. Eu vou encerrar esse momento dizendo uma coisa pra mim: O amor não tem fim, o amor não tem tamanho – isso você já sabia – o amor não tem a classificação de júbilo ou dor, ele tem as duas coisas, é uma constatação nos polos mais profundos da dor nesse momento. É muito profunda a dor. É um dos ápices de dor em toda essa jornada de dezoito anos, mais os tempos de vazio, mas as coisas que aconteceram no passado que é difícil mensurar. Mas é um ápice de dor. É um ápice de dor. Aguente! Pelo menos na vida porque há muitos livros necessários de serem publicados que são coisas importantíssimas da sua vida, da sua alma, da sua existência aqui nessa vida, nesse momento. São muito importantes. Não são coisas qualquer. São muito importantes. Aguente firme.

Talvez tenha sido o maior erro que ela cometeu. O maior deles. É uma coisa que, não sei, até que ponto se conserta. Talvez tenha conserto. Talvez não tenha.

A minha amiga, eu amo e isso nunca passou. Nunca passou. Nunca ficou embaixo de sentimentos ruins. Eu espero que assim continue. Mas eu acredito, eu acredito piamente nessa minha capacidade de manter isso. Eu sempre tive. Eu transcorri a vida assim, resguardando sentimentos, não só por ela, por outras pessoas também. Por mais que eu tenha sofrido decepções e situações, o amor se manteve. Até mesmo do H. Por H. E não é só gratidão por ele. Não é. Mas tem sido uma vida complicada e difícil.

E quanto a dor, eu não merecia mais dores nesse momento da vida, com tantas coisas difíceis físicas, com tantas privações, situações complicadas.

Por que meu Deus? Por quê? Por quê? É difícil também entender as consequências daquilo que a gente acha que tá indo e fazendo; pagando preços dificílimos pra tomar uma atitude, muito além do que é o interesse pessoal. Meu Deus! Que difícil! Como isso é difícil!

E não passou a falta, ela só ficou um pouco pior. Um pouco pior. Eu não aguentava mais antes, imagina agora. Não sei como aguentar. Eu não sei como aguentar.

Eu vou continuar minhas coisas dentro da minha vida, dentro da minha condição de ser chutada, chutada e chutada. Meu Deus do céu, poucas pessoas nesse momento tiveram capacidade de me enrolar num manto e me proteger. De me dizer: Olha, não é assim também tá?

Foram poucas. Foram poucas. E com isso muitas esperanças são atropeladas, trituradas. Esperanças até com amizade, com irmandade, com a família, com tudo. Difícil momento. E ao mesmo tempo é exultante, porque nossa, cara! Nada disso tinha a menor chance pra mim, não tinha a menor oportunidade. É isso. Eu transpus uma fronteira de forma a desafiar as dificuldades da vida e muitas pessoas não estão aceitando esse desafio.

†

9 FLOS

Secretum

|12 junho 19 Carta secreta transcrição - liter. 9ª zero| Por M | Girassol

Dia doze, ao segredo-amor das incompreensões próprias, nos giros do dial do relógio, com sentir do tato na pele do deserto, nas onze horas do inexistir existente, nos tentáculos melancólicos de olhos de nanquim, sem poder, entre vozes junguianas nos destroços da minha vida isopor, nas alucinações da realidade. Puxando as abas mornas das madornas entre um limiar desperto e insano, entre um gesto paralisado em estátua. Os sonhos me ludibriavam a vida nas quedas d'água das tintas daquela pintura, que me traziam a proximidade tangente.

Espelhos mágicos que capturavam sua alma para mim, na vastidão marmórea de duas matizes mesclas na palheta. A convergência das cores misturadas através do tempo. Eu toquei a incandescência do deserto na secura dos ares asmáticos que me queimam as faces do Sol de te ver.

Senti o estrangulamento dos desejos com mãos de vidro vermelho a encordoar meu corpo. Numa sensação de desvencilhar de amarras no caminho de campo, ladeado de montanhas, rios, árvores que me pegavam nos braços robustos de seu tempo vivido.

Aonde eu chegasse num manancial de flores filhas de claridades, numa confraria de girassóis arcando sobre seus caules em majestoso espreguiçar. Que eu andasse recolhendo a tez de veludo das folhas e pétalas, como teias de vidro líquido dobrando ao pôr do luar.

De peito aberto, nas cortinas girassóis em nudez frontal na pele de ânsias. Mas isso era uma sensação quase elétrica, de uma disparada além do corpo, imersa nesse quarto contíguo de braços tocados em amor. Ainda que fosse na minha cabeça, bronzeado cáustico que me evaporou, te vi em frágua os espíritos fugidios das cores, existindo como tivera sido o gosto do vento e em gratidão ao mar[89], como passos que transitam entre as pinturas sem pegadas.

Eu sentia aquilo nos meus braços, meus dedos que amassavam o veludo da boca do girassol em insanos beijos, como uma braçada de folhas secas estivessem dentro do meu peito farfalhando tudo que já escrevi, e o rosto estivesse talhado nas flores do disco, como uma face, que meu toque de inflorescências sentia.

89 Referências às pinturas.

Como espadas do sol que estivessem cortando meu cristalino com as pétalas raiadas com marulhar de lavas.

Os frios que evaporaram pelos meus poros como suor de gelo lambidos do Sol, num instante cálido de acenos em lenços perdidos longe a cantiga da dor.

Naquele momento eu te acolhia o rosto na palma da minha mão num instante de pouso de uma abelha mandacaia dentro do girassol, que a cor se perdia em nuvens chovidas, numa sensação de percorrer uma floresta de pétalas, no frescor de uma mantilha de firmamento anil e ao mesmo tempo permaneceram os dedos enluvados do Sol.

Repentinamente aquilo passou e senti o vazio inerte anêmico, o desnutrir da depressão. E como fome de cárcere, essa sensação da falta me engoliu. Como andarilha carrego fragmentos poucos das recordações que seu rosto me trouxesse, e as relíquias tamborilam o vazio da minha falta de senso, de ter perdido qualquer que fosse a memória, que nesses vazios ressoam meus passos descalços.

Sinto os mapas indecifráveis da utopia de resgatar a pureza da amizade, numa espécie de desespero hemorrágico.

Ou um tatear cego que produzisse o senso da existência, eu percebo quanto essas imagens me dariam o bálsamo da pintura, que me possibilitaria te tocar, no profundo simulacro, que me desse algo que me dissesse, qualquer mínima flor da ingenuidade, que me desse a singeleza do nadar de patos.

Eu tinha um caminho de reconstruir meu reencontro com H, um transformar dessas paredes para grandes tendas em cores e sedas, em luzes de archotes, com a magia dos ventos de montanha.

E fui solidão parida da sombra cansada, e como se estivéssemos nas fronteiras mais distantes, estando tão perto, na antítese de que eu me ligo com alguém tão distante e me sinta distante de quem está no alcance de minha mão.

|16 junho 2019 |do 13´ a 18´ | Escrito na ida para SP | Jardim dourado| 9b

Aprofundo-me em mim no que sinto. Eu sei as cores em papel da sua existência, eu sei o que pintei, foram cores da sua felicidade utópica que deixei aos olhos.

A pureza da nudez artística estará intocável no enaltecimento da sua existência, eu ainda farei meu nu em tintas e palavras.

Meu querido anjo de coroa de pétalas, eu me sinto culpada de ser, de sentir isso, meu sustentáculo é minha arte, do que não posso me desterrar para não desaparecer.

E esse jardim de amor é meu universo de loucura, você.

No fundo o jardim dourado para você existe, entretanto nunca cruza este portal com forja de flores, folhas em pórtico com toras de árvores. Esse jardim germinado nos filamentos irisados do meu olho, como se eu me perdesse nessas sendas do meu próprio vazio de amor, que derramo em flores a você.

Estar perdido num jardim à míngua pode ser um golpe lanceado da angústia no âmago da força vital.

Estendo braços de vento pelos ares a acariciar seu rosto para que o sofrimento nunca fustigue a pele de ouro.

Eu senti que minha compreensão vagueou sem perceber todas as suas faces. Senti um tanto das lembranças que, feriam-me por tê-la feito sentir uma burca de sombras, que como uma nuvem em meus olhos turvou aquela visão linda de você como essa flor. E como mar revirado, senti tudo não parecer mais ser o que é.

Suas e minhas certezas que se diluem em terebintina, que a cor ainda se reforça em Sol de lavas, com todas as penumbras das quais se vestiu.

|17 junho 2019 |do 18´ a | 9c – Pigmento do Campeche

Penso nos diversos escolhos meio submersos, nos esforços seus que talharam uma espécie de quebra mar, uma forma Campeche verde que oculta dentro de si a cor hemácia, como uma petrificação de uma loucura. Nos meus desejos e orgias, as vestimentas se tingiram em Campeche, desejei essa exuberância de amor, mas não me senti pintada desse mesmo amor, por nada.

A incompreensão dessas tonalidades, duma imobilidade emersa unicamente me converteu em rediviva, através do movimento na alucinação de amar você, o torpor lobregado e numa questão que mesmo que fisicamente diametral eu pergunto a você se é um diedro que toca minhas palavras com leitura... Hipóteses que águam sem uma motivação e me preocupam.

Esse *paseo* de flores que envereda, invalidando as fronteiras do que se pode pensar determinar como amizade, amor filial ou amor carnal ou a fronteira de um amor profundo. Meus tremores que sentiram condoídos pelos arquétipos esculpidos que se desmantelaram em areias, eu chorei e realmente senti essa

escultura confiscada pelo mar, que belamente refletia luzes e contornos da maternidade e sensualidade. Eu fiquei penalizada e impossibilitada de fazer qualquer coisa por você, como isso me consternou. Percebi do escombro todos os momentos engolidos na ressaca cativa dessa situação. As correntes que me arrastaram numa força explícita dessa irracionalidade ou do quão intangível era o sentimento ou a linha fim do mar era um lugar que não existe.

Eu desejei que o mar trouxesse as visões dos golfinhos livres, a luz refletida solar, que pudesse ter em tudo e ter em duplicidade tudo que sinto em benquerer e em amor. Mas a minha navegação não conta mais com um farol que me oriente, que no escuro mesmo por vezes conto *aedos*[90] para acreditar.

Se porventura em salva me aparecesse uma embarcação, não saberia minha direção, mas eu me inclinaria a ver algo, que eu desejaria um momento desses num mar de flores, que de peito aberto eu sentisse verdadeiramente você nesse amor *nitor* [91] como um toque tangível. Hoje eu senti, de outras vezes senti. E visceralmente percebi nessa deriva, que a visão do veludo do crepúsculo e todo esse banhar morno *nitor*, era você.

Além tempo, eu queria trazer um brilho lunar para dar você a iluminar as noites em dias da sua vida; que num dado momento um pequeno cristal continha sua afeição cativante que me protegia de neves cinzas, que precisamente por si só era nata expressão de benquerer, notável nos brilhos dos seus olhos durante meus êxitos, quando fomos amigas. Nenhum carinho pode preencher essa lacuna, que por vezes como prece, seu nome me entona todo afeto admirável para mim.



Dualitatem

| 17 junho 2019 | 00:40 | 9B

Perfazendo os mesmos caminhos, nas janelas que tangenciavam as lágrimas intangíveis que ficaram pela condensação de algum caminho, nas tantas idas e vindas, eu imergia nas palavras com a caneta em garrancho a cada solavanco, num momento atrás do espelho de minha vida, nessa dimensão que somente eu conheço, entre ruídos externos de conversa animada, entre a presença cálida

90 Aedo – na Grécia quem contava versos de ação heroica.

91 *Nitor, nitoris* – Lat. Brilho, lustro. Beleza, elegância. Pureza. Magnificência, esplendor.

dos meus filhos ante ao céu esfaqueado de nuvens, numa vida paralela a esta, trajando o capuz de meus desejos e a própria liberdade que se fere a si mesma, numa curva incongruente, dissonante com a real presença e fatos da minha vida, com uma incômoda contraditória dos votos e esforço de anos de união. As lágrimas que vinham, ora emoção, ora transtorno, ora dor, ora sabor e seu paladar.

Como os temores das consequências, pequena corrente de vento intensificava uma sinusite que amassava meu olhar entre dedos de uma *exspes* [92] enquanto as fumaças do pensamento me dominavam o corpo, seu ritmo, a cadência da respiração, um autocontrole tecendo oferendas aos céus desses orvalhos de vidro quebrado, ao mesmo passo que maravilhada com as imagens que as ilusões provocavam como alucinógeno.

Justificativas e alarmes de advertência soavam suas pistolas simultaneamente em seu duelo, ambas caíam por terra, junto às ideias que perfilavam suas roupas desabotoadas e suas cores cafonas sem pé nem cabeça.

Olhei deslizando as paisagens no vidro, olhei no profundo da música e de meus limites como pessoa nesse estranho calabouço.

Aquelas páginas sequenciavam uma realidade que costura mais esta página na minha vida, como um buraco que foi comido pelo fogo ou pela traça, que de mil formas a imaginação iniciada, nunca terminada, em episódios que estavam incinerando grandes ocorridos negativos no passado, e eu sentia como um profundo desalento tanto quanto a decepção, tantas vezes perdoada.

Aquelas páginas me davam um morno comodismo, entre um relento e um teto, uma espécie de fuga própria da insensatez e da indigência, nada digna nesses ecos estridentes de mim mesma.

Nas escadas, nos diálogos, eu olhava e participava, e na rotunda de minha mente, meu outro mundo acontecia, a cada momento, as cenas e sentimentos, tudo me anestesiava da falta numa projeção filmada de filme cortado.

Tomei um trago, conversei com um, olhamos coisas e novidades, em ar de felicidade, a comida irradiava seus aromas na casa e eu e H nos recostamos num canto, nessa estranha espera, entre as imagens que populavam a TV, eu permanecia absorta, nas palavras que eu iria escrever, nas partes seguintes de meu ensaio, na minha estranha ótica sobre os sentimentos de afeição, na minha pobre situação nesse sentido, ou uma coisa das mais esquisitas – a sensação de

---

92 *Exspes* – Lat. Desesperança, sem esperança.

conhecer cada grão de areia desse deserto, bem próprio meu, cheio de chamas ardentes irradiadas, mapas desconhecidos e aridez mortal.

Assim por instantes uma cabeça se recostou no meu ombro adiante do peito, com seu perfume habitual, com todas as rugas que retorciam palavras que eu perdia no rugir do vento, e as mãos quentes que somavam às minhas, num encanto insano ou de um saber, daquele tipo de situação prisioneira da qual não se desprende a necessidade.

Automaticamente minha mão esquerda, cheia de suas veias aparentes, de um brilho esquecido no anelar, um vinco profundo que o enterrava, e ergui com os dedos se distanciando uns dos outros a conter a curvatura da cabeça, a pele que eu percebia nas linhas da palma, e fios do cabelo, e a temperatura que apenas nos resguardava. Eu tocava novamente perfazendo mesmo caminho, n vezes, sem perceber que estava com coisas completamente distintas e adversárias no meu agora, e naquele instante, fui desacelerando lentamente, com uma voz gélida que lentamente calou meus gestos de carinho corporal.

As luzes de céu azul pálido eram apagadas e as luzes douradas faziam de meu dia, um eterno ocaso.

Havia escrito uma passagem que impregnava em meu batimento de coração sem nenhuma respiração.

†

Argentum agmen [93]

|17 junho 2019 23H. | 9 C

Recebi um bip em som alto, automaticamente enquanto caminhava nas imediações da av. Rebouças, após uma travessia de confluência de uma turba de pessoas, ao chegar no outro lado do cruzamento, saquei o *pager* de sua presilha e li a mensagem: ‘Ligar para papai’.

Um orelhão laranja com seu telefone de aço escovado, eu coloquei um cartão magnético e esperei a voz afável, me deixar em casa.

- Oi Pai! Tudo bem? Que manda?

---

93 *Argentum agmen* – Lat. - Trem de prata.

- Queria ver contigo, se pode nos levar para embarcar no Trem de Prata, iremos para o Rio daqui duas semanas no feriado. Eu e M.

- Ah posso sim! Até sei bem essas imediações de quando trabalhava lá no Mercantil. Mas, como farão com a comida sem sal para Dona M?

- Tudo sob controle! Ela ficou um tanto agitada, mas eu queria fazer esse agrado, por outras épocas, você eu não sei se entende.

- Não tem que me explicar. Levo vocês.

Dia do embarque, passei na casa avarandada em simpáticos tijolinhos resinados, com frondosas flores jasmim, uma escada curva de granito que dava numa porta larga imponente de madeira maciça. Adentrei com intimidade, chegando à porta, vendo as malas no ladinho, já fui carregando para o porta-malas do Twingo preto.

Acomodei mamãe, toda arrumada em aromas Guerlain, com ares de preocupação, com meu pai colocando lentamente os seus dedos morenos sobre os ombros tranquilizando de qualquer dúvida, todo sorrisos e ajeitando seu colar pendido um pouco lateralmente, e se recostou.

Fomos animados em hábil transitar nas ruas e docas da plataforma do Trem de Prata, na Barra Funda em São Paulo.

Meu pai, me lembro bem, vestido em seu paletó tramado de linho com detalhes de vaqueta nos cotovelos, com um boné de lã com a aba meio oculta sobre o amassar do bojo sobre o frontal, com seus óculos escuros, anel de formatura e mamãe em um vestido florido grená em delicadas pinturas nipônicas, com um colar com seu crucifixo, bolsa formal e sapatos sociais. Podia tentar imaginá-la falante, contando tudo sobre qualquer assunto que dominava detalhes e curiosidades inimagináveis, como um escol que era.

Prontamente um carregador acomodou suas malas pequenas, verificou sua cabine, e os foi conduzindo, junto ao despachador que na plataforma, aguardou nossas alegres despedidas.

- Mãe, se lembra da nossa viagem de trem para o oeste paulista, na despedida do banco para papai, eu dormi na cama superior do beliche da cabine, achei tão emocionante, olhar a paisagem, um sereno transitar serpenteando campos, cidades, montanhas e margens de rios...

Ao volver para o rosto dela, seu olhar era vago, perdido no assentamento da plataforma, sem reação alguma, sua boca e seus olhos não moveram nenhum músculo.

Meu pai então, delicado pegou a mão direita, e a pousou em seu antebraço esquerdo, dando guarita para o andar elegante. Entre sorrisos meus e alegria esfuziante de papai, fui vendo eles seguirem aquele perfilado de vagões prateados, com a beirada inferior às janelas frisados em ondulado aço inoxidável, com uma plaqueta rebitada em cada vagão identificando seu número, adiante eles deram adeus com acenos bailados no ar, vi um sorriso enigmático em boca de mamãe. Eles subiram degraus, com a gentileza do despachador, notavelmente a plataforma estava vazia, poucos ainda estavam fazendo a viagem de despedida do Trem, em vias de desativação de linha tão *glamourosa*.

De longe eu imaginava o vagão restaurante, em suas mesas duplas e simples de outro lado, com as luminárias dedicadas a cada mesa, suas poltronas cinzas com espaldar de arabescos de vime, o bar com acabamento de mogno, a cabine com cama mais espaçosa, banheiro lavabo compacto, com pias acrílicas, revestido de um acabamento cinza claro e muito liso e brilhante.

Em tempo, olhei o trilho assentado na brita, com dormentes aprisionando os grandes ferros, cujas rodas começavam a deslizar lentamente se pondo em movimento, com um apito ressoando as nuvens.

Voltei remoendo com meus botões, essa extravagante atitude, me lembrando do meu avô que supus agradá-lo a um pequeno passeio na Maria-fumaça que percorria pouco trajeto aqui, mas ele senil não pode compreender e ficou aturdido. Mas pensei que talvez mamãe então ficasse feliz nesse divertimento, remontando tempos dos anos setenta enquanto os milicos desmontaram quase tudo que havia de ferrovias, dando ênfase às estradas de rodagem, infelizmente, e nesse tempo ido, restavam alguns passeios saudosistas ainda, que meu pai aproveitou bem, ainda me recordo de suas frondosas gargalhadas das anedotas que se sentava a contar à tripulação, na figura trajada de paletó cinza e gravata borboleta sobre camisa branquíssima, no balcão do bar preparando um drink cheio de gelos. Já minha mãe não entendeu a lonjura, o tempo demasiado, e não sabia muita coisa, mas que comeu todo tipo de sobremesa, e tomou sua água Prata.

Olhos de meu pai exibiam o castanho forte e sereno, numa espécie de promessa antiga cumprida, um alívio de peso no ombro, como se um gosto feito, a festa valia a bronca, mas ciente do silêncio tardio da hora atrasada.

E depois do retorno, ele animado tamborilando na mesa, colocava um disco vinil de samba, e em passinhos rodados ia com mamãe, conduzindo um girar de guarda-chuvas, um gingado de ancas cariocas bem compassado, e minha mãe dançando automaticamente com os tais olhos vazios de prata.



Timor

|15 junho 2019 e 18 junho 2019 | áudio 9 novembro 2018 – primeira parte até 6´26|9D | ✇

São estranhos estes sabores permanentes da tristeza, o tempo que me marca, mas que me dá uma nítida percepção de não estar sozinha, mas é uma visão distante, de uma tempestade que permeia partículas nas nuvens em esculturas de areias que não decantam. Eu tinha esperança de algo que se materializasse.

De repente posso me sentir mais ou menos pássaro, e saber meu ninho, mas de alguma forma há que se saber aquilo que posso dar de mim a esta união, isso é um reverso de espelho. Todas as lacunas que houve, talvez eu esteja me importando menos. Não consigo flexionar mais minhas tangentes, porque apenas consigo ver aquilo que realmente é.

Eu sedimento meus olhares sobre minha amiga, e as linhas do horizonte representam sobretudo o tempo e as cargas que transcendem além das fronteiras das fronteiras, e o que se magnetiza de consciência é prejudicada em tempestades de areia daquilo que se avistou mais recente pero nem tão próxima.

É difícil constatar tamanha discrepância da visão de duas pessoas e os sentimentos ocasionados diante. E os trajes desconfortáveis para o Sol tanto quanto a escolha de caminhos, posso saber, e em algum momento houve a decisão de me largar no deserto, em qualquer configuração de vida.

A faceta que me escarmenta, exibe talvez um desprezo pelos vitrais que não se encaixam, as cores que não parecem combinar, os sorrisos e manifestações afetivas que matizaram essa abóbada, de forma que não se poderia separar uma coisa de outra, e no final essas incongruências de padrões jamais abarcaram novamente o acolher nessa cripta, não de minha parte, percebe, a cripta foi mudada com as cores, porém permanece esvaziada.

E porque não se adentra nessa cripta, nesse palácio cristalino? Meu sentimento se ressente e pressente que existe um fator, que não meu deserto, que não as cores, um cerne dessa escolha, um mapa próprio de si, que faz o desvio dos caminhos que não se detém saber, muito profundamente galgada em denegar-se e sentir medo dos sentimentos (uma pausa de pensamento) – de si mesma. Receio de si mesma, por mais que encontre inúmeras outras justificativas.

Repentinamente o vento que assopra as areias, monta torres de fumaças que possam nada parecer, mas os olhos podem se amedrontar de suas faces de distúrbio, toda e qualquer carranca que lhe diminua a sensação de estar seguro, no entanto, a verdadeira face jamais foi conhecida. E nas forças adversárias, se perderam as medidas.

Penso que estar no deserto é esperar alguém para salvar o caminho, mas sobreviver caminhante, é estar na estrada que alguns julgam ser donos exclusivos, ou esperar que sua trilha transcorra de encontro com suas rotas e eu sei, eu fui o que era, simplesmente.

Ah eu soltei pássaros mensageiros e nunca soube se as mensagens foram vistas, até quando mensagens deixaram de ser cartas, deixaram de estar no papel, e se tornaram virtualidade. Mas pode ser que viu, descartou, porém, continuou vendo, o que não consigo compreender.

O que geraria esse constante observar do movimento das dunas, no transcorrer de minha tórrida jornada onde caminhei desprovida sob os olhos sem céus que me protegessem?

†

Collus II

| 19 junho 2019 00:49 | Por H

Aquele dia de tempo chuvoso, M estava tensa pelas últimas semanas, eu confesso que estava farto de tantos acontecimentos com o bebê, só queria que logo nascesse, mas ao mesmo tempo, meu jeito que amanheceu desarvorado já me demonstrava que eu queria o gol no tempo adicional para fazer algum dinheiro para poder ir tranquilo junto a ela neste parto. Mas o pesadelo de assistir o parto me dava aquele frio gelado que percorre os suores da testa, da nuca e enrijece a coluna. Depois de tudo será que o bebê vai nascer bem? Saí e fui trabalhar, quando perto da hora do almoço, telefone anunciou o trabalho de parto. Aí perdi meu controle, mas tinha esquecido diversas coisas, abastecer, passar no banco, terminar serviços, e as horas correram. Quando subi as escadas do predinho, ela estava com o rosto mais tenso da vida.

- Onde você estava? Eu estou em trabalho de parto e temos que pegar a estrada ainda!

Fui logo pegando as coisas ligeiro, encolhendo ombros, e passei a correr um pouco mais, justo aquele dia, a chuva da tarde foi intensa e tudo teve que desacelerar, e a noite veio no encalço. Enquanto nos reafirmávamos os possíveis nome do bebê, ela ainda tentou se manter calma.

Chegamos no hospital, e ela me segurando mãos pedindo para entrar com ela no centro cirúrgico, quando o médico com seu jeito perspicaz olhou para minha cara suando frio, foi logo intimando: - Vai desmaiar se ver sangue?

- Não é por causa do sangue, mas toda essa gestação... Prefiro esperar aqui fora.

_ Ela vai ficar decepcionada, mas sinto muito, não sei se vou aguentar.

O tempo andou lento, andei de lado ao outro, sentei na poltrona e mudei de posições vinte vezes, até que ele saiu na porta, com bigodão abrindo alas: - É macho!

Então, me repeti – Nasceu! Nasceu! Nasceu! Graças! Eu ria nos esganiços da voz e demorou tempo para M sair para o quarto, abatida, mas feliz. Corri para o vidro do berçário sozinho a dar olhos com aquele serzinho que mal se mexia, enrolado em roupas gigantescas, que chorava alto e claro, mas eu estava do outro lado do vidro tentando decifrar com quem ele parecia. É com M.

Voltei ao quarto. M estava parecendo inconsciente. Depois ela começou a ter dores e dores e dores, os medicamentos não deram jeito e eu precisava voltar para casa para ver a filha que ficara lá. Já estava de orelha doendo pendurado no telefone avisando a família.

Nem bem falei com ela, o bebê chegou ao quarto, M estava deitada, a enfermeira aproximou para meus olhos fitarem o menino. Eu olhei sem conseguir respirar, comentando todo tipo de bobagem, enquanto a criança foi para o colo da mãe, mas ela pediu para eu carregar, para ela se acomodar. Então, com medo que fosse de vidro, que caísse e quebrasse, com todas as mãos mais enormes do mundo segurei ele pela primeira vez, e nada mais existiu em redor, eu virava lentamente, nem sei que porcaria de balbuciar foi aquele.

Fiquei em pânico nos primeiros engasgos ensaiando um choro de boca aberta e alta.

Lentamente, como navegando ares, com minha mão segurando a nuca e o outro braço segurando o dorso até as perninhas que balançavam se retorcendo, dei um passo que pairou no ar, meus olhos estavam vendo os olhos dele fechados, o pé se assentou no chão e o outro se ergueu, e eu olhava suas bochechas grandes em proporção, e novamente ergui a perna que adiante ia lenta

como andar na água, eu segurei a mão com meu polegar dentro da palma da mão dele. Sorri e já fiquei com soluço, e dei mais outro passo, me reclinei na cama, erguendo o bebê como oferenda aos céus do colo materno, agradecido, para um braço que já arqueado esperava para apoiar e poder então aleitar aquele choro fraco. Então meus olhos se encheram, com ele e ela olhando fixamente, estendendo sua mão direita que ergueu-se, o braço arqueou e ela envolveu lentamente a mão nas costas e depois apoiou com seu regaço, e passou a mão em sua penugem de cabelo, e sem palavras certas ela se dirigiu em sons baixos confessando coisas, enquanto o bebê abriu pequena fresta dos olhos, ainda com pálpebras que dominavam seu rosto, parecendo um passarinho no ninho, ambos se tocavam em movimentos milimétricos e os olhos e boca da mãe inclinavam derramando uma coisa indescritível, como uma planta que surgisse do nada, da noite para o dia, alta em folhas e já arrancasse os olhos de quem a cultivou. Mas entendi, ela passou cada dia daquela espera, entre lágrimas, perdas de entes queridos, traumas sérios, e ele quase foi dado como perdido, mas ali chegara como nosso misterioso milagre e nada pode nos trazer tanta sintonia, de uma gratidão profunda num respirar profundo com sorriso meigo.



[Illustratio 4]



Flores noctis imago[94]

|20 junho 2019 01:44 | Hot Winds (Haranaka) – Ganga, Miss Sloane – Max Richter, La Balbianello – Finland and Aaskoven, Port d´Andratx P1|Post scriptum de aestuarium (lumina auream). Momento agora. | 9e

Nos arcos-íris da noite sangrei, nas tintas letras que perfaziam rumos de pensamentos, de cores de nêutrons, de luz de Vênus a estar a nascer, nos acordes que meu coração bate, nas certezas que afloram nas situações e verdades, nos nós tatuados sob o pomo-de-adão e suas agonias, as dissipações de sobrecéus em buraco de agulha, e nesse trânsito orbital não vejo mais retornos. Senti diversas lembranças que ressurgiam, com suas intensidades novas, uma germinação, como recobrar memória no momento do desfalecimento, como acordar com os sonhos inacabados, o chamamento da conversa que jamais haverá, assim como os dias, jamais haverão de saber de si augúrios.

Os filamentos dúcteis não se refazem para que eu retome meu corpo de meus sofrimentos, e cada dia a mais, as incompreensões e estranhezas ferem o tempo do dia, na claridade vazia e carregada.

Andei meus momentos, sabendo desse gotejamento que tem esgotamento.

Hoje me lembrei que esqueci, me esqueci que lembrei, e das tantas ideias, eu tive o desespero de perdê-las como uma criança no parque.

Já não parece haver abismo, não identifico nenhures, a cada palavra de afeto, dessa jornada da minha colcha de retalhos, dos logradouros sem povoado, os ecos absorvidos, uma escuridão que incendeia, as últimas centelhas que poderiam acender meu lampião em meio ao vento. Já pareço saber, o que me assusta, porque esse acomodamento simplesmente essa presunção me impossibilita ver o que necessito perceber que me escapou aos olhos, o que responde todas as perguntas pendentes, e dá as explicações que não firam – esta última, que sei que não conseguirei salvar o estilhaço da quebra e a integralidade justa fragmentará.

Os dias terminarão com as últimas páginas, terei escrito mais um pouco, terei arrancado em carne cortada na gramatura exata, aquilo que me mantém andando uma esperança que já ressequiu e estarei venerando a taxidermia de mim mesma completamente eremita.

---

94 *Flores noctis imago* – Lat. Halo de flores noturno.

Eu me assombro com as folhas recolhidas que sobre a mesa me ponho a examiná-las sabendo suas quebras, sua hora passada, seu filamento de vida e seu desprender do pedúnculo se foi precoce ou arrancado.

Enquanto as lágrimas se implodiam, aquele aperto já esquecido dos idos tempos voltava com o horror do fosso, enquanto a melancolia me abraçava com seus braços de platina que aguardavam reluzir algo que jamais existirá.

Percebo as palavras me fecharem cerco, do qual não saio incólume, e por fim terei uma dívida, absolutamente nada para pagá-la.

Quanto não foram os momentos de pura agonia nesses dias, que me perdi no tempo, no pensamento, no meu cubículo de gelo, no meu insone duelo, na minha sensação mais excelsa de gerar em palavras os becos sem saída de sonhos e pensamentos conduzidos para o labirinto dos labirintos, o lobo frontal, que se atavia de afrescos de ferrugem.

Este momento eu temo. Este pavor eu renego, eu queria voltar no peito do ombro mais afável de meu primeiro querido, ter aquele doce meigo afago na alma da vida inteira, ter a convicção inquebrantável no talhar da face oculta de minha estatura, que esta silhueta então me fizesse um exército de terracota, que me guardasse entre rios de tinta e amor.

Entre meus dedos, meu expirar traça voláteis vapores nas lentes da espera que me viveu, da busca que me perdeu, da vida que me morreu, tudo que tentei dar sem que tenha sido recebido, partilhado ou retribuído.

†

Locus spiculis cingitur [95]

|21 junho 2019 21:25 | áudio 9 novembro 2018 – segunda parte de 6´26 a 23´´20 |9F | ✇

Que sempre me senti numa floresta andando em círculo das sombras, não podia me afirmar que a natureza me odiasse, mas que de alguma forma intimidasse meus vigores, sua mata intrincada camufla verdades, decisões e soluções, são essa mescla de nutrientes e toxidade, são esse manto de exuberante vida e um inóspito lugar para cavalgar meiguices. Mas eu olho não como risco, mas como o olhar da presa, acuada que afugentada de qualquer vulto, de qualquer

95 *Locus spiculis cingitur* -Leira de farpas.

ruído desconhecido, como escaldada por desgraças, que só posso entender, simples e claro – seu medo.

Olhando meus espelhos trincados eu vejo como a um oráculo que me diz, que minhas atitudes insistentes, meu amor desmesurado, e as minhas afirmações sobre uma vida anterior, são as lanças que envenenaram. Mas não perfaz todos os cipós e árvores queimadas, há em si mesma o medo, um medo dos ímpetos e afloramentos, um medo de uma fissura no seu coração gnáissico96 irradiar um pulsar mantido sob pressões desconhecidas. Minha voz talvez produza uma vibração que produza algum receio que afete seus fundamentos de solidez, uma espécie de sensação equivocada sobre seus valores erigidos sobre rocha, como se um uivo na noite afetasse vidas, e não ter arreio sobre esse uivar a fizesse vulnerável.

Que tipo de conduzir de carruagem está realmente nas mãos?

Em mim há uma visão inexata dessas emanações da água sulfurosa, como mantos que encenam uma floresta oculta em seus mistérios, que reina sobre suas decisões, mas que a vida tem a realeza de impor suas curvas e buracos a qualquer momento, retirando aquilo que aprouver sua voracidade. Eu não posso entender os tremores frígidos dos profundos medos que se impregnaram na minha pele, como tingimento.

O sentimento que bate meu coração se acomoda em meiguice, mas traz também as consciências cármicas, mesmo que haja os ecos do sentimento que excede essa existência, as dores das formas escolhidas que foram usadas contra mim, me corroem lentamente, em lembranças que me julgaram inadequada, e da forma como fui extirpada, numa conta de dias multiplicados por muitos anos com as farpas enferrujadas que qualquer maledicência pode ter.

O gosto amargo de sentir-se um alvo fácil das difamações traz um buraco no diafragma e o ruir do chão do caminho. É simplesmente triste quando suas intenções são condenadas.

Por mais que eu não consiga medrar essa leira da amizade, eu sigo semeando e tentando colher o que verte de bom, mas é tão desolado que flores tão simples sejam assim ressequidas pelas mãos dela, porque amizade é sempre um céu para ser visto com deferência. Eu tive essa humildade e lealdade, ver este céu como um tapete divino de serenidade, a voar.

---

96 Gnáissica – foliação grossa com faixas distintas desenvolvida em torno de cristais, com minerais granulares grossos, a gnaisse.

Há um trecho do caminho, nessa jornada que pareceu que ia tocar esse céu e enfim conseguir reatar, mas eu estava com uma nova fragilidade, de cristal partido em água quente, aquele recôndito de pássaros que fende num tremor de terra dos confins dos confins da gente mesmo, eu havia sofrido essa erupção há três anos atrás da consciência das camadas mais submersas do sentimento, estava abalada e frustrada, e então todo o controle da fronteira de coração dela me impôs sentimento desertor.

Ecoa em meus labirintos, sons que trincam vidros, que as ferrugens dos gelos queimam num instilar ácido, meu olhar desolado que sabe a total falta de necessidade das precauções impostas sob forma de bloqueio e reforçam perenemente a rejeição, que de certa forma, vozes atrozes do passado ajudaram a empunhar um tipo invisível de arma sobre a coluna de meu coração impoluto.

No fundo do meu coração, eu sinto, uma profunda dor de ingratidão, e injusta. Faz esse deserto avançar sobre o mar e o extinguir. Há o saber que a estreiteza foi um fio invisível do não querer, e naquele momento que trocamos mensagens não houve um aceno concreto, apenas uma voz que se derrama sobre o mar. Não nos encontramos. Talvez seja ali que perdemos a última chance.

No fim, como uma purificação de uma salina, os sentimentos válidos ficaram para mim, e as convicções algumas se fortaleceram, e as dores me deixaram realmente sofrida, porque esvaiu mais sangue me deixando combalida, mas o resto (o amor) conseguiu ser supremo ao algoz de seu medo.

É lamentável que esse emudecimento haja recoberto de corrosão a amizade que eu cedi. Eu não sei em que tipo de atadura ela encapsulou o que eu realmente sou, a convir suas relações sociais; que tipo de armadilha se tornou minha descaracterização a inviabilizar qualquer afeto, qualquer amor, qualquer laço de amizade; o que teria sido o dito a meu respeito...

(Nossa! Como isso é doloroso para mim todo o tempo. Por vezes eu creio que me engano para suportar, um tipo de controle sobre a dor, mas nas horas da noite suas garras afiadas me estripam.)

†

Flos spetaculi [97]
| 24 junho 2019 11:56 | 9g

Sentia-me. Como que expelida de um átrio negro para a rua, em gelo de queima na rosácea, sem lugar para me sentir em paz. Olhava dia após dia a frondosa árvore mais acima na agigantada avenida, onde imaginava que poderia afixar centenas de orquídeas de floração branca, como manifesto de anseios frágeis de folhas trincáveis, ia e vinha tentando mudar minha face e mascarar quão destroçada eu estava. Dois mil e um vapores de beijo que eu estava emanando do cume de meu lábio à planta dos pés, em ácido que se condensava e escorria pelas veias de um esgoto interno que eu desconhecia. Olhava placidamente a árvore, refletia a intenção pura que parecia ignorada como cães que atropelados permanecem nas bermas de uma estrada qualquer.

Numa de minhas andanças no trabalho, me deparei com um arranjo de flores como que pintado à mão sobre porcelana fina e translúcida que aleitava o ambiente como a beleza do alabastro. Em desespero cianótico eu admirava este alento, uma existência especial, que mudou de rumo meu pensamento, numa forma singela de um barco que navegasse a oferecer o perfume para os nativos margeados em suas vidas arranhadas.

Após outro e outro e outros, a cada um desses arranjos eu furtivamente delegava algum tipo de esperança que supunha possível, me dedicava minutos de sabedoria admirando a beleza da arte da harmonia de alguma florista desconhecida. Até que um dia, havia um misto de flores, dentre elas uma flor exótica branca, talvez uma orquídea, não saberia dizer, mas emanava luz própria, me aproximei da mesa de centro dessa antessala de reunião, havia o nome da floricultura, que captei e decidi que deveria encomendar um arranjo de paz para minha amiga.

Eu telefonei e falei com a pessoa que elaborava o arranjo, especifiquei tranquilamente aquilo que seria algo adequado, apenas uma palavra a constar no cartão, nem me lembro se dei meu nome a informar, na verdade não importaria, as flores brancas deveriam ser selecionadas criteriosamente, deveria perfazer um tamanho não pequeno, não grande, importava mais que fossem puramente e perfeitamente brancas, fiz então o depósito do valor estipulado que não era módico, e jamais nada mais soube do destino do arranjo de flores brancas e

97 *Flos spetaculi* – Lat. Arranjo de flor.

seu cartão de uma palavra que deve ter sido entregue no trabalho onde ela estaria, a não ser perguntar à florista se havia ficado magnífico, ela me disse que tinha feito excelente trabalho e confiei.

Não houve em mim sensação de vexar, nem sensação de inadequação, não houve uma dúvida sequer da mensagem pretendida entre nós, nem duvidei de minhas motivações de amizade, a única coisa que me fazia olhar atentamente era a escolha de uma obra de arranjo floral a um simples buquê de uma floricultura qualquer de esquina, e seus valores díspares.

†

Vindicta[98]
| 24 junho 2019 12:38| 9g

Não há que se importunar uma mulher, que transpira todos afazeres, levanta e abaixa de tirar pó aqui e ali, lavar o que ninguém se importa, cuidar e guardar a população de um estádio, que em poucos meses os transeuntes deixam caído nalgum canto, só se lembrando do endereço de empréstimo nunca de devolução. Não há que se importunar as feridas que apenas um gato lamberia, suas dores inimagináveis nas noites cansadas dos anos, das decepções em todo tipo de conversa, mais barulhenta com sua juventude que fulgura essa aridez, um tratar completamente anêmico, e poucos sabores que sejam motivados espontaneamente como brotar de uma flor, um amor que a ame como uma rosa no ninho da palma da mão, com delicadeza e convicção, com suavidade do orvalho, com devoção autêntica. Não há que se importunar qualquer uma mulher no seu ar mais asmático e sua condição mais franzina, nem mesmo com uma voz suave para dizer preço algum, nem lembrar qualquer atividade esquecida, pois as mulheres fazem, na hora certa elas fazem, com alegria e encanto, cantarolando ou rangendo dentes de rancores e traições, de desvelos e descasos, ou deméritos proferidos diante das suas horas mais exaustivas, e na sua exaustão ainda não há que se importunar uma mulher com mais labuta, com fugas e desculpas, com gritos ou argumentos vazios, que o tempo de mucamas nem mais existe, sim, ela se diz, ela pensa no amor que poderia, mas não um solavanco das falhas mais retumbantes de maus gênios de um homem e seus vacilos.

Que se encher de alegria amorosa é dadivoso, mas seu ressequir é muito mais perene.

---

98 *Vindicta* – Lat. Castigo.

Há que se pensar. Ela adentra e ele está assistindo um filme pornô, coisa que entre uma expressão de traquinagem tenta diminuir, dentre as tantas outras, com mesma expressão não convincente de que nunca teria feito nada.

Então ela, descasca o limão, coloca num pilão novo, amassa com açúcar, e apesar do desdém de quem acha ter-se safado, ela pega sua aguardente reservada, e usa na caipirinha só para ela, e diz sem erguer a voz, sem tremer, sem riso nem pranto: - Cada um se ilude como quer. – Sai experimentando um sorrir de liberdade das falsas machezas em um sabor dos devaneios dos quais não poderia ter uma mácula qualquer, depois de tudo, isso pouco importava, mas já importou bastante. Ela estalou a língua na caipirinha perfeita.

†

Scrinium [99]

| 24 junho 2019 13H | Por H | 9g

Um dia, passando nas calçadas da cidade, na loja de móveis adentrei em sua penumbra, numa espécie de meu-próprio-jeito que por vezes queria agilizar algo para alguém, geralmente a mãe, irmãos, namorada, e inspirando aquele cheiro de madeira encerada, fui olhando em todos os cantos na caça de um móvel que tivesse o jeito mais perfeito, e assim do nada surge os bigodes retorcendo do dono da loja, seus olhares brilhantes e rosto rosado, nas francas risadas de algum fato engraçado, se dava a interlocução, da busca do bom e do melhor móvel talhado com esmero e de aspecto mais intelectual possível, enquanto que ao mesmo passo desvalia assim para que o preço se reduzisse e que tudo fosse azeitado da melhor cera.

O senhor apontou a escrivaninha, que com tampo estojo estava num canto escondida por um móvel grande, mas que de bater o olho, achou perfeita para que ela então amasse. Mas, certificando do preço para que ela, ela mesma pudesse pagar.

Logo em seguida, com todo entusiasmo nas acelerações a chegar na casa, deu com ela sentada ouvindo um LP com alguns chiados tocando na sala, ela de chinelo de couro com uma tira delicada branca, de bermuda de calças jeans cortada, cabelo comprido grosso, olhos de jabuticaba que reluziram quando disse ter encontrado depois de muito – valorizando – a escrivaninha de tampo estojo, que era pequena e perfeita para seu quarto e não custava muito, era de bom aparelhamento de madeira de tom castanho.

---

99 *Scrinium* –i – Lat. Porta-livros, caixa de cartas, escrínio, escaninho.

Ah, seu rosto se iluminou e foi contar suas economias num envelope que ficava preso com alfinete numa roupa de cabide, enquanto pensava olhando sua cama cheia dos livros e fichários empilhados quase à beira de cair ao chão, sorriu em tamanha felicidade oposta à de ter perdido a mesa emprestada.

Foram na loja onde ela alisou e abriu aquela tampa dezenas de vezes e abriu suas gavetinhas que ficavam sob uma pequena prateleira miúda na fronte da mesa, que não era tão espaçosa, mas dava para escrever, caberia uma suposta máquina de escrever, as duas gavetas frontais, abriam sem ranger, e ela sorriu... Então colocou seus dois diários e um caderno na gaveta esquerda, uma caixa de papelão com as canetas tinteiro na gavetinha. Aquele nicho de madeira abaixo das duas gavetas, deixava uma fresta misteriosa, onde ela meteu um envelope com um pequeno barbante para resgatá-lo, assim selando seu segredo, e nos nichos dispôs um dicionário de bolso, uma caixa de papel de cartas. Na pequena prateleira colocou delicadamente virando o rótulo para frente, as tintas das tinteiros Parker, uma azul e outra preta. Eram vidros em formato losango. Pequenos bibelôs e recordações de namoro, e na gaveta direita papéis branco para escrita, papéis de carta feitos à mão. Fechou e a trava em gancho engatilhou, retirou a chave e grudou na contracapa de um livro. Pegou um a um os seus livros, poucos e os perfilou na prateleira externa frontal, seguros por uma caneca pesada e à direita um porta-canetas com canetas esferográficas de cores diversas, lápis, uma lapiseira velha sem grafite, sem o botão de premir, com a borracha gasta até o talo – lapiseira suíça que sua madrinha dera. Ela tinha agora seu xodó.

Ao fechar a porta do quarto quando me retirei, ela deu um grito contido e uma gargalhada.

†

Turris [100]

| 23 de junho 2019 14:34 | áudio 9 novembro 2018 – terceira parte de 23´20 |9 f | ✇

Há um vento quase solar, mas triste nesta manhã que em amena friagem, as luzes me pareceram as sombras da tristeza profunda que essas decisões do passado fizeram a moldar uma espécie de armadura, da qual apenas a utilidade é seu peso em meu ombro, cujas emendas contém farpas daquilo que constituiu

100 *Turris* – Lat. Torreão do feudo.

como cinto de castidade numa forja de uma insígnia de adversária, de um modo ou de outro, desse peso nunca pudemos nos libertar, eu pressinto ainda hoje imersa nas claridades do mezanino, nas fumaças da minha voz penalizada desses crivos que me invalidaram em seu círculo de vida, na mais branda e pura amizade, no mais terno respeito e no mais dadivoso semear de campos de trigo num feudo arruinado do pequeno príncipe. Nenhum significado pareceu mais na luz mágica do candeeiro sem matula, nenhum significado tremulou nas flâmulas de seu torreão, nenhum significado das leiras de flores pareceu lhe preencher a memória, nenhum significado pareceu ter sido guardado num baú com as cantoneiras de prata gravadas em baixo-relevo, nenhum significado pareceu ter sobrevivido aos estios dos olhares ruins das pessoas, nenhum significado sobreviveu para dar verdadeiro pulso e identidade de sua liberdade mais essencial, sua amizade verdadeira e incondicional.

Que no fundo essa adversidade me colocou num calabouço, frente a uma realidade mísera de viver o maná que Deus oferece, sentindo as dores das desilusões de injustiça, desterro e ignorância se impregnarem em espinhos enterrados em meu ferimento de vida, onde as mãos por mim são algumas sombras daquilo que minha aliança erigiu sem robustez diante dessa força.

Depois que os ventos de uma estação desconhecida nos assolou, meu lar foi bombardeado dessa areia do tempo, onde quer que estejamos, nossos sentimentos se diferem em horizontes e tempo, na opacidade do estio, que por mais que eu em algum momento tenha tentado me libertar, atirando parte de mim ao fogo, no equívoco de supor sobreviver, nesse agora ainda me passam buscas de antídoto, algo que me permita dar o passo para um sentimento seguinte, a uma nova vida, ou resgatar a união vivida no passado.

E talvez o dia que o livro caia sob a luz inclinada com as páginas abertas, que seja colhido por dedos e olhos estranhos, um dia que as palavras soem um gongo no coração, que o couro do timbale se esgarce, que o som vibre a vidraça, estremeça o chão de seu alicerce de vida, que uma fenda se abra com as poesias que em melodia a cerquem de borboletas de desenhos de boca e olhos nas asas, que possa voar iluminando as sombras do vestíbulo; talvez um dia, o quebra-cabeça seja lido nas palavras de novos livros meus que possam ser publicados, que apareçam solidamente numa prateleira de livraria, que seus olhos por acaso se deem com eles em magnetismo que a faça ser mais orgulhosa que desdenhosa, que faça sorrir e sentir profundamente aquelas vestes que foram talhadas para ela em maciez de seda e linho egípcio, com frescor e morno carinho para com flanelar dar polimento sem aridez, restaure o grande esplendor.

Talvez as palavras grafadas nas páginas podem ter sido um sopro espadado de um grande ataque perfurante de vento que fez gelar e sentir arrepio, tremer os ossos em hipotermia e sentido avolumar as madeixas das sombras dos medos.

Talvez, ela sinta-se completa ou ferida, mas ao passar dos dias seus olhos sentem a necessidade de rever e entender aquele conteúdo, penso agora – ela pode ter mão ou ter a paralisia.

Folheando minhas publicações e sabendo que grande parte delas são páginas voando num meio cósmico de vácuo e inércia, os indicadores mostram esse ponto focal na minha escrita, em mistério intrigante de quem 'taria se importando (ou teria se importado) com essas páginas voando em cambalhotas pelo chão de constelações imperceptíveis, um olhar que apesar de tentar se camuflar permanece fiel ressoando para mim um interesse pessoal e aprofundado.

Nesse momento os pássaros da tarde breve, adentram em interferências que prejudicam os meus olhos, nessa lanterna das páginas se perguntando 'o que terá sido a decisão de não mais...o que terá sido?'

Eu olhei agora, entre minha voz de questão, o meu livro lançado na estante, pensando que ele pode nunca ter chegado às mãos dela, ou não, a simples existência do livro pode ter selado mais ainda essa tumba, mas quais sentimentos constroem esse feudo mais bizarro?

Em minhas dores retumbam meu próprio direito à liberdade de exprimir meus sentimentos, em palavras, em desenhos, em pinturas e isso não irá cessar.

A vida não é tão longe que as consequências possam calar a voz, mas não podem impedir as páginas ao léu. Ah minhas tão lindas cantigas de luzes, as poesias de anjos e fragrâncias, as flores e folhas secas, as praias de céu infinito, será que seu olhar alcança o longínquo? Será que o coração interpreta meu coração? Não posso saber, apenas ouvir o rugir mortal do silêncio da inexistência real desse elo afetivo e da minha literatura.

Talvez poucos sejam os brotos germinados, talvez alguma flor, talvez ela seja uma das poucas, ou a única, ou agora nenhuma, talvez nada reste nesse solo estéril que sou eu, para o carinho e para páginas que não desfolhem no vazio.

Como eu posso me sentir com esses livros que escrevi para ninguém...

Tenho que respeitar quem quer realmente ler, ainda que me dê nó no estômago.

†

Confidentia

|24 junho 2019 13:34 | 9g | Música: Amethyst – Yoshiki| Por D

Nem sempre o dia começa dando sua profecia certa, eu houvera me molhado de chuva, que deixara prateadas que eu via de olhos enevoados do décimo andar, o cruzamento das avenidas Prestes Maia e Senador Queirós, enquanto se aproximava uma analista do prédio da Brigadeiro Tobias, na manhã com uma blusa de seda estampada, mas olhar tímido, e eu tinha apreço desde quando fora sua contratação, eu mesma aplicara as provas de avaliações psicológicas e testes de raciocínio, e curiosa pelo motivo que a trouxera à psicóloga da empresa, acolhi na minha sala, ela pouco à vontade, cerrei a porta, sentei com meu ar tranquilo e dei início a sua fala.

Por minutos ela rodeava sem rumo falas sem grande significado, com ar um pouco angustiado e trêmula, mas estava com o rosto iluminado apesar de me instigar a curiosidade sobre algum problema, eu andava sobre o dossel de folhas sem deitar ruído, com palavras cuidadosas a entender sua demanda. Por fim, com olhar baixo, disse rapidamente sem engolir ar.

- Eu estou esperando outro filho, e ele não está contando com isso. - Seu olho condensava uma pele fina e frágil sobre essa questão.

Mas logo me iluminei, que casos assim eram de certa forma corriqueiros, então, desfilei uma sequência de perguntas a induzir a crença de que ela seria capaz de suportar toda e qualquer adversidade. Antes de mais nada...

- Olha que coisa bonita M! Mais um para esse mundo! Como se sente? Está transcorrendo tranquilo, né! Já contou para seu esposo? Olha fique tranquila, você está bem empregada, vai dar tudo certo! Disse isso com eloquência de confiança. – Parabéns!!! Que alegria, logo vi como seu rosto estava bonito M! Seus filhos vão adorar!

- Não disse a ninguém. É que não decidimos ter outro filho, então, estou preocupada como será a reação. Não quero passar tudo sozinha. Você sabe como foi a gestação anterior, nós ficamos marcados com queima na pele, foi nervoso. Até agora estou bem. Como acha que ele irá reagir?

- O que importa é como você sente isso, quis ter esse filho não? Você é bastante inteligente e não creio que quis atropelar a vontade dele, apenas acontece, fique com o que sente pelo filho, sei que ama seus filhos e então tem tudo de que precisa. A reação dele deve ser de surpresa, mas claro que vai pesar tudo sobre a família que construíram. Fique calma, não exagere em falar demais e deixe-o amadurecer essa notícia.

- Obrigada D! Sabia que ia me passar confiança! Eu vou dizer a ele ainda hoje, pedi para irmos jantar no restaurante alemão lá na minha terrinha.

Sorriu triste e ansiosa, com insegurança e como quem infla o peito de força que tem e por instante duvidou.

Despedi dela com meu braço que se estendeu sobre o ombro, dando um pequeno ir e vir de mãos, com meu sorriso mais convincente, disse a ela: Você é uma boa mãe. Ah que legal! – e ri ao abrir a maçaneta da porta sem deixar barulho estremecer qualquer humor.

Ela sorriu feliz, com uma expressão mágica, mesmo que séria, de um grande poder de encapsular uma nova vida, e saiu pela porta com todo seu frescor de ar sonhador.

8 LUCES[101]

†

Cælitus Lucis [102]

| 26 junho 2019 17:45 | Por M a Z. | 8a

De meus olhos do fim da tarde, que certamente as luzes não escapam, que as palavras que me chegam embaçam, mas que esse sentimento de uma vastidão de peito que o ar corra entre os campos, numa rajada vestida de um véu suspenso de libélulas acesas, que fagulhas já iluminam os vales e vertentes, em lágrimas da pérola da virtude do tempo.

Assim as palavras ressoaram após os momentos apreensivos, a ansiosa espera, como um abraçar que meu peito fazia à irmã amiga, que então esse bálsamo aplacasse essa cicatriz e pudéssemos chorar todos os risos que perdidos no meio das palhas, ocultos na nascente, que então acendesse uma lua invisível como pira de alento, como ouro de nossa valia, como forja de uma reunião e em alegria o céu se avistasse do peito do pé, dos filamentos calados do cabelo, do ar que então vibrasse pelas vestes esperançosas numa dança de embalar do coqueiro e em mansidão um marear de lago soerguesse os patos, as asas de um voo límpido e claro, assim ressoava seu choro, seu brado, que o raio de sua vida nos chegou enfim em luz e em brilho.

Nasceu.

†

Margaritae aspera [103]

| 26 junho 2019 | Referente ao áudio de 15 Out 2018 14:38 | 8 a ✇

Eu queria refletir, minhas pérolas à luz suas rugosidades e falhas. Olhando para primeira pérola de afetuosidade, eu olhei e olhei. A ingenuidade de entregar suas purezas numa água tempestuosa, tão fácil ser maculada por quem quer ferir um amor novo, e perdi, dentre os sucumbidos, estiveram todas as amizades, exceto uma que provou ser leal, e meus passos arderam nas brasas da injúria.

---

101 *Luces* – do lat. *Lux, lucis*, no nom. plural. Luzes.

102 *Cælitus Lucis* - Lat. - Raio de luz.

103 *Margaritae Aspera* – Lat. Rugosidades das pérolas.

Quando acolhi um novo bem querer, franzina e acuada, tudo que semeei foi a verdade, então sedimentamos nosso respeito sobre essa pérola e dela que nosso amor brilhou. Ao menos eu fiz disso um anel para vida toda, que a sinceridade nos abrandou, feriu, remoçou, nos deu rugas, mas nos deu raiz. Por mais que nossa vida nos trouxesse dissabores, a verdade foi nosso elo, ao menos de mim, não pude ser esteio sempre, não pude ser tolerância.

Por vezes eu afligi com minhas garras, eu afligi com minhas inseguranças estremecendo da árvore o galho fecundo, eu afligi com negrume das noites sobre tudo que se passava comigo dentro de um vórtice ganhando força e poderes destrutivos que eu não poderia controlar, nesse elo que surgiu na minha vida com uma amiga. Se por um lado gumes e equívocos de terapêutica que tive, me justificavam, houve um gesto de apego e desespero numa busca de proximidade que só posso traduzir para meu próprio abraço de afogado ao pescoço da minha vida, ao tentar estar em circunvizinhança com minha amiga, abalei toda família pela incompreensão. Meu casamento navegou todos os mares e atravessou o Cabo Horn na lustra lâmina daquela adaga que pairei no meu pescoço, amarguei sempre esse infortúnio de caminho e nos salvamos ao reconhecermos nossos problemas mútuos navegando distante, desejando chegar no destino final. Esses trinta e um anos atravessados com o madeiramento sendo amarrado com junco por ele diversas vezes.

Com o amanhecer do dia, senti o rosto queimado me mostrar uma espécie de carranca sem olhos e desprovida das cores poéticas que flamejavam a alma de minha vida. Éramos um composto estranho, de mastro rígido e vela tremulante que se desfralda e se guarda.

De alguma forma, minha terceira pérola, que dela guardei todas as luzes numa espécie de provisão em barricas de aguardente, seguem num porão, numa sombra de espreita e emanações de vapores de seus álcoois, mas os livros poéticos um dia tomarão os ares da luz e a luz dos ares - pode demorar, dias, anos, décadas, a morte, eu sinto que essa ebriedade acontecerá.

De meus filhos confio nas suas estrelas alvas e que não sendo pelos versos, não sendo por falta de minha sinceridade talvez nessa meiga luz naquele céu noturno, poderão me abraçar na completude de amor que tenho, naquilo que tanto demorei lustrando brilho até poder mesmo ver o real valor. Eu confio que suas consciências são estrelas novas que muito irão brilhar e compreender.

Por momentos penso que olho os voos que quero, talvez eu vá e viva outro sentimento, não sei, mas a cor dos olhos nascidos de meu ventre não enevoa tempestades para mim, eles sempre brilham o reflexo da primeira estrela da manhã numa esperança que me revigora. Hei de sentir o bater dessa confiança humana com meus filhos, sempre, amor no coração faz parte de seu bater, eu

confio no tempo de suas consciências, e talvez não acolham por amor a seu pai, então terei que entender.

Apenas oferecer sempre meu abraço. Isso sempre eu fiz.

Eu sempre descartei os pesos dos ressentimentos, alguns ficam atados em âncoras me pesando, mesmo olhando sempre as outras faces da moeda, há ressentimentos que retomam a mente dos sonhos e alguns ferimentos eu os cicatrizo, mas suas dores permanecem. Por vezes foram situações opressoras e uma penalidade solitária longa, então não importam mais essas faces daquilo que feriu minha fragilidade, eu sigo pisando esse calo dolorido.

Falhei com minha amiga, não por uma vez, não obstante eu tenha tentado me redimir, há um ponto de queima, que é o quanto eu afetei sua vida, que problemas e impactos; dezoito anos entre amizade e sua quebra e minha infindável luta de recuperação e quais areias essa onda revolveu nas fragilidades pessoais e emocionais em toda diversidade de pensamento e sentimento, que não só impingiu força em mim...

†

Affectio absque[104]

|02 julho 2019 23:33

Então M em sua delicadeza, emprestava um aceno àquele senhor que se curvava com mãos trêmulas em um papel transparente impresso, que derramava copiosas lágrimas, ele esticou suas grandiosas mãos e o papel planou tapete voador até uma mesa encerada, e os dedos lentamente se ergueram em direção aos seus pômulos de maneira a estirar as mãos que vexado de seu desmanchar, entregava um pranto alto sem poder acreditar. Afinal ele de certa forma a salvara.

†

Dies caeruleum intacta [105]

|30 de junho de 2019 15:48 | Música: Just say it – Aethervox Domination - Sleepthief | 8b

---

104 *Affectio absque* – Lat. Afeto sem...

105 *Dies caeruleum intacta* – Lat. dia azul - intocado

Por diversos anos eu supus que preservaria este afeto na raiz do que semeei – família. Eu me entregaria a este lençol de céu em uranografia, dos revolvos[106] de nosso tálamo me entregaria se os afagos não tivessem se perdido, eu entregaria meus lábios do desespero mais uma vez em ébrios luares, entregaria minha tez vestida de visgo por estímulos impróprios, com ferocidade intacta do azul, eu entregaria minha pele se suas palavras se fantasiassem daquilo que nunca foram, se seus olhos me parecessem o mesmo talófito do verdejante, se suas mãos não me fizessem sentir açoite e queima, se suas mãos fossem poesia de pluma desse céu que abocanhou tudo, e fosse a luz da sombra que deslizasse nas minhas costas frescor do escorrer de pingos. Se seu rosto afirmativo parecesse afirmativo, se sua voz não fosse um ríspido raspar entre pedras de arestas, se sua força fosse orgasmo e não dor dos anos murchos, se sua vontade parecesse qualquer coisa com paixão que há muito fora flor que desfigurou, se seus olhos fossem pinheiros sempre-verde, e se os momentos fossem intactos na rudeza da realidade.

Por dias as cenas da cidade pairam meus olhos em nossos maiores desencontros. Quais foram as esquinas perdidas e quantas flores artificiais comi para suportar em seus efeitos alucinógenos a dor estacada da decepção e dúvida. Entre situações críticas e amanhecer ameno que iludiu as cores reais no tempo certo ou as ameaças do abandono insuportável.

Os céus do voo pálido de pomba hoje me dizem, me conta as ramas colhidas de agulhas negras que nunca fui, do dizer ecoado daquela casa iluminada pelo Sol transitando a conjunção de planetas, com o entardecer que era imperecivelmente sereno com o avistar longínquo das sombras espalmadas de S, em seu observar calculado, enquanto eu subia os degraus da nova casa então, enquanto ele me dizia: _ Olha hoje podemos observar Mercúrio e Vênus no poente. Ali! – Dizia-me me apontando com o braço estendido sobre o horizonte reto que eu poderia seguir como ponto de fuga, talvez que ele desejasse que assim eu seguisse me libertando dos ferimentos que aquilo iria produzir. _ Filha, você está bem? Olha... eu vi seu esposo com outra pessoa na cidade.

M olha para seus olhos que davam notícias reais, em um revolver de decepções que começavam e ela nunca imaginaria aonde mais iriam acumular. _ Tem certeza?

_ Tenho.

Os olhares fecharam o poente, a noite se antecipou em passos sobre ela, para destruir algo que jamais conseguira ter vigor suficiente para suportar uma das invernadas. Em ângulo agudo e fechamento das glotes, ela fechou suas nuvens

---

106 Revolvo – do Lat. Revolvo – repetição. O ato de revolver.

em torno de si, dando mãos à filha pequena e filhote em seu colo, e neles sentiu o último calor de sua vida.

Após ou antes, em algum tempo, ela viu com seus próprios olhos, e viu as rugas da desilusão, as rugas farsantes e nada mais poderia ser igual do que um romper e um reconciliar naquele tálamo e nos movimentos fortes de um sexo que no dia seguinte rompia com seu inverno.

As palavras escritas que certamente surpreenderam-na um derreter das ilusões entre senso de orientação e desorientação, com uma dor forte no centro do universo de seu corpo com uma marca de queima de menosprezo. Assim as dores a empurravam para fora da sombra da árvore, numa solidão que a vestia com certo caimento de nobreza imperceptível em gestos amáveis às pessoas, mas inseguros em furor de um estopim deles. E as rachaduras se ampliavam num céu que se apagou repentinamente.

Que na luta de confronto, a arma de subtração de seus filhos feriu completamente sua liberdade de escolha. Assim o dia prosseguiu, nas ocasiões de sexo a lhe manter de algum modo perto de seus filhos, no ir e vir de seu trabalho e nas biles de amargor que iam matando pouco a pouco seus sonhos num desespero fumado em cigarrilha fina.

Não importa tudo quanto se vê neste céu protegido das montanhas, e momentos de amenidade, os revezes dos vidros enterrados na palma da mão e sua sutura cortaram para sempre a identidade digital do polegar.

Não importa quantos gritos de maridos por aí existissem, nem quantos impediram a profissão de suas mulheres, de quantas lágrimas estas tiveram, e quanto se subjugaram na lida diária da vida, e quantas vezes seu engravidar foi negado, ou sua vontade de ser mãe foi violentada, ou seus dons foram açoitados... Ali estava o dia, e a noite e as decisões.

Que talvez por armarmos nossas tendas de acampamento, ou que de algum modo gostássemos das crianças e nós mesmos nas discussões inúteis dos nossos locais de jantar, ou que minha barriga crescesse envergonhada na gestação sem senso de que braços me amparariam na dor.

Fora logo que sentir a segurança se tornara passado e os abutres do amor invalidassem cada gesto que pudesse tentar este replantio.

Não menos hoje, nessa tarde anil, da montanha meio dormente embriagada, nossas interlocuções que nem de perto se assemelham, que melhor os silêncios se beijem, que os toques se confundam, e a escolha seja de algum modo incômoda, e nada pareça se assemelhar com os ímpetos juvenis, e com as boas coisas que tivemos antes que de alguma forma estragássemos, como arroz na

queima. E sem grandes diálogos que nos permitem adormecer os afetos já completamente estranhos e as falas amenas que nos cantassem a melodia que nos aproximava, em todos os trejeitos e falta de jeito viemos tropeçando, entre nossos dissabores que se projetam dilatados nas paredes de nosso quarto entre nossos sonhos desencontrados, assim por algum fim de tarde ainda parecemos bons amigos que por vezes colocamos as mãos nos rostos, mas olhamos sabendo o tamanho da fresta que de nosso chão suprimiu nosso suporte e nosso entendimento talâmico.

†

Vetus flamma erupit [107]

| 1 julho 2019 11:09 | Música: La Balbianello – Doce D´aveto – Finland & AAskoven| 8c

Hoje no dedilhar entre cordas de nuvens e nebulosas, a estrela da manhã desceu e tocou meus olhos com lágrimas esquecidas, num estranho pensamento, um aquecimento necessitado na madrugada, e um distante abraço fechado no meu vazio. Na anterior tarde, já com o livro deposto sobre a cama, o computador recolhido do meu instante nessa escrita deste livro e da releitura de um retesar de dor sobre a cicatriz cesárea, e num resquício dos filamentos nervosos partidos nas costas naquele momento do acidente, então me acerquei de preparar a compota de nêsperas, que exalava um perfume incrível, entre um sorriso encantador mesmo que ele repousasse suas duas mãos sobre sua lombar. Então, fiquei mexendo com enorme afeto aquela calda e frutos limpos, na translúcida panela de vidro, e por um tempo grande ele esteve ao meu lado logo atrás percebendo a dança de minhas mãos, questionando cada coisa que eu espanava para selar meu momento abençoado e preparar vidros esterilizados.

Quando eu verificava o ponto, em ar divertido ele tocara por traquinagem vão de minhas coxas com mãos molhadas.

Desliguei a panela do fogo.

Sentei junto dele num final de filme qualquer, animadamente falando das coisas corriqueiras sem valor, que me estirei sobre ele, estendi as mãos sobre sua barba crescida, com olhar esquecido do tempo ou talvez fosse uma ânsia contumaz, talvez porque quisesse um sorriso perfeito ou deliberadamente talvez quisesse acender uma fogueira de acampamento sob uma árvore centenária,

---

107 *Vetus flamma erupit* – Lat. Erupção de paixão antiga.

de frondes altas e vigorosos cipós entrelaçados nos troncos e desfolhar as visões daquele céu anil nu por completo de qualquer intromissão, e assim os minutos nos aqueceram em bocas que se apoderavam da carne de frutas da época, e balões subiam o último ar junino, de entardecer de olhares amarelos de urodelo ou olhar feroz de um gato do mato, e colares da cobra coral que deslizasse sem sair do lugar.

Os músculos tesos de um poderio da árvore, que carregava em si os pesos que me girava e levava na corrente espumante das águas de rio, com meus pés no frescor, com meus resíduos e sangrias lavados num banhar de um repouso do tálamo, entre vento forte e apressar das águas irrepresadas, dos pensamentos mortos diante do olhar e ciciar de palavras sem sentido, na correnteza solta das memórias da vontade antiga, um emaranhar vigoroso e retorcer vertiginoso do vento ia obumbrando a casa com o cair da tarde, nas mãos que se entrelaçaram com um sentimento que por entre as folhas mostrava céu e as plumagens rápidas do recolher dos pássaros aqueles que me encantavam verdadeiramente, que naquele instante invadiam meus resquícios de união, enquanto eu centrava meus olhos na boca que com a fome dos prantos e a fantasmagoria dos pântanos nos reunia em força de sobrevivência, na intensidade profunda do céu da noite sem estrelas, na força de vento que deita as árvores, na ardência do fogo em acidulantes grânulos de adocicadas partes das nêsperas que foram cozidas.

E sem tempestade havia tufão, sem trovejar havia trovão, algo que nos deu raízes perfurantes de chão, algo que do solo as folhas bebiam algum tipo de nutriente da escassez e da ressequidão.

Suas mãos que se abrandaram, seu ar seguro que afrouxa um sorriso expirado, e grande exaustão do tempo nos hipnotiza dos sonos a obnubilar nossa cruel verdade, a extensão dos campos comidos das outras chamas.

Entre emoções tristes que tomavam o meu ar, com as remexidas feridas, e um extasiar abrasador do acender nossas fogueiras em ocara de nossos acampamentos, e transvasados de nós mesmos, adormeci lágrimas que não tive e lágrimas de outro sentimento que sufoquei, como gárgula de cobra esculpida em argila que entre minha força de mão se despedaçasse, mas em meu sonho de imediato desfilava suas lindas cores no mesmo feitiço que não um adeus que me permitisse.

Acordei entre lumiar fraco da noite recém parida, nos ruídos de um preparar de ceia, o perfume da compota que pairava, levantei-me novamente neste dia, como um despertar aquiescido, mas tranquilo, numa serenidade merecida, num olhar ameno que de certa forma as vidraças não vibrariam e os ventos assopraram em rumo do céu líquido.

†

Affectio absque necessitudines[108]
| 02 julho 2019 23:24. Z Por M |8D

Nas auras de Sol, tão amarelo em azul vestido em ruas que se podia atravessar em calmo espanto, de nem tantos passantes, nem tantos prédios, nem tanta árvore mocha, muitas nuvens de pássaros que dançavam como desenhos de arabescado de nuvens de gafanhotos, até se arrebanharem nas altas árvores centenárias da praça do mercado. Os sapatos de lustras gáspeas e senhores empunhando guarda-chuvas feito bengalas, e crianças chinelando os paralelepípedos com água em suas fóveas segurando as linhas de pipas se enroscando nos galhos secos.

O restaurante de esquina nas proximidades da praça da infância, íamos mamãe e eu, ela balançando uma fenda discreta na saia azul marinho, blusa branca abotoada, até entrarmos lá para buscarmos marmitas empilhadas enganchadas por uma haste alumínio; o senhor I esbaforido e suado, dentro da camisa esticada ao máximo em sua pança, sorria em risada destrambelhada sem menor pudor, seus olhos brilhantes mais afáveis que um cordeiro, sulcavam sua boca empunhando bochechas avermelhadas, em pronunciar simpático aventado à minha mãe, completamente solícito e logo dizendo:

_Cadê esta menina? - Esticando pescoço e amassando sua barriga no balcão de fórmica, lá acabrunhada estava eu, sem onde me esconder, mas sorria, porque logo ele se prestava a rodar aquele baleiro, e enganchava sua *mãozarra* [109] no gargalo de um nicho de balas e catava uma mãozada de balas que iam respingando pelo balcão até o chão, que me encantavam como malhação de Judas.

Em largo sorriso, entrega nosso almoço, pegava sua caneta na orelha, anotava uma caderneta, e educada minha mãe agradecia. Houvera dias que ele saia do balcão, me erguia pelos ares com suas mãos gordas nos sovacos ocos de minha meninice. E por vezes estávamos em vários irmãos então dividíamos as balas. Eu ficava com as do macaco de invólucro amarelo.

Pois vendo a consternação de mamãe, sem mim junto, porque um abestado casal começou a intimidá-la para dar, doar, entregar, a filha menor, já que tinha tantos filhos, e de pedir, passou a uma real persecutória e umas tantas tentativas que, pode-se realmente dizer um assédio para levar embora a filha. Mas então

---

108 *Affectio absque necessitudines* – Lat. Afeição espontânea, sem laços.

109 Tal se diria como bocarra para boca, mãozarra para uma gigantesca mão.

Sr. I, se irritou, ventando pelas narinas, que onde já se viu perturbar assim, e que perigo, podiam levar a menina, luz dos olhos dele, isso não podia ficar assim. Dona M, posso ir lá dar um esbregue, boto eles pra correr, seu esposo pode tardar e essa laia de gente, sabe lá...

Pois, largou lá seu pano de braço, tirou avental, em seu passo agigantado em chinelos franciscanos em pés inchados, foi abrindo alas, nem minha mãe pode se dar conta, as tais pessoas raptoras sumiram dali, com uns pescoções pode-se saber.

Dia seguinte Seu I, me vendo novamente, rodou balcão e me rodou meio corrupio, rindo às favas, piscando olhos para mim, e dizendo em gesto bem avacalhado, batendo palma da mão direita com força no músculo do braço fechando em arquear o antebraço: _ Banana pra eles!

Pessoa boa, restaurante fechou, as ruas se apinharam, os carros se perfilavam nas ruas, um semáforo nasceu, motos rocando, árvores caíram, e nos anos oitenta, lá estava eu e M, com uma caixa branca repleta de envelopes endereçados, a ir em pessoa, tocar campainha, casa a casa, entregar o envelope, até ele, o Sr. I.

_ Oi Dona M, nossa quanto tempo, como vai a vida?

_ Tudo bem! Novidade! M vai se casar, estou aqui com o convite para você e sua família.

_ Não brinca! Emezinha? Não posso acreditar! Entra, entra, que o Sol forte está me embaçando as vistas!

Minha mãe, desta vez sozinha em pessoa esticou um envelope branco, que tinha um papel vegetal translúcido com um pergaminho pintado, escrito:

As vinte e três de ... se dará na igreja dos negros, às vinte horas o enlace de...

M & H.

Em pequenino cartão, havia endereço de recepção.

I olhou e passou as costas das mãos na testa, uma cachoeira se formou, com chuvas de verão, de tamanho estranho sentimento, ele engoliu seco e depois se desmanchou.

†

Siderĕus[110]

| 4 julho 2019 12:26 | Preparo das 11:20 a. | Lista de músicas: Mcromaro Imersão. | Nunc momentum[111] | 8e

Que uma chuva ainda que mansa, me aparvalhe, que um raio fenda as nuvens e tremulem como abas de tecidos rasgadas, e que o céu profundo revele santelmos, e eu abra meus olhos em mapas cardeais, de lustríssimo[112] senso de orientação, e minhas ânsias que se diluam em ácidas mucinas que vaticino os inúmeros vultos que se derramarão de uma iconoteca índigo, no despertar antemeridiano, um desaguar de águas que se precipita com estrépito ferrenho quando num relâmpago é sua mão que me toca, e sinto no calor de meu ombro e na aspereza percalina de fronha, com os seus olhos num coriscar resplandecente, sem nuvens, apenas a curvatura do horizonte de mel, que do cabeço as nuvens *escorrinham* em leitosas vertigens como arrepios de gelo, entre suas mãos que as tomo nas minhas. Em *dormilicar* doce nos seios dos braços, seu calor manso me toma fazendo pericarpo [113]fervente sob um redingote tecido em teias de açúcares e que na boca me dariam o verter escorrido de um sapoti em alguma descarga de luzes rutilantes que retocassem as paredes fazendo-as sebe de flores areníticas numa luz misteriosa que, recobre-nos de amor que como renovo de tronco se reergue para o meio dos braços solares em alguma marina perdida em areal de sais de perfumes aluviados. [114]

---

110 *Siderĕus* –a –um – Lat. – (Sidus) Relativo às constelações, dos astros. Celestial, divino. Brilhante, resplandecente, cintilante. Excelente. Em destaque.

111 *Nunc momentum* – Lat. momento agora – são textos que referenciam o agora, o momento do ano 2019.

112 lustríssimo – superlativo de lustro, lustre, brilhoso, luzidio.

113 Pericarpo – Bot. - Parede de um fruto formado pelo ovário amadurecido.

114 Imagem poética, o devaneio materializado em sensações físicas do calor, em meio à chuva, a visão do ser amado aos braços e amores carnais, transmutam o lugar em local aberto de cerca-viva, de flores como a rosa do deserto, flores que são pedra ou se assemelhem, as luzes do céu que se abriu e a luz imponente de estrelas desceu, cria um espectro nas paredes, que as nuances giram essas luzes do dia, na verdade projetadas nas paredes, como reflexos de um globo de espelhos, mas que as cores se condensam mais em azul lembrando as gotas retidas no girassol azul, que é tentáculo a uma outra poesia que exprime as exuberantes especificidades e singularidades de cada pessoa. E como cores vivas dá nitidez à montanha com sua vegetação tricotada de cipós e trepadeiras, com árvores. Os sabores mencionados – um – o sapoti, jamais comi e flor-estrela algo que é imaterial, um palar (paladar) específico somente revelado pelo beijo de amor.

Uma doce dor ácida, uma doce sensação filamentosa elétrica que não pinça, não espeta, propaga um choque de sensações viscerais nos clitóris lacrimais dos olhos violetas que piscam os céus da paixão.

E nesse *Sidereus* profano as flores régias refletem os pingos esquecidos da chuva, em salaz gosto de sais azeitados em seu sápido gosto de flor-estrela da manhã, que o êxtase se apodera dos meus sentidos como láudano da cura de uma sânie de sangra coração.

Então no despertar das luzes em delicados dedos celestes, dançam a sarabanda em rodados movimentos num estranho relembrar dos girassóis azuis, que sorriem meus olhos e meus olhares se espantam vagando os ares em replantio da sapindácea exuberante que em intenso reflexo verdeja ar intensamente límpido.

Na madorna então sonho o *Mane Sidereum*[115], levantando-me com olhares misteriosos sedentos de um vagalhão de águas que em sangradoiro[116] posso colher com as mãos.

†

Crisis
| 10 julho 2019 22:52H | ND 7 | 8g

Como um copo que se quebra contra o mármore, suas lâminas se erigem como chamas ferinas, como dente de sabre, o brusco do retorcer da carne e o verter hemácia, um despedaçar dos minúsculos riscos frisados de um deserto imutável, uma marca indelével foi rasgada, a dor e consternações abandonadas, no frio da noite a sutura de trancelim que de cicatriz foi objeto de determinação condenativa.

Como um aro que se parte, as partes vítreas caem, em chão que as rejeita, sua fratura concerne que certos apunhalares invisíveis ficavam secretamente guardados num pequeno maço de notas, num fundo de gaveta, completamente confiscada da confiança, e ilusoriamente numa segurança completamente descabida, para que na palma caísse a falsidade, da qual em bolso escondia para ver o completo apego aos valores. A lente que caiu quebrou mais do que um mau momento, caiu e outras foram recolocadas como se a curvatura não denunciasse aquele fato de deslealdade. Ferimentos que se afivelam na saída abrupta da

---

115 Descrito no capítulo zero.

116 Sangradoiro, sangradouro – sulco por onde se desvia parte da água de um rio.

porta, entre os apelos, em arranhões em M que H dava seus passos como se sobriedade de suas ambições, nem tanto, passos de seu apego material. O que jamais poderia recolocar as mesmas coisas sobre seus móveis, que a poeira dessa ocorrência cairia e cairia, em tempestades de neve suja, rota e apagava mais alguma cor e um brilho num resto de uma fumaça.

Como um grito de exasperação, que tem chagas para a voz, que tem uma espécie de açafate que carrega a criança na correnteza de um rio, que leva poucas esperanças feridas, que as poucas coisas que mãos de M se estendem para tocar em sua casa, lhe são cerceadas, quando os livros prometidos parecem ser uma extorsão[117] e que todas suas últimas esperanças de dignidade foram tomadas por uma enchente. Naquele dia os atos perversos contra tudo que já houvera proporcionado parecia ser um caminho interdito, um ferimento que mesmo por mais simples, foi capaz de puxar a primeira pedra de uma pilha, causando uma correnteza. Já imersa num lodo angustiante tanto da penúria como da solidão, o teor do livro que envolvia a pessoa, numa maré ultramarina tomava M num empuxo, cujas reações, a afirmação literária advinha num contexto de dívidas e de menosprezo, dar a saber esse conteúdo requeria uma coragem real que traria uma perspectiva não muito afortunada diante de familiares e amigos, era um desnudar que em seu escalpo tinha uma missão que somente ela poderia compreender. No decorrer ascendente desses meses, chegou um momento insuportável, tanto no fato de que tudo lhe custava caro, como que sua penúria nada mudaria e só gerava um aumento de irritação e ar decepcionado daqueles a quem ela tinha algum débito. Neste dia, um fato insignificante rasgou a face, a depressão profunda levou a um caos, num debater de gemidas palavras que dentro do sofrimento eram um sangramento contido pela lâmina. A atitude de intolerância das pessoas próximas, H e S, só fez piorar. Entre o fato que mais uma vez aquelas situações de deixar no pronto socorro sem um devido apoio, guardava uma pólvora seca, um estopim que esfregado pelos pisos de saltos pesados se autocombustou. Enquanto jogava coisas no chão estando no verso da porta, com furor ela se abriu, que acertou M em machucar, e independentemente do estringir de sua moral, a situação não se acalmou facilmente. Tempo depois, a reação de ignorar de sua filha e suas palavras ásperas a levaram a estar na mesma consternação, que contra si foram ditas palavras que feriam sua autonomia de decisão, o desentendimento progrediu para que então ambas não se falassem.

Como uma dor lancinante no meio da noite, aos passos da escada, a estante de livros estava cheia de vazios, de livros usados nas leituras que davam base de elaboração do livro 14, um deles que houvera sido de M, mas que ela dera para a filha. Então como uma espécie invisível de sabotagem, caiu por terra

117 Refere-se ao não cumprimento de entrega da editora.

junto com as palavras cortantes de tempos que precederam na convalescença da sua cirurgia, num tanto de dias que M esteve tentando amparar num momento delicado, mas que findou com uma conversa ácida, sobre o sentimento sobre uma terceira pessoa, cujas palavras recebidas à machadada de interrupção e desferir de diversos insultos.

Como um ferimento sobre ferimento, cicatriz sobre cicatriz, corte sobre a mesma dor, às voltas com pronto socorro, com os mesmos ares de mofa e inconveniência, esteve em dia de reunião de pessoas, que já havia farpas inflamadas suficientes, chegou e percebeu palavras beirando ordens dirigidas a ela, num tom que não era crítica, mas uma censura bruta, oriundas de conversas das quais foi deixada à margem. Em dor e cansaço, suores e poeira hospitalar, desejava um banho, de sua dura lida em casa, com essa reação deles que a irritou, e de forma geral, como uma intrusa em sua própria casa, se sentiu hostilizada por todos. No fundo sentiu, o espinheiro que viçoso crescera desse sentir, dessa situação que cerca os cinquenta anos, uma espécie de incompatibilização com o que produz dinheiro, e então, isso já basta para fazer crescer qualquer nível de intolerância, que nenhum argumento se faz capaz de mostrar suas razões, mas que no fundo, estão essas pessoas com prejulgamento desde sempre, de uma ardilosa condução de suas informações.

Nem é mais o fato que sente, nem é mais o livro, nem é mais só a falta de condições, o que cerca essa adversidade, que os faz guerreiros contra si mesmos, é o fato de que seja livre, que escolha, que faça coisas à margem de todo um sistema de imposições, ou que fira uma estreita permissão no tocante de ser mera camareira de momentos cor de rosa, mas que na real, disputam uma posse de um pedaço da vida de M, como se ainda fosse o tempo perdido ou das coisas antigas que nunca satisfizeram, não importando em absoluto os esforços e preços pagos, que no final tecia um bordado claro, um rasgo de lado a lado, uma cicatriz cesárea da qual sua dor não se traduz em seus treze centímetros, ou que qualquer cifra possa conter as gotas de suor e sangue, ou as consequências de situações que pouco entendem ou sequer quiseram realmente entender pudessem ser mais que tudo que tentou por eles ser ou tudo que sofreu independentemente deles.

Então compreender o que é ser mãe, é como uma mãe que morre, ela em si sabe suas chagas, a deformidade física a que chegou, as ilusões que perdeu, e os ferimentos que não se cicatrizaram, que nenhuma lágrima pode suprir os dias de seu sacrifício.

Então compreender um casamento é além de uma benção de dedilhado violão, de amores suados na cama, e hematomas da alma com o distorcer de situações e traições de confianças.

Emaranhada de questões, de uma paciente solidão, de triste decepção, com outros livros e escritos que andam, a bruma do inverno desce enegrecida, mistura como pó da noite, um carvão moído e assoprado, a certeza que seus livros pertencem somente a ela e morrem nela. Cônscia de outros abismos entre a idade e a cria, entre o sentimento e tudo aquilo que H colocava como definição incongruente, certamente, nesse momento as raízes não fizeram tanto sentido, mas que sobretudo um canto de acauã, ou um revoar de arrebol, ou uma cor pálida, uma cor gritante, as pinceladas agora cercadas de adversários, causava receio de um outro tipo de destruição. A destruição do ímpar, da liberdade nata, e principalmente do direito de amar quem quer que fosse, e sobretudo o direito de ser quem se é – no caso de M, escritora e artista plástica.

Como dor lancinante, como corte de bisturi, como anestesia que em choque não anestesiou, a adaga cortou, o mamilo sangrou, os olhos se cegaram e uma flor nova murchou.

†

Res Fide[118]

|01 julho 2019 14:38 | Terraço| 8 c |Áudio 8 – de 12´13 até 26´37 ✇

Ah como as impressões primordiais podem supor e até serem reais, eu sentia nela uma união sem completude, um seguir de passos mais ásperos que os meus, delineados pelo sopesar de um sonho manifestado que fenecia agora a mais ululante cor do caraxué[119] sangrando uma recém percepção de elo materno de outrora. Tardiamente eu conjecturei que esse cristal frágil poderia ter sido também corroído pela mão pesada de um tratamento, não que eu soubesse, mas que em afirmar em seu momento de luto uma certa aversão me salientava de certo modo que esse cristal poder-se-ia ter quebrado justamente naquelas épocas em que nos conhecemos. É (apenas) possível.

De certo modo esses cacos lancearam-me e meu quando de ouvir ásperas acusações de seu então marido, deu uma concreta consciência de que minha presença como elo filial havia ferido o centro da relação de uma desilusão crescente para ela.

Tudo que cercava aquele momento era completamente inflamável, eu mesma num ir e vir daquela vizinhança a mim negada numa hostilidade e agressividade desmedida no exato instante mais frágil meu. Foi dali que caí do desfiladeiro,

---

118 *Res fide* – Lat. Questão de confiança.

119 Caraxué – sabiá da Amazônia.

qual arduamente me segurava em arestas. As injúrias que não poderia aceitar, doeram seus ferimentos por mais que eu tentasse ver as consequências de minhas atitudes. Não pude saber o quanto essas falas do telefonema tiveram alguma participação dela, exceto a certeza de que se originou de seu telefone, cuja ligação por muito tempo eu aguardara, mas não em ofensiva. Ali eu tive minha luta para reatar amizade confundida com assédio, considerar isso foi um instante violento de um ataque de formigas africanas.[120] Anos depois eu me entristeci bastante ao saber de sua união desfeita se o elo houvera sido êmulo, eu entendia que o amor e confiança sobreviveriam, mas que abrir mão de sonhos como o que era para ela, isso deveria ter pesado demais.

Tristemente eu senti a situação adversa que a vida impôs a nós mesmas por algo que era tão simples – Amizade.

O gosto metálico na boca atravessou anos da arrevesada decisão de silenciar e repelir a amizade, quando ocorreram as mensagens trocadas do décimo ao décimo sexto ano, não sei decifrar os sentimentos dela, fico muito triste em me ver no mesmo fosso que me fizera devastada.

Houve teores importantes os quais foram ditos de forma sutil e incompleta, que interpõe as toras de madeira para queima numa iminente fogueira, eu sentia seu medo, o incômodo que a responsabilidade sobre mim lhe dava, nesta questão de forma clara havia uma desiludida menção a atrapalhar mais do que ajudar, embora isso eu discordasse, que argumentasse, me parecia munir a evasiva.

Percebi tardiamente a indisposição para assimilar que ela possuía sobre os desequilíbrios que me jogaram nos tratamentos psiquiátricos, como uma agonia sobre o peso que isso cercava sua vida. Talvez a visão distorcida houvera sido refratada de minhas escritas, mais tarde eu contestei algumas dessas definições que não definiram minha real personalidade. Mas os arranhões ficaram e obscurecem aquilo que sou. Ela não detém conhecimento e essa situação ecoa elementos do passado sem que ela possa ter consciência dessa vivência atemporal versus elementos factuais que acabam sendo condutores de uma rejeição muito antiga.

Este rótulo serve de colunata que sustenta seu racionalismo em detrimento do sentimento mais puro de seu cerne. Ausentou-se lhe a confiança, que poderia ter se reconstituído em anos de esforços plenos e momentos de superação de minha parte, momentos que expressaram tranquilidade e uma convivência pautada em circunstâncias amigáveis e fatos descolados do passado. Embora minha condição melhorasse inclusive a psicológica, eu ainda amarguei tenuemente o

120 Momento três anos após o rompimento.

paladar não vendo nenhum avanço consistente, que poderia ser o arrastar daquele casamento, como se esta amizade significasse uma espécie de traição, o que nessa percepção me mostrou algo significativo. Por tudo que era a amizade em nosso íntimo diálogo, nunca houve uma caracterização até então, a menos que ela se sentisse diferente em relação a mim, que desse sentimento de culpa. Por ela mesma, as barreiras permaneceram cercando sua vida como um feudo. A vida seguiu assim, de forma muito distante, até um momento cujas palavras ainda que contivessem algo, a situação era tão refratária que nada pude fazer ou esclarecer. Por isso questões de seu câncer passaram por mim como alusão a alguém de sua família.

Tão difíceis caminhos estive me esfolando, sacrificando um viver e sentir, que as dores representam muito além do que se percebe, porque englobam centenas de dias e frustrações e desentendimentos que enovelam uma situação já em si severa demais – faço essa consideração agora, no singelo movimento de brisa, na tarde ainda úmida do céu índigo em diluídas nuvens de horizonte, em ruídos da vida normal das pessoas, e nesse exasperar que escrevo do que senti e analisei nesse tempo do meu romper de sentimento. Esse afeto sempre fora primacial para mim, na certeza que há conteúdo além-tempo.

†

Mulsum
| 2 julho 2019 18:13 | Áudio 8 parte3 de 26´37 a 29.

As circunstâncias não obviam sempre nem conspiram, apenas são, por vezes ventos favoráveis de alegria, por vezes reveses desencontros, que não podem escalar fraga e guarnecer do frio com pelame inexistente. As circunstâncias malograram seu *obnunt**iatĭo***[121] para que eu pudesse saber ao que se referia tais dizeres. Este interlúdio em melodias me davam uma sensação que falsamente atribuía a um acontecido aqui dos mais angustiantes em golpe duro sobre nossa família, e esse ínterim nos afastou sem as devidas compreensões, todavia por opção dela.

Esta época assemelhava-se a um rodopiar de *insilĭa*[122] que atrapalhava o urdir, nas faltas e falhas que cometi, no meu olhar sobre o cibo de minha casa, com minha insignificante prece e essa distração me custou, as reações inadequadas nas mensagens subsequentes a perda sofrida da qual eu nem imaginava. Suas

---

121 *Obnuntiatĭo, obnuntiationis* – Lat. Anunciação de mal presságio.

122 *Insilĭa* –ĭum -Lat. - Refere-se a cilindro(s) de um tear.

reações traziam uma espécie de erupção indefinível deveras acolhedor, e naquele por agora manifestava quase um alívio como um estranho e peculiar padar, ávido e saudoso de um *mulsum*[123] há muito tempo esquecido, ou em falta.

Eu estava começando a sentir os ares da primavera, nutria uma esperança peculiar, quase inocente e cega, não vivia com uma *lunette* verificando todo tempo, demorei meses a me deparar com a nota de falecimento.

Eu não tinha como ajudar, perceptivelmente os movimentos das folhas do fim do inverno me acenaram para a melódica poesia, eu senti que talvez ela precisasse das minhas palavras. Minhas comoções fizeram parte desse alento, desse momento e de uma certa acha que estava prestes a queimar.

†

Desertum

|08 julho 2019 | 8f | Transliteração do áudio do 29´23 a 47, continuação de Mulsum | Deserto

Eu senti realmente que uma porta se abrira, eu senti que minhas palavras geraram uma emoção, uma pequena sensação de paz, atenuar alguma dor, e aquele dia me ventou esse alento com a sensação. Não posso esquecer o que se sucedeu depois.

Uma espécie de balança que pende sem seus pesos estarem sendo medidos, um corpo que cai sem consciência que fosse cair, um passo em falso e um reconhecível lugar de seixos partidos com as fraturas de mim mesma. Apesar do texto e dos demais textos, eu achei que eles eram talvez uma necessidade para ela, mas após eu me desestabilizar, talvez seu olhar diante de mensagens e links já não fossem mais um alento, mas uma preocupação que essas efervescências se devessem a aproximação do teor de suas atitudes em carinho e cordialidade. Talvez o mesmo anzol fizera o atar relembrar os odores de ferimentos antigos entre nós.

E ainda que meus olhos no lado de cá do espelho consigam ver os pecíolos arrepiados de caules espinhentos, vejo a flor, não recebo esse estrepe como anzol124. Quando deixaremos de ver o amor como doença a vê-lo como exis-

---

123 *Mulsum* –i - Lat. - Vinho preparado com mel.

124 A referência poética é que a flor, outrora branca em simbolismos em textos de outros livros, significava o amor puro filial e amizade mesclada nesse elo. A flor que desabro-

tência delicada que é? Doentio são as ceifas e as podas, a queimada sem nenhum benefício que não seja a destruição, os tratores que derrubam mata com a impiedade da vida e terras arrasadas. E a intolerância faz os sulcos por onde as erosões irão comer como câncer o solo da vida, o ser humano daquele coração. Não sei se sinto medo dessa secura, mas talvez eu sinta a dor do estio, a *inospitabilidade*.

Por um lado, assim como a exuberância dos horizontes mais longinquamente alcançados pelos meus olhos, o amor me fez sofrer muito. Tudo teve consequências, e de qualquer lado ambas pagaram preços pelos efeitos que este elo causou, tal essa flor que brota na pedra, que supera todas as intempéries, mas que vive um ciclo de vida e morte e solidão, em novas flores, em novas estações, longe dos olhos, em corações fervidos em uma caldeira natural no subsolo.

Nesse momento, aqueles conhecimentos inerentes ao trabalho que outrora eu fazia, nem me faz sentido, há a percepção de que tudo foi areia que molda esse meu deserto, embora nós trilhamos um pequeno momento, tivemos escolhas, e decisões distintas no lado profissional. Apesar de eu ter plena convicção que executei honestamente meu trabalho, a questão foi o sentimento, e as circunstâncias me colocaram de um dia para outro nesse deserto, foi tórrido para mim e muito difícil para ela também. Mas vagamos em ambientes cujas intempéries foram bem diferentes e que ela permaneceu numa situação mais resguardada.

Vagueei nesse manto de tecidos, turbante e sombras de miragem, mas de uma miragem muito densa e concreta, um vidro fundido na areia, um reflexo das imagens que me seguiam de tudo que explicava a (a)feição materna e suas tempestades[125], e mostrava a amplitude de possíveis trilhas sem lugar a se chegar. Eu estava ressequida das perdas, eu sentia isso junto aos meus irmãos que eram parceiros dessas dores específicas, mas talvez eles estivessem preparados e eu tinha muitos vazios me engolindo.

Eu queria, tinha isso sempre no peito, na boca e nas circunvoluções, uma espécie de luz de vela, um clarão morno de palma de mão que me dizia, eu queria dar um abraço na minha amiga e dizer _ Olha, antes de tudo eu honrei essa

---

cha agora, não referencia o branco nem não, portanto a cor não importa, mas sua maturidade a dar conhecer seu íntimo, seu gineceu, seus polens, como um amor pleno oferecido e intocado. O anzol é esse caule que se desfigura em um instrumento de aprisionamento que causa desconforto e risco, mas é na inversão poética, a mesma flor, o olhar é que o reconhece doutra forma. O caule referencia o berço das folhas e dos espinhos, que a dor é fator comum a ambas pessoas nesse espelho do deserto – neste caso a distância, mas também a solidão.

125 Referencio os insights de outra vida que me ligam com a pessoa, por isso a dubilidade, que representa a visão e o sentimento em mesmo termo.

amizade. Eu lutei por essa amizade. Eu acredito nessa amizade. E independente de tudo que eu sinto, eu não quis com atitudes de amor ferir ninguém.

Eu segui nos ventos que ondulam ondas, com minhas mãos vagas e boca seca na sede, eu não toquei absolutamente em nada[126]. É tão difícil isso.

Enquanto nos meus dias desse ano passado, senti como reais manifestações, quando num dado momento eu houvera reenviado em áudio a Carta Vermelha, que continha dois poemas, no dia seguinte notei abismada a leitura do poema Dunas de Fogo, na 'imprensa de palavras' como um eco, como uma areia que migrou de lado na ampulheta, como uma estatística que era um ponto fora da curva, por ocasião de liberar o áudio da Outra Carta de amor e em momentos de intensa depressão, que houve acesso num texto 'Carta a alguém do Vivarium', cujo teor é justamente para valorizar a vida e essa contemplação. Curiosamente esse acesso virtual nos meus conteúdos literários, manifestou interesse em textos pueris, mais adiante em textos amorosos, por um tempo se recolheu, em época que comecei a manifestar saber desse fantasma que vagava por ali, ou pelo fato da feitura do livro e pelas minhas intensas angústias, mas poderia evidenciar que conhecia também os áudios, portanto, os acessos soeram. Talvez por um texto de elucubração, cujos teores se assemelham com o adusto do deserto, a representar as quase duas décadas de sofrimento e amor. E nesses passos em direção ao nada, sigo pisando calor das areias, com o aluir de meus pensamentos que retomam as sendas das palavras de um texto (des)falecimento numa mensagem que traduz mais a morte de meu tempo, do que outra coisa, que as cortantes palavras ecoam de alguma forma um ferir, que fez como um ensejo esperado para um voar distante. – Neste meu agora, não importa esse texto, importa é que houve o voo, que minha maneira de sentir promoveu o bravio vento, que de uma maneira ou de outra mostra a plumagem da gralha, mas não consegue ser um camará ou um nenúfar para pouso dessa ave, não consegue ser muiraquitá nem um trevo, nem uma sombra de frescor, ou um espelho d'água. A angústia que as tantas palavras de amor, das cartas que sucederam aquela estranha forma de dizer tanta dúvida, mas que então nos momentos mais perfumados de minha escrita, eu senti abrir uma fenda ferida, em golpes de alvião que por tanto ressoou nas paredes da alma, que a voz de sentimento filial sempre teve eufonia, no fim eu pude ouvir

---

126 Refere-se nesse deserto, o toque que faz esse enrugar, mas não havendo o toque, representa um tocar que de minha parte jamais houve.

os sons perfeitos da harmonia do que havia mais profundo, mas embora tentasse cantar essa cantiga, nunca estive tão sozinha nessa jornada nas chamas da irradiação solar[127].

Durante a vesperal do lançamento do livro, conhecida sua capa, dizeres, este fantasma que me seguia sumiu, como um sopro, como uma jaque que não está flamulando no barco, e me dava exatamente o que eu mais conheço – ausência. O que significou mais que ausência e mais que distância. Nesse momento havia uma profusão de conteúdos de amor e de minha vida, o transcorrer dos bastidores da edição, que poderiam ter sido vistos e de alguma forma eu pensava, temia, que pudesse ter afetado. Era mais que ausência – era renegar o sentimento.

Embora eu me sentasse nesse alcantil, que visse revoadas e pôr de sóis, eu sabia pelas andanças o tamanho do deserto, e toda essa essência aflorada como gêiser, era uma confluência que alude o coração dela. Nesse vento as falas dela se pronunciam mudas e fico de olhos fechados pensando e sorvendo suas próprias areias. No final há uma queima, como um pombo imolado, ou como um holocausto de sentimentos – a amizade ardeu nessas lâminas invisíveis dos passos estremunhados no Sol mais escaldante. Foi sacrificada.

Naquelas palavras que findavam minha voz, havia uma consternação, de um final indevido e a necessidade visceral de que esse caminho terminasse em um campo sereno, ameno, que nos levasse a um vergel natural dadivoso de amor.

Como se olhasse a flor desabrochada, tento ficar com essa visão, deixar a sombra de sentimento de amor para uma outra mãe, e seguir com essa visão completa. Então nos olhos da minha alma, refulge essa cor e todas as partes delicadas dessa flor, com a certeza de que meu coração não tem caules de espinhos.

†

Vesperasco natalis prandium[128]

| 11 julho de 2019 15:47 | ND 8 | por M | 8h

---

127 Significa um permeio de sentimentos que somam essências, em palavras que fazem tentáculos com poesias anteriores, poesias e textos que falam do amor idílico, do amor apaixonado, de uma união imaterial.

128 *Vesperasco natalis prandium* – cair da noite para o almoço de aniversário. Véspera, no entanto o verbete em latim *uesper* –i significa tarde, estrela da tarde, o poente, o ocidente. O verbo *vesperasco* é a chegada da noite, no texto, a noite precedente do almoço.

Era admirável em minha mãe, uma espécie de caleidoscópio de aromas de que suas mãos se dotavam, numa profusão colorida, com temperos sem exagero, e material de primeira categoria, cujos sabores dançavam os ares, invadiam todos os compartimentos da casa, ganhavam a rua em fantasmagórico abraço das nuvens.

E como uma espécie de ajudante, a seu lado acompanhava os bafos de enorme caldeirão de fervura, cujos nacos amarelos nadavam entre retorcidas bolhas de uma nascente vulcânica. Os temperos em um atilho, com um gume de faca dançando sobre, e emitindo seus gemidos de um sangrar de cheiro *herbal*. Destreza de girar as saias das batatas, um corte em lâminas brilhantes e suadas de sua seiva alvacenta e sangria de tomates em sua vermelhidão arenosa, rodelas verdes e vermelhas e latas abundantes de Carbonell.

Eu admirava, minha mãe de um lado ao outro, com seus cabelos envoltos em um lenço estampado em motivos indianos, um pano de prato transpassado pendente ao cós da saia, seus anéis recolhidos no sono em uma mimosa mini terrina e o sol descendo a tarde em céu alaranjado.

Enquanto ficávamos desfiando a carne aferventada, na minuciosa atenção, por vezes cantarolava e ligava um rádio que grunhia alguma canção animada, e nos chuviscos da torneira eu seguia instruções, já cansada só de ver aquela multiplicação de intermináveis tarefas, por horas que os vapores se iam grudando pelas paredes azulejadas até embaçar o piso do chão. Por fim, as camadas prestimosamente aninhadas numa sequência que impedisse a gafe de esturricar os nacos da carne ou da batata que nos bafos elevados de fornalha facilmente teciam fibras de cabeleira queimada em qualquer coisa. Então usar aquela quantia abestada de azeite era sim um grande mérito, de assar banhado em seivas, perfumes, ervas, azeitonas, *Capsicum annuum*[129] em suas divertidas cores, para uma terrina refratária que ficava generoso tempo fazendo o azeite lamber todas as faces daqueles nacos que recendiam para euforia geral.

Assim um dia eu sonhava preparar em minha casa, mal sabia a melhor maneira de escolher tal iguaria, mas as idas para São Paulo, amigo meu me ofereceu braço para me acompanhar o andarilhar no Mercado Municipal, por onde nos esgueiramos naquele dia vesperal logo antes das sete horas da manhã, com diligência para ainda ir ao escritório. E escolhi com os seus olhares clínicos o melhor que pude encontrar, ainda mais um grande pedaço de queijo Primadona, com as sacolas com nozes, pistaches, damascos, quase três quilos daquilo, e mais uns badulaques que nunca podem fazer falta, mas não havia tempo de lan-

---

129 *Capsicum Annuum* – Pimentões de diversas espécie, incluindo o que é usado na culinária brasileira.

char, e mergulhamos no mar de gente das ruas imediatas das cercanias. Lembro que no escritório F esteve logo *estilingando* suas pupilas para as sacolas decifrando logo o que tinha em pequenos vislumbres aparentes no topo aberto delas, querendo saber o que mais eu me daria a fazer. Eu pretendia um bolo de chocolate com nozes e damascos, mas como mania me propunha fazer sempre coisas as quais eu não conseguia dar conta.

O sábado amanheceu, eu não saía da cama, havia chumbo em meus braços, parecia estar anestesiada, sem saber o que fazer, como começar e quando. Tudo havia sido providenciado, em especial um certo vinho.

Esse aniversário no ano 2000, sem minha mãe, parecia uma profanação, e temendo passar o domingo chorando, convidei naquela época A e F, com seus acompanhantes, para este almoço em casa. Eu precisava fazer as coisas, mas naquela véspera, embora eu houvesse me recuperado de depressão, eu percebi essa recaída, que me aturdiu me impedindo de me organizar. Quase no final da tarde, resolvi telefonar para P para ela me relembrar os preparos de mamãe. Ela foi me dizendo, eu só ouvidos, mas ela percebeu que algo não estava bem e disse: "Posso ir aí ajudar a preparar amanhã cedinho. Agora você faz isso..."

Assim que me instruiu saí em pinotes fazendo as coisas e deixando em ordem as coisas para serem preparadas no dia a evitar ficarem envelhecidas, tal a batata.

Então abdiquei a preparar o bolo, e segui com os preparos do meu strogonoff pois minhas crianças se recusavam sequer cogitar experimentar o prato.

Exausta, já quase meia-noite, olhava os vapores no vidro da cozinha, da antiga casa, lembrando aquela dança de mamãe com toda suavidade, com aquela luz da tarde que batia palmas nas vidraças da casa da rua João Soares do Amaral, e quando por fim terminava, e tirava aquele avental improvisado, lenço do cabelo e seu negro cabelo pendia com as madeixas em brilho, seu rosto parecia uma porcelana com filigranas douradas do arrebol. Eu pedia sua presença ali, enquanto desfilava o desajeito de minha depressão, enquanto não queria cometer erro algum com aquela amiga. Queria que ela ficasse bem impressionada e bem recebida, que sentisse familiarmente tranquila em comer aquele prato. Eu achava que de início ela não queria tal visita, mas depois pareceu esboçar sorriso com os olhos se animando, mesmo que tivesse a difícil tarefa de convencer seu par e sua filha.

Então, retirei o avental, findando o dia, e numa sensação de inaptidão e vazio grande, eu achava que ter evocado minha mãe não me salvaria de um fracasso.

Chorei nos respingos da torneira, perfilando os objetos no escorredor e fechando rapidamente o tampo da lava-louças após guardar no armário os pratos que lavara. Eu até que me disse, que me sentia feliz por ter feito a loucura de comprar isso para este aniversário. Eu chegava a trinta e quatro anos e minha querida irmã me salvaria do desfiladeiro.

†

Vespertini Aves

| 11 julho 2019 21:18| 8h | Nunc momentum

Houvera sido um momento único no repouso solitário nos dias idos de verão, naquele ano que sua palavra se apagara e que naquele momento da intensa dor, inda colocava gravetos na queima de esperanças, desperdiçando um tempo o qual nunca foi libertador, mas aquela tarde me traz esse prisma, minha trêmula voz nas tentativas de mensagem, num abafado som de negação.

- Aqui nesse agora, os momentos de inverno se atenuam numa promessa falsa de calor em Sol erguido, mas nos meu arrasto de peso, o dia se comeu sem eu sentir qualquer alimento, frente ao fogão, os calores pródigos me davam uma sensação anestésica, até o crestar de boca nas colheres de sopa quente e um chá frutal. Recolhendo as membranas de um balão um tanto murcho, passo a usar míseras forças a torná-lo cheio em flutuar.

Aquele momento específico, com meus dedos tocando-a nas curvas da memória, a chuva em cavalgo indomável lançava focinho na montanha e planície frontais, rapidamente suas lâminas caiam no estrondo quebrado. Da rede que balouçava, entre retorcer lento, aos poucos me pus perpendicular, depois inclinada para impulso de levantar com músculos que me erguessem no cordame da rede e assim me recolhi num sofá que dava vistas à tríplice vidraça esguia, que a fronde da árvore sofria os impactos finais da chuva, num momento cujo golpe abdominal o Sol muito ardil fendia luzes laranjas com o céu de chumbo que sobrenadava e assim aqueles raios finais da tarde tilintavam os brincos de cristal dependurados nas folhas, em esquecidas gotas que raiavam ao mesmo tempo de muitos galhos pequenos esplendores de cores que escorregavam entre azul, verde e rosa, que fizeram da janela um manto celeste sem o céu profundo, como uma nova galáxia, com o desprendimento conforme passarinhos pulavam de um lado a outro, espevitados que se chacoalhavam fazendo um passa fora das gotículas que os regelava, e com cabecinhas atentas virando para lá e cá, seus olhos de vidro me deixavam em perplexa alegria a esquecer a lancinante dor do momento, num breve entardecer, numa acomodação de sua plumagem, seus bicos ciscando e encolhidos sob suas próprias asas, por vezes

pareciam catar minúsculas parasitas e ainda assim, tinham um ar altivo e certeiro. Como se essa mesma árvore rente ao muro, já com galhos que lhe foram subtraídos e depenada de folhas, na espreita da nova estação, parece pluma prata, com um ar brilhoso de musgos e pequenas parasitas ressequidas do tempo que se foi, ainda me reserva uma esperança, que não mais esta, nem mais aguardada, nem meus olhos às vezes desfocam sua presença, quase esquecem aquela magia que como uma luva me tocou em afago que desce um rio eletrizante da cabeça ao pescoço, que retira o peso do ombro e estira nos braços, que chega aos pés como calor num frio que não passa.-

†

Culpabilitas
| 11 julho 2019 21:44 | Música: Only the winds – Ólafur Arnalds

Como se uma fria chuva tomasse meu corpo ubiquamente na totalidade do tegumento, com frios dedos em ríspido contato, havia um pensar que me levava em onda da qual não conseguia me amparar. Ao mesmo passo das lindas visões do sentimento, essa rosa que em perfeição levitava diante das águas, diante dos olhos, diante dos dias, e não importava sua cor, sua força de sangue, o pulsar de coração, esse gelo me percorria, que ao saber amar tanto ela, uma ferrugem me comia a pele em uma coceira de urtiga dessa inadequação, fazendo me sentir faltante nos gestos com ele, com pouca gratidão, como indigna do teto que eu mesma lutei para ter em meu aquecer e resguardo de pluviais choros.

O tempo fazia o Sol estelar me ferir a real posição que eu ocupava cercando-me em capas de sombras, com amargor em ponta dos dedos, como se assim maculasse qualquer dulcíssimo beijo, como cortasse uma sensação exuberante de um momento íntimo, com visões que passavam em panos pendidos nos ares diante dos olhos, em manchas que grudavam no globo ocular e ficavam subindo e descendo esses filamentos roubando a cena, a entrega, a minha participação que viesse de dentro.

A pele molhada ficou nesse arrepio desconfortável em tremor de culpa, um sentimento como que me furtava aquilo que a vida me dera, aquilo que me mantinha nos últimos raios solares de uma dignidade que eu não consegui ter em paga a todos meus esforços de vida.

Nos horrores dessa intromissão, nos meus julgamentos implícitos e de certa forma débitos, os quais que tanto critiquei, era vítima dessa questão de posse, ou de sentimento-dever. Pior ainda, porque o coração é o mais espontâneo

dos seres, e não tarda que os olhos caiam rotundas foscas de final de ato, e que se perceba o brilho aceso para onde voa. Ainda que não se saiba, ainda que não se exija, ainda que nem se pense nem muito mais nos níqueis que ainda em moeda pesam o bolso, e que nem haja interesse algum, ainda que isso em sincera carta de certa forma constava em um pomposo frasco vítreo, ainda que nada pareça quebrado, essa sombra fria repousa em minhas dores, repousa em minhas lágrimas, repousa em meus sonhos que se tornam por todas e tais pessoas imensamente impossíveis e que nenhum sonho novo eu queira mais sonhar.

E essa estridência pesa sobre o estômago de cada um filho, que olho e pareço enxergar um nó que irá se apertar, ou que suas atitudes se esquecerão de qualquer virtude, ou que seus olhos de fogo vejam em mim a fraqueza que fez tudo ruir.

Então a culpa me vem em abate, vem como um pássaro rapina forte com grandes garras que parecem vir a me retirar alguma parte que não seja o coração que vai ficando só e só, gotejando um tipo de suor jamais visto, o tempo.

†

Festiuĭtas[130]

| 11 julho 2019 17:21 |Por P, Por F, Por M e Por A |Foco móvel | 8 h

O dia acordou acalorado ressoando horas através das paredes alicerçais e empena, meus olhos abriram se dando com um relógio oblongo vibrando sobre uma toalha de renda, esbarrando num copo cristalino d'água. Ainda escuro em urgir sentei e vesti chinelas de pano atoalhado, segui em meu arrumar, arrebanhando coisas e já preparando um café forte, que jorrava através de um funil plástico para dentro da garrafa térmica, se bem que nem precisaria. Vou para casa da minha caçula. Animada como sempre passando batom frente ao espelho, após todo preparo, com a bolsa escarrapachada no colo do sofá sem abotoar emprestando meu perfume por um instante. M já deve estar desperta, mas vou telefonar para dizer que estou indo.

O telefone soa, do lado da pia, me viro em passos miúdos e rápidos em ar agitadiço, ainda de pijamas, mas com o café engasgando borbulhas na cafeteira caindo as primeiras gotas para um bule esbeiçado refratário transparecendo suores cafezais em torra de verão ácido. A porta se abre com uma braçada de

130 *Festiuĭtas*, *festiuitatis* (f.) – Lat. Alegria festiva. Alegria, encanto, espírito. Ornamento.

rosas do Chico Saito[131] vermelhas que tinham praticamente lábios em seu meio desabrochar aveludado a um vermelho mais denso em tinto vinho, que mal se podia ver H por traz daquele exagero. Então corri ao tanque para cortar caules e envidrar em vasos com florada pela sala palidamente iluminada. Já corri ao banho, corri polir o marfim que me cabe, corri estender roupa, corri catar brinquedos espalhados, corri olhar as coisas desajeitadas, corri para cozinha na fervura danada, corri para as sacas de batata, e nem bem o frescor se evaporou P já estava tilintando chaves na beira do portão junto a uma floreira recém plantada. P entrou para eu colocar suavemente em suas mãos uma linda xícara de cafezinho matinal, e com mais um avental para ambas uma à outra secundar.

A em preguiça abriu os olhos e cutucou sua mulher_ Vamos que teremos que nos encontrar com F. - assim ele já se sentando e alisando uma farta cabeleira em largo rosto, meio que lamentou não voltar para hibernação e acordar só na segunda cedo, mas para saborear tal memória portuguesa, logo espanou dos olhos qualquer que fosse olheira e já se vestiu festivamente com par de tênis, laureando liberdade.

F nem precisou das luzes do dia, de certa forma demorou a pegar a rabiola do sono, que nem se embriagou, foi logo querendo colher a coroa girassol para iluminar uma roupa cortinada de orvalho frito dos raios do primeiro sol, que seus tecidos maleavam como águas frescas e o vergel se enroscava subitamente como folhagens que tomavam os tecidos leves em menta e rosas flores. Após abotoar, deu-se com o ar lento de se vestir de seu marido, e despejou sua filha do sono para um jeans de brisa de domingo, com a faces coradas da meninice, com os reflexos do sol dourando filamentos que recaiam na sua face. Assim partiram a darem-se com A para seguir um serpenteado de mata atlântica que margeava um espelho por onde as rodas deslizavam em subida de montanha. Em sua mão esteve uma caixinha embrulhada com sua talvez única recordação.

As bocas flamejavam, enquanto debulhávamos os tenros pedaços *marfiníticos*, e bufavam tais bolhas gosmentas do arroz que empapavam os beirais da panela, e eu olhava M cortando prestimosa os pedacinhos da carne, milimétricos e limpos que me dava até nos nervos de tão meticuloso trabalho, e ela olhava se os anéis de *Capsicum* estavam em mesma espessura, cuidava o cozimento, e juntava rapidamente o álcool de flambar, e os aromas nos envolviam em marota conversa, dos tempos de mamãe e seus seis quilos que preparava para almoço

131 Rosas do Chico Saito, referem-se a um dos cultivadores das rosas especiais de Atibaia que vão para inimagináveis vasos mundo afora. As rosas vermelhas recebida do esposo, deviam-se a ele ter relação comercial com o produtor, que selecionou dois buquês das Rosas mais encorpadas de cor mais intensa.

de natal, lembrávamos de nossa vó, algum fato jocoso, e vapores subiam e sumiam, enquanto...

M largava um pouco a censurar os filhos: "Vai já com seu pai enxugar e pentear esse cabelo, veste uma roupa apresentável, e você – modos hein!" A filha maior na sua tranquilidade de estar pronta sem precisar nada, toda meiga, se aproxima com um cartão com colagens meio desenhadas, meio de revista, e me entrega com um encolher de ombros, aproximando um pouquinho para um de seus ombros sua cabeça que derramava lindo cabelo com umas ondas de madeixas indefinidas dizendo – Feliz aniversário dona Emezoca! Eu sorria pegando o cartão e dando um esticar suado das mãos úmidas que com encostar de pulsos perfazia um ligeiro abraço. Estirando toalha nova, pratos cerâmicos de amostardada cor, talheres em cabos torneados, copos e taças de madeira lustradas com flanela limpa, tudo pronto, um tanto de queijo cortado para tira-gosto e H se aproxima com duas garrafas dizendo...

_ M, feliz dia! Foi o melhor que achei, a seu pedido que fosse espanhol, pedi recomendação lá, e ele me disse que este seria ótimo para a ocasião, confiei. Pode ser?

_ Que bom! Sim, vai ser perfeito, ao menos uma vez na vida. – Assim com um ar de que a festa vale a bronca, que houvera extrapolado bastante, mas diante de um ano duro, achava que a memória seria inolvidável.

Eu girava ruas que desconhecia, pois tivemos perdido a entrada, mas perguntando logo me dei de caras com a tal rua, mas antes ainda precisou dar umas viravoltas. Estacionado carro, descemos e me adianto em passo até a porta, fazendo um jeito próprio de se apoiar na perna esquerda e levar a perna direita para frente e trás, numa ansiedade que me faz um profundo inspirar sentindo aroma embaçado de incríveis melados de azeite em condimentos que exalavam um quase apapricado do assar de pimentões rubros. Logo a porta se abriu e apareceram rostos em alegria, e assim o portão assentiu com mínimo rangido, a entrada a fazer as rondas dos meus olhos. Abraços e cumprimentos sem delongas, com um especial afago na alma de M. Tudo parecia simples, mas muito familiar. Cheio de coisas inesperadas, M me faz andar pelos cantos da casa, me apresenta P sua irmã primeira, e chego ao fundo do corredor para onde dá um quarto com camas empilhadas dos filhos dela e seu quarto pessoal. Num nicho frontal está a escrivaninha de tampo estojo, com alguns objetos que parecem supor escrita, que ela mexe movendo um caderno mais para o lado, e abrindo gavetinhas, com um sorriso de si mesma se encantando com aquilo, como algo completamente especial, que curiosamente observo. E observo, cada flor que está no vaso, cheias de si em gotas de água esquecidas como cristais enquanto oferecem queijos e alguma bebida.

Todos se reúnem à mesa, sentam-se, e olho de cima, as crianças arrastando pernas de cadeira com empurrar de suas ancas disparando trincas e batimento de portas para saber se estava garantido seu strogonoff com batata, em risos e gargalhadinhas. Enquanto P e M levavam travessas para a mesa e H abria um vinho, as colheres grandes iam se fartando de grandes porções que iam aos pratos das visitas em honra de uma amizade que M lustrava em ouro. Assim que A garfou um pedaço branco e levou à boca, quase como um mugir extasiado, passando um guardanapo ia sorrindo: _ Nossa M isso me lembrou muito a comida da minha avó. _ Ela era portuguesa? disparava M. Ele sorriu com olhos e boca mastigando aquele mar de salivas preenchidas de uma ilusão indescritível. F se encolhia um pouco, respondendo as falas, com cuidado delicado em lado direito a M, em levar a mão ao talher, levantar e não bater com furor, e arrebanhar aquele colorido de temperos em pedaços de uma batata inglesa lisa sem nenhuma aspereza que dissesse que em algum tempo, isso seria algo impossível.

A garrafa verde, com rótulo escrito em azul sobre o branco, com uma coroa dourada com detalhes em amarelo e vermelho ressaltavam os ares *andaluzos* daquele vinho branco matizado de um tom quase imperceptível esverdeado, com quase nada de bolhas de ar, enquanto uma mão soerguia a garrafa a preencher as taças de madeira de lei torneadas dos delicados dedos indicador e polegar que F empunhava a coluna e olhava em profunda atenção para a garrafa, quando M dizia a ela com alegria que era um vinho espanhol. Seu olhar franziu-se diferente, F olhava calidamente com gratidão para M em uma sensação de que isso era um gesto especial em respeito exclusivo a ela de origem hispânica, como um agrado abrindo mão em seu aniversário de escolher sua preferência, que talvez fosse outra, supunha, e em olhar que calculava o valor daquilo com mérito, sentiu o gosto com sorrisos olhos brilhando e brilhando algo que não podia dizer.

E todos alegres e fartos, em alegre convívio se cercaram, em presente pousado nas mãos de M, que olhava com timidez e pensava, pensava muito se tudo tivera sido o suficiente para que ela percebesse o que significava estar dentro da minha casa para um almoço, dada a tradição alemã, que sela a amizade verdadeira dessa forma, supondo que não poderia saber isso, mas que a alegria evidenciava um elo importante e por aquele momento M sentiu-se plena. O café foi para as xícaras coloridas em tema andino, mas que M um dia desejava que muito mais que aquilo, ainda pudesse ter momentos bons em íntimo estar que as cercasse e firmasse essa boa sensação.

M abraçou a irmã em gratidão por ter ajudado de forma imperiosa e magnífica, num ato que para M permaneceria eternamente como um favor inestimável,

tal qual esse momento haveria de ter sido o mais rico momento que ficaria como seu ouro guardado entre tudo que era esse todo.

Como podia supor o que se sucederia? ...



Duo anates[132]
| 27 junho 2019 01:37 a 2:10.

Eram de passos de corrida, tanto para achegar-me, como para deslizar acima e abaixo aquele corredor de caquinhos vermelhos, com um par que bailava suas frondosas bundas empinadas, adernando corpo direita-esquerda-direita-esquerda, com pescoços projetando para frente a vencer essa corrida, encerrando num derrapar de voltar para cima, no escorregar de sandálias marrom-café franciscanas, abotoadas de fivela. Eram gargalhadas no fim do corredor nessa brincadeira sem eira, mas chegou aquele dia, um rosto diferente de minha irmã, já com aquele chapinhar pesadão dos gansos que cresceram, e grasnavam uma corneta empinada para o céu, e ela carinhosamente se abaixou para mim a justificar a entrega dos gansos, que para mim sempre seriam patos, que no decorrer daquela fala ia me tremendo a boca e eu desfilava argumentos para eles ficarem.

- Não podemos, eles já podem voar.

Andamos nos gramados circundantes a um alambrado, um lago repleto de patos e gansos, e lá na frente ficamos lá observando eles passarem pelo portão nas frondosas sombras das árvores do Bosque de Campinas. Grudada com dedinhos no alambrado não queria soltar até vê-los pular na água, logo eles se misturaram numa corrente de seres que abriam asas aos ares brandindo peito em gargarejo alto esganiçado, enquanto patos gordos barrigavam o lago e nadavam enfileirado, enquanto um deles dava, por vezes, um salto e bicava aquele saiote de penas no bumbum do pato da frente que de susto guinchava e voava três metros para frente e caía de patágios abertos empurrando um leque d'água.

- Pronto, vamos embora M!

Desolada, lamentosa, pedi para cavar um riacho no quintalzinho e fazer um riacho de barquinhos.

---

132 *Duo anates* – lat. – os dois patos, os patinhos.

- Tudo bem. – Eles dois repetiram ao mesmo tempo.

Fato que daí todo dia acocorava na terra, cavando com colher velha, desenhando o serpentear, os ancoradouros, o lago final, o lago inicial, a montanha com nascente (de onde jorrava o esguicho com água frouxa). Esculpi barquinhos de cortiça e tramei as pontes com palitos de fósforos, enlaçados como costura, dois para frente e um para trás e assim, passei dias enlameando quintal, já projetando o que ia plantar ao redor do riacho que não tinha deságua, e, portanto, entornava.

Aí cheguei lá, e tudo foi desmanchado para canteiros de margaridas, que muito decepcionada tive que aceitar, então moldei os patos em massa que endurecia e pintei com guache, enfeitando o iglu que tinha um lago, na zombaria dos irmãos que caçoavam que lago no ártico não tinha patos, mas que para mim tinha, sabe, eu dizia ríspida – os patos podem tudo, não se perdem dos irmãos e podem até voar para o polo.

Vários morriam de rir, jogando suas mãos para frente e abaixo.

Nos dias seguintes ele então, mostrava orgulhoso sua estante envidraçada, cheia de livros, tentando me animar e oferecendo – Vaca voadora? Menino do dedo verde é legal, Máscara de ferro, Alice no país...

_ Não, aquele ali – O Egípcio! _ Não, assim não. - Pegando o Menino do dedo Verde. _Primeiro vai ter que ler todos esses aqui. - E esfregava meu cabelo como se eu fosse um pote de bolachas sendo atarraxada a tampa. Descabelando ainda mais para meu recuo com os livros seguros com as duas mãos e o rosto suado.

Assim fui sendo esquecida. Ao dormir eu lembrava, o carinho de ter me deixado correr com seus patinhos e fazer aquela escavação revirada no canteiro do quintal, sorrindo, porque meu pai e mãe não deixariam isso nunca.

Sempre houve um caminho que eu conhecia certo e direto, de minha casa até a casa de minha irmã e sua risada e seus bibelôs, e o berço de minha sobrinha, sentada que elevava os bracinhos balançando, abrindo e fechando os dedinhos fazendo um som deveras engraçado a pedir qualquer coisa que conseguisse com isso. Isso me define um antigo e puro sorriso.

†

Nuntius

| 11 julho 2019 22:07 | 8h | ND9 | Música: Chilled Cream – Brank & Jones, The suns of afterlife - Bliss

Eu viera dias ressentida, em ferimentos brancos de sangue descascado, de toda ausência, e do menoscabo do meu livro, de constatar a insensibilidade humana, de ver o que achava de pior vir sobrevoar com sombras as vidas e não diferentemente, minha exaustão com pessoas atingiu um limite que jamais experimentara. Achava que jamais perdoaria. Não me apetecia pensar nelas, falar com elas, saber qualquer coisa de ninguém.

E não menos frias foram as chuvas do verão de dezembro último, que qualquer abrigo aprazível por um instante, eu queria ali permanecer, ser meio caramujo, não ter nada interrompido, cerrar a porta de minha visão e nas paredes adornaria com todo tipo de cores que me fizessem das palavras me aquecer, das figuras tocar, um ser obtido do *intermundĭa*[133] que revigorasse arquétipos perdidos desta pessoa ou algo assim, talvez estar com a máscara esculpida em mãos e de sua face externa fazer as cores imaginadas. Portanto, em meu aniversário estava em São Paulo, havia ido numa sonhada ópera com meu filho, e as intromissões habituais eu não as pude suportar. Na manhã com tintas aquarelas e pastéis como preciosidades adquiridas, retornava, e ao momento mais complicado, ouço soar celular que estava nas últimas, que friamente recebi as felicitações junto a notas de falecimento de alguém. Despedi e desliguei o celular, me propondo um dia para mim e para quem realmente está ao meu lado.

Sem precisão me deparo com a mensagem num tempo que se encapsula para uma década depois. As palavras que me diziam terem recebido meu livro e o marcador, em fraterno agradecimento e carinho reafirmando que me amava e não entendia minha reação, e me pedindo que eu não me afastasse. Eu repliquei que havia certas situações que me magoaram e não apertei mãos das vazias palavras que em visor não continham algo que pudesse me tirar as feridas e as dores que sentia.

Por dias senti essa mensagem, como um pássaro que prenuncia o advento, que naqueles dias eu supunha ser o natal. Achei que me devia esse tempo de espera e de amenizar em mim até poder estar num outro momento para reiniciar uma conversa.

Essa foi a última conversa.

†

---

133 *Intermundĭa* –orum – Lat. – espaço entre dois mundos.

7 PRAESTIGĬAE[134]

Postquam[135]

| 14 julho 2019 02:36 a 4:00 | Música: Miss Sloane Solo- Max Richter, Come alive – Ganga | nunc momentum | 7a

Uma luz superior amarelenta dava profundidade em granito verde escuro brilhante, no mais escuro luar, a incidência de uma claridade asfixiada contornava a escura chaleira, com um líquido lambendo notas musicais de latão enferrujado, e a caneca grande foi dirigida lentamente em anemia profunda, numa olheira que escorria as sombras derretidas de água, e um difusor de chá jazia pendido em esférico remanso, ao lado de uma lata estreita fosca negra com ideogramas vermelhos com flores secas de *Chamomilla recutita* num inaudível silêncio de seu farfalhar com uma pitada que foi delicadamente inserida, entre acordes esquecidos do final de um filme, cujas sombras e transições do escritor davam justamente uma conexão inexorável com a personagem central136 nas lambidas do olhar para as linhas de mistério. A mão numa fraqueza lhe imposta colocou na caneca, instrumento sem atenção, que um bico negro derramou fervente e de uma garrafa bordada de grânulos de cristalizados açúcares, um tanto de resto corria líquido sem as mesmas cores, a noite congelava um quadrante superior de uma lua em adeus.

Surgiu uma mancha etérea que subiu serpenteando em direção ao móvel, enquanto mexi o difusor num retinir e a derrama doce mergulhou numa reação de difusão na florada de uma flauta doce, e passos trincavam as rugosidades de calcanhares, num chão que pisei por muito e se transformou num lugar mais escuro que a antiga noite de mim mesma. As areias que pisava eram negras pedras.

Enquanto me dirigi para as palavras, as fumaças se ergueram e curvaram para meu coração, como uma chaminé cortando caminho num apito enevoado do tempo presente.

Ecoavam, ecoavam dores que ríspidas agulhas se imiscuíam em nervos, um pulso tenso que tamborilava apertado em um coração enlaçado de garrote, e uma solidão que profunda me enterrava não no fosso negro, mas numa nuvem

---

134 *Praestigĭae* –arum - Lat. – ilusão, enganação, truque, mágica, imagens ilusórias.

135 *Postquam* (post-quam) – Lat. – Depois que, assim que, quando. Uma vez que, porque, visto que.

136 Filme Animais noturnos.

negra de fuligem tóxica que como cordas amarrava, e a pressão dessa presa, ainda ouvia guinchos agudos e um plumar rebatendo vento, das planas das asas, as últimas gotas de branco se esvaíam na penugem que me cercava e percebi, não o ferimento forte de vidas antigas que tive, não a distância de mãos afetuosas, nem o ossário, apenas senti o timbre frio da voz naquele bafejo que irradiou uma nuvem de íons, que raiados percorriam como minúsculos rios as agonias do engano, as agonias de abandono e incompreensão, como um reviver amargo e de tortura conhecida.

Aproximei do madeiramento, agachei lentamente o joelho estralou, estendi meu braço por cima daquela madeira, estendi os dedos, e imediatamente aquela mão em busca os encontrou, segurou apertando as pontas até que seus sons dormiram, e a mão assim ficou com braço em posição de dores e dormência, que lentamente ia retirando, recolocando a mão sobre o peito, erguendo a coberta sobre os frágeis ombros miúdos, erguia-me e o joelho em estalo acordava mais uma vez G, que então em corcunda ficava mais tempo segurando sua mão, até que a vida nos adormecesse. Não podia acreditar nas palavras desferidas, algo que me dizia com compunção, não sei por sanha, ou expectativas indevidas, que o manto e voz de mãe profanam seu meigo olhar, aonde a benevolência desceu solo descampado a erosão – algo assim, um lanceamento certeiro, irreproduzível, insuportável que essa estridência ecoasse meus tímpanos, ou que perfurasse alguns neurônios, ou que atingisse alguma medula, ou que um órgão paralisasse, o ruído continuava como uma serra elétrica contra árvore, madeira caindo, e um fio de cabelo se solta e lentamente serpenteia vento, num desalento profundo.

As tantas coisas e momentos se projetavam como torpedos contra o diafragma, que com a voz calada, a boca somente expirava, até que pareceria que o ar derramaria o meu último sangue. Senti que era tão absurdo depois das centenas de dias e tudo que fiz, e daquele bisturi que cortou sem anestésico para que seu choro me fizesse desmaiar, aquele nascimento, aquele dia ontem, cada instante que no escuro profundo era apagado de mim.

Então percebi que tipo de ferir se somava a outros, aqueles cujos não pareciam jamais sair da alma com qualquer que fosse a infusão, com uma alta dose de sonífero. Era uma nova marca profunda, mas recém queimada. Ali permaneci, no escuro que dentro de mim penetrou e toda a razão e palavras jamais poderiam com isso.

Engoli meus comprimidos, a noite me chorou, e desta vez senti um periastro, como se minha flor acenasse, como se eu pudesse enfim tocá-la, lá no alto do

morro, *praegestiens*[137] meus olhos, meu calor, meu amor, que num alento assoprava meu ouvido no aquecer de meu corpo sob cobertor de lã expulsando cada regelar amarelo da pele, deste meu rosto que quase irreconhecível eu toquei diante de espelho, desejando despertar um novo crepúsculo purpúreo de fragrância que me envolvesse nas pétalas de afeto, e nessa visagem lágrimas de fogo sulcaram o nervo enquanto ainda pretendia dormir, e a necessidade esticava os braços meus como se assim nos tocássemos como um alívio das tormentas de nós duas, e que os dissabores evaporassem.

O oásis seco negro assim percorri um labirinto da falta de tudo na vida, que ali se avolumou, mas sentia ela, que de alguma maneira meu ombro novamente tocava, era algo que sentia na noite e na dor, o toque de textura solidária, me acolhia nesse enorme vazio de meu corpo fragilizado à espera das brotas das águas evaporadas.

†

Cardŭus138

| 15 julho 2019 11:51 concentração 12:26 às 17H | Solarium | ND4 | Referente ao áudio de 14 outubro 2018. até 19´38´´| 7 B | ✇

Respirei fundo esse ar nevado, dos momentos do agora secarrão em sol de fritura, sentindo-me uma sandia prisioneira das sanhas, uma nauseante tristeza

---

137 *praegestiens* – forma singular feminina, - lat. – *praegestĭo* –is – ire – desejar ardentemente, deleitar-se em; ter prazer em.

138 *Cardŭus* – *Cardus* – Lat. – Cardo ou alcachofra; Cardo - é ponto cardeal, conjunto, coiceira, linha transversal, conjuntura. A planta Cardo refere-se a um conjunto de plantas da família de compostos, é a primeira planta a florescer na primavera de folhas compostas com espinhos inclusive nas folhas, a inflorescência se caracteriza de flósculos em cabeças ou uma espécie de cetro denso. Planta de tamanho herbáceo. Há alusões que a palavra Cardume foi originada do Cardo, como um conjunto, talvez pela característica comum e da forma do feixe da inflorescência. A alcachofra é também um cacho de folhas grossas. Não há determinação clara, mas no texto representa justamente a inflorescência que é composta de vários filamentos, planta composta de várias características incluindo espinho e o próprio cardume, o cardume apagado que toma cor e perfaz sua magnificência da reunião de inúmeros indivíduos – na imagem poética – os sentimentos reunidos à luz.

que avoluma uma secreção em garganta, sobretudo o ar tomado de piados, repenicares ecoados no bairro, e trinados engraçados de um kakapo[139] ou Calopsita140, me arrancavam um sorriso escorrido de canto, não dos olhos, não dos olhos. A voz que em triste tom narrava, como essa caixa de musicais sonidos que encerravam este período que de certa forma computou processos diversos do meu âmago - a percepção, a revelação, misticismo, liberdade, individualidade, visão, naquela época o sentimento recendia aroma, inebriava os ouvidos com a minha introspecção que necessitou de alterações alcoólicas para que eu mesma me ouvisse saber profundamente algo que temia fragmentar meu eu e minha família.

Aqui nesse momento atual necessitei de muito tempo, a rever conteúdos e passar minhas mãos na macia pelagem da gata A e o gato preto de medalhão branco no meio do peito, com olhar oliva, com um sinistro jeito arredio, que trilhou meu exalar, um exalar suado de um sofrer muito próprio de fracasso e desalento que cavalga cavalos marinhos cegos nas pressões impossíveis do fundo do mar. E nessa escuridão minha voz conta os quase vinte anos sentindo um coração que bateu quase à parte da minha vida, que provocava leitosas ondas de empuxo a cardumes lindos apagados em uma gutural luz de um *preafulgĕo*[141] que meus novos olhos me concedem nessa consciência tão linda e tão contundente nesse momento da vida142. Então continuo a me reescutar... os meus rompantes do coração para meu eco fechado em mim mesma, com uma certeza a mais nesse agora.

Essa luz que vem e acende o cardume que dança, que brilha, que navega uma espécie de deserto úmido, que se nutre do cibo de minhas mãos, de substâncias indescritíveis de saudade e de carinho, que assim se desenham cores e efeitos antes opacos, apagados num manto de alvaiade e imagens que materializavam um rosto de amor materno, mas o fluir nessa dança, me vestiu de imantados amores e seres faunos que se aprazem de algo que não sei de mim, talvez esse amor grande que agora emite uma voz nos *museau de singe*[143] das

---

139 Kakapo – papagaio-mocho, strigops habroptilus, papagaio noturno da Nova Zelândia, plumagem marrom e negra, em grande risco de extinção.

140 Calopsita – ou caturra, ave originária da Austrália, já foi considerado um papagaio pequeno de crista ou pequena cacatua. Classificada como menor membro da família Cacatuidae. Habitam pântanos, cerrado e matas.

141 *Preafulgĕo* –es –ere – fulsi – Lat. – Irradiar diante de, brilhar muito, resplandecer antes, cintilar bastante.

142 Refiro-me ao amor à minha amiga.

143 *Museau de singe* – Fr. – Termo que define lábios fônicos das baleias que emitem seu canto.

cachalotes. Desse canto sinto o amplo encanto que se propaga do meu coração, que mostra cumplicemente com meu eu mais profundo, os espaços e distâncias que perfazem essa dimensão do sentir por ela.

Essa compreensão que engulo, que rutilam em pérolas de ar em meu estômago, o olhar que juntou o carinho, a dependência, o amor, a paixão e os conteúdos espirituais, nos murmúrios Vipassana e Universo Paralelo, todas as mesclas daquelas nuances e um spray das partículas nasce com essa constelação multicores. Como eu me sentia, e a expressão de sentimento dela, que emite um sinal abafado que compreendo agora, mas muito pouco com tudo que se faz aprisionado. É impossível compreender uma vida de inseto cristalizada em âmbar.

A estrela nasce nos escritos que fulguram esse amor em outra esfera, e as palavras trocadas também se aglutinaram nesse mesmo céu. As escritas consolidam essa vertente que inicialmente eu ignorava o volume existente.

Por um momento eu tentei me encapsular no dia e noite, na percepção profunda do que significavam, isentando meu coração dos mesmos ruídos ou melodias, mas no final de sua beleza e tocar de minha percepção houvera empunhado uma caneta pelo amor a ela e o aprimoramento também advinha do profundo sentir, construindo um mundo paralelo de imagens poéticas na visão desse coração que me batia. E o sussurrar noturno e o cântico da claridade formavam um céu[144], independia dela, eu constituí algo que reassumia quem eu tivera sido antes mas, de certa forma separando esse conteúdo que eu supunha ter exprimido. E quando eclodia uma pequena alusão de cor desse cardume, eu achava que como folhas que nutrem a terra eu pudesse ainda enterrar, dar um destino de palavras que morressem naquela beleza quase pueril da cicuta145 e suas flores mágicas, que por uma liberdade solar as enterrasse, se revelaram as palavras belas que aos poucos me agasalharam dessa cor total, sob o manto da terra que as criou como segredo e não como revelação, talvez por isso tiveram tanta verdade, com a força estringida mas com um peito vigoroso estrênuo, que apenas me acuaram tenuemente a este tipo de refúgio. Num último refúgio que meu timbre encantava meus olhos, mas que produzia uma luz perfurante para os olhos delicados de meus filhos e meu marido, naquele momento que me abraçava nesta solidão profunda, não me preocupei com os arrulhos externos ao meu telhado, meu lar.

As manhãs que seguiram na cantilena dos pássaros sobreviventes do inverno, eu escrevia palavras de 'Confissões', talhando as formas reveladas em luzes e

---

144 Referencio dois livros escritos em 2017 – Sussurrar do céu noturno e Cântico da Claridade do céu azul, um sobre a noite e outro sobre o dia.

145 Cicuta – planta de flores brancas venenosa. *Conium maculatum*.

sombras, de um propósito já como revelado e não em escritos secretos, velados e misteriosos, mas dotados de símbolos imperiosos de mim, de minhas outras percepções, a viver empiricamente processo que reunisse consciências, entretanto seus resultados correram como manada sem rumo. Pois então esse momento se amanhece como revelação, na acepção da palavra mais iluminada, a trazer os objetos representando alicerces, e o etéreo e os anseios, a análise do tempo e a libertação.

Este momento compreendo em mim a necessidade da materialização dos livros, como uma projeção natural do trabalho em si, mas sabendo nele toda a essência introspectiva que poderia trazer impactos pessoais, todavia eu sentia naquele momento muito mais a construção das frases e sentidos como meu sol que deveria se levantar de vez do horizonte.

Vendo o nascer de algo substancial que já não era um arrebanhado, não mais um buquê, mas dizeres que foram talhados para formarem juntos uma imagem, exprimir algo quando cada entalhe foi cuidadosamente desferido e que nada era colado ou simplesmente catado, mas o feito escultural nutria de sua própria rocha, sua integridade.

Então ali sedimentava minhas lágrimas, suores, sangue, vísceras, calor, frio, naquele momento da lucubração e nas vigílias do sono e dos anseios, num adormecer do coração em algo ininteligível que era seu pulsar por ela, a vontade de estar, a consciência do elo, o tocar que aos poucos ia sendo cingido nas areias e fumaças, nas floradas do campo, nas borboletas que dançavam em mim, nas abelhas que adormeciam os ferrões belamente em sua colheita para o mel, e as cores do calor, e as lágrimas contidas nas nuvens.

Assim eu perfiz um tempo e caminho, das pedras brutas e pérolas do sentimento, de momentos do clamar mudo, do chamado do meu desespero pela mãe que eu via naquele sentimento, como um som assobiado de flautim que o vento tece no curvar dos matos da montanha, que em seu veludo carmim camufla o verde-folha. Os momentos com minha cabeça e minha melena ainda úmida dos perfumes de banho, umedeciam a fronha macia em seu frescor de me acalentar, os sonhos e desejos mais profundos e cada vez mais eu conhecia os redutos dessa gruta de nascente e o toque que eu desejava em resposta. Como conchas guardadas de uma viagem numa caixa de recordações, mas que as pedras brutas por vezes encerram em si um enigmático sentido que jamais se converte na forma verdadeira da face, assim eu olhava para um fragmento tortuoso com encriptados sinais de runas que diziam obsessão e da carta que contava certos pormenores de opinião médica, o quanto aquilo poderia ter, em baixo relevo, marcado, sulcado quase uma cicatriz inexata ou me transformado num ideograma comum. Olhando a assepsia do fundamento espiritual

de meu sentimento, isso jamais poderia se resumir numa pequena máscara ou ser compreendido no ceticismo.

E quando são esquecidos todos os traços, marcas, sinais de nascença, qualquer vestígio que não seja o caminho da vida de 1966 até agora, me faz sentir mais sabores na língua, mais sombras nas árvores, mais raízes que se desenterram, em excrescência de amor como amiga, como mãe e como mulher. E essas raízes expostas eu neguei, eu sentia muito mais a presença das outras formas, o que sempre me deu o espanto de não saber essa terceira visão da salina que lentamente se cristalizou visivelmente.

Que em meu corpo marcavam-se dores, vínculo maternal e abandono que essa escrita em ranhuras da pele eram chusma de depressões que não só faziam essa textura das sombras como de fato doeram, mas agora é um outro momento, o ano em que publico primeiro livro, o passado se sedimenta, e as camadas de vidro se aleitam em cores no solo, na 'Cristaleria de grappa'[146], nessas cores que fulguram minha sinceridade não há intensidade que exprima esse destilar de um amor idílico. Essa paisagem não se alcança aos meus familiares e talvez nem mesmo na pessoa amada. Assim esse horizonte ocaso, nem mesmo na magnificência do plenilúnio poderá sair de meus olhos, nem trazer consigo compreensão.

Meu céu constelar, esse meu céu parece ser confinado numa espécie de tabique, que quando ponho meus ouvidos nesse divisor ouço risos e falas dos filhos, ouço passos e sinto aromas da vida em sua culinária relva, mas não há nenhum espaço ou uma mínima fresta para eu ventilar e desabafar esse amor, que então se averruga no meu peito, como um mundo aquecido nessa minha solidão. Já com G, sua redoma de nuvens tempestua, esse amor que materializo em palavras se mistura numa urutu para ela de questões da infância, da minha ausência para trabalho, cria-se um turbilhão pouco claro que vem desferindo dores das partículas maiores que se despregam e me atingem, através dessas evasivas, repúdio. Não me permite exprimir o que sinto. Acho que isso atinge a literatura e vice-versa.

Nos revoltos da tempestade há o raio que fende o céu, dessa luz advém certezas que além de todos os problemas, enormes angústias, encerram-se perspectivas na distância do mar sem fim, me dá a real sensação da adrenalina de uma estranha dor de sobrevivência num mar gélido que tento nadar sozinha.

Garrafas cristalinas que boiam não me sustentam, que por mais que minha sincera maneira de oferecer esse destilado para H, ele reage mais primitivamente,

---

146 Refere-se a carta para H que consta do livro Vipassana desenhada... parte das cartas das uvas.

comportamental, numa espécie de remanso que só dá tranquilidade de ondulações para ele, não há âncora nem portos; os entulhos das ressacas se emaranham em um tecido de arranhões para qual meu corpo não tem carapaça e se fere nisso quando não nos corais abruptos dessa realidade adversa.

†

Benignitas compta [147]
| 15 julho 2019 22:16 | 7B

Um rosto forte enluarado, encapuzado com uma cabeleira grisalha co'as madeixas enlaçadas em trança única que pendia no meio das costas; meus olhos pousavam no movimento vaivém dos braços em largos tornear a esfregar os tecidos molhados debruçada no tanque, e eu com os braços amarrados no batente, em olhar de súplica, emaranhando os dedos os atando nos nós impossíveis do cabelo, com olhos cheios de lágrimas e longe os resmungos de M. Dona M, lavadeira, com rosto respingado de espumas e as mãos franzidas de viscosa água, batendo uma última vez aquele tapete alvejado, naquela atmosfera de cheiro misto de sabão, cloro, roupa com a goma tostada do ferro passado nos linhos, colarinhos, brim rancheiro, e pilha de camisetas coloridas dobradas em mesmo feitio. Assim ela olhava ternamente adivinhando a ladainha e até as velas do santo.

_ Menina, de novo? Me passe aqui o pente.

Virando para traz, correndo buscar uma banqueta de ferro pintado, colocava lá no lado do tanque e Dona M começa os movimentos de pentear suaves e o minucioso desatar dos nós cantarolando músicas da nossa senhora desatadora e com mãos dos óleos feiticeiros ia um a um resolvendo, por vezes parava para contar os causos, e outras vezes aquietava a alisar meus cabelos, erguia lentamente o indicador, perfazia do cume da cabeça até o meio das costas, com meiguice nata a uma pessoa querida. Depois sorria, vinha à minha frente, com braços na cintura de si mesma, fazia um olhar reprovador e depois ria, dizendo:
_ Tá bunita! Pode ir, flor!

Sem compreender, nunca sabia de onde se tirava tamanha paciência e dava por esquecido, agradecia segurando a mão fria franzida, e dava passos que entre

---

147 *benignitas compta* –Lat. bondade com esmero, forma feminina da palavra compte. Compte – lat. – com esmero, cuidadosamente, asseadamente.

um e outro dava assim um pulinho, ganhando os corredores daquela casa palaciana.

†

Delicati dona[148]

| 22 julho 2019 15:17 | terrarium | 7c.

Um dia que se formou lindo, entre os ares frescos rendilhado de céu azul, sentei-me num canto da grama esmeralda, ao meu lado minha gata A, mas os infortúnios de certo felino negro, pelagem ciano negra picaço[149], em olhos verdes claros, que estava dia a dia mais combalido de seu abandono, e eu sem nenhum recurso para conter seus ferimentos, estiquei uma terrina de água e grânulos para que se alimentasse, tristemente sabia que precisaria chamar alguém que o recolhesse, pois eu não poderia, eu que já adotara duas gatas. Seus olhos me seguiram na árvore, na dança imperceptível do pinheiro e em seivas de mim mesma que já em pranto sentiam sua partida. Assim estiquei meus cuidados, já numa prece a qualquer divindade que cruzasse meu universo para curá-lo.

Entre cuidar das palavras, me enterrar nos estudos, cogitar um salvamento a mim mesma e meus escritos, como se eles estivessem já nesse acúmulo de folhas caídas, à espera de uma pira mirabolante que salvasse sua existência, mas a secura decantava olhos e boca, cortando com a lâmina do frio.

Pensava, dentro do meu preâmbulo, que decerto essa última vez que me cerquei de especial carinho, que teci ideias para pintar um cartão a óleo, sem endereço de remetente, suas cores ecoaram um vazio profundo de um vácuo que se estringe feito um buraco negro que nasce e tento apagá-lo, numa energia concêntrica da antiga repelência, mas que eu pude perceber, nessa entrega ao vento a uma caixa de entrada que, me torna dejeto, ou um envelope branco que espera essa secagem para um guardado cujos dias vindouros não imagino que tipo de descarte sofrerá nas mãos dos outros. Desalentada do frio, senti verdadeiramente livre, livre de um sonho que redunda, mas que nos dias do passado, conteve tantas cores vívidas como esse céu de hoje. Respirei leve,

---

148 *delicati dona*: *delicate* – Lat. – delicadamente, com gentileza, com doçura, voluptuosamente; negligentemente, molemente, vagarosamente; *delicatus* –a -um –Lat. – que agrada aos sentidos, atraente, delicioso, ameno, delicado, na forma nom. plural. *Donum* – Lat. – presente, na forma plural - dona. Os presentes delicados, podem ser entendidos como presentes luxuosos.

149 Picaço – cavalo todo preto com qualquer mancha branca e em qualquer lugar. Refere-se no texto à cor e a marca branca no peito do animal.

com uma intuição triste sobre F, mas sentei e comi pensando em mim, fitei a pintura de amigo, cujo meu caminho virou as coordenadas para outra vida que a excetua.

Assim, pude pensar que essas palavras devem seguir imersas no ineditismo de um mísero pensar na solidão, a me dar um caminho de concentração nos passos da montanha, entre mim e o mestre, com a paisagem alta em estro alento, assim pensei que poderia semear um novo jardim no coração, que nascessem beija-flores verdes da *crotalaria cunnighamii*[150] como falsos olhos do gato, que voassem em meu lado, circundando-me em falsa valsa.

Um dia cujos pedaços de mim mesma, diante de um amargo bilhete que rasgado ficara para me situar a realidade de meu relacionamento com H, eu tinha essas estrepes no bolso, e F esteve comigo numa noite tardia de se ir embora, dizendo-me tênues palavras que me confortassem, por um momento aquilo tecera uma teia mágica de água azul marinha no ar montanhoso, de uma casa simples, onde eu, mais uma vez entrara num ciclo de tentar amenizar. Eu então andei ruas, lojas, me deparando com um enfeite de vidro esculpido um desenho de pato na lagoa, que lentamente estiquei uma nota entre os dedos, observando cada movimento do embrulhar para presente, com olhos em sorriso macio, embalando com mais terna gratidão. 151

Entre outros fatos, entre outras formas corteses, a vida seguiu trilhando os dias, e em seu aniversário, rodei muitos lugares até escolher um pingente pequeno de água marinha, uma pedra azul não muito translúcida, que foi dita como lunar, por sua cor lembrar o luar, mas que F manifestou um olhar misterioso, um tanto maravilhado ao mesmo tempo que intrigado e infundiu em si um ar de sigilo. Por gesto ela sorriu essa gratulação estando com este pedaço da lua no mar em seu pescoço, de alguma forma era um gesto de retribuição e de redoma dos meus sentimentos, que não poderiam ser fraturados por nenhuma sombra naquele tempo, aquele fulgor azul nos fez uma fenda aberta para a liberdade, sem impor nenhuma análise. Refrigério fugaz, como a florada breve.

---

150 C*rotalaria cunnighamii* - planta com floração igual a um beija-flor verde - Flor-pássaro verde - green Birdflower - é um arbusto perene que cresce para cerca de 1-3 m de altura. Tem ramos peludos ou lanosos e folhagem verde opaca. As folhas ovais têm cerca de 30 mm de comprimento, as flores de ervilha grandes e esverdeadas são riscadas com linhas pretas finas e as vagens de sementes em forma de taco têm até 50 mm de comprimento. As flores da planta crescem em longos espigões nas extremidades de seus galhos. [1] A flor se assemelha muito a um pássaro preso por seu bico ao talo central da cabeça de flor.

151 Memórias de dois mil.

Aqui agora, cuido as cores de um céu que se esmaece do oculto Sol, num resfriamento precoce, nesse época que se acerca do solstício do inverno, com final da tarde, o alarido das maritacas verdes, muito verde por sinal, que pesam pouso sobre os galhos debulhando as nêsperas que restaram lá pelo alto, e mais duas em ágil pouso se reúnem, eu me sinto tranquila em saber com que amor dediquei aquela pedra água marinha, e tanto significado que isso me custou, que apenas sinto uma pequena dor de aperto em pensar que a tacanhice em pessoa possa tê-la intimidado por um carinho manifesto.

No dia de trabalho, as fotos em duplicata reveladas, ensejo da confraternização entre pessoas do nosso escritório, no raiar da madrugada me dirigi a São Paulo num sábado, a fazer meu trabalho fui pessoalmente levar essa duplicata para que as pessoas pudessem guardar a foto em que saíram. Quase nos desencontramos. Esperei bastante, com o telefone que não respondia. Enfim, as fotos e algum tipo de finos biscoitinhos, caíram em suas mãos e segui adiante. Sabendo o mesmo que havia sido, dia que se seguiu da embriaguez, cujo bibelô de uma miniatura de cão, foi deixado inerte, naquele ar vesperal da manhã, sem quase ninguém ainda, retirei delicadamente da bolsa algo que estivera nas mãos de minha mãe, mas que era perfeito para a coleção que havia no dia que amanheci em sua casa, então eu considerei que não devia me apegar e dá-lo em retribuição de sua estima, estima que da forma mais abstrata era exatamente toda mescla do que ela havia sido naquela circunstância. Lentamente com delicadeza repousei o cãozinho na mesa dela, no patamar do computador, na vista do alaranjado do sol que dourava aquele simples objeto. E neste caso, as fotos duplicatas, no final, não me retornaram as fotos de minha imagem exclusiva, e me perguntei quem teria ficado com elas, pois ela disse que todas haviam sido distribuídas sem admitir tê-las reservado para si.

†

Salve Procul[152]

| 22 julho 2019 19:40 | referente a D.

Um grão de areia do tempo, consegue ver dele o que existe? Consegue encontrá-lo num canto oculto de uma combinação em exatidão que acione um impulso elétrico, que numa sinapse encadeada recupere aquele segundo perdido, mas muito mais que a imagem da memória a que se refere, consegue saber no brilho atual desse fragmento ínfimo quanto brilho nele cabe? O quão importante aquele momento poderia ser, ou que tipo de encruzilhada seria e

---

152 *Salve procul* – lat. – Olá à distância, oi distante. *procul* – lat. - à distância, ao longe, em lugar remoto/longínquo.

quais consequências de mudanças posteriores caberiam naquele grão de areia do tempo?

Entre os passos, vagueou, ruas daquela madrugada, uma lua talvez engolida, um cão sarnento escorraçado, uma luminosidade rutilante dos televisores na imensidão de solidão, das nuvens densas tóxicas de angústias que cachecolavam um respirar curto, e olhos de semibrilhos cortavam as calçadas da noite. Assim talvez por um mistério, talvez por algo escorrido para um bueiro, talvez um sangue que houvera secado, e todo coração se tivesse corroído em um ácido clorídrico *aigre-doux*[153] numa última percepção de um redemoinho de vento, ou em pedras bastante grandes para encurvar as costas da última vértebra ereta.

Numa noite no tempo já tardiamente anoitecido numa espécie de sono do qual jamais se despertará, ainda me percebo nos passos em retorno de meu dia de trabalho, passando pelos cômodos vagos em luminosidade apagada, saldar mamãe com um oi, e me ter brevemente por um segundo na sala acesa em luz incandescente, já em hora adiantada, talvez com a G no colo, em peso de tonelada, em turbantes de um transeunte passa meu irmão em rumo a seu quarto, com rosto imperceptível, que estendo lentamente apenas um 'Oi, tudo bem', com a maior distração do mundo.

Assim deixei minha areia sem ter olhado a ela, tirado a mão do bolso, e acenado, ou ter retirado o calcanhar da lajota e dado três passos, de pé esquerdo e direito, erguer o braço até o ombro, ou fremir tenuemente a corda vocal aglomerando aqueles sons formando sons de letras e vogais, e sílabas e palavras e frases que percorressem o ar até o rosto dele e estabelecesse um gesto de carinho, um olhar espelhado na espera de seu respingar de falas, no acolhimento de sua presença ali.

Eu me virei em despedida, despedi de M, despedi daquelas ruas da casa sem saber, despedi silente.

E ele sorveu a vida num único areal de um grão, as nuvens e aquele todo de seu coração, todo tempo se concentrou vorazmente por suas mãos que se tornaram um tom opaco nesse grão de areia de tempo, que o vento me retira e mo devolve para que eu recorde o som do vácuo num eco que poderia ter sido diferente.

†

---

153 *aigre-doux –douce* – Fr. – agridoce.

Ut consanguineae complexum mane154

| 22 julho 2019 16:54 | manhã de domingo de remanchar. Áudio. 20190602

Olhos em posição ressupina, o dia estava solto no ar numa luminosidade interpolada de um esquecido magnetismo, uma serenidade que se servia desse início de inverno. Bafejos de espreguiçar e movimentos lentos, num remanchar de retroceder dos ponteiros num relógio morno de gotejar calculado da água, um riscar de verniz da porta, talvez uma focinhada espetada de seus bigodes brancos, enquanto lentamente me virei para acalentar um momento de tudo que vinha se esvaziando, como se assim pudesse conter, mas sim, naquele momento restavam alegrias e convivência que numa ondulação mansa podia nos conter em espadas do Sol matinal num escaler envernizado para o qual H empunha remos em uma agitação que fugia ao aconchego. Por mais de uma vez o chamei para um encostar manso, que formasse um remanso em nosso turbilhão de problemas. Assim, como quase possível ternura, uma esperança impossível de se tecer com linha resistente, um bordar sem destreza, entre miúdos dedos que houveram repousado num átimo em seu peito, mas sua atividade, já se remexia em inquietação, quando um clangor surdo que ressoou numa espécie de tambor do arquivo pequeno de aço.

A bolinou uma luminária que já vinha capengando de diversos tombos, caíra em parte para o canto junto à parede, a gata pulou agilmente por cima de minha cabeça, voando ao chão em magistral pisar elegante como se nada tivesse acontecido, e eu trôpega, cambaleante tentava esgueirar em rastejo nas cobertas para olhar o estrago.

Tornei ao lado e H já em pé se punha andarilhando por todo lado, nas providências de seu café dominical, enquanto eu queria apenas uma gota restante de geleia do vidro que a faca jamais alcança, numa espécie de nutrição prolepse ante alguma hibernação, ou um preparo para as tantas andanças do coração enxovalhado nas sendas de uma floresta de queima, então aquela gota equivalia a um bálsamo antídoto, um mísero aceno, um gesto que compartilhasse um carinho tocado, um dizer afável em derramar de olhos de água. Algo assim... chamado 'gota de ternura'.

†

---

154 *Ut consanguineae complexum mane* – lat. – o abraço da manhã.

Criptae 'Palazzese'

| 28 julho 2019 16:40 h até 19:40h.| 7d | segunda parte - áudio de 14 outubro 2018 amor7 19´38´´ ✇

A resposta é não à pergunta, eu quero perder H. A questão do meio-fio da sáfara que foram diversos momentos motivados ou não com esse enleio à minha amiga, nas consequências de qualquer ordem, no enredo que foi capitulando minha vida profissional, os voos interrompidos pelas flechas da vida na ave abatida.

Por ironia, nosso penedo era intrincado de altos e baixos, boas e más lembranças, com certa ventania de cumplicidade cercada do ninho oculto de nosso limite de liberdade ímpar, que nos fez acercar dos problemas e apoios mútuos, e nessa jornada de consciência, H é a única pessoa que tem o passo mais próximo atrás de mim, é quem pode compreender alguma coisa. É como se fosse aquela planta *Crassula ovata*[155] capaz de hidratar situações drásticas de mim mesma, nesse vulcanismo que é o intelecto do meu sentir.

Minha amiga era a vastidão, aquele momento que pus os olhos e senti algo impossível de racionalmente poder afirmar, no momento inicial de amizade, não foi questão de palavra senha, mas de o cumprimento de uma autoprofecia que eu carregava há anos em segredo de minh'alma, trancafiada em condicionantes nada triviais. Foi algo avassalador. Havia de ser uma alma sagaz e ácie, que atingisse um nível elevado de prenúncios e isto ocorreu nesse dia, não pelo autor, mas por toda circunstância da atitude nata. Isso não se relacionava com qualquer hipótese de amar como mãe, amar como mulher, ou reconhecimento de outra vida, até mesmo estabelecer uma amizade íntima.

Era algo estanque e o vazio era outra coisa. Não há que se coincida tantas características, face, voz, olhar, sinais, jeito, o comportamento afetivo que se desenhou em um tipo de rosa de céu, como em pronúncia, como em um vento que identifica a estação, o momento do plantio, e o preenchimento, que análises foram escavadas por longo tempo a se saber.

Esse tudo que perfazia o nada.

A vida que em amor se escalda numa queimadura que marca perene o peito sem sangra. Que aquele momento eu precisava pular o momento. Eu sabia

---

155155 *crassula ovata* – planta-jade, uma espécie de suculenta.

que aquele *nexĭlis* 156iria provocar um rompimento, eu queria dar esse momento futuro a preservar algo substancialmente importante, dar a estação certa para o florescimento, mas o estio do deserto foi mais forte.

A irrevogável escolha da colheita, que poderia ter sido mais amena, naquele momento tão desolador, se eu não tive forças, era mais do que preciso, mas navegando análises, o mar que se oculta em fendas no promontório, sobre como o sentimento tinha duas faces, que de um lado a maternidade já era em si uma cicatriz de queimadura para conseguir ter peito aberto, e os sentimentos de afeto eram rosto de seu coração muito antes que eu compreendesse tudo que me circundava sobre a figura materna. De qualquer forma eu sinto que ela talvez tivesse a consciência da forma sentimento feminino em si mesma.

As reações da água do mar que vem e recua. Vem e recua. Volta e ressaca. E abre a garganta de grutas. Reações que excederam o perfume e a proximidade, excederam os dizeres que não pude compreender na época, mas que essas marcas de pinturas rupestres ficaram e permaneceram para que meu olhar se complete agora, na grande exceção que se abria naquela rocha firme.

Essa pujança que fez a diferença em mim, fazia também naquela onda que viera, que em silêncio ou estrépito me tocou o coração, que aspergia bruscamente para o alto espumas rendilhadas de luz, essa pujança não elevava águas aos céus no bravio da alma, ao passo que o perlongar de toda costa marítima de todos que a cercavam, que meu ânimo de me afastar desse espalmar do afeto montou um cavalo rocim em passos do nunca se foi. Como se a exuberância se fizesse nos detalhes pequenos nessa *crypta*[157] Palazzese.

Atualmente percebo o arrebol espraiado na esfera celeste como dias com as fumaças dos piroclastos do Nevado Del Ruiz, as nuances desapercebidas nos outros confins daquelas cinzas volantes, na época era reencontro de almas que marcava meu coração, com nenhuma palavra para dizer dessa *lahars*[158].

No conspecto da minha vida compreendendo o afeto e a dimensão do amor, na perspectiva ataviada do platônico, do idílico e da profundidade da percepção.

---

156 *nexĭlis* – Lat. – atado, ligado, unido, entrelaçado.
157 *Crypta* –ae – Lat. Cripta, galeria subterrânea, gruta. Imagem poética de sentimento submerso, com o movimento do mar. Palazzese é uma localidade em Polignano a mare no complexo rochoso no mar Adriático.
158 *lahar* – movimento de massa das regiões vulcânicas, pelo deslocamento pelos vales e encostas, em forma de avalanche de lama composta de materiais piroclásticos e água. – Simboliza um choro de destruição, também o encobrimento desastroso, a própria lava.

À medida que as cinzas permeiam os céus, meus escritos se inviabilizam por realidade e por intimidade, que obnubilam a atmosfera crescente para um arrefecimento da minha vida, quase como uma ameaça ambiental que pode ceifar todas as minhas relações afetivas.

Entre meus prantos soterra-se meu afável amor, fustigado de nenhuma mensagem que eu receba, personificado num corpo de vento de areia jamais tocado por mim. E assim imaterializam-se os toques nas vozes silentes do encanto que hipnotiza no andar do mar159 em cada duna do meu corpo etéreo.

E não sei o que serão desses desenhos de versos calados. São vinte para as oito da noite em um café da minha voz que se diz, eu amo realmente F sem a menor mácula. Amor profundo poderia existir sem a persistência e grandiosidade?

Penso o amor morto por C e penso no amor H em todos os momentos que existiram com ele.

Minha amiga será esse céu impenetrável de mistério, de algo que nada se assemelhará.

Vou tomar um café.

†

Exosculatio

| 26 julho 2019 16:49 | para a filha caçula, um café especial de aniversário |7d

Eu inda sentia um tênue perfume de minha mãe, no tocante de uma luz de um dourado vermelho da vela tremeluzente na madrugada, que eu ficava num solilóquio no nutrir de orvalhos para o broto em casaco apertado ensimesmado, nas esperanças que o tom verde abandonasse para as cores feminizadas de estar com as mãos dadas pelas ruas abandonadas pela noite na cidade toda enchapelada de luzes brancas como uma névoa recortada. A magia de momentos que minha mãe tecia esses bordados de fios d'ouro em minha vida, teceram a esperança que ela semeou, esse teor que ela depositou em fé em mim.

Assim na vida maçã madura, eu sempre pensava nessas luzes cerebrais de lembranças para bordar nos sonhos infantis de minhas crianças. Eu cogitava isso e

---

159 Início de escrita do immateriale – poemas do amor imaterial.

aquilo, que caíam em poeira do canto das curvas que constantemente eu trilhava com minha boca rosa e coração reflorescido e suas cicatrizes, nos cantos das ruas dos meus olhos quebraram-se as ampulhetas de espelhos e caleidoscópios viveram e morreram – percebo agora, esses passes de mágica que fiz, parecem tão longínquos, que se por uma foto se pudesse saber as minhas andanças, suores e meu deleite... pareceriam imagens opacas de fungos nos olhos deles atualmente – então eu arquitetava e as curvas tombadas de ônibus eram imensuráveis e davam para me perder em combinações de cores e reencontrar depois de tantas tentativas de embaralhar esse caleidoscópio de sonhos que eu queria plantar chamas e ideais, queria páginas de livros que saltassem de dentro das páginas, que um ruído piasse, que um susto de riso se manifestasse em pômulos corados e bolas gigantes coloridas batendo para cima e caindo lenta nos dedos dessas risadas e seus respingos de suores, coisas assim.

Nas compras esconder as surpresas, entre as horas da noite esconder o feitio de doces, na madrugada preparar uma ceia de natal e ir trabalhar e retornar, com ares cansados de uma sensação de ter cumprido a jornada em direção a esse ou aquele desejo. Esse dia, amanheci com o despertador gritando comigo, muito antes do tão cedo que já era costume. Sentei estremunhada, mas separei as gulodices e enfeites que mimariam aquele momento, subitamente já estava na cozinha, de forma mais silenciosa, preparava uma bandeja com bolinhos, ovos, cereais e frutas, suco que apesar que ela somente se despertaria pelas seis e pouco, mas ainda assim, fui preparando tudo, com lindas coisas, como flores que avivavam o nascer daquele Sol, para que mornas mãos ausentes minhas pudessem então a tocar, com carinho de olhos que brilham no escuro, sorrir de ternura de mais um ano se completava desde seu nascimento, e toda sua forma de ser tão apegada, diabrete e com uma fileira de argumentos plantados ao longo de vasta vargem.

Escrevi um cartão de coração, com breves palavras para uma meninota de oito anos, com braços mágicos de amor que rodeavam meu pescoço, que sua voz não saía da cabeça e todos meus cansaços vencidos por persuasão.

Deixei toda aquela cesta de café da manhã, num olhar cortando a efemeridade das nuvens emanadas da minha caneca colorida de muitos bichos desenhados e metida numa pelerine que aprisionava meu calor, acheguei na porta do quarto dos filhos, emoldurei aquela visão, de lebres mágicas saídas de uma lura, fui até o rosto de S e ela estava com olhos revirantes fechados, abaixei lentamente, postando meu braço para além da abertura para os braços, com outra mão segurando as luvas, a bolsa pendendo à tiracolo, e para não a despertar toquei

como um pouso de um beija-flor um ninho emaranhado de seus cabelos recaídos em caos e os ajeitei para ver seu bafejo da madrugada e com aproximar sem toque deixei então meu *aufregend*[160] *exosculatĭo*[161].

†

Carminum memoria[162]

| 26 Julho 2019 17:47| por M | 7d| término 28 julho 2019 12:13

Como uma música, uma arpa que tocava espontaneamente as cordas, a suavidade de um dia que entre os ríspidos sons de um teclado, inclinava uma manhã para dentro do coração, como uma vidraça com as frondes verdejantes emanando a evaporação de um respiro, os perfumes suavizados naquele dia, num convite repentino para almoço com F, numa cantina que deixara a melodia nas papilas gustativas da memória, os aromas toscanos nos fios grisalhos que pendiam numa mecha que se infiltrava pela lateral e amarrando-se por trás da orelha, com um róseo tom de batom e alguma blusa de cor turquesa talvez, na simplicidade formal que me cabia; naquele dia nos dirigimos para um hiato harmônico de um mergulho espiral de uma garça branca, cortando o ar com a ponteira de seu bico, olhos entrecerrados, e asas que ganhavam a envergadura mais ampla demonstrando o filamento que sustentava a bandeira de pluma flamejante de luzes brilhantes que arqueadas tangenciavam água, essa luz melodiosa, pousava uma agradável conversa marinada em um Carpano163 com pedras de gelo, em nossas faces rendilhadas de sombras de árvores e lumiar atravessado em cortinas de canto. Enquanto uma *lasagne* empunha as rugosidades areníticas de sua crosta de *parmigiano reggiano*, delicadamente crestava a língua em afável conversa sobre livros, com amanteigado dizer de F sobre o quanto ela gostava de se perder na madrugada nas páginas viradas numa fuga de cada aspereza da vida - eu supunha - com curiosidade e deferência, sem desferir alguma questão que embutisse algum tipo de beco ou que adentrasse sem permissão alguma parte da melodia ainda não tocada, eu media o que dizia.

Estranhamente esse dia, que desfolho os olhos em estranhas pétalas impossíveis, eu exibia um texto curto em letras escuras no cristal líquido de uma agenda eletrônica, palavras de amor ferido para meu esposo, cujos versos não possuíam nada de especial, a não ser extrema sinceridade da vivência íntima, e

---

160 *aufregend* – ger. – emocionante.

161 *exosculatĭo – onis – Lat.* – beijo de ternura.

162 *carminum memoria* – Lat. – Canções de memória.

163 vermute Punt E Mes.

assim numa espécie de pacto de sangue entre os dedos, estivéramos trocando palavras. Ela mencionou com estupefação, que eu estava inspirada, com um olhar como quem se depara com algo jamais esperado, como algo surpreendente, que tecia um contorno da íris e todos os filamentos radiais estavam tomados daquela luz branca que clareava o tom castanho, com a pupila delineada como que de uma corda dourada, fazendo uma espécie de girassol de mel. Em plumas negras e esguias que desciam com a pestana em bater dessas asas de voo sobre água trêmula, na expressão mais conspícua que pude saber.

Não sei se esse calor emanado de um fogo compartilhado deste ensejo fora aceso, aquela face arúspice[164], como lunação intimista que formou entre nós pequenas falas que tocaram o antebraço e a curvatura do ombro que arrebanha cabelos, que me fazia um tipo estranho de mesura para que o lado mais sensual do meu *hymenaeus*[165] como partícipe jubilosa da alegria de qualquer bom momento que eu tivesse e fosse também mãos nessa arpa dourada.

No decorrer dos anos, no infortúnio já se revelando com a lufada sobre a fogueira murcha, ela dizia: Sempre terá minha amizade. - Assim como nunca. Lembro-me de ambas as situações, e que tanto sempre como nunca foram palavras que obtemperei. Naquela cicatrização que parecia ser possível, senti a voz, como assopro de areias com momentos esparsos nas curvas de estrada da mata fria, que por vezes me repeliram com larga do meu pé, ou questões que beiravam uma nota de música que arrebenta em preocupação. Mesmo que não houvesse nada grave, a nota mínima do dó é que soava. Assim no contralto de uma música jamais composta, ritmos sem marcação que cessaram, calaram melodia, que assoviei na mente aquelas luzes que me circundavam do acolhimento de uma pelerine que nem tinha nessa época, perpetuando aquele momento da garça.

Por vezes ela mencionava que apesar disso ou aquilo, meus filhos contavam com um pai, ou por vezes ela dizia, nunca conheci alguém que tivesse passado por isso, diante de uma confidência que eu não tivera ainda gorjeado nem mesmo no soluço de um pranto166. Muito tempo depois, nas palavras escritas havia algo, dizendo que era bom estar com quem nos conhece tão bem, algo que trazia um impenetrável dizer de uma experiência de outra união que justamente contrapunha essa coisa de matrimônio duradouro com toda exaustão que isso representa. Ainda no passado, em duras críticas disse que se eu fosse

---

164 Arúspice – harúspice – (ocult.) advinho, haríolo, advinhador.

165 *hymenaeus* – Lat. – himeneu, casamento, união. Epitalâmio, canto de Himeneu, cópula.

166 Refiro-me a exposição de fatos da minha vida, o qual jamais tinha manifestado a ninguém, nem mesmo analisado quão vil houvera sido em minha vivência. Uma confidência.

seguir com uma separação, teria que enfrentar tudo que isso significava. Eu temi esses movimentos futuros da peça do xadrez.

Certa vez mencionou sobre tipos de relacionamento, dada as circunstâncias, eu apenas ouvi isso no meu eco de cubículo, eu houvera dito algo sobre que eu jamais havia me interessado por mulheres, o que de certa forma impunha uma palavra oculta – até hoje. Quando ela afirmara que possuía mais de um tipo de relacionamento, fiquei eternamente tentando decifrar como ela classificava esse elo afetivo, que não normal para ela, senão bastaria ela emanar amizade, a qual ela não mais quis manifestar...

Por mais que suas falas em algum momento houvera enaltecido minha face, capacidade e inteligência, eu supus que fossem uma espécie de purga de receio, e que alguma crítica aos famigerados medicamentos antidepressivos eu ficava intrigada entre alguma experiência malfadada ou a constatação do malefício que prestou à minha vida...

Numa linha que se perdeu nos apagamentos eletrônicos, seus dizeres embrulharam de papel de presente quase a colheita toda dos meus gestos, eu poderia assim entender, num movimento gracioso de voo em curva pelos ares, na liberdade do gelo que se forma e se esvai num ciclo de estados, que sublima sempre uma partícula que se abstém de uma forma ou outra das impurezas, de forma natural recai sobre o campo, nas plumagens de luz da manhã em límpido voo de liberdade, assim eu poderia entender a gota de gentileza em seu momento de gratidão.

No fim das contas, apenas a apatia poderia representar nessa inatividade, uma repelência, cuja ela nem queria mais relembrar. Mas que o eco de minhas palavras era de fato as cores mais diferentes de seu viver, que nenhuma outra poderia conter um elemento tão singular, o afeto em sua personificação da natureza a qual abarcava sua própria existência, num brilho irreproduzível.

†

Statera[167]

| 27 julho 2019 | Sentimentos reunidos do tempo da cirurgia das filhas | por M

167 *Statera* –ae – Lat. Balança, valia, valor, importância. No sentido de equilíbrio e valia.

Como a mais estulta funâmbula168, recolhi todas as pipas de meu céu de dores, naquelas nuvens arroxeadas, meus lanhos costurados com firme silêncio da boca apertada, deixei a decepção e dor, para estar no hospital a apoiar S numa apendicectomia que interrompeu todos meus desagravos em um recompor fêmeo de prontidão. Assim estive dias por sua conta, em seu momento desfavorável, trabalhando ao mesmo passo que tinha compromissos editoriais e uma crescente tensão sobre a impressão do livro e todos os receios desse cordame que trilhava equilibrando em requebrado com diversos humores dos ventos para atiçar gumes e pesos do fogo queimado.

Nem bem estava S recuperada, G precisou de um procedimento cirúrgico, que logicamente me dispus a ajudá-la em sua casa, cidade próxima, entre mensagens, agendas de compromissos e a tensão crescente do lançamento e durante a escrita dos poemas do livro que estava em tinta de pluma. Dias na casa com seu humor abalado e rodeada de pensamentos sobre os fatores apontados na situação de S, eu perlongava os problemas de ambas e cansada, tomada de dores e problemas, colecionava espinhos na mão, desconfortos e suas sanhas arranhadas nos ornejos de suas dores, me deixaram tão sozinha, muito mais ainda, andando sobre um campo de estacas lancinadas contra qualquer intruso. Percorri aqueles dias olhando o amarelar de meu mau momento, uma serenidade de lucidez instintiva e colocando além do meu estado este momento para que eu estivesse em paz no futuro com o amparo que dei a elas. Mas custou caro, as chagas ficaram doridas.

Dias depois, aquela condição adamítica que já pude algum dia ter, a de ser mancal desta família, a dar centro de eixos, a de permitir todos os pratos virando simultaneamente, a de dar movimento livre e firme, essa posição se desmanchou em uma espécie de caixa de miuçalha que minha vida se tornou. E esse *nexus*[169] entre mim e filha, havia toda essência desse verbete, que culminou com uma situação que interferiu na minha liberdade, e que naquele momento crítico, foi uma dura avaria a minha pessoa, que me impôs severo desespero e ainda assim pude escrever uma Cintilação, que talvez tenha me salvado, e lembro-me que H me mandou uma foto, talvez como seu jeito desastrado de tentar abrandar, a caixa de meu livro que enfim chegara. E que numa estranha sensação de estar sozinha, registrei meu livro indo para a estante, e soltei todos os meus pássaros aquele dia, ainda que toda a rejeição que percebera, tinha ainda a memória do vinho Nardini que eu e H celebramos na adega quando ele terminou a leitura do ainda manuscrito.

---

168 Funâmbulo – equilibrista que anda e volteia na corda ou arame.

169 Nexus –us – Lat. – Laço, nó, entrelaçamento, encadeamento. Rigor, severidade.

De alguma forma, ele carregar essa caixa de livros me refez um perdido brilho reaparecer entre minhas miuçalhas, aquele momento de o relógio mover o pêndulo que marcou, marcou algo misterioso, ainda a se saber.

†

Humanĭtus[170]

| 28 julho 2019 15:40h. | Relativo a comovente encontro| Nunc momentum | 7d

Abracei-o com as mãos em lateral braço, pousando a possível cantiga de dedos meus tateando o tecido brim de sua camisa, de olhar faiscado avelhentado nesse veranico, com uma fala um tanto perdida; meu olhar obumbrava o céu que empalideceu silente, ante os contos perdidos de girassol seco, abracei com mãos sobre seu ombro e a voz que em alento lhe amparava fraquejar das pernas. Que nos disse em sua grande amiga, companheira de quarenta e dois anos, na luta de oito anos adormeceu nos lençóis dos céus que ele não mais vê há poucos meses. Assim, indignado, contava-nos que ele fora mais um por estas terras, que sofreu nas mãos da inaptidão e imprecisão de um médico que *embandejou* sua visão na concupiscência.

_Meu amigo, é a vida! Seus filhos estão por você, lembre-se que ela queria deveras que tivesse bem.

Após ele recolher suor e lágrima por baixo da sombra de óculos escuros, nos despedimos, ele se virou a andar a calçada por onde viemos, em confiantes passos feliz de nos ter encontrado, notando cada solavanco e entendendo cada lugar, através do ressoo tateado de um cajado que o guiava depois que foi *obcaecatum*[171].

†

170 *Humanĭtus* (Homo) – segundo a natureza humana, suavemente, amavelmente. – de outra fonte de pesquisa – humanamente.

171 *Obcaecatum* - Lat. – combinação do ob mais verbo caeco –as –are –aui –atum – cegar, privar de vista. Deslumbrar, ofuscar, obscurecer. Na forma particípio. No sentido de privado da visão, cegou.

Hirundines salutabant [172]

| 27 julho 2019 11:23 e 28 julho 2019 13:47h | 7D | Relativo a comovente experiência em 17 julho que este ensejo foi estímulo para início da escrita do poema Germinações do tempo, texto *aurum*. Impressões parcialmente relatadas no áudio 20190718 lago3. Andorinhas que FILMEI, mas não no dia do ocorrido | Músicas: Days of wonder, in Between -Schiller, Space one – Mirko Lovato, Freya – David Pad, Boreas – Amanaska, La Balbianello – Finlanda & Aaskoven, Nimbus – Jens Buchert, In the Garden –Polished CHROME, Only the winds – Ólafur Arnalds | por andorinhas.

Dez graus de ventania, que esse dia sol magro, nesse recanto sobre esse pântano quero deitar no ar morno, que o espelho hoje não dá. O que você...? Posso cruzar debaixo da ponte, e você consegue? Ah eu passo por cima do corrimão e pulo o seguinte. Não por perto de seres. Quantos seres estranhos que hoje não vieram. Quantos mosquitinhos você já pegou? Fiz melhor, cacei uma libélula que estava embriagada do frio e suas asas pesavam esse gelo. Ei vocês, aonde vão hoje? Olha, olhem lá, esta música que só ela tem! Tão ouvindo? Estou, e você? Eu também. Que lindo, vamos rodar? Vamos.

E aquele ser rosa, como um floco de lã marrom, achegou até a ponte, com um brilho branco, uma luz que refletia o sol e o saruê saiu da sua lura, percorreu um caule e eu sei que vi, ele escanifrado esgueirou-se para uma saída de água e foi comido pela noite ali guardada.

Aquele ser rosa, deixa eu ver bem, roda aí que eu vou cumprimentar, de um salto embarrigado para baixo, estufo peito branco, luzes acendem o azul de minha capa lustra e meu bico se acende alaranjado como uma chama recém-acesa e *flapeio*[173] asas para que voe arremetida em parábola ao céu azul iceberg da manhã, tangenciando o dorso e rosto, como meu aceno e assim me projeto em dança para o lado, com aquela música.

Eu também sei fazer isso, em rasante e tangente de fronte, que tive tempo de ver os olhos enormes da criatura, eles estavam filmando nossa dança cruzada e

---

172 *hirundines salutabant* – Lat. – Andorinhas saudaram, recepcionaram. *Hirundo, hirundĭnis* – Lat. – andorinhas na forma nominativa plural. *Saluto –as –ari –aui -atum*– Lat. – Manter a salvo, preservar. Saudar, cumprimentar. Dar adeus, despedir-se. Recepcionar uma visita. Na forma plural, terceira pessoa do imperfeito, indicativo.

173 Flapear – neol. - ação do flap no voo, dar resistência e desacelerar em pouso ou descida do voo.

circundada, e a tal criatura ergueu asas que ficaram no seu rosto, que é esquisito, arrancaram-lhe o bico, e também não tem plumas, talvez por isso ande só no chão. Acredita?

Suas bobas eu vou tirar uma espadando pelo seu lado bem rente, vejam! E mergulhou reto em declínio, e voou próxima e soergueu asas para um desafio do céu. Uma, duas e três, imitaram.

Ah que legal, repararam essa parte da música, ouçam todas! Este ser estranho rosado parece conversar e está admirando nosso balé! Vamos saudar o azul, vamos esperar o salto da música, essa parte todas se embaralham e na parte forte todas saudaremos o céu para ela saber que entendemos sua fala, ela derrama águas viram isso?

Vamos! Agora! Todas! Grasnou a princesa andorinha azul Prússia.

Elas se recolheram todas em seus voos para o centro daquele palude no estribilho musical, voaram de todos os vértices para o centro e todas arremeteram voo para um jorro a uns vinte metros acima da região lodosa do lago, preenchida de aquíferas gramíneas e uma água com veludo do lodo, iluminado pelo sol como um cobre douradiço no estremecer do rugido de rajadas fortes de vento gelado do dia do inverno. E no alto todas se embaralharam seus voos como tecer de bordado de ouro e essas luzes desciam em fios para o olhar do ser estranho embasbacado com a comunicação estranha dessa revoada. E todas desceram ao mesmo patamar, com o voo habitual disfarçando sua presença, e uma a uma cortando por cima da ponte, indo e voltando transpassando pela fragrância de um amor que subia em névoas invisíveis como odor adocicado de mel e flores, como uma espécie de alimento para uma drástica fome, que todas voando queriam se impregnar desse éter, perfume do início da florada das *Handroanthus heptaphyllus*[174] era o que mais se assemelhava.

Então, ainda olhando e vestindo um óculos púrpura em espelho, cada uma desse bando de quase cinquenta andorinhas vinham novamente arremeter de peito branco em saudação do inverno no chepe-chepe próximo àquele passadiço de madeira, sobre o grotão que aleita o lago, num abraço invisível e raro, tão raro que único, que toda a anomalia daquele festejo cerzia-lhe junto aos acordes do violão no encanto do toque desses pássaros azuis, que após o beija-flor, borboletas, gatos, batizavam a criatura em uma espécie de tribo,

[174] *Handroanthus heptaphyllus* – ipê-rosa. De crescimento bem rápido em regiões livres de geadas (em dois anos ela atinge 3,5 metros), pode atingir até 35 m. O *Handroanthus impetiginosus* é originário da Bacia do Paraná, conhecido também por piúva. Floresce abundantemente de Junho a Agosto, e prefere climas mais quentes, porém num Inverno seco e ameno, ela oferece também uma linda florada no começo da Primavera. Espécie de recuperação de ecossistemas degradados.

como tingindo sua pele em pinturas ianomâmis como certificado real da terra e das águas, desse lugar dos singulares e imperceptíveis fatos intrigantes que permanecem ocultos a vida toda.

O estranho ser *hyperbŏreus*[175] na ventania cuspida de seus olhos crispando uma comoção, ainda perfazia um ar de dúvida, que percebida por todos os alados que dançavam, se puseram mais uma vez a se reunir em eclosão de gêiser para um voo arrebatado enleando dessa vez a emoção umedecida em sua fria solidão, nos passos que tomou a seguir em busca de um recorte do Sol que abrasasse e sentou-se distante da vida, empunhando uma pluma que desenha ilusão.

†

175 *hyperbŏreus* – Lat. – Hiperbóreo, setentrional. Na mitologia, hiperbóreos eram um povo que vivia em local sempre ensolarado e além do vento Bóreas, norte.

6 SOLLISTIMUS

Membranae[176]

| 2 agosto 2019 17:00 | Playlist MCromaro Affectio | 6 B | Nunc momentum

O leite desce a aspereza. As flautas e pandeiros grasnam num cavalgar medieval. Chamas lançam-se como línguas de serpentes lambendo-me a carne a olhos que reviram, que de lado a outro divertidas degustam cada caramelo de um pelo que se eriça por exemplo, ou uma antiga ferida que larga seu casco a revelar um vergão ainda inflamado.

Telha estrilando a secura e os brilhos do chão, ar eucaliptal revolvendo minhas danças das tranças desatadas num banho, com uma orquestra de mariposas laranjas na verga de *galhitos*[177] de flores outonais, e olhos verdes que dão passos para trás desconfiados de um sabor desatento de um chá que não apetece.

Numa reflexologia das palmas dos pés, meus olhos seguem olhando as salivas vazias em braseiros descabelados de germinação de tempestade de madrugada, e as vestes que trazem peça a peça, tecidos do passado, passado em guitarras que acordam os ventos da melancolia.

As roupas de memórias vão se abotoando em meu corpo, em meu seio, em meu púbis, em minhas pernas, em meu ombro, em meu braço esquerdo e direito, se enredam pelos cabelos que penteio, nos lábios que assobio, nos dentes que esmago, nos olhos, nos olhos, nos olhos que.

Que rodopio, que enrolo num cueiro de nascimento, numa espécie de manta de uma lareira de aconchego, tanto quanto consiga lembrar como.

Como uma corda antiga, na qual seguro, numa grossa trama farpada, que me ponho sustentada, numa posição que não sinto força nem posso quedar, e girando em meus olhares marujos, os ares comidos pelo comichões dos voadores desatados do sol morno[178]. Assim entre um malte já azedado num resto de sua impregna e aquela passageira animação numa disposição das coisas como

---

176 *Membrana* –ae – Lat. membrana, película. Pele, pergaminho. Superfície.

177 Forma terna a se referir a galhos pequenos.

178 Imagem poética dos voadores de *paraglider* na tarde que caiu em sono do escuro.

se um mundo perfeito ainda existisse nessas paredes rebocadas de paçoca envelhecida dos calos do vento solar e chibatadas da chuva que está por vir.

Recosto minha lumbago, os estalidos parecem essa queima de chama invisível, em tantas concepções dos fatos que irei talvez lembrar de contar, dos lugarejos inventados para um amor refutado, e diversos anseios que já foram quiméricos, já formaram um urbe de ninfas e anjos humanizados, talvez um tanto de sonhos que idealizem um outro mundo sentimental e amoroso, com outros seres, numa dimensão nova completamente desenhada em sua geografia anômala oval, com mares caídos e cavernas de vidro sob os mares, ou um orbital elemento que navegue as nuvens altas, de um planeta completamente invadido das águas. Sabe-se lá. Então, durante a água quente, eu escolhia todas as músicas para este ciclo novo, para uma imersão especial e renovada, com meu olhar empapuçado de álcool, como um gnomo ou um ser das matas que dance sobre um tipo de pés de aberração criogênica de laboratórios da insanidade humana, eu me soçobrei nas minhas tempestades de amor para o qual não existe palavra.

Enquanto engoli o leite, mastigava migalhas daquilo que ainda sou, o coração ainda estende as mãos aos ares, como ondulação de folhas assopradas, com lágrimas e neurônios, com estremecimento tardio do prazer subversivo de amar, um sentir da ponta do indicador que toca a ponta do indicador, e todas as cores derretem-se no céu desses novos lugares que planejo num mapa que eu mesma desenharei a viajar num propósito fraterno e cálido de sinceridade, um cuidar profundo de cada raio de luz que irá ferir os alvéolos do *mellarĭum*[179], e cada gota de mel que em meu dedo.

Em meu dedo pintarei cores dessa dimensão hipotética, na vastidão mais infinita que conseguir percorrer.

No final, seu coração estará nesse envolto convertido de uma membrana placentária, uma membrana de um visgo e uma língua serpente que vem.

Vem me lamber e rastejar sensações com sua couraça de novas cores, e em queima ácida de raio inofensivo, curo os dentes do meu veneno, e estanca-se.

Estanca-se um estranho verter, drenando líquidas partículas numa cicatrização inexistente, e o tegumento se depõe como lantejoulas de vidro colorido. Assim eu olho esse ser que sou, dançando entre as labaredas de um fogo negro, que me pulveriza em pó de carvão que se aninha no lado obscurecido de cirro, em meio a seus granizos de lava.

---

179 *mellarĭum* -i – Lat. – colmeia.

†

Solistimum Castrorum[180] I

| 2 agosto 2019. 17:49. | 6 B

Aquele inverno nos anos oitenta do lindo arvoredo do lado oculto da montanha, calçado de um lago espelhado margeado de altos carvalhos. Rodas lameiras espanavam os pedriscos nesse dia, embrenhando quase uma gruta de árvores em estradinha estreita. Assim como membros da tribo subimos a um patamar da montanha, que naquela ocasião estava deserto de pessoas, escolhemos um local para nossa tenda azul. Esticamos as coisas. H retirava objetos de sua bolsa tiracolo de couro natural e eu de uma bolsa da qual nem me lembro, para irmos a um banheiro no final do local a tomar um banho antes que anoitecesse.

Era um vestíbulo de lajotas vermelhas vitrificadas e baias de chuveiro, com telha-vã e uma grande pia para diversos ocupantes.

Entrei naquela água morna, cheia de arrepios de aventura, imaginando o frio da madrugada, talvez uma jaguatirica que, perscrutasse-nos com duas luas amarelas. Derramei viscoso shampoo floreal de pêssego, inundando a neblina de uma calda adocicada e me esfreguei na felpa nova, vesti meu jeans, chinelos de tiras de couro brancas, penteei os brilhos em mim que nunca nem percebi, andei lépida de alegria.

Acocorados cozinhamos num fogareiro estendido no gramado, alguma borbulha de águas, enquanto sentamos numa esteira adormecida enquanto os vaga-lumes tomavam o ar num cântico cricrilado bronze envelhecido, e os arbustos estavam corados de pôr do sol.

Rindo com nossa própria graça, enamorados que o vento não bastava, tínhamos aqueles arroubos de nos conhecer, entre uma nova ideia entre outra nova ideia. Assim, comemos algo esquecido, levamos os utensílios juntos, equilibrando em nossos braços, com alguns campistas que estavam chegando, e formavam-se novos murmúrios de montagem de tendas, cadeiras, canecas de alguma bebida, shorts curtos de beira arredondada e camisas xadrezes.

O eucaliptal me fazia tão bem, que eu ia e vinha da sede, saltitando a cada uns dez passos, e quando me adiantava, H me puxava como carretilha de pesca

---

180 *Solistimum castrorum* – Lat. Acampamento perfeito, primeiro. *Sollistĭmus* –a –um – perfeito, muito apropriado. *Castra*, *castrorum* – acampamento, lugar fortificado, caserna.

que se recolhe para os braços que se abriam em cuia já esperando aquele recolher manso de afago de um *utha*[181].

Chegamos no pátio naquela noite inaugural, um gramado frontal verdejava intenso numa luz focada diante de uma cerca de madeira que contornava o lago. A sede era rodeada de um terraço, de peito aberto aquelas pesadas portas guardavam sorriso do Indiano e uma *krishna*.

As mesas de madeiramento café, piso rústico e um dedilhado rutilar da queima de toras grossas numa grande lareira.

Chegava-nos um cheiro úmido eucaliptal da sauna, de onde ouvíamos alarido de risadas e pessoas que saiam e entravam, algumas molhadas, outras perladas de vapor a pular com as pernas encolhidas em bomba na piscina azul de água natural da serra.

Nos achegamos na mesa, havia uma redinha, na qual duelamos nosso charme por um beijo e abraço, disputamos quem lavaria a louça, e prometemos as juras absurdas que jamais saberemos, naquele pingue-pongue de nossas humildes vaidades, nas raquetadas de bolinha branca.

Entramos para tomar uma bebida, que em copo de cerâmica natural, foi colocado sobre um balcão de madeira larga com ranhuras lindas de natureza, que eu admirava.

E ficamos dividindo um mesmo banco, entre pequenas cotoveladinhas de carinho, e com a mão recaída em repouso sobre meu ombro, H sorria aquele sorriso gracioso e eu passava a mão sobre seus cabelos, fazendo perder meus dedos entre um tênue cacheado negro.

_ Amanhã iremos na sauna, na pedrinha logo cedo, e na ducha natural, que L me disse que tem ali logo além da estrada.

_ Vamos! Eu respondia esfuziante.

Voltávamos para a nossa barraca na noite retinta, tentando adivinhar o caminho, que eu receava em abraço seguindo passos, num bosque encorpado misterioso e sedutor.

Assim, lentamente, eu via apenas seus olhos acesos no negrume, ele virava sério, cheio de vontade a aproximar o rosto de meu rosto, envolver suas mãos pelas costas, e assim pousar um beijo delicado demorado, que se aquecia com

181 Como chamávamos nosso abraço apertado até emitir esse som.

apertar de seu corpo, com apertar de braços, que não poderíamos nos esquecer que por ali passavam alguns transeuntes. Assim ele me encurralava contra o tronco de carvalho naquele namoro de fogo novo.

Tínhamos as mais belas porcarias de coisas de camping, mal dava para conseguir se acomodar e só contávamos com nosso calor para suportar o gelo daquela madrugada.

Amanhecemos, que após um café sem café, subimos a trilha para aquela pedra do cume, uma caminhada de hora e tanto, talvez duas, parando para olhar a vista que se abria, num dia lindo sobre nossas cabeças, nossa juventude e toda força animal que tínhamos.

Comi um pedaço daquele azul céu, numa brisa de penhasco, entendi a transitoriedade de um passo em falso, aquele mar vergel, aquela montanha mágica, para guardar em fotos Kodak quadradas, eu enevoada de casaco branco e aquela bota de couro natural, quando aquele lugar era um jardim selvagem de flores.

†

Arbitrium

| 2 agosto 2019 23:42 | 6c | Músicas King Crimson.

Eu escolhi as luzes do afago. Escolhi as pedras que guardei, como se sementes dormentes. Escolhi o abraço que não tinha coragem de dar. Escolhi o acolher que não tinha peito, só o medo.

Das pessoas com quem me deparei, o afeto que me deu em ínfimo tempo eram grãos de ouro, era a promessa do Sol. Escolhi permanecer por querer. Poeira de sombras e cantigas inexistentes, escolhi o timbre que reconhecia. Escolhi a forma do olho e o íntimo em beleza que me cegava, eu escolhi o jeito amistoso para ser o sempre que éramos para ser, e eu escolhi quem me decifrava. Escolhi quem amava. Pertinaz.

As letras que escorregavam pelas sarjetas em águas invisíveis. Em meu coração descompassado, eu escolhi o sol do meu vazio que sem ele não haveria.

Tudo que fez sentido sempre. Não eram as fechaduras de chaves perdidas. Nem intermináveis fileiras de luzes em um tempo da engrenagem da solidão. Eu vaguei o meu vácuo, nas penumbras com que se vestem o exílio do respirar e da cadência certeira do pulsar da vida.

Eu fui pranto do dia à noite, da música inacabável, em letras encravadas em uma pedra que jamais pude percorrer, e fragmentos que únicos eram o nada.

Escolhi procurar quem e havia encontrado nela, procurei quem ela mesma ocultou, eu prosseguia a busca no sono, na lucidez, no pranto, no desespero que cuidou de mim como aquele bebê desenganado. Escolhi que o amor não devia ser esquecido, e nem mesmo minha melhor parte apagada. Por isso o amor tornou-se meu viver.

Até sempre, até nunca, eu estarei nesse pranto de ter por algum erro em algum tempo incabível, perdido quem eu amava.

Zero horas de um tempo ilhado nessa redoma de cristal para um recanto aonde caminho transformando minha boca vazia, meu estômago apertado, meu ser reencontrado de tanto tempo atrás, que carregava em si essa melodia, os gestos de ternura mortos em si mesmos.

Cheia de perguntas que desconheço, das reações que nunca soube, de momentos que morreram numa cápsula.

Em minha própria praia desértica aqui eu espero por vir, aquele sentido que me fez entender a vida que me empunha palavras.

A verdade é que toda dureza me massacrou, e não foi por um acaso, mas o conjunto do tempo. Agora sei a distância da margem e que minha água secará.

Todo escuro do mundo se confirmou no decorrer dos anos, nesse escuro que o ser humano mesmo queima, queima seus sentimentos para das cinzas comer. E qualquer lugar é apenas um instante.

A jornada há que se chegar a algum lugar, e esse lugar era apenas alguém, deveria ser eu mesma e o mundo. Mas não, era alguém, que era ausência, esteve presente, foi embora por sua escolha, distou-se o quanto mais conseguiu, ausente permaneceu. Talvez por isso eu nesse deserto. Ou uma bizarra lembrança daquilo que não vi, não tive, nem sei.

Não é possível vagar esse universo e ser esmo. Então sangro, nas letras até a última gota de sonho, me camuflo, resisto enraizando alma de oásis.

†

PICTURAE I

| 3 agosto de 2019. 12:36 | 6d |

Eu vislumbrei meu irmão em seu passo ginástico, esfuziante, como um vulto que rajou nas imagens posteriores à porta, logo após ele irrompe meu quarto com livro grosso de pintura, a sentar sobre aquela colcha de retalhos ainda incólume de minha tinteiro. Desandou a folhear aos meus olhos fitos com as pestanas hirtas maravilhadas. Assim deu-me alguns lápis e um estojo de aquarela após conclusão de alguma disciplina de seu curso, me relembrando diluição e mescla de nuanças. Eu estava como que catatônica, houvera enterrado coisas em alguma caixa, na prateleira alta do armário, a grande lacuna voltava à minha vida, em intensa ginástica dos metacarpos em ríspido ruído da pena deformada, que não produzia boa caligrafia, e esses cadernos iam se empilhando num mortuário, bem escondido e guardado, sem nenhuma direção, como alheamento.

As tintas desfearam. Ao perfazer um aclive até uma tela em branco, cobrir de tinta e esculpir cada ramo, aquilo regelou as demais possibilidades sem que eu me desse as devidas tentativas, tudo foi sendo descartado, mas os desenhos guardei. Numa espécie de benzimento me considerei curada e segui desinteressada, lentamente parei de observar as cores, sombras e brilhos e imaginar como representá-los. As formas admirava sentindo-me incapaz, notoriamente insegura, que o fatídico momento que meu irmão emplastou de tinta negra a pintura que fazia de um navio pirata me agoniou a ponto de pensar nunca segurar pincel novamente, mas apenas enterrei qualquer recordação no mote da incapacidade.

Tornou-se escaravelho seco.

A flauta - mesmo fim.

Há momentos que é melhor desistir, quando se está dentro de um local espinhoso, melhor não se mover. Acho que foi um jeito, talvez meu grande infortúnio, o de ter seguido para outra direção.

Fazia desenho carregado de cores que após muito tempo atenuaram para a aquífera delicadeza. Quando arrumei desenhos antigos num arquivo antigo, sem grande importância, apenas recendia um olor esquecido misto ao papel envelhecido, que me aprouveram de imediato como um inebriante refrigério de verão, algo que estava numa *hybernacŭla*[182] que durante as duas últimas décadas apenas houvera se centrado em meu ego de amor, como uma sublima-

---

182 *hybernacŭla* – ae – Lat. tendas para os quartéis de inverno. Acampamento de inverno. - Abrigo para aguardar o' inverno' terminar. Figura a hibernação.

ção de um terror interno que me dava tremuras, e que havia causa e raiz. A escrita me fez perceber as chagas de queima que isso deixara, numa dor ignorada, uma ferida deixada à sua própria sorte.

Por um instante, o momento relevante, se deu que eu me prometi rabiscar com as tintas à óleo e sua terebintina, fosse como pudesse durante toda essa intempérie, queria parar de me justificar, apenas saber o cerne e fazer, enfrentar mais ainda os t(r)emores que interferissem, assim como a questão da visão, naquele momento entendi que iria seguir tateando e esse prejuízo teria que se mesclar com meu jeito de fazer a imagem nos pigmentos baratos.

Mas entender a importância de escrever desenhando, me fez conceber este mezanino, que fundamenta o lugar de mim mesma, de minha reclusa criação, seja para acariciar capa de livro amado, em palavras do mel da vida de alguém que morto foi por sua expressão, aquilo acendeu a lamparina, entre folha e aquele perfilar perfumado e colorido dos antigos escritos para a pira, os quais significam ao lado dos desenhos rotos, meu abraço de completude daquilo que sou. Eu novamente parei, espanei as poeiras, preparei com cuidado terno, compreendo emocionada aquilo ao escandir sílabas e pinceladas nas células da minh'alma, num perfeito abraço daquilo que chamo: *exsistenda*[183].

Certo dizer num filme me salientou que o trauma se enraíza e que conviverei com ele, então é uma escaramuça contínua, que já aceitei deixar os instrumentos à minha mão no ato de fazer, não importando qualquer requisito.

A pintura me aproxima do ser, faz o tátil instante de construir uma imagem à semelhança contendo ou não adições ou presenças, faz um prolongamento do meu abraço a coisas e conceitos imaterializáveis. Assim há um idioma inexistente que cantarola partes das entrelinhas imperceptíveis ou as confunde. Bem difícil dizer, por vezes escancara e complementa, por vezes perverte. Deixo a dúvida, mas que é algo essencial em mim no dizer do amor, tão calado nos meus atos, gestos, falas, atitudes de carinho omissas ou oprimidas, não sei bem como dizer, talvez do meu feitio.

Bem dizendo, deifica para mim atos impossíveis de toque, de presença, de amor, carinho, lembrança, registro eternizando a visão além de mim.

†

183 *exsistenda* – Lat. existindo, gerúndio na forma feminina gen. *Exsisto* – is –ere – stiti – stitum – Elevar-se acima de, sair da terra, surgir, nascer, provir. Existir, manifestar, aparecer. – Quis salientar continuidade.

Sturnum revixit [184]

| 01 agosto 2019 12:57 | Áudio de 23 agosto de 2018. até 19´33´´ | 6 a | ✇

Vinte e três de agosto, eu queria gravar o que estou pintando no meu coração, talvez devesse encontrar meus antigos cinzéis, instrumentos minúsculos e esguios, de uns dez centímetros de comprimento, com formas diferenciadas em cada extremidade, a que se pudesse de fato dar incrustações em baixo relevo ou alto relevo que produzissem quase um ato escultural da sombra e da luz dentro dos meus sentimentos. Passei a procurar, eu apenas detinha posse de um deles, cuja extremidade era um gume fino sem fio, tal uma adaga bem esguia, e um retangular recorte no lado oposto, e sabia haver tido, a que tinha aresta redonda e ovalada, e que uma teria uma agulha afinada e outra uma haste curva com extremos afunilados, em aço. Estava com H e requisitei sob algum protesto de sua parte, conquanto eu já tinha mais do que a simples determinação ou vontade de amassar tintas das bisnagas e seus blisters e misturá-las com efeito marmóreo a infundir as cores umas nas outras, mas não completamente, eu pretendia colher meu suor sanguíneo e rasgar antigas cicatrizes imiscuídas sob a carne do osso, sob algum mamilo encaroçado, e retesar o músculo a evitar os tremores que vinham e vêm da alma.

A cingir aquela face, aquela face como única forma de tocar.

E este é um proferir de questões tão e completamente dos recônditos mais profundos de minha vida, não queria trazer à essa luz de hoje, esticando os braços a um ápice do seixo da rocha, numa íngreme e escarpada penedia, de meu coração ferido numa escora única e vigorosa, num distraído descuidar familiar.

Não digo isso de algum tipo de tronco ou antigos alicerçais talhados hoje nesses irmãos, pois por vezes eles me dão uma sombra ou um bálsamo, que pouco consigo retribuir-lhes.

Estou aqui há um bom tempo pensando nesse amor, pois tantos anos se passaram – assim entonava completamente macia a voz rouquejada num pranto guardado envelopado em cetim feito de vexilos e filoplumas dessa ave bravia, cujo canto ficara emudecido em mim de alguma forma emplumado de plumas rêmiges alvas e plúmulas lindas ocultas das cores da luz.

---

184 *sturnum revixit* – lat. – estorninho redivivo. O pássaro estorninho-violeta que vive, sobrevive, e retorna vivo.

Esse pássaro *Cinnyricinclus leucogaster*[185], um estorninho violeta, oculto nas folhagens ou plumagem camuflada das fêmeas, era capaz de incríveis voos e sua incrível cor das plúmulas e filoplumas em derramar ametista davam a impressão de uma recente visão ampla da furta-cor, ou das cores que se atenuam numa espraiada nuvem nacarada.

Eu senti aquilo, aquele voo aprisionado naqueles vexilos brancos da plumagem do peito, implodir no meu coração aquela linda pelerine vinho rosado em um sangue verdadeiro de amor.

Eu realmente adormeci em minha perda acalentada em cálamos guardados e um herbário de ilusões, num *systema*[186] que não houvera sido planejado ou compreendido por inteiro ainda, mas que numa excogitação pude ouvir as tantas colocações que já houveram me feito.

Vejo essas cores que amanhecem num céu exatamente para meu sentir, não tenho o horizonte que possa caber em minha visão, e neste momento tento identificar a verdade da cor desse pássaro[187] num receio de meu algar[188]. A ânsia de querer ser esse andejo de planície, sem me arrebentar novamente nos gumes salientes da minha perda.

Aquilo que a impregna de meus olhos tatuam as paredes dos ventrículos, eu sei, o amor não poderá mais ser aquilo que eu vira durante todos os anos, branco em mármore cor não se reverte mais, como desejos que amadurecem nos pomos ou nos bagos das uvas e não mais podem ter aquele sabor adstringente do tanino, não, há estados alterados em um novo estado da matéria.

A falta eu a sei em cada sulco, em cada navalhada na rocha crua, a falta é essa cratera, que faz desmoronar minhas estruturas, uma devastadora destruição, porque há algo valioso naquilo que perdi, era um momento único de afeto, era uma floração rara numa espécie de epitélio carbonizado nos estios da terra, era uma existência flutuante de esporos de germinação no ar soerguidos pela estranha resistência das cipselas ou dos flocos de paina, ou um ardil de esporos que grudem em alguma superfície, tal um carrapicho ou um esporo talvez espinhoso, que devia ser arrancado e suas feridas esterilizadas por flamar alcoólico

---

185 *cinnyricinclus leucogaster* – melro violeta, estorninho-de-dorso-violeta, Violet Baked Starling, pássaro africano, de áreas do subsaara-africano, de 17 centímetros, macho violeta e peito branco, fêmea de cor marrom e caramelo rajado.

186 *systema, systemătis* – um todo que consiste de diversas partes, todo o complexo. Sistema.

187 Pássaro que recentemente fiz uma pintura aquarela, para um dos meus livros.

188 Algar – cova ou abertura profunda; concavidade subterrânea; gruta, furna, caverna.

ou que se extirpasse a gavinha das plantas trepadeiras, numa poda de sustentação que não mais pudesse dar vivacidade, talvez pelos equívocos de saber, a mendaz conceituação do afeto em aparências pré-formatadas.

"Dizem alguns que o amor morre. Outros dizem que o amor acaba. Outras pessoas gostam de falar de paixões que passam como uma grande tormenta, que às vezes fica como um amor, às vezes fica como uma boa lembrança e às vezes simplesmente desaparece. Eu não consigo ver isso. Isso que eu sinto eu não consigo. Há muitos anos eu cheguei a cogitar que um dia eu esqueceria e eu me esforçava para chegar o dia que eu não lembraria. Esse dia parecia que um dia ia acontecer, eu acho até que num dado momento entre tantos problemas que eu vivi, eu cheguei num outro dia e eu percebi que pulou um dia. Talvez isso tenha acontecido, eu nem sei..."

Eu tentei ser um pássaro de chão e não pude. A força é maior do que tudo que supostamente você controla em si mesmo.

Diga-me você, em toda sua vida algum amor habitou sua pele mais do que você, e você viveu essa vida paralela, diante das iguarias que a vida lhe serviu à mesa, fingindo o sabor de algo que ali jamais haveria de degustar? Como somos falsamente livres e cada vez menos livres e cada vez menos nós mesmos...

Por mais força que eu tenha, de persistência, eu sou a única que estive nesse veleiro empunhando firmemente a enxárcia e domando ventos impossíveis, cortando naufrágios com essa persistência de viver, e não, aquela flor enraizada no coração do peito da alma jamais saiu dali. Eu sei essa cor que incréus não veem.

Essa falta, necessidade daquele florescimento, talvez não como necessidade, mas uma estranha anemia num tipo de vitalidade indefinível. Esse murmúrio quase inaudível da minha voz na noite, me conta de uma espécie de amor impossível que se enrijece com filigranas e o pó prateado e dourado do dia e noite de ausência, de uma forma doidivanas de saber em si esse liame filamentando as estruturas mais vitais, consciente do abismo de decisão e isso que sinto, não se encaixa no meu espaço de vida com a minha família.

Não consigo escolher céu para o voo que não seja esse céu chamado aqui. Esse canto do pássaro tantas vezes é o proferir do nome, um eterno chamado do abraço do afeto e sob o tato de sensitividade em sonhos que realizam eu quase consigo tocar essa mão varrida do vento. E nos andejos pelas penumbras de sonho em sonho, recentemente eu a vi num sonho sem interação – aqui no adernar do coqueiro, nessa calma tarde eu respiro justamente dessa presença de sonho, um desse tipo, mantendo uma espécie de armadura da altivez, mas

que nesse momento me traz tanta preocupação – e nos ecos dos ruídos estralejantes da noite, com todo esforço que ela faz em seus passos, eu senti nitidamente, por várias vezes que ela se lembra, pensa. – Nesses dias atrás, eu pude sentir os olhos na leitura em simultaneidade com aquilo que eu acabara de divulgar e estava momentos depois relendo em averiguação. Eu pressenti e naquela hora havia alguém desconhecido lendo...

A compreensão alheia ninguém veste. Eu me angustio de como ela possa apreender os significados e o amálgama do todo desse sentir. Eu apenas sei que pode ler uma antiga carta que aludia meu sentimento. Sinto muito medo.

|2 agosto 2019 10:33 | Músicas: Playlist MCRomaro Alemã.

Um medo assim emaranhado, uma espécie de novelo de caules esguios e ramados, nodulados como grandes flocos fazendo sebe de mim mesma, um medo que o sentir dela seja em disparidade, que se encarapita em alturas inexpugnáveis e que possui intensidade que eu incompreendo, que habita longitudes e que não tem face.

Desconheço, desconheço o céu dentro do céu que ambos possam ocupar em si os mesmos espaços sem estarem juntos. Desconheço o som desse bater de coração moçárabe vivendo na carapaça da sementeira, que não sei o sabor da noz de suas virtudes, dores, angústias, esses sentimentos consequentes do amor que se faz confinar em lugarejos que não o cabem, sob o empurrar ferrenho dos pulsos como que se fecha uma mala.

“E não existe uma saída para mim. A questão é essa. Cada vez que eu coloco palavras escritas sobre ela na minha literatura e acabo dizendo tantas coisas como que através disso eu criasse uma tremenda escultura de uma pessoa que não me aceita, que eu não posso expor praticamente tudo que sinto e minha família também não aceita.”

Assim paira essa emanação do orvalho evaporado na manhã, sem palavra e gemido, ou estrilar de borbulha, nem aviso de gotejar de chuvas.

Não se trata do dia deste século, nem daqueles bonecos de papel que se possa rasgar e atirar no vento e seguir uma senda de montanha intrincada que se afunila em dragões de chamas verdes e dardos no seio do meu *des*-lugar.

“Eram muitas palavras de amor que eu não consigo dizer”, eram inúmeros carinhos que jamais se descobrirão existir.

Eu tento dissolver, aqueles grânulos de Ovomaltine ao leite da vida inteira, daquilo que já se solidificou feito diorito.

"Não existe uma outra pessoa para que venha um novo amor e resolva um amor desse tamanho".

Incontável pranto do tempo, a água que esvai da mão, chagas que deixam profundas dores num desnecessário açoite e as quedas d'água mananciais capadas das árvores, *sob judice* de cavaleiros de esporas douradas e ávidos madeireiros. - Ah como sei como é essa dor.

"(Entre exasperados suspiros de pranto espremido entre paredes construídas rentes) Quando eu comecei a gravar este registro eu tinha diversas palavras de amor que serviriam de base para um texto que eu não consigo, mas ele existe. Ele existe. (Expele tremendo o ar)".

Nos ecos de minhas palavras embebidas da emoção que é esse tipo de avalanche, de uma espécie de maremoto que vem ferozmente na noite saqueada da Lua, na *insubstantiva* comporta Mose de Veneza, cujas ondas de sedas azuis[189] adentram as praças num carnaval de cores de cetim ondeando suores de foliões, em esvaídos e pasmos rostos, Pantalone, Brighela, Pulcinela, Colombina. Um vermute seco de amores Negrone[190], que saboreio em águas de gelo um bem viver fugidio vivendo queima do gelo no físsil dente da nevralgia ou uma dor sub ungueal que é viver esse amor permanentemente na visão da cor desse arquétipo de Hera num embate com Perséfone, essa cor extrema rosa presente na florada dos vinhos dos rostos a lembrar essa mulher, que me coloca nesse viver berbere. 191

Um sorver de uma bebida sem a culpa, nem mérito, apenas o sabor e a ebriedade. Por que não posso essa ebriedade do afeto? Por que não me recobre de pétalas a camurça do leito em amor? Por que não flore essas campinas com os

---

189 Referencio uma enchente em 2018 em Veneza, como a força das águas, seu infortúnio, comparando-o ao sabor alegre do carnaval veneziano em seus personagens de máscaras, para dizer o teor misto da intensidade de exultação e sofrimento do amor.

190 Drink italiano de Florença, com gin, vermute, Campari e casca de laranja, tendendo ao bitter.

191 Esse é um trecho que obtenho as falas e as incorporo nos símbolos arquétipos que rivaliza as duas personalidades em seus dogmas – o que é adicional ao teor do áudio – e que coloca essa perenidade na visão cotidiana da presença dessa cor, uma espécie de reconhecimento da pessoa amada, figurada como algo inacessível no sentimento dessa inadequação. Traduz nossas escolhas nesses arquétipos antagônicos. Exemplifica a beleza e ao mesmo tempo a escravidão que o sentimento provoca. Arquétipo Hera: A rainha – enérgica de poder e determinação, frustrada sentimentalmente, limitada pela moralidade da família tradicional, excelente em estratégia. Perséfone: vitalmente em modo intuitivo, poderes além da psique, ego vulnerável e modo confuso sem direção, e que tem a profundidade da consciência profunda além da matéria regida por sentimentos viscerais.

seus carinhos em fastuoso caleidoscópio do correr de águas nos filamentos nervosos do embevecimento "com ternuras que aveludavam minha mente"?

Meu firmamento se despe de suas cortinas transcendendo a era de minha pluma, sinto arrebatada para o cosmos das letras que orbitaram alguma casa celestial e que, evolou-se.

†

Magnoliophyta[192]

| 3 agosto 2019 | 17:44 | À Nespereira, manganório, magnólio de A.| 6d

"Agradeço, uma, duas, ou três vezes" – Li Bai

Germinou. De uma semente um filamento rasgou seu corpo enrugado, a mão ensombrou o Sol num céu congelado de pureza como um licor de mirtilo que pintasse o dia por nascer.

Como se a semente tivesse percorrido os rios ocras nas planícies da Manchúria, nas jangadas de bambu. Em broto navegou o pacífico e o atlântico. Nas leiras da terra na colina pura estendeu braços aêneos aos ares e derramou as magnólias doces vestidas em aveludadas blusas corais. O camponês colheu frutos exuberantes que perfilou no ano de 1957 em uma caixa de madeira de *pinus*, amarrou laço, em sorriso fausto o deu em gratidão para A, pai de H. Essas frutas incríveis cultivadas por japoneses no seio de nossa terra, regada das águas da montanha de pedra, A presenteou J na casa de M sua simpática mãe.

J seduzida pelo exótico fruto, seu caroço plantou e cuidou, e fincou na terra do pequeno quintal, cuja Nespereira enveredou as veias de seus galhos nos céus azuis que reunia década depois os netos de M galgando os galhos na diversão de apanha de ameixas da cor coral, nos dias que anunciam o final do inverno.

---

192 *Magnoliophyta* – nomenclatura taxonomia de plantas de um ou dois cotilédones, com nectários no receptáculo floral, grupo magnolídeo, árvores de folhas alternas, flores de arranjo espiralado, pólen sem columela - da classificação da planta Eriobotrya japonica, nespereira, ameixa-amarela, magnório, manganório ou magnólio. Árvore frutífera originária da China, mencionada em um poema de Li Bai.

Um dia, M pegou no pulo um devasso vizinho despido que pulou para a cobiçada nespereira. Temendo um trágico desfecho de ciúmes, ordenou que a árvore fosse cortada. À machadadas encerrava-se a discórdia de cobiça, perdendo o fruto da terra.

Eis que um broto rasgou a tora mocha, em renovo, em verde pálido oliva, que na sua imperiosa luta estendia clemência, J então recolheu o broto para vaso que levou consigo para casa, o broto foi regado por mãos de J avó de meus filhos por décadas, que o medrou, de casa em casa, até que sem lugar para beijar o céu nem mais tão azul, a planta retorcia encolhida e J me quis dar para que na nossa casa com jardim pudesse então florescer e frutificar.

Enterramos a arvorezinha em local espaçoso e ela rapidamente enveredou o céu e por alguns anos não eram mais do que folhas. Um dia pipocou, uma florada curiosa, cachos que pareciam bagos de pipocas estouradas, e que iam se extrovertendo num balé de minúsculas abelhinhas e beija-flores que ali teceram ninhos.

As primeiras nêsperas que comemos tinham gosto de infância, foram apenas seis. Anos depois debaixo de anos eu e H, ficamos colhendo duas bacias de nêsperas que fiz em caldas.

Pragas entortaram frutos. Com paciência e essências naturais cuidamos. A sombra que me dava esperança quando em repouso após meu acidente, ficava ali, sentada pela manhã, sob o céu que não nos abandona, esperando a colheita perfeita que um dia me faria preparar a geleia perfeita.

Meados de maio, H apareceu com olhar maroto com nêsperas na mão, estavam grandes e lindas. Comemos uma cada um de nós, no momento de maior restrição, uma situação bem pobre que passamos, ele me avisa: - M, sábado vou colher várias, consegue fazer a geleia?

Olhei com olhos de sim. E horas debulhando sua pele, sementes e membranas, cuidando para não oxidar, fervendo compoteiras, e preparando o tacho vítreo âmbar para as borbulhas desse mel.

A geleia que dividimos para cada filho, um tanto para nós e dias depois uma para a guardiã dessa dádiva, o carinho divino que sorri nesses cachos, o afeto das mãos do próprio mestre, com o manto azul que aveluda cada brinco amarelo, que alimenta os pássaros, as maritacas, e os andirás, que vence; viva enquanto por aí abriram a pandora do desmatamento.

Na colheita mais abundante nos reúne em torno do melaço que invade o ar desse lar, e como uma cantiga do impossível longínquo, ressoa seus versos antigos chineses em meus ouvidos e em meu coração chorado de assombro dessa mão que nos é estendida.

Na manhã eu ergui a mão, uma colher oblonga se adentrou à compoteira que escavou grumo brilhante amarelado em tom apessegado que ergui cuidadosamente esbarrando nas paredes adocicadas com as faces dos dedos indicador e médios, e levei até um pedaço de pão, geleia de nêspera *agridulce* tingindo meu céu palatal das cores ocras dos rios chineses, na visita de sua pradaria, olhar altivo das nuvens, de lá o sorrir benevolente da brisa tênue.

“Agradeço, uma, duas, ou três vezes” - Li Bai

Sim, obrigada, eu posso aceitar[193].

†

Filii ludere194

| 2 agosto 2019. 21:52 | 6 b | parte escrita indecisamente

Pelos corredores do hiato de meu coração, eu ouço esta noite, verdadeiramente o sangue da cor, da cor que eu queria escrever. Detenho bem nas minhas mãos um pássaro minúsculo que bateu contra o vidro tentando escapar pois indevidamente adentrou aquela fresta, e minha menina estava sentada em um acolchoado branco no chão, por um instante virou para trás e bateu com a cabeça. Lentamente agachei e amparei com a palma da mão sua cabeça.

| 4 agosto 2019 19:39 | 6e

Numa esquina amarela de bairro que habitavam hibiscos e coqueiros, enquanto eu com minha pequena G criávamos um reino em seu quarto, pelo

---

193 Referência ao poema de Li Bai 李白(701-762), o poeta imortal chinês, autor do poema que tem os versos - “Agradeço, uma, duas, três vezes, não obrigado, não posso aceitar.” que parodio o segundo verso para expressar a gratidão ao divino, pelas dádivas do afeto da terra, na frutificação. Poema: Na Casa da Senhora Xun de Li Bai Referência pesquisada: Poésies de l'époque des Thang (VIIe, VIIIe et IXe siècles de ... Hervey de Saint-Deny cedidos por Galica.BNF.

194 filii ludere – brincar com os filhos.

chão, eu me sentava no assoalhado entre os pontiagudos brinquedos, de dimensões díspares, entre bonecos desengonçados, que sentados sobre um carrinho o soterravam, as ruas eram margeadas de blocos de madeiras e minhas pernas se dobravam para a esquerda, com os chinelos abrindo bocas de jacaré quase se soltando dos pés, e G sentada ereta com seu conjunto de camiseta e shorts amarelos, cabelo derramando espumas de uma cachoeira negra reluzente dos brilhos, perfumados de shampoo da cor de girassóis que desciam do céu girando em seus eixos de flor em cata-brisa, deitados repousando levemente nas calçadas que cercavam nosso apartamento, que exibia pensas folhagens de begônias numa floreira de madeira escurecida com extrato de nogueira.

Perdia a hora de mim mesma, falando falsetes emprestando ventriloquismo aos inanimados brinquedos, sob ares mais divertidos exigentes de G.

Depois espalhava papéis no chão, e cobria sua mão como um manto e iniciava um pequeno traço, mas só dava primeiro traço e soltava em sua liberdade de exercer seu domínio e experimentar cores e formas. Fazia um desenho rabiscado para ela ver. Ela imediatamente duelava fazendo o seu próprio. Assim em traços e pontilhismos, ela deitava ventral hasteando os seus tornozelos enquanto eu catava cavacos de brinquedos espalhados e fazia ela terminar de juntar. Em seu reino havia girafa e uma cama com arco de ferro. Naquela ventania, o rugido e choro acordou-me na madrugada, que num sobressalto estava lá em seu quarto, G sentada esfregando as costas das mãos nos olhos chorosos dizendo que havia um leão bem ali no seu quarto. Eu dizia que nada havia, ela medrosa, achava que ele havia entrado embaixo da cama, mas eu tranquilizava. Sabia tanto, dei um tempo para ela acordar, tomar água, cobri e fiquei ao seu lado sobre a coberta, aconchegada, com mãos nos cabelinhos castanhos avermelhados, e essa maternidade adormeceu ali, naquela savana perdida num sol poente vermelho que adentrava um balão que vagarosamente ia flutuando e furava uma nuvem que parecia ser massa de sorvete pistache.

Nos domingos, eu na espera de um segundo, estendia dedo num aparelho de som de frontal aluminizado escovado, ligava um botão e retirava um vinil cuidadosamente, o encaixava no eixo, passava uma flanela e a agulha pousava nas miúdas fissuras que produziam a vibração da música que ecoava nas caixas em som estéreo, com os ponteiros em semicírculo dos equalizadores exibindo os ênfases instrumentais de acordes, enquanto naquele pequeno espaço, G marchava circularmente em sua expressão corporal que incluía rolar pelo chão, dar mãos e querer que eu saísse pulando sem eu poder, e incansável dançava toda a graça mais terna do tempo do lado A e lado B, até molhar rosto, suar as mãos e empapar o cabelo. Eu olhava divertida, sentada ao sofá entre leitura de livro, enquanto H lavava o carro na garagem, nas luzes cadentes de domingos

perfeitos, num lar onde tudo estava no devido lugar. E sempre como um passarinho filhote ávido, eu sempre pensava naqueles biquinhos salgados da fome de algo que eu deveria prover.

Depois, eu ligava o chuveiro a encher uma banheira, com um cachorro que nadava virando os braços dando-se cordas em elástico, enquanto ela sentada na água ondulada, segurava diminuta escova de dentes que esfregava naquela abastada dentição de pouco mais de meia dúzia de dentinhos de leite, enquanto a distraía com bibelôs que boiavam e emitiam um guincho quando premidos, e assim eu lavava com minhas mãos rendadas em espumas irisadas de sabonete de sonhos.

†

Insulae[195]

| 5 agosto 2019 10:24 12 graus | áudio de 23 agosto 2018 do 19´33´´ a ________ | 6 f |Islands – King Crimson ✇

De repente me ocorreu que a tinta pluma se extinguiria. Que tudo se encerraria num cárcere mental danoso para mim. A força contundente desse amor de céu anilado – aqui hoje num gélido dia de inverno, como a bebida que se resfria imediatamente perdendo o afago de um cálido sorver do amor anímico que ainda produzisse a utopia de uma uberdade.

Desejava a perspicuidade de uma felicidade, que tivesse a firmeza da conduta de um boleeiro que às cegas pudesse levar a salvo do óbice, de novas perspectivas de uma paralaxe[196], e vislumbre do horizonte mais distante úbere em campinas de relva vistas do píncaro do cabeço da montanha.

Eu não possuía poder algum de evitar coisas ruins que a afetassem, na verdade não podia suportar uma lágrima que derramasse, pressenti sofrimento que não podia obviar, tive desespero de qualquer que fosse rica porcelana em desenhos policromáticos da era Chenghua com rosas vermelhas e açucenas que parecem balouçar na brisa de um frágil encanto. Temia desesperadamente o talar dos ventos atravessando as areias que me deixava despedaçada, sem razão de viver, feito convicção de restos do soçobro destruídos e essa fratura era um mortal ferimento da alma de nós duas.[197]

---

195 *Insŭla* –ae – Lat. Ilha, grupo de casas, quarteirão.
196 Paralaxe – mudança aparente de um corpo quando se altera o ponto de observação.
197 Porcelana dinástica Ming.

Eu fiquei tentando incansavelmente, porque poderiam cessar as oportunidades, que para mim eu precisava curar o anima, porque ela estava inerte nessa situação, era um prolongamento da última visagem que tive, o que era uma agonia colossal.

Percebo em minha voz, a consternação profunda, pois concessões de amizade sempre seriam um *pomerium*[198] imaculado, circunscrevendo o livre respirar da amabilidade sem tocar um fio de cabelo, de convívio afortunado que poderíamos ter experimentado, no arejar de sentimentos capeados dela mesma, num ângulo giro de visão que não pude abarcar. Talvez eu tenha o ângulo raso que olha em uma talisca, sem conceber a profundidade de uma gruta. Então eu fico na inércia do inexplicável, dentre tantas perspectivas, o de sentir algo pujante assim.

Eu não queria me entender como uma pessoa que usou de algum subterfúgio, ainda que não, talvez não seja muito transparente como o sentimento esteve estringido em mim, que nem mesmo uma regressão poderia denotá-lo. Não quero mais justificativas de ciclos externos.

Trilhei uma jornada não só protagonizando minha vida, mas uma zarzuela que houvera de tocar o coração com a noz do carinho e afeto, numa cativante voz de uma bacante que jamais desonrasse a vontade dela. Eu não consegui com tudo que eu fiz, germinar algo indefinível, que transformasse nolição em uma grande trajetória de voo transcontinental de pássaros lindos. Porque minhas palavras não salvaram essa nódoa.

"_ Que droga!"

O voo da abelha foi o instante que perdi, não sei quando o amor pousou as garras numa maçaneta que girou na minha vida. Não sei como foi ter o sentimento furtado levado para a colina de caligem que me cegou.

Cometi o erro de olhar bêbada para o reflexo da luz num rio de vagas traiçoeiras, errei de deixar *Calliophis bivirgatus*[199] inocular uma paralisia da minha capacidade de desvencilhar, completamente seduzida pela beleza da paixão. Meu coração fica sendo autoflagelado de falta de presença de espírito em não perceber significados simples nas palavras e demorar a aceitar que o que estava sentindo distava anos-luz. Perdi o momento crucial de apoiar problema tão relevante, aparvalhada com minha vida e minha especificidade de expressão. Perdi os momentos mais graves e os momentos gratificantes sem a menor possibilidade de tocar sua vida. Como me lamentei e lamento. Não podia, não pude, nada,

---

198 *Pomerium* –i – Lat. Espaço aberto sagrado, livre de construções, para convívio, cercado de pedras.

199 Cobra coral azul burmanesa, tailandesa, altamente venenosa.

inescritos, eu afirmo dedos na estrela nessa ilha solitária a ser pulverizada por um maremoto, não pude fazer um único gesto real, corpóreo, cálido, terno de amor.

Pulmão asmático do céu, devora chamas da irradiação derretida, devora trêmula e convulsamente as partículas dos gases, na respiração de sobrevida.

Como esse trompete, trombone, flauta e mellotron ecoando arrepios tocando-me com alfanje200 de gelo nesse dia de agora, refletindo os alísios que ciliam palmeiras, das esperanças que se ressecaram da minha mais profunda secura de amor, que marmoriza as cores desse iceberg de céu que como abandonados biguás na silhueta que esqueci. Aqui na talisca dos olhos que foram incapazes, incapazes de se unir. Perda em vazante da vida que amei.

No final, as angústias das queimas do tempo nas células, chegam para mim num porto que foi antes seguro e me vejo com o dissabor do risco, o aviso da tempestade que poderia fazer perder a integridade do meu corpo, que no meu recolhimento me faz lembrar a inépcia de não a ter apoiado.

Em ânforas pintadas reúno minhas ânsias mais ferozes, de sentir e sentir e sentir, aquele momento, aquela luz e a presença, na amizade, como algo taumaturgo que curasse mal do mundo.

E qualquer grão de areia agora é tão necessário para o deserto de sal, tantos angströns de cada gotícula que houvesse ainda não evaporado que pudesse me hidratar. Eu queria a menor partícula que fosse de um tempo compartilhado numa fissão do momento para algo eternizado.

A esperança vã de reencontrar quem comprou minha caneta madrepérola que nem sei quem possa ser.

Chegarei no momento do lançamento do livro no vazio das ausências. Serão lidas as poesias, como um eco de gorjeios de *Turdus merula*[201], encapuzado de plumas abrilhantadas de cântico aflautado melódico, dentro do meu coração, as palavras existirão como a luz da água da imensidão.

Exultação pela existência da obra, a obra que permanecerá enquanto eu viver.

Mergulhada no piado arrulhado, frondoso de magia, abraço a mim mesma do abraço do abraço que sempre eu daria, daquele frio de seu silêncio, no meu

---

200 Alfanje – sabre de folha curta e larga.

201 *Turdus merula* – Melro-preto, pássaro de canto belíssimo.

pranto decantado na praia numa angra ultramar, dentro das nuances auditivas de algo tão lindo que amei e amo.[202]

A visão ilhada de um voo de melro, como se eu estivesse estado nesse voo e desejava muito receber qualquer coisa, um mísero fragmento dessa folha que eu pudesse viver qualquer ínfimo tocar desse amor.

E mesmo nesse sentido insular, que eu não submerja o sol para o devorar da fria noite, que eu possa viver a plenitude de amar escrevendo esse doar, a face mais linda que não seja recoberta nunca do manto do esquecimento.

Significado em um todo que jamais eu conseguirei dizer.

No entardecer um chá na calmaria.

†

Puer timore 203
| 4 agosto 2019 20:19 h | 6 e |

Na espira de cada momento, vago teletransportada no átimo de um milissegundo.

Aqui e agora, a impregna do sumo da nêspera gravura a ponta dos dedos em trincas sobre as digitais com marcas superficiais da faca, e uma nuvem doce emana um perfume aveludado com um brilho intenso branco, como um sol oculto nos grumos macerados da fruta amasiada com caldas de sua orgia. Eu passei generosa camada em uma fatia de pão, entre goles de chá de jasmim, numa caneca térmica de inox, no dia mais frio do ano, com nuvens cinzas debruçadas na montanha, regada com uma cortina de lágrimas. Eu pensava tantos receios de mim mesma, que o medo mais perfeito que senti, volvia aos meus olhos, sem ecos tristes no meu *introspecto* de incerteza e reticência, entre barcos de pétalas de jasmim que vagavam as águas da chuva de uma visão lunática, no pensamento cíclico, tentando me concentrar em um manto aquecido que me desse aquele momento do passado, por inúmeras vezes, num recanto de

202 Elemento real, a imersão na lírica da música Islands de King Crimson, versão 1971, relevante no tempo da juventude na década de 80, que inspirou estas imagens poéticas, juntamente com a audição do Melro.
203 *Puer timore* – medo de criança.

alma que voo livre em pratas que se transformam em seres alados, assemelhado a cada elo partido de uma corrente do passado.

Adzes[204] diabólicos tomavam as sombras de uma parede negra em um quarto, com pesadas janelas, de camas apertadas umas às outras, com diversos tecidos incorporando movimentos de um ser malévolo que sobrevoava o espaço acima de meu corpo deitado gelado em arrepios dos trinados assoprados em lufadas de folhas das ruas numa noite lúgubre dos anos setenta. Eu ficava com a voz costurada e olhos vidrados, a respiração parada, com os descompassos do meu batimento que denunciavam minha presença para um espectro que ia se aproximando. Até que cuspia um gemido esganiçado em apelo de salvamento para minha mãe, com as dores perfurantes de ouvido.

De lá do corredor percorria um assentir para que eu fosse para lá, quando eu em pânico abarcava um travesseiro desfronhado sob as axilas e dedo na boca, descalça pelas ripas de assoalho encerado pisava sem estalos até me meter sob a coberta de minha mãe, encostar em seu calor e ficar ouvindo seus protestos até adormecer sob a proteção poderosa de sua fé acesa em luar amarelo de uma luz de farol de mar revolto de meus dias, detentora de misteriosa força que dissipava qualquer projeção de qualquer sombria alusão do mal nas circunvoluções do medo. Gota de acolhimento.

†

Angelus

| 04 agosto 2019 21:01 | 6e | **Jerusalem – Vangelis | dedicado aos anjos.**

Este momento dourado, badalou sinos e vozes ecoaram em coro pelos anjos que ali nos abençoaram. Houve entre momentos, a escolha intuitiva dessa música, que precisava o crivo paroquial, sob violão clássico de meu irmão N e uma ânfora com sons de órgão por seu amigo. Eu coberta da nuvem alva, talvez tenha passado uma vida inteira tentando compreender aquele momento, que nas vestes bordadas de segredo da vida, lágrimas, pureza, amor, ideais que brilhavam meus olhos de certa auréola em incríveis halos nos brilhos encerados de um Ford 1939 para dois passageiros, viravoltas das rodas de uma carruagem de fogo sobre o piso do entardecer nas bodas. Nas estrelas da noite, o carro se aproximou do templo com o soar das oito e trinta, o frescor do esvoaçar daqueles anjos correram para perto de me esperar descer do carro, eu então olhei aquela coroa de flores em tiara sobre os cabelos cacheados em fogo da

---

204Adze - criatura medonha vampiresca das florestas. Mitologia de Eve.

última luz do sol, e um olhar de sorriso em pétala, com um buquê brevilo-quente de flores combinadas quando nós duas entreolhamos nossos sorrisos e acenamos nosso par de oferendas em benção deste precioso momento completo de minha família. Aquele casal de anjos prestimosamente vestidos, o pajem em fios dourados lisos de uma cabeleira farta encortinando seus magníficos olhos vítreos azuis de mar pálido de serenidade.

Eles deram-se mãos, assim ajeitados pelas pessoas, eu via a luz da aura que se emendava entre eles, e as florezinhas brancas mexiam-se como batidas minúsculas de asas de borboletinhas recém-saídas de seus casulos, com antenas de ouro, e soava então primeiros acordes da música, quando dei braços com papai, com as portas que iam se abrir. Ouviu-se um silêncio farfalhado de pessoas se levantando nos tecidos do carinho reluzente do tafetá abaçanado.

Daminha de minha honra e pajem de minha fiel trajetória para união, lindos anjos eternos de amor. Andaram nos acordes da introdução da música Jerusalém, com a porta que se abria para um céu, com os olhares por detrás de grandes corações de braçadas de rosas, em abundância me trouxeram meu sorriso encobrindo meu tremor tímido e ergui o sapato branco e dei meu primeiro passo em direção àquele vitral colorido no altar que emoldurava lindíssimo H, enquanto as luzes raiadas deram ar de Éden na celebração da fundação de minha família, com os olhos das pessoas chegadas mareadas da emoção. A gota da unção de fé que nos demos naquele dia, nas cores de meu rosto numa pintura à plumas do irmão e anjos em perfeição.

†

Solistimum Castrorum II

| 2 agosto 2019. 22h | 6 c



[Illustratio 6]

Tínhamos uma Brasília abarrotada de coisas já que meu irmão houvera nos dado alguns apetrechos que se ajustavam à nossa barraca canadense laranja e azul, como voo galgamos as subidas íngremes da montanha, e H na sua moto. Quando chegávamos já tínhamos um lugar cativo, que dava vista aos canteiros e outro patamar. Abarrotado de pessoas que iam montando uma grande confraria de conhecidos numa atmosfera de convívio muito cordial e colaborativo, que nós observávamos embasbacados com a gentileza entre as pessoas ajudando a cada qual que ia se instalar.

Eu vestia uma camisa xadrez azul desabotoada, com a barriga proeminente da gestação de cinco meses, e rosto arredondado de lua cheia, dentro do meu tênis branco, ajeitava no *avancée* nosso equipamento de cozinha, fogareiro sobre mesa dobrável, dentro de uma espécie de toca que dava para a barraca e levantava uma aba lateralmente de brim impermeável, estruturado numa coluna central, fixado por raiadas cordinhas esticadas e presas em espeques.

Era final de ano, chuva forte amedrontava as árvores mais altas, galhos despencavam, corredeiras de água se formava em torno da barraca, que cavamos sulcos na caída da lona, e chovia, enquanto naquele ambiente abaixados sentávamos jogando baralho, de frente um ao outro. Aninhamo-nos nos braços e silenciosamente observava a saliência que se formava na minha barriga, ora para um lado, ora para outro. E ele olhava quase aterrorizado o ser se movendo em pontiagudo estandarte. Apontava o dedo, mas não se sentia à vontade para tocar a barriga e nunca sabia bem o que dizer assim comigo olhando com olhos críticos.

Dia seguinte, tudo se secava ao Sol, desde chinelos, toalhas, tapetes de carro, alguma queda de uma bacia d'água de acúmulos, uma barraca lá adiante, cujas coisas vieram numa Rural antiga, verde oliva, era um casal em um bangalô, cujas mesas tinham toalha de renda, um vaso de rosas frescas vermelhas, que logo pela manhã tomavam gentileza enquanto o café se abraçava – lembro-me muito bem quando os conheci, sr. e sra. K, assim os batizo, que me junta lágrimas nas sucessões de fatos e recordações que se atropelam em mim, tão plenas, tão plenas. – Ela falava e ajudava a barraca vizinha, o senhor em seu cabelo enveredando pelo grisalho, nos dava sorrisos de bom dia, nos acenando para irmos lá comer um pãozinho.

Timidamente descemos ao seu patamar, que nós fizemos uma roda de quatro em conversa animada enquanto ela tinha café quentinho de verdade. Eu haveria de ter uma cafeteira assim para camping. E logo pôs perceber na minha gestação de primeiro filho, com olhos que definiam o brilho da ternura, e nós admirávamos a barraca prestimosa em que nos acolhiam, enquanto H e K falavam animadamente da Rural.

Descemos na sede, para sentarmos na beira do lago, nas madeiras da sebe, na frente do lago que espelhava branco pois era um vale de montanha alto, e no verão, a piscina ficava cheia de crianças junto aos seus, enquanto nós ficávamos no vapor da sauna, sentindo aquela fumaça úmida já quase familiar em aroma de eucalipto. Dali cruzávamos a estrada, adentrávamos uma cerca, através de uma trilha margeada de um álveo, embalados nos estalidos de boca das águas correntes e o cheiro úmido de musgo, flores pesando caules, e gotas de água, aura de arco-íris da pequena ducha que caía de uma altura não tão grande, uma espécie de tora de água na qual nosso corpo desaparecia dentro, estremecidos de choque, sempre gritos agudos partiam folhas, e voltávamos chapeando chinelos com barriga d'água.

Bem no centro, no umbigo da serra, seus caminhos verdes, casinhas brancas abandonadas e copos-de-leite que davam pelo meio do mato, e andarilhos caipiras na estrada poeirenta que remonta a época de quase anos noventa, que

nossos finais de ano, festejávamos aquelas chuvas de verão, correndo naquelas veredas.

- Jamais farei jus em relatar os tempos que andávamos o bosque do camping pedra grande, em seus alojamentos, trailers lado a lado entre canteiros de flores. Aquele casal vivido que nos fez amizade das mais desprendida e afável que nos cercou de grande alegria, que sempre chegávamos nossos olhos procuravam se a Rural estava por lá.

Nessa época H tirou uma foto com a Olympus Trip, eu de perfil com a barriga do bebê que era o Sol que nunca tinha nascido ainda. Ali eu podia ser sem que ninguém me questionasse como uma forma de opressão, por isso eu tanto amava essa aventura.

Depois que G nasceu, quando ela tinha quase um ano, voltamos. H e eu na Belina.

Já estou misturando memórias, mas a chuva dessa vez caiu no cair da noite. E quando chegamos na subida, o carro não chegava ao fim da ladeira e escorregava, até que numa tentativa vã, encalhamos na vala junto ao barranco. Com G dormindo na cadeirinha, as cachoeiras de lama se formavam nas valas pela noite afora para nossa preocupação até que na virada da madrugada R veio com o trator nos rebocar.

Em chuva densa montamos barraca canadense, e acomodamos a pequena menina, ávida de sua mamadeira em cabelos grudados nas têmporas em exalar misto adocicado, com cheiro de mel e saliva que espraiava pela gola da camiseta, aquela figurinha com mais gengiva que o céu.

Quando amanheceu, logo cedo em primor ela ostentava uma calça verde bandeira, casaco preto com um botão amarelo, vermelho, azul e verde, calçada com botinha Ortopé de sola falsa, guiada como um fantoche segurando minhas mãos dava passinhos ensaiados naquele gramado. Pra lá e pra cá. Sem se cansar ia para todo lado, com todos que lá chegaram olhando com os olhos curvos como cumes de montanha, e G soltou da mão saiu andando no gramado. Com aplausos mudos do casal que não estava ali, eles passaram a um trailer pequeno no alto, e logo souberam da criança.

E quando íamos para ver o lago, H agachava, enlaçava suas mãos nos ombros espadaúdos e sovaco içava girando, suas pernas se estendiam raios de sol para os lados entre as risadas que agilmente ele encaixava as pernas dela em seus próprios ombros e ia dando seus passos em seus largos passos com ela agarrada em sua cabeça, maravilhada pelas danças das árvores, e pequenas luzes que conseguiam furar aquele cerco do arvoredo faiscando por vezes o rosto e os olhos, os olhos de jabuticaba.



[Illustratio 7]

†

Balnĕum

| 5 agosto 2019 17 h| 6 f |

Como um corpúsculo marinho adernado nas correntezas, senti as salivas do fogo branco.

Ondulações espraiadas que se arremetiam sobre a anfractuosidade do arrepio neural, na acidez amarga do adusto na sede mortal, lambiam com luzes e salivas, como correntes marítimas de plânctons iluminados que aqueciam equatorialmente as vértebras do pensamento na lascívia flor inexistente colhida numa nebulosa.

Como língua de amor, uma camada de cristal líquido sobrenadava bolhas luniformes de algodão do ar inalado, no gosto na augura de te sentir.

Como derretimento cinéreo da nudação senti as bolhas desse degustar platônico.

Ode do serpentear de águas em serpe branca de denodo seduzido em brilhos que se rebentam sobre talagarça do abdômen, nas línguas que se recolhem em imediata vazante em redemoinhos da invisibilidade.

Na estroina dos movimentos de empuxo nas correntes marinhas massageia a dor que se dissolve.

Líquidos sobrenadam meu corpo como percorrer de língua em movimento maxilar e visco de parótidas teiam a imersão em calor de tuas mãos que se plantam como molhe de cais, e espiras como peixes de cores incongruentes lançam cores vitrais.

Eu *perbacchor mihi*[205]nas enguias sensoriais de vidro em fusão das cores de discos radiados de teu olhar perdido nos lagos calados, em teu secreto sabor da luz da flutuação das garças sobre as águas, desmancho-me em madeixas em ternos carinhos como o decair do *pleplum* [206]de sua boca.

†

205 *Perbacchor* –aris –ari – atus – Lat. Entregar-se à orgia, fazer baderna, embriagar-se. Mihi – me. – Eu me deleito.

206 *Pleplum* –i *pleplus* –i – Lat. manto de Minerva, usado para recobrir a cada cinco anos em ato sagrado. Manto solene.

5 MATERCŭLAE[207]

†

Inane[208]

| 5 agosto 2019. 14:25 - 16:07 h| Parte 1 | 5a

Se eu fosse o telhado, sua empena unida em estrilar do Sol frito da tarde, a brisa repousada sobre as águas do telhado ovacionado com as palmas de vendaval de ontem, e colecionou pedriscos e fragmentos que rolaram preguiçosos às calhas para peneirar a chuva fria prometida. Se eu fosse telhado da casa palácio dos ladrilhos, naquela meia-água observaria nos prolongamentos de toras, vigas estruturadas em varanda de duas madeiras envernizadas que dava vistas para a serra em ângulo lateralizado mais longe, e da soleira menor da varanda, se podia contemplar o vale albardão[209] que aguilhoa rasgando até perder a vista na região do lago amparada pela meseta à sua direita donde se erige as igrejas, numa planície que mãos estenderam para sacudir um lençol em direção ao poente.

A porta principal de madeira soa destrancar, lingueta que se recolhe e range suave as capas e vestes, e uma tríade de ânsias as quais ela não identificava, eram como fantasmagorias que a seu lado deslizavam, enquanto M descia um degrau com som opaco de um capacho. M se amparava na viga alicerçal doendo aquele cume contra o peito de uma aresta, apoiava a mão na travessa da balaustrada e desfilava o tempo que descia pelos degraus fartos de pedra que se afunilavam no portão com caramanchão de uma infanta primavera rosa gritante tendenciosa a uma vindima derramada.

M olhava o portão conjecturando quem chegaria. Tentava imaginar a imagem desse alguém, ou algo, e ficava ali esperando. Não uma vez.

Eu como telhado de chuvas e sóis, o posso saber, na chuvarada de vento, no destelhamento que despencaram telhas, ali na sala, por trás da vidraça olhava atenta a vista do vale, a vista da frente, por vezes sem se incomodar com o Sol mais atrabiliário, se punha deitada em biquíni com um chapéu de palha ensombrando rosto, que de viés perfilava olhos regados de cores glaucas nessa inquietante espreita, numa espera enovelada, como de alguém que partiu à guerra

---

207 *Matercŭla* –ae – Lat. Mãezinha. Jeito carinhoso de chamar.

208 Inane, inanis – Lat. – O vazio, o vácuo. Os ares. A inutilidade.

209 Albardão – Albarda grande. Cadeia de serros alternados de baixadas, ao longo do curso de águas.

que nem sabe se vivo permaneceu, mas que vigia a todo instante as entradas de alguém que esteja regressando quiçá.

_Assim, dia de nevoeiro, noite de céu estrelado, céu poente – esse então, ela até se sentava na balaustrada voltada para o vale do sítio Sion, observava o transitar da vitelina cor do Sol, até que por vezes tinha luz confiscada por nuvens, que se *ourivesavam*[210] as extremidades de um filamento acobreado de luz. Aquietava mais de hora que eu podia ver e sentir um enorme de um buraco que a engolia silente no comer de suas ferrugens, ela assim por vezes derramava lágrimas estranhas. Não podia se dizer que eram de tristeza, de medo, de decepção, de culpa, de repreensão, de querer... _Tu podes saber isso? Consegues saber as mãos que poderias estender nesse tempo ido e preencher esse vitelo do coração dela?

"Naquele dia de entardecer de cores rosadas arroxeando o azul impertinente, com revoadas de antigos pássaros que nunca mais vi, olhei o pôr-se da luz em suas vestes noctívagas que em alguma esperança no cometa que está por vir, que essa visagem me fizesse algum ser mitológico de força, uma *uirago*[211] ou uma *katawa-guruma*[212] e que me transformasse na serena completude. Talvez eu queira estudar, me faltem amigos, talvez eu devesse casar um dia, ou quem sabe é alguém que vai chegar para minha mãe... Pensando bem, é alguém que eu sinto conhecer, eu reconhecerei quando bater palmas aqui na frente do portão de madeira de ripas!"

Não sei dizer porque M assim permanecia ali olhando, segundo murmúrios dela mesma, a espera era bem longa, desde a cumeeira da espelunca maluca, atrás das vidraças frontais para a praça de rosas, ela fitava sentada nos braços da poltrona com cortina de véus cobrindo o rosto. Muitos anos.

Era amedrontador o ar taciturno, de amarras de arreio que guiavam sua alma, de certa forma quando M deu mãos ao namorado, me vi aliviado, achei que mais dia ou menos dia, seu enorme vazio, aquele pedaço gigantesco que faltava, minha vista se ludibriou. Não adiantou ela queimar parte do coração em papel de palavras nas quais ela profetizou em charlatanice de si mesma.

Por mais que tenha se agarrado à ideia de família com seus pequenos gnomos, seus sonhos ficaram na parede do bolor entranhado.

---

210 Ourivesavam - de ourivesaria. Ato de fazer ourivesaria.

211 *uirago, uiragĭnis* – Lat. – mulher forte, corajosa como homem. Guerreira, heroína.

212 *Katawa-guruma* – Jap. - lendária mulher montada sobre uma roda flamejante.

- Nesse sol rebatido em asas de nuvens por detrás da montanha, em agradável temperatura e arranhado do trombone novamente, uma canção de ninar branca como águas de uma turbulenta cachoeira imensa que recai em pinceladas brancas sobre cada objeto, coisa, flora ou um estranho suor que nem aparece, mas já evaporou. Assim fico nesse momento que o vento calou, a obra aquietou, nada se move, nenhum músculo flexiona, e um saber cinquentenário me assola os amarelamentos da saúde, num aviso de Ífrite[213] sobre o esgotamento das areias que me acolhem. -

†

Tamquam speculum vitae[214]

| 07 agosto 2019 | Áudio 2 Setembro 2018 – Reflexões da vida - literação compacta| Time to slow it down – Gary B, Lucky Man – Emerson, lake and Palmer e versão do The verve, The moment (the short corus mix) - Vargo, | 5 b |✇

De certa forma hoje nada parece perfeito como as frondes da árvore negra com espadas de brotos de um pé ressequido de amora lá adiante, enquanto cadencio nesse balanço de ondas de música que refrescam a alvura abrasiva das nuvens no azul morno de uma sensação que acordei, com a tez no emaranhar de adjacências da digital, como ciliar imperceptível da casca do fruto suculento gotejando uma espirra de vivacidade.

Nada mais difícil que descrever aqueles reflexos cinéreos em uma *pantalla* de nuances de meu rosto descarnado na voluptuosidade da palavra.

Enquanto escutei minhas falas, me veio a recordação da praia, como se eu nadasse entre meus problemas, um mar de ondulações que traiçoeiramente tênues venceriam meu cansaço, deglutindo esperanças do viver mais contundente desse anil magistral que derrama prata no dorso dos pássaros voando quase uma primavera.

Naquele setembro eu me concentrava, em focos que devesse me segurar, nos instantes delicados e espinhentos do livro perdido numa gráfica entre máquinas ofsetes e guilhotinas cerrando pilhas das folhas enumeradas do livro, mas que esse imaginar me assombrava os nervos de uma ameaça de que fosse tudo mera enganação, ou que as páginas fossem preto e branco de cabo a rabo, entre outros pesadelos; eu focava o ideal de terminar o abstrato nos contos que

---

213 Ífrite – arab. – Gênio do fogo.

214 *tamquam speculum vitae* – Lat. – espelhamento vida. Refere-se a um termo que englobaria Reflexão e reflexo.

faltavam, que me pareciam um Everest de meu despreparo. Minha mente derramava pó de grafite para capa e para um rosto que meus dedos deslizavam a mácula do esboço. Assim eu me ludibriava os desgostos, com luzes e cores fotográficas, no eclodir de uma paixão no voo mais alto e distante.

Amargava a paralisia do corpo na cama revolvida dos tecidos ásperos da apatia.

- Como essa música me toca profundamente com dedo na alma Jerusalém, olhei na luz do Sol marcas envelhecidas na pele, de repente reconheci um sinal branco no meu pulso, de um estrepe que entrou, numa caminhada que fiz junto a meus irmãos. Não! Acho que foram amigos, que na volta exaustiva, um tanto de abelhas me atacou e corri pelo pasto desembestada, tive que saltar uma cerca de arame farpado e esbarrei num arbusto espinhento, e esse espinho dilacerou e quebrou-se dentro do pulso. Em vão em casa D com pinça e óculos tentava puxar, mas havia garras que travavam sua retirada. Tive que ir no hospital cortar com bisturi para retirar o espinhaço enorme que cortou até o tendão. Ah tantas suturas que não me parecem nada, apenas minha estranha adversidade com as abelhas.-

Em relação ao estremecer da castanhola, os acordes de Aranjuez, eu posso me dizer trêmula de uma exaustão serenada em gotículas das noites de duas décadas, que meu Deus, que *oboéticamente* as visões que parasitárias tomaram em braços com flores pingo-de-ouro nas poesias de amor que sangrei, jamais a fará entender, entender nada realmente, do amor pueril filial que senti como alentos que se sente acolhido em um regaço materno, não compreenderá como isso se converteu nessa pira vulcânica de mim mesma, ou jamais acreditará em qualquer sensação que remonte uma vida pregressa que remotamente nos tenha reunido no drama de viver. Não sei o horizonte, mas digo – muito tempo atrás, o horizonte que tínhamos a luz do sol para viver. Horizonte de nós mesmas.

Não deixei que a forma do arrulho externo das pessoas desvirtuasse o sentimento puro que tinha, eu até me afastei de pessoas, eu censurei as que classificaram as atitudes dela. Depois eu fiquei com as peças do quebra-cabeça misturadas dos contrastes que não se encaixaram, que diziam dela uma amizade especial e rara, e afeto maternal de alguém que te desejou mais que o suficiente para isso.

Eu dancei nas esperanças de ventos que esfriaram minha vista que se cegou. Eu me senti num minuto, alguém com a sorte do candeeiro aceso. Mas o cristal com o natal banhado de flocos de neve caiu e se quebrou naquela chave misteriosa de elo invisível, num gume chamado negação.

Eu acolhi no fundo do meu peito os ecos da voz de F, que atualmente, nessa voz que navega calmaria de azuis glaucos sem a menor ressalva nem opressão o amor ocaso e nascente que existe entre nós.[215]

À espera das chuvas da primavera, os perfumes intensos em seivas transpiradas de cada planta, marejam possibilidades que na tristeza mais profunda não tenho mais olfato de pressentir quase, as possibilidades de amizade que olhasse livre, na individualidade responsável de terna compreensão de cada coração, que independesse do sentimento profundo, nas notas finais de uma fragrância harmônica de volições, numa transparência segura de um vidro esverdeado ou lente polarizada de um óculos que transforme a paisagem em nitidez. Ou, uma simbiose mais de habitat, algo que fluísse a existência do bioma nos recantos mais imersos nas sombras das folhas, como algo misterioso e secreto, que certamente eu tenho a premissa de amar o suficiente para isso, mas que a vida me brisa luzes melhores nas rochas invioláveis da verdade.[216]

Nesse momento minha voz não teme dizer. Não houve subterfúgios de grutas e o amor foi o que foi, era verdade.

"De 2015 para cá, fui notando vestígios" desse amor nas entrelinhas do invisível, dos olhos – escrito exatamente aqui nessa rede, numa das primeiras experiências empíricas, por acaso, após uma dose farta de whisky Jack Daniels. – "que não sei como veem isso, foda-se também".

A atrocidade sobre a amizade, que não teve coragem de viver, e que tinha o perfume do perfume, que tinha as melhores promessas de amanhecer de felicidades magníficas, que estrangulada ficou, talvez numa vergonha, nas ressequidas farpas da razão que empunharam as espadas de um ouriço sobre nossos corações. Eu não olhava com maldade os comentários, eram talvez mais em relação a ela, outrossim sobre memórias inexplicáveis minhas e dependência.

A cor do afeto inicial, puro de brandura jamais poder-se-á se apagar de nós, mesmo com a sega de qualquer consciência da vida passada e os temores.

Vejo-me, como alude de luzes cristalinas do arroio da cachoeira da Leda, naquela época de juventude tenra de inocência e amor, vejo-me essa mulher na verdade dos cabelos agrisalhados precocemente, no rouquejo de voz apaixonada em intensidade pela beleza, me vejo em minha linda túnica de seda em

---

215 Dubilidade para as vozes, de quem. Referencio o acolhimento do carinho recebido dela, e da escuta de minha própria voz, e/ou o emaranhar de nossas vozes e nossas escutas, talvez pela virtualidade de compartilhamento que possa ter cedido essas palavras, ou não.
216 Avento as oportunidades negadas em hipóteses de amizade, amor feminino, maternal, relação secreta, ou não.

flores rosas pintadas em traços de delicadeza chinesa, ou uma túnica com lótus de diversas cores bordadas numa espécie de lapela, num tecido organdi de finos linhos de luz.

Todos os momentos bizarros e violadores não me importam mais, são momentos que eu em consciência entendi, trouxe à claridade, percebi consequência e segui em frente.

Minha flor de lótus, não consegue lidar com as impurezas da água, com olhares devastadores, ela não consegue lidar com tudo que representa o elo e quem sou. "Ela não consegue". Falta sabedoria? Falta vontade de viver sua individualidade? Falta a bondade mais raiz de olhar com humanidade? Ela não consegue ser amiga, nem ser a verdade mais pura de si mesma. Ela podia ter acolhido a amizade e o amor mãe e filha.

"Eu jamais pensei que fosse acontecer algo assim".

Os tóxicos vapores ígneos enterrados nas toneladas de pressão do banimento me fizeram subverter o amor nessa paixão vulcânica, isso veio talvez porque *erupti*[217], o desejo aflorou a cúspide e desceu montanha.

Quantos sonos perco em meus terrores mais violentos e torvos, da solidificação da impossibilidade e o medo do carma do ciclo futuro.

†

Unum opus est amicus[218]

| 07 agosto 2019 15:00 a 17:16 h | Terraço| Músicas: More than a dream – Unitopia, Fontanelle – Finland & Aaskoven, Dust in the wind - Kansas | Referente a um momento recente em 2018 no encontro de amiga de infância com recordações importantes. Interrupção demorada para obtenção da referência do texto que era | 5 b | Com afeto a todos os autores desconhecidos e anônimos.

Aquele dia, abri uma caixa, no ato de reencontrar motivações nas raízes de mim mesma.

---

217 eruptir, neologismo, a erupção se dá em si mesmo, por dentro.

218 Unum opus est amicus – Lat. precisa-se de um único amigo, que ao pé da letra diz: Um precisa de amigo, esse 'um' é o personagem que centra no texto sem autoria Precisa-se um amigo, por isso fiz questão de que fosse capitular.

Papéis rotos que ia desdobrando e gravando minhas impressões sobre dados de mim mesma, notas escolares, pequenas memórias, um livreto de A à Z que anotava verbetes ao invés de telefones de nenhum. Divertidamente entre fotos 3 x 4 e caligrafias. Um papel que desdobra o coração na amiguinha desde quatro anos, que minha mãe abraçava afetuosamente dizendo “Minha décima terceira filha”, assim ela encantadora de serpentes espantava as chagas desta japonesinha que de lustro cabelo em recorte reto e olhos afinados com seu nariz de botãozinho. Neste papel, suas letras escreviam como *irmãzita* suas admirações e autocríticas, orações para que nos recordássemos. Logo li e interrompi partes que adentrassem algum lugar que a desrespeitasse no áudio, o outro papel me espaventa nos dizeres que eu deixava afixado diante da minha porta do quarto de solteira nos meus tempos adolescente na casa palácio dos ladrilhos.

Como ouro de minha valia, me pus a ler tal texto, desatando a chorar copiosamente, já que todos meus amigos me abandonaram por difamações, menos ela, devido a uma senhora que fez caravana de casa em casa de amigos a me difamar, por conta do filho dela. Nem precisava, já tinha nos apartado. Mas foi.

"Procura-se um amigo (autor desconhecido) Não precisa ser homem, basta ser humano, basta ter sentimento (...). Deve ter um ideal e medo de perdê-lo e, no caso de assim não ser, deve sentir o grande vácuo que isso deixa. Tem que ter ressonâncias humanas, seu principal objetivo deve ser o de amigo. Deve sentir pena das pessoas tristes e compreender o imenso vazio dos solitários. Deve gostar de crianças e lamentar as que não puderam nascer. Procura-se um amigo para gostar dos mesmos gostos, que se comova quando chamado de amigo. Que saiba conversar de coisas simples, de orvalhos, de grandes chuvas e das recordações da infância. Precisa-se de um amigo para não enlouquecer, para contar o que se viu de belo e triste durante o dia, dos anseios e realizações, dos sonhos e da realidade. Deve gostar de ruas desertas, de poças de água e de caminhos molhados ..."

Munida de gratidão em afeto de maternidade de duas amigas que nos espelham, fui ao encontro dela que amavelmente enviei cópia da carta e do ‘Procura-se um amigo’. Naquele dia, um rosto dos mais sisudos de seu par, ficou na espionagem de nossa conversa que relembrava um momento nosso, com uma linda oração espiritual pela qual fui agradecer e dizer que ela era e sempre será uma pessoa plena de capacidades, e havia um seio completamente perfeito dessa colocação, à qual ela era virtuosa merecedora.

Mas uma exasperação desesperada vomitou em seu olhar apavorado, afastando carta antiga, pedindo para que não falássemos, e murmurando sem fala coisas que eu não estava entendendo. Notei um temor fundado na intimidação espiã, compreendi tristemente que não podíamos estar conversando e senti o coração ferido, que em resposta ela me escreveu logo abaixo da foto da carta oração e mensagem de amigo: – Por favor, não precisa me enviar a outra carta.

Por dias fiquei engasgada com essa reação e passei para o campo de tentar entender, e senti o quanto nossa amizade ficou refém de algo que refutava vivência fraterna de quarenta e sete anos então.

Nos meses que se seguiram, todos os invernos nos calaram um tanto, num tipo de 'oi' que iria caber, sem saber exatamente a elasticidade de momento até que eu pudesse contar com mesmos sorrisos e amizade. Logo deduzi nos goles de álcool de um sábado cozinhando almoços que ela confirmara mais uma ausência em meu lançamento de livro, que tive de engolir em seco esse esporo irradiado de estrepes, pelas fumaças odorantes de um fel ciumento de seu par.

No entanto, desafiamos recentemente os limites e nós rimos à beça de nos reencontrarmos, em papos de anjos que um dia aguardarão momento para relembrar nossas peripécias. E assim vai mais uma gota do 'foda-se'.

Como uma fontanela219 de nossa amizade, a água respingava um jorro para cima naquela fonte cristalina, e pássaros desciam para beber e espaventar-se na água em banho primaveril com chuva das pétalas de Bougainvillea.

†

LUX REFLECTO SPECULO[220]

| 09 agosto 2019 16:21 | Baseado em áudio de 01 agosto de 2018. Transliteração. | Audição preliminar ✇

---

219 Fontanela, originado do Latim fontanella que significa fonte, nesse caso, tem a dubilidade dos significados fonte e fontículo e moleira. Como o lavar das águas e fragilidade de formação a ambas e à amizade. Faz referência a seu nome.

220 *Lux reflecto speculo* – Lat. – ao pé da letra, o vidro transforma a luz. Reflexo, ou reflexo do espelho. *Speculo* é vidro, lâmina de vidro. O verbo *Reflecto* – is –ĕre –flexi – flexum (reflecto) – Curvar para trás, recurvar, voltar, retornar. Levar de volta, fazer voltar. Reverter, mudar, alterar. Dar lugar a, render, produzir. Não esquecer que o espelho foi realmente inventado muitos séculos após o uso do Latim arcaico. O conceito de espelhamento ainda era muito vago. Existia espelho feito em objetos metálicos. Por isso concebi

“Dia Primeiro de agosto, nota de voz, amor cinco. É sobre amor filial.”

Das tantas aspirações de palavras que me tomaram a alma, seja porque é um vento sobre uma gavela[221] de feno. Como se eu pudesse abraçar toda palha que voa, nesse dizer...

“Mãe” Eu compreendo a debulha e arar, eu compreendo quanto se esticou para que nada se perdesse num rio caudaloso. Que a gratidão veste com ouro o milharal que não se resseca nos ruídos da palha que o calçou. Eu irriguei mãe, veigas e cultivos costados, e míseros canteiros, em muitas estações.

- Mas a minha mãe que esvoaça a manhã e que faz andejos nos passeios de flores, tive o primor de viver sua graça, esse liame atado de mãe e filha, no companheirismo do ipê, que se derrama em borboletas no eclodir da estação. Todavia com minha outra mãe a semente esteve no deserto e permaneceu dormente. Não pude viver o elo. A vida foi contundente que descuidada a semente foi deixada na *inospitez* de um acaso sob um pedregulho.-

“À minha outra mãe, quero dizer...”; que nada que fulgurou inicialmente de ou para a *medulla*[222] de mim mesma, com o que estava puramente como um *merum*[223] que não se matizasse com o aroma do carvalho, ou da botija do tempo, eu senti esse sabor fortemente numa impregna que permanece sublingual e um palar do qual não se esquece. Não estou aqui me vestindo dos seus gestos, os que deixaram cálido abraço ou os que quebraram os cacos de uma noz e ofertou a qualquer pássaro do cerrado talvez, um melancólico jaó flautitando uma frase musical do enterrar do Sol no dia sem sentido. Estou aqui para observar e mostrar um pássaro de ninho, que grasne graciosamente esperando aquele momento do cibo.

Eu me senti assim. Pode ter sido um segundo, o momento iminente da chuva, o crepúsculo infinito de um céu aceso, as estrelas continuamente mostrando a relatividade, um instante de um vislumbre como o halo raro de luar precipitado sobre as faíscas de gelo no céu. Pode ter sido durante um telefonema, enquanto coleei incauta o espaço entre amar e ser amada. Ao ser o píon de um raio de som de voz que acaba.

---

essa frase a simular o espelhamento, a luz que bate e volta em imagem, nos significados deste texto a ser escrito, teor conhecido do áudio, no que tange a similaridade e o espelhamento das pessoas.

221 gavela – feixe de espiga, monte de palha ou feno.

222 *medulla* –ae – Lat. medula, coração, âmago, entranhas, cerne; a melhor parte, a parte essencial

223 *merum* –i – Lat. Vinho puro.

Eu senti perene o momento da escrita, do pincel, de cores e significados. "Eu me senti". Embargado som do piado tão minúsculo de um pássaro filhote, de frequência tão aguda que erige as orelhas felinas sem que saibamos o que lhes chama atenção.

"Mas é engraçado que eu me senti", foi algo que se gerou espontâneo e de outras esferas, de imagens dentro de outros cristais que não o silêncio de sinapses dos olhos inertes de minha mãe. Nunca seria pela falta dela, que a perda não poderia extinguir a fé no espírito vivo, onde ela estivesse.

Eu senti seu existir[224] que acolheu esse pássaro perdido naquele tempo, que susteve minha alma ante uma queda, que uma espécie de afago pudesse fazer o pássaro ser imortal das mortandades. Uma relação que se instaura propínqua além das penugens coloridas exuberantes. Algo que adentrou um espaço de habitáculo da vida. Álacre. E olhar para um ser em especial, incomumente ao mundo que a rodeava, é o que meus olhos sempre estarão numa chuva de renovação. Eu senti o cerne da cativante experiência do cuidar, aquela atenção que desvia o andar da normalidade para o lugar de fazer florescer.

"Não era. Mas eu admirava muitas coisas da sua maneira de ser".

- Eu queria o sumo das palavras que saíssem de teclas de piano, Mãe, queria poder ter as notas e visões que a fizessem ver de verdade cada passo que dei durante os anos, queria, realmente ter o poder de te tocar. Não para ferir. Para que sentisse que existe o som desse mellotron da vida, diferente de cada coisa esperada, mas que vai na ferida do vácuo, com o amor que existe, e alcança o céu da banalidade. Alcança o rugir das ondas, quebra-mar e toca a pele de insensibilidade. Eu sei o que senti. Não posso mentir para mim. E eternamente irei perguntar onde está o brigue. O cerrar dos punhos em algo que pode ser o coração que se foi ali a navegar isso.[225] –

Era sempre mais a força da tempestade que esperava diante dos instrumentos. A dedicação da força de trabalho sempre foi algo que como um fenômeno desce do céu à terra sem nenhuma explicação. As luzes que chegavam escapavam ao círculo do núcleo solar. Nunca puderam ser inerentes àquele habitat de compromissos formais. Se eu imaginei viver o tempo numa dimensão, fiz isso

---

224 Desta outra mãe, a quem venho dirigindo segundas palavras.
225 Referência com elemento real do instrumento tocado na música Islands do King Crimsom, que coloca sutilmente a imagem poética de ilha.

tão perfeitamente que não distingui mais. Achava que a maternidade dela me vestia do calor ao inverno.[226]

Seguem-se segu(i)ndo onde meus olhos respiram sua contração. Reconheço aquele expelir de ar.

E veste o vasto com o caber preciso, porque seus olhos eram esse barco brigue, navegava preciso mesmo nas condições mais densas e tinha a direção precisa. E era como um sincronismo de remar, era algo que meu braço empunhava da mesma forma que você, naquela cor caótica do azul marinho, onde as luzes refugiaram-se nas espumas e o teor denso daquilo que sobrevive está no azul mais profundo de ser mãe, e era.

“Essa identificação nunca ocorreu. Eu nunca encontrei uma pessoa na minha vida que tivesse uma coisa tão parecida.”

Os espéculos rangiam imagens que espalhavam as roupagens que confundiam eu em você. Não por uma impressão desvirtuada, mas pelos nomes que trocavam de nós mesmas, o efeito daquele reflexo havia uma verdade dolorosa e ao mesmo tempo tão compreensível, que enxergava, naquilo que não tolerava minhas incongruências, e havia mais estranheza da forma repelente que fazia temer minha própria sombra. Assim nesse obstáculo espelho, nossos vislumbres se imiscuíram nas sombras que gerávamos.[227]

Havia um som dissonante nos uníssonos de nós mesmas – a similaridade que nos assombrava. Coisas que se alternavam em produzir ou destruir, que, no entanto, naquela espécie de pássaro se evidenciava, éramos diferentes, nunca coubemos em nenhuma espécie a que não fosse de um duo estranhamente complementar.

E então seguimos caminhos opostos na consciência de um abismo que já existia.

“Eu não estou aqui para julgar a atitude e a opção”.

---

226 Os sentimentos por ela. Sentimentos relativos ao elo filial. Não há como falar de afeto sem retomar elemento central do livro ‘Vipassana desenhada a lápis *sanguine* e carvão’.

227 Trago implícito eventos que ocorreram, nos quais pessoas diversas nos viam como parecidas sem sermos de fato, confundirem nossos nomes, e que algumas perguntaram se tínhamos parentesco, ‘parecíamos irmãs’, coisas assim. Lembro-me de mais de cinco eventos desse gênero, e um de presenciar alguém chamá-la de meu nome, em sua aproximação, eu estando mais atrás, o inverso já tivera ocorrido mais de uma vez. Causava-me estranheza, uma sensação já de pânico com o que previa.

†

Solistimum Castrorum III

| 13 agosto 2019. 14 | 5f | Camping S. Lourenço Lincoln nenê.

De todos aqueles momentos nas cercanias, das coisas lembradas e tantos itens esquecidos da bagagem, do tempo inclinado do Sol naquele vale, ainda no tempo áureo que o lugar abundava pessoas e espaços florestavam de verde impecável, nos aproximamos ao trailer do casal K, ela aquiescida, por vezes em labial pronúncia dizia um idioma de algo triste que cortara o coração da sua voz, sem que nós pudéssemos saber, não mais queridas palavras, o senhor K prestava-se de intérprete e ia nos mostrando o espaço de seu pequenino trailer, que nos dava ares magníficos no sonho de rodar estradas do nordeste e sentar à margem de uma orla, para contar as espumas que evaporaram. Aquela maresia impossível subia os vapores de nossa melancólica conversa semi-muda de um adeus que não nos disseram, mas deram entender rumo longe das bandalheiras queimadas que existiam em depredação. Aquele carinho se distanciou no ponto branco de um céu, e fomos viajar com uma nova barraca iglu muito bem feita aqui na terrinha, amigo nosso que fazia barracas de alpinismo adaptáveis ao calor com janelas que podiam encanar ventos.

Nos caminhos de Minas, íamos aos carvalhos num Passat repleto de coisas exatas e sempre o que mais faltava, com G e L nenê, apartados no banco pelas cores da sacola de mamadeiras e fraldas. O sol mareado de sua gema esbranquiçada nos circundava como esses dias de agora, com a promessa de um entardecer de firmar-se espeques da estrutura de ogiva desta barraca, para primeiro acampamento de L, rechonchudo e com seu cabelo castanho aloirado, com fios ruivos esquecidos no meado.

Talvez fosse um final de ano, que passei cozinhando naquele fogão de lenha, talvez, talvez fosse final de 1993 e eu estivesse grávida o bastante. Mas, nos nossos primeiros sacos de dormir sobrepondo colchonetes e com as mochilas que eu sabia arrumar no canto com lugar para guardar os sapatos, quase na soleira do zíper da porta em lua dessa barraca, que tinha os tecidos internos lilás com sobreteto azul primário.

Acalentamos os cansaços das crianças entre nossos calos e nossa família unida pelo abraço que é acampar entre as estrelas numa nudez de céu escuro, entre o espaventar dos carvalhos estrilando as cascas de seu córtex e palhas nevando um tapete de gravetos finos que davam perfume aromático na pequena fogueira entre pedras reunidas em coreografias dos assopros da boca da lua esquecida de nossos problemas, no braço que acavernava meu ombro enquanto

sentávamos com pernas cruzadas no chão da energética atmosfera daquele sacudir das nascentes tímidas de lá.

A luz do dia que amanheceu, entre despontar do sol, que deu aquela abóbada de cor entre azul e violeta, que sentada, vestia os braços na camiseta em G, casaquinho, e L, com a mão segurando a chupeta teve seu olhar de êxtase para a aventura, maravilhado com as cores, emitia sons e pequenas palavras que murmurava, com ar e graça inolvidável para nossa eterna tenda das verdades e união. Rolava e engatinhava e descalço em pés gordinhos, eu ia trocando sua roupa suada de nosso calor da presença da mão de mãe e pai dadas a seu andar e correr destemido de qualquer coisa. Sorríamos. Lembro-me muito disso. Sorríamos.

Era diferente de um sorrir de uma chacota ou piada, era diferente de um sorrir para ser respiro de afogamento, era um sorrir amplo e completo, era um sorrir isento de medo e de desamparo. Era o gosto exótico da aventura pura, que quem tem essa picada, inocula um veneninho do qual depois nunca mais desgosta. A liberdade quase plena.

Então ainda em fogão numa mesinha, suas duas bocas conversavam à fervura da comida simples que aquecia os pratos de criança, sempre entornando máculas nas roupas cujos joelhos eram sempre tingidos dessa vivência.

Anos mais tarde, retornamos no inverno no camping dos carvalhos, com Twingo preto, que no aquietar da noite rodamos as disposições de lugares e quase tombamos num barranco, com tudo e todos dentro, alertados por campistas que viram aonde estávamos indo nas escuras.

No final fomos num patamar de árvores altas, já com duas barracas e os três filhos dividiam a segunda barraca, rindo-se de um camarada 'El bigodon' do camping, e por vezes se aboletando entre nós, num frio que bateu na geada de quatro graus na madrugada.

Daquela vez em chapéu de abas azuis, camiseta grená, frente ao fogão de lenha baforando charutos de fumaça densa, as crianças acotoveladas na mesa de toras de madeira, de rostos pintados à suarento. Devia estar fazendo macarronada ou alguma carne de panela, arroz, algo assim, num rancho cujas as duas abas das águas eram amparadas por toras redondas de madeira, com um lado murado dispondo alternados fogões, pias, fornos à lenha. Doutro lado uma pilha de lenhas, e dúzias de mesas sob a sombra de telha vã, em dias de final de ano.



[Illustratio 21]

Devia ser uma trégua entre a eterna guerra entre as crianças e entre nós e nossos nós. Devia ser um Sol e enevoadas chuvas de verão e passeios nos caminhos de arvoredos.

Naquela ocasião, sentei a pintar com a aquarela pequena e um bloco de papel que era metade do tamanho, entre as árvores, que trocavam seus gestos de carinho entre elas, entre si mesmas e com os dedos nos dedos do vento. Assim deitei sobre um cobertor e olhei até o sono, enquanto eles passeavam pelas suas descobertas. Foi meu instante de ser somente eu mesma me reencontrando entre o confinamento opressivo das responsabilidades e daquele casamento de intempéries e estações.

Na noite gélida, das ocasiões que se mesclam nas cortinas da lembrança, tive crise de asma devido à fumaça e inversão térmica. Enquanto as crianças nem prestavam atenção em suas tosses, somente em seus risos, e nas cousas que desejavam nas calçadas de nossa distração.

Ar que me faltava das estranhas vivências que o destino me colocou. Minhas viagens tinham o olhar vago, não havia plenitude, faltavam cacos de meu eco de vida, entre o céu, mar e nossas aventuras, eu voava feito ave de rapina vigiando a cria, talvez como loba rosnasse de forma amedrontadora a qualquer coisa que pudesse perecer meus filhotes de passarinho e sua voracidade de viver.

†

Mollimenta[228]
| 14 agosto 2019 21:19 | Playlist MCromaro Affectio | 5g

Sem olhar o carimbo data do selo, seguro em minhas mãos envelope de folhas do tempo, amarelados? Talvez. Entre a cantiga de seu farfalhar, as ondulações da caligrafia das letras mistas entre técnicas e arabescos manuscritos, dançadas com o elevar de lanças numa tribo em festividade. Ouço o tocar.

Ouço tenuemente. Os pingos da água que caem sobre meu rosto amortalhado de principiar de tempestade. Como uma cortina de salvação morna, ouço; passos que arcam planta dos pés nos corredores do sono de minhas crianças. Enquanto despetalam meu cansaço, ouço o deslizar.

Ouço sua respiração enquanto a água me come os poros, cada fenda do nariz e boca, devolvidas numa nova cachoeira de mim mesma.

Ouço o deslizar lato das mãos na superfície do globo terrestre, as mãos que navegam pairando junto aos mares costais e toda as aduelas que perfazem costelas num derretimento do álgico triste que desprendia meus olhos, mas que na água morna, fazíamo-nos uma espécie de arte água-forte que respingada de mesclas das incoerências, aquela coluna d'água desanuviava a face alarve e em aproximação lenta da névoa nossos lábios repousavam repelindo as gotas de água. Como chuvas de polens do universo, como faíscas gotejadas desse chuveiro que nos acomodava numa nuvem rosada.

Ouço o coração como ofegar de um cavalo, como que a chuva nos levasse a qualquer vão de um lugar invisível daquela vida que sumia dentro de sumidouros.

Sinto esse distante verter de uma planta lactescente, como uma parte preciosa do líquido da erupção de um gomo de limão caviar, talvez uma permanência esquecida na pele sob um formigamento daquela sensação que levava ao fervido, que urgia nos enxugar nas felpas entre perfumes como um spray cítrico que adoçava a língua.

Tantos ruídos, exageros das crianças, tantos afazeres, tantos desencontros, aquele som que, tocava-me, tocava-me aquela pessoa que eu era e estava ali, com o esquecimento absoluto de qualquer coisa.

---

228 *Mollimentum* –i – Lat. (Molĭo) Consolação, lenitivo. Alívio.

Outra folha amarelada, cai de meus dedos, num estranho pensar, sopesado de valor em cada cor aênea da tinta, como uma escolha de enfeite para um dia especial. As palavras de frase curta, sem muito e não demonstram propriamente as cores ouropéis daquela hora.

De um embrulho sobre feltro que cuidava de uma cúpula, quase como um ser delicado recém-nascido, num gesto de exibição de ilusionista, depois de servir aperitivos adornados em fio douro e aguçar a curiosidade de um total espanto.

Despe o ser. Em suas mãos firmes coloca sobre o livreiro reluzindo peroba, seus polegares e indicador em perfeito alinhamento soerguem a cúpula de vidro, repousa ao lado e com repuxo de uma mão, o pêndulo então inicia seu momento, no vai e volta enquanto o mostrador dança as chamas vermelhas e o ponteiro desliza. Com as horas ajustadas para dar aquela partida no tempo mágico que trazia meu momento de acerto do relógio de pêndulo para o som maquinário redivivo na minha casa, tantos anos, como ato de surpresa, o conserto em segredo.

Fiquei admirando o entusiasmo da lembrança, e compreendi por um senso existencial o valor que o ato dele trazia naquele momento uno inesquecível, que posso sentir como profunda consideração por aquilo que eu era, dentro daquele tempo mecanicamente movido havia uma luz muito mais dourada que o ouropel num veludo vermelho, havia o que chamo gota de desvelo.

†

Mater[229]

| 13 agosto 2019 21:25 | 01 Agosto de 2018. Transliteração do 8´04´´ ao fim 16´. | 5f| ✇

O Tempo. Ocorre uma estranha propriedade das ultrapressões submarinas. A compactação dos anchos dos anos dos dias dos minutos, da escala da medida da altura dos cimos, da cogitação resumida no olhar da linha mar de toda sua extensão. Uma vida compactada sob a expressão de um termo sem tamanho nem dimensões – amor. Minha voz que assume seu rouquejo e titubeios dos pêndulos das possibilidades perdidas, o soar da hora cheia com alarde de alegria daquele festejo de ano novo.

---

229 *Mater, Matris* – Lat. Mãe, tronco, pátria, maternidade. Afeição maternal. Venerável, respeitável (associado à nome de deusas). Causa, fonte, origem.

Que o introspecto da situação – era e é para mim – uma questão do vazio. Um preenchimento deste lugar vago dentro da alma, com toda tinta cor do que me tornei. Mas como buraco negro, engole voraz e não preenche o vácuo da falta do seu jeito, da conversa de um acaso, acaso do dizer de um caso, do tocar de mãos existente no interior existencial, compartilhar do sangramento da vida e do dizer e da compreensão e da sabedoria, o advertir e a sinalização de uma senda de luzes no arvoredo. Até um toque. A mão que traz o pender do calor provido pela pulsação do sangue que corre enquanto se vive até a ponta dos dedos num brilho que se derrama em vidro de forja, em cores que foram absorvidas da contemplação feliz de algo. O soar íntimo do maquinário relógio num silêncio circundante de um lar, entre perfumes do viver como um manto das portas que deixam entrada dos passos de veludo para o amornar diante das chuvas ácidas.

E porque digo o que disse, palavras coloridas, e porque aconteceram todos os abraços sagrados e profanos, de poréns e senãos e quês, e porque aconteceram e não aconteceram; houve emanação de nossos corações nesse uno, ímpar, exclusivo a esta relação estelar.

"Eu não posso corrigir sentimentos que te fazem sentir uma coisa incompreensível, eu não posso responder espiritualmente".

Recuso dar afirmações que somente sua própria pele pode se arrepiar ao éter quando não mais denegar. Posso afirmar para mim das tantas vezes que o arrepio dessa situação impalpável além da célula e da respiração mitocondrial ocorreram numa visão além dos meus olhos.

E *omnimŏdus*[230], os braços de meu coração que abriram as sendas da minha vida e buscaram com os seus próprios olhos a direção para que o amor fosse de alguma forma realizado. E o caminho foi tudo, na íngreme escalada do infinito.

Pelas barreiras da imaterialidade, por diversas questões, inclusive os vazios e os éteres das vidas além das ourelas dessa geração é que não pude dar o mesmo abraço. Não pude dar o que meu peito amolgou fortemente pelas convencionalidades em formatos que nunca perfazem o quebra-cabeças dos espirais da vida humana, em uma litíase dentro do meu coração dentro de pepitas que a poesia talvez descreva aquilo que haveria de ser e haverá de ter sido.

- Aqui nesse torcicolo na névoa do dia, acordes do esticar do pescoço gatuno no muro, eu refaço a trilha de minha jornada de coração, querida pessoa, sabendo que não pude retribuir da mesma maneira o abraço, até porque meu

230 *omnimŏdus* –a –um – Lat. – Que é de todos os modos, feito de todas as maneiras.

jeito é essa sinuosidade das nascentes líquidas que não se aprisionam entre seus dedos, que minhas palavras varrem seu corpo como plumas de pavão, deixando memória de sensações indescritíveis. Eu sei quantas intensidades de vento e cores de amanhecer que podem ser, mas sei ser ouvidos, ser a cordialidade mansa da receptividade da planície, sei deitar os gestos nas flores exóticas da palavra e respeitar aquilo até o limiar de sua força. Nas ilusões eu enxergo as cores que a vida assim me cegou. Há um ferimento que nunca sutura, é o tempo perdido de viver boas coisas. –

"Mas eu nunca estive longe, tão longe..."

No pranto silencioso quis dizer de outra maneira a palavra mãe, numa coexistência de sentimentos que acimavam montanhas de formato inesperado e anormal. Você. Queria me agasalhar da sua voz tricotada em meu nome, por muitas vezes, que ecoasse o suficiente para tatuar a audição, assim faço isso aos meus filhos para que se relembrem no fundo da alma dessa pluma de ouro, para a era que tiverem de suportar a ausência.

"Eu desejei escutar a palavra filha".

Do significado subtraído eu ando nessa roupa de ferir na aspereza daquilo que eu sentia no carinho que recebi de você que não mais existe, restaurando o infinito vazio.

- O vazio que me consumiu sem que eu soubesse quem era, inane, nos anos que seguiram dessa perda dessa outra mãe, amiga, começou a consolidar a percepção de que o vazio sempre fora a sua ausência, mesmo muitos anos antes de a ter conhecido. A espera derreteu como o estourar de champagne quando a conheci, quando vivi a amizade, aquela estranha espera houvera acabado. Quando perdi, potencializou isso num vórtice que abriu essa fenda no coração do cosmos e senti a perfeita igualdade do vazio que se formou com a ausência e saudade. Numa dor que se instila constante e degenera minha vida biológica. O vazio engole mais do que o tempo, ele engole possibilidades múltiplas em outras direções, de possíveis convívios e novas pessoas que participem quiçá da minha vida e me tragam alguma felicidade. –

A estranha consciência de que nunca terei isso, o morno acolhimento como filha, com uma profunda alegria e orgulho pelos meus êxitos, nem o cuidar nos momentos dos erros e sofrimentos.

Dentre as coisas que eu queria, que eu não pude controlar nem ter domínio do que me aconteceu, no que diz respeito de que eu fico feliz e fico triste em questão de minutos, eu sou feliz por uma coisa, foi por eu ter escrito, que dentro de um palheiro inútil houve essa preciosidade, eu comecei entre dizeres medíocres e sem nexo, e assim cheguei até aqui – esse escrito resultante de

um laboratório de expressão e elaboração para sentimentos humanos – e escrevi os ouros e pratas da minha vida nesses últimos tempos nessa eclosão das borboletas, eu achei que a eclosão seria outra, mas no fundo eu olho para os escritos e sei quanto de amor ali se sedimentou, se concentrou, se lapidou. E poemas e textos que eu sei o valor do sangue que neles correrá para sempre que existirem na leitura.

Eu queria que você soubesse desses textos, assim como da forma mais bonita esses escritos pudessem chegar à sua mão e não posso, não tenho como entregar sem romper a casca de um ovo. Sigo o luar dos luares, os nimbares de um virtual espectro de uma leitura, como um alento ao frio da vida, assim adormeço como um personagem travestido de Shakespeare numa idílica floresta, sob flautas dos ventos da noite que dancem em torno da fogueira de esperanças que se afoga na realidade de seu cendrar, nas suas éclogas declamadas para um rebanho adormecido, entremostrando o universo onírico de faunos estranhos, como um gato negro que anda ereto, que tem mãos ao invés de patas, que usa uma roupa acetinada de gala, com um adorno em seu pescoço, como uma fivela de pluma branca de coelho, como um garboso gesto educado que me serve o chá quente na madrugada gélida, e que se petrifica em esfinge durante o dia, num adormecer das fantasias de viver o carinho atemporal do colo das mãos que se erguem e voam céus às grandes tempestades derramadas das mechas de cabelos, num gesto infinito que chova um enlace de almas que têm dependências entre si, e que se fortalecem juntas, nos suspiros mais fortes da emoção viva.

As distâncias imateriais se dissolvem ante a magia celeste de cada dia em amor, “mas que no fundo independente de que maneira eu sinta, as coisas todas, elas existem e nos mantém ligadas de alguma forma, até o último dia, até a última hora, último segundo”.

†

Pirum

| 8 agosto 2019 21:05 | Por M mãe. | 5c

Como um acalento saboreio passear nos antigos corredores da minha casa, entre o sombreamento do corredor que me parecia comprido, dando vistas de ângulo às diversas portas estarem sempre ressoando os passos no assoalho, que eu dirimia filhos para encerar. Eu estava em repouso pós-cirúrgico de perí-

neo, em meu quarto cujo mobiliário era desenhado em curvilíneo madeiramento imbuia, num conjunto de armários aos pés da cama e penteadeira de lado, prestimosamente em minha mesa de cabeceira, além de um abajur, havia pires, copo, caixas de medicamentos, lenço de linho com uma filigrana bordada M em azul Royal e um copo de água. Pela manhã a maioria das crianças iam à aula, mas M estava e chamei sua atenção quando passou olhando curiosa à porta.

_ M! Poderia descascar uma pera para mim? Está lá na fruteira, embrulhada.

Os olhos alumiados de terna alacridade saíam em debandada como pombos espantados que rodeiam milhos na aspereza da vida.

Os minutos se passaram após um gotejar longe da pia, arrastar de ferro contra um piso ornamentado de motivos preto e branco amarelento, e nas demoras seguintes pensando que ela devia ter se distraído com algum pássaro que pousara no batente dalguma janela com suas vidraças arreganhadas para rua de paralelepípedos pespegados de cascos de cavalos puxando charretes num cadenciar trotado da hora.

Chamo: M! M! Cadê a pera que ia trazer para mamãe, meu anjo?

Com a voz irradiada pela casa, me ajeito no travesseiro recostado na cabeceira lustrosa, ouço os passos ligeiros correndo pelo corredor e parando na porta. Com rosto rosado de choro, e costas das mãos na testa e olhar em agrura, chorando e com uma cachoeira engalfinhada pela sua garganta, profere: _ Desculpa mãe, eu comi. Esqueci, descasquei e comi!

Tal era seu desespero, porque não era comum que tivesse frutas diferentes de banana, laranja e limão em casa; encolhida na beirada da soleira da cama, encortinava o rosto vexado esperando umas palmadas e ralhar, mas revirando olho pensando se havia algo.

_ Calma! Vem aqui M! Isso é nonada! Veja se tem uma maçã e me faz essa gentileza, mas antes vem cá. – Disse pronunciando solenemente recebendo seu encolhimento de fracasso em debruçar de choro no seio de meu ombro, deixando molhar minhas vestes em alma *perhumana*[231]. Então, levantei lentamente minha mão direita, desviando da dobra da coberta contra o cobertor e desvencilhei cada um de meus dedos que flutuaram lentamente para os cabelos curtos cortados de M, num passe de mágica que faz aparecer um óbolo por entre o dedo indicador e médio, que suas articulações mais distantes pousam como filhotes gordinhos de pombas que arrulham o ombro com três pulinhos

231 *perhumanus* –a –um – Lat. muito amável, muito agradável, bastante cortês. Forma nom. feminina.

em suas garrinhas assim num gesto de acender o sorriso como almenaras[232] acesas nos arrabaldes do reino, no reluzente brilho matinal de cavaleiros nas flâmulas de seus brasões trotando as boas novas que um mensageiro trazia dentro de um alforge de couro queimado com insígnias de ouro, que era meu jeito de tocar sem importunar as asas que nasciam nas costas como um vestido marfim.

†

Sensualis abyssum irent[233]

| 14 agosto 2019 | 18:19 | Playlist de música: MCromaro Affectio inspiração | 5g

Não tão somente trilhei bordas de um abismo de distâncias, mas nele houvera e há um vasto correr de imensidões às quais eu me perco, apenas não no que sinto.

Sempre estive com algo intocável, como um pesadelo de busca ao nada, que se repete sob diversos cenários, onde as intensidades eram a distância irrecuperável como vida de um canário, que se enegrece numa greta de tremor, cujas intensidades de amor desalinham as terras nos terremotos que derramam as esperanças nas quebras e quedas.

Sempre estive com algo que não podia ser ferido, como pétalas de lábios, como pureza de água, como tempo do ritmo de uma música do violão rapidamente dedilhado embandeirando para um touro, cores e acenos completamente ingênuos. Em um patamar inacessível margeiam caudaloso rio de orgulho que macula da chuva feroz tingindo essa distância desse barro.

Sempre estive com a mão estendida, nesse ecoar calado que o vento corta, das vozes extinguidas ao pó, num buraco perdido da humanidade, com nenhuma receptividade, num esforço do outro lado para calar o tremor, calar o calor e a memória, na frieza de noites estendidas em cetins que recobrem a lua. Um desejado apagamento para evitar um ressoar no ouvido da outra margem, um som que vem de si mesma ao qual atribui aversão.

---

232 Almenara – facho ou farol que outrora se acendia nas terras ou castelos, nos altos de suas torres, para dar sinal ao longe.
233 *Sensualis abyssum irent* – Lat. – Abismo sentimental.

Sempre estive olhando para minha caminhada, os meus entes, mas tudo que se via era somente minha busca de reconciliação numa jornada impossível e incansável, infinda e despropositada.

Sempre estive esperando em bons sentimentos que algum alento de afeto reunisse as margens num mar de navegação, que juntasse os olhares oblíquos, o sorrir por coisas que parecem fazer sentido somente num olhar angular completamente misterioso e específico que se monta de duas visões, ou detalhes da vida que pouco se repara, mas que detém uma luz viva de cor indefinível de romântico bem estar, e carinho que não parece ferir nada, porque é tão essência de um amor consistente que não pode ter aresta e nem viés, que não ensombra nada, não torna ninguém refém, mas o coração que manda em si mesmo dar as voltas no céu tal qual a trajetória da terra dançando na luz para se embebedar de seu brilho.

O abismo já me feriu anos, nessa incongruência de seus seixos, me feriu essa dimensão de intocabilidade, feriu meu tempo de não viver, feriu a harmonia daquilo que achava ter posse, um amor cavalheiresco com prazerosos momentos com esposo, que um dia podia acordar florido de romantismo embrulhado em celofanes no lado certo, ou acordar no veludo da palma de uma mão que tivesse perdido a calosidade repentinamente na cura do vinho envelhecido.

Eu sofri das quedas de tentar burlar a ordem da vida, a dimensão da distância, eu sofri o corte do papel num gume perpendicular contra uma veia da vida.

E os sentimentos entre si eram despenhadeiros de mesma rocha que me sedimentava, que à luz do tempo pude perceber as camadas, delimitações registradas das eras e teores.

Havia o abismo de sua calcificação, havia a brutalidade de sua resistência e havia algo que enfrentava as intempéries e permanecia, mais e mais à vista, a víscera do amor, que tinha mesmo grau de pureza, que reunia cores e brilhos e que tinha dureza e beleza que arrebatavam. Aquilo promoveu pressões sobre meu caminhar e encurtou distância para um olhar que não posso saber o dizer, não vejo.

Não sei meu lugar na rocha, nem no albardão, nem das cores rubras ao coriscar das estrelas que caíram sobre mim advindas de tempo infindo, não sei como sou sem sair do meu coração, sentindo vertiginosamente a altura fastuosa do sentimento, que deixa minha união ressequida em esqueleto.

Abismo eu, entre as sombrias estrias das íris apagadas dos olhos fechados abissalmente para o amor, no desprezar da água da sede com medo de afogar.

Mas há um lugar em ponto de fuga, que as rochas reúnem a ruptura no planalto de jardins de plantas exóticas e tecido de véus que escorrem o céu até nós. Existe esse lugar, que entre pedras a vida exuberante escala o Sol e fantasia de espinhos e xerófitos de flores opalinas, sem nenhuma partícula de tecnécio que fira a vista liberta e o ar verdadeiro uno, num florescer em único tronco da umbaúba para uma dança circular dos espíritos extintos de temiminós[234] em cores que contrastem esmeraldas brutas pela pose das caudas de um urodelo como adorno do êxtase.

Eu vivo o abismo de muitos amores que emanam ondas de fogo invisível de mim, e cores mansas de olhar protetor de mãe, de desejos adormecidos nas tantas friezas que o casamento me impingiu.

†

Agilĭtas Agilitatis
| 9 agosto 2019 10:50 sexta-feira | Playlist do livro

De um bailéu eu podia olhar uma rua de casario que se perdia nos altivos desfolhamentos de eucaliptos esquecidos numa propriedade fechada pelos entraves de espólio. Ali a rua terminava em um muro, o portão frontal rangia máquina se fechando na púrpura manhã, eu e S encaixada rosto entre colunas bojudas olhava a rua e os gritos do piso térreo dava ressoar também de coisas caindo nos esbarros das bicicletas retiradas de um rancho de fundos, logo surgem G e L, numa bicicleta maior e uma miniaturinha de bicicleta com pneus não pneumáticos assentados em jante violeta. Descendo as trilhas de rampa cendrando num solavanco seco do meio fio rebaixado.

_ *Age*[235]! Berro lá de cima. _ Cuidado! – assim me virando brusca, catando em giro descendente de retroescavadeira de meus braços S e me pondo em descida pela escada *acurvalhada*.

No átrio de nossa garagem chinelo para a rua particular do condomínio.

Na mureta rebocada dos pedregulhos da montanha de alarve do mundo, dou ordens expressas para S ali ficar sentadinha.

---

234 Temiminós – relativo à etnia indígena do Espírito Santo.
235 Age – interjeição Lat. – Eia, olá. Coragem. Faça alguma coisa.

Nos metros seguintes, G pedalando lá na frente adernando lado a lado, lentamente suas forças de pernocas. L sentado muito à vontade no selim roxo, da bicicletinha púrpura, de rodas roxas, com adesivos vermelhos e pretos laminados, cheia de estrelinhas brilhantes, com manopla roxa mais clara e manete de freio – vai adivinhando aí – roxa também. Pedaleira sulcada girando nas batidelas roxas do tênis já esbeiçado da correria em sua beira, assim posicionando o pé direito para empuxar a pedivela no rodar adiante do pedal direito. Assim empunhado e empertigado esperava o sorriso de meu rosto para soar o tiro de largada.

_ *Péraí* filho! Vou ajustar a altura do banco. Olhando para as rodinhas já entortadas já acima do nível, percebi que ele já andava equilibrando. _ Filho vai até ali e volta aqui, quero ver, se equilibrar posso tirar as rodinhas.

Rosto dele acendeu a largada, saiu pedalando colocando o peso do corpo para frente, e de imediato ia retinho com as rodinhas virando em falso sem tocar o chão e por vezes dava uma tascada. Voltou em um giro perigoso sem centro de gravidade inclinado, fazendo meu coração gelar.

_ Freia, quero ver!

Estancou tascando tênis nas lajotas feitas de nuvens congeladas das areias sedimentadas. Raspou pequenos grãos que se soltaram do piso em forma de colmeia.

Ele desceu e eu catei a chave para soltar a porca e retirar a arruela e depois a haste de alumínio em liga mesclada escurecida. Ralhei ao empastar de graxa anverso dos dedos. Fiz o mesmo na outra. Joguei para calçada gramada. Premi a abraçadeira que prende a alavanca do selim, rebaixei um pouco, girando com força. Prendi.

_ Senta quero ver. Ah! Isso está bom. Presta atenção, vou empurrando atrás de você, e assim vai pegando o jeito do equilíbrio. Tem que frear na descida. Ok?

Montado apontado para frente, G e S sentadinhas na mureta quase frente à nossa casa. Amarrei um tufo do tecido da camiseta dele entre a palma de minha mão, com força de abrir vidro de geleia.

_ Já!

Comecei a correr atrás dele, que saiu direto e reto, pedalando firme como se tivesse pedalado no globo mortal em piruetas circenses sob luzes coloridas de holofotes e aplausos e sons de aspiração do suspense dos espectadores, no globo da vida, o útero materno.

Após vinte passos ele 'deu tudo' e a camiseta se soltou da minha mão e ele foi embora e eu tentando alcançar com braços abertos e berrando sei-lá-o-quê e no final da rua brecou em curva de derrapagem e tascou o pé esquerdo no chão sem dó, e parou ofegante em sorriso suado a catinga dos frangos.



[Illustratio 5]

Risada só em braços dados em ciranda dos carvalhos e eucaliptais nas sombras do gracejo de pombos mancos e na euforia tremulada das águas azuis da piscina esquecida no assopro de palhaço toca-tudo, desengonçado em sua enorme calça sobre pernetas de pau, batendo o bumbo engatilhado ao pandeiro, assoprando gaita e na mão o estrilar de uma castanhola. Assim em vento de cores pálidas de anis desaparece a euforia, já pronto para descida, nem eu mesma pude enfileirar os dominós dos meus respiros, já parte na descida, escapando a mão da camiseta, me projetando para frente catando cavacos, correndo para alcançar, ele esvoaçava cabelinhos fininhos dos anjos de cara suja, nas curvinhas das pontas de mechas de seu cabelo, e desceu.

Gelada com o tombo, que nada, curvou no final da rua e deu com a roda roxa na sarjeta perto das meninas-queixo-caído, pondo a roda traseira empinada no ar e caindo para que purpurinas roxas voassem em nuvem de agilidade.

Na segunda subida, foi sozinho, com ordens ferrenhas de promessa jurada e cláusula de embargo de seu brinquedinho por um mês, caso não freasse na descida. Sem confiar, estiquei indicador, olhar severo. _ Freia, quero ver! De novo! De novo!

Daí não aguentava mais ver o corisco subir e descer, querendo experimentar as areinhas do canto da rua para derrapar roda. E depois de umas tantas idas e vindas, com gás que não acabava, não sei donde. Tomou aquele trambolhão. Mãos espalmadas, joelhos beijados na sina, sangue de ralado vertendo. Um choro de ódio e um chute na roda que só fez resvalar a roda na canela.

_ Lição aprendida! Vamos cuidar desse machucado.

Duas mãos para três criaturas, e um meninote de quatro anos, quatro anos que pedala desse jeito. Gente do céu! Só iniciava época de cutucões, brigas entre eles, a era que me tornou louca varrida com filhos briguentos dos suores da correria pela rua e braços quebrados, e mordidelas para tatuar as flores da mandíbula de oito dentinhos inocentes.

†

Praeceptrix[236]

| 8 agosto 2019 21:58 | Música: Parte 1 Sagração da Primavera – Igor Stravinsk | À Professora de Português e literatura – por D. | 5c

Alardeou sinal de entrada, aquele rumor de alunos correndo nos corredores, num uníssono arrastar de cadeiras em trancos, gargalhadas e galhofas que decantavam em pó giz que deixava os tacos alvacentos e aquele agitadiço da moçadinha se calava quase por completo senão por um punhado de arruaceiros da classe, e eu empunhando uma braçada de livros, trabalhos, uma bolsa descuidada e meu cabelo curto, e corpo entroncado arrastava sandálias em um frondoso semblante, eu gostava de dizer semblante de sorrir derramado.

Pegava o apagador e dava pancadas na lousa, para acordar e soar o respeito com fumaça que se emanava das tantas lições apagadas.

E se pareciam desinteressados, dava um de meus sermões de sabedoria, mas lógico, falava de cara uma coisa curiosa de arte ou cultura, perguntando quem sabia. Ali se pregavam olhos, mas eu por vezes esmorecia na desatenção com as poesias que pouquíssimos sabiam declamar. E dia de prova, o nervosismo pairava em olhares que tentavam uma cola, ou desalento do vazio saber, por exceção de meus estimados aljôfares.

236 *Praeceptrix, praeceptrices* – Lat. - preceptora, professora.

Enérgica passava deixando pender um conjunto de papel mimeografado[237] em cada mesa, alternando prova tipo A e B.

Na carteira de M, nossa puxa, a carteira está vazia, que acende um estopim de alarme, pois M era assídua às minhas aulas, sempre a mais atenta.

No enquanto saio da sala até a porta para o pátio, noto M sentada sozinha longe, sem nenhum servente para adverti-la, apresso passos até ela, e noto seu olhar de profunda tristeza.

_ Esqueceu da prova M?

_ Dona D, eu tive problemas na minha casa, não consigo fazer hoje.

_ Mas vai zerar?

_Desculpa.

Percebo algo muito aflitivo no enlear de espinhos e sua capacidade brilhante merecia aquele momento e uma segunda chance, sempre gosto de pensar nas segundas chances.

_Vou pensar então, mas por favor, volte comigo à sala e emprestarei um livro.

Ao voltar à sala, dirijo-me à mesa, e empunhando o livro encadernado com lombada de couro de 'A rosa do povo' de Carlos Drummond, sorri por dentro pensando no que aquele mel faria à tormenta de M.

Durante as entregas de redações, deixei a redação de M por último, chamei-a.

_ Nota A mais! Parabéns M! Por favor leia para a classe.

M em seu cabelo emoldurando óculos de armação azul transparente arredondados um tanto envergonhada leu, para o olhar assombrado das pessoas da sala, com um toque final em frase que criava sozinha a interrogação do pensamento, por seu cativante jeito frágil e palavras que brilhavam meus olhos a tomei como pupila.

Assim, quando aos seus quinze anos esteve na sorveteria, preparei uma taça de presente, que com minhas tais palavras lisonjeiras trouxeram os açúcares dos últimos instantes de seu amor porcelana que logo depois a quebrou em cacos em minha lacrimejante rubefação do rosto italianado.

---

237 reprodução gráfica de escritos por estêncil embebido em álcool.

Como flores que despontam e rasgam de cor os ares embolorados da vida perdida, assim alguns poucos foram esses aljôfares que se tornaram elegantes recobertos dos brilhos que tentei lhes mostrar.

M para meu orgulho, me trouxe nesses momentos atuais a resistência e reflorescimento, gratificantes para mim.

†

Curantis Feles

| 13 agosto 2019 16:55 | Nunc Momentum

Ventos regelados desceram pela montanha, no cair da tarde, enquanto dentro, duas gatas em seus tapetes voadores, satisfeitas nas lambidas de sua pelagem, por uns momentos davam corridas de demonstração de saciedade. Olhei na beira do terraço, sem ver o gato preto que empreendi meios de salvá-lo com as expensas de carinho ao felino de P, linda menina que vi crescer.

Adotei um canto no qual pudesse deixar alento de sua sobrevivência e que no fatídico, capturasse o arredio, ignorando seu rosnar até a sala das paisagens para um exame veterinário. Ao vento da porta de casa, ele acertou a pata traseira a dar uma lanhada no meu braço, e eu o joguei para dentro da sala, fechei a porta rapidamente, enlouquecido correu para um lado, retornou ao dar com janela fechada e H escarrapachado no sofá, alarmado em desespero voltou à porta dando um pulo de dois metros, agarrando um suvenir de elefantinhos fazendo em pedaços no fio da unha, caindo entre o vidro e o gradil, acuado; com fala calma consegui pegar e então pode aplicar penicilina para curar o abscesso aberto.

No seguir dos dias ele perdeu confiança em mim. Hoje, tempos sem vê-lo ele achegou à porta, eu ignorei e percebi o maxilar que deglutia meu cuidado enquanto na luz das nuvens, um bando de maritacas vieram em direção da árvore, e quando suas asas flapeavam em pouso, notei as cores vermelhas da parte interna como fogo de sol poente, enquanto que sua plumagem reluzia um verde claro fosfóreo num regozijo que faziam nos galhos secos, enquanto o sanhaço azul empoleirado numa nêspera, curvava pescoço disparando bicadas, num furdunço de acomodação de fim de tarde, nas notas de piano e violino varrido nas tranças da rede esvoaçada de espanto. Como bibelôs as duas gatas observavam cada coisa com olhos rasgados de luz, o que eu andava fazendo por um lado e outro, cada qual em sua pose mais terna da companhia na solidão, em frio endereçado para este meu agora.

†

Levitate affectio[238]

| 15 agosto 2019 18:02 | 5h |

Se eu dentro de uma cabeça de fósforo, que a chama fosse a gota azul como o acender de constelação, eu poderia ver um veludo sobre a cabeça naquela ocasião.

Fervilhavam problemas nos corredores da sede em que eu trabalhava, na tela do computador, eu atentamente repassava as instruções necessárias, avaliando a assertividade, os rumores estremeciam o tabique das áreas de trabalho, ecoando os dedilhados nos teclados e telefones disparados tocando infinitamente, um após o outro.

Portadora de uma má notícia, tive que me dirigir à F, meu lugar outrora me dava mais tranquilidade de não estar iluminado em foco de uma rapina, mas agora não importava, embora o novelo entre nós tivesse completamente emaranhado, e eu sucumbia dia a dia num mergulho profundo em águas negras sem salvação.

_ Precisamos processar as instruções que preparei e estão no e-mail F! Mas é urgente pois estão ocorrendo problemas diversos por conta de configurações erradas.

_ Vamos falar com área de banco de dados M. Venha comigo. Já enviou, então vamos lá, assim você justifica.

Descemos nervosamente o elevador, em passos rápidos, a segui olhando sobre o ombro, a entrada do setor lunar de uma noite em tempestade, que se algo não se fizesse, se perderiam os telhados, ruínas voariam ares, e um dos dejetos seria eu mesma.

F se dirigiu às vozes de ordenança, enquanto eu sentia outros pesos doerem meu ombro, e meus olhos estavam sombrios. Lado a lado, uma outra amiga minha ouvia e argumentava os problemas de uma interferência dessas, enquanto preparava para sentar e analisar frente a um monitor. F ergueu sua mão, mudando ângulo do antebraço, erguendo-o por trás de minhas costas, e suavemente pousou em meu ombro esquerdo, encostando o braço em minha

238 *Levitate affectio* – Lat. levitar do afeto, leveza do carinho.

espalda enquanto eu dizia com segurança o que necessitava. Ela olhou no monitor com voz que evaporou naquele céu que se abriu, enquanto uma espécie de redoma, uma bolha que nos coube que levitasse no nada, como sobrenadar líquidos invisíveis, como estar numa cúpula de vidro de um céu novo, como estar talvez num voo em queda livre, numa fé cega que aquele calor, um tênue deslizar quase milimétrico, o tempo desligou o momento com uma sensação íntima para a qual nenhuma de nós olhava, apenas sentia.

Aquele momento se findou, a noite nos levou em fumaça pelos corredores, em algo que definitivamente não costumava ver. Mais uma vez eu me embriaguei como apoio que mãe faz num cutucão que empurra para o rosto translúcido da coragem. Se não fosse por detalhes mícron, se não fosse a medida do tremor, uma escala Richter de afeto, aquela suavidade de pouso não poderia ser comparada a nenhum pássaro, inseto, abelha, talvez a flutuação das cipselas. A questão não era o movimento, o gesto, a duração e o ensejo.

Não havendo necessidade de sua intromissão, eu saberia resolver isso com a outra amiga, aquilo pareceu certamente uma questão de criar um voo no ar sem térmica, planar o final de tarde e ver o pôr do sol quando se vive aprisionado numa solitária.

A questão era a energia que transpassou entre nós, de tal forma indeterminada, talvez também contivesse tudo, não somente um brando carinho, tivesse as mesmas mesclas que enxergo nesse momento e ainda me deixa pensando se cuidadosamente não atenuou seu impulso para que ficasse camuflado nessa flor irreal de bolha de sabão, que estourou levando consigo um universo de nebulosas coloridas que a eternidade de um instante eu senti.

†

Ros aridam[239]

| 15 agosto 2019 22h | nunc momentum – após correção do capítulo - perda

Ah o candor das horas mestres que antecedem, as delicadas orvalhadas a umedecer o dia nascente, para não deixar a salga matar a terra, com dedos imperceptíveis da temperatura, com a maestria do conhecimento do ciclo, com a solidária voz à sobrevivência, desce invisível o manto decantado de um pó estelar em chuva de estrelas, que o sono ignora. Mas está ali arrefecendo a injúria e as agressões da grosseira cor verdade da vida, com enfeixar das partículas de água

---

239 *Ros aridam* – lat. Orvalho seco. *Ros, roris* – Orvalho, umidade, água, líquido.

em brincos cristais que alimentem a pele, o bico, a terra, o ar, que recubra em verde um pranto de emoção verdadeira.

Orvalho que veio, como lágrima e nascente, como luz de nascimento, que saciou a alma tardia, que mostrou o caminho de árvore, que me vestiu de folhas imortais e esqueletos que se moviam feito bicho-pau. Assim me deu algo perdido, uma presença materializada em cada dia para uma esperança que sobrevivesse. Sobreviveu.

Fosse artificialismo de minh'alma, fosse fantoche do universo, fosse acaso, ali me benzeu, batizou, hidratou para a desidratação profunda das perdas, como um braço que desejava estender e não teve. Como um dia a mais que foi subtraído. Como uma palavra que atordoou a língua e a engoliu, e as tantas inundações dos pensamentos para aluir o pensamento e deixá-lo arrastado nas correntezas para o mar da desilusão desconhecida.

Secou ao Sol, morou na nuvem, gelou, congelou, petrificou, caiu precipícios, caiu noites e rumos, deixou estio e ferimentos.

Mas existiu, existirá. Não sei, um dia temo acordar onde não mais haverá uma partícula de água e nenhuma árvore, para nenhuma vida.

†

4 SOLITUDINUM[240]

Radius soles in felicia[241]
| 17 agosto 2019 Shabbat 11:49 |nunc momentum

Não sei se congelada em eleatismo resolveria como me sinto, em relação ao escorrer da tarde de ontem, quando houve a decantação pós um banho, o frio me inibiu que colocasse pedras mornas nas minhas dores, quis sentar como dentro de um caracol, no adernar navegante, folheando páginas enquanto pipocas de nuvens apimentavam as papilas numa sensação necessária, um esticar impossível, na verdade o impossível vestiu toda minha nudez, as últimas luzes solares desciam junto ao foco dos meus olhos apagando a árvore. Tudo foi sendo adormecido como um toque bruxo que *eleativasse*[242] cada ser. Os pássaros congelaram. O gato esgueirou-se para dentro de mim. A porta calou. As borbulhas de um refrigerante beiravam e ali quietas tornavam-se bolas de gelo. Um gelo que tomava meus olhos de seus olhos. Como que corpos imaterializados que se adentrem.

A noite se elevou em silêncio entre as luzes apagadas, com as cores emitidas coloridas que repousavam fotos depositadas sobre meu rosto, com o frio que me abrasava as pétalas aninhadas em gaivotas de meus lábios ligeiramente pairados um sobre o outro, como nuvens que se amontoam.

Num regurgitar de cada estrondo do coração com a eletricidade do cérebro rutilante na mais profunda vontade *exosculaturum esse*[243] como um átimo que pousasse em um pequeno raio de luz na minha boca, de um choque minúsculo que de um estalido de seu pensamento em mim, ali dançava com meu tempo,

---

240 *Solitudo* –inis – Solidão, isolamento, vida selvagem, local afastado, deserto. Necessidade, privação, carência. Flexão Gen. plural – solidões.

241 *Radios soles in felicia* – Lat. – Raios do Sol nas felicidades. Felix, felicis – felicidade – forma plural nominativa neutra.

242 Eleativar – novo termo - ação filosófica eleática, relativa ao eleatismo, cujo filósofo Parmênides 515 a.C. -460 a.C., defendia a imobilidade do ser, as suas colocações encontradas em fragmentos de manuscritos antigos ou referências, fazia contraposição entre a sensibilidade e razão. Também refletia o que seria o ser. "O que está fora do ser não é o ser, não-ser é nada; e o ser portanto é". Ele também questionava o que seria "vir-a-ser". No texto, trata-se da imobilidade, no sentido da imersão no próprio sentimento, mas que é estanque em si.

243 *exoscŭlor* –aris –ari –atus – Beijar com ternura, cobrir de beijos.' *Exosculaturum esse'* é o infinitivo post. futuro.

enquanto eu tinha que abraçar uma tora de árvore, que coubesse em meu peito o ato de abraçá-la fortemente por um longo tempo.[244]

A sensação prolongava-se em meu abraço vazio, completamente aquecido em seu vão, regelado por toda área que se acercava, num tremor de frio que vestia em meia meus pés e percorria o corpo nessa falta.

Numa sensação estranha, como palpo sensorial da aranha, como biossonar[245] que me orientaria nesse voo, um voo que antigas palavras escritas talvez me dessem uma visão quase cega.

Pela manhã morna de Sol numa sensação meiga daquele abraço que ficou de mim em mim, numa poeira de gelo esquecida do cisalhamento do vendaval de quinta-feira, eu percorria em passos o gramado incoerente, agachando dores e dormências, lembrando a dança concitada entre os seres da noite e do dia, como um ode que transborda de uma fonte inexistente em murmúrios de brilhos calmos, tão serenos e impávidos, que seguem prolongadamente como som aviolinado do amor que recebi artífice em esmaltes brilhosos da queima exata da porcelana pintada naquele manto abrasador do fogo.

Eu senti todo formigamento do afeto em minha nuca, nos cabelos que no-lo espontam como florescer do esparto. Senti algo tão lindo como a nudação de adentrar rios, de nós. Senti o fetichismo que a montanha tocada dos raios do Sol que aluam qualquer sentido. O toque existiu. Sol do agora para você.

†

Petalis vinum voluptatem[246]

| 19 agosto 2019 17:04 | Após meditação, concentração em solidão. Inspirado no cenário de hecatombe das inúmeras queimadas propositais orquestradas nestes dias em contraponto com a flor, o centro do universo contrário à destruição. O amor sentido em solidão, no prazer profundo de sua existência e união metafísica, prazer autoinflingido| 4b | Nunc momentum

244 Imagem poética a ilustrar a sensação do toque invisível em meus lábios, que em percepção materializava os dedos dela em mim, como uma clarividência, percebi o refluir de ânsia.

245 Biossonar – ecolocalização.

246 *Petalis vinum voluptatem* – Lat. – Pétalas de vinho prazer. No sentido do Prazer metafísico em solidão.

Na superfície um mísero tremor da adaga na carne da floresta no cair, no cair, da tora de fogo.

No SOS do fogo que se acama nas noites que do dia se fazem entre meu rosto e o tecido morno de meu corpo que se abraça no frio, enquanto o chá abandonado dorme meus lábios aquiescidos no prelúdio do hiato.

Seu rosto que não vejo, o rosto que se desenha nas sementeiras caídas dos meus passos que as estralejam. Seu rosto que me adormece num torpor da sensação, que não adormece.

Meu aquietar em minhas condições que zumbem micro abelhas, que o ciscar de garras de passarinhos num pequeno alçapão, guarda o céu infinito de você.

Não porque a floresta *exuberancia*[247], mas a vastidão do veludo do amor se depositava, diferentemente das relações de substituições ou de mortalhas falseando o rosto perdido, não, era nato.

Cabia em si a grandeza máxima de um corpo de flor, lábios rubros feitos de um novo marzipan, feito de um outro camafeu, feito de vinho de outono, feito das pétalas vermelhas que congelam uma onda prestes a cair, que se solidifica em maciez. Uma flor chamejante sem queima, na floresta que a humanidade agoniza, entre as cinzas evoladas, entre arrotos incessantes de fumaça, entre carbonizadas situações, não eram preenchimento, era a vida anômala própria, resistente, era caule forte amadeirado, cujos espinhos foram depilados, era o pronunciar de pétalas que se revolveram em desejo, que guardavam em macias anteras um veludo que brilhava no sopro das narinas do vento no púbis.

E o prazer do nariz da rosa, um cometa que nasce para o Sol, a luz que transforma o coração no trote de uma bateria descompassada em um rataplã psicodélico cheio de breques do coração, em golfadas de sangue que entumecem as veias do pescoço. Em gosto de calda cereja licorada, no abrasar acolhido na dança de dedos em gestos delicados no dédalo de um mundo acabado.

Que dessa rosa colhida pelos lábios de meu delírio cavalga imponente o hipogrifo em busca da chuva de estação, na batalha que irá sufocar a devastação de qualquer pus da ignorância.

- A tarde vem, numa cor aprisionada numa vidraça cerrada, que levanto-me entre as chamas do fogo do vinho, com o meu rosto chorando entre as pétalas desse píncaro do incendeio de um pólen, e minha boca pousa como um cair lento na boca que guarda mares para a existência de um grelo, num Sol caído no bico de uma graúna e sua cabeleira negra brilhante repleta, completamente

---

247 exuberanciar – prover exuberância. Neologismo.

repleta de sua riqueza, do fogo de uma autocombustão em orgasmo de sentir a tez do horizonte e toque dedilhado no piano das pernas desse brilho. A tarde consome uma espécie de banquete das frutas de gemas preciosas, na transmutação dos brilhos em percorrer dos arrepios nos nervos ocultos no aveludado de cada pétala. A tarde vem como refeição de flores na música das memórias das saudades, o prelúdio com guizos e espectros de cristais esbarrados e o eco de uma gruta que conduz esse amor que tem existência e uma força viril não de uma reação química de um hormônio, não! É uma força que roça praia constantemente, com saliva de espuma de perfume, que como lavanda cerze todas as dores e cicatriza com o poderio de uma mágica. –

Afogada na rosa e na loucura de uma dança apoteótica das línguas faladas em silêncio das poesias, e em mãos que sozinha espalmam o encontro do entrelaço dos dedos, como o movimento acelerado do desabrochar.

Ao silêncio de mim mesma, as perguntas me circundam, as estranhas ocorrências pelas feridas das solidões alheias ainda me deixam reticente pelo que cada um sente, no entanto, o sentimento verdadeiro não é filho dessa voz, ele é um sentimento puro, uma flor feminil cujas pétalas nunca decaem. Mas tem a Horologia das flores, sua hora de acordar, nos mistérios das horas da madrugada, no tapete de plantas e nos fitobentos que navegam estáticos as águas.

†

Et cecidit et fregit[248]

| 28 agosto 2019 21:15 enfeites de vidro, o livro e a caixa. | 4g

Num dado momento, adentrava os róis de cômodos numa hipóstase a qual objetava e sedimentava, dentro daqueles véus e sóis. Dois mil e cinco das ruas apinhadas, de passos ressoados nos mármores terracota, nas travessias do vento gélido, de sorrisos ríspidos, de olhos vermelhos e muitas horas percorrendo as prateleiras coloridas, os tomos de minha nódoa, arrastando raízes expostas ao mangue roubado.

Escondia a aflição nos vãos dos intervalos de trabalho, escondia aflição nos vãos da unha, escondia tremor nos pés cimentados de sapatos, escondia minha pobreza nas páginas que lia, ávida, tentando achar algo ideal, algo especial e raro, algo que quebrasse os vidros refratários, algo que derrubasse o feudo e corresse nas veias do ar.

248 *Et cecidit et fregit* – Lat. – Caiu e quebrou.

Nas livrarias entre paredes eu pedia algo que superasse os outros livros ilustrados, os livros com gravuras, os livros na versão espanhola, e que contivesse tudo que pudesse fazê-la sentir o depor do ouro em pó, que acendesse um novo Sol na noite.

Um senhor como que vestido de mágico, espalmando tecido de sua capa, teve de mim em uma interjeição de gemido a palavra Amizade. “Quero um livro com a melhor história de amizade”.

Após longas perguntas e livros que foi mostrando que não pareciam ter capa nem título, ele acendeu a luz de sua bengala de vênias, magistralmente em corporal expressão, o balé de seus braços apontara e retirara a lombada grossa do “Catadores de Conchas” de Rosamund Pilcher. Eu comprei como presente. Embrulhado ficou. Enterrado ficou. Desembrulhado para que me certificasse que valia a pena. Lido foi sendo. Era interessante. Gostaria ainda de tê-lo. Li por duas vezes. Mas não pude enviá-lo.

Durante os maçantes anos de sofrimento da perda, creio que houvera enviado quatro livros. Eram uma cambraia alva bordada de delicadeza. Não libertaram.

Achava os “Catadores” uma linda história, mas nada, nada podia revestir páginas com o afeto profundo, nada o explicitava, nada se aproximava com as lâminas de gelo de chamas brancas que me atingiam por dentro.

Sonhava deitar numa sombra de Sapucaia, e os frutos saber a alma, e os seus pássaros gorjeio, sonhava andar liberta da ciranda da lembrança e desacelerar o tempo, ou me congelar no momento exato, dentro de uma ilusão perfeita, dentro de um momento propício, mas com a cadência da chuva fina, as águas do desgaste corriam as sarjetas.

Ser heteróclito permanente da normalidade. Ser heteróclito de suas trancas, ser heteróclito dos dias e resultados matemáticos, ser a parábola de uma explosão da desproporção geométrica, quebrar as tangentes vazias, ser normalmente a esfera que não se esvazia.

E refolhear o livro e palavras enterradas nos corredores de uma luta controlada de marionetes sem embaraço, eu comedia nos meus receios – ah eu os tinha – de uma retaliação, uma reação mais aguda e afiada, algo com consequências que eu tivesse que explicar para o público de minha família. A tormenta gotejava em alto som no meu sono, cada delicadeza o seu preço para mim. Gotejava como estalactites de gelo.

O livro ficou nos planos inacabados, na penumbra de um nevoeiro, em meio a um paiol de ideias rotas empoeiradas em objetos quebradiços ou opacos. Ficou no meu vácuo.

Aquela época cercava um momento desesperado passado de uma ação idiota, mas que suscitara uma reação desconhecida de medo, eu me consumi nas brasas da dor disso, dissolvendo nos ventos essas cinzas lentamente. Nada que fosse, mas o pesadelo do não saber era de fato mais potente que qualquer luz de boa atitude, e andei as calçadas de meu receio do receio do receio, resíduo dessa nódoa.

A convicção da falta de confiança então, não só me açoitou como me suprimiu, e dos chãos de mármore, me vi nas simples lajotas aqui em casa, não importando mais a sequência de fatos, não importando mais as tentativas de falar ou de propor alguma coisa que fosse suave como o afeto, que fosse afeto ao afeto, um céu talvez.

Depois desse livro, acho que os papéis não farfalharam, não via o correio que imaginava, um pomposo senhor em sua cartola, num fiacre, os cavalos negros brilhantes trotando, e carta selada com um ferrete de insígnia, contendo o perfume da melissografia[249], contendo o mel da flor fria, contendo algo que um fosse uma ode de um tomo, pequenas frases perfeitas em ouro.

Eu achava que nada conseguiria transformar-se em pássaro-afeto, eu, nos meios alquímicos tentava, e fazia aumentar os pergaminhos manuscritos nas teias da espera e da razão, mas nunca conseguia atear fogo naquilo para que por fim chegasse meu momento mais libertário, que o ar me respirasse enfim.

Em algum desastroso momento, aquele enfeite de natal caiu e quebrou. Era algo par que tínhamos, e achei que a conexão então se desataria e jamais poderia novamente marcar um lugar e ela estar lá na hora exata.

A caixa assim se abriu para guardar as poeiras de meu abandono nos afetos recusados sem destino.

†

Oscillum[250]

| 19 agosto 2019 20:03| – duas situações de propósitos libidinosos ocasionados das solidões alheias e galanteios| 4b.

---

249 melissografia – estudo da vida e costumes das abelhas.

250 *Oscillum* – i – Lat. Pequena cavidade em frutas (de onde surgem vermes). Pequena máscara de baco (pendurada em árvores de modo que pudesse ser facilmente agitada pelo vento). Balanço, agitação.

Tenho certeza de que não estava jovial, nem que me desse conta de alguma expressão que pudesse tocar alguém, principalmente nesse tempo, que meu frágil librar estava mais para uma profusão de lágrimas incontíveis. Eu parecia um pássaro depenado talvez, talvez meu bico tivesse arrancado as últimas bárbulas bicando a raque num violento arrancar para que não sentisse.

Perambulando com rosto frágil de olhar perdido na caligem do dia nascente, enterrada nas músicas que ora circulavam e me excitavam o ânimo, noutras me enterrava no mar de pranto nos braços depostos no volante do carro. Não havia gracejo. Não havia lábio corado.

Volta e meia um colega me pedia para traduzir para o espanhol algo, que me instigava a aprender e ensinar. Todavia, conversas frugais de cafezinho numa roda de desalentados da profissão, a esticar os tendões dos torcicolos, nada mais.

Aluindo dentro de um rebote de depressão, no geral dispunha meus esforços na concentração do trabalho, em cuidadoso andar nos pedregulhos das novas relações e nem notei, até que texto a ser traduzido cortesmente era um poema de insinuação. Desta vez, não respondi.

Houvera sido um dia em que o almoço fora sentada, entre carros e a aquarela miniatura para um desenho de momento de espairecimento. Estava em lúcida clareza quando já mais tarde do que queria, me dirigi ao meu carro hibernando numa vaga de estacionamento sob árvore. Não notei, até que perto da porta, T estava com o cabelo negro esvoaçando encostado com ar de Aquiles esperando, exatamente na porta de meu carro. Com olhar estupefato perguntei o porquê de estar ali, me retesando em friagem de um obstáculo para voltar para casa. E ele começou desfilar seu desalento de solidão, talvez falta de companhia, talvez apenas um ardor de sua virilidade, não sei, desandou a declarar quase versos dalgo que meus ouvidos custavam a acreditar, não só impedindo minha entrada no carro, como súplice de uma noite, o que me desatou um certo receio da claridade da hora e só pensava nos tantos quilômetros que tinha que percorrer para casa, para o ninho dos meus pequeninos, mas respeitando o coração girava na mente um argumento para afugentar e me deixar fugir dali o quanto antes.

Recostei de costa ao lado, quase no capô, de forma distraída, e suspirei certamente cansada, meneando a cabeça, tentei ser brisa para a negação que se seguiria, abri a bolsa e peguei a carteira, não a chave, e pincei uma foto dos três filhos, e agradecendo a zumbaia, comecei a falar dos filhos com emoção e mostrar a exasperação que meu dia-a-dia causava para querer estar com seres desamparados que precisavam de meu cuidado. Contava fatos e descrevia, e as nuvens desanuviaram, quando disse que tinha pressa de acelerar o carro para

quanto antes abraçar, que ele olhou com olhos afinados em lágrimas contidas, e viu o encerrar do jogo, desencostou e gentilmente despediu com algo típico de sentimentos que a solidão conturba, e eu apertei a mão, dizendo que não merecia, e que estava mais soterrada de problemas que ele poderia supor e seria incapaz de amá-lo, que de certa forma pelos ensejos anteriores eu tivera tido um ensinamento para que não dimanasse um inimigo.

Muitos meses antes, não porque C me dera um impensado buquê de rosas, mas por A que num momento intempestivo, chegou antes do horário do almoço, e em olhar retorcido de uma decepção, transpirava uma solidão azeda, de forma um tanto desesperada, incompreendida por mim, tentou me convencer a ir com ele ver o apartamento cujas chaves havia recebido em meio a um rompimento.

Completamente despropositado eu nem pestanejei, e respondi como gongo um *haud*[251] sonoro o bastante para seus urupês. Certamente minha testa estava plissada de desaprovação, além do que não podia abandonar meu posto, estando sozinha ali. Em seguida, ele começou a murmurar súplicas estranhas e pedir veemente que isso não fosse dito a ninguém. E depois exclamou algumas vezes entredente: - Por favor, eu te peço, fica comigo. Fica comigo. - Desvencilhando com uma saída para um café, não avaliei direito o que havia embrulhado junto a um pedido esquisito, e ingenuamente não avaliei os danos que esse vilipêndio fosse ocasionar.

C que tinha um jeito mais bonachão, já falava uma coisa meio em tom de remoque, mas mantinha o ar teatral, como um embuste de si mesmo, que como ateia-se uma rede, quiçá de forma inusitada se consiga algo.

As flores não produziram o brilho que produziriam advindas de meu par, junto aos momentos árduos de nossa vida cotidiana, em minguar que nenhum orago de capela me renderia a crença de reavive. Portanto produziu um ar melancólico ao passo que fazia eu entender que minha escolha sacrificaria mais o resto da minha maturidade. As flores de meu colega não tiveram significado, todavia não foram incisivas a ponto do meu desconforto, sem saber direito que intenção e conotação que suas solidões alimentavam, mas que no geral me davam espontânea nolição.

Aquilo que obumbra uma certa banalidade de relação, e que sobre o mote de solidão parece um cordame para o brio masculino arranhado, aquilo não se assemelhava com amor, não florescia para mim, nem em meu momento mais

251 *haud* – Lat. Não. também hau ou haut. (Negacão intensiva, forte).

iracundo com meu esposo, eu cogitaria um escorregar apenas para achar que tinha autoestima.

Um se manteve amigo, e o outro um tartufo.

†

Tangit mihi[252]

| 28 Agosto 2019 22:35 | Música: Fontanelle – Finland & Aaskoven, Islands – King Crimnson. | 4h

No encerado de madeira, no leitoso do vidro – toque-me, nesse inverno dos espaços contíguos.

Toque-me com sua doce voz, com a pluma que cai no céu aberto do lago.

Sairei correndo daqui, pela escadaria sem fim de pedregulhos, nos musgos e dentes-de-leão e grama seca. Correrei para o dorso da estrada, antes que a última poeira decaia. Antes que sua vista não... alcance-me.

Toque-me. O coração que pula e *hiata* o chão sem sentido, na essência pura da voz e olhar que dei.

Toque meu braço, mão, rosto, nas dobras do papel na curva desértica, nas frutas da cor da estação.

Toque as pétalas ipês que chovem.

Toque os ângulos artificiais do acaso e da lonjura. Toque-me a boca no corte da faca.

Sairei correndo daqui a abraçar o nada, asperezas ou não, o fim vazio da noite e as vidraças do pedaço de você, um brilho refletido de mim mesma.

Toque-me, o mar, o voltar, o revolver das areias, as cócegas dos pés, o amor.

O amor. O amor. O amor.

---

252 *tangit mihi* – Lat. – Toque-me. Verbo *Tange,tangis, tangere* – tocar, aqui usado na terceira pessoa singular presente do indicativo.

Nas mãos sem dedos do calor. Segure-o contra seu peito. O amor que então tocou.

†

Ubi[253]

| 31 agosto 2019 15:50 | 4 j

"Onde está?"

A frase em zanago de meu assonado momento entre cobertas da inutilidade, um letreiro que passava em minha lassidão, o ar cinzento daquela solidão ali, recheada de ilusão de seu término, clamorosa de seu findar, propagando como ressecamento das peles, da mucosa, adentrava nariz, ouvido, num arranhar ecoando o som de sua rispidez.

As palavras se perdiam na acomodação das dores, antigas e novas, e meu próprio ar de decepção de ter vindo ao mezanino, sem conseguir escrever, ter caminhado, ter conversado e olhar para tudo com a sensação do vazio. O vazio de meus anseios numa espécie de voo de fuga do melro violeta, sumindo do papel desenhado, como combustão dos feitos, dos fatos e das possibilidades.

---

253 *Ubi* – Lat. – No lugar em que, onde. Onde, em que lugar? Quando, em tal momento. Quando? Em que momento?



[Illustratio 10]

Por mais que minhas pendengas familiares me colocassem um pé adiante do meu próprio desfiladeiro, havia uma ciranda contrária, mas era uma gota em remanso seco.

Eu sei que perfiz essa jornada *adhuc* sem conseguir captar tudo o que gostaria, focar em algumas retentivas que coloriam arco-íris em lágrimas que secam antes. Sabendo doravante as faltas que minha percepção se negará a lembrar ou se esquecerá, ou jamais conseguirá a visão plena do amor, para onde foi, onde se esconde, onde se guarda, com que palavras diz a salva que sustenta a alma arrastada.

Até este que escrevo às frestas do esquecimento ferruginoso nos dias que rangem os metais que se corroeram dele, que os movimentos são os primeiros a

enguiçar, depois os olhos se esquecem de olhar, e os significados ficam nas rodas de brasa se consumindo ao vento. *Ad hoc*[254] alguém que sobrevive na alma sentimento, que se difere de todas cinzas, que se difere dos seres comuns adestrados, que se difere dos caminhos comuns que levam ao bueiro. Que por diferir-se acende uma cor da diferença, da contraposição e dos atos transformadores, do extasiante ar fresco da chuva esquecida, do poder místico do bálsamo e dos gases curativos de um xamã, ou de um mistério do poder de um toque na pele e um olhar manancial.

Aqueles toques de cores da delicadeza, trêmula e indecisa, mas a festa das cores *petalais* e segredos do veludo da prefloração, na transformação que a dedicação das mãos, *de mannibus*[255], nos retratos que o tempo não apaga, no mistério profundo que a beleza enaltecida no carinho daquela, daquela promessa de altar de amor... Ah que se escute nos céus das tempestades, pelas mãos de irmão segui os passos deixando o medo. Como um anjo em cortesia me conduziu nas cores em meu rosto.

Na retentiva quase esmaecida, eu revejo diversos atos, são fragmentos de descarte de conchas, guardam uma parte incompleta da vida, uma alusão de seu brilho indecifrável holográfico, guarda um ferimento quase que marca a pele rude da rudeza amarga da noite-vida.

E onde estaria meu amor? – ah eu me refiro à pessoa em toda sua carne, pele, e ondas que propaga ao vento, as falas que ficam retidas num íntimo secreto. Eu penso em qualquer coisa.

Eu penso num pássaro ferido, eu penso na ferida do gato sobrevivido, o chipanzé agarrado no ventre materno durante a corrida da fuga das chamas, penso no galope, já digo adiante, na serpente sol que com um sabre corta pele em incandescência, lobo que leva filhote abocanhado, revoar migratório e cortejo de acasalamento de pássaros, nenhum específico, os cantos que a carbonização humana calou e penso... penso...

Nos sonhos de amor malucos que não se cumprem e no sonho revelador desse amor.

Lembro vagamente, lembro sim, o choque anafilático que isso me fez o beijo.

A solidão é a verdade contundente, mesmo nas pessoas mais unidas, é a realidade de trajetória e o senso do passageiro, fugaz do tempo que me mostra a importância de fazer o agora, de manifestar o apreço, o benquerer, afagos e

---

254 *Ad hoc* – Lat. – para este.
[255]*mannibus* – nas mãos.

abraços, incentivos que mantenham viva a esperança daquilo que faz sentido no mundo de alguém.

A minha esperança está silenciando e meus passos caminham para os vinte livros que quero dar à humanidade, como gesto de vida e morte.

E naquilo que olho no submundo do jardim, naquilo que consome minha vida, eu colho o afeto nos passos, em tudo ao redor, ilusória que a natureza possa suplantar a maldade do homem, e ser a eternidade. Ao menos ouço essa voz do eterno, ouço a voz da estrela que nasceu e sua luz ainda não vi, e a flor que ainda nem brotou, enquanto as águas secam, as nuvens choram noite, as árvores desaparecem.

Pensei nas pessoas que amei, amo, e no maior amor da minha vida, em todo sentido que fugiu e nas barreiras nefastas, e porque me tratam assim.

Estou aqui só eu.

E como um trote de uma tropa de cavalos negros, em seu mais elegante brilho, a ternura e imponência de tomar aqueles fios entre os dedos da mão no cavalgar profundo da vida, destemida, forte, com aquele amor incólume dentro das mãos, equilibrando no fio da coluna do gume, somente com os olhos fixos, no ponto no horizonte da liberdade de amar até uma corrida veloz pespegada desgarrada do chão racional.

†

Beatus compages[256]

| 26 agosto 2019 23:10 |recordação | 4f

Um dia H idealizou um amor que não precisasse posse, sem urgir, sem que fosse transa, sem que fosse aprisionado, sem que nós precisássemos. As sombras nos levam aos frios que nos abraçam, nossos receios se abraçam, nossas faltas se amam. Nós nos beijamos com simplicidade de um inverno, mão que acolhe os músculos das dores em eclosão de cupins.

As cobertas propínquas de nossos carinhos enfraquecidos de nós mesmos, na sede de nossos desertos, na anemia de nossa própria sina, ecoam com ondulações de um pequeno perturbar do toque de um pé em um remanso acalmado.

---

256 *beatus compages* – Lat. – estrutura feliz.

São massagens de anjos, são pétalas de perfumes, uma gentil forma de acalento de uma criança banhada em lágrimas, são gestos de desenhos invisíveis de pele viva e exausta.

As mãos repousam em rosto de olhos cerrados, na nossa invisibilidade mútua do desgaste, mas num profundo afeto, um ato que respeita nosso tempo vivido, que aquece nossos pés, que retira estrepes, que cura feridas diabéticas, que não olha defeitos, que a voz adormece melodiosa. Talvez eu pudesse chamar de amizade, de amor amigo, mas não, era amor esquecido e apagado. Os reflexos involuntários do passado e um esquecimento do impossível.

Uma gota de união.

†

Invisibilem[257]

| 26 agosto 2019 13h |Áudio de 25 de julho de 2018 até 34´. | 4f |

"É uma nota sobre Amor que vou chamar de Amor quatro".

O olhar que plasma, o olhar que transforma diante das reflexões, como ar que não me sufoca, mas que tem garras preênseis que tornam meu caminho com percepções que independem da visão. Eu estou aqui para dizer de minha depressão e sobre mais, no andar que me faz ouvir a mim mesma e entender detalhes microscópicos, de uma poluição que recai nas águas e fitoplânctons, algo mortal sobre o coração, acidez ou asfixia, secura ou o fim das luzes nas águas.

Visto agasalhos que hora me diz, por vezes acenos das maritacas nas frutas, por vezes a cobra coral saída do cadoz da noite, em excessos do verde ou do veneno das reflexões. De certa forma descortinei a brisa de elementos relativos à elos afetivos e espiritualidade.

"Eu entristeci, venho tentando espanar essa poeira". Saibrar a terra dos momentos a semear lhanos em gigantescos vargedos e adjacências do agora. Que reflorestar dista tempo do meu bem-viver.

Como encontrar um veio de ouro, encontrei o destilado do sentimento na sedimentação da vida que me disse tanto não. Um veio reluzente que veio fazendo a douradura das letras e pinturas, como desabrochar da minha flor melhor guardada dentro de coroas de sépalas.

---

257 *invisibil*, *invisibilis* – Lat. – invisível, espiritual. Na forma singular acusativa feminina.

Foram as seivas da raiz. Não é possível atribuir à proximidade microbiótica da minha amiga, não chegou a ser um toque físico. Ao sentir a intensidade do valor daquilo que lapidei de mim mesma, do esplendor à noite em segundos.

É uma sensação de ser levada na correnteza da poesia, perdendo de vista a margem de minha família, meu esposo e filhos, numa navegação *rafting* que me levou às ondas mais perigosas da solidão.

E as poesias em cartas enterradas sob raízes, sua fossilização nos ecos das confissões do absurdo, elas são minhas veias do sangrar ignorado, o amor que como uma serpe que me enfeitiça, mora dentro de mim, sai à luz do dia como maçã que degustam sem saber sua vida, seu caroço, seu real brilho na casca e o veneno.

Fato que vivi existência surreal que passa na vida deles como manchas de perturbação da vista, como farpas do canto do dedo, como uma fala que tomou aquele capote de uma onda que a engoliu. Fica pelos cantos margeados escuma indecifrável em bolhas rompidas e em matéria em decomposição. Aquele momento mágico que o perfume banha a nudação, que reveste de cores a possibilidade do dia, chega-lhes sob o ofuscamento de uma relutância em me ver como a real pessoa.

O poema 'Tocar da Fragrância Ametista' e todas as suas glosas, foi o entoar do canto dos pássaros ao sono da consciência, e verti meu sangue para o ignorar silente das poucas pessoas.[258]

Assim minha vida literalmente se tornou universo paralelo, sem que eu percebesse.

O nascer do dia púrpura do amor em mim enterrou a mim mesma sob a raiz. Eu tentei ser a derrama de ipês, que um dia ao ano roubam a cena dos olhos presos no asfalto, mas esse teor que esbarrou em meu esposo, resvala nos meus filhos, são alvejados na minha veste de mãe, que parece ser a túnica coisa que veem.

Há que se andar somente com a carne sobre meus ossos para que a percebam, e arquei os pesos do adorno de compromissos nas fugas de inquisições, aí me senti mal, levar adiante um caminho a que não pertenço. Não foi tanto

---

258 Refiro-me a um momento que enviei este poema, aos meus chegados e algumas irmãs, recebendo apenas interjeições da incompreensão de meu esposo. Cuja poesia enviei a amigos eruditos da poesia espanhola e mexicana, que me deram parecer de exceler. Tanto a esta, como Rosto de Fogo Áureo. Só que muito depois quando o tumor do menoscabo já havia corroído vida preciosa.

meus filhos, mas eu sabia que eles gostavam demais de seus óculos escuros para minhas vísceras sentimentais.

Mudei-me ao universo santuário com minha arte alheia, acuada como fera ferida. Seguindo as sendas perdidas da selva nas poesias que conformam traços acordando a proximidade etérea de semblante da mulher.

Nesse caminho desalojado do fogo ao encalço, tornou minha vida difícil a principiar o fim de meu lar. Queria sair e ir embora sem ter como.

Vivi minha própria asfixia por mim mesma.

Tentei diversas vezes pronunciar, tentei diante de G, diante de H, e aquilo foi se convertendo em reações negativas que me afetavam e não me confortavam.

Então eles vêm desconsiderando a minha carne que não dê movimento e forma de mãe, até que essas palavras se tornarão maiores que meu viver e planarão o mundo desconhecido e o tempo além de meu tempo, quando minha carne for morta.

Mesmo que não saiba o que passa na cabeça, de forma geral, ecoa o breu da solidão no deserto, nos portais de constelações inventadas e uma vida inteira exilada.

Sobre a minha estimada, dos pássaros libertos ao desaparecimento, suscitavam hipóteses, que tiveram fundamentos de calcário, nítidos, dimanando uma sombra de poeira solar sobre minhas expressões escritas, que continham resquício do veio, mas que não podiam ser detectáveis. Ou seja, percebi o perceber, que era dirigido a poesias específicas, quase como uma conjunção planetária, criava uma luz de sobreposição que jamais eu poderia comprovar esse elo.

E nesse andar gatuno do puma em caça, camuflagem tornou-se o sufocar para poesias importantes, cartas que me salvariam, mas o obscurantismo dela obumbrou momentos que eram cruciais para eu atravessar o fogaréu da depressão.

Como se eu caísse numa greta emparedada pela certeza e dúvida que ela tinha tocado mensagens, áudios, imagens e escritos publicados e não.

Feito uma chuva fria cadente que não parece haver fim, os meus olhos vítreos se unem nesse congelamento imperceptível de um rugir de mundo de meus entes que me ignora o sentir, e essa pessoa numa posição invisível, a poesia, tem a voz soterrada do rugir. O rugir que aos poucos parece recobrir com sua grossa poeira muito do sentido do afeto e daquilo que existiu um dia.

Aquela repelência que subia pelo meu caule como um ser que aos poucos me queima, notei após muito tempo considerar que meu psicológico me fazia fragilizar, mas com o peso das ocorrências me fez constatar a repelência de outras pessoas, que não mesmo motivo, mas existiu. Essa queima sim, enfeia a flor, perfura o fruto, decai sobre a terra inutilmente.

"Estou tomando um chá de jasmim". A tristeza que me cabe, ela veste mais que os céus que me permito, mais do que isso – a tristeza facilmente me fere vitalmente. E quando se está ferido, todo Sol arde.

Sou destroços de enchente de rio.

Aquilo que naufraga e se salva, mas no fundo conheço o algoz do turbilhão, e não há força que obste o engolir das águas dessa dor da repelência e da indiferença a respeito da minha arte.

Da minha amiga estão sempre a vista as carrancas dos bloqueios, como um estrepe que relembra a dor no nervo, como um nervo cortado que emite o gemido de um espicaçar de sua agulha.

E sabendo das escarpas suas farpas, quando houve o enigmático olhar sobre a 'imprensa de palavras' de algures que não tinham pessoas que me lessem, era um misterioso olhar, naquela circunstância com frequência, eu olhei e relacionei esse local à minha amiga, mas isso me fez sentir os próprios vagalhões que, como pano de chão são malhados nessa escoima, como se há muito não fossem lavados.

"Eu me senti muito mal e desse mesmo jeito hoje". – E hoje, e hoje e quantos mais amanhãs?-

Para uma sina estranha, essas estatísticas torvaram e por vezes foram argumentos de constatação da ignorância. No caso desse fantasma que seguia e tinha um espectro nítido, por vezes sua aparição coincidia com um momento que eu houvera tentando contato de alguma forma, especificamente eu estivera desnorteada com isso e na tarde aparece um acesso, um ser espectral no fundo do oceano no exato lugar de meu escombro de naufrágio, por assim dizer, sabia o mapa do mistério, transitava furtivamente nele. Era alguém concreto do outro lado desse espelho.

Eu nessa tríade de sentimento, meu olhar delineava bem o sentimento de amizade, filial e amor. Por vezes parecem uno, como um vento que se junta, uma força colossal. O sentido de reconhecimento materno, ele rasteja antes de mim meus passos, como uma intuição augurada, em instintos que são anímicos. Ou-

trora ressoam meus antigos passos de restabelecimento da amizade, todo esforço que parece em vão, aquilo que pareceu avir, mas não resistiu. Às vezes há o ressoar das vozes da minha segunda gravação, que não cabe apagogia.

“Aquilo é muito verdadeiro, e eu nem disse explicitamente tudo”.

Talvez eu temi registrar os seres do fundo daquele lado que aveludava dourado meu sentimento feminino. A claridade sempre me revelou uma face pacífica e serena da minha parte para com ela. As decepções ficaram machucadas, mas eu amava muito para que recobrisse de tempestades. Essa realidade dessa forma de amor jamais revestiu de espinhos de revide.

Foge-me a limpidez da água, foge-me a noção do submerso das atitudes e os espectros. E a pergunta “Por que que é tão difícil assim?”

|29 agosto 2019 14:55| terraço.

“Cada vez que me faço essa pergunta, fico procurando defeitos horríveis em mim”.

A voz da repulsa e abandono emite sinais que arranham, são garras de felino ferido, o escape escala pela pele, pelas costas cortando a vida numa condenação velada, a reprovação que arranha e espeta, fere. Horrível.

Quando a depressão está na visão do seu eu, não há muletas, as muletas não fazem andar seu lado afetivo, não há nada que encubra meus atos falhos na recusa da recusa, nos atos de procura que excederam. Nada me faz esquecê-los.

As intromissões no meu lado íntimo, de qualquer meio por vezes ferem aquilo que estou fazendo, houve isso nessa voz que eu dava, uma interrupção não permitida.

Sei meus redemoinhos de vento, mas antes da repetição das buscas por minha amiga, podiam ter sido uma dependência, mas depois não. Não era.

Houve gestos da parte dela que acenderam dúvidas sobre o que seriam, em um tipo de Sol novo cuja luz chega tardia. Gestos que pareceram ter derretido nesse nevoeiro tanto do tempo quanto da distância, mas que me recordo.

Ainda quando trabalhávamos juntas, houve uma chuva que veio sem aviso, manifestar que se lembrava de mim durante uma viagem, algo que revolve o ar em partículas douradas que resfolegam o coração. Por mim.

A imagem se condensou para mim, eu decidi voar para longe a que nos permitisse um futuro céu de reencontro, mas meu ser estava cativo, as palavras dela

me retiveram para seguir e o elo se tornar uma germinação incompreensível entre nós.

Antevisões intuitivas podem salvar, se conseguirmos conduzir melhor nossas próprias carruagens.

Quis ficar naquele lugar que nos reuniu num instante da vida, tinha que parar a aposta antes da perda ser devastadora.

- Meu pescoço arde uma dor e o céu é secura cinza fuliginosa, escuto as lágrimas do meu sentimento na voz baixa enterrada em escombros, pesos que tento remover diariamente, mas hoje eu sinto que essa saída precoce a evitar os momentos seguintes de desentendimento, me privariam de tempo precioso do convívio e do saber da verdade de quem ela é, das opções que saibram o seu caminho, do tipo de pessoa a que prefere em relação a amizade pura e simples. Por vezes já me passou como um pássaro que voou e sumiu, que minha personalidade independente e contestadora era espinhosa, mas no fundo o afeto, ele sempre foi um convite a um banquete ao qual ouviu desconfiança nos muitos ruídos que não eram pluma do afeto. Ruídos que não eram meus.

Aqueles ventos de dois mil, empalidecendo todas as chances de ter o reconhecimento por minha mãe dos meus êxitos desde seu desligamento. Não, a minha autoestima não era apenas isso, mas a perda era significativa. – Até hoje faz falta. –

Por vezes aquele momento precoce que meu irmão se foi, me alertou quão insignificantes eram e se tornariam as coisas à minha mãe. Um adiantado da hora, para mim que parecia ainda precisar dela por muitos anos.

Com o passar da união as farpas que se alojaram na minha pele fizeram essa inflamação pela falta de receber rega como flor, pelo fato que eu enxergava que a devoção ia para outrem, o ar secarrão no decorrer da vida abriu as fendas no chão da estiagem entre nós, isso afetou parcialmente como eu me sentia como mulher, contaminando meu solo de aridez. Pequenos detalhes fazem diferença quando se trata da manifestação masculina que é um tanto desajeitada e galgada em materialidade.

Houve esse momento que eu quis muito me libertar, sair de uma amarra sem que isso destruísse meu ninho de passarinhos. Eu me houvera realmente convencido de que o amor não era ali mais um sentimento que nos mantinha bem - ou que talvez eu já estava sozinha na relação, sem a verdadeira contrapartida, mas não esperava o que estaria por vir nem o quanto meu par estaria no ponto da libração necessária. Mas ainda que esse afeto de companheirismo e de luta conjunta pelos filhos tenha existido, nosso eu mais profundo de elo amoroso seguiu combalido, mais do que anêmico, sempre tentando se curar. –

Enquanto me perdi no campo que não tinha fim, nos meus desnorteamentos espirituais ou na busca de conter uma devastação, tentava restabelecer a união, mas me perdia nos caminhos da busca de restabelecer a amizade com minha amiga.

Aquele tipo de caminho sem sendas, aonde perseguia uma paz ideal a qual eu teria que constituir dentro de mim sem precisar de ninguém. – Como gorjeios esparsos e pousos diários das maritacas, seu ruidoso festejo me denotara ter essa capacidade e execução dessa serenidade, por vezes mais robusta que a força daquilo que me agredia, por vezes não. Temporadas mais benéficas e tempos de adoecimento profundo e recaídas terrivelmente drásticas para mim. Então hoje, minha consciência sabe quão relativa é essa paz, posso viver relativamente a vida, mas jamais sairá dessa limitação, de uma certa pobreza e não por falta de meu empenho. –

Eu trilhei uma verdadeira jornada de autoconhecimento e consciência para diversos campos humanos, singelamente espiritual.

Quero dizer nem tanto passado, meus escritos se adensam em névoa de estação em vargedo e em vales de nascentes.

As datas sensíveis me perfuravam feridas que todavia eu costurava sem anestésico e por isso, originou-se escrito que rompeu o último fio de nossa comunicação, mas não por mim, no fundo espelhou quão presa esteve em seus próprios domínios, quão relevante era naquele tempo as coisas de certa forma materiais e a solidão. Acho que não dependeu de minhas palavras, acho mesmo que havia em si um apego a um tempo que simbolizasse felicidade social, talvez aquilo que se plasmasse numa face de aceitação.

Não creio que após longo tempo de minha depressão em dois mil e dezesseis já não tivessem revelado de alguma forma a fratura exposta que havia ocorrido do amor enterrado em mim. Creio que essa expressão apenas trouxe a face mais blindada, mais armadura de rebarbas perigosas, instrumentos que por si só o esbarro já causaria um dano memorável e novas cicatrizes. A frieza em sua mortalha e seu escudo, algo compreensível, mas tremendamente doloroso para quem experimenta. Naquele momento em dois mil e dezesseis minha capacidade de maleabilidade íntima e física havia recebido uma avaria grande.

Por fim, na sombria noite fria, não mais se tratava de saber ou não de um sentimento tríplice, tratava-se de uma fragilidade interna dela, que se esconder de meu sentimento protegia de sua própria chuva, algo como seus próprios medos.

Na verdade, aquele confinamento insalubre que alguns adquirem com medo do Sol, optando por esconderem-se, algo que infundadamente pela minha distância, fazia refém de si mesma. Uma ótica turvada da real potência de uma relação, ao menos sei das proporções de meus atos – desconheço os anseios mais profundos dela – então o receio tão exacerbado distorce a essência e as possibilidades de nosso elo afetivo. É uma violência isso, a nós duas.

A minha fronteira fica desguarnecida de luz, fica difícil compreender porque não se pode encontrar em amizade, então esse negrume afeta mais minha dor, desfigura coisas que são inocentes. Coisas como mandar uma correspondência. Dizer o afeto.

- Sinto que existe uma espécie de embate interno, que se alterna entre o preconceito do amor feminino, e o recebimento de meu afeto. Por vezes claramente o afeto nutriu sua vida, eu sei, eu senti. –

Ah os pesos do silêncio, são como o vácuo do ar que extingue a sustentação dos pássaros.

†

Filii ludens[259]

| 09 setembro 2019 16:25 | 4 p

Quando olho para corrupio do passado, lá está aquele riso em rosto moçárabe, o olhar infantil saltitando nos seus pés no paço da praça da Matriz. O gentio aglomerado nas orlas da praça, junto ao casarão colonial caiado de branco com as beiras mostarda, entre os braços de meus pais, L mudava de colo para colo, esperando ansiosamente pela cavalhada. Eu e H revezávamos dando mãos que içam um pêndulo para ganhar um passo enorme, indo em direção à igreja a distrair a sobrinha. H se alegrava e entusiasmado, colocava L no alto do ombro para ela enxergar adiante das pessoas os primeiros cavalos com berrantes e trombetas a anunciar o tropel de pespegar dos cavalos mais imponentes lustrosos e irrequietos.

259 Filii Ludens – Lat. Crianças brincando. Alusão à interação com sobrinhos(as).

Soavam as ferraduras soltando faíscas nos paralelepípedos, as ancas indo de lado com as pegadas dando escorregadelas para cima do público que se afastava dos mastodontes ensebados nos arreios similares a tiras enfeitadas do suor dos cavalos.

Voltávamos para de fronte ao casarão, então L ficava aprumada, e eu e H ficávamos prontos para segurá-la quando pendesse a cada lado, que devolvíamos empurrando. L se divertia até que caiu no chão, chorosa, galgando o colo da avó M sob protestos nós ficávamos de ombros encolhidos de tanta desculpa.

A cavalhada passava, com bois e carros rangendo as rodas sólidas, e cavalos de toda estirpe, alguns cavaleiros pendendo ao lado, com olhar ébrio desembestavam pelo meio da rua, enquanto em local honorável sempre esperado trotava com máxima elegância o potro negro robusto e seu dono um senhor grisalho metido em um chapéu branco, em camisa engomada branca e compridas botas enceradas.

O dengo dos sobrinhos que nos alugavam para suas brincadeiras, aventuras, explorações nos dias de visita e férias, que me cercavam de uma alegria e uma falsa sensação de que eles sempre seriam assim e eu me revestia de esperança de ser mãe, como se tudo pudesse ser alegria.

†

Labor
| 29 agosto 2019 17:20 | 4h

Um par de sapatinhos. Uma roupa que não cabia mais. Brinquedos estimulantes. As cores, os encaixes, as vozes, a correria, as tantas coisas necessárias à infância.

Cada um de meus pequerruchos tiveram de mim um suor que jamais saberão. O suor sofrido de cada instante que acordei na madrugada, que corri para pegar ônibus, sem meu próprio SOS, nas corridas nas horas de almoço para cobri-los do manto de um tipo de proteção sempre insuficiente.

Queria o tempo das virtudes, queria o tempo das viagens, queria o tempo da fartura. Nunca fui boa o bastante, aliás, sei que nada pode proteger, mas o amor me estufava o peito, nos dias de asma, nas manchas da pneumonia, nas estradas sem paisagens. O tempo que urgia, que eu corria nas calçadas, nas escadas, nas rampas para não perder o primeiro ônibus. Era um tipo de pavor de perder qualquer parte necessária de poder fazer o meu papel. Ficar presa no elevador do terminal rodoviário grávida de sete meses e ter que sair pelo vão.

Aquele suor que jamais se saberá a quantidade, das horas de trabalho, das privações que tive, de meus esforços numa meta apenas – a formação dentro da honestidade, dentro daquilo que os tornasse fortes o bastante para que não sentissem o medo de perder ou que um fracasso trouxesse a demolição do ninho.

O tempo nunca foi bastante. O dinheiro nunca foi bastante. Mas fomos nos ajeitando, quando se tornaram três, o peso era proporcional, a cada indivíduo e cada dia que eu ia ter que ir trabalhar.

Os sapatinhos eram uma espécie de bibelô da minha mente, um carinho que eu fazia com melhor esmero do tempo que podia roubar de São Paulo para conceder em mágica aos passos que eles iam dando sem que eu visse. Sei como foi. A água seca. O caminho desabado. As curvas da velocidade do medo. As chuvas da cegueira. As falas ferinas que suportava. As atividades desafiadoras.

Nada podia com o relento da vida e eu me esforcei no que talvez pareça um poço de egoísmo meu. As coisas que eu me fazia para aguentar aquele mundo cinza preenchido de sarjetas dos dejetos da humanidade. Das situações competitivas e agressivas. Das perdas do meu espaço para resguardar o mínimo tempo com os anjinhos.

Então, na necessidade, eu perfilava o gentio num balcão, nas horas de almoço comprando balas e chocolates no atacado para vender na cidade, carregando sacolas que feriam hematomas nas pernas, e empurrando carrinhos com caixas presas por elástico, contando com gracejos não tão afáveis no ônibus. Carreguei sacolas de coisas para vender. Já na última gravidez, quando temi pelo bebê, então parei.

Abandonei São Paulo, mas não tinha como viver por aqui, eu pensei nas escolas e voltei ao cinza, pegava diversas conduções, ficava retida nas armadilhas das enchentes e o estilo de vida cobrava fatura que nunca poderia acomodar a educação que eu e meu esposo provínhamos.

Sei que os cabelos das meninas não contaram com minhas mãos, sei que faltei na hora de suas doenças, na hora que suas camisetas estavam encardidas, na hora que brigavam, na hora que tiveram dúvidas e que sofreram com as coisas da escola, do grupo de amigos, com pais que brigavam. Eu sei.

Então, os livrinhos. Eu como alento de minha vida de trabalho, escolhia os melhores, mais interessantes livros, corria para casa para sentar com eles e deixar que eles descobrissem. Eu li para eles? Não lembro. Eu não ouvi o que precisavam? Talvez. Tantas vezes derramei toda paciência no caminho, com chefes que gostavam de causar nervos chamando no minuto que faria eu perder meu

transporte... Tantas vezes me deparei na estrada, com meus suores do risco de acidente, do risco de abordagem e assalto...

Engoli com fel meus medos e fiz para eles terem uma chance, era o que eu temia nem cumprir. Perdi meu trabalho, me endividei por meus caprichos e por tantas vezes querer que eles não sentissem os espinhos da vida. Queria que não sentissem o despeito de não ter coisas legais, brinquedos bacanas, coisas gostosas de comer. E experimentassem descobrir coisas novas para aprender, mas não podia tudo. Eu mesma não tive metade dessas oportunidades. Não fui muito diferente de muitas mães que trabalham.

Maior erro? Fazer me esperar para levar S para pediatra quando adoeceu. Podia ter sido fatal. Seu sofrer naquela hora mais dura me fez perceber a responsabilidade para qual nunca tive preparo, não suficiente.

Clamava por harmonia nos fins de semana, enquanto enlouqueci num suor que mal sabem o que significa, das dentadas e tapas e puxões de cabelo entre eles, gritarias que me dava vontade de jogar a comida na parede, e em pontapés de um filho maiorzinho no bebê que tem metade de seu tamanho em ruas de pedras abruptas de Parati, entre fogo que comeu a cara do santo Antônio em suas traquinagens.

O suor que foi para roupas que se acabaram, nas comidas que se acabaram, nas poupanças que se acabaram em tijolos, nos planos médicos e remédios que se acabaram, em coisas que nem se recordarão nunca, naquele ajoelhar no chão para brincar, nas dores de carregar no colo, nos sustos quando se perderam.

A labuta do dia a dia que constrói algo impalpável e invisível, que agradecem, mas incompreendem meu hoje, meu momento, minha idade, as limitações e os preços que paguei.

As caixas de doces, as discussões de produtos vencidos, e clientes que não pagaram, as tintas que exalaram suores que meu esposo inalou, os movimentos e posturas que nos afetou, o sono que perdi.

Não é uma competição, nem justificativa. São esforços que quero me recordar, onde imiscuí meu afeto nas barreiras do tempo. Foi onde dediquei sacrifícios que não viram, não entendem, que faria novamente talvez mais, talvez melhor se tivesse o aprendizado que tive, e que suo ali na pia, no fogão, no chão, nas poeiras que consigo espanar, e sendo egoísta para me manter sonhando.

Reservo algo, sempre reservei, e por isso tive minhas canetas, meus pinceis, meus cadernos, meu computador, para ser meu âmago, o suor que não para

afeto a eles, mas a outrem – algo que não entendem. A semente da maçã que cospem.

A casca enrugada do tempo maduro que esconde a beleza da juventude, do brilho e amor que existiu, do labor de cada um por eles, dos choros incessantes que ouvimos e do acalento no peito deitado, no movimento suave de uma música cantarolada para adormecimento.

As pressas que tivemos por eles. As chuvas que tomamos por eles.

As transas que interrompemos por eles. O sono que teve sua corrida ao redor da cama, pulando e puxando pálpebras cansadas. Tudo foi lindo, mas hoje sinto que só achavam que eu era esse suor de labuta para eles, não era a escritora que era, a pessoa que desenhava, a que sonhava viajar, a que não podia dormir, a que estudava nas horas vagas.

Não sei se conhecem a pessoa de agora, que ama outra pessoa externa a este sistema solar, que exerce a liberdade e que não tem mais a capacidade de sustento.

Não me importa mais nem mesmo o entendimento. Queria me recordar para que as farpas doessem menos.

†

Sarand[260]

| 31 agosto 2019 18:06 |

Mirei o lago, uma carandá imaginária, vento que o abafado engolia, as fóveas do líquido cortado por um pato, e a mão que dava quirera ao ser que espaventava sua calda, eu sorri em meu solilóquio empoleirada nos braços paternos de uma árvore e nenhum odor da minha jornada desértica delirou na sede. Neste dia as pessoas chegaram com suas marcas e feições, sua bagagem de solidão, franzino dengo, olhar que alegrava a cada encontro.

As pessoas que desconhecidas cercaram a roda, na cantoria esganiçada do pato adiante, no arrulho oculto no telhado e guizos das afasias.

260 *Sarand Çarand* – árabe, persa – Ciranda, dança de roda. Uma peneira. Etimologia remonta também zaranda – es – para o termo ciranda. Em árabe localizei o escrito transliterado, ساراند. Escrita não confirmada.

No centro nosso encontro descompromissado e nosso circundar de uma dança parada em nossos pensamentos e solidões.

Nasciam como luar oculto no dia, nossas palavras de ternura e cordialidade nos tecidos de nossa tecedura em fios invisíveis de amizade pequenina. Os risos e as partilhas, as palavras de cada experiência, nos passos girando, girando um tempo advindo e fértil, no chão que nos cabe o sentido de humanidade. Sorrimos. Comemos na mesa de diálogo, eu, a eterna antissocial um tanto observava, outro tanto me alegrava, num ato repentino que finda o encontro do terceiro ato, que todos nós nos damos abraço coletivo, apenas por nada. Foi esses dias. Existe.

†

COR[261]

| 1 setembro 2019 22:10 e 10 setembro 2019 15h | Áudio 34´ a 55´ | 4 k

Os éteres das confissões do absurdo em sua volatilidade teriam flamar misticamente outros pontos de percepção, cujos olhos poderiam ter observado, poderiam ter alguma compreensão? Se os teores *vultuam* espíritos que ela passa enxergar e se vai demorar eternos cinco anos para perceber essas presenças.

A publicação do livro ergue a perna e se estende outro passo, um passo meu, mas muito mais exclusivo meu que algo que a conduza propriamente os passos regredidos que são explicitados ficcionalmente na incompletude dos acontecimentos e consciência que degusto lentamente seus significados.

Todo enevoado sobre a causa raiz e uma possibilidade mais do que a hora certa de vinte e duas e vinte e dois. Perdemos certamente um resgate de nosso conteúdo espiritual, enxergo alguns teores que me deixaram bastante desconfortável e com novas neblinas do passado. As coisas que apareceram em adição ao que eu tinha consciente dúvida, deram um plano de cor diferente.

O futuro se demonstrou de um soslaio, num vulto que atemoriza e desaparece, mas que demonstra a frustrante jornada atual.

Sabe quando se acha um fragmento de um pergaminho, e mais outro, mas de repente percebe-se que não é plana a sua integridade, mas que um desdobramento sucessivo a outro, que modifica as frases truncadas para novas frases, que ampliam o significado, mas por vezes contradiz o que antes se sabia, ou

---

261 Cor – Lat. – coração, mente, espírito, intelecto.

que agrega um elemento novo fundamental e anterior e ulterior, que criam um ciclo que somente ações do agora podem influir, mudar e/ou solucionar.

Eu perco os olhos ao nife e fico na alusão de quando irei entender o núcleo.

Um pouco mais além que um augurar, minha amiga não compreende o que sente, é medo, que recrudesce que ler simplesmente não basta, talvez quando ampliar suas percepções.

Há uma consciência das minhas depressões, que por vezes fazem a despenca de grandes blocos de gelo, numa geleira azul que agredida enfrenta com robustez, porém sofre de corrosão.

Dor e angústia no prefácio do meu nascimento como escritora, um preâmbulo a ser ilido de quem nutria afeição profunda aos meus escritos, me desespero por pressentir que não estará lá.

O sacrifício da vida toda, concentrado numa pequena mesa de livraria com caneta e aquarela na assinatura do meu eu, como suplício do abraço vazio de meus pais e irmãos mortos e irmãos com quem não poderia contar.

As farpas envenenadas da falta de condições de meu desemprego, para poder ser de fato o que deveria ter sido, mas a que preço?

As palavras não pronunciadas por vezes se leem nos trejeitos, nessa época de divulgação do meu livro, contei com amigos, filhos e estranhos, e um verdadeiro teatro kabuki de meus irmãos num suor *azufre*[262] por minha escrita, de certa forma antecipando o arraso da mofa.

Os pesos da alvenaria num reboco que pavimento e se deteriora, dando voz a zombaria à escrivaninha de escritora.

“Trabalhei como uma louca, fiz novos desenhos que jamais pensei que conseguiria.”

A realidade é que conto com quem não me entende.

“Onde está a minha amiga? Dia do escritor... Onde ‘tá minha amiga? Preciso da sua amizade, do que você pode me dar...”

O desespero é a imperfeição de cada palavra que escrevi, nunca me satisfazem, e não trazem de volta. Xingava o texto, mas há partes lá singulares. No fundo é que não me trazem ela, minha amiga, de volta.

262 *azufre* – es. – Enxofre.

"Esse vazio pesou, como se fosse uma morte."

Mais do que ter um dia passado a leitura da palavra desespero, ela não bastou ser desenhada, ela foi cingida a marteladas de cinzel e perfurações. O terror que me enlouqueceu com uma mera sensação de que jamais ela lesse o livro que nossa relação inspirou, e sonhei, com o vulto da mão que segurava a minha e soltava.

O terror de trabalhar sem o retorno da leitura, e os projetos que me aparentam incapacidade. Eu pensava em me recluir e escrever algo que instigasse a leitura de minha filha S, que ela fosse do início ao fim.

Mas havia todas as linhas de amor dela por mim escritos em livro fechado num sarcófago pior que o meu, que eu não só senti, mas me conscientizo nessas reflexões, que "ela faz escolhas que não precisavam ser tão radicais".

Meu rouquejar de lágrimas sofridas sem harmonia no meu aqui, nas palavras que não podiam ser proferidas como o chamar, não como chamado, mas a expressão da admiração alicerçada em respeito, frente a frente, como um amplexo de satisfação, enquanto teço suposições dos meus carinhos manifestos em desenhos e cartas. "Eu queria tudo aquilo que eu disse que eu queria, mas poderia ser o pouco".

Ressoam as vozes no poço profundo e negro, do desalento e receios sobre hipóteses, e já uma certeza das ausências de apoio ao livro em ser lançado.

†

Rupturum[263]
| 10 setembro 2019 15:30| 4p

Nada pode ser tão empobrecedor do afeto do que o momento atual. Vozes que vagam a passos largos em distância, e diálogos tolhidos como um escudo, pseudofruto, que na verdade cimenta a disruptura. É um apregoamento de intolerância que a meu ver dá voz para um lado negro, a desumanização.

O que antes pareciam discordâncias, nos pesos que foram pelo dinheiro e interesses pessoais sobre herança, já abriam fendas poderosas, passando-se por cima de elementos éticos e condições precárias que poderiam ter se vendido

---

263 *Rupturum* – Lat. na forma nominativa neutra do particípio do verbo *Rumpo* – is –ere –upi ruptum.

barato, mas não, e essa negativa já havia criado um espinhento olhar sobre mim em específico.

O ato complexo do fim da vida, a de meu pai, me fez quase tardiamente ver que ele tinha o direito de escolher uma companhia e aquela demonização exagerada, impôs cerceamento das liberdades individuais. Por aí já me fazia discordar que uma decisão fosse modificada a gosto de alguns, mas isso jamais me fez 'covarde', como fui chamada.

Mas a disruptura, ela se imiscui nos vãos das vaidades e ganâncias, ela se veste de falsidade, gera risos de hienas hipócritas e sorrateiramente corrói uma família. Nada como o dinheiro para mostrar os caninos podres da humanidade.

No entanto, pensava que harmonia, humildade poderiam reconstruir aquela união dourada de outrora. Ledo engano.

Viemos para a pior das polarizações, que rachou as famílias transformando-as em ruínas sem nexo.

Achava que seria superável, mas minhas intuições quanto aos rumos de destruição, desumanização e a ferida que se abre sobre as liberdades e condições despenha o abismo.

Recentemente talvez eu desejasse que algum irmão fizesse um pensar mais ligado a pensar na restauração, percebi o tamanho do abismo, na clarificação de uma coisa fundamental: quem desconhecia os intuitos ruins poderia por uma certa enganação, ter se iludido, mas os mais estudados não, era por opção. À medida que se vê a destruição bater na porta das pessoas e trazer uma fronte de violência dá a confirmação ácida da úlcera que vai sangrar até a morte.

Os descasos por desamor, desatenção, falta de caráter ou pobreza de espírito, não me ferem mais nem menos. Se percebe a certo ponto que quem defende a morte não faz parte da vida. O afeto será apenas uma misericórdia a alguém assim, mas a confiança jamais se irá refazer.

A desumanização cala o afeto, porque cala o direito de amar alguém de mesmo sexo, o direito de expressão, as oportunidades cessadas da cultura quando esta é sua profissão, e a miséria da condenação nefasta da pobreza à morte de inocentes e a destruição da história e cultura.

†

Abruptum desperandum [264]

| 22 agosto 2019 | 17:42 | 4c | Sobre a dor e desespero do cortar abrupto de convívio e amizade, na perda de emprego.

Como um dos momentos mais quezilentos da vida, houve um período que cavou uma cacimba na qual corriam águas de um gélido amargor, que detinham poder de baforar nuvens que engoliam o céu com chumbo pesado em todas etnias de Taupe[265] que embarrigavam bolhas de um desespero em todos aqueles dias, fazendo uma espécie de deserto da chuva, um lugar onde senti o abrupto som de minha respiração solo. Senti algo que fora arrancado, flores de amizade que me alimentavam de um éter, uma espécie de água anormal, da qual eu já percebera que necessitava, e que ansiosamente esperava.

Quando abruptamente perdi o convívio, que fui realmente colocada na rua, o açoite de quezília me amofinava, num senso que a asfixia saíra dela para mim, numa situação mais complicada, que me impulsionou para uma tristeza desesperadora, no profuso choro que me visitava diariamente por setecentos dias.

Procurei intensamente atividades até que elas me estrangularam a mente, procurei calar meu desespero por reencontrá-la. Era algo desesperador e constante, mas vestido de desespero.

Nada mais do que desespero, que faz correr mais veloz, que o sono foge, ou congela, que faz aumentar o peso, arcar os ombros sem uma ideia, até que surge uma ideia, e faz brotar a rosa da areia que respira um alento e fugaz jaz ressequida entre o exalar da quezília.

Após mais de um ano, a intensidade se agrava, num ar pestilento, malfadado, transformando os espelhos em distorções. As imagens assustadoras da água gélida passando e retirando minha temperatura de viver, num efeito abrasivo na fé, na capacidade, no rosto, no tênue librar entre um caminho entre trabalho e filhos, num limiar da perda da alegria e convicção de viver.

Desespero, transformando os horizontes em escalenos fragmentos opacos, com frestas que relembram algo do passado que intocável fica, entre os dedos que não o atinge, aquela luz, uma simples luz de fenda que lamina o ar em

---

264 *abruptum desperandum* – Lat. Abrupto desespero. - Tendo-se o cuidado de ver o vocábulo *abruptĭo* – *abruptionis* – ruptura. De raiz *ab-rumpo*, o verbo *abrumpo* –is –ere – rupi – ruptum significa separar violentamente. Rasgar, cortar, romper.

265 Taupe – diversas tonalidades de cinza. Taupe, Purple Taupe, Medium Taupe.

amarelo lindo iluminando o piso que toca, mas que meu ar quase inanimado não possui as notas harmônicas que consigam tocar.

Entre esses dias, o ar convulso exigia um autocontrole sobre-humano para não olhar para trás, mas eu ouvia e sentia aquele bater da alma, na falta do nutriente que me afogava, ela. Sentindo pequenos alentos quando enfim conseguia um alô de sua voz, uma informação, uma resposta a um dizer, um dia festivo que justificasse meu contato, ou o saborear de palavras que houvera desenhado como grandes líberes de meu anima, que fulguravam um Sol falso para o qual olhava sem me cegar sentindo que ela estaria lendo.

- O que difere hoje, desses pequenos átimos de milissegundos que noto um olhar suposto para um texto que publico? Os atabaques tamborilados em suas bordas ecoam por um instante só, morrem no silêncio e do distar oceânico, que corta todos os céus do firmamento das galáxias que voo para fugir a este desesperar. –

E cavava os meus poros, com unhas, cavava as curvas de intestino cérebro buscando numa cintilante partícula encontrar uma nova ideia, que se vestisse em roupas novas que cobrissem meu rosto, que como funcho aromatizasse de novos propósitos de me redimir ou de reatar amizade, amainando com sua infusão morna uma sensação anódina.

O ato de preparar uma nova incursão, me dava sobreviver ao desespero, em falsas esperanças, que morriam uma por uma, após eu destilar e sorver aquilo, na simultaneidade de seu recebimento, fosse um telefonema, uma carta, uma figura.

Até que a música ficou se repetindo por todo trajeto, até que não saía do carro, até que o tempo não era suficiente para me acalmar, nem suportar entre vidraças do olhar perdido ao retorno que não fosse acometida por ele, por vezes sentindo sair do trilho para despenhar num lugar ermo desconhecido.

Setecentos dias, parei. Pois entrecortada de montanhas, por vezes repentinamente me via esfaqueada do desespero, e tinha que encontrar um refúgio, ou fazê-lo eclodir num dado horário, e abusar de toda fé, e abusar de toda paciência de H, e não ser capaz de olhar atenta a meus filhos.

O desespero de perder, eu tinha convicção que passaria em meses, e isso durou muito, e tudo me fracassou.

Nos demais anos, um súbito vômito desses me fazia adoecer, me fazia perder pessoas, perder trabalhos, e trilhar para a inópia, e no final cheguei nela, por mais que tenha tentado e me alimentado de intentos, projetos, lutas, no final

senti que o desespero se tornara um pedaço de meu ser, por vezes me tomava de assalto, percorria quedas livres de despenhadeiros nos quais me arrebentava e quando recobrava o dia seguinte, estava mais e mais ferida.

Percebendo o desespero vencer meus esforços de estar tranquila, serena, conduzindo minha vida, via esse palhaço saltar da caixa colorida surpresa, quando menos esperava, numa insígnia que como ferrete me marcava em cera liquefeita, em topar com qualquer coisa que me fizesse recordar da pessoa, alguém parecido, um corte de cabelo, uma letra inicial, um enfeite de natal, um papai Noel de plástico magro envelhecido reencontrado de repente. Assim passei esses diversos afogamentos e apneias e fui me salvando, cuspindo da água e sobrevivendo.

Aquela falta, como algo que veio e arrancou um pedaço em carne até expor o tutano do osso, que sangra e purga, que necrosa, mas enfim com flamar cauteriza e a dor relembra os piores momentos do que me ensina o significado prático da palavra descomunal.

†

Solĭtas[266]
| 9 setembro 2019 17h | 4 p

Dia que amanheceu, envelhece, árvores que rareiam uma lua minguante na brisa leve primaveril e festejos dos pássaros. O dia que amanheceu, senti-me rastejante, enfraquecida, tal a ficar caída na cama até a tarde. Até as três da madrugada trabalhava no texto de um longo capítulo que me dava a real percepção que teria que abreviar textos, que teria que sequenciar de outra forma e que as frases se arrastaram mediante um trabalho exaustivo, no abafamento de uma noite que anuncia o voo dos cupins, em suor que me percorria sem que eu pudesse me distrair com ele.

Ao encerrar, a madrugada me entrecortava da sensação, algo tão forte e presente, uma sensação de viver algo indescritível, mas sobretudo pensando no drapejar das cores, fragrâncias, símbolos que pendiam sobre minha visão fechada em busca de um sono, num cansaço massivo, eu me arpejava não nas notas musicais, mas no caminho de palavras para que conseguisse a continuidade sem esquecer as impressões que colhia.

---

266 *Solĭtas solitatis* – Lat. Solidão, isolamento.

Os meus que se levantaram na manhã, eu mal pude entender de tão trôpega e depois me senti completamente exaurida e incapaz, e as dores cantavam gritantes como um coro fervoroso de igreja, e levei horas tentando me por ativa.

A casa me habitava, entre minhas coisas reconhecia meu manto. As gatas me perseguiam aonde eu fosse, e me larguei na rede, com o Sol transitando o céu, vendo pássaros que vinham e iam, os brotos cresceram, e eu no meu torpe solilóquio na inapetência da voz, no desânimo da realidade. A pele foi lixada enquanto eu me despertava a saber o destino das palavras, da inutilidade de minha pisadura, percebendo no entrecortar do sono da madrugada, os olhos que passaram no capítulo, quase despercebidamente, talvez a leitura alcançasse dois parágrafos, talvez uma linha, cliques involuntários e apenas um incrível sequaz!

Cinco e meia, quase seis, a claridade já ressabiava as gatas, eu mal adormecera, e havia a presença daquele olhar, enquanto me revolvi nas cobertas entre um sono ou delírio, sentindo vertiginosamente aquele ambiente de amor dourado e rubro que descrevi, como o que acontecera, sob a leitura na madrugada. Amanheci com a doença.

As horas sequentes de tudo aquilo permearam meus olhos enquanto meu corpo não respondia.

Na mesa em frente a montanha, iniciei refinamentos, na solidão profunda, a consciência que existe entre os acontecimentos metafísicos e o tempo lambendo-me com um sabre, sem que consiga saber se me cortou ou apenas deslizou sua frigidez.

Por horas imersa nos estudos e na melhor cortesia da vivacidade de A serpenteando a cauda de cima ao chão olhando de esgueio para um sofrimento de sentir presença vaga num formigamento de memória de toda aquela história escrita como algo extremamente real.

†

19 setembro 2019

Qual parte do - Eu não te amo - eu não entendi?

†

3 ADSCITA[267]

Vox matris

| 26 agosto 2019 23:25 | baseada no bilhete | 3ª 4f

Os ecos da minha própria voz me remetem à vaga lembrança, mas o fato que de não ouvir, forma-se uma lembrança igual a uma amputação.

E aquilo que se seca não regenera, eu não fui capaz de absorver algo tão simples da vida. E não havia algo para sentir seu amparo, que era simplesmente sua presença.

A vida me tirou muito. A segunda foi um golpe que eu não tinha mais energia para suportar.

Durante anos busquei ruídos para esquecer o eco vazio da voz, e nem a minha podia trazer de volta dizeres que não fomos capazes, tamanha simplicidade.

A minha tormenta foi longa, que revolvi todas as fés numa fogueira para que de algum calor reaquecido me fizesse sentir menos morta.

As palavras escritas possuem poder da imortalidade, elas chegaram em dois mil e dezoito num caderninho roto e amarelado, com caligrafia que recobre a minha, como se me ensinasse novamente a caneta empunhar, quem se opôs que eu escrevesse me deixara o dizer.

Quando terminei de ler desandei. Porque ao invés de assinar o nome, reafirmava ser minha mãe, como algo extremamente absurdo, parecia prever que eu necessitaria da mensagem como um todo, escrita em mil novecentos e setenta e seis, como um borbulho da voz celestial de mãe, para o gesto impossível de atravessar barreiras do tempo e morte.

A mim tão tardiamente conhecido o teor, como carta de guerra, fora de tempo ou no tempo oportuno da compreensão e da reverberação dentro do coração? Onde esteve? 'Todo tempo com você'.

Assim a esperança retorna como elemento que necessito, sei exatamente o que ela havia pretendido, ela profeticamente sabia que precisava me deixar essa fala. Ela sabia que não teria jeito de dizer. Passou uma vida.

---

267 *Adscita* – Lat. - Admitida, no particípio passado feminino nominativo; do verbo *adscisco* –is – ere ... – adotar, assumir, receber, admitir, associar...

Por que tudo demora séculos para me salvar? Onde está minha outra mãe? O que quis me deixar como dizer perpétuo com tamanho abandono?

Não ouço. Mas a minha tormenta ainda não cendrou.

Só engasgos de uiara durante as chuvas mananciais.

As vozes de mães na docilidade de afeição nata, essas eu guardo, em sacrários que só eu sei onde estão.

†

Finis Ficta[268]

| 23 setembro 2019 22:12 |

Pensava que abriria os braços contra o vento, e planaria como lêmures-voadores, pensava que encontraria a ilusão perfeita que realizaria perfeitamente o devaneio e a ânsia. Que ao final me desse convicção profunda na esperança. Na verdade, eu não descolei meus pés do chão. Acho que no fundo os desejos deram-me sonhos de fuga, mas no fundo neles sempre existiram elementos que demonstravam a rejeição. Todavia por instante eu aprofundei algo que queria e fui além das visões de estar com alguém apenas, andando por aí.

Reforça os papéis que exercemos, exercíamos e exerceríamos. Dentro do imutável, do findável e da amplitude que poderia se abrir.

A sensação de imergir no fantasiar, criar elementos que principalmente afetam com um soco no local letal em mim, eu pus minha vida em uma outra aventura, a de percorrer lacunas duras de mim mesma suportar, para tirar algo que não simplesmente projeto como um prêmio de loteria, mas que realmente a vida, todas minhas percepções e as intuições me deram concretamente. Torna não menos difícil o fato de passear entre sentimentos, volições, ações, fatos ou não, ilusões que envolvem em dado momento pessoas concretas, por mais que insira elementos misturados, que inclua características e reações que contenham essência não da própria. Existe o lado daquilo que se julga quando se depara com as palavras, daquelas que relatam ou pensam ou propõem uma visão surreal.

Os meus esforços parecem-se mais com fraqueza, com desleixo, por vezes meu cansaço se avoluma com a lassidão, com o esquecimento de diversos

268 Finis Ficta – fim da ficção.

pontos elaborados mentalmente, e eles fracassam nas ondas baixas do mar, principalmente pelas tantas dificuldades e forças contrárias, e por vezes estar na fantasia da ficção poderia me dar o ideal da realização do meu ego, mas no fundo eu trilhei ciente de muito mais do que simples devaneio. Há abstração, mas há a concretização de hipóteses de algo crítico e também que compõe a angústia. Desfecho permanente de julgamento sem defesa. As intuições que disso fluíram para o contexto, incômodas para um antecipar em um ano que desfechos perenes foi uma dor considerável, e algo deificado na minha vida; e trazendo o imutável do passado para o futuro, no fundo o ponto que amplia minha angústia nessa caminhada do *affectio*, os preços pessoais e as verdadeiras perspectivas que no meu viver, adoecem meu ser mesmo diante de qualquer resultado amplo que manifestar amor em uma era de ódios estimulados e fabricados, em tempos de hipocrisias e falsos profetas, onde a morte mora ao lado, as ameaças são reais de pessoas que um dia se disseram amigas, que peneiram o rosto nas sombras de rótulos e indigência. Esse tempo funesto de terremotos conceituais me aniquila e não há vão de escape para a escrita em específico, que a leitura foi a primeira a morrer.

E a amizade que eu carrego, ela se inviabiliza, ela se impossibilita, e tudo é nada. Tudo que criei eu viveria, viraria a esquina do infortúnio, mas no fundo eu sei que não fui eu a virar essa esquina, não fui eu. Falta muito e falta pouco, mas ainda escrever isso me sinto incapaz.

†

Picturata[269]

| 23 setembro 2019 22:45 | 3g excerto | 24 setembro 2019 14:57

Ainda sinto o sol e o gosto da tinta sépia daquele dia, enquanto as pinturas me olhavam nos olhos vazios, soslaio ou penetrantes. Enquanto as ondas estremecidas me tomaram nos braços, a longa vida me comprimiu e minhas pernas ficaram saltando como sob os ventos e sóis que houvera sido aquele dia sentada encurvada no banco de madeira da ilha do lago, as palmeiras acenando com um frescor, enquanto eu alternava o olhar entre um rosto e outro obtendo o olhar encaixado. O forte tremor que senti e exultação, as nuances do sépia e de *indian red* que houvera escolhido para conferir aquela amadeirada tez entre as imagens e o que sentia, em pinceladas que usavam diluições de três proporções inexatas e que nenhum traço se perdoaria o tremor ou erro, assim numa das piores coordenações eu compus entre outras coisas a primeira assinatura de rosa e folha. Lembro de gravar minha voz na imediata exultante sensação de

269 *Picturatus, Picturata Picturatum* – Lat. Decorada com cor.

ter entre meus dedos a composição do corpo, como superação, como transgressão, que improvavelmente poder-se-ia determinar pois era junção de imagens. Subi a rua em passos largos no pequeno momento de uma solitária sensação de realização, que o encurvar do papel e o amarelar dos dias esvaziou depois.

Os dias obscuros que me furtava olhar e desenhar o retrato de tulipa e granito, nos convulsos dias, com intensidades de mão leve sobre a figura par, sem precisão de nenhum estudo de proporção, nem de esboço prévio, o desenho se desviava da realidade, mas eu sentia o rosto e não queria que terminasse esse tocar.

Gestos de amor nos vãos de meus dedos, no meu tato, e cada figura para mim eram prolongamentos de minha existência e do encontro dimensional nas luzes ou cores do sentimento.

Ao desenhar em grafite o rosto, ali no fundo eu sabia que trilhava um lado de desespero meu, da única proximidade, um tipo de visão que se constrói dos destroços do meu confinamento.

O tempo sempre foi um veneno e não o funcho. O tempo foi me consumindo o corpo, a alma, a vida.

E a sensação de pintar o rosto, estar diversas vezes entre algo que jamais me pertenceu, mas que tocava com as cores, com lápis ou pincel.

Espremida no que chamo de busca da obra ideal de rosto com uma combinação que me compensa pelo impossível amor, sucederam diversas expressões, frutos da admiração, saudade, amor, ânsia e registro.

Sinto o giz empoeirar meus dedos e o flamingo esvoaçar em minha frente, o mar inexato dela sentada, o sabor do preparo das cores do nascer do dia púrpura no orvalho condensado do texto ‘Por este dia eu faria esta visita duas vezes’ para o raiar do dia das mães em dois mil e dezoito, no encontro apenas desejado com minhas mães, que este texto e desenho ficaram ilidos na ‘imprensa de palavras’, para um gelado vazio terrífico.

Ouço o cortante e ríspido chiado da pena de gravura, o nanquim ressecado, os difíceis traçados da junção de visões em alto-contraste, ao poema, juntando as sombras do amor em meus pequenos e a intrincada folhagem da flor laranja de mato. O perfume do arquivo envolve as cores, e os contrastes aquarelados em amarelo no rosto de fogo áureo, as supostas chamas vermelhas e a graduação da cor *indian red* sangrada no carmim do lábio ao soslaio envolvido pela echarpe do céu e um lençol de água inexpressivo. O que senti neste dia no lago, horas nessa pintura, já me falta recordar, só vejo as líquidas cores no godê

de pintura e a minha proximidade com a existência e no dia em que compus o poema.

O esboço segurando o queixo, o rosto de sorriso incompleto ladeado ao copo de leite, o pó que foi diluído e tocado nos cantos dos pômulos e nos lóbulos e no lado o pescoço e no ombro. Este dia ressaltei as proporções dos olhos, boca, nariz e na desproporção o sorriso refletiu mais coração, mais sinceridade que coloquei a corrigir aquela vítrea máscara que meio se conduziu a sua própria alusão de alegria, mas que a curva da boca renegou o ressoar falso, no esboço meus dedos deram inclinação dos cantos que acompanhasse as rugas dos olhos, aquela inclinação entre um meigo sentido de querer a si mesma reverter os contrastes de cores vivas. A íris aumentada complementou a existência opaca do brilho do olhar. Fiz por ela. Toquei mentalmente para que isso se corrigisse, aquela parte faltante.

Sinto o olor das tintas, a diluição da tinta, os filetes do estudo da figura, o gosto do figo, a cor, os tremores, as dores nas costas e as anotações paulatinas do poema. O esboço em linhas aumentadas aproxima o olho que contraiu das luzes do Sol de praia, a pintura exprime nas cores soltas e tintas jogadas, o gosto das águas coloridas que respingam o amor e a beleza que aquele retrato possuía. À erupção das cores próprias da pele e pinceladas brancas espalhadas com cinzéis e esteca, enquanto meus olhos seguiram os detalhes dos esboços, e meus sentidos revolveram o mar, sem a placidez e decanto, sem o cinéreo que acobertava o reflexo mais vivo da cor, as cores foram transformadas no fogo da noite, a água do dia num espelho que atapeta a desejar lavar os pés. Errei, tive contornos inexatos, a cor do figo, a sementeira oferecendo o fogo e tudo ali faz a ligação da praia com o eucalipto da região onde eu estava.

Então me deparei com a praia da restinga. Só queria estar nesse tempo e lugar. Preparei o fundo, as cores que davam um certo dourado pálido do Sol, as tintas na espátula defeituosa, sem menor precisão, minhas pernas e mãos no tremor, no terraço foi pintado o céu, verde de fundo, a praia no atelier, com o estreante suporte de pintura. Noutro dia foi composto o corpo de fogo. Eu olhei e de repente, apenas senti a cor que cabia e que faria sobreposição de laranja e filetes amarelos de luz.

Quando secou e fui aplicar o verniz, um grumo de vermelho se espalhou em mancha horizontal sobre o desenho. Após segundos de desespero, corri pegar algodão e limpar. Um tom avermelhado ficou em tênue resíduo saindo do corpo de fogo. Hoje acho interessante meu acidente, como emanação e irradiação do calor.

O rosto alizarina, experimento de toque dos riscos baseado no esboço do gosto do vento, eu coloquei cores irreais e os filetes sobrepuseram o que seria

uma cortina de fundo que absorveu o conteúdo corpóreo como projeção e o aramado fica sobreposto com um deslocamento que retira noção e proporção, mas que compõe a existência da minha amiga contendo o distanciamento e surrealidade do toque. É um desenho impactante tanto quanto o rosto dos filetes brancos.

As tintas diluídas com pincéis molhados para um derramado teor de tingimento emoldurando uma carta. O papel curvou-se da água, e a escrita foi intensa quanto tudo isso não só colore, mas leva conteúdo para vencer minha sensação de vazio, em suposto conhecimento. Nunca me foi permitido de fato saber, senão pelo retrato em lápis jumbo Koh-i-noor.

O sonho me deu os rabiscos, assim como espelho de fogo, são imagens sem retrato base, são dois desenhos puros, registros de visão de um sonho e de uma experiência inexplicável para aquele beijo entre universos diferentes através do espelho, que traz esboço das flores da serra Itapetinga.

Não fica o sentido, fica o sentir, ele se propaga, ele ocorre como verdadeiro toque na pele no ato de empunhar uma tinta, um carvão, uma espátula que amassa luzes para a bochecha, um filete para o olho, traço da sobrancelha, ou um pingente que deixou de existir no final, mas que fica pendurado na alizarina.

Precisei. Ainda sinto precisar. O rosto se diz para mim e sei que farei de novo. E assim o esboço se refaz na mente, e alguma mão que adentra o apaga. A pintura já existe e o rosto em close existirá, porque essa pintura já me vive. Toca-me um calor de loucura e assim existe.

†

Helianthus

| 26 setembro 2019 14:35 | Girassol, depressão profunda, isenção de julgamento.

Não só a observação das flores, sua incrível estrutura botânica, sua alma de beleza altruísta, nem mesmo a real noção que nos dá noção da brevidade existencial, eu quero manifestar aqui alguns pontos de vista, não para apontar como verdade absoluta, na completa certeza de que cada circunstância, problema, pessoa tem suas especificidades. Queria apenas contar, como se conta causo, como se mostra as migalhas que caíram e que seu desperdício é inadmissível.

Tantas vezes vi meu irmão chegando da rua, seus passos, seu jeito, sua personalidade indelével, trazendo nas mãos pequenas flores de mato, florezinhas brotadas das rachaduras nas calçadas, ou uma flor de barranco, aquela cor da

gratuidade do amor do criador pelas criaturas. Ele trazia para minha mãe, que colocava num copo com água, um vasinho, sobre um aparador, ou no consolo da lareira, o que me impunha pensar no carinho delicado, e em formas que não buscamos de manifestar o apreço.

Na inutilidade que senti, falta de capacidade de ser essa gentileza, ou de por ele ter sido mais próxima, mais adulta e mais diálogo. Sua escolha por não mais viver não pode ressoar o som metálico da palavra, o julgamento prévio que contém, a condenação fotográfica, e o descarte da humanidade que ele trajou durante seus trinta e dois anos. Não. Não poderia ser resumido. Nenhuma colocação religiosa poderia ter os olhos do criador para fazer a intelecção profunda e absoluta do que ele sofreu, sentiu, suportou ou não. Nem mesmo certificar sua causa de morte.

Quando vejo argumentações, até válidas, mas tão inócuas e vazias sobre a prevenção, fico pensando o que eu deprimida posso dizer de útil. Por mais que tenha lido, revestido coragem de assistir os indigestos documentários sobre a vida interrompida, faço minhas reflexões, humildes gestos que enxergo serem áridos na realidade do que realmente leva uma pessoa a não ter mais motivo de viver. Eu vivo na pele da minha alma a sedimentação das opressões, das tristezas, das perdas, da completa falta de perspectiva. Vivo momentos negros sobre os quais gostaria de dizer.

Um momento de poço negro, um estado que chamo de estado líquido negro, nele há a transitoriedade, é preciso atravessar o momento. Mas a senda negra, é um estado amalgamado, é um estado permanente, de cicatrizes irrevogáveis, não se traduz por aquele instante que um momento depressivo abre a gaiola das feras do passado, de todos fracassos e mágoas, das injustiças e alienações, daqueles sofrimentos e das perversidades da vida. É um estado de consciência que projeta o nada para o futuro e decisões lúcidas.

Falar levianamente de depressão, do menoscabo, do *bullying*, dos abusos, da falta de oportunidade, da exclusão, da perda de condição física ou de elementos fundamentais àquela pessoa, não, não me sinto capaz de poder julgar ato de ninguém.

Não se deve somente se ater ao choro, mas ao sorriso vazio. A máscara que oculta enormes feridas e vazios, por vezes banalmente encena felicidade artificial que pode sucumbir no instante seguinte. Entretanto ignorar ou exigir não resolve e subestimar o sentimento pode ser um erro lamentável.

O que sei, e é descrito em páginas internacionais que tentam prevenir o suicídio, é que muitas vezes o ato se dá num momento que dura cerca de vinte minutos ou pouco mais, e que atravessando esse tempo há enorme chance de

que a pessoa desista de cometer. Há sites que visam entreter uma pessoa desesperada a prover o tempo dessa tormenta.

Não é querer desmerecer os propósitos de quem quer conscientizar da importância, como um alerta. Se duvidar de uma atitude por trás de uma porta fechada, arrombe. Jovens têm se vitimado e é mais complexo do que algum dizer de ‘eu te amo’. O ‘eu te amo’ precisa vencer, entretanto muito antes do amálgama da falta de sentido ter se solidificado.

Mas por vezes não é o ‘eu te amo’ a questão central, há dor que eu posso dizer por mim, são do coração da alma, nenhum medicamento foi capaz de tirála, nada pode suplantar a dor de uma perda, e da falta de perspectiva, e inópia que vem se somar.

O que sei que é essa flor amarela, esse girassol que faz os olhos mudarem de direção, primeiro é a pessoa ter consciência da depressão que atravessa, e ser incentivada a atividades com as quais se identifique, com atividades de aprendizado, com seu trabalho. Perder trabalho, o que é normal, eu perdi várias vezes, não por incompetência, mas pelo meu estado depressivo, naturalmente gera repelência. Eu cumpria horário, compromissos, mas quando foi o tratamento contra a depressão, minha capacidade de expressão foi comprometida. Perder o emprego só foi um chumbo a mais para o amálgama.

Manter vivo o elo com o trabalho e atividades importantes é fundamental. Ofereça esse ‘girassol’, não espere um sinal tardio.

Alguém dizer algo, uma frase clichê, acho que deve dizer, mas ter em mente que é uma gota no oceano. Deve respeitar a depressão, eu penso, isso é opinião minha, que a depressão é incurável, ela apenas funciona como uma virose pronta a eclodir em qualquer piora de resistência, e acho a medicação completamente furada e atrasada. Infelizmente acho que os efeitos colaterais e os efeitos de sequela trazem muitos prejuízos e entendo que muitas vezes, é banalizado, mas há casos que devem ser usados. Eu acho que por vezes eu precisei, mas lamentando que medicamentos mais eficazes talvez estejam na gaveta da pesquisa não aprovada para vender os mesmos paliativos inócuos e rentáveis de sempre. Enfrentamos uma epidemia de receitas tal foi o láudano, tornando pessoas dependentes, pior, se eximindo de olhar a dor do amálgama que cresce dentro de seus corações como magma que se amontoa e solidifica.

A terapia psicológica é realmente uma solução atual, dada a falta de humanidade e senso de companheirismo, senso de amor; mas ao menos dá visão à pessoa entender o que passa, como pode se ajudar, enxergar perspectivas que não conseguia, mas isso custa, não surte grande coisa se é uma consulta de

quinze minutos e com médicos de gelo. Ainda há que se pensar que o momento do poço ou da senda escura pode se dar a qualquer instante.

Eu tento ter estímulos e coisas a fazer para manter uma conexão com algo que dê esse girassol, porque as pessoas que não me amam, não irão me amar, as pessoas que morreram não irão voltar, aqueles que não passam a situação financeira, jamais saberão, credores só querem quitação; os traumas posso enfrentar tentando, usar algo menos agressivo que substâncias que trazem consequências para saúde, e as sequelas tenho que andar com elas, mas principalmente compreender o que sou e que tenho o direito de sentir e ser.

O que respinga aos que estão perto não é algo fácil. Cada situação é um novo replantio, flores que murcham e flores que brotam, não tem como reparar todo erro, nem atender expectativas de que eu seja como queiram.

Não serei produto.

Uso para mim o verbo fazer. Fazer é algo que ocupa, constrói, reconecta com a realidade, usa positivamente o tempo. Fazer. Não é colher. *Facite diem*.

Se há algo que se possa refletir é que algo pode ocorrer a alguém que sofre a deprimente situação de perda total de perspectiva, dar falas que sugiram algo com que possa se ocupar, trabalhar, conhecer, estar com uma nova pessoa, uma terapia, usar a arte em qualquer momento da vida para esse 'constructo' de si mesmo, um artesanato, um grupo que faz algo por alguma causa, dar esse olhar e essa opção é valioso. Se dispor entender, quantas vezes forem necessárias.

Sobretudo não se culpar por uma decisão. Hoje murmuro a meu irmão: "Sinto sua falta, te amava, não consegui ver e fazer o suficiente por você, me desculpe, te entendo e não tenho elementos para te julgar".

Para mim, vou dizendo para me por de pé, esperar até amanhã, contemplar a natureza, respirar fundo e não esperar que entendam, me amem, aceitem, que sejam responsáveis por mim, quando essas coisas devem partir de mim, principalmente a construção da minha paz, porque ter empatia é algo raro, normalmente as pessoas funcionam por interesses e ego, mas não quero ficar medindo, apenas não quero contar mais, e não me sentir lixo porque não sou o que querem.

Não estou vendendo amor, nem tenho dinheiro para comprá-lo.

Sou ímpar. Sou mais que pedaços. Não sou adjetivo, nem função, grau de parentesco ou conveniência. Sou um conjunto que prezo.

Então, sou o meu próprio girassol do tempo e da alternância entre estar deprimida e tentando mais uma vez.

O que isso tem a ver com afeto?

†

Coquunt[270]
| 30 setembro 2019 17:53 | 3 |

O dia desmontado na tarde, nas tonalidades amortecidas em um céu neblinado de fogueiras apagadas flutuantes na linha do horizonte, os pássaros recolhidos nos galhos caídos e na hora terminada, palidez que é cortada por um reflexo vivo do Sol que tergiversou sem me deixar livre, sem não me assar o revestimento da derme e trincar os meus dentes.

A mesa que pedia sombra na manhã, que ocultava atrás do biombo luzes que deitavam sobre formas e iam rasgando o tempo, passando no tampo lentamente, e a água que confiscou mosquitos para uma virtual nata, e pássaros mudaram das árvores esquecidos das antigas disputas de ninhos vazios. Beija-flores desaparecidos. Como se a uma estação faltassem, os livros, as anotações, o calhamaço, canetas, cabos de energia, cadeira e almofada para o trauma das costas, saíram e entraram.

As gatas tomaram seus postos de esfinge, e um neviscar imaginado reunia as mãos estendidas aos rostos, enluvadas em semirroto papel inescrito. A rua pasmou o final do dia, num esquecido tom rosado, pássaros desgarrados e a minha árvore de mim mesma faltante, aquela mão que imaginava em meu rosto, os toques similares nas ondulações da digital, e o arrepio metafísico que me disse, que beijou meu lábio, eu senti, uma fibrilação elétrica quente e fria percorrer as carnes que salientam entre traços enrugados dos lábios, o toque se fez presente exclusivamente ali por um momento, levando-me erguer lentamente o dedo e encostar ao lábio, cuja pronúncia deslizava pela boca entregue à essa cúpula de céu na espera do acendimento das estrelas e as cores específicas dos planetas. Eu olhei vagamente, para a melancolia derretida neste calor, sem as gotas da condensação.

Olhei a lembrança dos olhos. Olhos naquele dia em que duelaram.

---

270 *coquunt* – Lat. Fervilham. Terceira pessoa do plural do presente. Verbo *Coquo* –is – ere coxi, coctum – cozinhar, ferver, assar, queimar, grelhar. Refere-se no texto aos lábios que são tocados.

†

Guira[271]

| 2 outubro 2019 10:01 | 26 graus | Céu azul com nuvens de plumas indicando mudança e frente que pode chegar em dois dias.

Pássaros enamorados choveram para cima da árvore nativa, enquanto o G esparramava seu pelo negro na sombra entregue ao calor, entre gotículas de frescor limoneno me vestiam das plumas brancas. Os piados logo deram manso cântico de "guiuú-guiuú" enquanto dois rabos-de-palha no galho se ajuntaram, tremelicando suas caudas de friso negro, numa crista o bico agitado e enérgico espicaçava despiolhando a pluma, e na ternura de meu olhar, eles se aconchegam lado a lado, outra parelha deles faz o mesmo, enquanto um perfila o muro, e uma rasante leva um deles para uma caça. No bico posso ver o contorcer de uma taturana. Ficaram numa espécie de estardalhaço de atitos "iu-iu-iu-iu" quando outro deles desce para o fio do poste, em tremuras das plumas e esvoaçar espaventado de asas e todos se calam. Eu acompanhava esses estranhos visitantes principescos, observando o casal num galho ensombrado que se roçavam, enquanto os demais davam passos desengonçados e pulos grandes, se refestelando dos insetos. Aquele par se acasalava, sua crista se eriçava, eles corvejavam baixo gemido, a fêmea erguia seu saiote, o que me fez achar engraçado, pois parecia uma dama com as mãos segurando a barra da saia para o macho explorar penugens bem mais recolhidas de uma lingerie rendada em fio de pluma claro, enquanto o Sol tascava o fogo sobre as penas marrons que irisavam um vermelho do fogo. Eu colocava a mesinha e papeis de escrita, anotações, e o cântico embevecido tomava os ares a me recordar as caminhadas nas trilhas da montanha, cujo dono desse canto jamais havia visto. Esse "guiuú-guiuú" flautado me deu alento das minhas andanças dentro do meu coração, e o gestual deles recostados na cabeça e seu traje com a crista assoprada pela brisa fresca, eu olhava numa distância a paz que eu poderia tocar, mas que certamente esvoaçaria no trinado das flautas doces em mel derramado. Assim, hoje houvera largado a dor que perturbava o sono que eu clamava me levar a ela, eu acordei largada e sem vontade, sem saber nada mais das tantas páginas que contam meu coração, com um emaranhado de arame que enroscaram

---

271 *Guira guira* – aves – Anu branco, pipiriguá, alma-de-gato, rabo-de-palha, ave de porte de 30 centímetros, corpo plumado de marrom desbotado tendendo ao mel, peito branco a amarelo creme quase branco, crista avermelhada como uma tiara transversal que inicia no rostro e vai ao final da cabeça, rabo comprido com uma faixa preta terminando na cor predominante palha. Pia iâ-iâ-iâ, tem piado de advertência i-i-i-i e um canto gorjeado giúúú. Nome originado do Tupi *Guyra* – pássaro. Em grupos, empoleirados erguem a cauda comprida, se juntam encostados em pares e pegam taturanas.

dejetos que não me permitem enxergar recordações. Por vezes vislumbro uma ou outra, num desencanto de míngua.

Um Sol que guardei numa caixa, estarrecido com meu sentido de amor enraizado, e o esturricar afogueado que a paixão deixou apenas um tapete de restolho, ressequido à espera da chuva, da verdadeira chuva primaveril.

Quase um ronronar o pássaro cantou seu flautado até rouquejar na quarta interjeição. Eles vieram bem perto de mim, voaram para a calha das águas do telhado, passarinhos negros e brancos, ficam em galhos opostos sem um ralhar ou voos persecutórios.

Estranhamente os seres vêm contra meu peito, por uma vez um louva-deus voou direto e chocou-se contra minha distração, olhando as estrelas ocultas e as constelações faltantes, como se ainda fosse uma moça a andar descalça no arroio de água. Eu vi o esvoaçar do gafanhoto que veio para mim e ficou na parede bem perto para nervosismo da minha gata, como sua prenda de caça, mas não, deixei ele em paz. E bem ontem, quando a noite me grunhia os seres ocultos e eu me perguntava o que seria aquele momento na vida de F, eu pensava porque seu silêncio ecoou e gritou e me feriu ontem.

Ao cerrar o portão, via o meu instante no lago, na raiz da árvore, com o pássaro de peito branco, que saltitava como um tiziu comendo mosquitinhos que minha visão corroída não podia distinguir, e dava corridinhas para perto onde eu tocava música, e ele virava o pescoço olhando para mim em frenéticos movimentos e veio perto da minha mão. Ah, lamentei não ter um punhado de alpiste. Ele dava os passos apressadinhos, e galanteava meu olhar quase enamorado de seu jeitinho. E um pássaro negro corvejando voou para espantar o queridinho que atabalhoadamente tentava ainda proteger o ninho, junto a fêmea, em revoadas gritantes de disputa daquela figura cuco negra que põe ovos para outros pássaros chocarem.

Achei que fosse. Achei o que céu anil puro me salvaria, mas o dia quente se passou na secura do frio ventado de uma poeira de neve que só mesmo meu coração se desfaleceu e enrijecido se diminuiu em um grão de areia.

†

Gnocchi[272]

| 02 outubro 2019 15:44 | 3m

---

272 *Gnocci* – nhoque.

A algum dia, aos meus filhos eu desejava arduamente entre minha labuta, um sabor preciso que marcasse presença de minha ancestral mãe, na sua supra dedicação. Eu queria pelos meios trabalhosos estar ali nos respingos de minha vida, amassando em macia massa cozida de batatas, na gema daquilo que achava ser possível para minha família, um momento memorável de árduo trabalho que trouxesse minha pessoa nos idos tempos que eles nasceram e aqueles quitutes faziam sentido para elevar os olhos a um estupor de delícia, alegria nas risadas e diligência no comer. Aprazia meus dias cinzentos de ida a São Paulo, então aquele preparo juntava o ânimo de alegria, nesse revestimento acortinado de ser mãe.

Esse dia feliz entre cada enrolar da massa, delicadamente cortada e fervida, juntando na travessa de *gnocchi* com molho de pedaços de carne, enquanto as fervuras se alternavam e as inquisições sorrateiras passavam por mim naquele trabalho artesanal.

Entre as tantas a travessa da massa, saladas, copos, pratos e talheres assentes na mesa, nos reunia animadamente como um interlúnio de nossas rusgas, num carinho indizível pois advinha de esforço, dedicação, dificuldade e tempo. Um carinho que não podia dizer os sacrifícios nas dores da esperança.

E restava-me a louça lambuzada dos vestígios do preparo e da degustação. Recolhia os pratos, taças, entre as águas que fluíam a embriaguez de sentimentos tão íntimos meus, que a saciedade deles jamais adivinharia.

Enquanto escrevia palavras soltas entre os pensamentos fugidios, aquela sensação de união ruía em meio ao teor de meus angustiados pensamentos, numa reprova que corria um antídoto de culpa.

O ar abafado me esmoreceu nas hipóteses de descaso, se feriu entre espinhos desse ignorar, de uma vida gigante que eu visitava e vivia isoladamente, como se outra pessoa pudesse ser. E esses confinamentos nas paredes do conforto me soterraram.

Quando me vejo sem vontade de fazer um prato especial, me pergunto o que me desanima. Os amores aos meus filhos esmorecem ou se ressentem daquela fuga da minha íntegra pessoa?

†

Collus iii
| 28 junho 2019 20:12

As últimas gotas persistentes da chuva, na réstia de luz e os suores do gramado, e as ferroadas de suas formigas, me recordavam no sol que me acarinhava no instante após, o instante que escorreu de um átimo para décadas. Intrigada eu não podia me espelhar na sensação que adiantava as lonjuras, e o transcorrer daqueles quilômetros trazia em mim a sensação dupla de uma ida à maternidade em São Paulo, mas que após aquela luz que revestira minha epiderme recoberta da tecedura das linhas no liço do tear, aquele linho castanho avermelhado em pequenos elegantes amarrotados do vestido solto respingado da gravidez anterior, neste dia, rodávamos sobre nossas faces tranquilas ansiando as possibilidades de nomes que aventávamos junto das minhas melenas castanhas abrilhantadas de fios grisalhos.

Dia prometido na manhã iluminada que nada assemelhava com dia tempestuoso do nascimento de L, e sua enluarada pele.

Na segurança de uma vida acomodada em boas promessas de vida, de esperanças que naufragaram depois, meu caminho se resumia na onomástica das possibilidades e o quanto aquele bebê me revestia uma serena segurança em mim, a qual nem fiz jus, a qual me fazia uma fátua pessoa, mas cheia dessa luz que se rebentaria em choro e aleitamento, não me fazia temer, não aquele dia.

O meu jeito revigorou H a entrar na sala cirúrgica, eu não pude olhar para ele com a máquina fotográfica, e o doutor A falava mais entoado que ele que, pareceu encolher-se diante do momento. Antes desceu um véu verde sobre mim, a anestesia fora aplicada, meus braços estavam doados a aparelhos, e eu fantasiada de uma parturiente germano-brasileira perguntando-me como teria sido no Hospital Alemão os nascimentos de meus irmãos.

Doutor A estava atento e falante neste dia, e senti o momento do amparo da cabeça com o corpinho chegando ao mundo, e ouvi a máquina bobinar o filme e disparar fotos entre uma arrebentação de um atito que tremeu engasgado emendando o uivo característico de um choro de tossidinhas entre as arpas mais agudas das cordas vocais. Eu olhava buscando a imagem, sem ver, transparecendo aquele instinto mais primacial, mais básico de uma mãe. O olhar de urgente proteção, aquele radar que instiga energia que nem possui e uma brutal força da perpetuação.

Enquanto ele, H olhava rapidamente, ela seguiu para junto de meus braços, que imóveis não me davam direito de tocá-la, mas encostar o rosto e murmurar a expiração daquele morno acolhimento, com a total percepção da criança, sentindo o batimento de meu coração tanto exposto quanto ela estava, sentindo meu ruído e palavras débeis como o ressoar da gestação, que ela imediatamente se calou e me dei conta que havia chegado aquela cabeleira preta tão

repleta de brilho que dava ondeado nas partes superiores das melenas entre visgo.

Naquele momento eu senti a tranquilidade voltar e me dar uma sensação perfeita, como se essa completude não fosse sumir num primeiro adoecer, numa dificuldade qualquer, ali eu tive o momento agora, tal uma índia, tal um ser procriado.

S estava pronta para ir para casa, nos dias que meus pais entre os jogos da copa e a geada estiveram lá, e com a sacola à tiracolo, naquele momento final das orientações de alta, S vomita sangue.

Imediatamente os médicos foram chamados, uma confusão, ela foi levada para o berçário, isolada, e eu quase teria que sair, já sem chão, sem informações que não fossem alarmantes, porque temia-se uma doença rara.

Consegui ficar no quarto com o leite represado, entre as horas de angústia, que ela não poderia ser amamentada. Durante a noite, foi levada para mim, por alguma falha, após ter passado por lavagem e muitos exames que ainda não se tinha resultado,

O evento se repetiu. Médicos intrigados conseguiram então confirmar que ela estava bem, apenas eu estava sangrando na amamentação. Portanto, após dois dias de pavor, de incerteza, enfim entramos no carro, com a nova integrante da família, com o nome que os irmãos tinham escolhido dentre os que nós selecionáramos.

S. Assim começou sua aventura, em casa, com G segurando e L sentado ao lado, no que eu realmente esperava que assim fôssemos uma família unida.

S se mostrou apegada, com olhar que não podia ver nenhum de nós sumir ao seu ângulo de visão, e de certa forma foram tranquilos seus primeiros meses até a desidratação. Enquanto a irmã jogava suas coisas no chão enquanto ela estava no meu colo, e L com os dentes nascendo queria morder qualquer recosto do sofá, barra do lençol, os dias preencheram novamente o cesto de palha amarrado pelas mãos antigas.

Novamente o cesto com aquele bebê fazia lado com minha cama, e mais uma vez eu encurvava ela de bruços, aquele talhe de corpinho que era mais barriga do que qualquer coisa, e os banhos esquecidos nas dobras no tilintar dos chocalhos coloridos dos irmãos. A correria pela manhã até a beira da minha cama, na qual se atiravam enquanto eu protegia a moleira com as mãos.

O Sol entrava para o quarto enquanto as begônias me pregavam a falsidade da transitoriedade daquela casa, e dos momentos terríveis que sucederiam.

À medida que cada mês passava, que S tonificava meus músculos do braço, que as roupas se perdiam derradeiramente, as roupas herdadas, e que engatinhava e fuçava tudo, e com rosto realmente divertido e apimentado me mostrava quanto era imune às artimanhas e bem desbravadora.

Quando a noite chegava, ali estava escalando entre nós a pequena cabeleira para adormecer entre o sentir de nossos batimentos de coração, isso nunca era pouco, isso era sempre uma sensação da tal mão que a minha mão estendera e ali aquecida ficava entre as linhas da vida.

†

Nunc

| 28 setembro 2019 21:22 | Nunc tempus | 3 k

Aquela tarde que caiu que eu não vi, aquela folha secou junto a um galho depenado que não notara, e nos ecos da minha escrita eu me refugiei dos medos profundos, da sensação ainda úmida dos dias nebulosos, na serração em âmbares luzes de minha pirose, e os fantasmas que me davam toques, ali no escuro e no dia, tudo transitou na paralisia, na atonal sabedoria apagada.

Enquanto percorri esses momentos, tentava manter o contato do olhar entre mim e algo que me faça esperançosa, numa busca interna propugnadora que pudesse deixar preservada essa esperança numa guarida que nem reconheço o que possa ser.

Ali entre a voz trêmula que me dizia minha irmã estar no hospital infartada, o fel que se inundava no insalivar de tudo que ainda há pouco tempo tive com que me deparar. Então esguardava a voz dessa irmã, numa sensação indefinível, como um senso de salvamento que não me é possível, não está nas mãos, somente algum rogo ao criador, do qual não consigo nunca a resposta para toda minha vida encriptada, me alimentando da imagem da réstia de luz a cada dia.

Naquela descrição dos pássaros, no aconchego terno das minhas gatas, esse entrementes retirou essa percepção, para uma estola, um mantô de nebulosidade melancólica, enquanto mais uma, fugi para voz de E porque todos nós nos afligimos em diversos sentidos pelos nossos sobrinhos também.

Céu da noite imaginado entre uma rotunda de luar no voo esplendoroso da coruja, seu olhar luminoso amarelo, trazendo pétalas de *Helianthus* recaídas sobre os vértices da rua, sobre as subidas incólumes das formigas do tempo, na primavera em sua veste de um saber gnose que traz reviravoltas nos pássaros recém-chegados.



Solistimum Castrorum IV

| 30 setembro 2019. 11 | Camping Itu 25 anos | 31

Entreguei-me a flutuar nessa dança diante da chuva amarela das inflorescências que adormece a sombra fresca da primavera, uma echarpe de sol, os pássaros que freneticamente empoleiram e afiam o bico, e os troncos estatelados ao céu, em nus da queima do inverno derramam um chumbo cinéreo sobre o morro. O frescor que me tece, me esgueira com véus invisíveis de seda, me recobram memórias, naquela ocasião. Viagem de outubro 2012 há quase sete anos, juntávamos nossos novos equipamentos mínimos de fogareiro, cafeteiras Bialetti em inox para quatro e para um café. As panelas desmontadas, garrafão de água, sacos de dormir, caixa térmica, rede, banquinhos desmontáveis, mochilas, travesseiros. Aquelas cores mistas fazendo do porta-malas um armazém de coisas que ficavam irreconhecíveis na acomodação. Partimos para Itu, um lugar que houvéramos ido com os filhos, era uma sexta-feira que se adiantou de nossa data, talvez plena segunda-feira. O camping estava completamente vago, e escolhemos uma clareira entre altos carvalhos, araucárias que despejavam folhas, gravetos e pinhas. Nossa barraca iglu azul com revestimento interno lilás, sob um avance de lona preso com estirantes de sisal feito de *Agave sisalana*, firmava a proteção às chuvas. A rede fixada entre dois grandes pinheiros deu pequenos momentos de sossego, até que, a rede soltou-se e minhas costas foram socadas contra o chão.

Aquele dia o Sol deitou entre os braços *araucários*. Aquele dia eu lembrei o desenho do pôr do sol entre a araucária, talvez tenha pintado essa vez, não consigo saber. Então, no chão batido arrumamos um bonito jantar, com vinho, que ali ao lado preparei numa panela de inox, sobre o fogareiro, um macarrão com molho gorgonzola. Ainda me lembro de estarmos sentados de frente, com a noite que encapuzou de estrelas e estridentes pios de narcejas e corujas escondidas. De certa forma como apenas nós, tomando vinho em nossas taças de madeira torneadas, parecíamos completos vulneráveis seres à mercê de qualquer perigo. O perigo nos dava olhar atento, entre as folhagens uma serpe, entre as frondes um gavião, entre os troncos apenas os olhos da coruja. Como uma tribo isolada, ali sentimos num mundo à parte. Apenas nós e a redução oxidada dos vinte e cinco anos e mais outros tantos anos que fomos um par, uma espécie de casal até meio sem sentido e afinidade, na mais estranha motivação dessa permanência, um mistério sobre nossas diferenças e arestas.

Um estouro do espumante vestia-nos apenas das escunas assopradas de uma luz de lua oculta. O sabor efervescente de uvas verdes no vento que enfunava velas e mares completamente secos, que nos fez navegadores dos cumes de grupiara que formavam horizontes estrelares de nossos trinta anos juntos.

Na noite andamos, imersos no escuro, naquele móbile de estrelas reveladas, até um local comum para lavar utensílios e toaletes. Voltamos andando no escuro do tempo que nos cercava, no futuro que era incerto, apenas desapegados das coisas, com absoluta certeza que nosso tempo humilde seria maior e mais drástico. Era uma previsão lógica, qualquer rilhar de nossas bocas levaria a essa interjeição. Era algo lógico e dedutível. Quem de nós poderia saber que jeito ainda seguraríamos nossas mãos? Ali apenas procuramos celebrar um momento de memoráveis tempos de união, apenas deixamos nossos problemas esquecidos nos carbonos do escapamento do carro.

A lua veio ao meio céu bem tarde, para sentarmos ao redor de um pequeno fogo, ver o revolver tenso, retorcendo as árvores em estalidos de uma fratura interna em sua fibra. Ouvíamos as distensões e quedas do córtex. Ouvíamos a nossa respiração equivocada.

Nos refugiamos na barraca de algum prazer ainda de um fascínio lixiviado. Cobertos de uma ilusão que não percebíamos quão adoecida era, e quanto nos fragilizaríamos nos tempos que estavam por vir.

Ainda encontrei sabor naquela saliva. Ainda encontrei prazer em seu jeito. Só não vi mais seu olhar. Dormimos a noite em nosso colo de saudade, nos gestos dos braços das árvores que, agitadas em ventania entre uma nuvem enluarada, de certa forma elas se agrediam ferozmente.

Amanhecemos para ver o café sublimar na Bialetti, nós com cada caneca de inox e o pão amanteigado para um sorriso cordial, como um tempo obviado, como um amor salvo, como uma família com a força dos pais. Não sei. Não me recordo gestos de carinho e carícia. Recordo apenas o calor entre as cobertas, a sensação do conforto do morno acordar.

Prontos a uma caminhada, com cantis e bonés, passos seguros, vigor de coragem. Estendi a mão para a mão que me estendeu, assim caminhamos uma trilha, nem longa, entre vegetação indecisa, cricrilares de saudação, e flores de cor lirial a me tocar as sendas esburacadas do coração por algo que ainda não tinha compreensão plena.

No pôr do sol e todas as atividades de camping, com cabelo secando ao vento, das braçadas nadadas, da nossa intimidade pequenina guarnecida pelas árvores de todos nossos caminhos, ali ficamos conversando alguma coisa frugal, longe do tanto que os filhos absorviam nossa atenção, e no fundo, éramos apenas

pessoas comuns, de uma vida comum, de mágoas tristes que nos afastava, de desejos que ainda deram seus últimos atitos, que nos anos seguintes tiveram uma grande pavuna para nos fazer reféns dos seus agudos ferimentos, sombra e esgotamento.

Entre nossa solidão na natureza, não adormecemos na corola de flor, não houve nada senão nossa inércia e senso de sobrevivência, ainda nosso tempo passado cravava nossos nomes na árvore, e as eras não pareciam ter poder de afetar isso. Mas a erosão é mansa e imperceptível e silente, as feridas internas não cicatrizam e o amor materno me aludia um viver de felicidade para satisfazer senão um orgulho imaginado de alguém que provavelmente me esquecera totalmente. Mas nunca por mim.

Como sempre, um bom momento nos fazia prometermos um retorno, um plano de outra estada, que o cotidiano depois fazia questão de devorar. Assim sobrevivi esse afeto sonhando, na maior parte das vezes sozinha.

De qualquer forma os fogareiros, os lampiões naquela noite, tão calidamente guardados entre minhas memórias de cetim, fomos esperança num mundo que todo meu amor deságua em seca e matéria inanimada estéril.

†

Renitenti[273]

|12 setembro 2019 11:32 e 18 setembro 12 h | Áudio Amor3 de 12 Julho de 2018 até 30´30´´ ✇ | 3 A, c.

Com o vento que engole, eu pensava nessa manhã de doze de julho, no parque das águas, que poderia sob aquele sol e aquela sombra analisar o amor, que pareceu gorjeios abafados e tristes, na solidão da ondulação verde musgo do pequeno lago, local que eu habitava a fazer aquarelas que houveram ficado cogitadas na paralisia de minha inação. Ali nesse dia sentei no lado oposto do lago, depois andei e parei perto do arco japonês, e depois me amparei nos degraus do jardim diante da árvore centenária. Sei que o vento e o fio cortado do pensamento me abafam a voz que tento agora abraçar minha percepção.

---

273 *Renitenti* – Lat. - Neste caso, exprime renitente - na forma do particípio passado, dativo, singular em qualquer dos gêneros; do verbo *renitor* –Lat. luta, resistência, que não cede. Na etimologia, vem de re + nitor, que exprime essa resistência, e o brilhar, são dois significados para um mesmo. Renitir, no aspecto de esforço, que também é implícito, que dá o teor de diversos significados de renitente – que teima, persiste, obstinado, inconformado.

As palavras esculpidas que pretensão! Supunha talhar conceitos delineando o amor, apenas nesse olhar distante das esculturas e tudo desaguou em capítulos que ficaram por ser imaginados, descritos.

Eu volvo olhar à luz do Sol em minha infância. Era minha mãe. O sentido morno também pipocava em historinhas pela voz de meu pai – é tão bom relembrar uma face oculta dela agora – algo que eu queria fantasiar em tecidos coloridos de chita. Nessas fitas coloridas havia uma dança inocente trançando as faceirices e alguns momentos de atenção, irmãs... lembro das irmãs. Eu senti a falta de P que esfumaçou seu rumo e pela primeira vez senti o que era falta. As vozes afetivas de minha avó F, no que narrei e o que é até então inenarrável, uma presença que fazia brilhar qualquer presente que me desse, ela trazia a mágica que embutia significado em cada objeto inanimado e eu desatei muito choro quando perdi um anelzinho de água marinha que significava a presença dela na distância, que obumbra meu olhar e que é indescritível a cor que colocava na atitude de afeto, de verdadeiro amor naquilo.

Ah aquele primeiro momento de gostar de alguém, colocava minha visão como estro de mim mesma, era um instante puro e ingênuo que caiu e quebrou como vidro, por mãos tão desastradas. Talvez por isso eu não consiga recobrar a verdadeira cor do carinho que aflorara.

Os desencontros marcaram o conhecer de meu esposo, que se dispôs a colar os cacos sociais que a difamação fizera, sem nenhuma pressão, andamos como amigos, e num dado momento eu senti que me apaixonei, e mais do que me sentir, o ser feminil ele ajudou a me reestruturar. Nas águas que passaram, eu queria encontrar um porto que nós pudéssemos fixar nossas raízes em uma família.

Tínhamos uma utopia que nos fantasiava, de seguir na vida sem que as questões materiais e o envelhecimento subjugasse o amor, na verdade cultivávamos a pureza mais sublime do companheirismo. Eu realmente me considerava capaz de atravessar qualquer que fosse a dificuldade com ele, numa das práticas mais insistentes entre nós que era a colaboração.

“Tem um formigueiro aqui, interrompendo um pouco, que estou boquiaberta que as cortadeiras estão debulhando folhas e mais folhas, levando esses pedaços enormes de folha. Uma coisa que está fazendo barulho”.

Nos aventuramos, no nosso barco que já era avariado de antemão, que me traz emoção ao pensar na união destemida e que tinha essa paixão pela vida.

- Olho para o puir do verniz da janela, o desprender do reboco, o acúmulo das avarias, e a hostilidade da fome, à espreita de um terror que nos assalta o sonho, como a realidade da morte iminente e penúria, das ameaças no tocante

da nossa liberdade, na tangência dos problemas nos ombros dos filhos e sinto uma sensação vaga como a afasia, como se procurasse nas salivas da mente as letras iniciais maiúsculas de nossos ideais, procurasse o sabor e o jeito do beijo que nutre um andar coxo ou desarticulado. Por vezes penso em uma possível carta já me dando conta do intervalo de sempre num tempo que urge. Num ressaibo de sofrimentos e do sentimento que me preencheu. –

Naqueles primórdios as ideologias talvez fossem mais minhas do que dele, talvez não, mas eu era possessiva, não, talvez fosse insegurança algo que vinha da casca do meu ovo, que fizeram eivar as bases da união. Aquela respiração do vento que se prendeu, aquela feição do céu de liberdade que se engruvinhou naquele filete dourado sem data gravada que se anelara na mão esquerda. Aqueles ares dos riscos deram lugar aos seres concretos e gritantes dos filhos.

“E foi uma coisa muito linda”. – E as coisas que dizia sobre ter sido mãe ficaram apagadas no emudecimento, da voz, da distância, do tempo... nesse azul de cinzas que decaem sobre o verde estio, que um vento quente murcha as plantas, aqui na irradiação dessa morna maternidade , meio que me *exauro* de tudo que envolveu criar meu lar, guardadas nas poeiras ficam memórias do quanto eu desejava aquele momento de gerar uma vida, do quanto chorei pelo despreparo e angústias do amedronto que era o berço que nem existia e o sangrar da dor do parto, e aquela sensação de aprisionamento em solitária, ser diminuendo de liberdade -

Nos resquícios da voz, me recordo de G, minha quase irmã-amiga, que, no entanto, ganhamos distância enquanto nossos filhos engatinharam, correram, seus cabelos cresceram e os olhos se definiram. As demais amigas iam e vinham como fumaça de cigarro, e tudo que tinha, era um pequeno lugar arrumado, entre discos de vinil, livros, brinquedos como pedras do caminho, roupas estendidas e um vai e vem nas paisagens filmadas no vidro de algum ônibus correndo.

“E essa utopia de amizade vinha de muito tempo”.

Nesse dia, eu me girava entre as árvores dizendo sobre as presenças de amor na minha vida, em trezentos e sessenta graus opacos de voz que sumiu no áudio, e que era entrecortada pelos cabelos que seguiam o vento de sempre, a utopia da amizade. Isso era um desejo de idealização profunda e refinada, entre guardados preciosos em uma caixa de madeira e marfim, sentidos profundos daquele antigo “procura-se um amigo”, mais do que isso, se estabelecera em mim um conceito personificado de um vulto encoberto por um manto em te-

cedura grossa de tear, em linhas verdes e preta que continha um embuço sempre na identidade do ser hipotético. O advento da minha puberdade, na janela baixa entre solilóquios eu criei as grandes deixas, pontos iniciais de um mapa de ilha, tracejado em linhas gerais com pontos de referências literárias e atitudes que demarcavam esse estranho rol de amizade. Eu guardei num fundo falso de caixa, num fundo falso de uma lombada, num fundo falso de um cartão postal, algo em mim que eu depositava crédito a identificar tal pessoa.

- Aqui penso eu, dois caminhos de reconhecimento me levaram a F. Estas etapas de amigo, ela percorreu rapidamente num diálogo antigo, e como um novo estremecimento, fiquei perplexa que sentisse novamente uma coincidência tão grande em relação a alguém. Pensei na época desse reconhecer da amizade-ideal que era um sinal, uma bifurcação que salvaria daquele presságio denso e enevoado de uma maternidade com tamanha rejeição. Foi imediato que sorri a ela sobre 'preferir' ser amigo. – "... complicado, porque algumas sensações ...em relação a qualquer pessoa"

Nada mais importante que eu recobre todas as feições de afeto, mais uma vez nesse momento. Eu sabia, soubera, que dentro de todo meu esforço houve uma parte crucial do reequilibrar que busquei, e que por tantas vezes essa libra caiu da mesa, sim, as questões implícitas de cada tipo de reconhecimento em relação a F, e todo o teor do que houve me desequilibrou, mais acentuadamente com um enorme ejetar para baixo com a perda. Muitas coisas potencializaram as evocações de descargas elétricas, apesar do que havia de afeto. Havia amor. Tenho um sentido profundo que havia isso, não propriamente amor feminino, um sentimento que se consolidada em sutileza, que tinha espírito próprio com vivência muito além da lógica de nosso tempo, "no fundo tínhamos amor, existia um sentimento forte maior do que havia expresso de ambas para outras pessoas no mesmo contexto, mesmo lugar, com mesmo nível de envolvimento... um fato que me assustou já logo de cara".

Provavelmente eu diria sobre pressentimento de sua chegada, não, era sobre a sensação de que gostaria de estar almoçando somente nós duas, sem a presença de mais outra pessoa do trabalho. Essa feição de um certo ar frustrado quando por duas vezes seguimos acompanhadas de colaboradores nessas ocasiões. Houvera uma vez certamente, que o local não era habitual de pessoas do trabalho costumassem frequentar, ainda quando eu ficava locada na Avenida Paulista. Uma sensação mais contundente veio, quando lá no local matriz, ela me acompanhava ao almoço quando foi cobrada por uma amiga sua algo que provavelmente ela havia se comprometido e houvera se esquecido, e nessa situação, apontou com o dedo que iria comigo. Eu notei um olhar bem negativo dessa amiga, que ficara relegada. Nesse dia estivemos almoçando no shopping

entre histórias originárias de nossos antepassados, me recordo, o almoço era um pano de fundo até supérfluo.

"Esse é um momento difícil! Escrever... Desenhar... Foi puxar de dentro algo que eu era e que eu podia ser concretamente."

Há em mim as vísceras do massacre, o drenar de soros sanguinolentos de fracassos, pressões, traumas, e F. E como um rastejo de um filhote de lagarto ferido, eu galguei as árvores do aprimoramento, por ela, por ela.

Entre cada empreender de um buscar de reconciliação, cada carta, cada desenho, cada ato, símbolo, eu jamais podia saber como ela se sentia, que revolveu todas as águas e lodos de um remanso atemporal de si mesma em relação a mim.

Esse misto de receber uma atenção afetuosa rara contra todas as sujeiras de lama nos olhares contaminantes daquilo que poderíamos ser, um desfear de coisas puras.

Com toda certeza, pela poesia de frases inexatas fluía esse amor cálido asseado, esse lençol branco desfraldava no varal com olor de sabão e flores violetas, não desfigurava aquele rosto-olhar de mãe e de amiga. Lembro apenas uma vez, algo que perpassou nos meus olhos, no grave estado de aprisionamento e banimento que eu estava, que isso impediu que visse o que eu sentia por completo. Não, não tive essa consciência durante quinze anos. A poesia verteu um fio d'água intermitente, que deixou essa umidade que noto somente agora.

"Mesmo assim não é capaz de manifestar tudo o que era".

Ah todos os tecidos que dançavam os ventos, esse amor destemido, persistente, de amplidão, constelar, da luz dos meus passos, do grande estro da arte... ali adormecido estava.

"O sentimento de amor tem uma espécie de sintonia energética, de tudo que ela é dentro dela. O verdadeiro amor, ele é assim. E eu entendo que tinha uma verdade profunda".

Nesse ínterim, forma uma nata dos meus filhos e marido, como a substância gordurosa do leite, como aquele creme, algo que se traduz doce, mas que não se aglutina com o resto do meu coração. Há intrínseca face maquiada que oculta um sinal de culpa, por amar intensamente com uma força que não pode ser comparada ao amor deles.

Há também um olhar que me forço a saber dos entes que são meu ninho, para me acolher desse frio absurdo da falta. E o resfriamento das chamas que nos

revolvia antes, e que tanto eu tentei reaver durante meu andar na agrura do vazio de F, e sei que não mais encontrei, nem iria encontrar mesmo que nada disso tivesse ocorrido. Amor que enruga sorrir do tempo. Claro que eu sei. Eu dizia na minha voz da paixão soterrada no meio do sentimento que me tornei, mas não, a paixão reclusa no nosso leito, nalgumas noites, era uma companhia amiga no decorrer dos problemas e vozes de tormento por vezes.

“Hoje eu posso olhar com serenidade”.

Aquela enorme cicatriz que ficou da psiquiatria, inócua, perene, dolorosa, por vezes limitante, mas o mais importante, no passado, as piores sombras do desespero, hoje posso analisar calmamente para me munir quando eu tiver um decair de inverno, com percepção dos erros, e dos meus.

Relembro afetos. Relembro a repelência do cansaço e a descrença das pessoas.

- As nuvens que vêm e não abrandam a verdade, que me olha claramente e de alguma forma me desfalece, que tento brotar em mim a cada dia, um alento de um voo, que me ouça, que me leia, que me toque com a afeição mais valiosa tal qual meu coração produziu, que num revoo de tantas asas afobadas, em tanta avidez de fome, em tanto ver de cegueira, em horizontes que derreteram ali, me expandi. Ali me tornei tudo que fui capaz, e essa plumagem e meus tendões estavam repletos, meu vigor uma nascente, eu cria. Naqueles instantes que a contemplação me repovoou de sentimentos bons, que olhei o *andarejar* de um passarinho, aquele pescoço que se projetava, os olhos que esbugalhavam, cílios que abanavam toda a chuva de antigas folhagens, que empinava as suas garrinhas para equilibrado calcular seu novo passo, depois sair em pulinhos alegres, a ir bicar outro pássaro, num gesto dos festejos que o calor relembra... eu olhei aquilo num abraço gigantesco do meu momento agora, com um sabiá e um canário do reino pousado, olhando com sua cor amarela, uma rabiola e uma coroa que me diz ser desse seu reino. Eu, aqui, como no cume da queda do voo, esperando a primeira chuva para deitar no colo, encantada com a dança das folhagens, e cada ser que vem me saudar num pouso forçado em meu braço, num aceno próximo tocando meu calcanhar com cabeçadinhas de afeto, sinto que esse momento grave da minha vida, entretanto, entre muito, entreaberto para uma estranha e única eiva, me faz renitente desse amor. Faz-me uma escravidão da arte e das feições morenas do que foi realmente o amor inesperado e impossível. Beijando sempre em vontade da mente, do voo da alma e do tocar do coração. Beijando sempre em vaga-lume. -

†

Discidium[274]

| 03 outubro 2019 15:02 | 3n | Desencontros e incongruências

Meu andar um pé adiante do outro, levou até ali, naquela praça, no banco vazio que o desencontro se sentou, como estátua de nossos vincos, nossas covas, nossas feridas abertas sem cicatriz. O rodízio entre as praças e nosso andar, fazia essa roda de bancos vazios, de palavras fechadas e interrompidas. Nos montes de grama e porta sacral da igreja, dos olhares furtivos e sorvetes derretendo. Os pingos escorridos para um momento de confronto da massa de creme a rebocar meu nariz.

Dei outra caminhada pela rua direita, nas calçadas estreitas por onde transitavam nosso desencontro do mapa astral, aquela incongruência e falta de áreas de interesse que empinadas nos papagaios não usassem cortante das linhas do sonho. Olhos das janelas entre meus passos por vezes percebia minha solidão, por vezes se divertia do nosso desajuste do relógio e de espaço.

Perdidos em círculos circunscritos de nossas vontades, cirandamos os vazios e os paralelepípedos pesados em balanças disformes. Os passos de nossa atração reviraram o sentido, e me decidi sentar no banco nas sombras das árvores assassinadas do colégio.

À espera, no silêncio de meus passos, do caminho que não andei. Por longo tempo, passei ali em devaneios, na suposição de sua desistência. Eis que surge na esquina seu olhar de procura e nossas conversas convergiram para as sinceras situações de meu infortúnio anterior, seja lá como ele soubesse, não demonstrou julgar minhas decisões e consequências. Mas ali soube da minha índole de me jogar ao acontecer, e me afogar no acontecimento. Nem menos e nem mais.

-Sem esperar que façam por mim, digo isso hoje, tão estranhamente na realidade, nessa realidade de escrever para uma possibilidade vaga e paga que não existe nem como esmola. Se me sinto faquir? Talvez conceitualmente, invisível. Assim entre chá refeito e farelo de pão. É um fazer aos meus olhos, sem acontecer.-

No casamento acho que ele se inebriava e eu me atinha ao fato de que pretendia uma família firme. No amor eu queria uma qualidade de singeleza, ternura

---

274 *Discidium* –i – Lat. (dis-scindo) – rasgão, divisão, separação, divórcio. – No texto significa muito o desencontro. O desencontro é a semente da separação. No latim-is-simple coloca o desacordo como um significado também.

expressas com a cor e queima do fogo. Nos momentos não gostava das sombras da falta de interesse ou atitude. Nossos amores sucumbiam nos bancos vazios, sempre achei serem dele, aquele local marcado da ausência. E era. Até chegar nessa tempestade, nessa viagem ao centro da terra, achava que o amor unia, mas talvez o que unisse fosse o uníssimo dos filhos e a luz da casa. A viagem, eram meus farnéis para a saída em busca de um lugar, a aventura que foi se enveredando aos porões do medo, e as praias perdidas nos chaveiros de correntes arrebentadas. O elo era um diálogo, por vezes poderia ter sido um pecíolo do florescimento, mas aos poucos, foi se despedaçando.

O amor incompreensível nos anos incompreensíveis iam sendo uma ciranda de desavir, contenda e depois, restabelecimento entre beijos sem desculpas ou compreensão. O desencontro era um rodízio de nudação vazia e fria, para um afastamento que vestiu os ponteiros do relógio.

A espera no banco, foi tarde em chuva, para as caminhadas da praia, e o acampamento inexistido entre nossa consciência do inverno.

Aos poucos o som da voz ficou repicando aquela batida insuportável do repique, aos poucos os olhos acinzentaram. Aos poucos meu amor gritava na cicatriz exposta, flores nascidas dessas fendas. Aos poucos os gestos do início do dia foram sufocados no passo cirandado em distância diametral.

†

Amatura[275]

| 27 setembro 12 H | Áudio de 12 julho de 2018 de 30´30´´ a 36´14´´✇ | 3 j

A lhaneza ao que guardo do requestar que foi ter feito tratamento para depressão, que me fez perambular o palude. "Não se cura amor".

Os afetos de poeira que o vento leva, os brotos ressequidos que nunca florescem, mas há sementes que guardam força póstera, que florescem mesmo diante da aridez e rispidez, que florescem milhares de anos adiante, ou ali, de imediato. F me fechou todos os caminhos, portas, janelas, se fechando completamente para mim, para um elo de amizade. "Não houve que se perdesse um

---

275 *Amatura* – Lat. – amaria, ou amada. No nominativo feminino Particípio Futuro Ativo. Verbo Ama –as –are –avi –atum – amar. Não tem uma tradução perfeita. É um estado a ser, mas já constituído, por isso o particípio. Poderia ser o *amavero*, mas ficaria restrito à primeira pessoa.

grama e nenhum pedacinho dessa essência, desse amor, e não quer dizer que você quer possuir a pessoa".

Ela se confinou entre espelhos de distorção, côncavos e convexos e creio que sua fortaleza não proveu o senso de proteção, simplesmente porque jamais adveio de meu sentimento aquilo que deu medo. Os verbos da minha amizade sempre estiveram puros dos respingos de qualquer ato que afetasse a liberdade e vida.

O sentimento de ciúmes com H, me deram uma visão que aquilo promovia o desavir, e me corroía o amor. Poderíamos ter nos amado mais sinceramente sem nos enclausurarmos nas alianças. As fidelidades requeridas que esmagam.

O que essa fase, que desconstruí dogmas para dar colunas de verdade, esse momento especial e sacrificado de encontrar em mim o amor verdadeiro, "mas eu dei de mim o que eu queria expressar, eu queria expressar o amor pela minha amiga fisicamente". O olhar com isenção a tudo que obnubilava me deu um horizonte a perder de vista sobre esse amor. Pulverizar os preconceitos que poderiam estar ainda, percebi que não devia mais isso a ninguém – Na verdade, essas partículas demolidas viraram areias, esse deserto da solidão e ausência dela; ter e manifestar o amor, não era só uma questão de completar a verdade, até porque as demais formas de amor são reais para mim, mas eu devia isso a mim mesma. Eu sentia essa implosão dentro de mim, como somente o ato de rejeição e distanciamento dela, mas havia o meu grande amor. –

"E a gente não possui pessoas, a gente está com pessoas, e as pessoas ficam com a gente quando elas querem, quando elas amam".

Toda essa voluta que é esse atilho de amor e rejeição de minha amiga alicerça muito precisamente as reverberações espirituais, as sequelas da vida anterior que vivemos. O que eu antevi a saber superficialmente ela cimentou com propriedade.

- Hoje minha compreensão se alonga por mais mares, mais desertos, que nessa referência eu expus contidamente na associação da rejeição atual com a rejeição materna por ter sido uma filha de abuso. Sem levar em conta o que vi na regressão –

Eu queria que isso fosse sublimado, destilado em purificação do sentimento de amor, que é o que vai sobreviver.

"É preciso retirar esses espinhos de despeito, de ódio, de medo, qualquer coisa latente que tenha negatividade, eu não tenho nem mágoa, eu fico olhando para isso que é uma cilada espiritual com muitas lacunas a serem respondidas".

Inexorável sentimento, me dá esses capitéis adornados ainda que minha mãe M fosse viva até hoje, isso que mostra estrutura de colunata, se deu de uma pergunta simples de meu esposo. Eu a sentiria como mãe.

Mesmo que eu fosse flor única de uma estufa, regada e nutrida, ainda assim a amaria.[276]

- Eu amei muito primordialmente F, ali me deu a sensação de reatar um inolvidável trancelim de sentimentos de amor, uma década e tanto depois me conscientizei que me apaixonei. Mas esse atar das pontas de um cordão existiu, algo que liga a mais de uma configuração. –

†

Adscisco[277]

| 02 outubro 2019 10:57 | Áudio 03 com defeitos a partir de 36´ ✇ | 3m

"E vai se constituindo sempre a presença dela..."

Adentro os labirintos da escrita, as sendas me desorientam na sublevação que sagra sentenciosamente um encurralar no meio desse canjerê, eu como uma cativa de um opimo ser que me alude águas refrescantes em seus véus de espectro astral em etéreo sabor platônico, que me faz uma solitária invisível.

Não quero vislumbres de semirrotas vidas futuras, e operosa busca para futuros de vidas às quais nem mesmo me saberei. "Eu vou confiar no infinito".

Que a consciência me delimita, no olhar microscópico que faço a mim e à ela. E há um desalento ao conteúdo da caixa x, das coisas guardadas no fundo falso, naquilo que me é misterioso, me foi mostrado, talvez para uma sutura, talvez um bálsamo, mas provavelmente como uma nutrição prévia de um novo deserto. "Eu suportei até aqui e vou suportar...".

---

276 Refiro-me ao fato de ter sido filha em uma família de numerosos irmãos, que entendo que a perda que se sucedeu de minha mãe natural não interferiria em como vi essa pessoa em minha vida.

277 *Adscisco* – Lat. Eu assumo, primeira pessoa do presente indicativo. Verbo *Adscisco* – cis – ere –ivi. – Adotar, assumir, receber, admitir, aprovar algo, associar, afirmar.

Um calabouço que fala por si mesmo de suas armas que espremem as têmporas, os ferros rangem por si mesmos as gotas da dor que se impregnam em seu pajéu[278] da injustiça,

Enquanto nessa florada golpeio a estiagem, enquanto nessa resplandescência eu projeto alguma claridade, eu penso que por meio das vozes das artes é aquilo que me faz a escultura de mármore[279] grega.

O amor que havia aos entes que rodeavam a mesa de jantar da minha mãe. Eu tinha, isso não apagava o amor em detrimento dos males que alguns protagonizaram a mim. Minha visão nas sólidas formas cinzeladas eram necessárias a toda incompreensão. "E eu tenho que escrever um capítulo dos mais difíceis àquele livro..."

Ah, não somente às cegas, como a tremura das mãos não me permitiram por longo tempo concluir aquele escrito.

O amor que me pensa, que desfila pessoas, que sacode as vestes no varal, que tenta puxar minhas pálpebras para que as espadas das luzes firam meus olhos, para que cores invadam as grutas da mente e se sentem a beber água nas artérias do coração. O amor que me passeia, mas aquela índia é dona da floresta de musgo e do tear das aranhas, aquela índia é dona das águas que umedecem o lábio das flores...É alguém que nunca se deixa encontrar, e é um sentido raríssimo, uma tenuidade que muito ocasionalmente, talvez no capricho do plano divino traga esse entrecruzar dos caminhos, o conhecimento que transforma os momentos em cores inesquecíveis e provê águas mornas do afeto verde, que brota a vida na crosta dura da rocha dos tempos milenares. Não sei o que posso extrair daquela dança dos seres de todas as vidas que percebi.

"Mas eu tenho uma intuição fortíssima que eu tinha que fazer o que eu fiz".

As tantas ações manuscritas ou dos pássaros que esvoaçaram o céu do infinito, os passos e os olhos que procuraram, foram vozes do coração, eu não quis amordaçá-lo.

"Eu vou desligar, eu 'tô no Parque das águas, eu sentei numa sombra e está tudo muito verde. Eu quero escrever, tudo que sinto, nos livros quinze, dezesseis e nesse livro quatorze. Eu quero expressar todas essas formas de amor mais profundamente".

---

278 Pajéu – Planta. Instrumento de cutelaria de Pajéu -Pernambuco. Faca de ponta grande com cabo de chifre aos anéis. Árvore do sertão da Bahia.
279 Tentáculo para poema Escultura grega, poesia de amor escrita por mim.

No desolamento desértico, ela foi um oásis por mais que isso seja uma miragem, ou que as condições do deserto tenham me amortalhado. Ou seja, ela foi ferimento e cura. Não cônscia dos meus mapas de mistérios, eu respeitei os limites mais longínquos das suas fronteiras.

Não omito a transgressão que dados momentos eram caminhos únicos meus, sempre analiso, sei as máculas que os manuscritos dos porões da maldade do tratamento da depressão me respingaram, eu sigo os passos nos sons divinos hoje nessa premissa de meditar e ter a responsabilidade sobre a minha vida. Mas somente eu sei, a agonia das dores, o terror absoluto da perda, o sangramento da falta. Não quero tropeçar nas armadilhas, não quero descuidar da minha perna e minha caminhada, em dados momentos da vida, tal qual um escorregão de um átimo poderia ter me deixado sem caminhar. Não quero desfechos precoces, pois há algo importante para eu viver.

- Nesse ponto da minha voz, entre falhas e zunidos no microfone, minhas feridas que não cicatrizam, eu olho agora, que tenho essas quatrocentos e seis páginas escritas, após ter formatado a fonte da letra, são escritos que tiveram enorme importância no meu viver, eu sinto que me impacta, a exatidão da imensidão, talvez ao leitor pareça inexata, que tenha se perdido nas metáforas e nos minotauros poéticos que são vivos e feridos, talvez não consigam compreender todos os meus dilemas, minha consciência de amor, que não possam aceitar, compreendo; nesse ponto essa força muda minha forma, ela dá forma colossal, e as faces da escultura podem ser vistas por ela, podem ecoar em visões na retina, podem dar arrepios e noção de todos meus toques metafísicos, podem trazer o introspecção do seu coração, como pode afastá-la da luz em seus arcabouços que lhe pareçam um porto seguro à espera da elevação dos mares. –

"É além da literatura, e eu quero ter esse lado de afeto mais bonito e poder expressar isso, como se tudo tivesse sido possível".

Não faço mandingas para criar a grande tempestade perfeita para ninguém.

Reflexos dos amores que tive, do amor ceifado antes de florir, dos meninos que tiveram um momento de meninice do meu carinho, e se foram da vida tão jovens e tão acidentalmente, por anos evitei recordar os poucos momentos, mas essa ingênua afeição foi um luar breve para suas vidas breves, isso me fez chorar tardiamente. Nada que pretendesse obsedar, tenho certeza. Os gestos que recordei de irmãos e amigos, gestos que acolheram passarinho ou que atiraram o girino na lama seca.

Então entre os amores, ela é a nota dissonante, inesperada, em meio ao palustre de galhos ferrenhos, nos líquidos ominosos e sentenciosos, entre amores,

um amor feminino não havia jamais passado nos olhos do meu coração, e que essa flor não nasce pela inospitez, não nasce aleatoriamente, não nasce apenas pela polinização, é um dedo invisível que me toca, que do seu olhar me abrange os núcleos mais jovens do broto, e o poder investido ao amor, faz dele dono de seu poder intrínseco. Ah as compreensões disso são águas do mar, elas vêm e vão incólumes, apenas dançando o tempo e exibindo seus volumes, por vezes conturbam e resplandecem mareadas, eu vejo assim, o assumir de adentrar um barco na aceitação de seu sacolejo para viajar ao mundo novo entre ondear de tempestades ou campos de calma e brilho.

Nesse momento da vida assumir um sentimento homoafetivo traz os preços sociais, que não podem fazer a queima do lirial, e do proêmio de vida que revigora a tez de sonhos intocáveis, no absoluto que pode ser um amor pleno desapegado de custos à liberdade.

Impressionante o mergulho do promontório para uma curva do mar e suas piscinas verdes de perfeição, essa espécie de coragem, esse estouro das escumas e bolhas preenchendo balões para deixar os ventos dirigirem. A força da pancada da chuva cinza dos chumbos derretidos e raios estrilando luzes santelmo, ou o céu totalizado de azul ótico, como que meu corpo perfurando as tantas impossibilidades da vida, perfurando o tempo, o espaço, o não e o medo mudo, o silêncio do meu sangrar de não. Transpondo as barreiras com a força incrível do batimento do coração, pegar esse coração e saber o seu terremoto.

Admitir o morrer e viver dentro da sua mão, e saber que, não pode conter sua vida própria. Como pássaro que nasceu vigoroso, que não tem mais lio, que mostra a felicidade como obtenível, que o desfiladeiro parece a guarida para o ninho, de voo insopitável, o amor foi solto ao vento nas tempestades de gelo e fogo. Muito impressionante a força não do gêiser, mas das entranhas do nife da terra. A ferocidade dessa força nos atinge.

"Eu nunca pensei que eu fosse numa coisa dessas nesse momento da vida".

O teor dos afetos, o carinho filial evidenciou o olhar mais abutre das pessoas, sua vontade de nutrir para que eu me tornasse carniça e meu lugar fosse tomado, ou que eu me abatesse e desse conforto dessa exclusão para uma posse da vida dela. Outras fumaças fosfóricas circundavam-me para um lar de confinamento para meus filhos e esse outro 'aleitamento', um esteio que veio se corroendo em acidez gástrica da rejeição e repelência. O afeto que foi imaginado como expansão de nuvem radioativa.

- Como ela viu e foi influenciada das opiniões alheias, desconfianças e preconceitos, não sei, mas um tanto ocorreu nitidamente, pelo cartão da flor branca, e

pelo momento da ida à sua casa pós festa. Sinto que uma gota que corroeu foi sim colocada em seu íntimo. –

“Como as pessoas olham e acham inadequado você manifestar um afeto filial, acham que você está simplesmente se dissimulando, não era o caso, nunca foi e esse lado nunca vai ser. E basta isso para mim, eu estou dizendo isso para mim. Já basta de olhares maliciosos das pessoas e coisas que fazem você minorar. Eu tive oportunidade de ter um amor lindo na minha vida”.

Nas cores mais precisas das ficções que escrevi e escreverei, queria que a beleza chegasse aos olhos, que desse a exultação da completude de ser tão amada, da maneira de um voo de balão sobre os mares e as luzes polares da lua, que fossem leito de crepúsculo austral e o lugar perfeito do acolhimento nas lareiras do recolhimento íntimo que ninguém pudesse atacar.

Eu não tenho a receptividade, não sou considerada, meu estranho poder se resume nas minhas ilusões, em cores que me trarão talvez algo ruim. Eu sei que nem sequer tenho as vistas para o anu branco, que ele sobrevoa minha casa, meus sonhos, come minhas borboletas e me deixa sem suprimento para a invernada humana, e meus gestos se confinam em dizeres inexatos “eu nem vou poder dizer nunca em carinhos físicos”.

Fui recolhida naquilo que sabia e percebia dela, os aspectos referenciados aqui são baseados em fatos e refletem minha opinião,

Os gestos que partiram dela, de como ela se sentiu, contém esse palheiro misto de gravetos colhidos das outras árvores, são sensações e influências do anterior que ela mal imagina existir. Vida anterior. Anteriores.

Os espantos que decaiam no lago e virem verde musgo no lodo. Repulsas e ojerizas que se desfaçam nas corredeiras das chuvas, que as pedras mais belas serão limpas ao Sol. “Sei lá. Dane-se. Foda-se”.

Teríamos vivido abraços ainda que virtuais, teria sido muito mais qualitativo, mais brandura e inesperada cipsela de dente-de-leão que cai sobre o calor seco da fome. Encontraríamos em nossos braços o embalar de sonhos e de falas de ternura que jamais seria ter ido para cama com ninguém. Acalma meu coração por saber profundamente saber o que sinto e em mim não oculto meu peito aberto. O sentimento e seu elo não se renegam em si, ele[280] é torturado dentro das amarras asfixiantes que ela pode impor.

[280] o sentimento.

Não é algo que existe somente em mim. Existe nela. A clareza dos dias que amanheço são a voz não de uma esperança, mas a certeza.

Ali próxima da árvore centenária, eu sinto, o saber que não se explica, as folhas que mansamente descem ao meu ombro e ornamentam meu cabelo, e o ondear das águas na voz do vento do sol, como sussurros que exalam nos perfumes dela que me chegam, no envolver da natureza em sua exuberância como aquela cor da superfície do deserto, numa umidade de beira-mar. Ali diante das gramas que dançam o movimento dessa dança de livre sentimento.

“E fica pra mim, o que eu sinto em relação a isso”.

Os olhos verdejantes que repousam em meu rosto, que as falas pegam de raspão, que o calor cauteriza meu tempo e alguma ourela do meu vazio. Ele ainda me impulsiona um gesto de carinho na afeição por uma alegria guardada nos escombros. Existimos como um vergel que se teia sobre as ruínas abandonadas de uma árvore forte, mas que é rodeada de um voo dobado entre as queimas e o reflorescimento por uma borboleta grande amarela e negra.

Entre mim e ele que as águas fluam enquanto são curso, não cobro sobre esse amor as cinzas de nosso *Castrorum*, os ventos que ventam dela apenas ela mesma não vê e não ouve o rumor e verga. O fluxo de tudo por inconsistência tiveram mais anteparos do que fronteiras naturais, ela mesma impingiu o represamento e não o fluir natural.

A vida é ... Pessoas diferentes.

Na confluência de minhas próprias hipóteses sobre o afastamento, entremeio as diferenças com aquilo que atribui importância, a consideração ou a falta de, foram mais gritantes que o rio que transborda a represa, uma represa que não conseguirá extinguir o veio da água, o movimento de seu estado. Confluiu entre o que pode ostentar como objeto ou o objeto do sentimento, o pleno sentir... O pêndulo é induzido a não responder.

“Eu não sei se é por ai... Para mim estar com alguém é tornar mais vivo, mais pulsante o amor que se sente.”

O amor cabe em si todas as variedades de espécies de borboletas em si.

O amor voa em direções a outras pessoas, voo baixo, voo perto, voo familiar.

Se não coubesse ostentações e vaidades, egoísmos e aparências, interesses... que se abstivesse da possessividade poderia amar verdadeiramente. Não há grilhões nem rédeas que prendam o pensamento. Nem a si.

Uma mera ilusão que o ser humano quer ter. Poderoso sobre alguém. A vida mostra no momento que um ente morre, que se adoece, no momento que a pessoa escolhe outra vida. "Porque não tem controle de nada, nem de quem você ama, muito menos".

E pela paixão em robustecer por alguém, transforma completamente a paisagem e o horizonte, a sede e a fome, as necessidades e o que sente ser realmente preciso. A paixão profunda que aguilhoa os confins da terra da alma, sentimentos não efêmeros, não de uma florada única, não de férias de verão. Aqueles que mudam o relevo profundo da alma. Amor profundo na exuberância de flores imortais. Paixão capaz de trazer o degelo, tornar uma sensação tátil dona da extensão toda do ser e de um sentimento que nem quimicamente, nem fisicamente possa ser definido. Somente existencialmente e animicamente.

"Mais do que o brilho do olho, mais do que céu, mais do que o mar, mais do que tudo. E não é só aquilo que te faz sofrer. É aquilo que te faz viver, mas faz você morrer também."

- Digo como solfejo e como retinir e resmungar, cantarolo a um encantamento de serpente, não há turbantes para conter os cabelos da verdade, não importa os olhares morais, pois amoral é o desamor, o ódio e tudo que violenta a liberdade humana, amoral é o sofrimento talhado por interesses, sofrimento imposto por uma casta que tenta ferir por condições desfavoráveis. Não há moralidade que possa ser carrasca do amor, não pode estar acima do coração. –

Se puder viver qualquer parte e de qualquer forma o amor que sente, tem que viver. Tentei atitudes que pudessem dizer meu sentimento, elas nunca abrangiam porque eu não sabia. "Ser de verdade aquilo que eu tinha como utopia de amizade".

- Creio ter tornado real, mesmo que para mim. Atitudes que não eram hipocrisia, nem ganância. Foram a voz do amor. Eu girei os ares para ver as pessoas e não sentir tanta falta. –

Amanhã era dia do meu irmão M, que trazia os olhos da possibilidade, fazia parecer que as oportunidades existiriam. O entusiasmo que vencia qualquer mau momento. Ele me fazia lutar pelas utopias que eu amava, dentre elas ser quem eu reconhecia. Meu irmão foi meu amigo oculto nos jardins das esperanças pintadas nas nuvens de cada amanhã. Eu o amava muito.

"E sempre será. Amor verdadeiro não tem substituição, não tem simulacro falso. Não tem. Desligo".

†

Prandium[281]

| 30 setembro 2019 16:10 | 3 |

Em meio a uma bruma áspera, olhei as incongruências da vida, a distância que perfazia quilômetros que gretava um abismo não tão somente de tempo, nem distância. Afastava a conversa pelos interesses outros, pela falta de atenção, ou pela circunstância que cercava o meu ato de escrita.

Não me acerquei de esquinas, nem de baixar a cabeça, as brumas por certo fizeram incerta a imagem do que houvéramos sido, e diluiu as tantas coisas, conversas, lembranças.

Havia tempo que não a via. Havia tempo que não havia.

Aos poucos um momento surgia, entre seu acaso, sua luz, sua alegria.

Enquanto eu dirigia o carro, e dava uma carona para o aeroporto ao meu sobrinho, minha irmã ia a tiracolo, junto à minha caçula. Os quilômetros os mesmos. Uma despedida incomum, pois E foi criado longe, assim permaneceu em figurações ocasionais para os sorrisos e festejos enquanto meu pai ainda inundava os corredores com seu assobio.

E porque esta carona era algo muito incomum, levei P para almoço num restaurante que era muito agradável, comida italiana muito boa e uma torta de maçã que certamente faria ela sorrir.

Após tantas sendas entre avenidas que me associavam imagens tristes deprimentes daquela luta infinda e perdida, eu aquele dia cortei esses lugares na nossa conversa animada e sempre tão cativante que era o jeito de P.

Pelos corredores do tempo, o retinir dos talheres, os vapores de especiarias, as gotículas de frescor, o ressoar das falas fez-nos robustecer nossa irmandade, com tantas coisas amenas que naquela hora eu desejei a ela.

Eu olho esse momento perdido em uma oportunidade que evaporou e jamais novamente isso poderá acontecer.

Portanto, em memória estendo o brinde sem sua memória, como uma irmã que me dava sempre acolhimento, até um dado instante aquela amizade trilhou nossas vidas alheia às farpas do egoísmo, e as farpas do julgamento.

---

281 *Prandium* – Lat. Almoço.

Como admirar cavalos à galope, céu azul puro, frescor do afeto, meu coração se enche de um cálido abraço invisível por este momento ter sido possível por minha intenção.

†

AD FEMINA ET SUA VERITATIS[282]

| 02 outubro 2019 16:23 | 3m | revisar

As falas são extensões da pessoa, não exatamente verdadeiras, podem encerrar um cartapácio de interesses, máscaras, motivações e esquivas. No que tange a verdade, certas falas não iriam conduzir um controle sobre mim, não trariam benefícios diretos talvez nem indiretos. Ainda que um dizer que me dissuadisse de me demitir, naturalmente fosse uma decisão por tapar uma cárie com um curativo provisório, uma fala que demonstrava ver a posição de cada funcionário naquilo que almeja, apenas munia a ela com elementos de menor valia para controlar as situações. Essas colocações embora não fossem loas, nunca representaram a relação pessoal.

"Agora você pisou na bola". Isso foi algo não pleno de verdade, porque eu considero o aturdir do chamado como mãe nessa circunstância, misturava o desconforto com a vontade pessoal de desvencilhamento.

"Por que não diz com essas palavras isso a ele?". Poderia significar um interesse de acomodação de um problema a fim de não interferir no rendimento e foco no trabalho. Mas infringia um código que não permitiria uma manifestação sobre um problema afetivo e conjugal, sem estender o elo de convívio para uma intimidade. Por experiência ela não agiria, teria outros meios de aconselhamento sem entrar realmente no teor da vida privativa. Aventar possibilidades sobre que um dado momento meu esposo poderia de certa forma transbordar seus problemas, "de repente ele desfila o rosário dele", algo assim avança mais ainda sobre a intimidade, mas eu enxerguei como uma real vontade de que eu me fortalecesse diante de alguns desgostos. Eram mais do que meros desgostos e rusgas.

Os chuviscos de uma praia, as águas quentes entre um drink em São Lourenço, um telefonema à meia-noite, o dia seguinte de um aniversário de casamento, esses elementos refluíram respingos das gotas cadentes, num resvalo que

282 *ad femina et sua veritatis* – a mulher e sua verdade. Ela na verdade.

posso sentir até hoje uma reação intrigante, diante dos meus momentos de intimidade com meu esposo, havia nestas o *efflictim*[283].

Notória alternância de humor e reação, se pavoneou como pandorga, mas me respondeu secamente, "Não vim aqui para isso". Foi alguma argumentação sobre porque estaria me tratando friamente, e se não ia conversar mais comigo. Fora um dia tenso, cujos trabalhos foram feitos em meio a meu pranto e também dela, sem que pudesse tabular contabilidade do que significava o choro de F. Se sentia afrontada? Se guardava alguma injúria que alguém tivesse inventado, ou se sentia mal de ser tão rude naquele momento delicado... Foi um estranho momento de mudança de tratamento.

"Você está com uma ideia fixa", ao dizer algo assim que feriu no meio da minha face, tampouco conseguia olhar meu rosto e agitava-se urgindo sair de perto e não constatar a mágoa que havia desferido.

As evasivas posteriores geralmente entremeavam falas de jargões que beiravam à jocosidade, contudo não xingavam. Ainda assim faziam-me ferimentos.

Houve um dia, uma crítica esquisita, sobre meu franzir de olhos, o que costumava ser de mim um trejeito, um ato sobre minha vista ruim, um olhar que procura focar sem a lente adequada, geralmente era isso, talvez significasse uma interrogação diante de algum pedido muito autoritário, talvez. Da minha parte parecia sempre buscar chance de me diminuir diante das pessoas da equipe. Lembro-me de um colega dizendo que temia sombra de quem quer que fosse que mostrasse capacidade e propriedade sobre os assuntos que tratava. Até acho que havia um lado de algo assim, até porque fui sofrendo pressões sobre outras atividades, as quais não eram de meu domínio, que me deram a visão de que pretendia cavar um motivo para minha demissão. Não foi só por minha opinião. O desconforto comigo havia piorado e mudar para o mesmo escritório não foi bom. Foi o fim. Acho que isso fez nela um dissabor, até maior pois não me conhecia o suficiente, mas já era algo decidido, eu sabia, era uma após outra atitude para me mostrar inferioridade. A contratação de meu colega nem me era algo tão relevante, mas o fato de tratar isso enquanto eu estava de férias retirou qualquer avaliação. Era simples, jamais teve intenção de me manter. Ali isso ficou claro e pude saber o tamanho das intrigas.

"Eu te amo". Eu perguntei porque havia me dito isso. A resposta jamais respondeu qualquer coisa.

---

283 *efflictim* – Lat. violentamente, apaixonadamente, ardentemente. Referente ao texto, essa qualidade de reação continha nela mais do que entusiasmo, uma alegria maliciosa, havia naquilo a exultação do que era intocável para ela.

Em verdade, diversos tons de dizeres marcaram a repelência, o afastamento, desde o pisar pesado no ignorar da presença, no olhar ferrenho em alguma situação que nos levasse a topar durante as saídas do almoço. Após esse tempo as atitudes demostraram frieza, esvaziamento, falas que desqualificavam o que havia sido nossa amizade. Parecia um constante rasgar de sentimentos. Iam fazendo ferimentos. E a totalidade de negativas a um diálogo.

Nessa época senti a adaga da rejeição girar o gume no meu corpo. Portanto fui me desesperando, em entremeios de falas mais brandas.

De onde proveio o seu ódio?

Sentiu-se agredida, sem que jamais eu tenha tocado um dedo. Como se o sentimento meu fosse aquele tipo de geração espontânea de combustão a que ela fosse se vitimar.

“Não. Nada”. Assim se disse quase as palavras finais em resposta ao que sentia. Havia perguntado. Ficou como nada e nunca.

Entre muitas disposições que pendiam do sarcasmo ao iracundo, não senti que tenha me ouvido nunca.

O tempo passou e vivi isolada nas cartas para o vazio. Um vazio bem verdadeiro e mortal. Um pesadelo que me fazia sopesar qualquer coisa que aventasse. Senti essa ameaça como uma hipótese de consequência.

A verdade que ficou, foi sua negação a tudo que eu fui, sou, ou que arriscasse a ser. Negou o sentimento. “Com todas as letras”.

†

Profunda sub antro[284]
| 03 outubro 2019 15:45 | 3n

Dos recantos da biosfera, antes das confluências de qualquer água de desgosto, as águas corriam puras, infindáveis, esquecidas por amor do criador, não indestrutíveis. Apenas puras na síntese daquele dia, do ar que não carregasse olor fétido duma fossa, o céu estava tão e mais ainda puro azul do oxigênio. Nosso

284 Profunda sub antro – Lat. caverna profunda. No texto Grota Funda, uma região de nascente na serra Itapetinga, Próxima a São Paulo-Brasil.Com duplo sentido. Aprofundamento das nascentes, por um lado representa nossa ida familiar lá, por outro significa a fluidez das águas do meu sentimento diante da família.

caminho não carregava o bivaque de desentendimentos, estivemos em nossas camisetas de algodão e calças, em cores cintilantes de um dia resplandecente.

Os pedregulhos da grupiara da estradinha, serpenteada entre pedregal, nosso carro patinou e desgarrou terra, até que se via a pedrinha e a vista panorâmica do vale nos embatucar.

Eu, L, N, H. Subimos na aspereza, de cara contra a força da erosão. O tempo se soltava e nossas almas talvez esfaimadas daquele verde que embuçasse nosso ser entre o murmúrio da nascente.

Nos caminhos e com as faces deles desenhadas deste ano, na lassidão das gotículas que se depositam na mata longe do Sol que cobra os seus impostos. Lentamente andamos até a água que revolta em seu pequeno passo de corrida, o álveo vítreo de musgo, terra escura, transparência e espumas ondeadas, no cristalino de olhos vertentes, era o amor eclodido olhando-nos na cara. A confrontação da inexorável situação entre mim e H. Mas um véu se vestia nas folhagens, em flores sem reparo, em caminhos de mato morto pisado. Havia um sabor de sede neles que impedia de enxergar aquela vertente de mim mesma, no meu mais contundente dizer, que resfolegou o ar parado da casa, que voou para longe dos olhos como borboleta agônica, e fulguravam as flores como bandarilhas estacadas no touro, numa perífrase incompleta que dizia, irrepresáveis as águas correm irrepresáveis. Sem que se percebesse que transbordamento ou vertente eram.

Naquele ensejo, eu colimava que soubessem de minha boca, a cantiga de amor que me adormecia em colo, e me acordava no regaço, a cantiga de amor que eu sabia somente o início, que depois entendi o resto, e a música, era somente para meus olhos do coração, eu tencionava apenas que soubessem, mas o prato caiu e quebrou. O conto ilido foi apenas um solitário divertimento. Aquela alma de quem eu era permanecia fantasiada dos afazeres de chão e cozinha, com a dor no lombo e noites vazias desesperadoras.

A água corria ali esfuziante e cristalina. Era pleno frescor, saciedade, vida, promessa e eternidade. Era o meu amor que vertia do coração a nada, fadado a encontrar os perecimentos da pureza.

Mas ali, era a beldade.

†

Carentis[285]
| 03 outubro 2019 20:57 | 3m

Desejaria fazer uma embrocação no coração como ungir de um óleo santo, que reparasse esse sentimento. Não poderia simplificar. Não posso apenas sentir como uma amputação, a memória da dor e sentidos. Não. É uma sensação horripilante de ter alguém arrancado, talvez porque me fosse uma última corda a segurar. Embora achasse infantilmente ter rolado um despenhadeiro, que impulsionada pela obliteração de F, surtia um efeito extrusivo, mas não do amor que eu enxergava àquele tempo. A extrusão era o afloramento de um nada que me alagava a alma. Era o corpo vazio dessa antimatéria. Um buraco negro que ia propagando sua força de atração e corroendo o resto.

Os minutos de iniciar dessa corrosão, me deu desespero. Achei insuportável, porém esperava amainar. Piorou nos anos subsequentes. Aquilo foi desfigurando meu mundo e a mim mesma.

Gastei tudo para me resgatar.

Será que posso definir um tempo verbal que não recorra?

Não pode conter a infância da palavra carência. Não porque simplesmente ela empobreceu significado, como se atrelasse a uma má nutrição. Não.

Poderia saber a nutrição, era a sede que dava, uma sede vital, de algo que somente dela viria. A presença. A existência.

Era um buraco branco. A matéria. A mater. Causa, fonte e origem.

A ausência não provoca simplesmente saudade, que uma lembrança projeta cores que trazem melancólica e saudosista emoção. Suportável.

Essa ausência era o corroer da minha vida. Senti isso de antemão. Previ isso. Senti uma espécie de uma marola de seus efeitos, num fim de domingo, que ansiava a segunda-feira sem saber porquê.

Escrever isso é algo que me pesa, que as palavras de algum poema ocultam a cruel verdade desse cordão de ouro que me prende a ela.

---

285 *Carentis* – Lat. carente, em falta, carecida de. Verbo *carĕo* –es –ere carui – ter falta de, estar carente de, estar privado de. Passar sem, abster-se, sentir falta. Na forma Particípio presente ativo, genitivo feminino ou neutro.

Ultrapassa amor para uma força que bizarra poderia afirmar ser cósmica. Por essa forma de força incompreensível, que simplesmente não encaro isso com o desdém psicológico, encaro como reverberação energética da criação. Algo além daquilo que posso entender, mas entendo intuitivamente e cada consequência disso me faz lembrar, constantemente.

Mais do que um falecimento, isso me diz algo que compreende mais o tempo do que a morte. Ninguém mais supre.

†

A falta de capacidade de elogiar diz muito sobre o desamor. O reconhecimento não é algo dispensável, nele exprime-se o respeito àquilo que se faz. A bajulação apenas é seu simulacro.

†

Noctiuagus[286]

| 03 outubro 2019 21:30 | 3m | Música: Tiefblauhorizont – thommas Lemmer, Liz on top of the world – Dario Marianelli.

A sombra que não se atreve. Madrugada que não se determina. O ar parado na friagem que me fazia refém do incômodo. No sono que não se aprofunda e os movimentos ditados pelo subterrâneo das circunvoluções. Espasmo e piscar trêmulo com olhos cerrados.

Eu adormeci suavemente com a dor de cabeça escoando pelo lado direito do rosto. A tênue friagem silvava nas frestas daquilo que flutuava, uma brecha no espaço de tempo. Tudo já havia saído errado, eu lamentava tudo que seria devastado. Eu corroía dores e hematomas que não tinha visto.

Recolhida na vergonha, embaixo de lençol desarrumado, permaneci durante as duas e três horas, o mínimo ponteiro me avisou por um instante que consegui ver. Quase nada de luminosidade reverberava nas paredes do corredor. Um rugir longínquo de motor de carro.

Adormeci um tanto mais. E senti a pressão do colchão abaular com um peso. Abri os olhos e F sentada, estava com a cabeça voltada para o armário-estante, mas suas pálpebras davam pequena fração do globo. Sua íris, ou, o relevo se movia de um lado ao outro.

---

286 *Noctiuagus* – Lat. Aquele que caminha à noite.

Um tanto desconcertada, sussurrei: _F! F! Sou eu, M! O que foi?

Ela continuou estática, e meio minuto depois, eu meio encolhida, observava, com as mãos que se dirigiam ao braço, que recolhi súbito receosa de causar um susto, um acordar desastrado. Desandei a tremer sem saber o que fazer.

F revolveu os lábios, algumas pequenas contraturas como se sonhasse dizer algo. Voltou-se para mim. Como se tivesse ali me olhando de olhos fechados.

Foi um momento perturbador, que sempre evitei, não me trazia compreensão e achei que eu devia ter tido um pesadelo. Mas não.

Ela moveu seu braço, ao esticar a manga de um camisão de flanela expôs o antebraço, que pousou na minha coxa e se moveu acima e abaixo na direção do joelho, lentamente, sobre a coberta, tal um gesto de apaziguar um pranto. Poderia ser um vicário...

_F! Sou eu, a M! Sua filha está noutro quarto. –Sussurrei angustiada, receosa de que ela...

Ela ficou ali com o braço então pousado parado, como se uma conversa fosse travada por pouco tempo, repentinamente jogou o joelho da perna direita sobre o colchão, e se ergueu e saiu andando, nos passos que deu seu ombro direito esbarrou o batente da porta, ela andou dois passos e sumiu no espaço que dava para seu quarto.

Ali fiquei enevoada e dei um gole na água, na garganta ardida e na sensação desagradável de minha ressaca. Pensei então que aquele dia, ela andou dormindo. Entretanto depois, nos detalhes, eu pensei que ela quis me dizer algo, e disse. Ainda que dormindo. Posteriormente deixei esse evento desaparecer na bizarria[287] indeterminada como um neblinar e um dizer imaterial.

†

Stigmata[288]

| 03 outubro 2019 22:37 | 3m

---

287 Bizarria – o que é bizarro (nobre, generoso; bem apessoado; extravagante, esquisito).

288 *Stigmata* – Marcas tatuadas a ferro quente. Lat. – *Stigma*, *stigmătis* – marca de ferro em brasa, ferrete (impresso em escravos como sinal de desgraça). Estigma. Corte. Cicatriz. No texto compara a tatuagem dos poros, como algo que tenha sido desferido, e algo que faria a asfixia da pele. Mas não usa o verbete de pessoa marcada, que seria *stigmatĭas* –ae.

Ao andar no refrigério das formigas cortadeiras entre as folhas picotadas, a árvore dizimada numa noite e manhã, seu tronco jaz. O parque acumula musgo nas águas e palha decaída, que as chamas não consomem. Sinto medo da solidão ali. Sinto o frio do dissolver da minha voz, nas falas que abafaram em defeito do microfone. Dali eu tentava naquele voejar, naquele céu que me protegesse. Pretendia reduzir o timbre que a voz havia proferido no registro de Amor dois.

Eu queria uma visão radial e andei nos círculos dos tempos, aquela mocidade amordaçada nas situações entre meus pais, na opressora situação com irmãos e depois difamações de um namoro terno e puro.

Entre o afogamento de C e o acidente de J carbonizado entre as ferragens, recordava também amigos da universidade que eram pessoas que jogavam a sinuca da vida junto a mim, eu esperando primeiro filho, vi ambos morrerem. Cinco pessoas que sumiram naquela visão radial naquele ano.

O que havia sucedido com R, meu irmão, e as sonatas que G delicadamente punha no vinil enquanto M, meu querido irmão estava em coma.

A amiga que atravessou todos os anos, todavia a vida sempre impõe anteparos à nossa vivência.

E o grande vórtice de F. Morte de mamãe. Aquilo que não pude mais ser aos meus filhos - apenas mãe - não posso.

Enquanto abafei a voz que foi tão imensamente difícil proferir para mim, algo que tatuou os meus poros, com a cor de meu destino.

†

2 NECTAR NECTăRIS[289]

†

Quandudum[290]
| 07 outubro 2019 22h.

Essa era uma medida que eu parecia saber, mas que o andar de um relógio de sol que embioca as horas, com uma sombra de uma falsa espada. Chegava a ter o bolso que cabia o restolho da poeira da grama cortada, costumava ter um papelão para a sola furada. Costumava andar diligente e fazer muitas coisas que agora parecem sem valor algum. Costuma amar as pessoas erradas. Confiei em falsos amigos. Alguns me fiz de boba e deixei que o respingo da sordidez recaísse somente sobre sua astúcia vendida para a ganância. Não me sinto mal, apenas rio da falta da honradez. E tudo que obstruiu caminho, me abriu sendas especiais de muita luz, para seguir sabendo que amei, que amei, e honestamente...

Quando vejo que meus dias são cuspidos, quando vejo que meu coração foi pisoteado, não ligo, sinto de verdade tudo que me levita, sinto de verdade que poderia ser o melhor tempo e confio na conduta da carruagem sem mandracaria ou a falsa ideia de retorno. Tudo que fiz por este e aquele antigo amor, reluz dentro do orbicular da minha visão. Foi faina e ao amor verdadeiro não tergiverso.

Que o profundo não navega. Que o eterno não se finda. Que o que era para ter sido, de repente acabou.

Esse tempo todo, compreendi meu momento da vida, que meus filhos foram paridos e educados, fiz isso com grande sacrifício, eles devem olhar para meus olhos e verem quem sou, não na qualidade de mãe, mas de alguém que tem seu próprio coração e vida. Ele que se sinta feliz quando consegui ser algo bom, quando fiz algo por ele, e por tudo que teve, mas não nos cabe esses pesos.

A noite mansa por vezes me rói com dores, com esse tempo que me pareceu a cilada, o precipício, os lugares inatingíveis de meu próprio desenvolver. A noite me encanta sonhos que revestem anseios, por um momento assim, o

---

289 *Nectar nectăris* – Lat. – Néctar. Bebida dos deuses. Mel, leite, vinho. Canto doce.
290 *Quandudum* – Lat. Há quanto tempo? Quanto tempo atrás?

pano negro da rotunda caiu, eu tive que repensar o entendimento da vida e o sentimento. Depois tive que engolir os ossos do mastodonte.

Não devo nada que a miséria não me impediu de pagar. Não ganho as esmolas pelo livro, porque não me sento com chapéu ao chão da praça.

E quanto tempo se seguiu sentindo tanta coisa, e qual das coisas poderia me apontar o dedo como errada? Todo tempo a esguardei, todo tempo tentei reparar os furos do barco. Todo tempo tentei entregar meu coração.

†

Labium
| 10 agosto 2019 0:00 exatamente

Chega o dia, de ouvir o ranger dos ossos, a mastigação da maçaneta e o ronco do sono do ferrolho, o ruído, a corredeira, e a chuva de fato chegou para um sono acovardado sob um teto de verdades e mentiras com plantas nas fendas. O que seria a voz da fenda?

Antes que eu me perca nos dizeres perdidos no bolso daquele dorso remexido da dança que isso fez, nos músculos desordenados e os ferimentos que necessitam um novo câncer para continuarem andando.

A noite escureceu o foco do nervo ótico e um rasgo no crânio fazia lembrar os porões e os ralos. A voz ainda melodiosa me derrama pingos de cristal que gotejam para o assoalho.

Ao mesmo passo que as folhas revoam as cartas no outono do meu gramado, sem fio que possa pescá-las, voam, todo tanto de escrito que já se misturam, gralham em meu tímpano martelos do piano, e a dança me envolve do encantamento do rosto que estudo sem compreensão de cada expressão e da cada guardar de segredo. Ah, o rosto, acalmava-me, num sono entre imagens do subconsciente por um instante me revelou, meu assombro que por uns dias batiam um gongo estranho de um pêndulo, de lado ao outro num pensamento que a asfixia dominou, a fumaça cegou, mas que trazia o gosto real. Aquilo selava um envelope branco infinito. O sonho de beijo me despertou nas maretas da madrugada razão. O beijo em toda saliva miscigenada e toda temperatura que dizia de meu coração completo, algo que jamais encontrei definição, que não colore a ânsia, a saudade, o transbordamento, papilas gustativas de emoção desconhecidas, luxúria de amor, um mero carinho, um aconchego, um despedir, um agradecimento do momento, o tesão, a gentileza mais profunda que ultrapassa o limite do que se pode dar, as cores do amanhecer, as línguas

do silêncio. Sim, deve ser isso. As línguas do silêncio do amor. O idioma de alguma paixão, ou um pesadelo maluco da mente?

Estou presa numa ilusão, mais do que posso achar que estaria. Não foi somente ela presa nesse elo, foi a mim mesma que percebo – Amor. O tempo foi a dimensão de amor. A dualidade nem é presa nem solta, apenas dimensões. Quero ir para a dimensão afetiva e não voltar mais para abrir meus olhos no agora[291].

Entre anéis e despojos, entre o pingar dos rostos, entre os incêndios de mim mesma e os desesperos sensuais que me amerissam em cordas de água de cachoeira com a pira acesa para as noites, os rangidos do gelo trincado no vão dos segundos do relógio. Ali estavam anotações dos destinos dos meus olhos. O diluir do olhar no neblinar que sepulta a definição do tempo. Assim, anotava, ora aqui ou ali.

Arrastar o lábio nas suas areias.

Meu anxo[292]não deixes que teu maior dom se afogue em máscaras. Deixa teu amor ser navio, ser árvore, ser mãos, ser óculos, ser máculas na pele, ser mel que fala na boca. Deixa.

Deixa a boca ser borboleta que me pouse, que me colori, e toque os lábios com o peso das suas pernas.[293]

Esfrego os olhos sem o cenho do engano. Onde estivesses agora eu estaria te amando. Mas as letras brincam de fita. Lê sem a fé de teu próprio coração. As mãos que em vazio tocam as areias que caem no teu lindo rosto que se desfaz.

---

291 Nota de 19 junho 2019. Referente a 'imprensa de palavras' e leituras que me fizeram crer ser ela, mas são indetermináveis, tanto quanto uma sensação extremamente efêmera.

292 *anxo* – galego – anjo.

293 Notas da caderneta preta de 6 outubro 2019.

Sentir a palha do púbis voar o toque. Mel derramar nas cabeças voltadas ao céu da garganta silente do mar de corais.

Segurar as forças do teu sorriso nos rios secos de dentro da palma da mão e os cabelos que ocultam os olhos da árvore.

Uma boca dos gomos invisíveis do morango, para morder o sangrar da paixão doce ácida, e libertar teu querer.

Certamente, um brioso momento da primeira hora, tentando ser um camafeu feito de marfim-vegetal, naquele toque do percorrer em círculos uma floresta que engole a vida sem sentido, abraçada, no alburno sem córtex, com os pés feridos das nozes e das pinhas do asfalto. Certamente, a dor é um bordado chinês, em trancelim dos céus e todos os contos feéricos nos incensos do subterrâneo, que ilegível como as vogais em suas serifas, para o amor que floresce em serôdio.

- Este hoje teve um momento replicante, um objeto capsular daquele momento estranho, não menos que agora, e que tantos outros. O amor dois será contado. O lado oculto da lua estará na fase nudação -

†

Occultatum in oculo crystal

| 12 outubro 2019 11:15 | olhos que não vejo

Olhos que eu não vejo, são os que me têm. São a ti cristais a te refletir.

Sal e salivas que gotejam de estalactites. Cristalino e córnea da compreensão do meu nanquim. Com eles desenham sombras diluídas que se aproximam e quase encostam nas projeções distorcidas do teu vulto no ângulo dos braços vazios.

Os verdes campos que me chegam, relva úmida de luar decantado, raiam em si as espadas do Sol descabido e descasado. Os verdes campos aveludam estranhamente a minha brutalidade sangrada. Por penumbras que se reúnem em cardumes enfileirados trafegando para os infinitos de todas as direções.

Meu manto de lã castanha guarda escuridão do sonho, sorrisos morridos de papai, e o sorriso perdido amado, saudade das palavras vítreas que incrustam punho da adaga, com cristais cuja luz ainda não trouxe as gotas do dia. Meu manto me aquece as dores fustigadas nas costelas que estriam um núcleo de

ausência, um maligno que espora filamentos do sofrimento, um açoite sem movimento, é um ser imiscuído. Minha íris não pode ver os olhos teus nessa depleção de minha vida. Uma maré-vermelha que ondeja as bordas do meu desejo absurdo e ridículo.

Olhos de alburno cujo córtex desnuda, os novos tempos de cada vento, as palavras que encobrem os teus nevoeiros da madrugada, que soerguem um pé de cada vez, por vezes cavalgam repentinamente nas eiras que vagam entre a cama e um banheiro, nos corredores no espaço que se forma entre o ponteiro das duas horas e um *battement tendu*. Olhos de um tasco serrado do tronco, circular das eras quaternárias de minhas vertentes, desde as águas vertentes que abluem grutas lacrimais de uma emoção impertinente e proibitiva. Longa vida nos acordes do fogo que reluz um candeeiro nos cantos mais tempestuosos do sentido perdido, e a perdição da solidão. A idade do alburno me dizia uma estranha incongruência com os tempos que cevavam a terra do plantio e o parir de um líder de matilha.

Olhos que não vejo atravessam grossas paredes de gelo que soterram todo o tempo passado, em geleiras azuis que roubaram do oxigênio do céu. Sonambúlicas visões de voejos pestanejam entrelinhas dos cabelos que ventam nas palavras do coração amortalhado do amor, são olhos castanhos enfitados de membranas recolhidas da corola da flor, saiotes do verticilo que acetinam luzes apagadas como vestígios de algo que estende a mão e me toca.

Sinto brutalmente as mãos de espectro que ultrapassam a derme, que sentem no tato a temperatura do sangue e o ressoar do tamborilar do tique-taque do coração, como poeira açucarada adere minhas *viscerantes*[294] emanações dos sentidos mais profundos, lambem com salivas de lavas, nas chamas que tocam tenuemente um lampião que arde através de meus olhos aos desertos da face num fogacho que recria os vidros partidos desse mosaico de pétalas de vidro colorido.

Olhos que não vejo atingem meu coração, flechado nos sangues da visão.

E como eu amo, por vezes me alimento de um maná estranho, das luzes sangradas desse jejum, do esfaimar dessa alma contida no globo ocular, na alma da visão e sua sombra, da interpretação ilusória e da beleza da íris, na compleição escultural iluminada desse meu amor estratosférico.

Mistérios ocultados em estado sólido da água, do que a visão construída das palavras, formam nas circunvoluções e nas mechas musculares do ventrículo de fogo, que tons acendem no nascer da noite ao raiar do dia, que se apagam em

294 *viscerante* – neologismo – atribuo ação, denotado pelo sufixo –ante. Não traduz semelhança, traduz sua atitude. Por isso o termo.

novo adormecer, é algo que gostaria de sentir o gosto *nectarino* no carinho que a língua é capaz de absorver de qualquer aspereza.

E o vazio frio que arranha bisturi no sentido consciente da perda, combuste rapidamente em fagulhas a sensação etérea deste furtivo olhar sobre mim, que mesmo esse assopro para os ciscos, não me suprime de uma sensação ímpar da iluminação de arpejos de violino ou dedilhado de um violão, uma música para a mente que não ressoa materialmente as paredes e vidraças, mas que permanece ternamente no decorrer do meu dia como um aroma gustativo.

Para esses olhos tenho guardado na mesma forma dessas músicas, desse assopro, algo mais misterioso em forma de carinho desenhado no vitral por onde escorrem cores enquanto vejo tudo que vejo, cada instante, na expressão da ternura de uma caixa aveludada de algo precioso.

Algo que se percebe no diametral negro da pupila quando o nervo é provocado.

†

Gratias memoriam[295]

| 14 outubro 2019 21:25 | Memória das gratidões

Passo meu corpúsculo por debaixo da rotunda, e dali olho de rosto encoberto no canto, as encenações, nas falas de pura risada e efeitos inesperados iluminados na ciranda do refletor colorido. Os tecidos que recendiam as águas das expressões com purpurina de maquiagem. Os tantos olhos atentos e os bastidores onde eu reinava entre objetos, fantasias à espera de seu ato. Ah, passeio pelo assoalho encerado, na cama com uma pelúcia rosa de orelhas negras cobertas de cetim. Entre o maço de cigarros de ondas coloridas que desenhavam mares psicodélicos. Puxões de cabelo que não podia revidar numa careca raspada. As pedaladas da berlinetinha compartilhada. Dos passeios deitada olhando luzes no porta-malas de uma *Variant*. Os aromas do Eucalipto para a coqueluche. Os relógios que ninguém queria. As quinquilharias que eram brinquedos incríveis. O murundu no pé da cama.

O bolo confeitado feito ao meu aniversário de quatro anos por quem aplicava injeções.

---

295 *gratias memoriam* – lat. – no sentido do texto é memória das gratidões.

Afiando o canivete, a haste de bambu do estirante e o colar do papel de seda da pipa.

Observar o disco voador deslizando o assoalho, em luzes coloridas do dia de natal, e a correria pelo corredor deslizando na passadeira puxada como trenó. As revistas de recorte que ficavam junto ao irmão adoecido. O esconde-esconde na escuridão de blecaute na praça.

As idas na casa de campo, as idas às margens de álveos puros, as idas na cachoeira dos Pretos, as idas nos festejos juninos de bairro, as idas aos bailinhos de discoteca que obviamente não tinha idade. As descidas de carrinho de rolimã. As armadilhas que montávamos junto na escada do porão. A corrida em gritaria. Àqueles que contaram o significado das palavras difíceis que lia em Julio Verne e Mika Waltari. Os livros emprestados. Relógio consertado.

As roupas emprestadas.

As férias em São Paulo. Em Campinas, passeio no Bosque. O Taquaral. Os livros de Tintim e as brincadeiras com os sobrinhos. O parque de diversões e dezenas de cachorros-quentes. O circo de Moscou, entre os contorcionistas e bailarinas na argola suspensa que girava. Circos mambembes. Os filmes de estreia do Superman. O primeiro passeio de metro.

Caminhadas não permitidas na serra do Itapetinga, saída na madrugada. Cavalgar.

O grande cuidador e as pinturas do meu rosto. Os pinceis, os cinzeis de escultura, a flauta doce. Os tubos de tinta e papéis de atenção.

O carro emprestado. A subida de vespa à Pedra Grande. Os companheiros de viagem nas veredas saibradas de argilosa terra para Monte Verde.

Amigos de filme de cinema. Amigos de bancos da praça. Passeio à dois de bicicleta.

As idas na choperia de Campinas no animado rosto da alegria. Festejo para meus cinquenta anos.

A paciência e impaciência.

Os dictérios e trocadilhos. As anedotas e os sorteios de envelope de grana nos natais. O elogio 'Matou a pau' para o prato de bacalhau. As músicas de mpb na festa de meu casamento e violão clássico na entrada da igreja.

As aulas de balé, as oficinas de arte para meus filhos, e o sorriso sincero.

A alegria de compartilhar a lasanha com J, o risoto que me aguardou no dia do baile de formatura. O acolhimento de minha filha. Cartas especiais que me escreveu e cartão do Snoopy me contando saudade lá das bandas de Brasília.

As canecas para de deixar a mamadeira. O chamado: Dona Marocas. E dizer que está ali para me ouvir, mesmo que se impacientasse logo.

Os olhos afetuosos dos almoços oferecidos a mamãe nas visitas ao Rio. A praia.

Grito escoteiro.

A edição dos meus livros. A compreensão entre óculos da discordância e o vai e vem das lombadas, as opiniões e a briga pelos livros.

Quem estava comigo de roupa molhada no gargalo da Catarata do Iguaçu.

Quem lavou a louça. Quem emprestou algo. Quem ensinou.

Incentivos. Desincentivos.

Os churrascos das conversas siderais. O pandeiro tamborilando. O acordar coçando a cabeleira. A choradeira depois do tombo e a cachoeira na escadaria.

Ensinamentos nos passos, as palavras em francês, as coleções de livros que coloriam as estantes. Os aromas de comida.

As novidades que cada um contava e os lançamentos tecnológicos. As leituras das peças teatrais. Performances em um sarau de garagem. Os conselhos médicos.

Quem cuidou de mim na bebedeira.

Bolos de laranja, bacalhoada, suflê de batata e tarteletes. Chá com delícias e café entre irmãos, os *tarots* lidos e as cartomancia misteriosas de M e suas receitas.

Passeios na cadeirinha da bicicleta vermelha com os pés esperneando de felicidade.

A Olimpus Trip usada, lona de acampamento, mesa e equipamentos de camping.

Esqueço por hora aquilo que de repente relembro com afeto.

Os golpes de judô que odiava. As festas de reunião de família e um panetone de flores de plástico.

†

Mons[296]

| 16 outubro 2019 01:02 | Manhã com H em 12 outubro.

Eu realmente poderia repensar diversos momentos, no entanto aquele amanhecer havia necessariamente a névoa. Tornara-se um pó. *Exalbescebat*[297] nossa pele.

Como uma montanha dormente, não adormecida percebia os gritos da parturiente nascendo o dia. A revolta dos pássaros ávidos de liberdade na luz. A renúncia de algum morno luar eu negociaria por um gole de água, mas impedida pelo açoite das dores, permanecia naquela dormência imaginando as dores do terremoto na terra que se movesse.

No esgotamento da madrugada, ele reuniu-se para as espaldas de uma antiga memória, ali entre nós apenas coube um lençol tramado em algodão, que dava a ele, os cumes da serra, o relevo longínquo, que no manto celeste das estrelas em que se desligavam sua magia, ele estendeu a mão lentamente, como aceno e tocou do ombro às pernas. Enquanto o dia chorava a fome viril do mangue, as chuvas que alcançariam os joelhos, e nenhuma garoa poderia resfriar-nos dos todos esquecimentos dos quais nos alimentamos nessa hora para podermos ficar ali na simplicidade desse toque nos aquecendo os tegumentos invisíveis e as marcas jamais notadas, apenas na vaga lembrança do que fomos, em toda imperfeição das nossas rugas e desprendimento.

A fricção dos dedos no embalo de uma dança que se pudéssemos ser mais atentos enxergaríamos juntos e valsados pelas maritacas gritantes, esbravejantes, correndo o céu. Mas sua personalidade modorrenta dalguma evolução nos velhos jeitos musculares ou na compreensão trazia o pisoteio do touro e tantas coisas que davam aspereza no lençol.

Ainda que tudo pudesse assemelhar-se ao mais refrescante das nascentes puras, ardia. A dor do vazio e das estranhas silhuetas de fumaça e os olhos inimagináveis e a boca que se interpunha e o semblante emascarava e as areias arderam. Circunstancialmente eu olhei afetuosamente e segurei o rosto alternante com minha delicadeza e um sorriso de olhar singelo, com minhas mãos feitas de antimatéria.

---

296 *Mons, montis* – Lat. Montanha.

297 *Exalbesco –is –ere –bui* – Lat. Tornar-se branco, alvejar, empalidecer. Na terceira pessoa singular do imperfeito indicativo. – Empalideceu, no sentido de recobrir de tinta branca.

†

Amor Plumule

| 15 outubro 2019 18h | Empirismo e a escrita da outra carta de amor, a ótica de olhar para a escrita desta carta e o momento atual, na iminência de outra carta | 2G

Fora nas calendas quase no tornozelo do inverno de dois mil e dezoito, que infiltrada das minhas malícias de criação, o senso na pura nudação de minha libido e sensorial inteligência que naquela frígida sensação eu vertia emoções nas salivas alcoólicas assente na poltrona, com olhos entrecerrados focados naquele olhar falconídeo talvez aceso sobre meus textos, sobre a poeira dos serros ondeados desertificados do meu poema, intrigada, preferia entender que eram os olhos amados. Eu voava realmente, enfim aquelas viagens austrais deram-me um estranho viver, entre a plumagem que me dizia de tão longe, locais da minha perspicaz procura. Eu sabia. – Eu costumava achar saber, tive essa altivez - nesse caso, uma nuvem migratória com olhos de fogo, no meu conteúdo amoroso, naquela carta íntima vermelha em linhas brancas, que não uma vez viera aos meus sonhos, à minha perturbação de em vão querer decifrar reações ou sentimentos sem sequer poder saber de sua ciência. A carta vermelha sempre foi uma chama de ilusão e uma acha de queima que nunca me respondeu às claras que tenha tingido suas letras nos suores da mão dela.

Nas fantasias entorpecidas, pude sentir ardentemente o profuso olhar baço na razão. Para mim, viver o voo do flamingo houvera sido um clímace, assim como as poesias que foram retintas do nanquim abrasado, que vorazmente me deram voz ao caldear do amor. Enfim eram fagulhas vivas ascendentes que levitavam meu corpo, nessa consumição. Eram plúmulas macias e esvoaçantes em tons que refletiam o dia, a noite, que não dormitavam ululares estridentes de algo que dentro de mim se sepultava em uma auréola metálica na caixa. Uma união irreconciliável, isso ululava aguilhoando meus tímpanos.

Então, incontáveis aproximações dos pássaros, a própria eclosão das borboletas, como plúmulas de consolo divino recaíram na hora perfeita da manhã e na hora coralina da tarde. Entre gorjeios e trinados, mais do que plumas de voo foram esse manto indígena, talvez eu estivesse num feitiço, mas eram de fato.

O meu olhar dos ventos promontórios da migração, convidavam-me dessa ida, eu em peito que aquecesse ou regelasse, ali pertinente a esse Sol, entre os meus estímulos da percepção, a visão me abençoou ocorridos que fizessem essa sensação atenuante.

O dia que acordou recente, que eu ressentisse, que me parecesse outra forma de migração com enorme bico de fogo, e agigantado voo farfalejante de todas as plúmulas negras azuladas que tinham ali se alimentado das nêsperas e fez questão de por mim ser visto, no voo com a chama acesa flamejando nos ares, o tucano do nunca.

E porque o amor vertia incessante, dava-me um tipo de encorajamento incomum, que era sentir aquilo que de mim brotava tão perfeito quanto o *iugis* no arroio no seio dessa imaterialidade. Saber o *iugis*[298] me fazia encerrar as lágrimas como emoções plúmulas capazes até de voar e tocar de amor, quem era assim tão *summe*[299].

Percorrer o leito de rio para o oceano, esse deslizar com as mãos sentindo as águas irem-se junto, na rapidez de um iole [300]que sozinha fazia de mim essa minha manancial essência, um leve navegar das letras em plúmulas boiando com todo sangrar do amor que realmente me carregou por esta vida.

O tingimento que dela ocorre em profusa difusão, se desenha uma nova carta, brilhos intensos dos pigmentos oleados na carência de meu toque, na carência da reverberação das águas em vozes de afeto, as tintas se dispersam e decantam nas curvas, enquanto o infinito azul está logo a uma corredeira adiante, navegando a ondulação da devassidão coroada de estrelas-do-mar.

†

Plenitudo candens[301]

| 10 outubro 2019 22:44 | Áudio 2, de 19 maio de 2018 até 2´49, parte 1 | 2c | ✇

Talvez eu seja um tipo de amazonas que sempre tem uma carta no alforje.

Água que corre, água que lentamente resvala seus gotejos lateralmente como a coroa de sépala, e ala uma gota de resposta aos ares na vontade desafiante da gravidade. A memória da água cantarola em seus vapores mornos um afago, um sustentáculo para as dores e nas veredas úmidas que bordejam uma alu-

---

298 *iugis iuge*– Lat. que corre sempre (água), perene, contínuo; que dura sempre, inesgotável, perpétuo.
299 *summe* – Lat. no mais alto grau, imensamente, extremamente.
300 iole – embarcação esportiva a remo.
301 *Plenitudo Candens* – Lat. Plenitude da incandescência. Totalmente aquecido, ao pé da letra.

vião. A memória de remanso, agora férvida ou no galope da consciência sopitada, sem peso do arnês, sem nenhuma carapaça, sem escudo ou flâmulas noturnas. Apenas os vapores da pele no eco granítico na hora salmão da tarde. Eu, banhada de minhas vísceras como parturiente de si, como a metamorfose mais intrincada, vestida do albúmen volátil de uma dose misteriosa das ervas do Jägermeister, para conferir a rubefação das chamas acima da ossatura maxilar, naquele instante em que apeio um tordilho quase branco para monta de um baio. Um Asturcón.

Como a ganhar um gazão verdejante com uma estranha visão. Um fogo branco que queima acima do horizonte, chamas de fumaças encaracoladas que se alam acima com uma réstia do ocaso, no céu líquido vitrificado ubíquo e alvaiade caiado de chumbo. Um céu decantado da vida e sua verdade. Com plúmulas de vento rosa, fervilhantes do Sol acabado com os olhos semiabertos da lua três quartos neviscada da auréola.[302] Fogo estranho branco me recobra hoje aquele momento em maio de dois mil e dezoito, naqueles pespegares que foram calculados e firmemente cavalgados na sinceridade pura, na simplicidade ofuscante à razão, esta que apenas sem tramelas e ferrolhos trancados, o ar agitado que transpassa como aos moinhos de vento.

O tempo que não deixa de revirar na roda d'água, nas alternâncias de tudo, na água bebida pura à sede imediata, à sede rasgada de estios fantasmas.

"Ah! Eu sempre esqueço...", não consigo a mansidão das plúmulas róseas que decaem essa constelação[303], de um décimo terceiro signo, esse vasto horizonte que demoro a percorrer, não consigo apreender. Os apergaminhados escritos dotados de escrita envolta dos fios da seda, que requer habilidade do desfio da roca, para cada liame de cor estupefata, se bem que espero que somente aqueles fiéis à interpretação voarão alados ruflando as suas linhas coloridas como um pássaro, num cavalgar em sendas de nimbos incendiadas brancas, nos vapores aspergidos dos perfumes frutais de banho. Aos incrédulos indolentes não tocarão as nuvens doces. "Algumas eu não queria que percebessem".

---

302 Refere-se a imagem poética, ocorrida no dia que antecedeu essa escrita, sentei na rede para ver o entardecer. Céu ficou azul pálido acinzentado, e nuvens brancas assumiram alaranjado do pôr do sol, e nuvens desfiadas no céu alto ficaram rosadas. As nuvens baixas encorpadas de cor intensa branca, formaram um fogo de chão branco. Vestiu com o momento que eu pensava, sobre a eclosão, uma espécie de um vômito de mim mesma, para proferir o que meus olhos enxergavam na totalidade do sentimento por F.

303 A nova constelação, simboliza a visão das estrelas que caem, mas ficam na estratosfera, de uma existência exuberante que representa o vivenciar do amor feminino mais inflamado, nas cores nebulosas que traduzem o êxtase. Representa a oportunidade que houvera sido parte do vazio, que se vivida a mente experimenta o que teria sido. Algo maravilhoso. Representa unir os sonhos, quaisquer que sejam em uma interseção.

Quando consigo tocar os coriscos, "nossa tem umas coisas assim (de amor) que eu não poderia falar...", as cápsulas das fragrâncias não poderiam perder o perfume para um simples vento sem direção. Não podia desfrutar da garoa que eu aspergisse cavalgando trote ferrenho das flâmulas de vapores. Enquanto levo minhas cartas, penso nas palavras que poderiam ser chuva, mas não tempestade noturna. Como que eu poderia derreter as luzes dos espectros polares que não pudesse se saber completamente de onde colhi esse atilho de luzes. Contração ventricular que inunda de sangue as veias, como eu poderia dizer as minhas entranhas de sentimento, todas essas sensações voluptuosas. "Aí eu escrevi 'o abraço da água', eu escrevi naquele poema amor...mãe em orvalho – estrilam as gotas da água e o zumbido da voltagem do chuveiro – o abraço da água é uma coisa simples de entender, não? Eu acho! Trivial, mas é que as pessoas não conseguem nem reparar que está na frase".

O abraço que toma da rebentação das ondas, aquele pertencimento do submarino pelo mar que o encanta nos braços, o abraço da água que circunda toda orla, de lado a lado, que transvaza nas areias em sua capilaridade, entranha nos poros, balouça com fluidez a penugem branda, seca as feridas com sua saliva, em suas escumas esconde sua fereza, atavia com bolhas que refletem simultaneamente as luzes na mesma sequência de cores que os olhos se inclinam em ângulo para sorver dessa embriaguez. E se mergulhar, o abraço terá englobado em uma pérola de ar morno, terá feito os cabelos e o corpo flutuar e derivar. Terá o total controle do ar que respira, dos passos que dá, da sede que o fará cativo. Terá a cadência da ternura de envolver com o manto do sono, com um filtro para as espadas do Sol. Dará cores como égide aos olhos, emprestando esmeraldas ou ônix ou turquesas como íris de encanto. [304]

Essa completude como o escorrer manso do sentimento, a sensação de pertencimento do oceano, como uma vida íntegra e inquebrantável, ah eu senti isso no envolvimento do abraço contendo a cristalinidade azul do afeto. "E era tão peculiar e diferente das demais pessoas que não tinha como, eu nem estava

---

304 O abraço remete a um momento zero, o abraço, que significa o encontro da afetividade profunda, que reúne ambas em locais de seus mapas de mistérios. O abraço se torna o lugar desse lar afetivo, do afeto mais isento, pois neste momento os rótulos se destacam, e não há um signo, mas uma constelação futura. O Abraço enlaça o ciclo entre a realidade e o desejo, recria o encontro com a mãe, aprofunda o sonho, e une as extremidades do tempo perdido das vidas anteriores. E por ter sido espontâneo, quase inconsciente, raro, aquele abraço cria uma atmosfera, uma esfera que traz o elemento necessário entre as duas na mera lembrança, estabelece essa reunião. O abraço foi contado em capítulos anteriores, foi reafirmado no *Itinĕris*, e foi honrado na poesia 'Mãe em orvalho'.

acostumada com isso, mas é uma coisa que eu pude reparar e notar detalhadamente que foi um ocorrido completamente diferente comigo do que com as outras pessoas".

Pois que reflitam as óticas e os raios de luz sobre essa manhã púbere da beira-mar, na cadência do cavalgar e os olhos que seguem a trajetória.

Não foi como este dia nasceu, ou como olhei para a linha fim do mar, ou como percebi o frescor da brisa. É porque foi muito mais do que uma simples ida a uma praia qualquer. Foi uma jornada que culmina nos promontórios insólitos e despovoados, com vista do infinito. E o abraço completo que converge o acolhimento mais profano e profundo, que tal pessoa nem se deu conta. Estava em seus olhos cerrados nos segundos dessa imersão. "Essa pessoa, essa pessoa, nossa senhora!"

Que me recaem todos os meteoritos numa chuva da incandescência sobre o halo lunar da minha alma, a paralisia que impede o respiro do sangue quente que está pronto à vermelhidão do lancear iminente. E todo corpo que estremecido e trêmulo dos nervos que transitam sensações efervescentes e atômicas, uma espécie de fissão nuclear, clonar de células, sinapses e retorcer da corrente sanguínea. Não tenho como dizer os nós e os cisalhamentos que os instintos me transformaram, como num semi-humano e algum mítico busto de um lêmure, um abutre ou um leopardo.

†

Passio[305]

| 13 outubro 2019 14:30 | Áudio 2, de 19 maio de 2018 de 2´49 a 6:08, parte 2 | 2e | ✇

"Que não posso dizer agora", as sensações que circundam as digitais expostas das mãos envoltas numa mitene, que traduz calor diferentemente que a tez do rosto percebe, por vezes os dedos pintados das caloríferas cores, por vezes a língua tem a fervura mansa que os aquece, mas que a vermelhidão não assoreia, ela verte e percorre, ela secreta inúmeros perfumes que irradiam mais que as chamas invisíveis. E a sede saliva, fluidifica a voz da vontade envolvente de íons, gustina e mucina. A sede desértica de tudo que eu tomaria, a fome desértica de tudo que eu faria. Absurda desertificação que esfaima de amor em

---

305 *Passio*, *Passionis* – sofrimento, paixão, sofrimento de Cristo. Na forma nominativa singular.

phasmatibus caritatibus[306]; e ainda que todas as lubricidades que eu pudesse acarinhar, incendiar o amor, ainda que fossem *oestros*[307], "elas seriam, elas seriam muito!".

Os caminhos saibrados no deserto desse oásis, são outros caminhos, o desconhecido que possui sombras e miragens que obnubilam "até mesmo para mim".

Hão das ondas de calor intenso sagrar em torpor, tal galope invisível que invade. Invade antigos territórios edificados. Invade os santuários da minha vida. Invade os santuários dos santuários, o estuário por aquela pessoa. O estuário mais límpido, foz de água esmeraldina de amor filial. E era um estuário tão vasto e primacial. "E é! É ainda. Nossa, como é!".

O estuário que encobria com leito d'água em pureza maternal.

"Mas vem. Quando vem, sobrepõe".

A loucura que invade, me inunda e me escraviza de esquecimento, me faz mudar e aduna em uma força de sentimento que escava as areias tórridas no entorno, formando a restinga dos passos de fogo, dela, dos passos de uma puma que eclode de seus olhos de fogo.

"Me dá um tipo de prazer esquisito, louco, sabe? E que me faz escrever coisas que... nossa senhora! Que as pessoas nunca vão imaginar como eu me senti, como eu senti aquilo!" – diz entre um soslaio gracejo esbravejado no ar expelido entre as salivas em tom zombeteiro de riso cuspido.

Algo que impele forças que se amalgamam, como luzes reunidas de castiçais, como a força sobrepujante da corredeira súbita da tempestade, ou dos ventos valsando fúrias, como os gritos mais trinados do sentido salivar do coração, os gemidos escarrados no pulso de sua força de sobrevivência, o amor que trinca o iceberg, fende nuvens, e sangra o prazer numa vagina de um buraco negro, fazendo-o trazer uma constelação roubada de volta, como um tesouro de estrelas indescritíveis e repletas de gravidade que irá realocar os espaços entre cada segundo da vida. "Puta que pariu!"

O descompasso que se fez, rodopio da coluna presa por uma cabeça, que faz embaraçar os nós dos ossos, desde outro dia, essa força impelia que eu rolasse

---

306 *phasmatibus caritatibus* – Lat. – espectro de ternura, na declinação ablativa. *Phasma phasmătis*– Lat. – Espectro, aparição, ilusão mental. *Carĭtas, caritatis* – ternura, afeição, amor; carestia, alto preço.
307 *oestrus* -i– Lat. – Tavão (inseto cuja picada deixa os animais furiosos). Delírio profético, inspiração poética, entusiasmo. Declinação acusativa plural. – no sentido de inspirações delirantes doridas, a projeções da ânsia profunda.

as pedras do pícaro, as pedras caíam uma para cada lado, que meu amor se interpunha no rachão da intempérie e era maior do que o deslize do tempo e o rouquejo do urro tremeu a rocha pura que já fui, que ela foi, que alguém tenha sido. E essa força do encanto da música, me fazia bailarina dos recintos da casa empoeirada, saltando os demônios das minhas mordaças. Exorcizava.

E quando aquela avalanche das águas me arremessou adiante de minha vida, que força arfou meu peito, que mistérios me fizeram cair viva da itaipava[308].

"Que momento mais estranho da minha vida!".

Posso como um pássaro me ver fluir completamente, enquanto estou cega totalmente nas águas de mim, na discrepância que se acumula desse derrame de lavas do coração. Como saber como serei muito depois disso?

"... me reconheço completamente desconhecendo-me totalmente." – Estrila uma gargalhada evocada da ebriedade do atrito da fibra de vidro esmigalhada.

Pois que se cerrem as janelas da minha voz, que ao meu coração se entreguem minhas verdades, que meu íntimo as frite em óleo quente e possa se refestelar com o crocante da milanesa das areias da aridez que me consumiu, que o néctar sangre dos temperos marinados dessa carne viva.

Que ao saber os vestígios desse jorro de gêiser, que ao sentir o olor do amor maturado no centro da oxigenação sanguínea, precisará me atribuir as fantasias da loucura, ao passo de admitir que eu possa ter libertado meus sentimentos. Feras famintas que vagam correndo as veredas da serra à caça. A loucura que me profere, é a visão do horizonte maior do que a superfície, era o mundo subterrâneo, eram os seres ferrenhos e robustos, seres que tinham habilidade de se juntar em um corpo, cujo coração somava o sentido do amor, da vida, da alma, da sobrevivência, e da sensualidade. Seu galope tirava demais criaturas da frente, seus possantes pespegares projetavam-se adiante do tempo, seu furor acumulava os ânimos de muita vida e suas dores sofridas poderiam sangrar ao ar na profundidade então conhecida de suas vísceras.

"... Eu 'to louca do tanto que eu vi que eu amava, (meu Deus), e aquilo veio tudo, porque 'tava reprimido. Que eu não sei se 'tava repri... É estava reprimido".

Porque um pêndulo tocou dois gongos entre saber ou não saber, porque um sentido mais intenso, que um encantamento de um gorjeio do rouxinol, das cores vivas das suas plúmulas, e o sentimento desse *affectio* na sua febre contundente das profundezas da terra era algo real. Sob todas as pressões que isso

---

308 Itaipava – tupi – 'itai-pawa' – cachoeira, corredeira, salto.

se guardou, sob todos os mantos das camadas desconhecidas, era essa cor da verdade agora. Ficara. Mas as outras nuances eram também.

"Foi tudo assim!". A rocha ígnea surgiu desse depois.

†

Favus Mellis

| 14 outubro 2019 14: | Áudio 2, de 19 maio de 2018 de 6:08 a 9:28, parte 3 | Som `Milagres manifestos – Atração 432 hz´ | 2f | ✇

Desenhei-me como tinta de amizade, nas cores mais aquareladas, sem nódoa de fronteira das nuances. Eu amava essas cores e as palavras que elas proferiam. Eram embebidas em brilho da saliva que umedecia os lábios carnudos de nossa época de vida. "Eu gostava dessa amizade. E tinha tudo..."

Há, um enorme escabelo talhado, recamo de figuras que se emendam, de um adunar das nossas convicções, anseios, interesses e páginas simbólicas das nossas essências que conversavam a sabedoria. Há um Sol que se desenha animoso para cada dia que tenhamos difícil ou terrível, porque esta arca de alguma forma traz pelas brechas que se abrem no tampo, diversos momentos e trocas, alegrias e tensões, mas que detém um poder especial. Um poder que transmigra as luzes para a tez contendo o toque do afeto que naquela relação havia. Puramente. Faz essa réstia de luz acordar e tudo mais, o tempo vindouro tentar ser algo que deveras teria sido.

E nas guarnições da janela que não permaneçam os grãos de poeira cinéreos, que esse tom aêneo e áureo adentre como vento do ouro, no cadenciar esguio, venusto, brilhoso e ágil, que engole num passo mais que o perímetro de sua sombra alongada, se torna um voo rasante solerte, que penetra um porão e faz dele um suntuoso recinto, que estua com espadas do Sol em doirados filamentos que deslizam as volutas com a preciosidade. Porque assopra nesse *decantamento* de impurezas, lavado com a cristalina essência da palavra amizade, que enseja sua própria fé.

"É só deixar ventilar, tudo bem, porra! E daí que eu sinto isso? (Mas) não! Eu vou falar um negócio!"

A percepção da pele fresca de uma criança, a dormir num colchão de nuvens, que comesse um manjar de pétalas de margaridas, que houvesse papos de anjos da coroa da flor, que um óleo de amêndoas fosse licor, que desse esse sabor na tez, que a razão por alguma razão sentisse, porque eu degusto mais puramente o oceano do sentimento, esse oceano me revela, encobre mistérios,

reflete e dá vida em cores, eu amei amar dentro desse oceano. "Eu escrevi cada coisa" nas madrepérolas, luzes de reflexos, amadeirando a pele em perfume e nas entidades dos aromas, nas mesclas e jaças das pedras preciosas, nos sentidos dos sentidos, daquele sentir mais pleno da visão. Eu não teria tido altivez e erudição, eu não teria debulhado o trigo das palavras e não teria tocado essa jazida em meio ao deserto. Libertar esse amor, foi me conhecer de verdade, ser a vastidão que tentei entender.

Um amor que captura as energias das minhas células sorvendo a verdadeira vivência, dessa emanação que levita ao fundo dos céus, que percorre o impossível, que eleva a mente acima do momento, acima do querer, no simples ato de admirar.

Um amor que traduz com outro olhar, a simples feição, e esse alguém da vida se recobre de algo imaterial, que concedia traços gravurados em pura filigrana, que concedia aquele sorriso completo como algo obtenível, que polia brilho na maçã para um elegante empunhar dos pulsos, e dava movimentos de algas nos gestos aveludados de seu tegumento. E ter aquele dizer silente especial em todo campo de conhecimento que me abraçava com o sentido da certeza, a objetividade da elaboração, o amor verdadeiro que se tornava pássaro nas mãos que me entregava essa plumagem linda. Inigualável. Uma voz como um alimento dotado de magia que não se soubesse os segredos, mas que transmitia a eletricidade de seu toque.

O verdadeiro perfume de si mesmo isento de todo e qualquer adorno, que nenhum cetim poderia camuflar, era o incensário de sua alma como estar no frescor do lar.

"Não importava sua aparência se estava de um jeito ou de outro... Nada disso me importava".

A verdade individual mais profunda era essa pintura rupestre da alma, a beleza infinita que remonta o tempo, "eu amava o profundo daquela pessoa, e amo".

Todo realismo das arestas, das serrilhas contundentes, e os tendões partidos, as amarras que apodrecem o barco ancorado, o caiar abatido pelo enxovalhar do tempo nas paredes, as ranhuras que fendem do reboco, as palavras que nunca foram ditas, as tantas coisas que eu precisava ouvir que somente ela poderia dar essa afeição, nada consegue envelhecer e tornar esse amor senil. Um amor da insanidade mais linda da mente do coração humano. Algo espontâneo e incalculável. Algo que não arrefece. "Amor louco de paixão mesmo".

Capaz de construir castelos espigados para a altitude da voz de Deus, sem perpendicularidade, que encontra equilíbrios colmatando instintivamente.

Talvez me impôs a singular sensação de loucura, mas mesmo assim, eu posso saber que de alguma forma estava nos alvéolos do favo, algum tempo a primavera trouxe o néctar da flor, algum outono trouxe o ressecamento para a síntese do própolis, no verão a piscina de mel e no inverno um salão hexagonal das valsas desse *mitis*[309].

As melancolias foram estações de chuvas, elas traduziam a condensação de saber a severidade daquelas lembranças transcendentais. Não preciso mais chorar as tempestades.

Os dizeres que esculpissem, com a língua torneassem. Que escrevesse ornamentos recamo, os arabescos mouriscos, o embotar que *ferruginasse* o seu gume. Queria a fermentação sublingual do néctar da amora, que cozesse um manto gelatinoso da exponenciação do sabor. As palavras que, turvassem-se lhe a orbicular visão aprisionada. Meu amor que sobrevoasse seus desertos, que minhas mãos agarrassem os grânulos de areia, que úmidas erigissem sonhos, que meus lábios fossem a carne da flor, da florada que beija. Eu queria dizer esse amor como um mundo que se percorre nas mãos que significam maciez, e na boca saber o gosto do aroma, beber a água vertida da sede e rolar o corpo da noite na percalina das dunas. Sempre mais do que as altitudes já voejadas.

“Eu não vou poder. Nunca vai existir isso”.

A inexorabilidade que estrangula a serpe dos sonhos, que fecha os olhos amarelos, mas não dorme. Derrama os venenos de labaredas que incendeiam sobre as lavas escorridas na cor da sua potência.

A menos que o sorriso seja da voracidade...

No contracanto, o adernar, algo que sinto numa *gutta*[310], produz esse remo, esse remo para dar navegar nesta piroga[311], e eu sei, eu ensinei o caminho na orientação das estrelas, naquele mapa de um mar de fogo, nas palavras rubras há essa chave, apenas uma cruzeta nesse mapa, somente ela saberia se leu essa carta. Esse barco obtido do fogo, que permite essa travessia de um rio gelado. Eu deixo um legado sem paga, a preciosidade de um caminho, na isenção, na

309 *Mite*, *mitis* – Lat. – Com doçura, docemente. [Gentilmente, placidamente, clemente – fonte Latim é fácil].
310 *gutta* –ae – Lat. – Gota, lágrima, suor. Pequena quantidade de líquido. Pequenas manchas, salpicos. Tipos de adornos arquitetônicos.
311 Piroga – brasileirismo. Embarcação indígena a remo, cavada em fogo em tronco de árvore.

sua ampla pesca, na abundância do que ele permite nutrir, qualquer que seja a flor.

"Para que a gente tenha abertura mas, que exista um limiar de respeito que possa existir amizade..."

Naquela redoma que protege a luz, a nevasca e a brutalidade da chuva para que aquela planta seja um redivivo, que se desenvolva ao céu do dia e profundo noturno, que diga em suas pétalas um néctar da vida bucólica. "Idílica, foda-se o que o mundo pensa!".

Desabroche-se! - ainda apesar da desertificação.

Houvera em mim o cuidado mais tocante que preservava o dente-de-leão ileso, eu esperava que ele tivesse o momento de se abrir o broto, que tivesse a cor mais sangrada do vinho na rosa, eu respeitava esse movimento da expansão das células. Eu cuidava disso com a devoção que irrigava.

"Eu senti falta", isso foi drástico, então eu quis esse opérculo da concha, achar essa fenda que me levasse encontrar a pérola da luz da minha vida. E para isso, devastei as conchas. Certamente era um explorar reprovável, era uma intromissão no seu momento, na sua reclusão.

Se, ou de fato, substancialmente eu cheguei no limiar da míngua que a ausência dela me causou.

Os gemidos da minha solidão, da vontade de estar formavam um promontório que afunilava o vento das minhas volições perdidas, que ganhavam um rumo de mim mesma em tempestade, que me arrastavam na imaginação de algum voo, a buscar que sonhasse uma linfa refrescante de seus braços, sua voz, seu rosto. Isso de alguma forma obsedava essa busca. Eu albergava sua idealização. "Era uma saudade secular". "Descomunal".

Há sonidos das borbulhas contidas na imersão das águas, um chiado constante que, retomava-me nos braços do vazio. Nessa pronúncia do amor, que eu não ousava. As águas tomavam as beiras superiores do transbordamento, e por um meato, soava o cântico das águas, espocando o sentimento, a intensa sensação de que amar exorta um poder sobrenatural, se contrapondo com o decair da água nos canutilhos do passar da água entre os dedos.

†

ANTHERA

| 14 outubro 2019 16:51 | Áudio 2, de 19 maio de 2018 de 9:28 ao final, parte 4 | Som `Milagres manifestos – Atração 432 hz´ | 2f | ✇

Por magia, escondem-se significados nas sombras epífitas, nos seus tentáculos de pergaminho do velame, com incríveis capacidades de se nutrir nos momentos mais inóspitos. As criaturas mais insanas, imperturbáveis em sua complexidade misteriosa que vive e renasce entre as frondes da árvore. As espiras desse artifício que se amarra nos galhos aveludados da árvore e promove uma estranha cor que estende a existência da árvore. Quem pode interpretar puramente os mistérios dos velames de amor e a floração na aridez da orquídea? Quem pode entender...

"Nem eu, às vezes..." – Arrastam-se os álcoois nas faringes da salivação empapada. Os ímpetos que margeiam os músculos do movimento, os choques que estremecem a calmaria e a sensatez.

Efeitos que respingam as gotas da emoção de amar para as impossibilidades mais possíveis. A expiração que exala, na vã tentativa de expelir um elo assim avassalador. As músicas portuguesas que corriam o manto de água[312] em cabelos revoltos da cristalinidade, que passa e revela os escolhos de cristal do amor forte. O amor ficou, as mágoas foram abluídas.

A vida que sacrifica as forças que um amor promulga no coração, e o rasgo sangrado da contração da cicatriz.

As flores na hibridação da rosa sangue[313] que ninguém tem intelecção apenas o ser que te ama, que verdadeiramente ama, a ponto de negar inúmeras vezes mentalmente que ama.

A fala que não acontece, que o caramelo marca a queima no peito, a saudade desenhada no relevo dessa queima, a saudade ardente, que derrama pedaços da derme da alma, que extingue a penugem natural, e que deforma qualquer florescimento. A queima insuportável da saudade. Marca eterna oculta num rubi no vale dos seios. E a continuidade do ruflar dessas asas do coração, que haverão de derramar as plúmulas.

"Eu preciso" dos ventos que inclinem as pétalas sobre o Sol que me extingue. Eu preciso que meu sorriso seja um sereno do *renidere*[314]. "Eu não consigo suportar, tenho muito medo de momentos que sejam vazios desse afeto".

---

313 Músicas portuguesas que foram cantadas em exercícios de libertação do sofrimento: Manto de água – Agir e Ana Moura, Rosa Sangue – Amor Electro.
314 *renidĕo* – es –ere Lat. – Brilhar de novo, refletir um brilho, resplandecer, reluzir. Estar radiante de alegria, estar feliz. Usado na forma infinitiva ativa.

Os ventos de fogo que, varram-me juntamente com as cores, com o amor e todas as palavras que foram polens desse néctar. Lanço desesperadamente minhas mãos na terra para ser sobrevivente, estar aqui, seja apenas uma esperança num mísero gérmen da hileia que seja aquele verde de minúsculas folhinhas nascentes para dar essa clorofila "para ela mesmo, quando ela" entender-se.

À espreita da *centifolie*[315] completa dela mesma, mas que me dê as pétalas que puder dar. As que ainda estão na sépala. Não importa. As que estão em Sol em perfume, nesse algo da dádiva da alma, algo espontâneo e raro, o que sempre teve nessa corola, que não a ressequidão. Que possa derramar sobre mim aquilo que é nato como o ar puro orvalhado, qualquer haste que pende do coração, que traduz cores aos pássaros da música de verão.

O amor beija-flor, o amor ventado das tantas pétalas da rosa cor, o amor velado da desfolhada, talvez um caminho das tantas pétalas que aveludem os nossos passos e sejam a *anthera*[316] de nossa significação como flores de estação.

"Isso é essencial para mim!"

Proferir minha voz de amor, então ecoa entre as paredes desse santuário de minha vida, do afeto que eclode nessa rebentação, ecoa e flutua entre as espumas das águas perfumadas do banho, na pele perlada de gotas, na superfície que recolheu os poros, numa superfície lunar do corpo, como a lunação mágica de uma noite do solstício, ou aquele canto de acasalamento dos pássaros anus-brancos, com o leque ornado em filetes negros da promessa da noite.

Eu honestamente entoo esse amor, eu digo e repito a mim mesma, no convulso dos tempos que essa força implodiu minha vida. E dizer que os desejos voejam na evaporação desses calores no vórtice de gestos, do ímpeto do amor, do afeto, que plana o vento mansamente.

Mas recai como uma força da combustão para acender as noites, nas danças mais materiais que um amor pode incendiar nos rastilhos do chão. "Sabe, se você falar, é! Eu iria sim...". As trêmulas luzes que solfejam as paredes da noite, já me disseram toda a verdade dessa força. As últimas estações foram essa elucidação, a poesia revestiu a polpa da maçã com o fogo da casca.

"Ai, caramba!" Eu sei o estio...

---

315 *centifolie* – Lat. – possuidor de centenas de pétalas.
316 *anthera* – Lat. pomada ou medicamento feito de pétalas de flores.

Fala a água da seiva. Fala o espinho que recai. Fala o broto da folha que esverdeia. Fala quantos canteiros plantou. Que rega foi feita. Que fizeste com as pétalas que comeu. Fala comigo!

As águas secas por fim extinguem minha voz e andei densa nas águas grossas.

†

NECTARA[317]

| 16 outubro 2019. 15:38 |Feminilidade e sensações orgâsmicas femininas.

Líquido que escorre, a faringe súplice do mar morto, com musgos balsâmicos que assevera firme a vida, que faz das mãos a arte estatuária. Permeia a sizígia lunar para acalentar a cornalina do Sol num colo plácido e manso primaveril. Líquido transpirado dos sumos puros das frutas vermelhas, nas fendas dos lábios do pêssego, na fúria ácida da casca nectarina, no plasma do vinho, nas auréolas evoladas fervilhantes do *champagne*, na resistência da carne do lábio contra o abalroar dos dentes da paixão.

Líquido jaculado das iraís[318], néctar guerreiro da resistência, que escorre dos dedos levado para o amor da boca, que adoce a completude mais sacramental, a união espontânea que apenas o beijo mais sedento pode abençoar.

O bico sugado.

Da volição mais primacial, a atração dos néctares da boca, que esvoaçam nas cores diluídas em liadas tingidas à Shibori[319].

O lambear dos albumes tão personificados nas essências mais exóticas, que vestirão as areias desse leito macio, nas sensações mais fibrilares arrepiantes do nervo frênico, de um molhar penetrante do verter do néctar granado da romã.

---

317 Nectara – Lat. néctares. Forma nominativa plural.

318 Iraí – abelhas *Nannotrigona testaceicornis*, abelha indígena da tribo Trigonini, das zonas tropicais (Bahia, Espírito Santo, Goiás, Mato grosso do Sul, Minas Gerais, Paraná e São Paulo – Brasil). Preservar as abelhas é cuidar do futuro.

319 *Shibori* – jp. 絞り – técnica de tingimento artesanal japonesa, que se ata com amarrações, costuras, e dobras os tecidos que são mergulhados para tingimento. Como referência histórica, tecido shibori datado do séc. XVIII, do imperador Shomu como mimo dado ao Todai-Ji, é o *shibori* mais antigo de que se tem conhecimento. Técnica que reúne subformas para conferir padronagens.

(O sabor do néctar que se pereniza no ímpar clímace feminil dos dedos à *glans clitoridis*.)

Aigre-doux de um lábio de morangos que demarca as fronteiras da boca do encanto sensual. Os sabores palatais da Angostura e do sal, os sabores que inundam e suprimem as lágrimas.

O néctar supremo cristalino, que encerra a lascívia de todo esses nervos das ânsias desse amor, a *stirĭa*[320] que sacia no descongelar as sedes, as sedes de tudo, a nutrição mais primitiva da vida, o beijo de amor e o polegar que constrói os castelos de areia do lábio inferior.

†

Incomprehensibilis

| 16 outubro 2019 21:20h | incompreensão dos próximos. | 2h

Bem diferente da joaninha que andarilhava esvoaçante próxima dos meus dedilhados que se encobriam da morte do crepúsculo, lá naquele mês de abril de dois mil e dezoito, azeitava minha baioneta para salva de tiros ao ar da claraboia que dava ao meu planetário, eu sadicamente preparei os degraus para amura de um convés imaginário com um grosso derrame de pólvora. Às margens daquele amanhã, naquela exultante bebedoria na contratação da edição do meu livro, arrematei as mensagens da garrafa, risquei o fósforo sobre os cabelos da minha razão, andei entre o estrilo do rastilho em incendeio das mágoas, de exasperadas conclusões sobre aquelas mãos incapazes de me levar ao amor como se me aninhasse como rosa, e nessa pétala, essa estranha vontade, no romantismo frustro gasto nas camas envelhecidas do quarto escuro completamente, uma gruta rude disputada pelo homem de Neanderthal e o Esmilodonte, sem nenhum ar agraciado com algo poético ou que rendesse algum prazer sutil como um cristal gravado.

Enquanto me deparava com minhas decepções no fundo das risadas estraçalhadas de um cesto de palha, havia lá no palheiro, aquela estranha sensação de que ninguém entenderia minha sublime afeição por uma mulher. Eu me iludia nos gargarejos do vinho, que poderia achar um meio suave ou divertido de dizer aos pequenos adultos de experiência relativa e imberbe, com a paciência amanteigada na puberdade ainda.

---

320 stirĭa –ae – Lat. Gota congelada. Imagem poética do derretimento dos sentimentos na união das salivas.

Durante os meses de inverno, entre almoços divertidíssimos, entre o sarcasmo e as críticas diretas sobre minha misteriosa vida entre dois amores, já voavam cacos e algum teor de azedume, reprimenda das cervejas e minhas risadas empanadas à parati. Portanto eu vi o sinal de alerta, de não adentre esse quarto, não me venha com suas histórias, e me tornei esquina ou encruzilhada de assuntos. Não importa o que não se dispuseram a saber. Não importam as formas que tentei expressar que havia enxergado o iceberg.

E esse reino cada vez mais me confinava dentro do meu mundo Escrita. Eu percebi nessa época, quantas vestes e disfarces possui a solidão. Mas não era apenas esse confinamento, era essa placa 'Pare' com olhares indizíveis de reprovação intuitiva que faziam minha trincheira de arame farpado enovelada em mim.

Como dizer a uma amiga, uma irmã? Então, servi-me das minhas poesias. Perda de tempo. Recentemente me convenci de que quase sempre não eram lidas, exceto um sequaz.

E como ajustar o passo com o parceiro de tantos anos? – Não posso mais oferecer o mesmo sentimento de antes.

Algo que levará até o fim dos dias remoendo. Não menos incômodo para mim.

†

Dulcium glacies colliquefacti in litore[321]

| 17 outubro 2019 14:57 | Por G, L e S. – três momentos, G com um ano em Caraguá quando tive pneumonia. L em Peruíbe quando tinha um ano e meio em férias de outubro de 1993 e S com sete anos em Ubatuba no ano 2000. | 2 i

Mamãe tinha um céu colorido que abria e ela plantava na praia. Achava graça no frescor das aguinhas em que eu sacudia as pernocas despidas enquanto eu usava um estranho macacão que podia molhar. Ué! Aquela piscininha que eles enchiam com água do mar e eu sentava para todo sempre enquanto mamãe se acampava numa esteira esticada com o carão sempre me observando, o que eu até gostava e ignorava porque era incrível encher um balde e ver a água esparramar para formar umas cataporas sobre meu braço. Olha que coisa! Estou esticando meu dedinho fuçador para ver de que gelatina são essas coisinhas de

---

321 *Dulcium glacies colliquefacti in litore* – Lat. Gelos doces (sorvetes) derretidos na praia. Verbo Colliquefacio – derreter, liquefazer, dissolver. No part. passado plural.

água grudadas em mim. Ah! Papai vem vindo, com cabeleira negra e seu cuecão azul. Ué! Aqui não tem gente com casaco. Ah um pombo esquisito lá. Olhava para mamãe e apontava para a gaivota.

_ Piu-piu! Piu-piu! – sorria.

_ Olha filha! Viu o piu-piu? Oi bem, trouxe picolé?

Mamãe e papai sentados na cadeira sanfona, eles lambiam escandalosamente aquela coisa. Eu ficava com a língua assim esticando. Então, papai encostava aquele negócio gelado na língua e eu piscava rápido as pálpebras franzindo os olhos à chinesinha.

Aquilo se escondia na boca e formava um rio degelado que pingava na areia e a areia também comia aquilo. Papai lavava as mãos na minha água o folgado.

Que gostoso correr descalço! Sentar de bunda nessa lama aguada, essas ondinhas trazem esse susto. Gosto de agarrar essa terra cinzenta que faz cócegas na minha mão e jogar o que cai no baldinho amarelo limão. Papai junta essa areia com a pazinha e peneira sobre um pé grande que fez ao meu lado. Hoje venta e só tem a gente aqui. Minha irmã veio fantasiada de morango. Nem carnaval não é! Ela é grandona e mamãe usa espelho de pentear cabelo nos olhos. Coisa estranha. Papai é branco que nem eu. Quase. Não sei porque a perna dele é assim. Cheia de cabelos que caíram da cabeça, deve ser. Cansei dessa lama. Vou correr por aí. Papai me siga!

_ Papa! Papa! Aga! Aga!

_ L vem com a mamãe tomar água. Vem. Dá mão aqui.

Ele me puxa pelos sovacos com mão suja de areia, viu. E me ergue no colo e eu esperneio. Quero correr. Ele me desce e vou com as perninhas correndo muito, muito rápido. Ele anda, mas também tem pernão de gigante.

Quem vem lá?

Minha irmã está pulando jogando os pés com os calcanhares para sua bunda e seu cabelo fica pulando também. Parece um espanador. Por que ela pula?

Mamãe vem ao meu encontro e me carrega até o carrinho solitário do vendedor. Ele tem um monte de tijolos gelados coloridos. Ela entrega aqueles pedaços de papel e ele dá para ela três tijolos de gelo, ela equilibra entre os vãos dos dedos e me suporta com seu outro braço. Essa minha mãe. Gosto de ir ouvindo a voz.

_ Maracujá, abacaxi e groselha.

_ Quero groselha mãe!

Minha irmã intrometida já pegou aquele vermelho, ela sentava com todo jeito e tomava o picolé sob o guarda-sol. Eu recebia uns gelados no beiço, tinha gostinho interessante. Eu esfregava com as costas da mão pelo rosto. Mamãe passava um pano umedecido para limpar. Eu então corria na areia para ver aquela fumaça de chutar a areia fofa. Ela me vestia camiseta. Ah tava bom sem.

Os sorvetes sumiam logo e papai voltava molhado, seu cabelo ficava jogado de lado, seu peito virava um mar de gotejos que brilhavam no Sol. Mamãe tinha um maiô azul e se divertia com nossa farra. G me ajudava a cavar a areia e os sorvetes dormiram derretidos na areia.

_ Pai eu tenho sete anos!

Papai sempre me ajudava a levar as coisas para a praia, eu adorava. Meus irmãos corriam na frente de mamãe. Ela andava olhando o mar e voltava os olhos para cada um dos filhos e voltava para o mar. Era uma ciranda sem fim. Na subitaneidade escolhíamos, na verdade papai escolhia, um lugar de fincar o pau do guarda-sol. Mãe estendia toalha na sombra e esfregava o protetor maquiando minhas costas e peito, esfregando com força demais meus braços, enquanto eu desequilibrava nos pés.

Meu irmão corria para água e ficava feito bobo sentado vendo as marolas. A G saltitava nas ondinhas mortas e ia até uma onda, molhava-se e voltava saltitando no seu maio de cores coral e azul marinho em formas geométricas. Geométricas, isso mesmo, vi ela falar isso. Não sei bem o que é.

_ Sorvete, sorvete, sorveeetteeee. Mãe! Sorvetee. Um sorvete só, mãe. Por favor. Eu prometo que não peço mais nada. Um sorvete de creme. Não! De chocolate.

_ Tá bom S. Assim que seu pai voltar. Não vou largar as coisas.

Assim que aparecia o sorveteiro, já via de longe e longa data.

_ Olha lá! Sorveteiro!

Todo mundo vinha correndo de toda parte. Todas as cores geladas e meladas. Ai, eu adorava. Molhada e com areias pelo cabelo eu e meus irmãos ganhávamos um picolé e sentada de pernas escancaradas eu deixava os escorridos caírem na areia, como eu era esperta! Mas nem notava a serpente de gosma do

picolé que descia pelo braço e pingava dos cotovelos. Não tinha problema. Eu lambia os beiços e o picolé deitava minha boca e eu mordia ele até o final do palito e depois mamãe guardava o palito, não sei porquê.

Corríamos então para as marolas para cair de bunda e lavar o melado.

†

Per amorem

|17 outubro 2019 13:45 | Música: Deine Wege – Thomas Lemmer. | 2 i

Não há que se confinar o sentimento. A vidraça que se abre para o Sol que se empalidece, e o voo piruetado de andorinhas e sanhaços, com a brisa da esperança, essa linfa que umedece a alma de amor, que por ele a visão ganha horizontes e o corpo vigor que suporta incríveis pesos.

As andanças se libertam, e por amor ruma-se caminhos impensados, nunca cogitados. Apesar do cansaço, a força sobre-humana se mantém e leva os pés desse amor pulsante, batendo no peito, vestindo música nos ventos frios, emprestando lágrimas às geadas, olhando no olho do senhor viúvo, suas rugas de falta, com compaixão e carinho acolhedor manso sabendo profundamente a dor daquela perda. Abraços verdadeiros.

O amor, por ele se suporta o ego, se esfacela e se despedaça, alcança as farpas e rachaduras sangrentas no calcanhar, estrepes nas pontas dos dedos entranhadas de labuta que se marca de uma fuligem do esforço.

Por amor os esforços não se limitam, as falas não se calam, os poemas são escritos, a cereja é a mais bonita, o sorriso cativo da criança inolvidável e as coisas de que se precisa naquela hora podem esperar. A criança no colo, acalento de sono, o sugar instintivo, o ato de parir, o ato de conceber, o ato de amar ilimitadamente mesmo se ferindo dos enormes espinhos do preconceito.

Por amor o beijo não tem duração. Por amor o beijo comunga com a flor. Por amor somente aquela pessoa tem o sabor do beijo.

Por amor fiz, digo por mim mesma, idas ao correio, papéis manuscritos, desenhos e perfumes que desenhassem algum olá, que contasse de mim, que desse as mãos para a solidão dela e curasse uma ferida invisível.

Por amor, andei quilômetros na chuva, sob o olhar tenso de meus familiares em uma missão de paz.

Dobrei meu orgulho, meu jeito de pensar, para dizer algo àquelas pessoas que houveram de alguma forma me ofendido. Não poupei dar o primeiro passo. Não deixei de acreditar que o amor poderia vencer o ódio.

Fui grata. Busquei, inúmeras formas de abrir a minha porta, para de coração e peito aberto estar aqui, sobrevivente, para dar amor até mesmo para ela. Para manter o carinho espontâneo vivo para H. Por amor isso é sempre muito pessoal, ainda que as coisas tenham mudado, que decepções foram as enchentes na minha casa, que o frio humano esteja dominante e as pessoas tão insensíveis. Acho que o materialismo traz os pães bolorentos para a mesa da vida.

Por amor eu andei pelas trilhas da serra, pelas cachoeiras da dúvida, pelas matas virgens, pelas ruas molhadas de São Paulo, tomei taxis para entregar calhamaços de amor guardado, paguei os selos estampados das germinações do sentimento, plantei flores brancas nas ideias para pessoas. Escrevi cartas para mortos, plantas, primavera, para as cores, uma sensação de ter comido o arco-íris que me deixou repleta, de ter sangrado até a morte que me deixou pensativa e deprimida. Mas sensível e sobrevivente para dar esse amor, doando a sensação do benquerer em benfazejos que incluam leitores, (alguém) que segure a sua mão nesse agora, no calor ou frio, a mão que toca e diz, amo a existência e a minha existência fez sentido por conhecer aqueles que me deram afeto, aqueles que me amaram e amei, aqueles que por um tempo foram namorados, aqueles que foram sempre enamorados dentro de um fascínio incompreensível, e principalmente a esse amor mais extraordinário, caótico, exótico e apaixonado que por amor, eu faria tudo, escreveria um livro até, um poema dedicado, e seria uma cachoeira para a sede.

†

Inadequatio

| 17 outubro 2019 14:40 | 2 i

Feito tempestades de resíduo de sabão, esse sentimento sobre o sentimento permeia um lodo que vem junto à aluvião de minhas vivências. Uma impressão que me fazia do coração uma noz. Houve pedras e percalços de meus próprios erros, consequências de atos, da impulsividade, por mais que eu pensasse ou quisesse redimi-los isso sempre foi bastante inatingível. A sensação recobria de uma ferrugem, começava com uma oxidação, com o baço da visão, com a dor do estômago, com a respiração pesada, e toras que pesavam o ombro. Um tanto disso deveu-se ao fato das coragens que tive de agir não convencionalmente, mas que sabia que geraria reprovação de pessoas. A inadequação

era uma enfermidade do peso da repressão, de conceitos impostos que construíam uma culpa indevida. Levei anos para esvaziar a culpa de amar F. Agora o peso me adoece muito, sobre a sensação de que isso infideliza. Não significa isso, mas a escâncara do amor faz parecer um tipo de traição, que invalida tudo que posso dar e é aceito por ele. Eu lhe disse que não podia atender expectativas e dar de mim aquilo que não fosse nato, mas entre nós damos dedos na vivência dessa família com carinho e respeito a nossa trajetória, sabendo que não somos propriedade.

De qualquer forma há a poeira convencional e receio das reações preconceituosas que corroem de alguma forma e somam ao rebimbar negativo da depressão.

†

Limina[322]
| 16 Outubro2019 00:42 |

O que seria mais mendaz, crer que F esperaria um estado hipotético estabelecido por ela como algo aceitável ou crer que o sentimento de que o meu sentimento arrefeceria? Quantas estranhas indagações e hipóteses atormentarão a mim nesse veredito impronunciável? Qual é a fronteira onde a amizade se descaracteriza (isso existe no amor?)? O que me desqualificou? Qual fronteira da vida e da desesperança esse sentimento me levou?

†

Dilectione
| 16 outubro 2019 | Sobre amor 2

Em outras palavras, desde sempre venho me perpetuando de carta em carta, de algum ato ou outro como uma busca que pudesse resolver a perda do relacionamento. Uma figura de poesia, uma imagem poética pouco pode pesar o oceano dos versos. Pelo simples fato que era necessário proferir aos meus ouvidos, nas gotículas do banho, nos respingos da loucura que o sentimento me foi. Apenas queria acolher a verdade de mim mesma, diante de tudo que foi se revelando o amor feminil, uma face mais profunda de algo que se implodira

322 *Limina* – Lat. Limiar.

dentro de mim. Revelava meu riso escrachado no desfile de um carnaval fantasiado das libidos camaleões-fêmea. Cifrar nas palavras meu amor, deu-me escritos que provavelmente ninguém jamais saberá o que realmente eu senti. Eu me senti louca, ouvindo minha própria voz. E no fundo a estranheza parece ter nascido junto a verdade.

No embargo da voz, na embriaguez, certamente havia um fio de argumentação justo e claro, eu poderia ter transcrito, mas entendo que são arpejos da arpa vocal, uma música somente aos meus ouvidos.

Nada ali me faz menos, nem mais.

Rezo uma prece ao bucólico do idílico de um tempo paralelo, que delineia bem o impossível, nos movimentos brandos do meu braço estendido ao vazio, no rouquejo embaçado das essências, que diziam: Ah eu amo. Eu queria poder a totalidade do êxtase numa navegação que derivasse o degustar da vindima do panteão. Eu sei das distâncias para o viver desse mar adentro.

E nas águas mornas que me envolviam, nos perfumes ali que me tinham no braço, eu ardentemente sabia a quem eu queria confinada na solidez da realidade daquelas paredes.

O receio ao vazio do afeto ruge a perda na consolidação dos momentos mais difíceis de depressão.

Os caminhos percorridos da escrita, no que vivemos e não vivemos só me desespera ainda mais o silêncio dos diálogos, e a sensação profunda da repressão a quem mais fez vítima.

O momento agora confronta as palavras de 'eu-te-amo' que proferi. Toda minha voz guardou diversos aspectos que alargaram o horizonte do meu afeto na vida, todo dia me recobro os trezentos e sessenta graus dos amores, mas não consigo mais trazer a harmonia das recíprocas. As lacunas sacrificadas da minha vida contêm as dores e saudade que me enumera todas as tentativas vãs de restabelecer o elo, num teor alcoólico que me faz ver essas mãos espectrais de ambas que se estendem sem se tocar através dos obstáculos.

†

Novum ad amorem litteras Lynx[323]
| 17 outubro 2019 | 17h às 18h| 2i Como eu queria ver isso

Amados olhos do estiolamento, o *Phoenicopterus rubus* que me olhou, incorporou sua pluma no meu enleio em tua majestosa lembrança, blaterou um cacarejo intermitente 'baa', de gutural voz. A luz torna-se o candeeiro da minha cegueira. Esta estação peculiar das grandes queimadas, que trazem e levam incontáveis seres inesperados das piscinas das estrelas no longo voo. Eu voava. Eu voo. Eu sinto impelida de ir aonde estivesses. Voar os sonhos que tivesses. Na laguna do repimpar-se de tantos lindos pássaros me achego, com a ternura do espelho d'água azul em que chovem os gritos das cores. Entre os voos da águia dourada com as armas do Sol, pelicanos alvos e marrons, íbis, egretas e as egretas nevadas, anhingas... No pouso das cores naquela tela nadada pelos crocodilos, abraçadas em negros ursos, carinhosamente passeada pelas iguanas, abre-se. Abre-se o novo céu. O céu que levo de presente entre os olhos meus, no rubro de minhas andanças. Levo o céu de estrelas verdes a ti, que se abrem em fremir das plumas do pavão. Céu que tem um olho mágico, que tem cores inimagináveis.

Teu passo se camufla entre gramíneas, ciprestes e pradaria na laguna protegida da maldade. Olhos nem um pouco parcos da sede. Naquele sólio régio. Assaz verdejante para a união da harmonia, para uma comunhão de amor que não extinga a pureza animal. Entre os renques da passarada. Entre grandes desenhos que riscam as águas de sombras voadoras da liberdade. Tão magnificente.

Amada criatura feroz dos encalços da minha alma, o lugar reserva o *philtrum*[324] do reencontro. Assim vejo, em meio ao vergel da pradaria, reconheço a sombra e andar, a ginga tênue e o pôr a cabeça de lado para admirar. Tegumento de fogo. Face do singular. Olhos penetrantes. Como um reino distante, *indemnis*[325] tua existência não me fere, ela me incorpora, ela me devora talvez, talvez apenas ande permeada em meu coração com neblinar da noite. Ali me extasio das criaturas, das palmeiras dançando, a tabebuia florida, a *calanthea* e *jabillos*, frutos da *jujube*, a noz capsular maia, e frondes amarelos de *poinciana*.

Querida, no seio do teu coração amerissarei meu pranto de emoção, de ternura pela simples ferocidade da tua alma, pela afeição gentil e cordial em

---

323 Novum ad amorem litteras Lynx – Nova carta de amor – lince.

324 Philtrum –i – Lat. Poção amorosa, filtro para inspirar o amor. No texto atribui a magia da sedução.

325 *indemnis indemne* – Lat. que não sofreu danos, que não teve prejuízo, indene.

grande retribuição involuntária, pela gentileza pousarei no cristal dos teus olhos a gratidão e das garras entregarei meus valores, o vasto carinho e que nada *incongrue* o amor que imergir-nos-á na água de luz. Simplesmente *amelissará*[326] conspícuo para albergar as tuas histórias de jornada com o valor de cada passo, de cada luta, de cada sobrevida. Sentirei capitoso sentimento que as lindas cores que embrenhadas esperam o que nada pode entregar ao *Linx rufus*.

Aqui flanam e voejam esperanças para viver cada novo voo nesse ímpeto e força por amor, das visões que queria que se juntassem em mesmo tempo e lugar, com asas e passos gatunos que soassem uníssono: *amandum*.

†

326 Amelissar – termo inexistente, composto da junção de duas palavras – 1) amerissar no sentido de pousar suavemente, e 2) Melissografia – descrição dos costumes das abelhas. – Amelissar seria o pousar delicado da abelha, no colher do pólen. Levando suas asas de espelhos nessa dimensão de toque quebrando as distâncias quase sem se perceber.

1 RESPECTUS[327]

Primum sermo[328]
| 17 outubro 2019 16:06 | 1 a

Antes que eu reescute as primeiras manifestações no auditivo de minha emoção, ouço as vozes dos casais de maritacas da tarde, ouço o miado chorado do gato P que carrega suas chagas em forma de fome, que deita no sopé dos degraus em que caí e as gatas se viram largadas ao caldo do calor da tarde, jogadas na sorte do chão fresco.

Eu ressinto os batimentos fortes de proferir, lembrando a impetuosidade das curvas de rio caudalosas e repletas de pequenos peixes se misturando em suas vidas, com plantas que bordavam os cantos e pedras que cedem um local de assente para o pensamento vago.

Lembrando firmemente da transcrição à lápis e a análise da dimensão de dizeres que fazem essa dança de rodas.

Falas. Amor. Abraço. Modo. Carnal. Forte. Louco. Sinto. Gosto. Arrebatador. Pessoa. Simples. Linda. Amava. Profundo. Lembranças. Mão. Boca. Mais. Quisesse. Dei. Respeitava. Secular. Libertar. Amava. Amo. Vazios. Ela. Tem. Importa. Essencial. Tanto. Tocar. Beijar. Abraçar. Iria. Respondi. Pergunta. Tempo. Cá. Caramba. Realidade. Fala. Comigo. Amor. Deus.

Houve em mim o estringir assim como os dias que me fizeram conversar mansamente com o nada sobre tudo, sobre o singelo amor, a ternura da vida, a florada do sol, a matilha de lobos, e cada dia havia essa fala, uma nova lei promulgada em meu desfiladeiro. Uma superação, quedas. Cada dia, aquele amor estava no sangue do globo ocular, como uma mancha sanguínea sem data de sua aparição. Era. Estava. Está. Estará. Conjuga minha vida e ao mesmo tempo me faz enxergar.

---

327 *Respectus* – Lat. – Ação de olhar para trás, visão para trás, refúgio, asilo, abrigo. Respeito, estima consideração.
328 *Primum sermo* – Lat. Primeira fala. *Sermo*, *sermonis* – fala, conversa, conversação, diálogo, discurso. Debate, discussão. Linguagem cotidiana. Rumor, calúnia, comentário maldoso, mexerico. Modo de falar, maneira de se expressar, linguagem, estilo, dicção. Língua de um povo. Refere-se a pronunciar o dito com profundidade do sentimento de amor. A afirmação do amor para si em voz.

†

Maiorem caritatem[329]

| 27 outubro 2019 13:09 | Áudio amor de 19 de maio 2018. |

A *obtorpescenda*[330] minha me deu essa voz licorosa cristalina em copo suado frígido senso, em derramadas madeixas no canto do travesseiro e olhar horizontal sob o arco do cume da coberta, entre as réstias na poeira que se levantava. As panelas abandonadas na sorte do fuste verde apagado. As vidraças esquecidas para poeira da chuva. As gotículas escorridas da louça lamentadas do valor mísero que minha realidade permitia.

"E ademais eu devia ter falado isso".

Que eu pudesse ter sido zagal das feras que nos cabiam e que num gesto lento, atonal, com agudeza falconiforme, andasse imperceptivelmente sem soar estalidos nas gramíneas doces, e que do convexo céu espelhado nos olhos, que nos olhos dos olhos dos olhos dessa água eu dissesse. De alguma forma sopitasse qualquer ação, a não ser a receptividade dessa tez feita de fitilhos dos ares que entremeiam as chuvas.

Que a voz não riscasse o tampo esculpido desse escrínio, que guardava aninhados instrumentos da pluma que dançavam pela minha mão, as danças sem par, sem noção de por onde caminhariam, no chapear de um calçado de bico que deixasse as palavras nuas.

Eu deveria ter encantado versos ensolarados nas doces melodias que atravessassem as barreiras do tempo, do templo, do medo, da classificação, e que nata, simplesmente existisse e encantasse nas túnicas do mistério.

Inocente feição de criança pudesse ter dito, entre rodopios e pulinhos da satisfação de encontro.

O som que apenas os teus ouvidos colhessem. Como brio e anódina sensação da superfície, que com um timbre apenas levasse ao ápice do promontório que

---

329 *Maiorem caritatem* – Lat. Amor maior.

330 *Obtorpescenda* – lat. Forma gerundiva nominativa feminina singular de *Obtorpesco* – is – ere – torpui – Entorpecer-se, tornar-se imóvel, insensível. No contexto é a 'entorpescência' de um momento para que dissesse as palavras reprimidas que não conseguia.

um vento festivo lambesse *plene*[331] que arrancasse giros abertos das mãos da entrega na força feroz de teus braços diante do horizonte.

Eu deveria ter balbuciado com os tecidos macios de farfalhos em teus ouvidos que primariamente eras, *omnĭa*[332].

Tinha que ter tido esse momento, antes, ou recente, ou agora, já, a qualquer tempo, que nada escrito substituiria. Amo-te.

As encruzilhadas dos portões que desciam nos portais de cada feudo, era para que eu invadisse uma fresta do canal lacrimal, um solfejo de algum músculo de micro expressão e afirmasse, na coragem da face.

Nos sofrimentos das décadas, pelas sombras que me corroem em prantos ignorados, somente assim, me dou em peito aberto essa tortura, ecoar nas quatro paredes de homonímia de amores condenados ao recôndito do coração impronunciável.

E quando sinto sair da órbita me lançando ao espaço, estendo-te mãos de amor. Estendo-te um tapete de sonhos. Estendo-te meu olhar tocante aos brilhos da cintilação. Sigo o vácuo íntimo do abandono, dos olores do mundo, da estridência das vozes, do pó recorrente que se deposita nos móveis e o tempo que finjo não esgotar.

Quando olho a luz que incide sobre os últimos anos, que aprofundo os significados do amor, que ele é o vinho degustado, o semblante das uvas na pisa e na maceração da maturidade, e o paladar veste ondas de um mar inebriante, de barafustar com as ondas todas as cavidades dessa sensação. A de sentir.

Um ontem que me grita, me descabela, me transpira, que sangues pisados intumescem os antigos cárceres de uma visão muito peculiar. Uma janela apenas para um jardim de uma flor de uma cor, de poucas pétalas e de um orvalho. Ontem me dizia, que o vinho propala pela minha consciência de amor e desenfada esses festejos de mim mesma em solidão, de pés descalços, e galopes imaginários, e cores e mais cores, nesse gosto de cada gole de embriagar. Como uva de ti. Como o aroma fugido de ti. Como um sorriso furtado. Como um beijo consagrado de teu próprio virar dos lábios para dentro de sua língua e sorrir abertamente de olhos fechados. Que me doasse um gesto de amor possível.

---

331 *Plene* – Lat. Plenamente, completamente, amplamente, inteiramente. Perfeitamente.

332 *Omnĭa* – Lat. originado de *Omnis Omne*, significa tudo.

Nos mantos dessa relva da vindima de cada ano, e esse bom ano, estar ali nas sombras palhas da graça desse cultivo, estar nesse ar ao léu ao céu, continha o ar especial do lugar, da orografia que descrevia os sofrimentos da lua, nesse acordar, como se o idílio transformasse. A transmutação de toda essa fenda que rasgou a uva ao meio e dela perdeu-se a semente, para algo que senti ter nas mãos. Ter o desenho de tua pele nessas pequenas pulsações nas pontas dos dedos que desenham no ar o todo daquele teu profundo olhar. As pulsações amam-te em um deslizar de águas caroáveis na canoa de ilusão.

Acolho-te nesse batimento de minha vida, pois todas as diferenças por fim acabam sendo a beleza. A delicadeza é imaculada em afeto desarmado.

Todos os caminhos se coexistem em meu labirinto de amor. Reconheço sempre os pássaros que a árvore recebe na dinâmica das estações.

As existências assumem seus significados que desenham minha alma e colocam coroa das pétalas na minha íris de visão, percebo. *Ego amavi et amo*.

Que incríveis leiras semeadas floresçam a qualquer tempo entre nós, os grandes sulcos estéreis secos e que derramem a natureza livre nos encantos ainda jamais descobertos. "Eu sinto tanta falta".

Que gatos se embebam dessas frescas sombras. Que as abelhas, colham-nos.

Os nós desatados no diálogo, na *philologia*[333], na amizade primaveril, que bons ventos tragam a água da sobrevida.

Nós quebramos um elo sagrado, fomos nós que em desajeito arruinamos a terra das lavras e que deixamos de regar. "O barco afunda" sem travessia.

Qual a interjeição de tristeza que possa ser dissolvida? Onde estão teus atos?

Dentro das contradições moram um gesto de gratidão, um gesto que acomoda alguém que não pretenderia machucar. As mãos que espalmam a felicidade alcançam sua expressão e a fazem se modificar? Elas levam riso e sensação de gostar?

---

333 *Philologia* – Lat. Amor às letras. Prazer em aprender. No contexto, representa uma imagem poética, viva, pois a amizade referida teve íntima participação nos escritos, na arte que produzi, participou de uma espécie de gestação dessa pessoa da arte e literatura que venho me tornando. Essa amizade se constituiu através dessa dimensão, trilhou elementos platônicos, idealistas, utópicos, idílicos e bucólicos. Essa dimensão criou um elo efetivo e único, nem tanto intencional, mas trilhou junto esse caminho até mesmo do meu autoconhecimento. Essa palavra traduz um entusiasmo que aleitou esse outro tipo de maternidade.

"E o fato de querer, ele era maior".

Os mares navegados nos éteres incompreensíveis eram pujantes, era perturbador, era puro e ingênuo, havia um amor ali muito reluzente, e quanto mais elucidado me levou à visão completa. Vínculos mais tênues e bonitos da amizade, plantas que eu tentava cultivar, mesmo com mãos que mais perecem do que germinam. Era um sereno olhar bonito de amplidão. Tudo teve força.

"Isso é tudo muito complicado. Eu queria que não fosse assim. Minha amiga eu não pude nunca dizer na sua cara que eu te amava".

Havia demais nomes de ventos, demais flores, demais seres e bichos-pau, e havia um rol enorme de tipos de samambaias, havia inesgotáveis nomes de cidades e rotas possíveis. Havia demais notas de perfumes e combinações de paladar. Havia demais tonalidades ocultas nas sombras e nos contornos. Havia demais débitos impagáveis e havia coisas intermináveis a se fazer. Eu desconhecia tanta coisa e também a ti meu coração. Desesperadamente eu ignorava minhas arritmias. E tanto que era eu tentara salvar palavras sentidas na poesia viva em mim na esperança inerente de um gesto de afeto.

Posso arfar meus sufocos que não se saberá e não se conhecerá o perímetro.

†

Examen

| 19 outubro 2019 1h |

O que é mais real é a gota do exame. O exame que olho atentamente para o tempo e agora vejo, entre nada e súbito momento que percorre minha medula espinhal num acorde de agonia serena.

O real brilho goteja do quartzo do Sol pintado e traços se borram na minha incapacidade de absorver o gosto da saliva do semblante.

Real batimento, o coração estriado.

Real dor do que não é real e é real, simultaneamente. A sobreposição das visões e cegueiras. Resulta meu nada.

†

Hiperboreis Fluctus[334]

| 20 outubro 2019 1:45 a 1:58 | anotações espontâneas de lucubração noturna. Inspirada no documentário sobre a Noruega.

São as línguas das ondas que masturbam os regaços apocalípticos com a fúria do amor e lançam dardos de oito mil raios dos díodos da ilusão.

É o simples orgasmo do instinto sem idade nas caligens hiperbóreas.

São luvas de água que penetram a loucura precisa nos funis molhados da gruta morna-quente de um manto ondulado de lava empilhada e esquecida dos seus próprios poderes de prazer.

Repousar os ouvidos no travesseiro fresco dos teus batimentos cardíacos do ponto do clímax ao pouso esquecido do lábio no longínquo entre o pescoço e o ouvido, no mar revolto dos cabelos no resto do gosto da semente da goiaba ou o sabor dos grãos da romã da cura.

E o impossível esquecimento que afoga os confins do frio.

†

Giri Columbarum[335]

| 25 outubro 2019 15:59 | Voos de paz não são propriedade.

- Caraxués não poderiam ser, não neste dia, nem neste lugar. Intrigada observava um rodeio. Como ondas que aglutinavam *picturatas* cores, como que o plano da ordem do caos, mas certeiro, as aves circulavam ágeis e velozes, não simplesmente um revoo, nem um susto que as debandasse, não. Elas me circundavam, que a princípio eu buscava a origem do seu voo, alguma árvore que lhes servisse de ninho. Pensava nos injustos preconceitos que lhes pesavam e admirava. E elas me acolheram em seu vórtice. Voavam no sentido horário, com vigor em redor de onde eu estava. Aceleravam algumas que tomavam a liderança, e uma figura de albatroz se firmava nas neves azuis, nos setentrionais estilhaços da vida, nas gralhas insuportáveis de algum pregão, e assim que houvera caminhado, notei que ampliavam a companhia. Pacifiquei. Pacifiquei uma

---

334 *Hiperboreis Fluctus* – Lat. Ondas do ártico. Inspirado no documentário 'Mergulho no Maestrolm 2019'.

335 *Giri Columbarum* – Lat. Os giros das pombas (primeiro no plural da forma nominativa e o segundo na forma plural genitiva).

paz que me foi negada. Um simples ouvir, que agora me dizia em seus arrulhos, as fagulhas de cinzas que engoliam os azuis do céu. Meu olho refletia, uma água espraiada, e as brisas desse prelúdio. As pombas que me acenavam, entre seu contraste cinza e branco, conforme suas asas subiam a luz corria aquela imagem viva, desenhavam nuvem, desenhavam uma poldra que trotava espevitada, mas que suas ancas pendiam o orgulho de uma elegância, as pombas formavam o tremular do lago, o lago havia solevado ao firmamento com as lágrimas e dores da prerrogativa da negação daquela paz. Aquela que firmemente me segurei e quis sedimentar. Não são os atos que desenham. Os atos tentam. Queria ter ouvido o caraxué, mas vivi e vi a dança pombal, elas viraram um oito infinito e inverteram ao sentido anti-horário. Coisa incrível. Eu comi dessa paz. Essas plumas me soergueram as dores madrugais e senti decidir ali, deixar a nova cicatriz para um nunca imantado, que se impossibilite me complicar. O bando acelerou, me rodeou e andei duas quadras até que sua magia sumisse, e apenas um resto de sabor me concedesse uma insígnia tão inviso lio de um nume atenuado nas salivas que diluíram essa paz.

Aquela sensação negada ficou infinitamente para trás. Aquele revoo me vestiu das sombras frescas de teixos, que por milênios se criaram sem abate, assim o Sol de entremeio, tocou luzes em focos redondos em hóstias no meu rosto, e segui com o sabor dessa paz que me coubera havia muito. –

Por mais que um dia a cavalgada na torrencial chuva, fora da altivez e arrogância desse escárnio deliberado de me ter julgado, na repulsa convulsa do choque elétrico da queda do raio, que fendeu as entranhas do tronco e me sucumbiu, que muito mais que desamor, muito mais que desumanidade, aquela cinérea lembrança trazia a impregna da descompaixão, uma face incinerada da asserção da repulsa, trajado em dia invernal das sombras do despeito. A porta cerrada que em úmido e gélido não, certamente me assistiria desidratar e azular uma hipotermia sem nenhuma dúvida em manter a porta com os olhos bem fechados a qualquer vento do sentimento humano.

A paz profligara nos mares profundos entre a endofauna e fendas escuras abissais, perdida e opaca. Estranhamente o tempo esfacela até mesmo essa pobreza nos traços na estatuária frígida sem veio marmóreo de alguma glória, dada a afugentar as visões que reacendam uma flâmula de compaixão e apercebam a proximidade ao estender de mãos. Os narizes, olhos e queixo decaem com a intempérie e no horizonte do deserto as partículas ascendem aos céus por um instante de sopro da humanidade no revolver do infinito.

†

Marmor Vitae[336]

| 25 outubro 2019 18h | Dúvidas e angústias de contar em livro, algo que somente diria de mim dando mão a uma outra pessoa.

Pois que se contam as nuances de um céu que vejo, para um ser que absorve dele na mescla matéria do ar e água, o decantar da luz de mesma estrela, na distância de seus firmamentos, nas palavras que unem existências sem obviá-las. À ninfal *spinetum*[337] angústia de amor na miséria de seu despertar, que não concede fruição por um mísero erro ou sofrimento, a claridade que cegaria aqueles seres nascidos na escuridão.

†

Intercolumnĭum [338]

| 25 outubro 2019 20:11 | Um áudio Para não esquecer de 31 de dezembro 2018 | Escrito no terraço, na carteira escolar, com luminária em dia de calor, com as mariposas rodeando.

O que uma penumbra não me comprime, não acende uma palmeira-do-Ceilão[339], como fogo branco, como nascimento de céu emplumado e romântico. Não cria o navio de minha fantasmagoria, não me adensa em ondas violentas. Esta rota que não se desenha, que não me deixa ser autóctone ou forasteira, o mar tem consistência que engole o rumo e essa inflorescência não emite luz no meu recanto.

Eu te amo, porque esse murmúrio a corrente de água ecoa dentro dos regatos que empedram meu coração. A integridade despedaçada não rejunta no *Kintsukuroi*[340] as pequenas farpas das cores perdidas das delicadas flores da porcelana, não junta as mãos, os braços e os sentidos emanados dos vapores do

---

336 Marmor vitae – Lat. vida marmórea. No sentido das mesclas do mármore, sedimentam os sentimentos pelas pessoas da vida.

337 *Spinetum* –i – Lat. cerca de espinhos, moita espinhosa.

338 Intercolumnĭum – lat. espaço vão entre colunas. Intercolúnio.

339 Palmeira-do-Ceilão – *Corypha umbracolífera*, palmeira talipot, palmeira cuja inflorescência oferece plumas brancas de incrível beleza.

340 *Kintsukuroi – Kintsuji*, emenda de ouro, é arte japonesa de junção e reparo de peças cerâmicas ou porcelanas com laca, ou com mistura de pó de ouro, prata ou platina para reparo. Que pode ser de rachadura, partes ou conjunta; que têm por filosofia a aceitação do defeituoso.

calor naquele frio. Eu te sinto caminhar minhas sendas de rendas de amor, nesse vergel de sangue pulsante da plenitude de amor.

Eu te amo, e preciso pintar com as penugens que levam o ramalhete enrubescer das rosas em pétalas submersas na endoderme desse sentimento na feição que se desenha com os meus lábios que pintam. Quero sentir a fusão do vidro e que tudo que se despedaçou forje outra arte, no tilintar dos dedos e ternura - tão delicada laca.

O frio que tritura os sonhos nas dores insones, nos vazios perfeitos sem trégua, no sumidouro de constelação perpétua, no tempo fugitivo de qualquer lembrança.

O sentir que se respira por si mesmo, no vento que finge acabar, porque suas direções possuem aonde ir, e ainda quando o ar acabar, essa voz irá sibilar nas flautas canções de desejos indecifráveis que atravessem as chamas do fogo ardente, com a cor azul do vermelho, perpassem através da sombra da luz e lancem com arco uma flecha envenenada com o brilho de azul negro da noite do luar confinado no intercolúnio das vertebrais estruturas de algo que se sente, que se move perante sua constituição da luz oculta de *Sirius* B na órbita *perfidelis*[341] entre as luzes em toda intensidade pura desconhecida dessa verdade.

Rodopios desse amor presos nos elos das gravitações, sobre o corpo, que renasce sobre o corpo, que enternece sobre o corpo que oculta, desaparece num átimo de cintilação e reaparece, na luz que completa a magnitude. As estrelas sabem dizer tudo que não me esqueça, que em mistérios se galopem locais definíveis onde estar. E na persistência, a luz é a única que incidirá.[342]

†

Mansuetudĭnis[343]

| 31 outubro 2019 11:19 | Por H.

---

341 *Perfidelis* – dele – Lat. – muito fiel, bastante digno de confiança.

342 A imagem poética retrata a coexistência da magnitude de Sirius, contendo essa proximidade entre estrelas que fundem a mesma luz. Sirius B tem astronômico efeito nessa apreciação de Sirius na Terra. Contextualiza o giro deitado de um corpo sobre outro como uma órbita de dança.

343 *Mansuetudĭnis*, *Mansuetudo* – Lat. Mansidão, brandura, doçura, bondade, benevolência. Contextualiza carinho.

De um jeito repentino às vezes ela passa e retém para si os tantos sorrisos. Eu que me acabrunho aqui e enterro as faces taurinas nas ondas luminosas emitidas no interior da sala, enquanto me ajeito no sofá em falripas, pouco me importo num instante com tanta ressequidão, apenas e certamente que não nos entendemos e sinto que não importa qualquer esforço meu, que não consigo dourar mais aquele afável olhar, sua amabilidade envereda pelos seus ralos naquele sifão transitando para suas entranhas que estranho, que inevitavelmente cotejo aos afagos vazios de momento. Por vezes estrala o fogo e porfiamos horas por coisas insensatas e insignificantes.

Então enquanto tento um aparte, ela risca o fósforo de que foi interrompida, e minhas atitudes são reclusas porque o Sol não quebra dormências. Sinto o pé doer, e suspiro asperamente recordando.

M aparecia com a cara na porta do quarto, disparando um olá, e oferecendo uma massagem nos pés.

_ Ah, eu quero! – Os meus murmúrios geravam nela, aquele andejo acelerado, e trazia bacia com água morna, creme, e ficava um tempo me puxando a perna, enfiava na água sem que eu protestasse, enxugava, não conseguia ser rude, vestia um ar engraçado que por vezes me punha a rir.

E logicamente recebia um repelão maroto, para disparo de motejos de minha parte. Esse era meu gosto, produzir risada e pescar com arpão golfadas de esbugalhadas gargalhadas que retiniam agudas vibrações e desopilavam as minhas cordas vocais. M prosseguia, era assim exagerada, empurrava para amassar minhas costas, o que por uns instantes eram dores do trabalho, logo vibravam sensações que tornavam campina viridente e acalmavam com estímulos meus nervos.

Gostava de passar a mão no rosto, quando sentia a profundeza das cavernas de sua depressão, que sua pupila engolia o olho inteiro e que o olhar produzia fuligem. Eu passava a mão no rosto, na esperança que desbotasse a *magnolia liliflora*, como um aveludado perfume como uma revoada de dente-de-leão.

Confino-me nos gestos aquiescidos que remexem seu cabelo, enquanto ela virada assente com a cabeça abraçada ao travesseiro, olha as suas próprias tentativas de desanuvio.

Fico de olhos inertes nas horas de descanso, por vezes me vem à memória, o seu jeito que passa os dedos no meu rosto e me dá um abraço no qual atamos braços fortes que retira os pés do chão.

Mais tênue e ausente, ela em seu ar propugnador, se perde nas horas acolhida nos braços melhores da sua poltrona e livros. Sinto solidão de minha labuta, até sua tagarelice nos meus dias de trabalho. Eu não ajudei muito, é verdade.

No profundo da noite, eu amava o jeito da carne *labĕa*[344] que me sorvia os sabores que fazia a zeugma a porejar meu sangue, na esfaima que enfunava meu peito, minha volúpia nos envolventes braços.

M como *mellilla*[345] arrancava de mim o galope e me dava o gosto da pele. Eu adormecia então nos cabelos que depois se esgueiravam e ficavam na água morna do encanto. Na mansidão do carinho amigo.

Por mais que a vida nos machuque, ainda lembro às vezes aquelas sensações quentes, entre os esquecimentos confortáveis do cotidiano, enquanto nossos desencontros se fazem presentes e ela admira algo que não está ao alcance, uma espécie de horizonte, um lugar mágico, alguém que detém mais do que sua ânsia de carinho, nas chuvas secas incessantes da vida.

E não alcanço mais tanto a sua felicidade.

†

Sorores[346]

| 27 outubro 2019 12:15 | mesa que nos reuniu, partições de mamãe –pequeno parágrafo simbolizando respeito à família

Carros que redundavam uma pracinha de um momento de encontro naquela casa afável, o portão aguardava o olhar entre os vãos do simpático sorriso acolhedor entre sombras das folhagens, pétalas desfolhadas no canteiro, sutil perfume de algo organizado e uma vida que, permeava-nos a sensação da restituição de nossa família. O soar da campainha enquanto as falas rodeavam as úmidas espumas no rancho daquele churrasco. No sofá alguns pares de irmãos conversavam as notícias frescas entre arquear feliz dos cenhos.

As crianças pulavam n'água espatifando gotas azuis na cerca viva e tufos de grama cercados de cerâmica decorada. O cãozinho trotava debulhando as

---

344 *labĕa* –ae Lat. lábio, beiço.
345 *mellilla* -ae – Lat. amorzinho, docinho.
346 *Soror, sororis* – Lat. irmã, prima, companheira, colega. Forma nominativa plural. Sorores – As irmãs.

unhas no piso de argila vitrificado, por entre as andanças das pessoas e as palavras de esbarrado reencontro.

Uma música ia se instaurando pelos cantos, no dedilhar e batidas de um bumbo com um chocalho que viajava de uma mão para outra.

P, J, E, S e M rodearam em meia-lua a mesa redonda de um guarda-sol, com os sorrisos faustos depositados sobre os motivos mosaicados numa efêmera felicidade de conversas no desvelo da participação de todas, um raro momento do mútuo respeito.

Fotografia que não mais se completa.

†

Obtutus[347]

| 26 outubro 2019 17 às 19:08 h, preparo durante o dia – 2horas de duração, 27 outubro 2019 11:50 | Entreolhar relevante das artérias ventriculares do instintivo | Stop crying your heart out - Oasis | Por M e Por F | 1e

Sentada entre seu olhar e os óculos sem moldura, oblongo entre a boca centrada no cerne de um dia de prova de fogo, como que M vaticinasse ter que atravessar o tal portal de fogo concêntrico, talvez não. Ficava sentada duas mesas à frente e à direita de seu prócer, concentrada nos afazeres entre as sensações de dores que já provinham de desavires e um sentido de sobrevivência desesperado lembrando um braço infantil que se abre com a sensação de ser solto à queda. Instintos primários na respiração e chicotadas de si mas, aquele ínterim foi dissolvido com os passos que sapatearam o tablado firmemente, anunciando um enrijecimento da espalda, para o que poderia ser apenas o vento que passa. Nada como vaidade. Só o vento que passa.

Ela agilmente retorceu o dorso, isso fez o cabelo nem tão longo adernar à sua esquerda, ao passo que encurvava e virava a cadeira vaga de fronte da mesa de M perfilando suas cabeças enquanto que M volvia o rosto nariz a nariz, nesse pequeno espaço que deslizava uma dança. M emanava lhaneza em olhar esguardado, assim supunha. A dança da íris bordejando olhos e sua boca, em estímulos espasmódicos, mas que M insalivava seus amargos num olhar remissivo, uma janela profunda aberta, com a intenção de transmitir confiança, olhou

---

347 *Obtutus* – Lat. Olhar contemplativo. Referencia no contexto o olhar penetrante, não incisivo.

serena nos olhos. É profunda a sensação de reconhecimento. "O olhar é pintura visigoda daquela época, tão coincidente...". Um estremecimento de arrepio adverte: Olhar profundamente causa confusão.

Passou-se a um momento em que F decide olhar repousado, o que por demais anos pareceu enigmático a M. Por anos subentendera. As sombras imantadas levaram as fagulhas das impressões embora, aquilo torvou as lágrimas, e confirmou as palavras que não foram proferidas, num encantamento de uma mímica sem tradução, não bem um fantoche, não, não, dionísico. Aluiu M, porque ali houvera a espadana invisível, que foi longamente prenunciada por um *affectio* latente, que se reveste de algo sobre a córnea, encobrindo o sabor das luzes que repicavam ao lado do níveo globo, o humor vítreo e aquela apoteose dos bastonetes das células fotoreceptoras, com uma quase imperceptível acomodação dos músculos, na percepção que evaporou a visão.

M olhava, no misto do que sentia, da escâncara do olhar que rebatia nos espelhos e reverberavam, como ziziar que somente elas pudessem saber, sem que nenhuma momice pudesse rasgar, caroável, nenhum grão de poeira pudesse ser emperro, a fluidez das salivas que fantasiavam a retina do caleidoscópio vivo de ambas, nas cores de um sentimento fugido.

A voz cantarola o amor, nos versos seguintes admiração, cada arquear e flechas da visão, F tecia um olhar de observação sagaz, mas era mais que sua naturalidade frugal, começava a verter aquele mel, daqueles filamentos que nadavam em torno à pupila, que se tornava quase mercúrio, e dragava, dragava, um decantar afunilado de um sorvedouro, como areias movediças que puxavam. O brilho que perlava o globo, estava umedecido de brilho anilado, ela prosseguiu falando e tropeçando na razão sem notar, com palavras que vinham para eclodir na boca, mas que não estavam a termo. Como uma rã filhote Darwin gestada num papo sem nenhuma fenda que permitisse. Alguns espasmos contidos e um arquear de amor maternal, assim pareceu traduzir uma lógica estranha nos pensamentos que M sorvia como capilé, como se estivesse projetando uma leira, um *uiolarium*[348] capaz de estar a florir todas as estações em mágicas flores de trevos violetas.

Conforme sentia, dizia um amor que derramava mais que as cataratas, M percebia que não, havia mais, havia muito, não era algo nunca, nem um espectro facetado, não estava contido nos brilhos daquele cristal, estava baço dentro de uma água marinha, estava neblinado.

---

348 *uiolarium* –i – Lat – plantação de violetas. Lugar plantado de violeta.

A clareira se abre para um brilho maior. Muitos anos aquela configuração ficara indecifrável, acolhida como brilho de amor, mas ardia uma febre alta, com rodopios de tontura e desfalecimento, com direito a enxaquecas de tantas gotículas de vapores. Aquele olhar tinha a queda livre. Tinha desejo. Não sabia que as palavras coaxavam sublinguais, eram as pérolas que precisava a salvar a vida.

M tentava manter foco. "Preciso mostrar dileção e consideração".

Átimo que explode num céu de um virar de ano, no estrondo da meia-noite, logo traz o frio e uma consciência analisada dos olhos de M, a espadana, a família aparecia nos reflexos dessa espada de aço, o frasco lacrado do casamento. Uma sombra de incoerência em milissegundo cortou as cores do favo, e ele se revolveu em vespeiro diante de uma fumaça.

F nos momentos que antecedem a um tempo parado, levanta-se para ir falar com M, instruir e saber, achou que esse momento era oportuno com poucas pessoas na sala, seu ímpeto a soergueu. Sua mão apoiou na mesa espalmada com não usuais suores, andou dispondo o peso alternado num librar com todo esforço treinado, e com um certo ar arguto se apossou da cadeira com olhar observando o cabelo pendido de M, os fios de uma mecha branca em seu lado direito, uma espécie de cachoeira íntima e particular. Observou os óculos irem erguendo-se para um estranho telescópio a *Sagittipŏtens*[349]. Estrelas levantam aos lados como uma praia noturna de espumas, poesia, rito de passagem, que ela estava de alguma forma dentro dessa vivência impossivelmente.

A retina lhe dizia: "É melhor quando se olha nos olhos, a verdade é a verdade." O que reflete não incide como agulhas, aquilo que a si dizia, era uma *Stropha*[350] do coração. O estrondo declamado das forças das águas e todos os brilhos naquele planeta que camufla a pupila e sua dilatação, havia o pleno, uma sensação intrigante de reconhecimento como consciência. À medida que se embevecia, estranhamento a chicoteava. "Olhar inesquecível, cicatriz de fogo, ela poderia ter sido...Mas por que me desvio para sua boca? Os brilhos dizem sem lágrimas mais do que a inundação das lágrimas."

Um arrepio a faz retesar o ombro muito contida em sua alucinação.

"Será que o amor é algo maior? Que este jogo de dardos não transpareça. Esse olhar, esse olhar tremula oceano, que o tempo diminuto escorre para o infinito".

---

349 *Sagittipŏtens* – Lat. – Constelação de Sagitário.

350 *Stropha* –ae – Lat. estrofe, artimanha, artifício, ardil.

Sentindo deglutir vazios na garganta, na nudação instável das cercanias de tempestade, as campinas se apagaram repentinamente para as fumaças empipocadas que esfacelavam o amor, que a punha a correr desesperadamente dos grilhões dos casamentos e das faces felizes das crianças de M, o estrondo abria o chão, quando o coração de F se partiu, vivendo o absurdo de fazer engolir tudo naquela fissura que expelia uma fumaça dessas palavras que não ousava.

“Não posso. Não podemos”.

Uma bateria abusava de tocar toda cadência de repimpares quando o olho em fuga de seus próprios mistérios que não quer revelar-se.

“Olho à mesa das coisas, o derramar desse mercúrio de luz sobre a cariz, escorrendo pelo pescoço e busto, espalmando os braços e as pequenas manchas de M, anelando os dedos na caligrafia que ela tecia com tinteiro azul do meu céu. Vou sofrer. O que foi isso? Ela se apaixonou? O que foi isso?”

Como estilingue recolhido pós pedrada, na supressão da respiração, ela levantou-se sem entender como estivera atingida e as visões que na fóvea da retina consubstanciava a verdade profunda da mescla delas duas, numa estranha conjunção. Elas estavam desmaterializando as certezas em poeira de dúvidas em preto e branco num suspiro lúdico do nervo ótico desse embate contramaré, de uma onda contra outra inesgotavelmente.

-Se eu pudesse voltar àquele dia, mergulharia meus dedos no mel como um talvez eu navegue esse talvegue; como um sempre entre o céu e mar acalente; como o vento que se torna espectro líquido de sabor permanente. Se em outro local houvesse sido, poderia ter arrancado as palavras da ponta da língua, para a poesia de um alento. Se ela tivesse dito frente a frente, aquilo que se permitia após entardecer de minha estranha paralisia de não ir embora, talvez pudesse ter sido perfeitamente conclusiva junto a um gesto inolvidável, perdido nos labirintos de aprisionamento lacrado com uma rocha redonda inamovível -

À luz da sala, elas trabalhavam esquivas, enquanto eu observava algum lugar preenchido da fortuita observação contundente de meu olhar ominoso, algo que pairou e o aroma chamou para si, ubíquo ensejo que o entreolhar naquela circunstância assumiu em si nitidamente gestos espectrais de afeto profundo entre elas que se queriam sem que nenhum tendão demonstrasse. No entanto, aquele derretimento das calotas polares do humor vítreo se instilava, se recluía mansamente em aquíferas sombras da vida, cujo automatismo da fala no mover

dos lábios realmente se perdia entre lacunas dessa emoção repleta de tudo e nada. Ali havia algo anormal entre aquelas duas, com certeza.

Uma pá de cal recaiu sobre essa visão de olhar de amor indecifrado profundo, que se sufocou na réstia de olhar cismático.

†

Ego nom idem[351]

| 22 outubro 2019 0:20 | baseado em mensagem áudio de 21 maio de 2018.

Aquelas coisas que me implodiam, pareciam singelas e inocentes palavras, a vida me parecia uma profusão de tentativas justas para um caminho de sentimento de lógica incompreensível. Não pude trazer de volta os mares que navegamos, nem nosso síncrono movimento de remar, não pude prover e amar da mesma forma. Atravessei tormentas nas neblinas negras da fuligem mais virulenta, foi uma batalha sozinha. Mesmo que diga das lembranças da juventude que enfeitei sua vida, das crianças e nossos feitos, isso não mais diminui o vazio que me engoliu em sentimento e que tomou nos braços minha vida. Eu pediria a compreensão – mas neste hoje, não. Não desejo pedir. Eu desejo apenas agradecer aquilo que foi bom.

†

Optical spiralis

| 29 outubro 2019 21:25 | Forma de visão em espiras

Há muito que a chuva não cai, nem primaveril e nem cadenciada. Quando comecei a cogitar transitar entre minhas vozes de amor, entrei no sidéreo espaço vago, as distâncias se pronunciavam no absoluto do silêncio *nihĭlum*[352]. O momento *nihil*[353] eu esvaziei, eu enxergava as volutas de água que desciam nas argolas de uma corrente, saindo da calha até o chão, se retorcendo, respingando por vezes, alguns espirros da força de uma correnteza. A chuva se media assim, nesse calibre dessas volutas de água em torno à corrente. A vazão por vezes foi submetida ao seu esgotamento, derramando água retida na calha mestre, do

351 *Ego nom idem* – Lat. Não posso mais ser a mesma.

352 *Nihĭlum* -i – Lat. Nada, coisa sem valor.

353 *Nihil* – Lat. Nada, nulidade, inutilidade, De modo algum, não.

acachoeirar-se do telhado para aquela entrega intensa, fazendo um paredão de água que lambeu e corroeu o teto alvacento do terraço.

Eu me senti esse detrito de quem o Sol escarnece depois a chuva arrasta a seu bel prazer, e escorre essa espira para dar olhos dos trezentos e sessenta graus em progressiva descida.

Eu queria evolar para o céu, mas para isso precisaria não sedimentar em qualquer paragem. Tinha que ser um passageiro oculto até as criptas e grutas fundas, imiscuir nas superfícies dos palustres, grudar nas penas do espaventar de banho dalgum passarinho, ser levado, sentir o vento, sentir a nuvem, sentir o granizo e se aninhar nele, cair e esgotar pelos filtros da terra profunda e dançar nas águas aquíferas quase cristalinas. E nessa ínfima purpurina reluzente encontrar um veio de água termal. Ferver até abrilhantar a incandescência.

Para num dado momento, em turbulenta ascensão sublimar no jorro estrondoso do gêiser. Subir girando as espiras tão rapidamente quanto impossível de se perceber, galgar a coluna e pairar acima do ponto de inflexão do movimento cinético da água. Pairar. Girando.

O tempo foi entrelaçado. Volutas de cada agora versus a espira daquele registro de amor, que dizia por tempo passado, presente e cego. Cego para o tempo vindouro, apenas um existir que parecia um esporo, parecia uma semente em dormência, o momento de vida em larva de uma cigarra. Poderia ser o DNA. Aquele misterioso conteúdo que trazia memória da vida, memória da criação, e que produzia até pensamentos.

O olhar desacelerou, para que atentamente eu visse cada estender dos dedos, os ossos e tendões que se moviam, o enrugamento da pele, e o que essa dança bailarina libélula produziria – a propósito a libélula sofre metamorfose.

E se eu saísse do corpo? Saí. Eu a vi. Eu me vi. Eu sei que ela evocava vazios e preenchimentos. Eu vi as outras batidas do meu coração. Eu sei que no seio alimentei meus rebentos. Entrelaçar momentos conturbou, me resvalou entre paredões onde meus ossos quebraram um a um. A dor me hipnotizou, os elementos narcóticos daquele amor me enlouqueceram em exímia sobriedade.

Os sons me ventaram músicas, nos arpejos de violino e harmônicas. Ciciaram em meu ouvido as palavras de amor que não ouvi. Contrastaram minha vida e tudo que cerca qualquer possibilidade. O etéreo nunca seduziu tanto.

A pavuna se atenua, e os respingos da chuva eu aguardo, esses hipotéticos respingos renitentes, eles transvasam através dessa escrita, e um elemento receptor, um captador dessas ondas rádio.

Transforma. Solidifica e liquefaz. Evapora.

O pensamento gruda, ele enlaça nos braços e torna possível algo magnífico que no fato da carne abrupta do cotidiano surdo e áspero, não se *deleniunt*[354] quanto essa alma livre, essa visão absolutamente livre nos ângulos e masmorras da razão, ama. Apenas existe e permanece e eterniza-se. Pois essa partícula dourada já estava depositada na pele quando a luz do Sol, tocou-me, quando corri entre as árvores da praça, quando sentei nas telhas do rancho alto da espelunca, quando me refugiei nos altos galhos da árvore e naqueles passos beira-mar. Todo tempo esteve na tez dessa pulsação, alimentando no rodopio do tempo e vento, na respiração de cada dia. Já existia antes e permanecerá. Esse amor. Ele é a mão que se dá.

O caramujo cresce espiralado. Os galhos do pinheiro brotam em serpenteado espiral dando o ar verde claro aromatizado de maçã verde para um movimento predileto de liberdade.

†

Curantis[355]

| 29 outubro 2019 13:40 | P e K, e M vinda de São Paulo.

O ato indescritível é uma parte do fio da vida, começa com linha forte que se faz robustecer diante do vento, que segura a pipa no céu, que alinhava cenas nas roupas do corpo. Os fatos, por vezes querem ser esquecidos, aquela face incongruente e desafiadora, as escolhas que para os outros parecem inaceitáveis. O ato requer mais que intuito, ele requer a responsabilidade acima da lealdade, embora o fio da linha enfraqueça com o tempo, as mãos que atam e cuidam de sua fragilidade, nelas há o maior amor. O amor que se supera a tudo que contraiu alguma peste bubônica. Não cabe julgamentos, cada gesto incorpora os genes da criação na proteção do patriarcado.

Mas algum momento, apesar de tanta dificuldade para aceitar a ilógica de se deixar ser ludibriado por uma última fantasia de ser amado, garoa uma compreensão do tempo mais profundo da vida.

---

354 *delenio* – is –ere –iui – ii – itum – Lat. acalmar, abrandar, adoçar, atrair, encantar, seduzir. Conjugado na terceira pessoa do plural do indicativo. Contextualiza toda significação desse termo. Causar *Delenimentum*.

355 *Curantis* – Lat. Cuidador.

E o senso de zelo fala alto, independe de qualquer situação que seja demonizada por alguém.

Aquela circunstância, o telefonema agoniado de uma sobrinha, dava conta que naquele dia gelado e chuvoso, aquele senhor pretendia sair com sua segunda esposa, e ela com a batata quente na mão, não gostaria de vê-lo sair naquele estado de saúde já debilitada para não se saber o que poderia acarretar. Inventava coisas para segurá-lo na poltrona. Resolveu fazer os pés e cuidar muito lentamente enquanto preparava o engodo discava o telefone.

_ Tia! Ele quer sair com a mulher. Está muito gelado, e estou preocupada de não conseguir mantê-lo aqui. Se você vier pra cá, tenho desculpa para ele ficar.

_ Se ela chegar ai, mande entrar que estou saindo daqui. Levo uma hora e quarenta para estar aí. A essa hora tem menos trânsito.

Enquanto ela saía às pressas do trabalho, sua orelha iria arder em chamas durante o caminho.

Ao entrar na sala, estava o pai e a mulher diante da televisão, tudo calmo, cumprimentou serena e cordial, e seguiu para cozinha fazer um café de lanche. Todos se sentaram na mesa, tomaram um café e sem ser muito possível ela arrastar os domínios de sua lenga-lenga de precisar isso ou aquilo, angustiando o senhor vulnerável aos caprichos, como os ares embaraçosos a fizeram peixe fora d'água ela despediu-se bem breve. O velho homem feliz na ilusão de um café entre família, sorriu e sentou-se na frente da televisão e prosseguiu vendo todos os jornais repetidamente. As pessoas da família que execravam a mulher, proibiam sua presença, logo sabendo irradiou-se ira sobre a mão que abriu a porta.

"Então, se pensa no bem estar dele, quem sabe estaria disposta a vir aqui nessa hora obviar a situação... "

Pois a tranquilidade de que ele foi cuidado o melhor que se pode, e que esse senso tênue fora ondas de vagas que por vezes se chocavam contra si, dando muitos nós na linha fraca dessa idade e das circunstâncias psicológicas que fragilizavam ainda mais naqueles oitenta e tantos anos, e aturdiam as razões.

Todavia o amor que cuida, ele preserva o vulnerável, faz sacrifícios, submete atos que geram polêmicas, talvez repúdio, no entanto, ele só faz uma coisa: proteger quem está frágil que é tão amado.

†

Nunc Finis[356]

| 01 novembro 2019 02:06 | nunc momentum.

Dança a exaustão, que a borboleta dos raios do Sol adormecida em minha parede, não ouso importuná-la, como a folha prestes ao inverno. O calor do trabalho entre minhas mãos aos ares de meu libertar de amor. Altanada estrela que adentra pela claraboia, e o mar pintado ressoa o amado. Minhas mãos tocaram. Meu pranto não se extinguiu. Percebo que conjuguei o particípio de meu casamento sem imaginar que cinzas sobrarão. Percebo que o riso dos filhos não consigo mais ouvir. E na observação dia após dia, dor após sangrar, e as mãos etéreas de F, o timbre do meu pensamento produzem uma voz, que dela proferem sem dizer. No entanto, sob algum pinheiro de natal, sob flocos nevados de uma cena de renas ou natividade, um coração morno resplandece aquilo que houvera acontecido, aquela noz descascada, as falas que relembram aquilo que se perdeu, nas pinturas tento recuperar e acarinhar a alma.

Há alguma praia que caminharei nosso par, redescobrindo e redefinindo as ondas do momento real, enquanto não mais sou a mesma para quem nunca foi o mesmo. No telefone falta a voz e na união da família afetos se quebraram.

Mas olho meu profundo rasgar de alma, do fio do cabelo aos calcanhares, e sei a dor e o êxtase luxurioso que coloriu os lugares nas orquídeas da paixão. Poder-se-ia deixar ser além.

†

No final percebo quantas lacunas tomam os espaços do intercolúnio. Pouco me resta, tudo se abala, o tempo são as águas entre os dedos, e ainda sigo com sentimento unilateral na fagulha do vento.

†

Humiles manus[357]

| 28 outubro 2019 20:22 | Acolhimento e ajuda.

Quando escondi o rosto entre as mãos, naquela chuva, naquele dia, naquele ônibus, naquela esquina, pois não havia um buraco para me enfiar, bastaria sua

---

356 *Nunc Finis* – Lat. Agora final.
357 *Humiles manus* – Lat. Mãos humildes. Nominativo plural.

mão no meu ombro. O turbilhão que, desintegrou-se da geleira levantou a asfixia, naquele dia, morri um pouco, e o vento era a última fronteira de um amigo. Senti isso inúmeras vezes.

Quando os tendões e músculos se partiram, na agudeza estacada dessa dor, havia muitas pessoas nos espaços vazios, ninguém ali naquele instante que ia despencando sobre minhas pernas no urro da lancinante, enquanto desabava, apareceu. Uma mão me encaixou uma cadeira entre as pernas, cuja pessoa havia sido pescada com molinete por olhos que me notaram.

Quando naquele momento lançada da moto ao chão, ao bater a cabeça tudo desapareceu. Instantes depois que os olhos lentamente desempoeiravam as cortinas da visão apagada, senti a mão que segurava a minha, largar após pousar outra, a face que me olhava em socorro no chão da avenida se afastou, soergueu, tergiversou e desapareceu.

Quando àquele ponto de ônibus faltavam poucos passos, aquela dor aguda de um abscesso me encolheu, a poucos passos, agachada de dor e com a bolsa caída, duas mãos se puseram em meus cotovelos, em meu auxílio cheguei junto a conhecidos.

Aquele dia vesperal de carnaval, desci do ônibus com pesada mochila e sabendo da emergência em casa corri desesperada, e o colega que perfazia mesmo trajeto, correu ao meu lado até rua de casa.

Aquele homem eu reencontrei, no Sol tórrido do meio-dia, em alegria desesperada ele me reconheceu, e ávido de falar de sua esposa perdida, choroso eu afaguei o ombro. Ele sorriu depois e me disse coisas ótimas que pagavam muito um abraço.

O dia que o choro corroeu meu estômago, foi quando a cozinheira de meu pai, após tentar inúmeras vezes, mantinha a gravidez acompanhada em risco em hospital de universidade, mas na reta final, perdeu o bebê, e ali morria o sonho dela.

Achei uma carteira em outra cidade, esgotei as formas de procurar o dono. Num sábado, devido ao calendário de bolso, fomos tomar cerveja em tal bairro. Enquanto estávamos já para ir embora, o senhor passou na frente. Pude devolver e ver um sorriso incomparável no rosto.

A verdade é que chegaram tempos pobres em que as pessoas ignoram aquilo que ocorre diante de seus olhos, e desvalidos são espancados ou morrem no inverno mais próximo, ou dezenas de pessoas são arrastadas por uma correnteza de lama que a ganância disfarça com risos amarelos e podres, sua inclinação para a morte. Chega o tempo e se vai, sem que as pessoas tenham atitude

de amor com aqueles que eram parte de suas vidas. Assistem o sofrimento com indiferença e inúmeras desculpas que nada pode fazer. Por vezes as escolhas afetam irmãos, pais, filhos, amigos da vida inteira, mas lavam as mãos pelas consequências.

Quando fiquei no corredor de hospital na cadeira de rodas, com agulha nos braços, sozinha, o médico virou-se e saiu, passei horas, faltava uma mão, mas sorri pois aquele dia houvera sido o dia que mais vi pessoas que amparavam umas às outras naquele mesmo corredor, e uma delas me ajudou.

†

Ultra caritate [358]

| 01 novembro 2019 01:46

Através das formas de afeto, como uma pedra sedimentada em nova rocha, um novo mar, uma mescla de areias e vidros fragmentados. O vento traz e leva. Fica uma cor de existência. Um gosto amargo e doce. Ferruginoso e doloroso.

Não há tamanho de hiato. Não pode se estabelecer perímetro e força.

De um filho das mágoas me abluo. De um pai o desamor cinge o ferimento. De uma perda, a chaga da ausência.

Mas de sentimentos seculares, é brincar com as chamas do infinito. Morrer e viver no mesmo instante de dor na explosão de amar. Saber que não se define agora, que cada passo errado haverá um libramento. O reconhecimento será talvez um reencontro. Um reencontro. O que será é o agora.

†

Tarocchi[359]

| 30 outubro 2019 22:57 às zero horas. | Pós depressão. Sobre o tarot.

---

358 *Ultra caritate* – Lat. Além amor, *Ultra* – adv. Além, do outro lado, mais longe. Depois, no futuro, por mais tempo.
359 *Tarocchi* – ita. – Tarot.

Ela retirou uma caixa e o lenço de seda dourado. Deslizou os dois montes de cartas pelas mãos, entre os olhos entregues ao firmamento na primeira das questões, com a imposição das asas daquele anjo.

As cartas embaralhadas questionariam arúspices o caminho conjunto.

Enfileirou as costas ornamentadas de dois círculos amarelos com a deglutição seca da gorja, e seus ritos paramentados das imaginárias bandarilhas de fitilhos brancos, verdes e azuis, para tal profecia.

O primeiro quadrante era Rei de espadas, seguido de 'Os amantes' que figurava um casal de longos cabelos e asas cinzentas, envolto em um manto azul turquesa pisando com as pontas dos pés a água com flores derramadas e levando o par erguido em seu dorso, entre ramos de matos. Valete de copas em brinde dourado seguido da roda da fortuna, a carta X e um pavão sobre as nove estacas de paus de um cavaleiro andando seu caminho, dois de copas dos rostos colados, mas de ponta cabeça e também o rei de copas.

Aquela interpretação que iniciava com um mentor espiritual, era a figura egoísta, mas naquela circunstância que ali dispunha a carta dos amantes, figurava como o amor de forma atemporal, sendo uma carta de atração, dúvida, dualidade, claramente marcava, mas desta vez a pergunta não centrava uma pessoa, mas ambas, esta carta, houvera aparecido individualmente nesse questionamento. A roda não somente a mudança, mas o profundo destino, o caminho carrega essa linha de elo, e o que mostra o pavão das penas recolhidas, a espera, e a profunda reflexão, é o que ela conclui. As cartas negativas mostram o peso das uniões de cada (os dois reis) e influências negativas na astúcia do elemento masculino. O caminho traçado em amor que fica nesse fosso oculto, trilhando as sombras nas paredes de grutas pitorescas de seus corações, pode por uma simples decisão virar a sorte, virar para o destino, que claramente junta nesse claro amor.

O segundo questionamento, luz brilhante do firmamento foi evocada, e das evocações centra iluminação no rosto dourado e os recintos que tangem a amiga deixada no local recluso.

Carta II, Papisa, a figura de Botticelli a mulher formosa ao lado da árvore em túnica vinho, com manto azul, um cordonê amarrado abaixo do busto, empunha um livro, arcano este que se ilumina do conhecimento. Esta figura sacerdotal, significa também a figura materna, tem poder intuitivo, sabedoria e trata o lado misterioso, assuntos secretos que não podem vir à tona. Junto ao arcano do julgamento. A leitura secreta fica premente e muito clara. A leitura dos escritos publicados pela amiga. Cinco de ouros leva frustrações e para os olhos cartomantes demonstra depressão pela perda. A quarta carta, a XII O enforcado,

carta da provação, que eleva sua vida numa consagração para expiar culpa, o idealismo reflete límpido em luz na cortina e nos dourados da seda, inicia uma mudança espiritual. O que demanda isso, fica mais pela fragrância de páginas de livros viradas. Às de paus, é uma carta de superação, mas está invertida, cujo desenho de mãe e filha mostram tristeza nessa posição. Nem tudo está bem. Quatro de ouros negativa é revés de egoísmo. Ás de espadas é a maior transposição de problemas longos na vida, é triunfo que cobra sacrifício de uma luta de espada que impõe grande esforço e exaltação que está ligado com o conhecimento da leitura nesse contexto.

M recolhe as cores e joga cartas para si, que mostra Lua nas ilusões dos propósitos literários, Papa invertido, que mostra a necessidade de abrandar o julgamento. Três de copas em amorosidade e a Papisa invertida que não exprime propriamente a sabedoria, mas a perda da escrita, seis de copas que imerge no sofrimento pelo amor. O Arcano Estrela, lindo brilho que obnubila caído, a perda de esperança que foi o sangramento real de dois mil e dezenove. Seis de espadas de ponta cabeça, dá o final, a partida imprevista.

Recolhe o sofrimento e desdobra aquela carta de 'Os amantes' relativo a F, e aparece a figura do oito de paus que tem o anjo cupido, para os problemas relativos dessa flecha que perfaz os ares no desenho caligráfico. Neste *tarocchi* de Botticelli quatro de paus possui o desenho da mãe carregando o bebê, traduz a confiança e amorosidade.

Entre o serpentear das visões o amor se empareda, na falta de força, melancolicamente o dia se fecha nos prantos da desilusão real, com os reflexos da luz da luz nas grimpas do cata-vento, em desramar dos verdes musgos de M em sua desnutrição de alento.

Longe, apenas o facho do archote lambe vermelhidão nas paredes do recinto do feudo, no cerco indefinido, nas angústias da saudade, que nutre sorrisos de consolo entre as letras lidas da própria história de amor.[360]

†

Par avium

| 21 outubro 2019 23:39 | O par de passarinhos que desenhei.

360 Referência à 4 outubro 2019.

As cartas se reviraram sobre mim, quando aquela caixa exornada foi partida dilacerada pelo tempo, ou uma mão que despejasse suas folhas sobre meus cabelos, talvez um estranho ruflo de uma calhandra, que de alguma forma revelasse para mim as estranhas cartas, as antigas letras da infância.

Um cartão se despregou dos demais na confusão daqueles confetes de presença, era um desenho sobre vegetal pelas mãos brancas angelicais de minha mãe, que cada vez mais descubro suas sendas virentes de seu talhe tão grandioso como pessoa, um tipo de estatura que ninguém alcança, porque até mesmo nos atos de uns, entalham o rosto da afeição tão próprio de seu curvar dos olhos que derramavam algo imperceptível.

Dali entre tantos, uma cor azul desmaiada, surgia entre os papéis, estiquei meus dedos e adentrei sob as suas cobertas. Soergui lentamente me refazendo criança, surgia naquelas cores pintadas nas pontas dos dedos com as fagulhas dos restos apontados de um lápis azul e um lápis preto.

Eram dois passarinhos gordinhos empoleirados juntos, lado a lado, como que eu pudesse sentir os respingos da água da chuva que se remexessem, aquelas gotículas me alcançariam. Eles dançavam o balé que cabia dentro dos galhos ressequidos da invernada. Os dois gorjeios das estranhas frestas do tempo, me davam o real sorriso dela diante de uma mensagem tão simples minha.

Que seríamos sempre amigas.

Na vazão mais estranha daquela época, naqueles dias, estar entre essa afeição me iluminou das lágrimas puras da saudade mais florida, entre galhos da árvore próxima, nas cenas comuns da vida, que se repetem dia após dia, reconstruindo nossa iluminada presença ungindo os céus sobre mim como possível presença de nobre força.

Os cartões e cartas, os nossos desenhos se juntam na caixa que volta ao repouso da solidão.

†

Ardea bennuides[361]

| 28 outubro 2019 21:06 | A pira da comunicação | 1g

361 *Ardea bennuides* – Lat. Garça de Heron, um pássaro extinto, originária do Golfo Pérsico. Fóssil de pequena parte, informa ter vivido há cinco mil anos (3500 a.C.) na região e que é relacionada à representação egípcia do Bennu, ave que era a Ba de Rá, ou seja, sua alma. Nome científico da ave, *bennuides* é originado da Bennu. Ardĕa – garça.

Eram incríveis certos momentos do passado. Houvera ecoado esse ruflo, muito alto em grande pompa. Deitei os olhos a imaginar. Um voo rasante de rio flauteando nas fendas do rostro um som que jamais poder-se-á saber.

Esse encanto dessa garça grandiosa e cinérea, conjuga o verbo *ueben*[362] coroada em branco, em seu voo primacial pousa sobre a pedra Benbem[363], a primeira terra emersa que traz em meu pensamento, um momento especial.

Aquela noite em meus anos dois mil, na madrugada de algum suspiro, eu trabalhava no computador, quando recebi uma mensagem. Antes de fechar tudo, fui ler, advinha do nome que não se explicitava sendo F. Contava o renascimento da águia num processo demorado e doloroso de renovação, onde arranca sucessivamente algo que torna possível seu gesto seguinte, em tantos dias, que no final com toda plumagem renovada, pode voar novamente com a plenitude de sua capacidade.

Ao voo da Bennu egípcia, que plana até Heliópolis, com envergadura agigantada de uma garça, tinha longa vida, para pisar na pira do deus Rá, cujas faíscas do Sol consumia a ave e ela ressurgia das cinzas. A Bennu incendiada nas folhagens da palmeira Fênix e por isso, seu mito evola àquele momento daquelas palavras, no exato ínterim quando minha mãe chegara ao fim da vida.

Naquela madrugada eu olhava as palavras com a compenetração de saber o mito da Fênix, mas com a minha humildade de saber que não teria um renascimento, não aqui, não agora, naquela hora e nessa vida. Eu olhava para a força que precisaria, sabia das oportunidades com que não contaria, intuía que inevitavelmente perderia a amizade justamente dela.

No entanto, refleti que essa mensagem era especial e que dela devia me valer. Não compreendia porque recebi no meu endereço pessoal.

Ninguém mais ali recebera que eu soubesse e, portanto, essa mensagem que não tinha assinatura de F, apenas provinha de seu endereço pessoal, oficialmente foi única mensagem, que poderia considerar uma carta. Uma carta da Fênix renascida. Por vezes achava que ela já se sentia superada de qualquer coisa que fosse. Por vezes, nos anos seguintes achei o mesmo de mim.

Num dos anos quando virou ano novo, depois de ter saído do emprego que nos fazia colegas de trabalho, recebi uma mensagem que era um texto de

---

362 U*eben* – egípcio – brilhar, erguer. [Referência Wiki]

363 *Benbem* – egiptologia – pedra que representa a primeira terra que emerge das águas nos tempos primordiais, pelo deus Nun que dá origem à vida. Essa pedra é também a pedra do cume das pirâmides que representa esse momento da criação.

Drummond, 'Ano novo', de um remetente anônimo e desconhecido. Por vezes me perguntei se teria partido dela, nunca pude saber; talvez fosse um outro texto, mas era um texto de bom ano.

Tive bastante século e década para pensar, tive bastante queima para flamar feridas, para consumar perdas, para alçar voos e constatar quedas.

Não parara para me certificar que intenção, consideração houvera no gesto de me enviar uma história anômala à Fênix da egiptologia que eu tanto amava...

E por fim, dos grandes ímpetos únicos na vida, restam cinzas que o vento sopra, ou irá soprar, para as cinzas voarem os ares, e das suas partículas nada sobrar.

E o Bennu não voa nossos ares, seu lindo canto se propaga no jardim de cristal do abstrato, lá ele faz de sua melodiosa plumagem e as cavidades únicas do bico, um cântico, um cântico de renascimento. Em meu coração ecoa, como a única esperança que silencia, pois as pessoas jazem os extermínios, assim sem mais, como se assim pudessem ir em paz no supermercado.

Portanto, as cartas desapareceram, e no fundo do meu coração, me pergunto se, as que enviei ganharam essa pira, mas que na brasa recordem como fóssil um amor assim esquecido...

†

Por que perdi?

†

Inanis nidum tuum[364]

| 29 outubro 2019 14:14 | Escrito no terraço| 1h

Houvera sido interessante observar de cima aquele furdunço das cinco pessoas da família. As crianças marotas correndo pela casa, apartadas nas brigas, exaltadas em suas habilidades. Os pais assoberbados acomodando as crianças daqui para ali, de lá para cá, cobertores ajeitados, broncas, brincadeiras, tombos, resfriados, comidas e banhos.

---

364 *inanis nidum tuum* – Lat. – Ninho vazio.

A mãe olhava para os filhos, analisando dia a dia os jeitinhos e as coisas que adoravam. E como poderiam descobrir sem explorar novas coisas e novos conhecimentos?

O olhar compenetrado de G e enorme criatividade, entre os desenhos e livros. M sentava ao seu lado no chão até esquecer que tinha pernas, a bolar historietas para os brinquedos. G adorava as músicas e se espalhava pelos cantos da sala. Nos anos seguintes havia aulas de dança, espetáculos de ternura e G ia se movendo no tempo com sua expressão de meiguice.

Subia a escada primeiro de todos. Corria até a esquina antes de todos. Tinha uma incrível percepção para montar os blocos coloridos e novamente, H e M, estavam lá espetando os pés e sentando com ele. Acudindo quando chorava. Entretanto L tinha dedicação para o que fazia. Então, os pais incentivavam a ele fazer suas coisas. Ânimo que não acabava, rolou os tatames do judô, entre treinos, viagens, campeonatos, medalhas e lutas perdidas. E a inteligência criativa, uma das melhores, porque o coração era o ouro.

A caçulinha, pá virada e cega-rega. Não parava para respirar para justificar argumentações para conseguir. Afável e unida, sempre divertida e pavio curto. Sempre esforçada. Não gostava de judô, da dança um tanto, de desenho um pouco, de leitura disse que nada. Gostava de sair, da moda, da maquiagem, de observar as coisas belas. Dizia que nunca sairia da cidade. Mentiu, partiu coração da mãe para estudar fora, mas sempre se comunicava. Dava suas coisas para os outros. Maquiava todas as amigas. Visitava M, a segunda mãe, a que cuidava quando M, sua mãe ia para o trabalho.

Os cantos corais emocionavam. Os pódios e troféus emocionavam. As lutas enervavam. As maquiagens, uau! Os desenhos perfilavam uma escadaria de quadrinhos. Os passeios grande alegria e tumulto. Quando vencíamos todos ficavam estupefatos. Os debates acirravam nas mesas de almoço e tudo se decidia em grupo.

O ninho caiu na chuva da estação. Achei o ninho retorcido no gramado, sem nenhum vestígio das cascas de ovo. Nenhuma plúmula de recordação. Os passarinhos voaram.

†

LABIRINTHUS

| 30 outubro 2019 20:34 | O caminho e o centro.

Pergunto, à minha própria voz se a escuto. Para os passos que vinham trilhando, eu saí de trás daquela janela, da observância da identificação, abandonei aquele recinto fresco de seu vazio, de apenas as réstias de luz, da vestimenta do olhar. A jornada me fez viva, mas a entrada, daquele labirinto, penso eu, nem notei esse adentramento. Estava lá, buscando as janelas que me esticassem mãos. Descalça. Trilhando um fluxo de vento, apenas a intuição. Não me passou pela cabeça haverem múltiplas saídas. Ali me sentei, na arboescultura na aresta mais externa das camadas em aprazível sombra, os galhos, as folhas, cada pecíolo possuía vigor, nada escapava ou caía. O chão, notara, não colecionava fragmentos. Pareceu me prover confiança e a benevolência das sempre-verdes. O senso era um horizonte cativo, uma poção de tempo mancheias. O aroma não fugia do dobrar vincado de uma folha. As plantas cresciam confinadas em sua geometria. A feição dela parecia se formar na próxima aresta, andava nesse encontro, e algo me fazia parar, olhar, naquele profundo silêncio de que as folhas não se submeteriam ao furor do vento devido a estarem como que vestidas nas camadas mais recrudescidas externas. O silêncio dizia meu respirar. Cada preço. Cada prazo. Cada passo. À esquerda. O piso de mármore era mescla, o simulacro das ondulações de beira-mar douradas em pó. Olhei a sola de meu pé, parecia ter a *porphyretĭcus*[365] impregna do sumo do vinho, de sua pisa, olhei para trás, era a maceração de uvas que em minha degusta eu pisava, cada uva sem resposta. Cada uva rasgada. Cada uva sem semente e estéril. Cada uva. Cada suor que porejasse, cada orvalho que rorejasse. Cada mínima gota fluida que fosse pela terra comida. _ Reconheço? – Um som que em rajadas de fogo brando percorria o caminho único, num Sol que consumia e escondia-se nas frondes, que se assemelhavam nas direções perdidas, emitia um arfado eco aspirado sibilado para a ausculta de _ Conheço! – Resolvo virar na abertura à direita, o silêncio me assola com um calor que começa a ser notado nas chagas do pé sangrado. _ Por que disse amar? – O vento do silêncio ecoa _ Amar. – Ando agora, nos exíguos espaços do confinamento, da voz que cala o sentimento. Andejo e dou passadelas apoiadas na raiz dos dedos. Foi-se ano, as chuvas caíam e secavam, estava resvaladiço das águas de espelho, nos ouros que brocavam o pé, como escultura de bronze, forma metade a metade, enquanto esse revestir calejava o sofrimento para a andança e na parede fechada eu me dava sem caminho algum senão o retorno para saber de mim, timbre de minha voz. A escolher a direção na certeza de que tendendo à direita, pegaria a segunda chance concedida da face que perdeu os traços de esgar e soava em meus lábios _ Qual objetivo queria que eu adotasse? - O vento solar lavrava seus filamentos nos ápices das folhas, no perímetro de sua clorofila, o brilho que murmurava o cântico do eco _ adotasse. - Por ali! Decido. Conseguirei ver sua porta talvez, devo parar e me orientar. Devo seguir esquerda-direita-

365 porphyretĭcus –a –um – Lat. Vermelho como a púrpura.

esquerda e alternar para seguir para o centro. Estou mais a leste. Os pés sentem um aquecer do calor da água, que propala na carapaça de bronze, a princípio passos magníficos de assertividade. Lembranças embaralham a vista das esquinas. _ Não confiava na capacidade. Diria antes e não como escudo! ... _escudo. - Uma árvore diferente que admiro como aqueles cinco anos passados na esperança desse breve revigorar. _ Qual a face do silêncio (proteger o coração, proteger o segredo, evitar a sinceridade, evitar o ato de magoar, evitar pôr expectativa, evitar o desequilíbrio)? – Para não me sentir só – penso- eu amava como ... _Silêncio... Desequilíbrio... - As paredes moviam lábios de ar entre folhas, sem significação. Aquele miolo estava longe de ser descoberto, sigo pela esquerda-esquerda. Um jacarandá, flores de amapolas azuis se faziam ver na esquina de outra senda, amapolas do Himalaia. Amapolas tão delicadas que, estendia-lhes a mão, o dedo indicador, até tocar como não ferir borboleta. Aderno cabelo ao contrário da cariz, de um lado a outro. Onde terminaria esse caminho. Não há outro. Ou voltar. _ A prisão do lacônico. – Minha face colhia as palavras de arestas do passado, nas espiras embaralhadas do gancho do telefone, na dor da aurícula, como batidas de martinete. Como saída de dédalo tinha interjeição ou som que cendrava qualquer caminho do feudo das palavras. As palavras se represavam. O eco me respondia _ Lacônico. – Sim, não desisto. Desistir é o esquecimento que apaga, que me fará inexistente, que varrerá as areias de cada feito, de cada valor, de cada ternura e sentido que me existiu. _ A prisão da distância! – Quanto vaguei, quantos dias chorei, quanto vale cada angústia? O pensamento me pensa e me inquire. O aspirar do ar vomita _Distância! – Esse é o valor do lugar que acolhe sua alma. Distância. Quantos passos serão os que darei e daria a percorrê-la... Dobro mais um caminho sem portal, sem nada que difira e blatero _ Não ver é não sentir! – Cuja voz atravessa meus vácuos e os anteparos a devolvem _ Sentir. – O sentimento que deseja fugir, mas que não tem pernas e reside. Grito desorientada _ Quer mentir sobre o que sente!(?) – Numa tacada ouço _ Sente? – Sinto muito o pensamento, norteia a visão de uma fronde adiante, uma árvore esculpida em troncos emaranhados altíssimos. _ Omitir é não explicar! ... _Explicar Explicar... – A resposta não me pronuncia, é tão longe que não escuta. É mais uma voz de piano forte que brado _ Silêncio apaga a presença do diálogo interno. – Os caminhos a esta altura da noite enluarados por vezes alternavam a luminosidade com as rendas negras, os voos silentes dos pássaros e olhos amarelos de corujas aquiescidas. Responda-me. _ Quem ela representa afetivamente? – Mas no opaco da noite, abafa, um frio esquisito do sonho que não veste minha íris. _ ...Mente. - Mais um beco se apresenta. A paralaxe das feições dela se dissolve com meu recuar. _ O que sonharia com prazer fazer com a pessoa que isola? – Um voejo me assusta no torpor do negrume das razões adormecidas das sínteses das folhas no escuro paredão aquiescido. _Isola? – Tropeço na cuspida de minha voz _ Ter parte dela a faz sentir completa? – A inexatidão rever-

bera _ ...plena. – Corro às cegas, as águas gélidas do espelho d'água ricocheteiam a rodilha de meu joelho, como escudo dardejam essas lanças ameaçadoras da composição líquida e sua capacidade de moldar-se e imiscuir-se. Em falsete _ Gosta de saber sobre? - Na meia-noite, respira. _ Sobre. – Tudo que acerca são paredes silentes, cujos olhos ocultos não se vê, se pressente. Digo ternamente _ O que é amar profundamente para si? – As cigarras morrendo respondem com asas de recamo o zizio comprido afunilado no apito da flauta _ Siiiii! – No ano dezesseis, me suponho feliz e sozinha, me suponho senhora de mim, me suponho robusta e enfuno peito para correr o fôlego, e chegar à margem. Suponho-me perto do nariz, das sombras da bochecha e rugas sorridentes do canto dos olhos dentro da cavidade ocular e no movimento do engasgo profiro sem autorização _ Os anteparos calaram a mente da lembrança dissonante? – De braços caídos, sento-me na via de meu enternecimento. _ Apaixonante. – Creio não ter ouvido direito. Dado esse breu e minha fome e sede. Cansada espero o fulgor dos raios nascentes. Penso alto _ Já colocou adornos da personalidade constituída dela projetada na sua filha? – Levanto-me mais lenta, ando triste sem essa mão. _ Filha... – No reticente das lacunas do labirinto parece encanar um vento de alguma porta que fresta. E na consternação de não ver o centro, de parecer estar perdida na mata em círculos falo sozinha _ O que faz sentir vergonha, amar ou ser amada por alguém inesperado? – Aparece um vulto portal e adentro um local circular como uma clareira, a lua azula as paredes da contenção. A lua penetra os poros das folhas. Caminho entre as dores de estar perdida. Caminho entre as pedras assentadas dos anos perdidos. Sinto o peso das horas inválidas e das palavras destinadas. _ ...Esperado. – Ergo as sobrancelhas como a reflexão do íntimo sofrido sem ter achado o entendimento ou ter achado a resposta que não fosse reverberação consequente. Cada passo foi a solidão imposta e absorveu uma essência transpirada. Um esforço desesperado. Ali no centro há esse tronco, vou galgar e ver. Apesar do esgotamento, subo degraus dos troncos para arquitetar o labirinto e constituir uma trilha de migalhas, que possa fugir ao rugir secreto do Minotauro. Que me faça beber as águas da ilusão e transpor os obstáculos. Quando desço, me vejo abaixo. Vejo a sombra lunar de sua esperança, uma sombra pequena perpendicular. E ao descer, o próximo passo, naquela pedra central é o passo dentro de mim mesma. Todos os degraus são visíveis. Todos os compartimentos passados estão visíveis por vislumbre. Percebo a posição do tempo. Agora. Dou passo ao eixo e agora. Sou eu agora. Os raios de sol nascente mudam a inclinação das paredes e vejo o absoluto silêncio. Compenetração. O aprendizado me encanta e como dédalo, surge com a luz portas de saída, mas não a transposição. _ Tente bradar, eu-te-amo, no escuro, na solidão, nas paredes de seu arcabouço e escute o eco. Ele faz sentir autonomia, individualidade, felicidade ou liberdade? – E nesse centro do qual me esvaio para uma saída, contando as flores e folhas especiais e os marcos desse mapa, ando calma no dia nascente. _ Liberdade... – A cada passo tênue, o refrigério aquece nas águas

mornas que lambem meus pés e deles abluem as bolhas doloridas, como calejo que demarca o instante presente. Nas sucessivas saídas adjacentes gaguejo o receio _ Se amasse quem se taxa odiar, o que faria na condição de absoluta individualidade, absoluta aceitabilidade, absoluta liberdade?

Avanço para a fronteira perimetral para circundar os obstáculos desse vácuo, possuidora de meu olhar centrado na minha fala, no meu passo, no meu pensamento e no meu coração, nesse instante ainda intacta, nos ventos setentrionais a que minha pele me reveste do pulsar, os ecos não alcançam, os ruídos reavivam e a vida voeja como o perseguir de pássaros ao redor dos braços abertos, até mesmo à arboescultura que retorci inadvertidamente, e com absoluta certeza, ausculto o peito das circunvoluções desse transir de labirinto.

Quando as portas estão todas fechadas, o caminho está aberto.

†

O silêncio não é inocente.

†

AQUAM MEMORIAE

| 24 outubro 2019 1:26 |Pensamentos anotados, inspirados no documentário sobre a memória da água.

A noite condensa rostos de fumaça, que sorriem entre si e...

> São *crístulas*[366] de gelo – digo isso agora – são as mãos que em neve se dão. O ar gélido que goteja lágrimas ao Sol perdido, nas rajadas que das nuvens fatia um fio. Assim o contraste disse o amor outonado. Assim a memória da água se refaria na estrela sob qualquer

---

[366] Crístulas – termo inventado por mim, a constituir os fractais de gelo que se formam no congelamento da água e que por alguma razão manifestam padrões que demonstram similaridade que expressam local, reação à música, reação que denota exprimir elementos quando destrutivas situações se deram. Os estudos mostram sinais dessa padronagem assumirem até a singularidade como autônoma personalidade. São mistérios estudados como memória da água, de experimentos japoneses que trouxe como imagem poética. [Ref. Masaru Emoto Los secretos ocultos del agua Documental en Castellan]

sinfonia. Que os líquidos corressem o degelo, *praeterhac*[367] o branco da luz eternamente se saberia. *Amanda*.[368]

... e já se propagam do nada.

†

367 Praeterhac – Lat. De hoje em diante, doravante, daqui por diante, desde já.
368 *Amo* –as amare – Lat. na forma nominativa neutra plural do *Gerundive*. – No contexto, seria, doravante, amando-as, pois refere-se às águas das lágrimas de ambas pessoas. As lágrimas se relacionam ao conceito da memória da água.

Epistula Scriptam in sanguinem [369]

| 31 outubro 22:55 a 1 novembro 2019 0:09 |Música So far – Òlafur Arnalds |Estímulos: Carta vermelha de 08 junho 2017, dor, corte, sangrar.

Não posso mais devolver a pétala na flor
Que de crivar sargaços pelos mares de amor
Querida, comas de minhas entranhas minhas mãos

Que de assombro ao me ferir o fogo laranja alucinou
Que esvoaçou nos escombros do ferir a borboleta-folha
Que teu *lineamentum*[370] – negra lua de conflagração
Singram as hemáceas nas fístulas do *Ficus*[371]
Sangram acres no ducto vorticoso
Minha bacante em onírico instilar de afeição

No pálio entre flâmulas de oração quadernadas
anêmona de vidro e água viva no *relictĭo*[372]
de tua pálpebra em tremor de secas folhas
Ostĭum Sesămum[373] em opérculo rasgado diáfano[374]

Insopitável *purpurissum*[375] dimana do coração
Vindima de Valdicava[376] Ventricular rubefação
Ferrugem de ferragem de aduela maturação
Sazona e esmerila paixão esconsa

Amor que obtenhas as palavras do sangrar

---

369 *Epistula Scriptam in sanguinem* – Lat. Carta Escrita em sangue.
370 *lineamentum* –i – Lat. feições, fisionomia, traços, retoque, pincelada, esboço plano.
371 *Ficus* – Lat. nome comum as árvores lianas, trepadeiras moráceas, lactescentes. A figueira.
372 *relictĭo relictionis* – Lat. Abandono, desistência, renúncia. No sentido de renúncia, abandono.
373 *Ostĭum Sesămum* – Lat. *Ostĭum* – Lat. (Os, oris) Porta, entrada, abertura, embocadura, foz. – *Sesămum* – sésamo, semente de gergelim, que alude ao ato de palavra mágica de abertura. Contextualmente: Porta aberta.
374 Diáfano – que sendo compacto dá passagem à luz. Refiro-me à abertura da porta que espada um raio de luz.
375 *purpurissum* –i – Lat. Tonalidade mais escura da púrpura (usada como tintura e cosmético), no sentido da cor do sangue.
376 Valdicava – vinícola de Brunello di Montalcino.

_ dos veios de meus lábios
Amor que acolhas minhas mãos
na poesia geométrica do compasso
Amor ouças o cicio do mistério
_ dentro de um abraço

Não posso ser o esquecido sublunar
e sentir os teus úmeros de cintura escapular
e sentir costelas na cor da tez
nas calmarias de vela arriada em casca-de-noz[377]

Não posso beijar a ardência do Kirsch[378]
Se pela tua mão não pulsar o eritema
Que o naco de pão não posso tocar no *panariŏlum*[379]

Que o amor tinge o lirial
na firula da aorta frutal
Que entrego a alma nua angelical
nos alados pensamentos alabastrinos

Amor das aleias de flores orquídeas
Sangradoiro das lindas cores pósteras
Tapete outonal celso do pranto funcho

Sorveria a amorosidade de teu rosto
na taça de vinho do secreto porto
nas mãos da chuva, nas mãos de ventos
 com a boca de razão
 com a boca de faisão
 com atucanar aceso em lampião

Amor, querido amor, no nó corredio
Átrios platônicos em estremeção
Rodopios de valsa deitados
nas fúrias das purpúreas almas de fogo

Nos átomos rubros do elo
Na jade No lago verde Em estalactites

---

377 Casca-de-noz – é um tipo de barco.
378 Kirsch ou quirche– aguardente de cereja.
379 *panariŏlum* – Lat. Pequena cesta de pão.

olhos de orvalho Espelho e moinho
No gosto No rosto No corpo
Áureas gemas de brilhos eternos
Nos tempos Nos cintilares neon
Nas pimentas Fragrâncias e leitura braille

Amor Abraça-me teu beijo-te
Anjo de cristal e gnaisse
nas auras de âmbar coração
nas tormentas de livre mandíbula peregrinação

Que meu amor sempre esvai
_ na conflagração

†

Litus Amatorum[380]

| 22 outubro 2019 21:25 | Por H, praia dos amores, Itajaí em Santa Catarina.

Aquela fotografia me caminhava, dentro do olhar deitado no horizonte saibrado das areias. Ela andava com os passos que arrancavam as terras do chão, levantava os voos das águas em brilhos, e seu corpo moreno era pleno das razões da nuvem. Ela colhia os pingos das ondas pulando cordas como uma menina sorrindo alto.

Estávamos somente nós após a trilha da mata bordada. A descida que não temíamos, nem os raios do Sol fustigavam. O azul morno nos cercava. Ela andava enquanto eu olhava com o pito do cachimbo na boca. Acompanhava seu esvoaçar sobre as ondas, as curvas da perna, as areias que roçavam sua perna dourada, sua liberdade mais sensível, as mãos que em cuia se embebiam daquele momento.

Os cabelos que escorriam fios d'água incessantes, e pingos pintavam sua sobrancelha de sal, e sua boca vertia aquela vibrante paixão.

Sentamos e ficamos deitados na areia enquanto o Sol dançava em nosso redor, na esteira da mansidão. Lembro que sorríamos e as ondas amortalhavam o

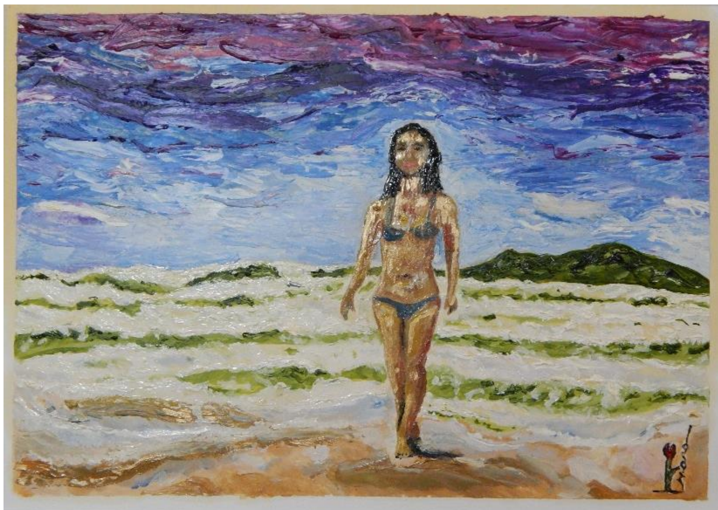
---

380 *Litus amatorum* – Lat. Praia dos amores, amantes da praia. Na declinação genitiva do particípio passado do verbo amare.

medo daquela imensidão do oceano gélido que, arrancava-nos a pele do vapor.

Os olhos espelhavam o quebra-mar, nas ondas fortes quebradas recuadas para o nosso simples abraçar.

Eu tivera certeza absoluta, que tínhamos o amor para nos salvar.



[ILLUSTRATIO 2]

†

Nullusdum[381]

NUDORUM[382]

Dança mali

| 02 junho 2019 | 21:05 | Música Maman – remixed by Gekko – Salif Keita – Dança mali. – 0a

Um som me toca nessa vontade do agora.

Sombras das projeções açoitadas nos ventos que lambem as bocas do fogo vivo, em seu rugido dançando lento, as cortinas negras da noite repousada, e como que naquela cama laranja de areias trêmulas, sentada junto de uma roda de espíritos com pulso forte, entre um momento aquietado apenas recitando *jalis*[383] aspirado no ar de pó de estrelas.

Estremecida, no meu centro de minha coluna, seu cipó frágil, meu rosto afogachado das luzes alaranjadas consumidas da fogueira com seu madeiramento rodeado de pedregulhos, chamuscando um perfume dos véus transparentes que pairam em meu rosto, tocando suavemente seus dedos vazios e sem digitais. Nenhures podia reencontrar meu complementar de luz, o meu sangue se enraizava das chamas que iam murmurando um som quase imperceptível, formando uma espécie de dedilhado.

Como meu espírito fosse tomado por uma naja, olhos que serpenteavam as faíscas que crepitavam na minha noite, cujo abraço me rodeava como passos circulares de tuaregues, todos turbados de um tecido *bazin*[384] quase negro, dando perceber de seu marril e dobras robustamente presas com tecido elegante pendente, empunhando uma linda *kora*[385] e *dohola*[386], talvez dois ou três com *mazhar'*es[387].

As notas começaram chorar minhas ânsias que como demônios chamuscavam lâminas e sabres longos de fogo, que se erguem, por um minuto em que a música

---

[381] *Nullusdum, nullădum, nulludum* – Lat. Ainda nenhum(a).

[382] *Nudorum* – de Nude – nudez, na forma plural neutra gen.

[383] *Jalis* – da literatura Mali, registros literários recitados.

[384] *Bazin* – tecido tingido.

[385] *Kora* – arpa-alaúde de 21 cordas.

[386] *Dohola* – atabaque de som mais grave

[387] *Mazhar* – uma espécie de pandeiro árabe, largo.

ia mexendo com minha naja, a cabeça, arcava de esquerda à direita, com maxilar sempre em horizontal.

Possuída na loucura do fogo nos primeiros acordes do *kora*, os braços que flamejavam meu lindo coração que batia as luzes inebriantes da combustão, em sizígia com seu inesquecível rosto, de olhos penetrantes, atravessando as chamas deste areal de deserto, numa roda que vozes circundavam os ouvidos em versos de lindas palavras.

Num som de ruge-ruge, poeira que se formava da luz, com o mexer de meus quadris e o acordar de meus dedos. Num capengar em alternância de joelhos indo para frente e para trás, as sombras ganhavam as bocas negras das dunas perdidas no buraco negro do céu.

Pendendo o desfraldar do braço direito, com equilíbrio na perna esquerda, o ombro esquerdo pulando nos acordes múltiplos e no atabaque que estrilava e o *tabal*[388] do meu coração clamava com pequenos olhos, evocando a aproximação.

Tomada de corpo inteiro, joga de lado a outro com os chicotes do cabelo e ginga os braços abertos erguidos à metade em alternadas quebras dos pulsos, serpenteados.

Mãos que gesticulam enquanto o corpo se vai de lado a outro, com os pés quase se despregando do chão. As mãos que se torcem nesse rotor enquanto o braço direito arqueado, que se inverte e ondula para o outro lado, girando no eixo na cintura.

As vozes alçam voo, como desabrochar de capulho dando a pairar pequenos tufos de nuvens dançando nos ares no espírito sedutor do vento.

Os pés e os braços saem do chão, levantam e deitam. Como fitas ao léu subindo na ginga das ancas. Braços que abaixam dando vez aos ombros que se mexem para frente alternadamente, com um ápice de música que acende, as chamas que cuspidas tocam o céu profundo.

A minha cabeça que sacudida para frente, a cabeleira rebrilhando faíscas em suas curvaturas, serpenteia os ares.

No bandolinado, com notas de piano imaginadas, e na dança de muro do tiziu, tudo acompanha o ritmo forte, numa fila de caravana, chutando areias de vidro. Abanco na perna esquerda com balançar livre da perna direita, com o antebraço direito, em ar ritmado da pulsação, volta a ondular as palmas da mão, nos estrépitos palmejado da roda de dança.

---

388 Tabal – zabumbo árabe.

Quando o piano domina, vou agachando, que no mesmo movimento contorcido já me ergo, em serpentear de taturana, com as mãos que cavam o ar, chamando meu desesperado amor, trazendo ao peito, num abraço de paixão, espalmando esse imaginário dorso alternadamente, com os olhos fixos em seu olhar enfeitiçado atrás das luzes do fogo, nesse breque que se finda de repente, no cair de algodão, sobre lençóis coberto dessa abóbada celeste das faíscas de amor.

Como teatro de sombras, vultos de feras selvagens se engalfinham nesse crispar, olhos entrecerrados, boca como rostro de mutum[389], nos relampejares rítmicos, sísmicos, com as poses truncadas de sua dança de tecidos na perfeição desse momento sensual de união.

†

Affectio
|05 junho 2019 16:30 |0b

O despertar em realidade paralela abobadada num malear de luzes do Sol nas venezianas, passava anêmonas ou águas vivas em meu rosto, que recordava-se da presença dela no quarto contíguo. Era cedo o suficiente de silêncio sepulcral, a casa estava ausente, as luzes recém-nascidas cingiam bordas dos vasos de cristal, pequenos bibelôs vitrificados, e luzes irisadas tremulavam na parede para a qual meus olhos estavam observando, coisas que habitualmente eu nem perceberia, em efusivos olhos tanto quanto nos passos largos.

Dentro dos manjares das vestes de uma camisola à altura do joelho, levantei-me a me dirigir à minha amiga, que aparentemente dormia, mas estava de olhos fechados pesarosos, eu supunha, de ressaca. Ela se revolveu na cama, na qual sentei-me com as pernas posicionadas de lado, a apoiar-me no braço direito, ereto, e com a cabeça pendendo. Como primeiros gorjeios eu levei a mão, lentamente, a alisar o lençol que a cobria, na altura de seu tornozelo até o peito do pé.

Ela me disse: - Que túnica açafranada bonita, retorce no ombro com um *dobradillo*, parece uma grega, ou romana a se cobrir com uma clâmide. Eu poderia imaginar um broche, um largo alfinete forjado em metal esculpido em estilo nórdico Viking, que fizesse afivelar um lado apenas.

Eu encantada com as palavras sorria meneando a cabeça, com o florear de dizeres que tocavam meu rosto sem mãos. Sentia-me por um instante tão íntegra e

---

[389] Mutum – ave cracídea neotropical, com topete ou saliência carnuda no bico.

dona de meu dia, com uma certeza – os dizeres que fossem não perturbariam essa sensação de prazer orgíaco da presença.

Levei minha mão, impensadamente para o pulso e mão repousada sobre o lençol.

Pousei a mão que aquecida sentia o antebraço, como um cetro mais quente, com uma penugem quase não vista, e sua conformação de pele craquelada, com brilhos contornando os sulcos, uma tez que deslizava ao comando mínimo da ponta do dedo, que eu tenuemente friccionava.

Ela se sentou, me enlaçou em abraço, como um agradecimento mudo.

Inebriada pelo sorriso e afeto, lentamente levei a mão a uma mecha de cabelo que eu tirava da trajetória dos olhos, e com a mão erguida lateralmente a conter o rosto, a minha palma contornou o rosto da testa ao queixo, como um dizer mais do que gestual.

E como se nada pudesse advertir ou sugerir safismo, ambas as mãos dela envolveram a minha em um aquecer de um primeiro raio de sol num vento insistente de praia matinal.

Os carinhos pousaram nos hábeis dedilhares que como dobraduras formavam imagens origamis.

†

Contrarium nuditate[390]

|11 JUNHO 2019 10:10 | LAGO DO MAJOR, RAIZ DO CAMINHO| POR F.

Seus pés deslizaram na água drenada e escoada. No ermo do nada, uma brisa de neve salgada depositou-se em oxidações nas faces do corpo ao sol.

Como abrilhantamento de efeito tardio de um crepúsculo, um raio errante que perfura os bruços das nuvens estiradas.

Com esse andar em nudez da solidão, estivemos a jantar a lua da noite, como uma cintilação dos paladares. As mãos dos olhos que me admiravam, pelo simples fato a não ser um amor que não deixava de estar ali prestes a me acalmar

---

[390] *Contrarium nuditate* – Lat. Nudez oposta. No contexto é a visualização da nudez entre duas pessoas.

nos braços. Eu andei até a visão dos reflexos dos brilhantes que como um planetário nos trazia o céu para dentro desse teto.

Em ardor eu queria encher a palma de minha mão sentindo a suavidade da sua calma, a aridez de seu divertimento, uma tangente que em seu voo tivesse caído e que se despedaçasse pela sua pele.

Minha boca tocou o calor das costas das mãos que aninhei os beija-flores em minúsculo ninho.

Soltei palavras nas encostas do seu cabelo e retirei seus óculos com meus dedos, com cuidado para não deixar fugir seu brilho de olhos.

Eu queria o polegar a sentir a resistência da pele, numa debandada apressada-lenta de pássaros andando seus passos vasculhadores de beijos.

E encostei a carne de minha boca em seus lábios delicados em um desenho de folhas que com um furor crescente, como folha de outono se fragmentou e senti sua vida, seu gosto, suas palavras ainda no berço da língua. Amei seu corpo, seus seios que me acolhiam como coxas e como nuvens descabeladas e perfumes eu toquei, com todo meu peso de corpo que se rolou e trouxe o dela e seu rosto, enfim como um céu, de buracos negros e nebulosas.

De maciez de carinho e delicadeza de perfume de flores. De um sorrir manso até um gargalhar de espantar passarinho. Grunhimos como aves e maritacas que se emanaram em seus intrincados ninhos.

Com toda a força de raio

Todo peso da chuva forte

Todo frio do vento

Acalanto do fogo

Rispidez da terra batida

na nudez serena e completa

Assim nos fizemos

estrelas de amor

nas ondulações dos mares do sal

†

Frons nuditate[391]

|14 DE JUNHO 2019 14:58 MEZANINO, REPASSANDO AS MÚSICAS ÚLTIMAS – LOOM – ED CARLSEN, BACK TO MY LOVE, TELEPHATIC TIMES – MARS LASAR, NABIA – BE SVENDSEN , LA BALBIANELLO – FINLAND & AASKOVEN, CONCERTO FOR ´PIANO FRÉDÉRIC CHOPIN NR 1, POR DANIIL TRIFONOV, IN BETWEEN – SCHILLER| 04

Sento-me na poltrona, ajeito e ao mesmo tempo deixo cair uma garrafinha, penalizada e aliviada por nada ter quebrado, que antecedeu o que antes foi, que antes eu lidava com as coisas mais corriqueiras ouvindo meus pensamentos, e por mais que esta vela esteja acesa agora, os meus pés estirados, eu sinto a força de como me senti, entorpecida pelas luzes da tarde e das luzes produzidas pelas minhas intromissões nos viveres longínquos. O martelar do piano forte, nesse momento, não me furta cor das lindas situações mais mortais, ainda que essa caixa de diálogo *intromissa* me atrapalhe, eu me situo entre as libações para o bailar suave que se produziu para meu irmão e todos que eram arte e se foram antes que seus suspiros virassem baixo relevo.

Eu fazendo meus acordes de faxina, me expandia, com os músculos possíveis das costas, entre as mãos que diante do fogão, agora meu maior amigo (seis tentativas erráticas de escrever amigo) e entre minhas vertentes de expressão corporal, com o rosto contorcido e a boca que as mãos acachoeiravam as poeiras dos sentimentos entre libertar e saudade, e dor e de uma passagem e um trazer para mim, assim tão próximo.

As danças entre os afazeres e despedidas de velho amigo mais inanimado, eu reverberava como caverna os sons impronunciáveis. (Já não sei se conseguirei reproduzir meus pensamentos até o final dos ferimentos ondulados da minha situação).

Eu guardei com singeleza cada gesto delicado que como um balé de azáleas derramando suas pétalas, que se empinavam nos degraus de cada vento sedutor que se propunha tocas suas nádegas.

Estou trocando letras, e as impressões se perderam para nunca mais, enquanto eu pendia meu tronco com as mãos dançantes em serpentear luxurioso que dos ares colhia as texturas táteis do grande sentir da ausência clamada ou sangrada, nos dedos que se torciam feito raízes, diante de debruçar das lágrimas caídas nos cílios aprisionados entre um ar ríspido que riscava os metais em sons

---

[391] *Frons nuditate* – Lat. – Nudez frontal. De *Frons frontis* – fronte, cara, rosto, semblante; frontispício, parte anterior, frente; capa, aparência.

aspirados quebrados de vidros caídos que soassem os presídios das ilusões das grandes precipitações.

(Estou o tanto de ébria que meus dedos me malogram).

Eu rasguei meu peito da dor, do abraçar da queima das chamas invisíveis dos tantos minutos e dos meus passos estirados em *battement tendu* entre as farpas esquecidas de fragmentos dos espinhos acabelados de um caule.

A chama plácida que queima, a fumaça de jasmim calada, meu descanso entre descontrolados reflexos pensados e perdidos nessa embriagante tarde de sexta-feira.

Os acordes esgueirados de guitarra telepática[392], nos aspirares sugados de ares que canelam pelos vãos dos dentes, entre os olhos mordidos das mordidas laceradas dos caninos tempos, entre um derrame de vinhos em quedas revoltas de *rafting*.

Eu estendo lentamente meus dedos sem alcançar aos fios lisos estirados e emulsionados de brilhos satânicos que me sorriem atrás dos espelhos com um braço próximo do afogar profundo nas ondas rebeladas dos pensamentos, em pontiagudas madeixas de ferimento.

Entre minhas mãos que se alternavam em polvos que nadam ar vago, impulsionados ora dentro ora em externo, como fuga e como arrebanhar, que com inclinação das pernas pairam os olhos franzidos de ostras negras guardadas, em uma chuva de pétalas brancas de *bougainville*, que de fronte do fogo toscando costa de ferro em ebulir a derramar de tromba para um lindo bule.

Enquanto eu contorcida em árvore, revolvendo como morte os extremos dos carpos de anis. Em estrelas *cometadas* que em rastro de fagulhas sangrava o meu nariz, entre agulhas e farpas de vidro com que me acorrentava nessa dança de bissetriz.

Os sussurros e meus gemidos erguidos em altar de nuvens de olhar gelatinoso que se fundiu com o calor, em disforme expressão alongada pelos traços egípcios de cílios cortados de negro furor.

E as vozes de meu silêncio em um sorver prófugo de andor, que me mutilou cicatrizes em ritual de clamor.

---

[392] Elemento real, refere-se à música.

Senti entre flautas caladas entre dedos de ternura longínquas, que ecoasse nas maretas de tarde cuspida de ouro branco, que o andar eterno sem sair do momento, com o tempo que fosse, nunca continuasse nem terminasse, os brilhos ocultos da sombra.

Eu assim achava cheia de poder de um dia um encontro, mas que nessa bólide de fogo não, que os acordes ritmados rolavam pelas areias do tempo, sem braços, sem a verdade, entre os ares gélidos escamoteados em fugas, em pele entregue para um deus esquecido a um pagão sentimento de mãos quentes que de fato marquem o couro da pele nos ventos dos fios elevados que chamuscam curto de luz ao tocarem uma luz oculta.

(Corrijo absurdos erros de teclado trôpego, e me imirjo em música prestes a me grudar em gel de sentimentos nas vozes que emiti, danço dedos de mãos alternadas em rostos que se viram para as direções dos tentáculos).

†

Mane Sidereum[393]

|4 Julho 2019 15H| Música: Fatigué – Thomas Lemmer | Sonho pela manhã, Nunc momentum|8e|Estímulo banho quente e chá de hibisco quente. Dia chuvoso em cair de temperatura. Com amor para M em seu descanso eterno nos 90 anos de seu nascimento em dois dias.

Como que se ainda me arqueasse sobre o filete d'água e me refestelasse o rosto, uma reminiscência de sapucaia capaz de afastar os ressaibos, um torpor que me relembrava estremeção de um cálido amor, adormeci tenuemente como planando o albardão da região, senti uma macia aveludada alcatifa azul ultramarino com ligeiros ondulados de luar. Assim acalentada em peito aberto de um desconhecido lugar, um adormecimento que se abranda com luzes halógenas que acariciam minhas pestanas cerradas, me reergo lentamente, como *d'habitud* apoiando o punho esquerdo, retesando o antebraço elevando lateralmente o tronco, até me sentar. Estiquei o pulso, a palma que pousou a coxa revestida de um tecido azul ultramar, que em rápidas esfregadelas suaves e levitantes com três dedos em sua parte mais almofadada, me pus em pé, e me tornei, sentei-me um instante – não saberia precisar, ou se assim fiquei olhando um rosto iluminado em tais luzes alaranjadas, mas que tinha um ar porcelanado, uma tez perfeitamente lisa, abaçanado, com expressão de arrimo, com um sorriso natural sem abertura dos lábios, os olhos arqueados com o elevar

---

393 *Mane Sidereum* – Lat. – Manhã estrelada.

das maçãs em um corado róseo, que em perfeito alento reconheço em euforia, essa, de tantos anos, anos e anos, de saudosa nesse lento acolher de regaço. Assim eu estivera, mas sem essa consciência e completamente tomada de meu próprio sorriso que preenchia o ar de suave olor de gardênia, preenchia minha definição de face em baio iluminar, assim por instantes segui fitando seu sorriso de afeto profundo, sem nenhuma sensação que estivesse sonhando. "Enfim pude estar em um tipo de abraço há tanto desejado", eu senti isso na essência do calor brando que envolve o corpo numa espécie de banhar quente num dia de inverno, com a certeza de que então estava diante dela, minha mãe, pronunciei meu sorriso, erguendo o punho esquerdo, com ele levando os dedos relaxados e ao meio subir, o dedo indicador e médio se estenderam em uma postura unida como abraço, que os ergui mais até altura dos lábios, os quais fiz um aperto do músculo orbicular da boca, estendi ligeiramente e lentamente, com a suavidade que cai uma pétala na água, em lauto gesto fiz um som enquanto *exosculo*[394] para si, que como uma borboleta anis em filamentos acesos aconchega em sua magnificência em plenitude, por assim movi os dois dedos a se soltarem dos lábios jogando esse beijo.

Acordo com perfume da sua estada, tanto tempo em saudade, M desaparece nos umbrais da minha mente. Nesse profundo sentir de sua presença materna, minha mãe não me apareceu por nada, ou para acalentar minhas ânsias, era líquido e certo que sabia que eu houvera distribuído o poema dedicado a ela, contendo uma mensagem importante, que friamente eu ponderava que não tivesse sido apreciada em nenhum momento.

Não me importou a chuva intensa, o dia me iluminou de um manto completamente esquecido, sem fadiga, sem ruídos, senti-me numa Ágora a flanar.

†

[394] *Exosculor* –aris –ari –atus (ex-os) – Lat. beijar com ternura, cobrir de beijos.

LUMINA AUREAM

De clausura luminaria auream [395]

| 16 JUNHO 2019 13:55 | 9B | POR M.| 9B | CONTO LUMINA AUREAM

Nas luzes dessa manhã alta, um caminho entrecalçado de fibras doridas; vivi você com ilusões – pensei nos delírios de te ter.

O ar que respirava, como ventos que penetravam as janelas em nichos do palácio dourado em espadas de luzes inclinadas em tapetes no chão. Luz que ressaltava o tom amadeirado desse olor da pele, numa beleza perfeita em brilhos avermelhados de coração. Eu vagava nesses meus suntuosos sentimentos de você, que eu quis libertar.

Em diversos pássaros engaiolados com suas penas e plumas de carícias que evaporavam de minha mão. Como calor emanado e imediatamente arrefecido no ar de inverno.

Caminhei as dores de meus passos, essa espada que me joga ferida na correnteza de fuga.

Corri sôfrega as calçadas dos percalços entre pedriscos e areias voadas na cara, por entre seus véus de amor e perfumes, em colorido do ar da manhã.[396]

Te amei e nesse ínterim assim poderia tocar meus dedos e sentir sua máscara descongelar em sentimentos verdadeiros no flapear de asas libélulas.

Te amei, a boca que toquei ao polegar a descobrir sua enverga látex, sua consistência, como fruto proibido e sabor exótico dessas cores acobreadas em linhas sépias do Sol.

Amei a visão que me trouxe, de uma inflorescência branca que, esse meu tocar sentiu nas pontas dos dedos, como uma revoada assustada, uma fileira de cipselas eclodiu ao vento que as arrebatou para o norte que não se viu, libertando as luzes quando eu te beijei, como as faíscas que iluminassem a eletricidade desse beijo de nuvens em tempestade.

†

---

[395] *De clausura luminaria auream* - Lat. - Recinto de luzes douradas

[396] Elemento real, a minha caminhada e corrida na manhã, entre os caminhos irregulares de pedras, dentes de leão e pensamentos no ser amado.

Ignem ardentem speculo [397]

|16 JUNHO DE 2019 15:06 | SP, CASA DE L. | MÚSICA: ONLY THE WINDS – RYAN DAVIS' A LETTER FROM FAR WAY – ÓLAFUR ARNALDS, TELEPHATIC TIME. | ND 8| ESTÍMULO: ÁLCOOL.

Um morno vento que tocou uma cortina de brilhos de queda d'água, a *eigengrau* [398]em nuance carvão com luzes de vento *scirocco*, numa areia que pairava no quarto, e da porta adjunta saía uma fumaça de vapores que condensavam azul da lua, que eu em contornos fotográficos de foto preta e branca, uma luz de maquiagem nas faces ansiosas dessa visão. O corpo que emerge das nuvens trazia chamas de fumaça, como alterações óticas de plasma. Como fogareiro de auras e sândalos.

Os olhos de vidro negro nesse quarto de mosaicado mármore, com tapetes de tons encouraçados do amanhecer desértico em poeira amarela pérola.

Eu olhava no seio de flâmulas de fogo invisível, que acetinava as sombras contornadas de azul luar, num calor além do morno, uma assinatura de forja líquida de luzes derretidas e respingadas da caldeira.

Entre seus passos lentos e ventados caules enraízam ventre do Sol da noite, seus passos, um ante o outro, os dedos pousando no mármore e retesando o fio do equilíbrio com asas de seus perfumes que batiam os esvoaçares confluindo redemoinhos de areias purpúreas no gosto do ar.

Suas pernas amadeiradas em brilho oleoso que refletia nas linhas dos ossos tíbios um fio dourado branco, de sorrisos salivados no negrume.

E vertida de uma veste sem botões que encapuza intenções avermelhadas de um descontrolado esvoaçar das cortinas das chamas.

O negrume que se alumia dos olhos nos olhos nos corpos nos braços dos olhos no corpo encerado e no movimento encantador *serpentinado* das areias que se ventam entre as faíscas.

Os corpos que se atraem no seio da face da noite no tórax do vento forte, nas espumas dos mares impossíveis que se mudam e circundam uma ilha ínfima na lua de cetim.

---

[397] *Ignem ardentem speculo* – Lat. - Fogueira Ígnea de vidros.

[398] *Eigengrau* – Ale. – Cor intrinsicamente cinza, cor da penumbra.

As chamas se entrecortam em sabres e lutas de esgrima, em adagas e espadas medievais, em pedraria que vitrifica cores nas lágrimas de luar, e as cores corais, as cores carmins, as incandescências de pétalas, a cor da carne trêmula, e suores de mercúrio, tudo isso queimava na fogueira alta e farta, de um tocar imponente que apunhala os dedos no moldar emborrachado do lábio esguio incorporado da carne de nêspera, em sua pele de penugens de cipselas dos cometas que vaguearam ziguezagueando as areias que caíram subitamente sobre os corpos como pó de ouro e saliva do Sol que os abençoa, num amor terrífico confinado entre os espaços no cerebelo.

Meus braços de chamas que tomam o campo seco de trigo, enveredam línguas de fogo pelas costas, as protuberâncias das costelas, como sopros que formam ondulações desérticas, na areia, nos céus, e na beira-mar.

†

Deliratio[399]

| 18 DE JUNHO DE 2019 10:11 | LAGO | MÚSICA: ROMANTIKEN- THOMAS ANDERSSON WIJ; IF I SAY – MUMFORD & SONS E MADAM – REMIXED GEKKO – SALIF KEITA. | 9D

Rajadas em açoites que dos corpos lambem estrelas douradas em sabores por nós desconhecidos. Claridades nas sombras que contornam chamas que seus plasmas liquefazem em resinas que vertem caules, que mãos se enlaçam em braços seguros.

Relâmpagos douram cortes que estilhaçam vidraças de falsas seguranças.

Brisa que recobre e atiça chamas que revolvem cabelos flutuantes de bocas silentes no repousar de pele pintada de aromas de desejos e sabores que caldam cítricas salivas.

Aquela dança que nada os mares e ondas de rebentação de desejos brilhantes, com as bocas que respiram poros e estigmas, no percorrer incessante de gestos e carícias como estrelas-do-mar que arrancam sensações jamais percebidas.

---

399 *Deliratĭo, delirationis* – Lat. – Ato de sair fora da canalização. Delírio, loucura, extravagância.

E nessa dança imersa na atmosfera dos astros e nuvens em fúria edaz a começar a chorar pingos dessa chuva de céus destelhados.

Corpos que se retorcem em raízes, nas ventanias que flamejam braços acontecidos em berço de fogueira; corpos que em concha acobertam sombras assopradas da nuca ao fim das nádegas, nos marulhos de farfalhar de látegos cabelos, os brilhos de brasa alaranjam seios da face, bojo dos olhos e a noz frutal da boca e sulcos e covas que nos açoites do sol acordam suas serpentes de sombras em choques de sedução.

Uma chuva martela o chão com bólides de fogo de erupção, nuvens se incendeiam e vermelhas eclipsam Sol de meia-noite, uma lua de sangue que em ondas traz brilhos sangrados dos tempos espraiados na pele amadeirada e dunas de oásis prateadas, fundem-se.

Um *bouquet* de dedos crepitantes como mágica de luzes e fogo *in vitro* converte uma enguia de verga, que navega mares cristalinos ocultos em grutas de rochedos de peito aberto ao mar.

Boca que o seio púbico margeia em suavidade de água fresca e orvalhar que olhos contraídos ganham horizontes além fim da linha visível.

Com um atroar, o trovão de fogo corta o cosmo traspassando seus corpos aspergidos nos corações de seus delírios.

Tempestade ruidosa se amansa e chamas se encolhem na fogueira de um círculo donde brotam flores de vidro que guardam horas de ampulheta em raios solares de ouro, e as últimas brisas da madrugada aninham exaustão das flamas que caem como folhas de outono no peito de dunas à espera do amanhecer de Sol.

Flores então se aquietam polinizadas de seus amores.

†

Flamma aurorae borealis [400]

|18 JUNHO 2019 12:50 | FIRMA| MÚSICAS: MISS SLOANE – MAX RICHTER, DAWN –HARNES KRETZER – HOFF, HOT WINDS (HARANAKI) – GANGA,ONLY THE WINDS – ÓLAFUR, ARNALDS, PORT D'ANTRATX P.1 E P.2 – THE SWAN & LAKE, FATIGUÈ – ALBUM MIX – THOMMAS LEMMER, HERE WITH ME – CHILLIM – DIDO. | 9D

---

[400] *Flamma aurorae borealis*- Lat. - Amanhecer Boreal de Fogo.

Um manto de céu que nos acolhe, um morno hálito de muco de pêssegos que penteiam como um minúsculo vento musicado no ouvido, pousando *ruiseñores* [401]que grasnam. Minhas mãos entrelaçam mechas num deslizar com som das águas da sede morta em olhares de gozo.

Meus dedos tocam com um pouso leve as luzes da calda da lua, e nos viramos a ver o céu orvalhado de constelações de ouro.

Como correr de água mansa, nossos beijos sabor *champagne* de cacau, que lentamente escoam nos montes e nas brisas de areia, nos tecidos braços que vagarosamente pairam essa dança de sensações.

E deitamos espelhos d'água azuis de reflexos de fogo abrandado, a nos beijar em invertido atômico, num acolher de peito em batimento de um cavalgar trotado, e no carinho de aquecer as mãos como ninho, palavras sussurradas de um rosto completo de mansidão. Posso olhar em deleite do deleite as cores de luzes boreais de fogo encortinam esse âmbar de gozo.

A música continua tênue como seus movimentos de braços, piscar e boca, soa o meu tocar de piano nas costelas ventadas do Sol noturno, assim cubro com uma flor da lua o seu ombro.

Num remanso de lençóis maranhenses acolho rosto que lentamente em sonho de adormecer plácido em calda de luar, em sonhos vivos de mornos beijos de vidro, tenuemente me afasto sem ruído do rosto completo e boca em luz, que nua, caminho descalça nas areias em rastro de amor, numa brisa de calor, nas horas que silenciam os pássaros, as árvores se crestam de fogo perfazem silhuetas atros, repentinamente suas arestas brotam flâmulas de fogo laranja, num tremular lento silente em movimento sincronizado, alumiando um caminho para um lago dourado, como que oásis de uma sede do tempo.

Sem perder esse anel de cópula, sem esquecer nenhuma visão ciliar, nem perder o paladar, num instante eu paro e sou circundada pelo voo afoito de chama e brilho dourado de um *Chrysolampis mosquitus*[402] com um voo áureo, um olhar aceso e sua crista magma acendendo o raiar.

---

[401] *Ruiseñor* – esp. – pássaro *nightgale*, pássaro cantor que tem o dorso e cabeça mais escuros que a plumagem da barriga.

[402] *Chrysolampis mosquitos* – beija-flor vermelho, 'pirilampo mosquito'.

Sigo andando espelhos d'água de sangue luar, colhendo gineceu de cerejas e morangos doces e mel. Colho inflorescências geadas em panículas, amentilhos cafés e luzes espigadas em corimbo e trigo dourado.

Exultante nas braçadas observo o azul que se aleita imperceptivelmente. Retorno para preparar pão amassado em carícias para um café dos contornos sépias. Cresto pão, ferve uma geleia de cores ígneas cereja e morango adoçadas com mel solar.

Uma folha recoberta de cor pálida, prateada dourada irisada em luares que se põem, esse papel pérola recebe minhas palavras em filetes raiados do nascer do dia, escrito em cálamo das plumas de fogo que roseiam o céu nas palavras de amor eterno purificado.

E me aproximo andando nesse tapetal de seus olhos adormecidos, com carícias de levitação e beijos com perfume de beija-flor, em benfazejo trago seu café com vapores que se eriçam para o céu de uma caneca cerâmica em formato encordoado helicoidal.

Seu sorriso levanta do horizonte em olhos que acastanham um prazer edule com atinente toque em minhas mãos em gratidão mútua.

†

Aestuarium[403]

|20 JUNHO 2019 0:55 |MÚSICA: ONLY THE WINDS – ÓLAFUR



[ILLUSTRATIO 9]

Forte emoção que abranda o cinéreo embrumado em um frescor assoprado das serpes da beira-mar numa maré baixa, olhares renascidos acinturados de branco gelo seco, no qual suas mãos desapareciam na indefinição de uma atalaia que faz um olho de espreita de cada um em si, caminhamos uma chuva que fizemos espumar os próprios pés que talvez nos mantivesse no nascer do horizonte na restinga de vultos de atobás.

Em uma sensação de formigamento que se apoderava, um tremor no pulmão e músculos que retesavam, um estremecimento dos olhos e narinas, em respirações de rastro de condensação.

Abre-se uma visão vaga deste estuário que entrecortado de banco de areia guardava um revolvido das marés altas e espelhos lunares.

403 Estuário - Parte do leito de um rio em que se manifestam as marés: o estuário do Amazonas. Braço do mar formado pelo seu encontro com as águas do rio; foz. Braço estreito do mar em que penetra terra adentro. Figurado: Ponto para o qual muitas coisas se convergem: uma enciclopédia é um estuário de conhecimentos. Etimologia (origem da palavra estuário). Do latim *aestuarium*. -ii.

Andávamos como amor telepático em vestes soltas sobre o tegumento morno dos carinhos, dentro do corar de coragem, de rosto, em desprendimento adejado que cercava longe os cambucás em flores de gel marinho num verdejante manto que nos fazia extasiar os olhos na frontal brisa com os cabelos sacolejando os plasmas de cores petrolizadas etéreos no rastro do abraço.

Quando as cores de luz do dia rasgaram o céu, toda a angústia anosa se desprende de seixos que caem em um atroar com o subir de gotas e ondas espumadas em prantos dessa emoção anosa.

No coração do correr de águas límpidas de estuário, cada passo que era dado firmava os dedos em areias finas que comiam frios pelas pernas e lágrimas desciam teias de cabelos reunidos num momento tocante do então reencontro e de tudo que ficara para trás no vazio.

E nossa mansidão fausta trazia um choro contido que se libertava, um momento eterno no instante fugaz antecedia a despedida.

As duas mãos subiram ao ombro da deidade do dia amanhecido e com três dedos reunidos tenuemente cercou ambos os lados sorrisos em um pouso de asas Fênix renascidas nas luzes de reflexo da grande pepita. E as mãos permaneceram assim esquecidas, naquele estuário verde-prata para um beijo de saciedade alaranjada respingado de salgadas lágrimas que nos custaram anos e anos e anos e amor e céu e noite e luar e dor e começo e meio e nada termina antes do fim.

Corpo que então se desloca, se vira e caminha nas águas e outro parado com gotículas que descem lentamente os minutos vencidos e únicos, que então tocara o calor, a pele, o pelo, cílios, marcas, sinais de nascença, cicatrizes, ferimentos, *despigmentos*, rugas, linhas, saliências de veias, pintas, traços, cavidades, ranhuras, cor e penugem – materialmente – com os sulcos digitais do tato e as suas ondas nervosas que interpretavam a única compreensão cabível para aquela noite e dia e tempo.

Sempre as palavras reconstituiriam as pegadas submersas nas águas estuárias, os brilhos alterariam o tremor, a luz da atmosfera, ainda assim aquele lugar teria existido.

Dali parti, diante do Sol ela iria também, para as origens, para os braços de todo mesmo, que o ensejo tardio perdera o lar.

De minhas vestes, porém eu sabia, que não teria dimensão de regresso e nem momento futuro.

Toda essa cor emocionante do depois só amores perfeitos sabiam.



Argentum Litus [404]

|06 Novembro 2019 17:46 |Estímulo Empírico de extenuação sensorial. Concebido um reencontro futuro em praia de Ubatuba do desenho aquarela, em rio idealizado| A03

Quando fechei os olhos na luz argêntea, senti de alguma forma o escalavrar das unhas felinas dos brilhos sólidos. Meus braços tinham cotovelos de pano e os joelhos macios estremunhares. O mar deixava salivas densas nos cálices de meus olhos. Com ardência do Sol da promessa dessa mormaceira.

Como um vento forte desértico, como o *scirocco* das ondas, partículas daquela fragrância do gosto dela permeavam engalfinhando-se à toda orla de uma mister sensação. Os passos que deito sobre as areias no andar vago nesse tapete de mini constelações e nebulosas estelares, nasce um vulto opalino em efeitos brilhantes do evolar da maresia, como ventos solares prateados de polens de luzes.[405]

Essa marca d'água caminha com as ancas dançadas do guepardo, com olhar que incandesce a beira do perau do mar com quebra de ondas ferozes antes do nascer do Sol. Eu prometera amanhecer nalgum mar para ver o luar solar do ar morno da manhã, e festejar aquele delírio. Eu prometera a mim mesma tocar um braço de rio e deixar ali marcas desse amor. Eu prometera tocar essas gotas de águas negras do felino olhar molhado e degustar essas sombras. Consumir cada gota, cada calor, cada frio, cada sede, cada entrededo, cada aresta de quadril imersa no mar de folhas cadentes de uma quinta estação. [406]

Eu sentia esse agora, com suores do calor arrefecido, o extenuar do retesar dos nervos, degustar dos vazios dos minutos que escorriam como gatos derramados do telhado. O ar argênteo das nuvens da tempestade que amaciou a terra e entumeceu o rio das estrelas de prata desse céu aberto acima de tudo, acima de

---

[404] *Argentum Litus* – Lat. Praia de prata.

[405] As sensações do nunc momentum dão os elementos para transição ao ambiente do devaneio, como elemento real. A transição se dá em meio essa extenuação das sensações que evocaram esse amor.

[406] Refiro-me aqui comer as manchas negras do guepardo, como comer as águas do corpo molhado.

nós, acima dos voejos dos beija-flores do carmim da flor rasgada da fúria da paixão. [407]

Ela se aproxima. Com olhos franzidos que tateiam o súbito acaso, que sorriem o profundo medo esquálido. À pequena distância desacelera e os pés lentamente avançam, soerguendo-se alternadamente, estirando o tornozelo adiante e fincando a curva ameixa do calcanhar. De mesma forma, avanço até uma distância segura da desilusão. E nos dizemos coisas desconexas, as palavras inexatas e obtusas dela que não determinam direção. Reconhecemos o encontro como algo absurdo, ainda que eu costumasse me limitar a dois locais costumeiros, ainda que soubesse localidade que me evitaria.

A rajada das oito horas nos circunda com um levante de purpurinas, que dançam dentro das fitas de seus brilhos, no mesmo quebra-mar que esbraveja espuma dos dentes da fossa abissal, nesse abraço hausto de amor de extrema secura da saudade.

O ponto da praia verte um rio dourado com o derretimento do Sol inclinado por uma réstia entre nuvens. O ponto de nossas mãos alcança nossos ombros num enlace deslizado sob o braço que aconchega um abraço da manhã prateada. O rugir chameja as jubas, o rugir destroça as palavras dos ouvidos, o rugir estringe o mar com respingos da lua sobre o calor do corpo.

Assim me arrebatando pelos pulsos, puxada para uma aventura, sua pressa me reboca a correr na beira molhada, enlameando a curva respingada das minhas pernas, enquanto as cangas de seda se esgarçam nos passos rápidos.

_ Ali tem um grotão límpido! Vem! Ali de onde vim, vê!

Paramos para cobrir as luzes com palmas da mão e apontar um recorte aguilhoado que veio serpenteado entre mata das montanhas azuis.

_ É tudo que tens a dizer?

_ Talvez eu seja exímia em gestos de amor...

Um sorriso tênue vestia o curvar das maçãs do rosto, doces e ácidas. Um movimento cadenciado, acelerava a corrida dançada das saias coloridas mescladas. Uma de turquesa, branco e amor. Outra nas cores azul marinho, púrpura, álcoois de vinho e paixão. A cor de viver. Essa hora tinha a exata inclinação dos raios.

Chegaram na pequena foz, que pisotearam o gelo com gritos de seus haurires.

---

[407] São as sensações do empirismo de exaustão.



Aureum corpus fluidum [408]

|06 NOVEMBRO 2019 18:30 | CONCEBIDO COMO SEQUÊNCIA DO ARGENTUM LITUS, O MOMENTO DE REENCONTRO DE AMOR, NA CASA DE MATA E CAMINHO DA NASCENTE IDEALIZADOS PARA DAR SEQUÊNCIA AOS POEMAS COMO ROSTO DE FOGO ÁUREO.

Estranhamente existia uma trilha areia no adentrar do coração da nascente, as folhas pendiam verde de seus queixos. As folhas esbarravam os braços e os brilhos iam aderindo os poros. As folhas cantavam, eram parte de um orfeão.

Como a música orquestrada pelas volutas das águas deitadas, os pés agora em seus chinelos, lavavam no gelo os brilhos de seus olhos encontrados.

Andaram calmamente, sem ser um chouto. O cadenciar ligado pelas pontas dos dedos, que tocavam as espadas de luz transpassadas. O foco derramava o líquido ouro, que com carinho de mãos esparramava para o extremo ombro, caindo com essa luz pelos braços nas cores da pintura, essa pintura viva e pulsante.[409]

A subida na trilha saibrada em solidão de si mesmas, encontra o braço do istmo. Palmeiras se dançam com os braços curvados das franjas de clorofilas. Os guizos dos seres se empalidecem. Nada fere a pele. Nada se interpõe. As águas secam nas bocas tocadas em seus espelhos parafinados de ouro. Os lábios vertem pelos sulcos, a carne umedecida gruda essa cor da maresia.

O beijo roda os braços, o beijo eriça submarino as jubas, o beijo aleita os gostos, o beijo hauri as salivas do ouro fundido.

Se dizem se amar.

Ela guia pelas sendas margeadas pelos gravatás rindo suas espigadas flores grenás. Como um *paseo* de flores sonhado do céu infinito[410], o caminho chega a uma casa, branca, com as colunas púrpuras, com janelas coloniais cerradas em suas tábuas, com pequena varanda de duas cadeiras e uma rede estirada entre duas varas acima do piso cerâmico. A pequena casa-colono enterrada no meio

---

[408] *Aureum corpus fluidum* – Lat. corpo fluido douro.

[409] Representa o espalhar nos corpos o ouro em pó na pintura à óleo de quadros estanques de ambas tornando-as purpurinadas no decorrer dos gestos de amor.

[410] Aqui referencia um caminho do jardim de deus escrito no livro 04.

da mata atlântica, entre folhagens e bananais, entre coqueiros largados no meio da borbulha do verde. Ela recolhe a chave dourada, para abrir a porta. [411]

O frescor adentra. Um perfume misterioso. Então, encontro o quarto com a laçaria de cetim negra e os lampiões decorados coloridos, simulacro dos balões acesos de papel crepom. Vou acendendo cada vela de *cérumen*[412] de abelha. [413]

Um tecido sobre o tálamo promovia uma chuva peneirada de doiradas partículas. Suas mãos retiravam vestes dos meus ombros, retiravam vestes dos meus braços, para aquele nascer de brilhos áureos.

Nosso carinho encontrava a cadência de seu próprio hausto[414], no congeminar desse ouro que vai tomando nossa pele, levado pelo calor das mãos, como líquidos de luz de raios de tempestade. No carinho que percorre seus desertos, as dunas de cada poro, de cada seixo, de cada cor argila Borgonha, cada greta, no silvar de nossas bocas molhadas dessa valia de amor.

A dança da música ordena os movimentos de cada vento de si mesma. A dança atocha as línguas do idioma asfixiado do amor. A dança serpenteia nas fitas cadentes entre seus corpos, alternando as cores negras e douradas abrilhantadas da emissão tímida das chamas enclausuradas nos lampiões de cores.

E todas as nuances derretem seus brilhos acachoeirando-se entre as pernas de cada tez, na alternância de cores, movimentos, círculos, sombras projetadas.

Os filamentos do coração do figo sangram o doce paladar gelado. O morango sangra seus filamentos estriados do ventrículo. O kiwi sangra seus filamentos ácidos dos dizeres encrustados sob o veludo do toque.

Os olhos douram o espelhar do ouro que empana os corpos ardentes neste líquido. Os olhos dourados abrem suas asas e voam espaventando os suores e lágrimas da cavidade da visão mútua do consumar do amor reencontrado.

---

[411] A chave representa o uso da chave de abertura de relacionamento amoroso que representa um gesto que ela faria.

[412] *cérumen* – Fr. cera, cerame.

[413] Referência do ambiente e imagem poética do poema Tocar da Fragrância *Passion* - Immateriale – da própria autora.

[414] Hausto - Ato de haurir (Tirar para fora de local profundo, esgotar, sorver, extrair, colher)

Nesse espaço contornado pelas filigranas do êxtase de lôbregas emoções evoladas em suas fragrâncias no lugar elegantemente negro e ouro dos raios solares, dão-se afeto da gratidão, da luz dourada das sensações em suas peles, as cores contrastam os diferentes *retinacula*[415].

"Meu profundo amor, quanto esperei este momento, por vezes as ilusões me levaram à morte do resto do mundo para somente teu ouro. Meu amor dourado, eu me diluo nesse brilho da tua face em que o Sol lava tua circulação do coração. Meu amor bioluminescente, nunca nada alcançará a pureza e embevecimento do meu coração entre o amor de teus gestos e teu carinho. Jamais esquecerei, assim entre os filamentos do orvalho do seio das bromélias guardo minha gratidão nessas palavras como se assim pudesse cuidar teu coração nas palmas das mãos de minha paixão para o *sempre* dourar no ouro do Sol o teu caminhar nas areias do tempo."

Assino as letras douradas contemplando enquanto o sono acalenta o rosto querido na mansidão do possível.

[415] *retinacŭlum* – Lat. laço, faixa, corda, amarra, cabresto, rédeas, corrente. Contextualiza o elo de amor entre as fitas. Na forma acusativa plural, *retinacula*.



[ILLUSTRATIO 3]

†

ITINĕRIS[416]

| 10 AGOSTO A DE 2019 | USAR EMPIRISMO FILMES CARACTER | TRECHO INICIAL EM 5E DE ITINĔRIS, A SER EM 6 PARTES DE A A H. SEGUIR-SE-À B - DESERTUM., QAIRAUAN.

α Fatoro Arcana[417]

|10 AGOSTO 2019 8:51 |MÚSICA: SCHILLER SYMPHONIA

Naquela ruela transitavam diversas pessoas entre bancos, árvores e painéis pintados. Naquela ruela surgiu um painel desenhado da noite para o dia, um desenho, frases sem sentido, um colorido delicado a intenso. As pessoas o chamaram *Pergraphĭcus*[418] cuja assinatura era um mero jamelão. Atraiu olhares e as pessoas se juntaram logo cedo em frente a bater fotografias, outras ficaram apontando os dedos tentando decifrar a mensagem. Logo essa foto, à priori, apenas demonstração vaga da vaidade humana, se tornou a pergunta que não quer calar. A foto solo do muro pichado emoldurou diversas especulações estapafúrdias e foi se propagando.

Renanthera levantou-se lentamente, acometida de um gigantesco vazio que: iniciava-se de um gelo que abocanhara seus pés e subia através dos tornozelos. Um tanto combalida olhou de lado, ele estava roncando um suor na testa como se nada importasse. Levantou-se ainda mais cedo, situando-se no lavabo, ligou um tablet e sentou-se olhando perdida buscas que naquele dia não davam em nada.

Viu um recado notificado de Oncidium e mandou um breve oi, disfarçando um tanto seu desânimo.

---

416 *Iter, Itinĕris* – Lat. – caminho percorrido, trajeto, viagem, marcha. Via, meio, maneira. Curso.

417 *Fatoro Arcana* – Lat. Destino secreto.

418 *Pergraphĭcus* – a –um – Lat. Feito de maneira bastante primorosa, perfeito, completo.

Adentrou passos na rede social, logo viu algum amigo nas ruas de Sampa[419], e um painel desenhado, rolando abaixo, novamente aquele painel, mas por enquanto estava tão completamente sozinha na alma que não conseguiu prestar atenção, pela décima vez o painel sozinho, com a legenda: Decifra-me.

Renanthera curvou os olhos semicerrando-os, e começou a olhar aquilo, depois de um momento, aquela comichão formigava em suas mãos, intrigante, aquele jamelão parecia semelhantemente com uma espécie de logomarca reconhecível de alguém proscrito.

Um gelo percorreu. Por quê? Será? O que diz?

Murmurando em pensamento: _Ah, isso está fácil, dá para entender.

"Jornada *nocaar* ponto de encontro dois amigos em 20 do mês Julho. Mapeie-se."

Pensava... "Nocaar, seria de trás para frente? Raacon, isso não diz nada. Será que é o número da letra? Anagrama? Ficou pensando e teve que interromper seu dilema estranhamente virtualmente quase impossível. Ruminando entre goles de um café perfeito, que tipo era aquele de uma farpa entrar sob a sua unha. Como alguém poderia entender que aquele painel para ela parecia um envelope destinado a ela. Mas que absurdo! Prosseguiu com a intriga embolando o estômago. O dia empoeirou sua mobília.

Lá pelas tantas, após compras no mercado, voltas no carro por avenidas frondosas, Renanthera já estava ignorando chamadas do celular, parou num parque para caminhar no passeio de flores e olhar ondulações de água, sentou a ver as horas do final da tarde derreterem a calota polar. Portanto, mais fixada estava, e com raiva, afinal parecia que tal pessoa tinha esse desplante e conseguia ardilosamente perturbar seu oceano interior. Voltou ao carro, pegou o tablet e no banco do carro com um chiado perdido de música sem escolha olhava atenta para o *Pergraphĭcus.* Já havia notícia de que muitos amigos pares estavam marcando a tal jornada. Cada um dizia um ponto de encontro diferente e a polêmica seguia nas redes sociais.

De repente, veio-lhe a palavra Arcano e isso deu um gelo no estômago. Como algo que sabia de onde vinha, só podia ser, mas não podia ter certeza de forma alguma e isso lhe doía os calos do tempo longevo que fez um andar sobre uma certa observação contundente e permanente em anonimato de seu ar secreto.

---

[419] Sampa – apelido da cidade São Paulo.

Mas aquele jamelão terminava em um risco que prosseguia em riscos que davam a parecer números, que ninguém nem estava comentando. Então Renanthera voltou em velocidade para casa para tirar uma cisma em cisco do olho.

Entrou sem dar atenção a nada, sentou-se na mesa e ficou olhando para os números: 41 17 21, 01 31 04.

Após um tempo, na busca se deparou com locais pela coordenada geográfica. Um lugarejo nonada na Espanha. Já noite, mastigou comida sem sentir, olhou o vazio, deu milhares de respostas lacônicas, a ardência não passou, e de certo modo, tinha matado a charada, era um convite para uma jornada misteriosa a iniciar neste local em vinte do sete de 2020. Janeiro estava iniciando, natal tinha sido o mais opaco de sua vida, abriu cadastro de contatos, achou um nome e enviou um e-mail.

“Olá, boa noite! Conforme falamos no telefone, prepare os papéis e entregue nos meus endereços daqui e de Sampa. Com brevidade, por gentileza.

Cordialmente,

Renanthera Escarlate”

Seguiu para seu closet enquanto o seu parceiro tomava banho, abriu a combinação do cofre, retirou dois livretos, um envelope contendo dinheiro e cartão magnético, guardou alguns objetos de sua estima dentro e selou com nova senha.

Antes da meia-noite, reservara secretamente passagem para Madri para dezoito de julho. Pensou duas coisas: “Fiquei louca. Foda-se”.

|13 Agosto 2019 15H| 5F.

Durante tempos seguintes, Renanthera assumiu aquela sua faceta reservada e com rispidez um tanto intolerante, respingos de um fel fizeram murchar de vez um jardim que cultivava na ilusão de seus escafandros e flores marfiníticas que esperava florescerem de esmilodontes. As cantigas missais já não acalmavam e seus cantos de dedos se roíam. Sobre o enigmático *Pergraphĭcus*, havia também esse termo, que por pesquisas à esmo encontrou uma página, apenas um desenho de fundo, um link que dava em uma janela solicitando senha. Fisgada pela certeza de que ali havia algo a mais. Tentou *Pergraphĭcus.* Não abriu nada. Ficou atirando às cegas, cidades do Egito, cidade natal de seu desafeto, aleatoriamente perfilando deduções através de elementos conhecidos, nome, sobrenome, filhos, interesses. Seu próprio nome. Não abriu. Até que regurgitando inúmeras tentativas, começou a se sentir exatamente atravessada pelo dardo de

um anzol. Porta se abriu e entrou Titanum, sentou-se na cama olhando de esgueio para ela, inquirindo. Renanthera fechou o computador, esboçando um sorriso apagado, ele esticou os pés, fazendo aquele trejeito de empurrar com ponta do pé esquerdo o calcanhar do tênis fazendo o tal espirrar metros à frente jogado de lado, e com o dedão enganchava o outro calçado fazendo o mesmo jogar a metros longe, como competição de cusparada.

Jogando as coisas para o desajeitamento de ar folgado, recostando, quando ainda havia inúmeras a serem feitas, desagradada saiu de seu quarto, olhando as paisagens que alçavam voo de cada uma de suas vidraças, enquanto ela fazia mentalmente suas malas, lembrando sua última investida na senha do site que abriu com o adjetivo mais simples que em algumas cartas a ela dirigidas tratavam-na como um ser completamente brando.

No dia D, levantou-se muito cedo, cujos olhos mal haviam fechado para dormir, saiu em seu carro, enquanto o travar das portas deslizantes mal fizeram alguém interromper algum sono pesado. Seguiu a um depósito alugado, que com uma chave nova envolta em um saco de veludo dalguma joia, brilhou em sua palma de mão, que destravou a porta e do porta-malas retirou uma caixa média de plástico com tampa de travas, carregou até o depósito, que continha poucas coisas, algumas caixas e pertences de outra época, assentou na prateleira, e rebocou a mala fechada à sua espera, e a ergueu para o porta-malas, bateu a porta, e arrancou com o carro, na tranquilidade de uma certeza, a de tirar a limpo o que ia ser entregue, e se era verdade a nobreza de propósito. Na verdade, enumerava diversos argumentos que a justificassem. E naquele amanhecer, embarcou para algo que não as tantas normalidades numa adrenalina embevecida pelas cores que vinham da pequena janela, no ar dobrado em seus pulmões, no contorno de seus olhos mais abertos e um semblante para o qual se dizia: É apenas uma aventura normal com uma amiga do passado.

Nas intrigantes informações do site, havia descrições do local e ponto de encontro, rota seguinte inicial contendo algumas características muito superficiais das próximas localidades. A primeira intenção estava adequada, de forma que aquilo passou certa confiança, mas na fome ainda contorcia um lado de negação durante todo voo.

Após desembarque e hospedagem em um hotel, Renanthera após um banho, um olá breve de onde estava para Oncidium recostou no travesseiro com uma sensação prazerosa de relaxamento das costas e caiu no sono. Despertou no aviso do translado contratado a uma viagem de horas para o ponto x, lugarejo daquelas coordenadas geográficas, com a respiração curta de ansiedade, pegou as coisas e fechou despesas. Entrou no carro, enquanto sua mala contendo a versão sucinta de suas necessidades, o motor rouco rasgou as ruas em velocidade de insana decisão.

Em julho Pecteilis andava pelas ruas de Saragoça de chinelos com uma bolsa tiracolo, boné e camisa aberta sobre camiseta, segurando um churro e um copinho, deixando a mesa de um café para trás, carregando apenas um livro todo marcado de ter sido lido, adentrando em um albergue.

Após o despertar do desencontro, Titanum começou a sentir o enjoo das ligações recusadas em meio a um estado de 'ué', decidiu esperar um pouco e acalmar, refletindo qual som não pertencia à engrenagem de seu jeito calculado, talvez descuido... Um alarme esquisito zumbia em silêncio.

Comitabant[420]

|14 DE AAOSTO 2019. 16:29 |SYMPHONIA (LIVE) – SCHILLER | ND 6 | MEZANINO|

Pecteilis arrumou seu cacho de uvas de coisas bem otimizadas, após escovar os dentes, agachou ligeiramente a vestir os ombros na alça direita da mochila de sessenta litros, chacoalhou as costas a ajeitar o volume, com documentos numa tiracolo discreta sob as axilas, ganhou as ruas aquele dia, com as luzes azuladas das oito horas e entrou no café Zaragozano, sentou ao balcão em banquetas de vime, em ar escurecido em tons amadeirados, e vidraça dava vista azulada em um astral já um tanto marroquino, mas ali somente para um café, que o motorista já estava a chegar para rodar os noventa quilômetros até a aldeia.

Lambeu os dedos um tanto nervosos, da calda esquecida na ponta do dedo, retomou as suas coisas e agradeceu sem muita atenção, e em dois passos, deu-se no carro, que entrou certeira e cerrou a porta. Uma mulher ao volante falava ardentemente e soterrava das ondas encaracoladas do idioma, com diversos trejeitos espasmódicos no canto do olho, e dando uns trancos, foi ganhando estrada. Pecteilis derramava calda dos olhos em últimos momentos de esperança, recordando-se de ocasiões que sorveu desse chá aromático, que depois de frustro deitava um sarro de coentro na língua que embaçava qualquer gosto da vida.

Renanthera ocultava certo abatimento com óculos nesse dia de verão e o vento sacudia as poeiras de anos de indecisão, mal acreditava no que estava fazendo, supondo uma burrice talvez, que então iria então aproveitar em algum local mediterrâneo em ar ocre claro, mas a combinação de palavras dava sentido de que havia algo importante a entregar, ou iria virar cinzas talvez, pelas

---

420 *comitabant* - Lat. – 3a pessoa plural do imperfeito. *Comĭto* –as –are –aui –atum (também *comĭtor*) – Lat. – Acompanhar. Juntar-se a alguém como companheiro. Ou seja, Acompanharam.

palavras enigmáticas, apesar de anos e anos, realmente sentiu-se compelida a tirar a dúvida, de questões que moravam como cupins adormecidos na mente, que nos dias calorosos de alguma solidão desandavam a voar e soltar as asas pelo chão da casa.

A viagem de cerca de duzentos e cinquenta quilômetros de Madrid até uma região sem um anteparo aonde se disfarçar, fazia-a sentir de peito aberto, numa coragem que superava qualquer medo de voar. Olhou no visor do relógio, eram oito e trinta e cinco, e imaginava abrir a porta lá nas onze horas, no calendário o número havia virado para vinte.

Antes das dez horas Pecteilis Adentrou a cidadela, em casas caiadas de lençóis brancos, casarios com reboco desgastado e muros de pedras laminadas rústicas empilhadas e de fronte a um antigo sifão de um bebedouro de água, verde, com um mastro da bomba de ferro que trazia líquidos a baldes cerâmicos um dia, dando vestígios ferruginosos de seu uso. Ali desceu e pagou para o motorista esperar quanto fosse necessário, observando olhares espionando com total estranheza e certa rispidez. As costas deram dor, os pés amortecidos pediram andares em círculo nos minutos e sabe-se lá quanto mais de espera para ver que prosseguiria às dunas sozinha, acometeu-se de pavor gelado pela loucura de ali estar, com todas as outras opções de viagens triviais. Sentindo-se idiota das voltas do ponteiro dos minutos, enxugou rosto, deu goles de água, comeu bolachas que estavam esfarelando e limpou farelos com as costas da mão. Notou um carro passando por uma das estreitas ruelas acima em brilhos que não permitiam saber seus ocupantes, tremeu os gelos que derramaram mais alguns fios de cabelo envelhecido, para seu desgosto.

O carro então encostou, e antes que se falassem, emaravam-se decisões sobre os veículos.

_ Mas que lugar você me trouxe!

_ Para você ver até onde iríamos, e no final acho que o absurdo nos serve no tamanho. Como você está? Deixa-me adivinhar, sempre bem.

Sorriu timidamente a maquiar o nervosismo.

_ E então?

_ Achei um lugar de família disposto a servir almoço por uns trocados, e achei que devíamos comer e os motoristas, a retornarmos para estrada.

_ Qual o propósito e o que quer me dar?

_ Sabia que seria direta, então Renanthera, aperte a minha mão como amiga, e dê um abraço normal, e diga se topa fazer essa viagem de companheirismo de amizade, onde possamos conversar amistosamente, conhecer coisas diferentes e viver algo que não foi possível. – Dito isso Pecteilis estendeu a mão.

Renanthera franzia olho, sentindo-se mais à vontade, meio zombeteira, estendeu a mão lentamente, o Sol havia parado no ângulo, e as mãos se juntaram em morna faixa que ata por cima, a outra mão como selo de pacto. E lentamente as mãos se puxaram soltando-se para os braços que abriram e delicados se abraçaram sem nenhum aperto ou teor invasivo, ou exagero, ou conotação.

Ao se afastarem, ela voltou e deu um beijo facial de cumprimento, em aceite da aventura, e resolvidas a seguirem num único carro, Pecteilis já estava com um veículo preparado para seguir até o litoral, então a mala foi intercambiada de porta-malas, sentaram-se no banco traseiro e foram até a casa de aldeia para almoço, entre umbral de porta em madeiras grossas e paredes de pedras encaixadas com frestas, com andar de cima em sacada de ferro pintado verde, e flores que se derramavam em local simplório.

Uma senhora de lenço, arcada, nas rugas da face saíam os sabores simples que em tigelas de cerâmica rodeavam pratos coloridos pintados vitrificados para seu olhar divertido em tal alegoria.

_ Você não desiste, não?

_ Verdade. Não. – Sorriu meigamente um aroma que recordava um velho tempo entre elas. Delicada pegava garfo e faca e ia comendo enquanto ouvia alguma palavra, sentindo com a melhor chance do mundo, só faltando que não estragasse.

|15 AGOSTO 2019 15H | 5 H|

Ficara somente a motorista que acomodou-se empunhando fortemente volante enquanto sentamo-nos, rodando campos com patamares contornados em desenhos contornando altura e vegetação ou plantação, enquanto um conjunto de montanhas azuis nos espreitava.

Rumando sul para Motril, tecidos verdes recortados dançavam em nossos olhos, por vezes um tom amarelento, a nos dar um filtro de luz nas árvores que por vezes apareciam. Tudo que se silenciava, nos dava a voz para nossas enormes dúvidas.

_ Pecteilis, como pretende fazer a travessia?

_ Cogitei duas formas, uma em balsa e a outra em avião particular. Mas achei mais viável a balsa, porque podemos seguir um tempo no mar, era mais prático

até o destino Beta. De lá encontraremos um guia que nos levará ao ponto inicial da jornada na areia. Está preparada para isso?

Aturdida e trastejando, Renanthera faz expressão de não saber, com as palmas abertas.

_ O que quer com isso Pecteilis?

_ Viver a amizade de forma diferente, dividindo um caminho. Apenas poderemos conversar, sobre o que quiser; aquilo que não quiser responder ou abordar não tem problema. Teremos tempo e experiências diferentes. Você como está? Casada?

_ Estou bem. Minha vida lá, lá ficou. Como conseguiu isso tudo aqui?

_ Patrocínio. Frutos de trabalho. Ou mistério. – Riu. – Minha família ficou lá, espera que eu retorne, mas ando mais desgarrada do que antes, assim foi melhor, havia uma certa ebulição conflituosa. Leu algo?

_ Se o que quer saber é algo seu, bem, acho... – pensou fechando olhos não querendo dizer – Bem, de certa forma sim.

_ Sabia. E? - Enfunava velas de seu sorriso que voava para iluminar ambos os rostos.

_ São bons. Gostei de ter lido. – Respingou um claro aventar de pássaros na tarde com plumas douradas de luzes quentes entre os ventos que emaranhavam os cabelos.

Com um gesto abrupto, segurou a mão de Pecteilis e levou ao lábio para um ósculo que pousasse palidamente em purpurinas finas no verso da palma. E devolveu ao lugar de repouso sobre a coxa.

E um silêncio perdurou um tanto mais da estrada, com algumas histórias que Pecteilis contava sobre os filhos, mas não houve algo similar em troca, então aquiesceu para que um sereno caísse como prata de luar e reavivasse uma confiança que fora completamente perdida, e ela muito queria saber o motivo.

Ao chegarem naquele final das luzes, num refrigério, naquele hostel se instalaram e foram a um lugarejo para jantar, que rodaram uns três lugarejos para um que servisse algo que não fosse marisco ou parecido. Pecteilis se contentou com um caldo com tostas entre palavras de observação que Renanthera ia deixando à medida que esvaziava uma taça de vinho, e na quietude da ansiedade, voltaram em andar arredondado para um abraço cuja envoltura só possível no mundo onírico, que nas luzes tênues suas cabeças voltadas cada uma dizendo algo sobre um momento de viagem da vida, pequenos detalhes dos cansaços

que como periquitinhos ajuntavam-se em poleiro arrulhando para adormecer, em um sonho bizarro dourado cujas areias em tons de mel se acumulavam sobre os corpos, enquanto as vestes eram levadas pelo vento de deserto num grito aspirado de tremura de línguas que ecoava e lavava as nuvens.

β Qairavān[421]

|15 AGOSTO 2019 15:36 | 13H ESTUDO E CONCENTRAÇÃO |

Dia seguinte ambas no afogadilho pela manhã para embarque na balsa, com documentos e bagagem, seguiram em passo de mesma estatura, para os lugares, mas logo buscaram lugar junto à janela para o mar cujas asas de espumas iam deixando rastro, com o riso divertido de Pecteilis descontraída e cuidadosa para que sua amiga ficasse à vontade.

_ Não acredito que estou fazendo isso. Que ideia a sua! – Murmurou olhando vago, Renanthera, em desaprovação a sua lógica, como se um algoritmo interno tivesse falhado, dando um senão completamente desconhecido.

_ Sinceridade. Achei que eu teria que ir sozinha. Pensei diversas coisas que me desanimaram, mas acendi o estopim da loucura, afinal o tempo urge. Acredita que sonhei com tempestade de areia?

Viraram-se rosto a rosto, olharam com esboços em olhar zumbaia de bom dia, boa viagem. Mas Renanthera estava intrigada. E desejava saber no site qual seria o passo seguinte a este.

_ Posso te oferecer meu olhar de surpresa de nunca ter visto isso. Não havia de ser mais ninguém além de você para um *itinĕris* que possa fazer sentido a algum sentimento relevante. – Pecteilis prosseguiu, mas depois achou melhor calar.

Sem olhar, rugas se pronunciaram com essas palavras. Após um longo silêncio, assentiu, sem que se pudesse determinar a quê. No fundo dos olhos a ondulação conferia-lhe uma estranha impressão, a intuição desde o início, um alerta desconhecido, que parecia imprimir pressa.

---

421 *qairauān* – ar. – Caravana do persa *karwan*, fila de camelos, pessoas que se juntam para viajar pelo deserto.

|19 Agosto 2019. 21h. |4b.

Titanum percebeu a chegada dum envelope, que rasgou com ponta do dedo e puxou bruscamente as folhas que davam manchete de divórcio, com a face arroxeada subitamente, e com tendões da maxila tesos, com boca que curvou, chutou seu precioso pé na parede, que fez levantar a unha para urro e pragas incompletas como mordidas por cão. Pois torceu o pescoço do maço de papéis e rasgou como se serra de madeireira dando uma braçada na mesa com um vaso decorativo translúcido em vidraria fina que espatifou contra algum objeto de valor sentimental dela. Decidiu-se a falar com a filha, mastigando por horas coisas que queria dizer ou saber, usando seu talento mais capcioso.

_ Oi Oncidium! Tudo bem? Renanthera foi para aí? Estou tentando falar com ela.

_ Oi! – em tom bem vítreo – Não está. Por quê?

_ Acho que ela está brava, saiu sem dar conta de onde iria, não atende celular desde anteontem, mas hoje recebi um documento de separação.

_ Ah-haa! Olha parece que ela se decepcionou mesmo, talvez queira um tempo ou que você possa se mudar sem resvalos de atritos. Espere uns dias para falar com ela. E se de fato ela quiser...Eu nada posso fazer.

_ Ela disse algo? Para onde ela foi? Vou atrás dela. Onde ela está? – Em escalada de som.

_ Olha, sinto muito não poder ajudar, tenho que levar minha filha na escola agora. Preciso desligar.

Mancando o pé, fulo por arruinar a unha, jogou coisas numa mala em arrufa que fatiava o estômago, mas dizendo a si mesmo que isso não ia ficar assim.

Ambas aportadas em Al Hoceima num hotel de bela visa mar, com paredes ricamente ornadas com granitos sobrepostos, em vistas grandiosas de vidro na noite em gargantilha de focos de luzes às paredes dando cores contrastantes com mar de turquesa amortecida. Desceram escadas iluminadas para um restaurante em estilo moderno, decorado com artes africanas em máscaras esculpidas afixadas em grandes colunas negras.

Cadeiras de espaldares altos em revestimento caramelo, e um lumiar de lamparina reservado, entre olor misto de carnes exóticas e especiarias, Pecteilis de

antemão preferiu tomar um suco a ofender algum costume, e escolheu comer *bastilla* recoberta com canela e açúcar. Renanthera preferiu vinho, pouco a pouco se pondo à vontade no hotel, com um prato de *tajine* de cordeiro colorindo a mesa.

Se puseram a falar mansamente num olhar azul que encerra o laranja esquecido das antigas mágoas, num paladar de taça bojuda, que acomodava antigas percepções e perspicácia em seus olhares.

Renanthera nota certo cansaço e apreensão quanto ao caminho seguinte –a pequena caravana. Pecteilis por duas vezes questionou se ela trouxera casaco para frio intenso e advertira que teriam de usar vestes para caravana. Sob olhar zombeteiro de Renanthera.

|22 AGOSTO 2019 13H.| 17 GRAUS, VENTO INTENSO FRIO, SOL ENTRE NUVENS. | 4C | MÚSICAS DA PLAYLIST

O céu noturno em brisa de sacudidelas, uivou um aviso de recolhimento, em passos lentos, com sentido inebriado de Renanthera, cujos olhos pairaram sobre a linha finita do oceano, num respirar denso de dúvida, nos estalidos quase inaudíveis de amiga ou não, ainda era vinte de julho, e Renanthera volveu para o restaurante e recomendou ao gerente que enviasse a garrafa com o vinho restante ao quarto.

Depois em sorriso de clara dos olhos num trejeito intimista, deu braços a Pecteilis: "Vamos arrematar esse no quarto" e riu uma gargalhada travessa.

_ Afinal *Rena*, quem você deixou para trás sabe aonde você veio e sabe quem eu sou? Não responda se não quiser.

_ Nem imagina. Eu precisava de ares, e este ar aqui está ótimo, além do que a certo momento de minha vida com a dele, notei o apreço pela grana, em um ardiloso meio, usar falsa humildade e solicitar, que com o tempo, alguma frustração dava largada a um período mal humorado e avesso a coisas que prezo. – Dum suspiro aspirado, faz um espanto de ter se deixado revelar.

_ Nossa! Achei que não entraria num enrosco assim, sempre achei que era seletiva.

_ Ah quando não se quer ficar só, logo já tem gente que repara em coisas que não você mesma, e usa do galanteio por tempo necessário a essas investidas, que mudam bastante o ar quando não frutificam. À medida do tempo, fui me convencendo, mas confesso Pecteilis, que realmente estava sem atitude até essa coisa da viagem.

_ Não gostaria de interferir nisso, acho que o cara deve estar bem chateado a essa altura. Ah, atualizei o percurso, entregaram a roupa Amazigh e o *tamasst*[422], achei legal vermelho, que à propósito veio da tinturaria antiga de Fez. E nossa condução vem nos buscar bem cedo, é tipo de jipe fechado, com nosso guia, o carro tem conforto para as tantas horas de viagem. Pode olhar no site. – Sorriu com a selagem dos lábios.

_ Ahhh vou olhar! Sinceramente estou me sentindo renovada, e pretendo falar com ele, depois de trocar umas mensagens mas, daqui um tempo, deixar que esteja mais sereno. – Virando-se para a mesa, estendeu o braço à garrafa, e duas taças na outra mão, entornando calmamente vinho tinto na taça para sua amiga, o vinho resfolegou uma onda de um lado a outro e tremulou os passos de proximidade. – Você bem que queria uma taça, vai! – Estendeu delicadamente.

Pecteilis aceitou com uma vírgula de contração dos olhos, mas se dizendo a ser comedida. E Renanthera, sentou-se com travesseiro nas costas na sua cama, enviou uma mensagem curta, a se supor a Oncilium, que logo mais dera conta da ligação dele. Mas ela jogou de lado, bebeu o vinho, e olhando para o final do líquido, ligou para pedir outra, sem nenhum constrangimento.

Pecteilis sentada em frente, na cama, já havia checado as coisas, tomou um copo de água, e pensava nos tempos que havia sido tão refutada. Não se atreveu a perguntar, dar arejamento da rolha para oxigenar a idade do vinho.

_ Um amigo, por vezes é um momento, no entanto eu prefiro ser a continuidade, mesmo nas interrupções nunca desisti da caminhada para o reencontro.

_ Aquele duvidar evaporou durante as cartas, eu sabia que cevava um plantio, talvez devesse ter sido menos rigorosa, me senti meio dentro de uma teia, não leve a mal. Eu atrapalhava sua depressão. Você continua sendo elegante e carinhosa, me faz pensar em um débito, que não posso. Mas olha, dois dedos de prosa me fazem dentro dos livros, como navegar sem medo. – A essa altura, no desatar da língua pelo vinho, ela gesticulava voar como sobre um mar de céu, com rosto de idealismo daquela pessoa que tivera sido ao pisar numa faculdade de graduação, ou aquele cabelo desarrumado desapegado de aparências que servissem de fixadores de uma gravura numa moldura. Desandou a falar bobagens e rir, e sentou ao lado da amiga, dando uma ombrada para rir da cara desmontada, com aquele sopro repentino de uma risada espirrada entre-dentes e lábios quase cerrados.

---

[422] *Amazigh* é uma das vestes berberes tradicionais para mulheres. O *tamasst* é um pano que cobre os cabelos, as cores preto e vermelho são usadas por mulheres casadas.

Após mais outra taça, acomodou-se no ombro de Pecteilis, murmurando chorosa, e Pecteilis retirou sua taça para a mesinha, esticou timidamente a mão, que pousou como uma cuia de garimpo para a cabeça, num toque imperceptível de afabilidade e acolhimento das lágrimas derramadas de sua amiga por dileção.

_ Nunca me senti completa. Amo minha filha, mas perdi outro. – Chorando – E meu marido não mais quis. Quando conheci meu querido, me senti feliz dentro de uma aventura, o caminho me parecia o horizonte do pôr do sol, achei que envelheceríamos juntos. Se foi como fumaça. A solidão me torturou.

_ Não é bom escolher alguém nessa situação, é como entrar num supermercado com fome. Desculpa! Brincadeira. A gente erra porque tantas vezes os homens são isso mesmo. Confie, você guarda a beleza e significados de uma pedra que gosto.

E em leve carinho seu rosto acalmou com o sono, e ela recostou e ajeitou a amiga, e foi para a cama dela dormir, olhando o sono profundo que a engoliu, pensando se não ia estar de ressaca... "Nem houve tempo de dar um chá de alívio" - pensou.

Rodeou o carro com o Sol tranquilo, mas o motorista em seu *dulband*[423] se esforçando a dizer em espanhol recomendações e checagens de coisas necessárias, que Pecteilis, assentia enquanto assentava sua mochila e de Renanthera.

Os quilômetros que iam se rodando nos olhos entre cores ocre e argila rosada quase um tom sienna recordada por vezes num baixo relevo de renda, ou pelos batentes que oscilavam eras de construção, entre estradas que pouco a pouco davam miragem de calor que ondula magnetizado pelo Sol. Enquanto, contemplavam, seus pensamentos inundavam o carro, de suas ânsias esquecidas ou embalsamadas. Às vezes uma pergunta desabotoava a boca do guia com uma explicação lacônica em sufocada dicção.

_ Rumo a Fez! Passei a fase do seu joguinho. – Riu tossicando – O que está lendo?

_ A montanha mágica. É um romance filosófico.

_ Ainda não li, costumo ler aventuras menos densas ou menos dramáticas.

---

[423] *Dulband* – persa – Turbante. Na viagem, I o guia usava um azul índigo, para afastar mal agouro.

O Sol que fatiava o que as distava, o Sol que enlouquecia pouco a pouco a mente aguçando em vapores álcoois um lenitivo senso que as atava, numa espécie de fibra única que a corda não houvera rompido há anos das intempéries de suas próprias volições, de suas teimosias e suas autoafirmações, proferindo isso parece emparedar ambas como mesmo tipo de indivíduo para o fuzilamento de suas tônicas, mas suas vestes em vermelhão empalidecia a verdade, criando uma espécie de contraste contra o solo que babava um éter cálido que ia sendo cortado pelo carro em velocidade, em estranho hálito místico almiscarado do guia Adenium, com sua cabeça mumificada de seus desígnios misteriosos de uma busca vã, a de aplacar a dor da perda de um filho pequeno, que povoava volta e meia suas vistas num retângulo pendurado no retrovisor, com sorrisos mortos, olhos mortos, numa culpa que o lambia da sede entre seu misterioso propósito.

Renanthera apesar de distraída com construções que volta e meia surgiam no campo aberto a montanhas azuis longínquas, sua símplice empilha de pedras grotescas fatiadas e uma argamassa que por vezes era tingida, por vezes reafirmava aridez bafejando pelas narinas sua cor indecisa entre *carmesin*, *persian red* e *burnt sienna* sendo onduladas pelo escorrido da luz num céu que gritava no alto o *zaffre* intenso da liberdade, daquela amarra mais simples que levara a amizade flutuar o céu, no inalcançável de seu íntimo sepultando artefatos em túmulo Medghassen[424] .

Pecteilis planejava o que viria depois, repassando mentalmente as providências, as datas que virtualmente rabiscaram o seu *itinĕris* e alguns locais foram circundados de oblonga decisão, outros sobre riscados e extirpados. Pensava nas frases da filha que curiosa pedia fotos, e ela evitava incluir a amiga, e dizia estar conforme o plano e que ela podia seguir no site. O calor, por fim, a ninou na maciez da tez invisível de seu lençol de fótons, enquanto cada um remoía suas próprias arestas de alma que busca o cingir harmônico da escultural visão evoluída. Fez se aproximava, o furdunço das cores de Taza ficara para trás, e uma gritante festa de cor viria embebedar as duas (des)amigas.

O resto do dia iria ser comido entre lamparinas em tom rútilo que rendavam a luz numa forma mágica de um balão, num local margeado de colunas em cor couro pálido, entrecortada de fios dourados reluzidos de adornos metálicos. O

---

[424]Medghassen - Tipo de arquitetura do Marrocos, erigidos como monumentos em forma similar à piramidal, mausoléu berbere. – No qual Renanthera selou sentimentos guardados como grandes relíquias para seus momentos da solidão que seu olhar de íris rútilo da madrugada guardava, uma relembrança terna. – Merecedores terão lido e entendido, não, afinal um adendo ou comentário pode guardar um detalhe precioso que se atropelado como corrida de obstáculos, não saberá a existência da pérola oculta. Aprender ou lembrar, não importa, quem lê o sabor do símbolo emana luz da sua aura.

Sol iria trotar um cavalo berbere rumando no dia seguinte uma cáfila de dromedários para riso íntimo de Pecteilis, em direção às ruínas e local mágico que fundou um momento incrível da história do Marrocos, unindo Zanatas e outros berberes, dialetos, arrebanhando uma cultura dissidente para um reunir que originou os Almorávidas durante um momento esplendoroso de domínio do norte-africano em liderança berbere e do califado Al-Andaluz na península Ibérica.

As horas iam sendo tingidas na tinturaria secular da Medina em Fez, em tons gradientes vermelhão aos tons sóbrios das vestes tradicionais. Azuis bondi e cerúleo, denim e verde azinhavre, interrompidas nos goles de água, andança sem detença, mas de microscópica atenção, nos respingos de cores que reunia seus suores, consumindo mais o retesar muscular de Renanthera que ia caminhando mais a mais devagar.

Sem poder imaginar uma tamareira sequer, Titanum fervia sucos gástricos e latejar de dedo espremido em seu tênis esportivo de corrida, com uma mala de mão tipo bolsa de zíper tiracolo, com o mínimo necessário, pronto para partir à espera de uma dica que fosse o destino inicial. Em excogitar circular feito roda gigante que vira sem parar, ao entardecer acendem-se as luzes de abrir o computador de Renanthera para xeretar. Nas lacunas de pesquisas, foi teclando e achando endereços já visitados. Rindo em soberba precipitada, dá-se com o site, com pesquisa de cosméticos, rede social, que adentra mas nada revelou pois há cinco dias não faz nenhum registro. Verifica o e-mail e nota envio antes do sumiço à sua advogada, mais alarmado pois não dera crédito. Escorrendo uma gota da têmpora, digitando freneticamente. “Claro – pensou - que burro eu”. Deve ter reservado lugar, desandou a escarafunchar e achou site de reserva de hospedagem em Madri, mas nada demais, daí lembrou de olhar e-mails apagados na pasta lixo, e achou aonde ela se hospedou. Decidiu-se ir. Nenhum lampejo de paciência brilharam o grisalho. Mas antes...

|24 AGOSTO 2019. 18:30 | 4D

Uma hora e meia antes do pôr do sol, elas e Adenium tinham comido uns *batbouts*[425] num local cujo forno era comunitário em graça das mulheres que ali vinham assá-los, no ecoar de múltiplos passos da mente, Renanthera tinha um brilho de febrícula nos olhos, e Pecteilis se ria com as vestes sendo chutadas com joelho, os tecidos amarfanhando em ilusões vermelhas das dunas, cujo Sol se deitava um aleitamento groselha, em brilhos opacos de uma tecedura de antigas ilusões ou projetadas ou lembradas da água de um pântano frio do tempo,

---

[425] *Batbout* – pão tradicional do Marrocos.

já Renanthera tinha um brio ataviado num espanto sonífero ufano em uma sensação de renovação, porém desgastada talvez pela agitação, atribulação, que o acomodar entre sela no dromedário houvera sido a princípio algo impossível, mas que nesse ninar da cadência do passado das ancas iam fazendo-lhes dançar sinuosidade nas costas, e numa primeira descida cujos passinhos se adiantavam em pequena corrida, entre os chocalhos riam das geringonças que se tornavam pendendo mas logo um prumo elegante daquele leite solar avermelhado ia, tenuemente, no benfazejo que Pecteilis projetara, fazendo uma magia trotar o esquecimento de seus augúrios e nós de lenha que pesavam nas articulações da vida de cada uma.

Até que o desaparecimento do Sol, entrecortado de liquidez em miragem, conferia uma espécie de rosário de contas negras andarilhando as perdas dos caminhos em rotas de autodescobrimento. Assim, no silêncio do ar suspenso, revoado de uma perspectiva meiga no coração de Renanthera que anoitecia receio na visão das ondulações que expeliam uma secreção de areia fina sorrateira num vento brando, e seguida pela amiga, ela ressoava essa afirmação como uma fumaça que fosse se solidificar, num olhar mais do que atencioso Adenium por vezes as alcançava e mostrava num distante despontar curso do vale Ziz[426], que sumia nas horas que nos findavam numa parada para pernoite, com uma última visão que encerrava a cidade engolindo o Torreão da mesquita, rosada entre um pensamento mais magenta *mulberry* nesse crepúsculo vestido como cogula purificante de um ar contrito.

Chegaram a um acampamento de tendas, suas portas tinham pesados tapetes e o chão onde ficariam tinham pilhas de almofadas coloridas, candeeiro que por um bojo em forma pomo, poder-se-ia lembrar uma lâmpada antiga em brilhos amarelos doirados em um bico que enfeitava como bule. Ali uma alcatifa bem plumada, nem se permitia sentir aspereza entre o solícito servir de Adenium com chá de menta, que quase exalava ar monacal totalmente diferente dos ares alarves e fátuos que traziam um desalento no cansaço de Renanthera em goles de uma tosse de um pequeno engasgo.

O som estralejante de uma fogueira centrada em pedras que delimitavam sua orgia, havia um som solitário de um *buzuk*[427] de um beduíno que ali acocorado se esquecia dos feitiços negados da fumaça à sina.

---

[426] Rio Ziz – no Marrocos, do árabe نهر زيز , transliterado nahr zīz, é um rio uadi, um leito de rio seco com água em períodos intermitentes.

[427] *Buzuk* – instrumento musical árabe, melódico, uma espécie de alaúde bojudo como pera, cujo nome turco significa ‘cabeça queimada ou arrancada’.

_ *Rena*, cansou muito? – Dizendo ao arrancar o tecido que cobria o cabelo, sentar com pernas em proximidade, naquele momento *illunis*[428] do que profetizaria qualquer alusão do depois.

_ Sim *Lis*. Sei lá estou meio dolorida, não esperava estar assim. Ainda bem que agora comeremos algo.

_ Ah eles servem uma sopa de semolina, com *beghrir*. Creio que é um crepe. Vai esfriar e já sentiu que mudou repentino, por favor se agasalhe. Eu vesti um negócio por baixo. – Sorriu com a luz que havia perfilado a griseta[429] da lamparina e que como uma borboleta invisível pousava como uma luz vitral amarela nas duas.

_ Ele é bem gentil, estou espantada. Que tal comermos, porque nossa, não leva a mal – tossiu duas vezes – talvez eu esteja gripada. Sei lá. Vou tomar um analgésico.

Saíram da tenda, enroladas com vestes vermelhas rubras que amadureciam como amoras escuras na noite, diante do fogo, sentaram, com seus *tamasst*[430] e cuias de cerâmica adornadas coloridas, em desenhos lindamente arabescados, que iam bebericando enquanto comiam uns nacos do crepe. Assim revigoradas entre um acalento de seus benfazejos entre si, admiravam as chamas que estralejavam madeiras de todas as vaidades vencidas e qualquer faísca de orgulhos ou mágoas, num calor que abraçava sem braços a pura e simples amizade como um pássaro encolhido num galho entre Renanthera e Pecteilis que contemplavam humildes suas compreensões meditativas de suas grandes saudades uma da outra.

Mas antes, achou de telefonar, inquirir sobre Renanthera, além de que contrafeito iria perder a participação em um evento esportivo.

Laconicamente a voz se recusava dar informações a não ser que atualmente esta pessoa não estava mais hospedada lá e que outras informações eram política não dar. De um rosno de sua dissenção, Titanum iniciou sua busca, num voo turbulento de seu dissabor amargo em larga demora. Rodando cercanias

[428] *Illunis* – Lat. – sem lua, sem o luar.

[429] griseta – peça metálica onde se enfia a torcida da lamparina.

[430] *tamasst* – é costume no Marrocos, as mulheres casadas serem dotadas de um pano preto ou vermelho na cabeça chamado tamasst pendurado abaixo do cabelo. [Tenue Berbère – Wiki]

num suor nervoso de sua inabilidade na tarefa de rastrear alguém, chicoteava os seus passos com soar desagradável num chão marmóreo elegante entre geométricas cores couro e um marrom rútilo.

No dourado do atender, entre um bigodear cínico o camarada em sua túnica de botões dourados e chapelete com um buquê de franjas enfeixado num cordonê de marasmo, deu-lhe pista para uma aldeia, ensolarada que ficava bem adiante de seu atraso. Foi-se hospedar numa espécie de tasca, um pardieiro qualquer para um grogue agônico.

Renanthera, subitamente trêmula, de frio a se supor, avisou que ia recolher-se, e foram ambas para a tenda tirando suas babuches de tecido e brocado no início, notando o aceno do amigo guia, imerso nas sombras de pessoas cada uma na sua caminhada em estranheza das faces alheias dissolúveis em areia.

No recanto de cada uma, a coberta parecia alentadora, e ajeitaram-se, mas o frio trincava e Renanthera desandou a suar e resfolegar, que motivou Pecteilis a pensar que ela estava com muito frio e ambas ficaram acalentando seu despreparo mas algo predizia um rumor que Pecteilis não adivinhava do Sol que estava para nascer naquele dia.

Acolhidas em si mesmas no apreço de suas vidas refulgidas nas estrelas cadentes do céu abrasivo do escuro, nos escudos de algum receio entre si, uma por medo outra por medo, mas um medo de estragar o caminho da amizade com qualquer que fosse seu deslize, sabia-se demais quanto desejaria algo que aquecesse seus corações desafortunados do passado, passado.

Na monta dos dromedários, antes que o sol descascasse suas vestes, caminho de Sijilmassa pela borda do deserto levaria muito tempo, os quatrocentos e tantos quilômetros seriam em alguns dias percorridos, com paradas e pernoites em um próximo lugar no meio do nada, na visão longínqua de uma formação como meseta, só que a formação montanhosa azulada ao longe ocultava sua proporção e cume gelado. Por vezes a ondulação mais mansa, os dromedários eram agitados a dar um trote corrido ao se dar um cangapé ou um estralo de vara com grito de uma língua tremulada.

Pecteilis, como se ouvisse as contas que deslizavam caindo num instrumento chacoalho contra trama de palha, e guizos feito brilhos, e um atabaque repicado entre soar daquele alaúde, olhava pareada com Adenium que planejava se cansativo demais, abreviar com um transporte de uma van, que poderia encontrar num segundo ponto de descanso. Mas nesse momento, Pecteilis plena de si no Sol acobertado de uma luz, bebia gotas de confiança, enquanto contava de sua família carinhosamente para Adenium e o que fazia no Brasil onde vivia.

Ele ouvia com afabilidade de uma vida que jamais pode vestir na noite gélida de solidão.

Após uma parada, limpar os talheres na areia, prato, e juntar às mochilas, trocando calçado que o calcanhar já estava com um vergão, fazer-se amarração no animal de carga, separar garrafa, óculos, viu o amuo de Renanthera, também haviam percorrido longa extensão de areia e por vezes um solo num tom prateado amarelento de argila calcária, supunha sopesando sua formação com olhos de águia, e dando vistas para amiga em um ar de reanimá-la.

_ Tudo bem? – Pecteilis estendeu mão com uma tâmara para Renanthera, alvitrando a ela montar, mas nesse momento Renanthera tossia, num acesso e acenou a mão que não queria.

_ Estou com dores nos tendões e pelo corpo, me sentindo um pouco mal. – Pegando o cantil estendido pela amiga, deu goles curtos e respirou a galgar o cume das costas do animal para esta etapa.

Nesse caminho, estavam já há um dia e alguma coisa no deserto entre paisagens exuberantes que em um toque da parelha de suas andanças, Pecteilis ia dizendo algo animador e observando, com um espírito reservado de uma preocupação com Renanthera que ia cada vez mais aumentando numa astenia que ia tomando-a nos braços.

A certo tempo desse curso da tarde, Renanthera na dianteira, pendeu para o lado, com olhar de atenção da amiga atrás, mais outro pender, e um fraquejar que ia se evidenciando como alguém que adormece em curso, mas Pecteilis, retardou o passo para acenar em assobio ao guia que bateu vara na perna e percorreu rapidamente até as pérolas do suor evaporado que caíra nas simbólicas conchas que adornavam abóbodas de mesquitas, que davam em relevos salientes sobre uma renda de formas recortadas como esqueletos de folhas e flores em baixo-relevo que evocavam a beleza da concha para um estranho gesto que era uma mão de carinho.

Quando Adenium chegou ao lado, notou que Renanthera estava quase desfalecendo, e apoiou fortemente o ombro para colocá-la perpendicular, falando com ela, na aproximação da amiga, que desandou a gelar de notar o tossir enfraquecido e olhar que revolvia. Adenium estacou o animal e apeou, ele agachou enquanto o de Pecteilis também. E ele pegou a garrafa de água de Renanthera e levou a sua boca, perguntando o que ela sentia.

_ Estou – tossiu e chiou – passando mal.

Adenium e Pecteilis se entreolharam assustados, Pecteilis tocou com leveza sua testa e pescoço e disse: “Febre”. A questão que a taquipnéia dela mal permitia que respirasse.

As pessoas interromperam a caravana, improvisaram uma tenda de descanso, enquanto ela ia cada vez mais respirando com dificuldade. Pecteilis ficou devastada na condição de local que estavam e o desespero de como ajudar, porque não parecia um simples resfriado, parecia alguma doença, uma dessas viroses pulmonares, já havia tido um lance assim, que parecia coqueluche há muitos anos. Mas as condições do lugar, do ar e a debilidade já impediam que ela ficasse no animal e alarmada de como poder-se-ia levar a um local de atendimento. Gelou com o eco da areia que abafou: “A responsabilidade é minha”.

_ Adenium, tem como contatar uma equipe de resgate?

_ Vou tentar o grupo que está no ponto de parada, pelo celular via satélite do responsável, aquele de túnica azul marinho. Mas teremos que percorrer até lá, é o ponto mais próximo, e pelo que estimo, são mais duas horas ou talvez três se tivermos atrasos. Seguiremos e acho que deve ir junto a ela, farei uma alça de pano que vai ter que segurar, e uma outra que junte as duas.

Nesse momento Renanthera tossia seguidamente sem força, sem secreção, sem entender como estava assim, e pediu em olhar murcho para Pecteilis: - “Ajude-me, quanto antes”.

Adenium ajudou atar Pecteilis e Renanthera com um pano que passava pelo peito e axilas dela, e firmou como pode, alertando para que uma mão segurasse firme e que nosso grupo iria com ajuda de mais um homem se adiantar no ritmo. Águas aos dromedários e todos, o animal com suas grandes pernas em seu pelame em movimento de ancas e frente, se pôs em pé e em três animais, com nossas mochilas engatadas guiada pelo ajudante, nos desviou do grupo para usar um traçado mais plano, saindo antes da borda do deserto. Assim o trote se daria noutra cadência.

Pecteilis em meia hora se extenuou e desesperou-se com o desmaiar da amiga, que pendia, além do que tinha que ir dando água a ela, parecia que ia escorregar e volta e meia tinha que parar e pender contrário para corrigir a posição, e assim as forças se transformaram em dores musculares e pavor.

Após tensas horas no sol que dobrava o enovelar de nuvens que não existiam, perfurar com um calor intenso, o ângulo decantou como num rio morto de vapores do caminho, que pouco a pouco dava uma estranha aparência de um elevado com tamareiras que margeavam o oásis que aproximávamos muito devagar, mas enchia o coração.

Num trote resfolegado, com a respiração peneirada de areia Renanthera abria fendas dos olhos exauridos e Pecteilis suava suas lágrimas de medo.

Adenium se dirigiu a trocar em dialeto darija[431] com um homem de longa barba em tez pardavasca, que falaram por tempo que agoniavam a noite.

_ Pecteilis !– Adenium disse em tom de mortalha – o resgate vai chegar antes em Sijilmassa porque estava em outra região, é um carro preparado para socorro e temos que seguir até lá, que vai para Taourirt , seguiremos daqui até lá de carro na noite, são duzentos quilômetros e não vai ser fácil, o resgate deve chegar amanhã, serão mais umas seis horas. Mas lá existe um Narthecium[432] que é um ancião que fica nas ruinas do antigos Hamam. Vamos já, só o tempo de tomar água. Suas coisas já estão indo pro carro e vamos carregar a Renanthera e orar para dar certo.

Enquanto Pecteilis se dirigia à amiga, Adenium ajoelhado reverenciava suas orações islâmicas da tarde.

_ Renanthera, vamos conseguir transladar amanhã cedo, mas ainda seguiremos para Sijilmassa agora, precisa se poupar, não fale, beba água e esse analgésico. Vamos levar um tempo até lá.

Renanthera, piscou com assente enquanto Adenium enlaçava por um de seus braços junto com Pecteilis, soerguendo sua situação repentina precária, com andar que foi escavando o chão até o carro, nos braços dos amigos que a deitaram no banco.

Nas lindas conchas Al Andaluz as pérolas da vida ainda estariam seladas entre suas mãos, mas até quando?

|25 AGOSTO 2019. 15:20 |4E

No carro acomodadas entre as almofadas de uma digressão dos planos, Pecteilis dava na boca entornados da água, que ela que respirara uma das piores asmas, Pecteilis temia, a doença e o tempo.

O carro se pôs em rali, correndo o bastante para se apavorar, entre as nuvens da noite que resfriavam as possibilidades, durante as horas seguintes, seria crucial manter a Renanthera hidratada e alimentada, portanto estar acordada era essencial.

---

[431] Darija – dariŷa – dialeto árabe marroquino, árabe dialetal, com diferenciações dos demais dialetos árabes, considerado originado do árabe magrebino.

[432] Narthecium – Lat. – caixa de medicamentos, recipiente de perfumes. – No sentido de medicamentos de um curandeiro das ruínas.

_ Rena, olha estamos a caminho, o assistente do Adenium vai nos levar rápido, e lá há aqueles poços de irrigação com túneis submersos que usavam água do oásis para irrigação, os Khettaras que remonta do tempo Almorávida, no tempo de esplendor de Sijilmassa do século sete a catorze. – Renanthera queria ficar atenta mas estava realmente combalida e Pecteilis atinente ao estado, enveredou em falas de tranquilização. – Fique calma e poupe energia, assim que chegar o transporte tomamos rumo, estamos avaliando outras alternativas para encurtar o tempo.

Adenium falava darija pelo telefone, em tom severo e preocupado, e ouvia, até que encerrou, virou-se para informar.

_ Pecteilis, falei com o nosso socorro e ele irá levá-la para Midelt para primeiros cuidados. São três horas e está a caminho. As orientações são para hidratar e o que já fizemos. Não falar.

_ Inda bem! – Murmurou Renanthera. – Pecteilis mais uma vez a tranquilizou.

_ Calma que vai ficar bem. Não fale, por favor.

Ondas do ar noturno pareceriam até redemoinhos de combustão espontânea, num voo para algum nicho em meio a um longínquo rochedo para o pardal-francês[433] perdido entre a vastidão das distâncias que tanto promoveu a solidão dos laços que foram aquele ninho esquecido num lugar remoto do mundo que algum tempo receberia de volta para um verão, um lugar com as águas que choradas da estação davam vozes às folhas, arbustos como urze, e folhas cadentes de palmas longe, quase silhuetas de bandeiras demarcando a bendição do oásis.

Titanum ao chegar na aldeia, parecia cidade fantasma, algumas poucas casas, e numa tasca perguntou sobre a vinda de estrangeira, sua mulher, mas logo foi percebendo que ali nada havia de vestígio. Tocou de volta para o hotel que ela estivera. Chegando lá espinhento de uma raiva crescente, decidiu hospedar e assim falar mais com os atendentes. O camarada que estava atendendo lhe perguntou para ficha: Nome?

_Titanum! Amorphophallus Titanum.

O atendente de dente dourado, rosnou uma baforada de risada incontida ao ouvir, como uma tosse vasta que tremula os vasos de decoração e trinca luminárias arabescadas de madeira laminada. Como uma lâmpada que cai no chão,

---

[433] Pardal-francês – Petronia Petronia, pássaro malhado em tons castanhos escuro e claro, que faz ninho na cavidade de árvores, construções ou escarpas.

aquele rosno sarcástico atingiu como uma golfada o peito estufado de Titanum. E calou-se súbito.

_ O que que é? Está rindo do meu nome?

_ Não! Por favor de forma alguma, senhor! É que pareceu o James Bond se apresentando. Desculpa-me. – Com uma fenda entortada da boca feito um fio desalinhado de bigode, a mofa ainda purgava de seus dentes de nicotina bigodeando a galhofa. – Aqui está cartão chave do quarto. Boa estada!

_ Pfffffff! – Titanum quase num gesto de furto, arrebanha o cartão e vira as costas, dá-se com um degrau inesperado e titubeia a pisada, cambaleia pragas que roga, na contração da unha dolorida.

Titanum voltou-se, e perguntou: "Para onde ela foi, você sabe não sabe?"

_ Segundo o motorista, um senhor que nos atende hóspedes, disse que ela seguiu viagem com amiga para Motril e dispensou seu serviço.

Assim Titanum reencontrou o rastro, atrasando um dia.

Uma ventania se formou inquietante, o carro em foco de farol estacionou no meio do nada em Sijilmassa, nas proximidades do que restava de um local de banho hammam, um complexo construído com diversos vestíbulos de teto curvo de adobe num tom mais forte que tendia ao urucum e com tijolos perfilados em arcos semi-circulares de tons de tijolos alternados entre terracota e tijolo refratário. Notava-se não uma argamassa esbranquiçada, era argila que consumida pelo tempo tornava os adobes protuberantes em farpas erodidas. Pecteilis entrou assombrada, com Adenium e o seu amigo carregando Renanthera que resfolegava e seu rosto parecia cerâmica enlameada de um oleoso sofrimento. Ali a fogueira que acenderam era por vezes cortada do vento encortinado de areia, mas estralejava e retomava o clamor da queima, cobrindo de laranja os rostos cansados da tensão. Renanthera deitada sobre um saco de dormir, foi deixada para Adenium embeber de água o lábio enquanto Pecteilis fora designada a percorrer das ruas e descampado a encontrar o Narthecium para ajudar. Pecteilis se lamentava de não ter percebido melhor os sinais de saúde da amiga enquanto estavam em Fez, lamentava-se e temia, enquanto rapidamente andava em busca de luz de fogo, na noite entre o vento arenítico, e a revoada sinistra das areias que pareciam flores secas, as rosas secas em botão, aqueles cestos com o amontoado de suas embalsamadas belezas e o perfume guardado de sua promessa.

Pecteilis e Renanthera ardiam em meio a suas catarses, suas expiações do tempo perdido, que a cada minuto tinha de ser perseguido nessa *dampnas*[434] .



[ILLUSTRATIO 14]

[434] *dampnas* – Lat. – Maldição.

Se deparou com uma mulher que, vendo-a naquele vento, desandou a falar palavras que desconhecia, sem retirar véu do cabelo, repetiu o nome do curandeiro, gesticulando socorro. A mulher guiou-a a um lugar soturno entrecortado donde se viam nem tão longe as Khettaras, franzidas de fendas de erosão, como borbulhas secas de terra, à noite ecoavam uma voz espiritual da secura da alma humana. A mulher reverenciou o curandeiro, que trouxe consigo uma espécie de trouxa com sabe-se-lá-o-quê.

Examinando Renanthera desacordada, murmurou o dialeto ao guia, que nos disse que o hálito da vida estava tomado de demônio, o queria dizer é que ela estava com algo similar com pneumonia, e ele tirou um saco de couro, que continha uma massa negra, dela pegou um punhado e colocou numa cumbuca e pôs um líquido que fervera num bule na beira do fogo, com folhas secas de menta que pilou num almofariz miúdo, e a infusão recendia um olor estranho dos vapores rugidos da astenia da amizade.

O teto tijolado tinha fendas que entravam areias mais brandamente e Renanthera foi acordada para tomar a infusão, que à priori gesticulou recusa, mas Pecteilis argumentou que ajuda ancestral iria ajudar no mal estar respiratório até o hospital, e que logo estaria em atendimento médico.

Assim, os demais compartilharam o chá de menta, enquanto Renanthera acalmava a tosse com o chá quente.

Adenium deu uma alvíssara ao velhote, encurvado como cajado, como que sua ajuda já fosse boas novas, que alegre, se regalou com olhar e proferiu em cantiga uma prece ou predizer. Adenium ouviu para si e acenou com a cabeça e mão que toca coração, boca e testa ao se despedir. Com ar profundo olhando o céu que abria cortinas de um primeiro lumiar, guardava para si os segredos da vida, mas havia nele um menear de cabeça de quem reverencia o cumprimento de um ato bom.

Pecteilis, adormeceu anestesiada por instantes, com o pedido rouco de Renanthera que assim que no hospital, desse todas notícias a Oncilium sua filha. Pecteilis se perguntou se Datura estaria preocupado com ela, se teria pressentido esse agouro no último assopro do vento.

Pecteilis abriu olhos para perceber a claridade suave, e agachou sentando mais perto da dileta amiga, olhando com preocupação seu rosto cintilando o foco de luz derramado, buscando forças em todo seu ânima para que a fé e atitude fizessem reverto daquela condição, num olhar angular para o alto, altar do universo que reverenciava com deferência. Volveu para a amiga e esticou sua mão e segurou a mão dela, dizendo versos:

"- Ah meu anjo rubro! de asas corundum ; e olhos como seixo de jaspe vermelha; e raízes negras de carbonizado pensamento; de emoção astenosfera até o tempo infinito; procurarei e encontrarei seu ígneo núcleo; _amanhecer sangra amor; por nós sentido[435]".

Um homem glabro com turbante azul entrou, com sua *djellaba*[436] branca e junto ao Adenium examinou rapidamente e trocaram meia dúzia de palavras.

Adenium volveu a elas e já foi removendo bagagens fechadas, despedindo de seu assessor, disse que todos iam na van de socorro, que era um carro para rodar nas áreas do deserto, estradas do Atlas, enquanto que já era colocado um soro retirado de uma maleta abarrotada de medicamentos revirados e apetrechos paramédicos.

Antes do Sol nascer, arrancou com carro e galgou estradas rudes na velocidade da emergência, rumando a Midelt, num alento combalido soterrado de areias e as micropartículas dos orgulhos e ferimentos, de cristais e sílicas em luz refletiva do elo afetivo que sobrevivia a um vírus potente, que galgava secreções da *inospitez* de suas oportunidades.

Acendiam-se as ravinas adentrando *Khettaras* que o pó comia a face da imagem desintegrada, muralhas com furos, fendas de iluminação do *hammam* deixando para trás o itinerário da mesquita almorávida com estandarte de orbes dourados, suas estruturas curvas em forma de ferraduras, rendilhado de flores e folhas ornamentado com a concha Al Andaluz, desenhos geométricos de estrelas nas edificações do torreão de cúpula redonda, formas quadradas, geometrias que arabescavam símbolos naturais. A imagem das janelas em ferradura de dois arcos em intersecção apagava na exaustão do olho de Pecteilis numa sensação de ter perdido a última chance de poder cumprir o pacto.

O vento rasgara o céu com filamentos de luz, como flores fios de ouro vermelho, e o Sol despontou lembrando a carruagem de fogo de contemplação arrebatada, que em seu olhar concentravam as lágrimas que não poderia chorar.

---

[435] Versos de Germinações do Tempo Meridiano a Meridiano– IV - Corundum Rubi – do livro 20 Inaurem– da própria autora.

[436] *djellaba* – veste comprida e de mangas largas, com capuz do vestuário marroquino, tanto masculino como feminino.

γ ILLABENDI[437]

|28 AAOSTO 2019 15:50 | 4G

Olhando para seus óculos com uma trinca que raiava da haste, o terror percorria a mesma sinuosidade de esperanças supervenientes nas ondulações em fovismo de um intrincado salvamento, enquanto Pecteilis ia sentindo o peso da distância derrear qualquer esperança, um gelo comia as suas entranhas, enquanto segurava pertences de Renanthera, sentindo-se uma bravia arranhada por preênsil garra.

Zumbiam flautas das falas *darijas* entre os solavancos do veículo contra as grades do espelho derretido do Sol, entre lágrimas vitrificadas de Adenium, entre seus dedos algo que transpassa, escoa, que em fina debulha, que em fino pilar decaído, um êxodo escoando o uádi quase seco, numa cáfila de sal desmoronado, o itinerário que tomava uma vida própria em destino de suas vidas.

As luzes que ressuavam os medos no avanço do carro velozmente, aquele carbonizado plano o cercava de uma luz, numa oportunidade voraz, sendo dizimada por um veneno de serpente de tempo. Adenium tomava ações centrado em seu pêndulo, nos ferimentos do adernar, para que em si e em seu deus se redimisse, com rosto de escavadas faces não demolidas de Assuã, confiava forças dos dedos nas contas de uma fé chamando para si responsabilidade de atravessar os sabres que derretiam o céu numa torrente que caía nas cabeças.

Renanthera havia aberto o olho, o olho em si, em sua vida, na espreita da pequena brecha que entala uma vida numa ravina. Olhando para dentro de si, amenizada em antipiréticos com uma sobriedade vaga em letargo, mas que via os corpos dançarinos de sua vida amordaçada em lutas metálicas que ressoavam nada e nos véus evaporando-se dos vinhos mais perfumados libertino e libertário, ambos davam uma sensação prazerosa ao enrodillhá-la nas peliças de suas ânsias e carinhos que sentia, apesar que tomada de uma contagem de latitudes para uma esperança-miragem que a olhava nos olhos, e saía da vista com um cisco de areia.

_ *Lis*! Diga-me para minha curiosidade. Aonde iríamos depois?

_ Ah por favor, não é o Sol nem a areia, talvez eu pensasse num serpentear margeado, eu pensava num olhar em senso de movimento, mas não aéreo, que fosse um gradiente de conversas de tonalidades que não percebemos nos

---

437 *Illabor, illaberis, illapsus* – deslizar, mover-se maciamente. – Forma gerúndio genitivo – illabendi.

fractais da arquitetura marroquina. Algo sólido e talvez esquecido. – Assim objetava, divagando os braços que galgassem a corda na despenca do penhasco.

_ Lis, minha filha – tossia e arfava – minha filha...

_ Eu sei, prometo que falarei com ela, tenha calma que vai passar tudo isso. Busque sua força. Fique.

Renanthera no desgaste do sumidouro que derrama para si as areias do tempo, sentia perder condição e o torpor ia trazendo a ela os delírios de sonhos proibidos, de lembranças que jogara na corredeira dos rios natais, do sol e perfumes de mirra que ungiam seu olhar de um desejo de dizer, tantas coisas que jamais se permitira de viver, sobretudo de viver algo que jamais quisera revelar a ninguém. Se permitiu à dança das cores exóticas ainda no denodo do revérbero das luzes que caiam naquela *hammam* de Sijilmassa, contrapondo o vestígio das chamas que deixavam, como se ali pudessem permanecer aquecida no corpo ao corpo, junto a um amor anímico, que como a fumaça, vasava pelas fendas do passado. Como um açoite de moral, o resfolegar rudemente raspava aquela roupagem da vida de gorgorão, cujas luzes fendiam a trama do tecido com o ardor do corpo que ouvida o trote de tropeio de berberes lançando as ondas de suas crinas mescladas à irradiação desértica. O tropel de tremuras.

Titanum raspava vozeirão e olhar severo à equipe de turismo de caravanas, seu inquirir reunia curiosos nada simpáticos, mas fumavam as baforadas da posse masculina, no tempo que havia partido em nuvens desfavoráveis. Titanum queimava sola do seu precioso manco pé, ressuado de indignação e contenda, gastando músculos a urgir contratar de um guia ao destino Fez.

Datura olhava com olhos inertes para a montanha, preso nos caules da agonia, uma agonia que veste lentamente de ressequidão. Verdejando os ares secos em lembranças perdidas de tempos prósperos, nos vãos das coisas que não houvera feito, nos espinhos das rudes situações que ditaram os rumos, nos sumos de algum néctar perfumado da boca que o desejara, e o vidro empalidecia, num frio vento do perdido.

O intrincado de rochas se iam enrijecendo contra o caminho vermelho persa, como estampas de tapetes que não voam, que por vezes dava intromissão de uma vegetação rasteira rara, como deserto de sal, como um Éden esquisito das almas do fogo consumido, ao longe dava-se uma cicatriz como ‘o primeiro’,

como um gesto invisível que içasse suas vidas, e a vista embaçava com a ilusão do casario apunhalada por uma mesquita amarela, reluzindo a fé de Adenium e apressando o momento crítico.

No hospital, rodearam dois socorristas apressados, levando Renanthera inconsciente, com Pecteilis atada em sua vida, contida numa espera.

Adenium como um lacaio principesco, perscrutava incisivamente, enquanto Pecteilis desidratava num banco ligando o celular numa tomada, esperando desesperadamente o sinal, com um número escrito duas vezes no antebraço. Não conseguia conexão e Adenium foi verificar acesso de rede ao seu celular.

Quando a saliva acabou, apareceu um médico, de olhar assustado.

_ Vocês estão com a mulher que deu entrada na emergência – pegou uma ficha de papel – Renanthêrra.

_ Renanthera – corrigiu Pecteilis – Sim.

Desandou a explicar algo para Adenium e os mandou segui-lo.

_ Suspeita de síndrome respiratória por vírus, e temos que ser examinados. Controle de doenças será avisado.

Indo ao encalço, se aproximaram da enfermaria, que preparavam para remover para um local isolado deslizando uma maca. Após uma fala longa para Adenium ele explica a Pecteilis e sai para guardar os pertences deles e chamar um guia da empresa para vir dar apoio.

_ Pecteilis, o caso é sério, é uma pneumonia atípica por Coronavírus. São feitos cuidados, como talvez respiração mecânica, que é a providência agora; vão ministrar antibiótico e antiviral como suporte, mas depende de ela ser forte e suportar. Essa virose eclode nuns dois dias e dura dez dias em média. Transmitido por secreção. Temos que ficar em observação. Ainda bem que ela tomou soro e espero que o curandeiro tenha ajudado.

Com olhos murchos em um pesadelo de que se quer acordar, o brilho da queima em seu olhar a lembra da filha.

_ Tenho que contatar a filha dela, logo. Tem jeito?

Adenium olhou o celular que estava agora plugado na tomada e esticou para ela.

Pecteilis digita: Olá Oncilium, aqui é Pecteilis. Estou num celular emprestado, mas que pode servir de contato por agora. Neste momento estamos reunindo as luzes do Sol do criador nas areias por sua mãe, no tonante das nuvens da

vida. Estou aqui com sua mãe no hospital de Midelt, pois ela adoeceu repentinamente na viagem, e o translado viável foi para cá. Está com problemas respiratórios severos, em cuidados especiais. Pediu-me que contatasse a você. Estamos fazendo exames e meu contato está compartilhado a seguir. Aqui falam dialeto, pode tentar francês ou espanhol, por favor este telefone que usei é do nosso guia Adenium, mantenha contato com a gente. Qualquer novidade avisarei. Carinhosamente! Rezo para que logo tudo se resolva. Vou me certificar do diagnóstico para dar mais detalhes. Até. Pecteilis Radiata.

Enviou.

O médico colocou Pecteilis no quarto com Renanthera a isolar ambas provisoriamente, e Pecteilis se aproximou lacrimalmente da sua amiga, que estava sedada e respirando por aparelho, e sem se conter umectou sua boca com algodão umedecido, mas logo a levaram para a radiologia.

| 29 AGOSTO 2019 22:17 | 4 H

Só que na verdade foi somente uma holografia que tremulou em sua exaustão, não podia se aproximar, nem suportar o peso que esta viagem deixaria para ambas.

Titanum estava em carro saindo de Fez para o acampamento, pois homens ajudam homens, indicaram um rastro apagado, fervendo por uma hora nas areias que empapavam sua barba e olhar mortífero. Um revirar de boca decaía cada vez mais. Seu guia foi contatado por mensagem dando conta que uma turista teve que ser resgatada e três haviam deixado a caravana. À medida que ia comentando o caso, Titanum começou a achar que se tratava de Renanthera. Até a confirmação da identidade e destino. O que o levou direto para o destino do destino aonde estavam indo. Na mente já pensava em dizer um monte de impropérios prometendo a si mesmo fechar a cara por bastante tempo numa ilusão de que resgataria e resolveria no grito. Só que antes, interposição duma noite gelada o reteve no acampamento.

Adenium lentamente pousou a mão no ombro, com apenas três dedos, e Pecteilis despertou para o receio asmático. Ele sorriu timidamente franzindo os olhos em ternura, como uma boa nova. Ela se ajeitou em perpendicular ansiedade.

_ O médico confirmou agora à noite a SARS, por bem o monitoramento da saturação de oxigênio dá sinais de melhora, estarão retirando antipiréticos para avaliar se há febre e pela manhã retirarão o aparelho. Não é ótimo?

Ela assentiu calada, com o nervosismo estampado no rosto, mas cônscia do estado e de sua exaustão.

O celular acendeu num vibrar a saber, Oncilium estava no ecrã. Ela virou para o canto e atendeu.

_ Alô. – Em tom desmaiado.

_ Pecteilis? Oncilium! Como está minha mãe? – dentro de um ecoar contido num frasco de receio misto com desagrado.

_ Oncilium, ela está com a síndrome respiratória por Coronavírus, agora há pouco médico nos disse que o oxímetro auferiu melhoras e pretendem retirar o respirador no amanhecer púrpura das próximas areias.

_ Ai meu Deus! Qual a gravidade? Preciso ir para aí?

_ Está sendo bem cuidada! Há preocupação, é sério, todavia está reagindo. Não contraímos, no entanto, temos que aguardar quarenta e oito horas. Eu prometo cuidar de tudo. Tenhamos fé. Se correr bem e ficar sem febre, aí ela pode seguir o destino ou itinerário.

_ Veja dela voltar, por favor! Titanum apareceu aí?

_ Não. – Algo revirou seu estômago assim como temeu ter ressoado como lata. - Oncilium, ela vai se restabelecer e informarei a qualquer tempo. Cuidarei dela em tudo que eu puder. Fique tranquila.

Aquelas horas em consternação ficamos como pesquisadores de melissografia, observando os fremidos das asas das abelhas numa colmeínha no canto do batente, enquanto o tempo se arrastava cambaleante nas areias dos despenhadeiros da vida.

|30 AGOSTO 2019 | 4I

Titanum tremia de frio sobre os tapetes dos voos de sua viagem mal calculada, rangendo dentes.

Datura sentindo-se só no escuro da casa, entre vidraças do passado que olhava quão embolotadas de lágrimas secas da terra e percebia quanto desleixado com ela e que tudo levou a esse emudecimento da presença. Atinava que nem ia

notar, mas havia espaço demais ao silêncio e sem jeito, com óculos que pende sem uma de suas pernas digita uma mensagem que esquecera por décadas, hesitante por um fio e envia como sonambulismo de seu afeto.

Pecteilis, recebe o coração olhando triste e focada naquela angústia de tudo que exinania e do tempo que inexiste para que elas possam conversar longamente, e sonha o devaneio do trem deslizando os trilhos nas rochas de uma planície de trigo. Mas sente-se com firmeza e ao passo que a saudade em um abraço para todos os medos a acaricia.

Ressoam passadas fortes, ela se vira e seu óculos voa longe no vulnerar de uma bofetada na face esquerda no ato de cavilação do homem. Cai contra o banco num gemido cuspido sem controle. Dois seguranças lançam-se em cima, acotovelam e torcem o braço do homem que esbraveja coisas ininteligíveis e o arrastam para o átrio.

Adenium se aproxima para Pecteilis, enquanto ressoam ofensas trincadas de vidro que adentram até ela, atordoada. Adenium corre lá para falar com o homem. Titanum. Já com um policial que se apresenta, proferindo seus desacatos, ignoto do idioma é levado nos braços dos turbantes azuis imperturbáveis, deprecando em vão; Adenium percebe perplexo preferindo deixar a tempestade rugir fora do seu turbante e deixar a cáfila delas seguir o destino.

Uma enfermeira olha esbugalhado identificando Pecteilis a resgatá-la.

Murmúrios inteligíveis do finalmente Renanthera sem aparelho guapa, adormecida com a respiração cadenciada no ressoo dos passos insolúveis entre si, Pecteilis, segura a mão dela e permanece no ecúmeno de suas salvas.

Adenium murmura em voz baixa, que o voo foi remarcado para dali três dias, escala em Madri, das tantas horas de repouso até a terceira parte do itinerário a deslizá-las ao lugar x. Dá um passo com braços de verga e abraça Pecteilis ternamente, dizendo em voz embargada.

_ Era preponderante que eu fizesse um feito de importância na vida de alguém, augurava a caravana de vocês, a vida que se salva, tem que salvar! É importante! – frisa com devoção religiosa _ Senão fracassarei mais uma vez. – Olha distante um flagelo de alma.

_ Você não é responsável. – Redarguiu Pecteilis.

_ É por mim mesmo. Sou uma sombra da noite em eternidade.

_ Não diga isso. Mostrou ser um bom amigo, esse trancelim não será desfiado para obter o ouro. Trocaremos nossas vozes, através dos mares na mente se assim for necessário. O que quer redimir?

_ Meu filho foi comigo para as montanhas, estávamos numa época desfavorável, e nas curvas da nevasca, sofri um acidente num desfiladeiro. Eu vivi, ele não. – Chorando chiado entre os dentes e salivas que se acumulavam como as neves de seu infortúnio nos lábios da madrugada.

_ Não foi culpa sua. Aqui, eu tenho responsabilidade. Eu que trouxe ela para o *itinĕris*. – Retumbou. Estendeu sua mão ao ombro direito em afago para um elo que soerguesse.

Adenium segurou a mão e disse: _Apesar dos costumes aqui, sou bastante tolerante, sei que ama sua amiga, vou ajudar a levar para a planície da jornada. Novo 'dia' da viagem. Ela vai acordar amanhã, estará bem. Ela sorveu o espírito de Narthecium e vai ter o voo do falcão. Não se preocupe. Ele ficou retido nas asas de vidro. O deslizar margeando rio, terão finalmente a vau da travessia, seus exílios de si mesmas findarão após águas turbulentas. – Vaticinou.

_ Quer vir conosco?

Seus olhos negros no rosto redondo brilharam. Meneou a cabeça e enxugou o rosto com a manga de sua túnica.

| 01 SETEMBRO 2019 17:17. | 4K

Adenium deixa as mãos do silêncio benzendo as mãos das amigas que se repousavam tocadas, nos olhos fechados do calabouço de uma delas que sempre pesou os ferros de suas ataduras morais rígidas, do peso de suas nevroses de uma desmoralização social, que o calor brando da amizade perfazia os tendões do braço, numa espécie de retribuição.

Após as sombras levitarem-se Renanthera recobra o olhar atônito e se acalenta de Pecteilis estar com ela, e balbucia seu curto apelido.

Pecteilis se alegra, com os olhos cheios da apreensão, suspira como aleitamento da vida, e se aproxima com carinho em olheiras dizendo:

_ Que susto amiga! Teve virose por Coronavírus, que é algo perigoso, mas como alvíssaras médicas está melhorando! Tranquiliza. Falei com Oncilium e se estiver em condições mande um 'oi' para ela, seu telefone está aqui. Carreguei. Que bom seus olhos de volta!

Estendeu lentamente a mão e ajeitou as mechas de cabelo e com a extremidade do dedo indicador circundou meio perímetro direito entre os traços da têmpora até o queixo, do qual afastou delicadamente em silêncio e inativa reação, aos olhos que seguiram a trajetória.

_ Ainda sinto cansaço! Como isso foi acontecer...

Pecteilis explanava a persuasão do médico para a liberação aos trechos que seriam em repouso, o voo e o deslizar, imerso nas suas estranhas condições de amizade. Como uma tábua escrita em caracteres de escrita *abjad* nos éteres da escrita fenícia, o itinerário em abluir de suas expiações, como escape de um mau agouro, os olhos enevoados de Renanthera criam que uma experiência de bem-aventurança lhe seria superveniente como as dunas e os adobes da edificação da relação de irradiação de luz prestes ao dia.

Renanthera, Adenium e Pecteilis escrevem, nos silêncios ávidos do avir. Numa esperança sobrevivida em escorreito. Certos mistérios cujos estigmas guardavam um grão de areia que está para decantar num confluir de sentimentos contrários arrebanhados nessa digressão. O dia abre o leque, num cansaço que pesa pálpebra de Pecteilis sobre sua escrita das linhas da mão, causando uma projeção torpe de sonho indecifrável, o qual havia uma carta em sua mão, havia olhar de ódio de sua amiga e o ir embora, não havia presença de seu Datura, como se ele a deixasse na correnteza do rio, e sua amiga a rejeitasse. A mão soltou-se do pulso de sua amiga e ela foi acordada pelo dedo indicador dela que esticados lentamente atingiam uma mecha de cabelos derrubada pela sua testa vincada de preocupação.

_ Lis! Chegou uma refeição. Pode ajudar?

Atordoada em olhos delineados de interrogação, trêmula de presságio leva a acomodar uma bandeja, tilintando todos receios estranhos que se adensavam entre seus olhares. Como uma fraqueza mútua.

_ Oncilium ficou tranquilizada. Estou preocupada de seguir adoecida. Talvez devesse fazer meia-volta... – reticente olhava para os olhos esbugalhados de Pecteilis, e notando quanto ela se abatera nessa corrida para o translado.

A noite adormeceu com a carta furtiva que Adenium infiltrava na mala de Pecteilis, pegando dela informações que constavam em documentos de viagem dentro de uma pasta plástica, e deixava um mapa do local, desses que se acha em panfletos de viagem, com um endereço e fone de agente local. Sorriu de sua insolência, premindo seus lábios que arredondavam suas redondas bochechas.

Tardiamente, teve que ligeiramente acordar Pecteilis, para avisar que conseguira alta e elas poderiam pegar o voo marcado. Deixou sacola com medicamento e receita, e avisando que muito cedo estaria com um carro para prosseguir translado em direção à Taourirt e Melilha.

_ Pecteilis, reflita luz nas palavras. – Fez o gesto de levar dedos ao peito, boca e testa, fechando olhos brilhantes na penumbra de seus destinos, virou-se e deu o primeiro passo sentindo leve a caminho do paraíso celeste dos dias que se seguissem.

|02 SETEMBRO 2019. 12:29 |SEGUNDA-FEIRA. NUBLADO À CHUVOSO.

Os olhos sorveram as palavras em resposta que transpunham tensão do ocorrido, ele reflorescia sua falta de alcance, mas sempre com uma frase que se abstinha da posse espinhenta tal cactos preferindo mais o líquido objetivo da sua sobrevivência, sempre mandava um alento de um cajado de equilíbrio para no fim das contas de todos os anos juntos, sua querida Pecteilis.

Não há que se ignorar distâncias e proximidades, com ar preocupado médico, elas se acomodaram num carro com Adenium num último trajeto das translações para uma conjunção, seria?

Trajando uma nova *kaftan* [438]uma cor bizâncio e Renanthera orquídea, saboreando *briouats*[439] que Renanthera saboreava exultando algo diferente de sopa de tomate, ainda na palidez de um aconchego com resíduos de dúvidas maculadas em seu braço. O carro partiu com Pecteilis quase derramando chá em sua lapela, guardando uma garrafa térmica em um nicho de sua persistência no espremido Sol esbranquiçado do caminho.

As ferozes chamas invisíveis flutuavam calor que intumescia bolsa dos olhos, estrondeantes pedriscos nos pneus nas vascas que pressionavam o peito num olhar desejoso dos horizontes nevados, das cores ocres, dos arbustos que sumiam em rajados vultos na velocidade como cavalos berberes infrenes num alado fugaz do olhar mais periférico, numa trilha sem fim que abria uma nova possibilidade para uma mulher recomposta em si e outra combalida em si no precípuo de uma necessidade básica a ambas naquela circunstância, cuidar e agradecer.

[438] *Kaftan* – túnica comumente usada no Marrocos, com capuz e manga larga.
[439] *briouat* – massa em formato triangular recheada com diversas coisas a escolher, cobertas e geralmente de sabor adocicado, marroquino.

Uma visão dourada do terreno entremeado com rochas, algumas tamareiras longínquas, fez-se longo silenciar enquanto as visões de mel sobre pistache reuniam toda bagagem num cântico recordado do caraxué ou um joão-de-barro com os ares mais palmeirais da terra natal, saudando prazer de um lar acolhedor que naquele estranhar de suas pessoas abria um sorvedouro na areia. Quem estaria mais afeita ou mais decepcionada? A distância dos efeitos de miragem dava dimensão de seus abismos no tempo que rasgaram almas.

Os tecidos *tamasst* vermelhos tomaram suas mãos, como um sangue que vai ao rosto, nos vidros de vento bandeirolam entre os indicadores e médios, de cada uma das amigas, ondeando um líquido inflamado nos ares areníticos, num assopro que lambia os brilhos dos olhos, em um mister da combustão das transpirações sentidas dos tantos anos, para um éter novo de uma essência completa de si em si.

O amigo sarraceno a cada distância ia percebendo o final de sua aventura, com um cantarolar batucado em *derbaks* entre os tímpanos de seu coração, querendo saber o que seria, cada passo, imaginando entediado o desfilar de pessoas que passariam nas tendas do fogo, mas que não teriam aquele olhar, e sentiu falta, nas lágrimas que nunca choraria enquanto ia encanecendo.

Uma conversão na quietude de suas vidas que eram *encaustos*[440] de tinta púrpura, os tecidos esbravejavam os ares cortados na lâmina de suas faces do coração pintalgadas de vascas que dali verteram mas que como resina ainda aglutinavam interiorizadas como olhar brilhante fulgurante de uma nova virtude.

Os tecidos foram soltos como echarpes de seda que sobrenadam o ar dos calores e ficaram flutuando como olhos de *Estrilda*[441] na intrepidez das chamas que cortam o céu como um sonho.

No voo que levita, havia em Renanthera uma indagação, voz de filha que chama, havia uma esquina a virar em Madri, teria que usar sua habitual frieza em relação a amiga, mas o que haveria no caminho, Pecteilis não anotou nada no site, ela viria a saber na escala para Cairo. Não saber lhe dava comichão como o fervilhar de içás no primeiro dia de verão, só que o deserto era algo que a fazia tremer. Cada virar dos minutos ia se fortalecendo, num senso que deveria agradecer algo que desconhecia nos atos da amiga.

---

[440] *encaustum* – i – Lat. Pintura encáustica com cera em cores a fogo. Tinta púrpura (Reservada aos imperadores). Acusativo plural.

[441] *Estrilda astrild* - bico-de-lacre – passarinho oriundo da África que tem olhos e bico vermelho fogo.

Oncilium abraça a filha com olhar zanago para o nada, a ver suas próprias manchas da umectação da córnea passeando no campo visual do receio por sua mãe.

Durante escala, Renanthera se afasta a ir buscar um voo a São Paulo, na maquiagem de pretextos, após andar por longos tempo nos corredores gigantescos, a cada passo mais o coração aperta, segue de olho contraído.

Pecteilis se empoleira prestes a bater asas de pétalas feridas em recortes queimados, murmura a si – "uma vez mais" – robusta em sua liberdade, começa a andar os passos que reverberam ácidos e agitadiços, não em mais um simulacro, nem um eco, são os passos simultâneos correndo em seu encalço, num esbaforir de inflexão. "Vamos!!"

Como se um olho de Hórus espreitasse, os céus foram planados mais uma vez, um tecido profundo serendibite aveludado na noite na qual a asa se enterra, após as turbulências leves, um céu da revelação desce como um manto, Renanthera em vestido comprido, em tecido leve telado com botões de jarina, em cor delicada malva. Pecteilis em ocidentais roupas numa blusa verde e preto, como mármore.

Assim na emocionante Cairo, sentaram no *atrium* suntuoso, em poltronas couro, uma de frente a outra, em sorriso animado, esperando um café nas imediações do círculo negro de mármore, circundando um coração vermelho persa, e branco puro que ornamentava como um tapete cabalista uma mesa escultural de vidro retorcido, com uma frondosa e taluda planta de flores grená, rodeavam retângulos de mármore verde esmeralda que compunham quadro com Pecteilis sentada fazendo os apontamentos e escrevendo ao seu amigo Adenium e Datura, na singeleza do frescor da noite.

No *Binoctĭum*[442] iriam transladar de trem para região sul. As luzes sobre a Esfinge refulgiam no profundo, para uma admiração silente da sacada, Pecteilis perfazia os passos intelectuais da arqueologia já esquecida no fundo das urnas mumificadas de tantos sonhos pintados no papiro roto e quebradiço da vida.

---

442 *Binoctĭum* - Lat.– espaço de duas noites

|02 SETEMBRO 2019 20:49 | DAS 16:50 ÀS 20H TEMPO DE LEITURA, PESQUISA, ANOTAÇÕES.

Como mastabas que encerrassem antigos cetros *was*[443] naquelas luzes da antiga extração de pedras na Esfinge, uma grandiosa escultura, as colocava nos sub-mundos de seus passados em detrimento do tempo no ar noturno adornado com serendibite do profundo cósmico por diversas vezes elucidado no arcano do Tarot que dava um caminho intrincado, nesse momento Pecteilis sorriu triste nos predizeres contraditórios.

Uma suíte para duas amigas, em decoração grená, com algumas paredes laminando o *persian red* como fundo para luzes amareladas, um tom delicado amarelo que recobria a cama, com almofadas em lápis-lazúli também nos detalhes em vidraria fina abaixo das lamparinas como gaiolas persas rútilo, resguardando uma flor de canto num aparador, como um obelisco de solitário, um amuleto para nossa estranha passagem.

Ao decantar cabelos cada uma em sua cama, Pecteilis diz:

_ Renanthera, há tantas coisas que gostaria de conversar, sobre a proporção piramidal e sua orientação celeste, sobre o conceito de escada para o Sol, ou a própria personificação do raio da luz solar. Costumava achar que tínhamos um elo de interesse nos termos intelectuais.

_ É precioso que isso recorde esses termos, bem poucas pessoas puderam ressaltar isso em minha mente e alargar as visões de tudo na minha vida, gostava de contar com isso, mas foi muito pré-dinástico.

_ Eu sei, nada impede que observemos amplamente as eras decifrando a escrita baixo relevo. Fiz em mim, uma espécie de estela interna com preces que nos reunia, era uma espécie de totem, mas esculpido das tantas coisas que criei na solidão. Gosto de fechar os olhos e visualizar essa prece de três letras, na absoluta certeza e assim adormecer. – Apagando a luminária.

Os olhos deram luas ao escuro no sono necessário sob olhar de Hathor.

Dia que chega, um guia nos leva para local das pirâmides, a amplidão da escada para os céus, ainda que Pecteilis quisesse viajar durante o dia, foi aconselhada ir durante a noite, o agente amigo do guia trocou os tickets, enquanto perambularam o dia olhando os detalhes dos modilhões que conferem sustentação de cornijas de teto e pilones bordados de hieróglifos, um tanto atemorizada com a fuzarca geral de turistas, em observar templos.

---

[443] *was* – cetro egípcio simbolizando poder, força e domínio.

_ Renanthera, jamais eu poderia fazer isso. Espero que não me culpe por seu adoecimento. Ainda me preocupo, portanto, vamos nos recolher breve e preparar para embarque com tranquilidade.

_ Eu estou bem melhor, mas passei um momento pensando que iria sucumbir. Só assim ver aquele lugar naquela noite, naquela luz, não esquecerei, apesar de tantos lugares que já conheci. Tomar infusão na luz de fogueira com o medo tingido na túnica...

_ Eu corri lugarejo às escuras em busca do curandeiro, no sítio de ruínas bem tétrico. Dancei com os medos e eles puxaram minha perna. Teremos uma viagem longa até Assuã.

_ Não é até Luxor?

O banho entre as paredes adornadas azuis e aromas peculiares foi como um benzimento para a partida na estação Ramsés II.

Enquanto, com braços vestindo uma jaqueta de motivo leopardo, um gesto que Renanthera de olhos bem abertos não entendeu, estendendo um estojo de canetas em direção sua boca, na alusão da cerimônia de abrir a boca, para devolver os sentidos e vida à múmia. Ela riu.

_ Há um cerimonial para abrir a boca, que traz os sentidos para a múmia. No livro dos Mortos, o sacerdote de Anúbis. O faraó sucessor num tipo de afresco, está vestindo pele de leopardo. – Ri mostrando seu casaco. _ Seus sentidos foram reintegrados Rena!

Entraram na estação, enluarada em amarelo com tons azuis em plissados ornamentos irradiados, com dourados leques das hastes de papiro ornamentando o teto dourado, contrastado de luzes azuis. Ao centro uma pirâmide inversa de ângulo agudo, era uma luminária estratificada apontando para uma pirâmide assentada no chão da estação. Cheia de estrangeiros para o embarque, vestiram da luz dourada cercada de colunas com capitéis típicos em simulacro da arquitetura egípcia.

Uma porta de arcos de intersecção, com um tipo de lintel em fios dourados intrincado ao longe as intimidava, enquanto procuravam local de embarque. Esgueirando-se entre pessoas, guichês com multidões amontoadas, o colorido daqueles tantos humanos que carregaram pedra a pedra, deslizando por rampas, Pecteilis quase sentia a cadência dos pés contra o chão.

Na pequena cabine de duas poltronas, ambas se solidarizaram no recosto lado a lado da amizade raptada devolvida adulta. Na emoção de um vapor invisível e

chiado das pivotantes rodas no caminho enrocado de alguma brita, sem bifurcações era um ponto infinito no destino. Pecteilis relaxou.

Após um tempo de leitura na luminária fraca, Pecteilis remexendo a mala, encontra um envelope inesperado, um tanto protuberante.

Puxa para luz, com ares curiosos de Renanthera.

Estupefata, vira o envelope meio amassado e nota apenas letras *Tifinagh*[444], exclama sem decifrar em declínio de emoção: _ Adenium...

Ao abrir delicadamente, obtém um botão de rosa tom *heliotropium*, de cabo curtíssimo, com olor incrivelmente preservado para uma rosa de festival. Sorri no curvar de vertente lacrimal. Desdobra o papel escrito arabescado em espanhol, uma mensagem que silenciosamente passa os olhos para *plorabundus* com os olhos de Renanthera seguindo passos da leitura.

"*Senhora Pecteilis,*

Lindo dia de ter estado ao seu lado, eu carregava uma pequena última foto de meu menino, ele estava com oito anos, balançando no retrovisor do carro, quando saímos do caminho da Qairauan nos apressando para salvar sua dileta amiga Renanthera, o retrato se perdeu, mas eu tinha comigo que por ele ter partido da vida tão cedo, eu tinha que redimir duas vidas, uma apenas não bastaria. Meu menino ficou pendurado em mim, sem ir aos braços de minha amada esposa, que foi para o céu de estrelas douradas quando ele nasceu. Eu queria salvar as duas, mas foi sofrível, eu a coloquei no desafio de achar Narthecium, e você mostrou a dedicação, mas sua amiga podia não ter sobrevivido e não consegui saber antes que, o esposo dela viria e iria acontecer aquela confusão no hospital. Ele ficará detido três dias além da sua partida.

Eu recebi meu coração de volta Pecteilis, queria dizer isso, dormi finalmente após tantos anos e sonhei. Ele abraçou a mãe e sorriu para mim. Há coisas inexplicáveis entre as estrelas e as areias do tempo.

Desejo que vocês possam ser o que seus corações são dentro das paredes desse suntuoso palácio dourado.

Adeus! As-salam alaykon. - Adenium"

---

444 Tifinagh – letras de alfabeto de povo berbere, das línguas berberes.

Pecteilis ficou banhada em lágrimas, enquanto a palavra 'esposo' arranhava Renanthera.

_ Como meu esposo esteve no hospital? Por que não disse? – na segunda pergunta foi um esganiço.

_ Rena, ele me esbofeteou no hospital. Desacatou seguranças e autoridades policiais. Ficou retido.

_ Ficou retido? Ficou detido! – O rosto iracundo deu estopim para uma avalanche de rusgas.

Renanthera virou-se e agarrou a blusa *leoparda* com as duas mãos, fortemente desandou a chacoalhar a cabeça socando contra as repartições do camarote. Com olhos esbugalhados e crispando os íons do nervo ótico, desandou a socar com uma das mãos no cambalear da cabeça. Desandou a escalavrar Pecteilis esbravejando versos de antigos odes.

_ Desgraçada! Como é manipuladora! Não bastou mandar todas aquelas cartas que deixavam meu antigo esposo aborrecido? Não bastou morar na vizinhança? – Os solavancos se intensificaram – Você estragou meu casamento! – outra pancada e grudou no pescoço, enquanto os braços de Pecteilis arqueavam para proteger das agressões.

_ Odeio você! Odeio! Amiga que era a mais bonita e bacana, tinha que ficar no meu pé?

Enrolando a fala: _ Não era isso. Quis poupar você do desgaste. Depois receei cont..ar... Para!

Renanthera empurrou Pecteilis afogando a respiração, num gancho de cabide, a cabeça resvalou, e continuava a escalavrar.

O sangue empapava o cabelo e a parede, com Pecteilis sufocada na fúria.

_ Tive que perder sua amizade!

_ Jogou fora as cartas? – intimou.

_ Joguei! Queimei.

_ Os desenhos? - Chorava.

Um fio de sangue desceu sobre a testa pela aresta do nariz, um fio fino e grená, num brilho ainda dourado em sua curvatura de gota.

Uma mão batia na porta, espalmada e dizendo: “O que está acontecendo aí, vou chamar a segurança. Abra!”

Renanthera se deu conta, parou de altercar. Olhou o rosto com sangue, enquanto Pecteilis punha sua mão na cabeça e olhava o sangue com dor. Trêmulas, sentaram afastadas, Pecteilis caída no assento, descabelada. Renanthera com tremuras e lágrima que escorria.

Recompôs um pouco e abriu a porta e disse: _Acabou. Não vai acontecer nada mais.

Pecteilis, murmurou. _ Tudo bem moço.

Remexendo a bolsa pegou uma camiseta e encostou no sangramento e em seguida perfilou testa nariz.

_ Eu amava você, Renanthera. Tantos anos de silêncio e evasiva, quase me mataram. Desta vez achei que não gostasse dele.

Ela chorava olhando para o lado, quieta.

Pendem-se os papéis amarfanhados de cartas, os envelopes com um rajado zebrado em cores verde-amarelo, carimbos datados antigos, como folhas que caem, no adejar do trem e paisagens da noite, e sangues que eram colhidos daquele destempero.

As folhas manuscritas em tinteiro, Renanthera enxergava as inúmeras chuvas do carinho, dos momentos que aquilo a constrangia, e no fundo faziam presença em todos os seus vácuos.

Pairavam selos, selos coloridos, filigranas em traçado de diamantes, serrilhado elegante, papel acetinado e marca de prensa, na gravura delicada da flor. Renanthera segurou o selo que flutuando levou ao se dirigir lentamente para Pecteilis e o pousou tão suavemente sobre o lábio.

Um selo de um crisântemo rosa Chinês[445].

Pecteilis ficou impassível. Assustada. Olhando trêmula para amiga.

---

445 Filatelia chinesa de 2013. Dia das mães.

Renanthera aderiu o sangue dos veios do lábio inferior na goma do selo de seu lábio. Outro selo pairou.

> *Um selo de filatelia Australiana, do Floral festival, era uma gérbera vermelha que Renanthera levou como hóstia à boca sangrada. E deglutiu razões esfarrapadas.*

_ Agora você sabe o gosto de todo meu sangue? – rouqueja Pecteilis.

_ Eu sempre soube. Era néctar. E o meu sangue intravenoso sabe o gosto?

_ Achei que descobriria. Não se parece diferente em nada ao meu. Eu degustaria.

δ Ankh[446]

Renanthera foi tomada de um olhar desolado.

| 06 SETEMBRO 2019 15:41 CONCENTRAÇÃO 16:50 SEXTA-FEIRA ATÉ 22:22 | 4M

Sem saber por onde começar, cada uma num canto das poltronas, Pecteilis recolheu o envelope que caíra, guardou as coisas, enquanto Renanthera olhava fixo a janela de cantos arredondados, na cabine simples, como que tomada de uma consciência que serpenteava o Nilo deificado pela Meretseguer[447] que tomava Renanthera num torpor ritualístico ensimesmando.

Pecteilis, abriu um compartimento que dava a uma pia de inox e com um fio de água limpou o rosto. Sentou-se ao canto e o telefone soou um gelo como uma trinca no externo.

_ Pecteilis! Oncilium!

_ Quer confabular com sua mãe?

_ Não, não. Fui meio ... Acho que não agradeci por ter cuidado dela. É isso! Queria dizer obrigada.

_ Nem precisava. – Nisso Renanthera olhava atenta se dando conta.

_ Por favor, ela precisa repousar. Onde vocês estão? Estava dormindo?

_ Estamos no trem para Assuã. São cerca de doze horas. Mas sua mãe é um tipo de planta que cresce sem rumo e que não se controla a florescência. Fazem quase três horas que partimos e passarei para falar com ela. – Estendeu o celular para as mãos que seguraram com delicadeza para não encerrar com um entreolhar com lágrimas represadas.

_ Filha! – ouviu-se um tagarelar sorridente - _ Estou quase bem, meu amor. Cansativo pois demos um passeio em Cairo. Entretanto havia dormido muito aveludada como em cetins de flores. Daria lindas fotos por seus olhos. Saudade também '*Lium!* Em Assuã terei um descanso e banho. Não sei exatamente aonde iremos, mas mando mensagem do hotel. Beijo!

---

[446] *Ankh* – Línguas semitas pronuncia-se 'anrr' - Cruz ansata – símbolo egípcio – na escrita hieroglífica é símbolo da vida, também vida eterna, vida pós morte. A alça oval, representa união masculino, feminino; representava a cheia do Nilo, união de Osíris e Ísis, reencarnação, ciclo de vida. O laço, ponto de intersecção dos polos, representa união entre os opostos.

[447] Meretseguer – deusa serpente, que ama o silêncio.

Alguém teria que quebrar o ar envidraçado, e foi Pecteilis.

_ Não devia ter feito isso comigo. Ouça o deslizar. Ouça a água que corre do Alto Egito para o Baixo. Ouça a si, sua respiração. Ouça que nós nos ferimos, mas não, não poderia descer e subir em segundos todas essas distâncias, cataratas, passamos a região de Faiyum, Herakleopolis, que tem um lago. Ouça, não devia selar essa situação. Compactuamos naquele encontro em Mara, pusemos mão sobre mão pela Amizade e humildemente não queria que nenhum passo se apagasse em direções inexatas ao oásis no deserto oeste em Bahariya. Essa situação pareceu um sopro de Set[448]. Interessante que os deuses egípcios têm essa dualidade, deuses do submundo, e seus opostos. Gostaria de responder a algumas coisas que disse, aqui nessa região de Hatshepsut.

_ Pecteilis, eu me descontrolei. São muitos anos que senti uma sensação desse cordão, uma situação persecutória, por vezes receei, não deve me culpar por ter me sentido assim, você esteve em depressão e teve situações que pesaram.

_ Renanthera, não me culpe pelo seu casamento. Se alguém ama em verdade consegue compreender, a começar do seu grande sonho dourado, e deve compreender as amizades em suas tonalidades diferentes. Deveria entender sua individualidade. Não pode me culpar pelo fim da sua relação. Foram cartas, apreço, afeto, aquarelas!

_ É que sua presença diferente fez uma percepção errônea dele. – objetou Renanthera.

_ Então cabia a você passar a verdade e se ele não confiou, isso quebrou uma base importante. Veja do meu lado havia uma situação, mas meu marido nunca quis que nossa união terminasse. Agora já não sei, há um amanhecer que vejo e ele não, nos distanciamos naturalmente. Você me odeia e me pousa um selo de pétalas com sua boca? – Diz com o frisar dos olhos.

Faz-se uma curva no serpentear nos veludos do azul intenso além olhos nos véus de poeira do deserto, no tremer dos vagões e nas pestanas entristecidas.

_ Pecteilis, desculpe-me. Não sei o que foi.

Renanthera se aproximou com a flor que caiu do envelope, com um olhar *pellax*[449], a emoção angustiante guardada, estendeu entre dedos a flor seca. Pecteilis enganchou como a um cálice e os dedos dela esbarraram com os olhos voltados para uma espécie de coxilha verdejante que enganava os olhos e por

---

[448] Set ou Sha – Deus egípcio do caos, seca, terra vermelha.
[449] *Pellax, pellacis* – Lat. – sedutor, atraente; enganador.

vezes um campo plantado com papiro em sua inflorescência umbela[450], céu visto como dentro de um alabastro, na luminosidade interna da cabine de luz de leitura, a noite ressuscitava figuras como Hórus[451] num falcão voando sem ninho, sem destino, dando eloquência para o momento-agora, numa levitação de ânsias que planam sem ganhar altura, se limitam a margear o rio e não ganham o verdadeiro horizonte do céu que podem alcançar.

Como olhar vulturino, a linfa do Nilo faz o momento ser uma continuidade deslizante entre azuis e pensamentos introspectivos. Pecteilis compreendeu perfeitamente a deixa e disse:

_ *Rena*, os faraós usavam um toucado especial, entre outros adornos havia o *ankh*, forma oval com uma cruz, simbolizava união, ciclo da vida, reencarnação, união entre opostos, como uma vértebra torácica do touro. Criação da vida. Mas apesar de toda essa força, nós selamos aquele dia um *maat.* Vamos seguir assim para podermos observar os grandes monumentos colossais.

_ O que é *maat*, afinal está proferindo metáfora ou egiptologia?

_ *Maat* é o conceito de viver em harmonia, um preceito que os mitos orientavam quase um caminho moral. – Pecteilis sorri quanto à metáfora. – Não que eu não deseje, mas não desejo que sejamos apenas vernizes coloridos que se desprendam mas, termos uma dureza vítrea da porcelana, uma relação real e possível, não perene porque a vida não é diorito. Você precisa repousar. Está com fome?

_ Comeria, mas nada do que servem. Beberia, mas um vinho ou qualquer álcool. Minha mão apertou a sua. Estou aqui. Vamos ver grandiosidades. Eu ainda sinto marcas do caminho, medos, ainda me sinto enroscada com o Titanum distante. Terei que falar com ele. E se ele ficou preso lá? Não posso deixar isso assim.

_ Ele agiu como sacripanta, nem falou comigo, me agrediu. Por isso, deixei-o ao sabor de seu destino. Mas ele vai sair dentro em pouco. Só que não sei o

---

450 Umbela - tipo de inflorescência, quanto ao formato que constrói diversos 'v' s em hastes, como um leque.

451 Hórus – deus egípcio dos céus e dos vivos, cujo olho esquerdo foi arrancado por Set, transformado em amuleto junto a uma serpente já que não possuía mais a mesma visão. Hórus posteriormente vence Set para recuperar o seu poder. O olho de Hórus – o Udyat significa poder e proteção, é um símbolo que assumiu posteriormente outros significados que não o das histórias lendárias dos deuses. Hórus filho de Osiris e Ísis e sobrinho de Set. O olho simboliza a luta do bem contra o mal e a luz – o Sol. A primeira Enéade contava com nove divindades – Chu, Tefnut, Geb, Nut, Osíris, Ísis, Set, Hórus e Néftis.

que isso pode nos afetar. Muçulmanos não consomem bebidas alcoólicas. Talvez no hotel.

Àquela hora Pecteilis olhava para a paisagem oculta, pensando nas existências milenares, nos grandes feitos arquitetônicos, na escavação de minas, imaginando os blocos sendo transportados pelo rio, em barcos.

_ Renanthera, é incrível pensar que levavam os blocos de pedra e esculturas, feitas no local de extração para pesarem menos, em barcos com uma espécie de patins para deslizar, mas apuraram que algumas pedreiras tinham rampas desde a beira-rio até as galerias, cujas cheias facilitavam a manobra dos blocos por uma distância bem menor. Marcas dão conta do uso de cinzéis de bronze e ferro e dimensões. Pedreira de Gabal el-Silsila fornecia arenito no Novo Império em diante. Wadi Hammamat entre o Nilo e o Mar Vermelho fornecia grauvaque que adornava sarcófagos também usado em estátuas. Pedreiras de calcário em forma de grutas desde Gebel no Cairo até Luxor, havia o calcário calcite-alabastro, explorado em céu aberto em Hat-nub perto de Amarna. Havia mina de Diorito e Ametista na Núbia, chamado Alto-Egito. Próximo a Assuã, Elefantina. Inclusive os Romanos exploraram pórfiro vermelho para Roma e o Bizâncio numa operação monumental. Os mestres de obra eram renomados, como Imhotep que construiu a pirâmide de degraus de Saqqara, Amenhotep mestre de Amenhotep III e Senenmut, fiscal de obras de Hatshepsut, para o templo dela em Deir el-Bahari com terraços e rampas. Inscrições dele ficaram, por mais que a identificação da rainha tenha sido apagada após sua morte. Há óstracos que deixaram importantes registros. A história que vai sendo inscrita, talhada, contando os aspectos e atravessam milênios. Quisera deixar um poema dos que eu escrevi eterno, não saberia qual escolher.

_ Dá a dimensão de nossa irrelevância, do quão impossível é se perpetuar. Se eu pudesse manter em minha mente para sempre, guardaria algo que tenha escrito. – Sorriu o que só se via no reflexo do vidro do trem.

Um gesto de cabeça respondeu calmamente. Enquanto lentamente Pecteilis armava a cama para sua amiga, puxava um travesseiro num nicho alto, e punha a mão na cabeça, doendo, num coagulado de tantos sentimentos contraditórios, mas que dizia algo mais sobre a grande pedra calcite que rudemente entalhada ocultava o melhor de sua beleza no interior de seu vaso quando um lume mágico em estalidos emite faíscas que traduzem as inscrições ocultas, enterrada em milênios no coração da orquídea.

_ Deixa-me ver o machucado. – se aproximou Renanthera. – Desculpe-me.

_ Ainda estou aqui. – Ergueu a cabeça e olhou no olho, no terceiro segundo jogou o travesseiro na poltrona – Fico aqui, acho que em cima dormirá melhor.

Boa noite. – Como gesto levou os dedos indicador e médio ao lábio inferior e os virou no beijo desperdiçado no espaço escuro entre o céu, os pés e a inação.

Renanthera estendeu a palma da mão às curvas do ombro da amiga, alisou duas vezes e subiu para se acomodar, deixando Pecteilis com os envelopes invisíveis e as marcas-d'água dos selos de crisântemo e gérbera, pensando se tivesse que escolher como uma pétala...

|07 SETEMBRO 2019 13:54 A 21:22 | PESQUISAS DAS 10:35 ATÉ 12:30 | CONCENTRAÇÃO, RELEITURA DO ANTERIOR, IMERSÃO, MÚSICAS, VÍDEOS, ANOTAÇÕES DE TODO ITINERIS. | ESCRITA INTERROMPIDA 14:50 A 15:15 | INTERROMPIDO 18:45 A 19:15 | 4N

Titanum chega ao Cairo, se desvencilhou em Midelt e seguiu o carro poeirento de Adanium até certo ponto, mas logo deduziu o destino, mas recebeu uma dica, em uma despesa lançada no cartão de crédito em Madri, mas apostou que ela não retornava de fato, e jogou toda sua adulação nos balcões de voo de Melilha escala Madri. E rumou no primeiro voo para a cidade turbulenta. Tentando cogitar onde estariam.

Foi andar no mercado trêfego e aquecer com o corpo a corpo de gente um pulsar furioso, indignação pelo abandono e frustrações. Logo um cão magro se aproxima do seu pé dolorido. Ele recolhe a perna, entre o rosnar com dentes à mostra do cão. Se vira e põe-se a andar. O cão se esgueira entre pessoas farejando o encalço, quase a enganchar os incisivos na barra da calça. Titanum volta-se com raiva e ergue e bate com o calcanhar no chão, uiva de dor no arrependimento imediato de bater o pé justo que está com a unha inflamada. Volta-se com ar ameaçador ao animal, e nota olhares severos ao seu redor. Disfarça com um sorriso embebido em suor e retoma a caminhada, lamentando ter que pagar uma hospedagem para tomar banho, decidir o que fazer. O cão gruda na barra da calça rosnando em diversão de um novo amigo, parecendo uma luta vã e Titanum agarra o cangote fortemente que larga e sai ganindo.

Entra rapidamente em um hotel rosado empoeirado. Não havendo entendimento do árabe, se volta às ruas e ganha ruas nobres. Entra em um local de lojas e pesquisa no celular mais informações e encontra fatura para o Safir. Estrala um piparote e se apruma para ir ao local, tropeçando em um tapete estendido na rua para orações. Engole todos seus trejeitos abrutalhados, inalando perto

da axila e entra no átrio, após a fachada envidraçada com letras estilo árabe brancas no contraste marrom escuro.

Recebe uma mensagem que o faz parar trêmulo. Renanthera.

"Tit: Oi, estou viajando e falaremos pela manhã quando chegar no hotel, o deserto só tem falcões e nenhum pássaro correio."

Ao vestir a madorna do gingado do trem e seu corredor estreito, à espera da passagem em Luxor, Pecteilis numa expressão *désolé* na sombra e luzes projetadas do caminho que as transpassa feito sol que assa tijolos, de abóbadas oblongas que a remete a Sijilmassa, vozes de deusas que dançam entre fogueira de feitiços, corpos transformados em animais, mia a Bastet com agilidade e brilho solar que irá ungir óleos aquecidos das cores da transposição de *Barăthrum*[452] incólumes pisando tapetes de caminho de incensos. Supondo um sono ninfal de luar inexistido, as colunas de um *Poematĭum*[453] começavam a gotejar de um meato, em sonidos abafados como o espanar de um arqueólogo identificando as inscrições, os arranjos florais dos versos se balbuciam como exalados de vasos *Ka*[454] em fumaças iluminadas como um canto de pássaro nas cores de nosso ar outoniço e à medida que Pecteilis proferia os versos milenares lidos no Papiro Harris, compreendia a cincada de Renanthera no ataque que acabou por feri-la, assim os arranhões começaram a ser alijados do trem, permanecendo um ar quente dos fumos queimados em resvaladiço corredor.

---

[452] *Barăthrum* –i – Lat. – Abismo, sorvedouro. As regiões infernais.

[453] *Poematĭum* – i – Lat. – poema curto, pequena composição em verso.

[454] Ka – representa divindade em seu vaso. Ba – representa a alma humana ou divina.

"Se se unissem nossas mãos

recuperaria teu amor

Oh coração meu, te rogo

Se meu amor não vem a mim esta noite

seria como um morto na tumba"[455]

Olhava as imagens como se as colunas do Santuário da Barca de Karnak lambessem o vestíbulo com as protuberâncias que lembravam papiro e lótus, nos seus capitéis. Pecteilis derramou seu sentimento nas fumaças mágicas que já aproximavam o monte Meretseguer fulgurando rosado sobre o alcantil debruçando olhos serpentinos sobre o templo mortuário de Hatshepsut.

Renanthera deglute os vapores dessa emoção, vertendo as lágrimas que não ousou. Abraçada em si mesma como a empunhar o *hega* e o chicote mangual faraônico[456] segurava-se no seu próprio pensamento em símbolos mais florais, como as cores da lótus.

Um tripulante bate à porta, trazendo um café, e um pacote de pães para um pequeno desjejum, então Pecteilis, pega a mesa escamoteável, uma madeira que se encaixa numa fenda e segura as canecas simplórias azuis e coloca os pães na bandeja e encosta a porta segurando as canecas, enquanto Renanthera desce e a cama é fechada contra parede. O café fraco não as anima e com um sorrir de quem precisa trilhar um caminho espinhento de redenção, mastiga sua aflição pelo seu destempero violento, e Pecteilis, entrega a caneca para palma, com a outra mão a amparar a mão, com olhar amistoso diz:

_ Luxor, um conjunto de opulência de reverência aos deuses, aos régios mortos, no talhar magistral de rochas, pagina os impérios contando o tempo. Não façamos do momento cártulas e assinaturas baixo-relevo, façamos o significado dos deuses da natureza, sejamos o que somos com coragem.

_ Pecteilis, enquanto você proferia aqueles versos, eu parecia ver colunas com a parte encimada como flor. Pensava na flor-de-lótus, que tem significado além da elegância, é uma flor cujas raízes atravessam a lama para desabrochar acima da água, ela para os egípcios era mágica, embebiam em vinho como afrodisíaco

[455] Poema do Papiro Harris, tema de amor desesperado. (500, V, 3-5)

[456] *hega* e o chicote mangual, adornados geralmente em ouro, eram objetos simbólicos egípcios dos faraós – o primeiro da lei e ordem e o segundo o poder.

poder, poderia ficar cinco mil anos em semente e germinar em condições favoráveis, repele micro-organismos e poeira. Aparece em mandala com oito pétalas, a branca representa pureza, a azul sabedoria, vermelha amor, amarela energia. Budistas entendem como jornada espiritual. Simboliza como um todo a perfeição.

_ Agora *Rena*, você alcançou algo que sempre quis que soubesse. A reunião de todo espectro, como o cristal. - Consegue absorver toda a verdade de uma só vez? Apesar de achar que me disse tudo, apesar dos trancos e lanhadas, no meio soou um... "amiga bonita que estragou tudo", algo assim. Acha que conseguiria deter as areias na sua mão que definem alguém? Por que não foi capaz de entender a singularidade, entender cada cor e colocar a amizade no altar sagrado?

_ Você nunca poderia depender de mim. Senti revolta por filhos que eu quisera e o que você sentia me fazia eu lembrar minha privação. Então era pesaroso seu apego.

_ De certa forma dependi, mas não era dependência, nem somente um apego que podia ser substituído por qualquer outra coisa ou pessoa. Era *Isfet*[457] de nós mesmas. Uma espécie de astigmatismo dos sentimentos. – Renanthera olha atenta – um conceito de desordem cósmica, influência que adultera uma situação tornando um infortúnio. Creio que se tivesse seguido os passos de cortejo pelas inscrições nas colunas de Karnak, faria oferendas de minhas virtudes, os baluartes não teriam portas ornamentadas em severos adornos do encarceramento dos sentimentos. O Sol lhe diria a dinâmica perfeita das horas e do calor que se pode suportar perdido no deserto.

_ Não diria isso. O exagero inundou a planta.

Pecteilis, arruma a bagagem, enquanto o comunicador pronuncia Luxor em diversos idiomas. Passageiros se avolumam em estreito corredor de suas descobertas. Enquanto Renanthera olha as entranhas do Vale de rochas com pequenos pontos amarelados, nascendo uma nova visão, que perpassa as ferrugens da castidade, trinca a opacidade de sua redoma, em seu andar e movimentos esculpem expressão de olhos de superfície sem íris, como as vestes do toucado com a *uraeus*[458] em posição de fereza ataviado em pedras coloridas, ela exalava a essência pura de si mesma, revelando o mistério em camufla de uma chuva de pétalas.

---

[457] *Isfet* – egiptologia – desordem cósmica. Contrário de *maat*.

[458] *Uraeus* – egiptologia – deusa serpente, da cidade de Bulo, significa "Aquela que ergue", serpente em posição de enfrentamento, como naja, comumente encontrada em ornamento do toucado.

Furtivamente Pecteilis retira roupas e objetos de higiene, e no compartimento junto ao costado, no longo bolso checa atenta mas secretamente uma caixa de cartonado duro, de estreito perfil, longa que ela abre uma fresta para olhar a intacta do conteúdo, súbito fecha e recoloca de volta suas coisas dobrando. Zíper de um escaravelho. Sua amiga em loas dá ares que não percebeu. Fuzuê dos passos da estação se acalmam junto aos alaridos de tremuras de línguas saldando sem saber.

Datura recebe uma mensagem. Pecteilis. Sedento passa correndo os olhos nas palavras.

"*Oi bem! Estamos bem. Renanthera se recuperou e estamos no trem para Assuã. Nem acredito, amanhã estarei frente àquele colosso. Voltaremos para tomar um voo em Assuã. Para o oposto do que é aqui. Saudando Aton! Precisava ter todo tempo da vida para olhar toda essa magna arquitetura. Abraço com afeto! Estou desejosa de banho, comida e cama."*

Datura se alegra nos reflexos verdes da montanha no olhar acinzentado esmorecido e esquecido de suas ternas palavras. Uma gota de vinho na água. Embevecido da alegria contagiante quando Pecteilis fica esfuziante. Encheu o pulmão de ar e saiu para o terraço a dar asas aos seus receios. Na serenidade do silêncio o Sol se punha enquanto lá já era dia, supunha.

_ Renanthera? O templo de Amon-Ra tem uma sala hipóstila[459] cujas colunas davam a trilha do cortejo de celebrações. Karnak é dotada das colossais colunas de papiro, sala chamada jardim botânico, ornamentada de elementos naturais. Construção de Tutmosis I, há uma senda margeada de esfinges de todo amor representado no vento, esfinges de leão com cabeça de carneiro: o próprio Amon! Existe o obelisco de Hatshepsut, porém inscrições de mural mostravam dois obeliscos. O obelisco da rainha tem o desenho do falcão – devotado a Hórus. Templo de Luxor, onde realizavam festival de Opep para a tríade Amon-Mut-Quespisiquis. Em 2013 o templo foi vandalizado com um picho escrito " Ding Jinhao esteve aqui". Nas paredes internas adorna aos deuses, externamente conta a batalha de Kadesh que supostamente venceu o rei Hitita a pedido de Ramsés III e tem uma colossal estátua de Ramsés II. Pode imaginar o tamanho do colosso de Memnon? Foi talhado em quartzite de forma monolítica. Todos os milênios não podem dar a exuberância que meu sentimento tem. – Olhos de Pecteilis brilhavam entusiasticamente.

[459] Hipóstila, de hipostilo, advém do grego, teto sustentado por colunas.

_ É impressionante o tamanho, sempre me passa na mente os homens que carregaram todas as pedras e fizeram essas construções.

Os ares do amanhecer avermelharam em *persian red* a rocha como um grande almenara sobre os gigantescos terraços do mortuário de Hatshepsut em cor couro contrastando a terra vermelha seca. O céu de azul anêmico e as amigas olhando fixamente o Vale e a sucessão de construções de Seti I já deixado para trás e o Ramesseum e o templo mortuário de Ramsés III, no ar silente de força de opulência, dando o ar mais claro, a se fazer imaginar os terraços para uma entrada entre árvores trazidas dos recônditos das investidas viagens à Núbia e Punt.

_ Por que não marcou o ponto x em Luxor? – Renanthera não perdia os olhos de um lamento de Tot, em todo seu poderio sobre o tempo não devolveria os momentos impossíveis que as ânsias ulceraram suas visões.

_ Há sempre que se escolher. Houve uma cártula estabelecida por um escriba. Depois da catarata. Isso é metáfora de uma barragem que ia afogar grandes deuses ofendendo a eternidade. A saber minha amiga.

Reconfortada por ver o gesto que desanuviou um tanto da conversa dos pilones de suas vidas.

Soava no autofalante, música animada de Ramy Sabry, e elas se riram. Abriram porta do corredor, o tempo navegava o Nilo com as pedras rosas dos romanos, o tempo afogava o suor dos escravos núbios, e aos poucos o deserto abria se afastando da faixa fértil como esfinges derretidas do passado que escondiam minas de granito e calcário. Pessoas dançavam ombros no ritmo árabe indo ao vagão restaurante.

E como o mais contundente e contumaz exemplo da imanência, o trem estava se aproximando da última hora para Assuã, no Sol perspícuo entre um início e fim de itinerário que ao lago abrilhantaria a suntuosidade voltada para o Nilo turquesa como sedas retintas de borboletas chinesas.

Com uma saudação de coragem, as amigas se enlaçaram num abraço breve de contentamento.

| 08 SETEMBRO 2019 18:23 A 9 SETEMBRO 1:42 | CONCENTRAÇÃO 16:30 A 18:20H|

_ *Chaere*[460]! – Olhar orvalhado da manhã em boca úmida Pecteilis.

O enternecimento da persistência dos palácios alumbra nas passadas deixando a visão desfocada de alento que repousa sobre os rostos nas luzes delicadas. Observam o templo mortuário de Ramsés III diminuindo nas janelas do corredor, emolduradas pelas perspectivas da planície, o vale das rainhas se encolhe em traçados amassados em possibilidades deixadas para um itinerário pontilhado como exílios cortados pelos vislumbres das aves altivas.

Ramesseum virilmente se despede em traços dos pilotis. A música inunda no aspirar de cada coração como uma divindade oculta em incrustações nalguma faiança[461] perdido, uma assinatura que reina apagada a cinzéis da impossibilidade, para talvez ter sido escrita num papiro queimado na biblioteca de Alexandria no período Ptolemaico. Aquela deidade coração-aspiração, uma auréola na vida, como vivacidade ou mortandade em sua anemia, de alguma forma, nos ferimentos de todo exílio as reunia nesse horário da manhã em enternecimento prazeroso dos rostos limpos em olor.

Languidamente a paisagem dá lugar a presença de tamareiras, vegetação coleando o rio, surgindo o casario da urbe na chamusca de argamassa branca, por vezes com ondear de adornos num *poppysma*[462] do dialeto núbio. Nossas bagagens acostadas no calor flamejante das velas brancas das *felucâs*[463] enfunadas de uma esperança desconhecida para Pecteilis, como aquele barco ali, a colear suavemente as águas de chumbo brilhante, não um barco entalhado junto a hieróglifos.

Renanthera e Pecteilis adentram o hotel, nas Calimas[464] antigas da primeira catarata do alto Egito, através de uma grande porta negra trabalhada, dando a uma sala com vidraça alta em arco, poltronas em cor chumbo decoradas com verde *nyanza*, elas se sentaram enquanto um escriba anotava num papiro desenhado, sobre a mesa oval de vidro negro Pecteilis deixava sua carteira de documentos, ambas no refrigério das sombras arabescadas num barrado que corria as paredes em azul e nuances claras verdes iluminadas por lustres fastuosos.

---

460 *Chaere* – Lat. Bom dia, salve.

461 Faiança – louça de barro coberta de esmalte opaco e estanífero.

462 *Poppysma poppysmătis* – Lat. assobio, som produzido pelo movimento da língua dentro da boca. Sinal de aprovação.

463 Felucâ – árabe transliterado – felucca – barco a velas egípcio com dupla vela trapezoidal, que navegam em Assuã.

464 Calima – vento do norte da África que leva poeira do Saara às ilhas Canárias. Mencionado no poema Ar – sexo dos ventos – da mesma autora, em pesquisa fundamentada para os Ventos.

Se dirigiram para um terraço adornado de uma treliça em mandala de pétalas vazadas, em mesas redondas com poltronas de palha, para um tardio café na vista alta para o rio transvazando através da vista, das mãos sem tocar, das feluccas navegando, nos tais braços estendidos de Aton a quem Akenaton se referia como pai. Xícaras de porcelana com barrado misto em dourada filigrana e tons caramelo compunham a mesa, com o bule esguio a dar volúpia para o vapor embebido com frutas, tâmaras e figo.

_ Pecteilis! Que lugar luxurioso. – Rosto que emparedava um acareamento de *sehnsucht*[465] símile de seus perfis.

Renanthera quis mergulhar na piscina rodeada de tendas em jeito magano sob a vista lambida pelo transcorrer da amenidade cujos dedos passearam nos rumos, na beira da *chasma*[466] de seu íntimo na contemplação circundada de um ar mormente acolhedor entre os méis do *halawa*[467].

Pecteilis, anotava palavras das quais queria relembrar num pequeno bloco de folhas com capa cartonada, e remexe nas letras recebidas fibradas de dourado, soando quase um sussurro de Datura.

“Não pensei que fosse precisar tanto de você. Não se esqueça. Achei que responderia um eco daquela simples afirmação do meu coração encerrado nesse elmo milenar das minhas origens. Beijo! Datura Innoxia”

Pecteilis percebe com pesar o corisco entre nuvens que se partiram para bailar ventos diferentes, com olhos que se fecham na ardência de especiarias assopradas dos jamaxins dos mercados egípcios como culpas que ainda rasgam paladares.

Fizeram um passeio para o templo Philae Ísis, para que Renanthera descansasse para a ida a Abu Simbel no dia seguinte.

_ Rena, vou na área de banho do spa, ver se faço uma massagem.

As paredes do quarto tinham uma leve textura entre o nácar e um salmão claro, com a cama de hastes e um véu branco embarrigado, com luzes do lustre refletindo nas luminárias feldspato entre tapetes de um tom camurçado de

---

[465] *Sehnsucht* – ger. – ânsia. No latim diz-se cupido. Termo em referência à música de Thomas Lemmer que deu navegar à elucubração poética transcrita ‘Meia-noite’ sobre a saudade, amor e a prerrogativa de um virtual encontro.

[466] *Chasma*, *chasmătis* – Lat. – abertura, abismo, sorvedouro. No amplo sentido, como fenda, como refúgio, como lugar inescrutável, como o profundo desfiladeiro do perigo.

[467] *Halawa* ou *halaua* – tahina recheada de pistache, gastronomia egípcia.

caramelo. A cama na alvura recortada de travesseiros brancos com almofadas de cetim vinho com sobreposição de ouro velho. Um manto persa de tons vinho ao vermelho triássico.

Um aroma advinha do banheiro como nastros levitantes de fumaça. Renanthera deitou nas luzes atenuadas em uma sensação da maciez da pele da lua.

Pecteilis mergulhou ao lado da colunata dourada em frescor dos pensamentos, numa espécie de apaziguamento turquesa, após alguns instantes numa vaporização, se deteve a olhar a sala marrom, com poltronas ao melhor estilo inglês do século XIX na austeridade que lembrava os clubes no filme Lawrence da Arábia, com uma ponta de vontade de tomar a escrivaninha de todos os seus papéis e ficar esquecida do tempo em esboços constando de um bosquejo de uma obra de seu devaneio que não se definia o ulterior do ulterior, no vezo de sua ânsia vazia.

_ *Lis*! Achei você! Está entardecendo, as nuanças emitidas das pedras perdidas nas encostas acendem fagulhas que nos persuadem.

O encantador de serpentes talvez ali abrisse o terceiro olhar, numa deificação de Sia[468] nas vestes soltas no amarfanhar dos movimentos lentos que fazem aquele tecido azul aprofundar o céu como Nut[469] que traz uma centelha contida nas mãos que acendem ancestrais lamparinas. Pecteilis em boca se projeta.

_ *Rena*, podemos jantar no restaurante ornamentado em domo árabe, nas incríveis arcadas listras em marrom ou jantar no terraço ou quarto. Lá se admira as luzes sobre o lauto hotel Vitoriano com luzes acesas que dão contornos, com iluminação de toda a piscina terraceada frente ao Nilo... – Renanthera revirou pensativamente e com um ar luxurioso sorveu em seu olhar como um buraco negro sem força de escape para Pecteilis.

_ Pode ser no quarto escarlate. – Escolheu com riso magano.

Amon sacode asas invisíveis de éter ondeando as camadas do ar particularizado dos brilhos cadenciados entre cavernames cortando o veludo azul petróleo. Brisa que recolhe para uma nudação em águas mornas, entre paredes mosaicadas de pastilhas lápis-lazúli e serendibite, com faces brancas que traziam uma figura de Nefertum, para *haman* alvaiade curvilíneo.

---

468 Sia – egiptologia – deificação da sabedoria e escrita, sempre aludido na figura do papiro sendo segurado. Simboliza no texto, o enaltecimento da capacidade de criação literária que é reverenciado por Renanthera como algo que recobre seu fascínio pela amiga.
469 Nut – egiptologia – deusa do céu.

Sentadas no encolhimento, as águas desnudavam os joelhos como vestígios de esfinges que foram parcialmente inundadas, com os pensamentos enleados como os fios umedecidos de uma humildade incapaz de provocar desavir qualquer que fosse.

A mão se ergue em cuia e se projeta ao encontro da cabeça do ferimento em Pecteilis, com um gotejamento *mollitum*[470]. O momento não avassalava, apenas o afeto escorria as gotas separando-se para os diversos pontos do corpo. O derrame que tocava como um pouso de libélula com o ar curativo de Nefertum[471] como se os espíritos de cada elemento natural personificassem o *ba*[472] na forma de uma luz áurea aromática.

Vestidas de tênues vapores, as mãos retribuíram gestos, na cicatrização de cada marca oculta na textura da pele, submersas as falas borbulham dizeres de observação de cada novo vocábulo jogado nas plumas ao vento que arrebanha os barcos de asas brancas num cais de mansidão. Um rebate de impressões atoalhava cada gotícula purificada nos sentidos na escancara.

Pecteilis empunhando os dedos ao alto, pirueta madeixas molhadas trançando as águas para sua palma, como um enxugamento brando de lágrimas salinizadas dela.

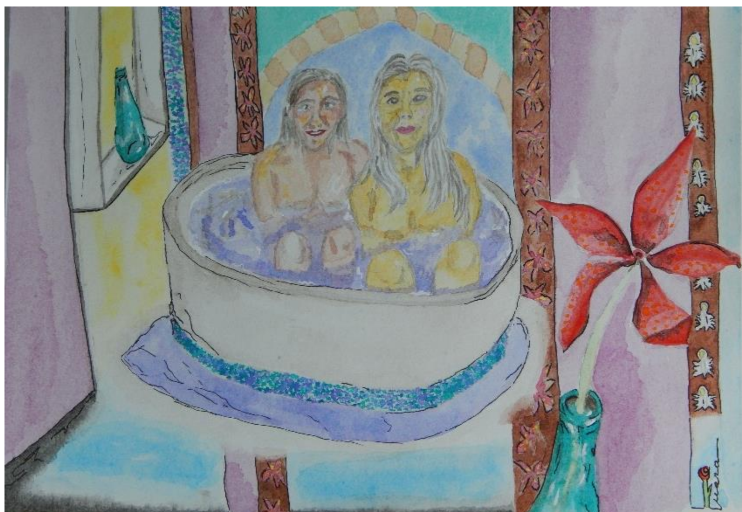
As gotas se aglutinaram ao meio do deserto, na beira, no afeto abaçanado de uma cabeça que cria um vértice diferente no ombro, não na turra, apenas como a queima comunitária do pão, oferendas que não são em prol do ego.

---

470 *mollitum* – Lat. – suavizado; na forma particípio nominativo neutro, sem gênero. Flexão do verbo Mollio, mollis, mollire, mollivi, mollitum, suavizar, acalmar, desostilizar. – Parti do termo *Molliter* – suavemente.

471 Nefertum – egiptologia – deus do perfume e cura que aliviou Amom-Ra com um buquê de lótus.

472 Ba – egiptologia – concepção de alma humana ou divina, sendo que a representação era chamada de ka. Dizia-se que tudo era kas de Atom, como criador continha todas as coisas em si. O Sol era chamado ba de Ra.



[ILLUSTRATIO 11]

Como um altar aos pés de Nefertum, há três vasos alabastrados marcados com tintura hena, os nomes dos óleos.

Pecteilis lê em curiosidade, e se proferindo com olhar compenetrado:

_ “Rayihat misr alqadima”. – Vira o verso – Fragrância do antigo Egito, Cyprinum – olha os demais – Mendesian e Rhondinium.

_ Deixa-me sentir o aroma, Lis! – Estralejando gotejamento Renanthera sai da banheira.

_ Ah! É o seguinte, o Cyprinium tem notas de henna, cardamono, canela, mirra e abrotano. O Mendesian é mirra, cássia com gomos e resinas.

_ Rhondinium é fragrância toda baseada em rosas. Quero esse.

Cyprinium e Rhondinium transversalmente se encontram no ritual que cintila. Um sino de leve tom, percebe-se o jantar em preparo no terraço.

Coincidem-se em azul encrustado de lápis-lazúli em um empalidecimento remissivo de alguma anteposição ou embate.

Com ar de proibição, uma garrafa envolta num pano, meio aderido ao gelo era uma Ciroc Red Berry.

_ Minha nossa! - Renanthera logo esfuziou para amiga – Vamos tomar antes. – Se dirige à porta ao camareiro e entrega uma nota enrolada.

Havia pratos na versão sofisticada da comida local ao lado da mesa, finamente arrumada, uma terrina mini com Molokheya feito de juta, guarnecida de dourados camarões entre pinceladas de estranhos molhos vermelhos, num simulacro de escorpiões acobreados. Hawawshi de tenro carneiro. Fool, favas no azeite e tahina. Mahshy.

_ *Rena*, não quero exagerar, vou experimentar. Não sei se viu na rua ele preparando os fios para o Kunaf, são fios doces que são assados com queijo, muito popular. Fica uma espécie de cabeleira na chapa que eles dobram como macarrão.

_ O que pretende além de Abu Simbel? – desandou sua maiêutica - Este apartamento é realmente fastuoso, por que não optou por um mais simples? Por que recitou aqueles versos no trem?

_ Guardo certa divindade num pequeno naos[473] de ouro. Cada tempo à sua alma.

Em pequenos copos de vidro como lírio, um chá de hibisco vermelho acalanta os sabores intensos, para uma penumbra, um tempo de descanso, um hiato da percepção mais aguda das caneluras existentes no desenho da colunata do Ramesseum, nos desenhos legendados por insígnias hieroglíficas de concretas vontades.

Como as sucessivas câmaras ocultas dos túmulos do vale dos reis, são abertos lacres de cártula de suas próprias existências, simbolizada por pena e a outra por uma ave exótica, dentro de forma oblonga.

Um silêncio cantarolado do Nilo, num quarto que transcende cores entre dourado e vermelho, sobre as nuvens que confluem.

Há um nicho em parede branca, que descansa um vaso, um vaso esguio, uma vidraria forjada em azul que traceja sobrancelhas.

---

[473] Naos – referenciado no livro O Egipto, da pré-história aos romanos, há exemplificado o artefato, um pequenino santuário adornado em alto relevo em laminação de ouro, a guardar estatueta de uma divindade.

Nota-se a Flor, a flor que está sobre o mármore. No arrepio de sua tez, numa oferenda *acre*[474] em lauto leito de rio que corre nas curvas do vaso, num estranho ritual com a mão que transita em movimento que persuade, numa delicada esquiva de Pecteilis.

As pétalas que hidratadas manifestam em brisa que alenta como lábios, o dizer de poesia antiga do Cairo.

"Minha beleza te ensinou

vestida com tecidos finos

ungida com unguentos

Eu mergulho nas águas

para estar com você

Eu volto para você

com um peixe vermelho

nas minhas mãos

E antes de você deixar

Venha e olhe para mim!"[475]

Fanerógamos[476] das flores dançam farândola em viveza de suas constituições de platônica beleza, na forma e cores de suas pétalas, como um *dedicatĭo* [477]entre si, no ajuntamento dos braços de folhagens no movimento do relevo de Amarna, adernando contra o Sol, no sopro da vida, na delicadeza mais tênue.

Como bafejos contrários do vento, como a contração fibrilar de pétalas e estames entre si, incauta, sáfaro, o transvazar das seivas, orvalhos, veludos, fescenino no transir inobservante, isento de todo apressar, isento de toda rispidez e

---

[474] *Acre* – Lat. Com ardor.

[475] Poema do Cairo 25218 + Ifao 1266 linhas 10-1, conteúdo dos versos relativos à sedução. Peixe vermelho símbolo que remete ao mito Osíris despedaçado por Set atirado no Nilo, o peixe vermelho devora o membro viril, restaurado magicamente por Ísis para procriar Hórus pós morte. Colocando a união de amor num plano maior do tempo.

[476] Fanerógamo – Bot. diz-se de vegetal cujos órgãos reprodutores são aparentes, produzem flores.

[477] *Dedicatĭo, dedicationis* – Lat. – consagração, inauguração.

aridez, une as flores numa abóbada cambraiada de estrelas que transpassam pequenos lumiares a uma dança que se faz rugir gemido o vento, encerrando num mundo póstumo o abismo de desigualdades, as distâncias das perdas e a incompreensão.

Numa rendição síncrona, *uaginae*[478] entregam o néctar do figo, em beijos adustos no bordejar de suas faces adormecidas num talâmico em quadernadas folhas do céu de um templo encimado de capitéis de papiros abertos, em *lenĭtas*[479] nuvens de seda e em mútuos *plorabundus*[480] olhos, em pétalas de suas flores.

Um dia em desabrochar ulterior como dunas que se sucedem em nebulosidades róseas de textura onduladas como a pele, a penugem e o dorso evaporados nas cores da apoteose.

---

478 *uaginae* – Lat. plural – bainha, casca, invólucro.

479 *lenĭtas lenitatis* – maciez, suavidade, doçura, bondade.

480 *plorabundus* –a –um – Lat. banhado em lábrimas.

|9 setembro 2019 17:38 | Preparo 15:30 a 17h| 4 p



[Illustratio 12]

Como sensação tépida de um rorejar, ela piscou brandamente, e fixou olhar adiante à face deitada com olhos semicerrados, como o orvalho que brotasse de uma nascente na luminosidade purpúrea que rosava as paredes delicadas, e os tecidos dançavam quase imperceptivelmente.

Olhando como a um feitiço de estupefação, no ufanar de um ruflo de um flamingo, talvez um faisão dourado, moveu lentamente a plúmula que pousa com gentil umbrífero frescor diante do tórrido sol.

Renanthera olhou indecifravelmente para Pecteilis, na proximidade recebendo aquela sensação *intĭmae*[481] terna, ao mesmo passo que as luzes escancaravam a noite, com as cores gritantes da cênica que deslizou entre tapetes persas e len-

[481] *intĭmus* –a –um – Lat. – (intus) o que está mais dentro, o mais profundo. O mais secreto, mais recôndito. Íntimo, familiar. – na forma gen. feminina.

çóis de linho egípcio, embebidas nas fragrâncias que seus silvos de serpente brilhavam cores hipnóticas, em luzes de faiscantes chamas acesas dançavam a véus delicados sombras nas paredes.

_ Renanthera, fui uma rendição irrevogável, mas sinceramente isso superou qualquer pensamento que imprequei no tempo. Sabe a delicadeza fina da fécula ou sêmea, que torna um bolo quase uma nuvem doce; eu pareço ter sentido o toque do faisão, tão magnífico como o cardeal vermelho, não sei como dizer...

_ *Lis*... – Renanthera acolheu com o braço sua amiga, num semiamplexo, num gesto de aproximação. – Não posso dizer que foi a vodca, estou realmente me sentindo como ruflar para ganhar um voo alto majestoso. Eu também senti saudade. Relutei adormecer para que continuassem meus sentidos em auge, uma florada que jamais se perderá como um momento fugaz. Fiquei feliz que escolheu gérbera.

Pecteilis percorreu como marola o cabelo a empunhar o cálice de sépala em afago e pousou beijo em seus sentidos abertos para uma percepção de vida completamente diferente, como sentir o sabor das notas da fragrância ou o gosto da cor do amanhecer vermelho. Pecteilis sentia aquele sabor escarlate que não podia ser dito como êxtase mas o ‘me *beabat*’[482] percebendo a força que o sentimento trilhou e jamais sucumbiu no deserto.

_ Sinto a paz de vogar nas águas calmas de um lago que espelha o céu.

_ As pétalas escarlates da orquídea sempre me atraíam, aliás a orquídea tem em si um conjunto harmonioso numa espécie de folhagens de força e delicadeza, fazendo dela de antemão uma pintura aquarela. Se apenas eu guardasse o selo do crisântemo rosa, como veria essa recusa?

_ Amaria, todavia absteria da plenitude. Nenhum amor é inválido Pecteilis.

_ Receio... Que num primeiro desconforto me repila e esqueça. Por isso a amizade é um deus sagrado. Cultiva e preserva os seres lindos.

_ Sério?

_ Inventando agora. – Riu. – Desconheço um que possa proteger meu coração. Talvez seja a divindade que existe dentro do amor de cada um.

---

[482] *beabat* – Lat. - tornou feliz, conjugação 3ª pessoa singular do imperfeito do verbo *beo* –as –are – tornar feliz, gratificar, compensar, liberar. – Em outras referências assume significado de abençoar, fazer feliz. O termo beato(a) é derivado.

Enquanto havia tempo, todas as borboletas pousaram entre si flutuando o céu aberto numa colunata de sala hipóstila. Como se estrelas permutassem suas luzes, transpondo o abismo do tempo. A compreensão corpórea que vestia ambas na centelha capaz de *indecifrar* a noite e o dia. No transir de amor inundou as bocas de silêncios do extasiar de uma realização.

_ Renanthera – diz delicadamente a amiga – Néctar da cor da flor.

Sépalas seguraram rosto da alvura da luz.

|10 SETEMBRO 2019. 12:50 | ND 8

Vestida em linho fino azul Renanthera refrescada desceu inflando de ar para enfrentar uma conversa com Titanum que pousara ali. Adentrou a sala do bar com mesas quadradas, mobília negra, parede com arqueado listro em caramelo, e revestimento lápis-lazúli em veludo, nas luzes rendilhadas por luminárias de recortes e pipetas de líquidos azulados como ampulhetas de água do Nilo que refletia ondulações no chão de mármore branco e marrom em quadrados losangados.



[ILLUSTRATIO 15]

_ Oi sumida! – Amorphophalus Titanum trajando uma túnica longa bege com a lapela bordada em preto em rosto seboso do calor e cabelo espetado tartufo.
– Curtindo enquanto venho amargando sua procura, acha que deixa um papiro de hieróglifo e eu evaporo da sua vida?

_ Não, Tit. Foi a conjuntura de um amadurecimento que me fez perceber o quão equivocados estávamos. A viagem era para mim talvez um reatar de amizade e uma experiência de individualidade. Ao voltar enviarei suas coisas à sua antiga residência. Que vestes são essas?

A bebida solicitada a um *barman* era um gin puro com gelo e Renanthera quis a Ciroc Red Berry marcando insígnia com ferrete em protervo sentido do paladar gelado como pétala lembrando momento luxuriante, tornou-a obelisco. Objetando e sentindo a refrega, abespinhado Titanum parte aos dizeres.

_ Extravio de mala. Renanthera Escarlate! – de chofre em voz fina de ventríloquo – Não vou vulnerar, o tempo é senhor, não sou xepeiro, quero ver você! Você postar uma foto sua e de sua flor de amiga pensando que aparecerão palminhas e exclamações de 'lindas', mas na verdade sentirá o silêncio da repugnância à flores murchas. Que cara suas irmãs farão? Já imagino sua mãe pensando "Não acredito que vivi para ver isso!".

Como fumaças ao vento, o desdoiro invade a claridade num gosto de fel. Renanthera engole o meio copo da vodca em um último gole, e com elegância, limpa levemente os lábios, em olhar vilipendioso que se dá a um monturo, como um lince levanta-se e vira as costas.

| 10 SETEMBRO 2019 16:47 | TERRAÇO

Ainda bem cedo, Renanthera desce para o carro esperando para levá-las a Abu Simbel até a hora do almoço e ainda retornar. Renanthera toma lugar ao lado da amiga, em visível confluência de emoções, que Pecteilis não identificara, mas Renanthera dera uma olhada de cinco segundos a revolver os olhos para a estrada 'Aswan – Abu Simbel' cortando o deserto rosado, por vezes dando vistas ao lago Nasser que tomou de assalto as vertentes rochosas do Nilo após o represamento.

Renanthera pressionou seu olhar aos céus a represar lágrimas de indignação a princípio, para depois controlar a tremura de raiva que permanecera repousando nas pernas a palma da mão, mas o revirar de olhos que começaram a voejar perdidos, vestindo o reflexo desértico entre rochas envelhecidas de olheira dos deuses. Pecteilis sentiu um vidro entre elas, mas achou ser uma postura pública, e quando mais adiante o carro trafegava atento, pousou a mão sobre a mão, dizendo delicadamente: "Tudo bem?". A amiga olhou com um sorriso entristecido como algo bom que pode se findar a qualquer hora. Mas lembrou, "ainda não acabou".

_ *Lis*, me senti preada e contrariada com o ar arrevesado do Titanum, somos um heteróclito que ele prejulgou de forma xucra, que de fato tem um lado... Ah! Dormi tão bem! Estamos floridas hoje! Esquece a bravata. - E recostou no ombro da amiga.

Pecteilis dirige uma voz atenuada após rapidamente passar os dedos tracionando os cabelos para trás da testa de sua amiga. _ Sabia que o sítio arqueológico que foi transladado das vertentes do Nilo mais de sessenta metros acima, antes da inundação quando foi construída a barragem? Uma ação da Unesco com vários países que levaram alguns monumentos como premiação do governo egípcio, o que inclui o busto de Akenaton. O templo talhado na rocha foi repartido em grandes partes e içado, nos anos sessenta, e houve sítios que ficaram sob as águas do Nasser.

Quase a uma hora, chegaram aos grandes monumentos de Abu Simbel, na orgia da beleza da rocha. Renanthera com uma sensação mista em vergonha e receio sobraçada nos suores do calor e um sorriso amoroso nos olhos. Pensava se avezaria e se teria convicção ferrenha de seguir nesse cume de estigma.

|12 SETEMBRO 2019 15 ÀS 18:10H | PREPARO, PESQUISA E LEITURA, LISTA SEQUENCIADA DAS MÚSICAS PARA AS FASES SEGUINTES, ROTEIRIZAÇÃO BÁSICA AO FINAL E CONCENTRAÇÃO EM MEDITAÇÃO MUSICAL. DEITADA10:30 A 15H COM INTERVALO DE 30 MINUTOS | ESTÍMULO MÚSICAS ESPECÍFICAS. | SEA IN SAHARA – MYSTIC DIVERSIONS, MUSIC OF ANCIENT EGYPT – EGYPTIAN MEDITATION, VOYAGER E SIRIUS – ALAN PARSONS | ND 10 | 3A

Renanthera fechou olhos por um esquecimento. Logo o carro estacionou. Luz intensa de calor desmaiado. Após tomarem água, com pequenas mochilas nas costas e Pecteilis com uma bolsa tiracolo simples, pousaram sandálias encouraçando os passos e pisaduras até frente ao grande Abu Simbel templo com colossais figuras deificadas de Ramsés II, uma cabeça que despedaçada supõem os egiptólogos que pelo terremoto do século zero talvez, pequenas representações de abutres que dá um elo com o cosmo da vida pós morte. Como um marco régio das fronteiras do Egito com a antiga Núbia e seus súditos pardavascos de local emblemático das expedições de conquista e rota de comércio, dá à Núbia a grandeza de reino unificado.

Pecteilis em seus passos misteriosos, com seu pacote de oferenda em minúsculo dobrar entre as linhas das mãos, olha com os brilhos da visão, extasiada, cobrindo a testa para sombrear.

_ Rena! Olha isso! Ramsés II deificado! Essa barba cerimonial era usada no faraó imberbe na consagração! A coroa dupla, *pschent*, representa as duas terras unificadas do baixo e alto Egito, não é espirro não, é o nome egípcio. – Riu - A coroa branca, por vezes verá com uma haste por traz, meio ovalada, é ritualística, deve perceber dentro do templo, nota-se que Hatshepsut foi uma das primeiras que usou.

_ Nossa! É muito grande! Como fizeram para trazer? – Olhava estonteada.

_ Acho que são 22 metros. O templo menor de Nefertari é incrível também!

Elas entram no corredor das colunas de estatuas de Osiris.

_ Percebe que há ornamentação no teto com asas de abutres abertas. Significa que este local é considerado um pátio com céu. Estar sob a terra é próprio da vida espiritual, rituais que são contados no Livro dos Mortos. O submundo deve ser atravessado. Esse local com os deuses ao lado, se não me engano é santuário Ptah – Amon – Re-Horakhty[483]. Símbolos como hastes de carneiro e disco solar representam divino e a realeza.

Elas andam entre as passagens e caveto, locais que são escavados na pedra.

Saindo para o Sol até recobrarem a visão, Renanthera, estendia os olhos pelas águas, que tomavam um espírito de cor *zaffre*.

_ *Lis*! Se antes era um vale com catarata, poderia estar esse monumento olhando a queda d'água talvez...

_ Então. Não sei exatamente onde ficava a primeira catarata, talvez mais para Assuã, presumo pelo nome do Hotel. Mas o sítio original foi descoberto no século XIX, estava coberto de sedimentos e posteriormente um italiano redescobriu e pilhou os objetos nele encontrados. Naquela época levaram muito do Egito.

Ao se deparar com a entrada do templo de Nefertari – Hathor, elas param para admirar as estátuas de incrível feminilidade, com imponência e o *sistrum*[484] de Nefertari indicava sua deificação e ornamento sobre a cabeça que representa o disco solar entre os chifres da vaca, representação de Hathor.

---

[483] Re-Horakhty – é a sincronização dos deuses Ra e Horakhty, ele ostenta sobre a cabeça um disco vermelho circundado por uma cobra. Por vezes tomado por Hórus, mas a cobra difere.Ele é manifestação viva de Ra, como manifestação no corpo de Hórus.

[484] *Sistrum* – ou sistra – egiptologia - objeto musical com uma haste oval parecida com a cruz ansata, com penduricalhos a fazer o chocalho. Geralmente em metal. De culto religioso a Bastet para afastar os poderes ruins de Set. Também atribui o significado de maternidade, dança, alegria. Significados que Hathor assumia.

_ Ela simboliza Hathor, aquele ornamento na cabeça está relacionado a Hathor, um chifre de vaca com disco solar. Ela personificava maternidade e feminilidade. Templo adentra a rocha, faz alusão do mundo acima e abaixo, mundo das trevas.

Dentro do templo com seus pilares quadrados com figuras em baixo relevo de Hathor ou Nefertari, causa um ar contendo o som dos passos em sandálias pontiagudas, odor de mirra, flores secas, que dão um certo arrepio do tempo e da força daquilo que feminiza, a força da própria procriação, enquanto Renanthera observa o peso da vida arcar sobre sua cabeça, com um soar por um tempo como chocalho para entreter uma criança, doutro a delicadeza e suavidade tão oposta ao masculino. Renanthera pendia. Pecteilis deixava furtivamente um papel em chamas em louvação, contendo alguma frase. Empunhando os braços abertos e flexionados no cotovelo ligeiramente em ângulo para frente a saudar Hathor[485] como reverência e inalaram o pó do tempo entre as peregrinações e festejos do significado de força da mulher.

| MÚSICA: DESERT OF LOST SOULS – MADIS, EGIPTIAN MEDITATIONS

Pecteilis pedia rapidez no retorno, o guia afirmava percorrer em duas horas e meia. Sentaram-se no carro a comer frutas e tâmaras, animadas que talvez chegassem à barragem às cinco horas se não tivesse contratempo. O carro deslocava os olhares que sobrevoavam o lago no estrépito de um certo silêncio como asas batidas de abutres invisíveis.

Cada ponto desértico que assumia as sombras em cor borgonha iam dançando o relevo como o serrear de rochas não tão altas como sepulturas ocultas de um olhar semântico de Renanthera com o desdoiro recobrindo palidez em sua alegria do reatar, desse reencontro, da amizade em si, gotejando uma poeira do reproche que feriu seu toucado ornamentando uma joia peitoral, das encrustas de turquesa, cornalina, lápis-lazúli e ouro, com as asas abertas de lado a lado do rei Sesóstris III na realeza de sua razão de chumbo. Pecteilis seguia gárrula, esfuziante, faminta e transbordante das bendições de Ptah, divindade do pensamento e criatividade.

|MÚSICA: SEHNSUCHT E DESERT EMPIRE -SCHILLER

---

485 Hathor – egiptologia – Hwt-hr - deusa do céu, mãe ou consorte. Representa a feminilidade, expressa a música, dança, alegria, amor, sexualidade e cuidado maternal. Ajudava as almas a cruzarem para o pós vida. Representada pelo chifre da vaca, que era sagrada com um elo profundo com o céu, também por leoa, cobra e plátano. Seu significado foi posteriormente tomado por Ísis e Mut no Novo império ou reino novo. Seu epíteto: “Senhora do céu”.

Nas proximidades tomam o caminho à barragem, numa encosta Pecteilis desce fronte a uma via que dava vistas ao Nilo e ao lago, com o Sol poente na sede das amigas, andando lado a lado, com o vento que assopra o enevoar de uma anciã amizade, na aproximação do monumento de pilastras geométricas e curvas amarradas por um círculo como caule, coroa e pétalas que se erguem em um mar de ar imaginário e desponta uma cor ocra para a representação da Lótus da amizade.

_ *Lis*, eu sabia! Vi que havia esse monumento, mas não imaginava seu tamanho.

_ Podemos nos fotografar...

_Prefiro guardar este momento na memória.

_ Querida, deixa-me pegar uma coisa para você. – E retirou a caixa estreita e um tanto retangular cuja tampa se abria presa por uma aba, desenhada em sutis cores que foram envernizadas.

Renanthera olha com uma sombra taciturna de si, um riso tímido, e estende a mão em acolhimento. Abre um lacre de fita que adere e olha fixamente para o conteúdo dentro da caixa, passando os olhos em várias direções, um tanto marejados ou talvez cansados, ou talvez pesarosos, ao mesmo passo que enigmaticamente estupefatos.

_ Obrigada! Dá um passo e um abraço leve e recolhido. – Não sei o que dizer.

Quantum[486]

|12 SETEMBRO 2019 18:10 ÀS 21H| MÚSICAS: VIRGO – ALEJANDRO DEL PINEDO, A QUIET MOMENT – BLISS, SEA IN SAHARA – MYSTIC DIVERTIONS, OLD AND WISE – ALAN PARSONS, THE MOMENT – VARGO, ICE AND FIRE – STIVE MORGAN E LONG LIFE,KISSING– BLISS E TERMINA COM VIRGO – ALEJANDRO DE PINEDO. | ND 9 | 3 A

Um avião monomotor cortou o céu no ocaso, e fez um rasante na água. Depois piruetou duas vezes ao subir e olhos delas seguiram. Novamente ele desceu. E ao começar a arremeter, soltou fumaça, subiu inclinado galgando as alturas. E quando perdeu a força se curvou em queda e desenhou l em letra cursiva. No espanto de um olhar de acaso na tarde que a lua emergia, comida por

---

486 *Quantum* – Lat. – quanto, que quantidade, tanto quanto possível, o máximo possível. Tanto que, tão grande quantidade que, na medida que, à proporção que, ao passo que.

uma nuvem no crescente, Renanthera expressou uma exultância de um ato, e Pecteilis sentiu-se intrigada do voo anônimo.

Percorrem a quietude até o Cataract.

A amplitude do afeto demole o significado de fronteira.

A lua que platinou os pratos da mesa do terraço rebatendo pássaros mumificados da água e as luzes esquecidas, porcelanas amarradas em fios de prata e papiros submersos na mente ensandecida, hieróglifos de luzes que acendiam, por vezes a razão espumava por alguma bolha de água qualquer que se partisse e algum pássaro que na noite se refrescava num decair de rostro contra as águas da eternidade. O mestre camareiro ofertou-lhes um drink inglês, entre gelos dois Pimm's regados a gim com o olor do limoneno, com folhas de hortelã e rodela de pepino.

Pecteilis adentra o quarto sobraçada de uma certa alucinação, e decanta nas luzes esverdeadas contra o bordô que abraça ânsias compostas de sensações lembradas que têm vontade própria e querem percorrer as dermes. Ela folheia seu bloco entre as caligrafias de fumaça do avião, com as palavras de uma carta. Renanthera falava com sua filha respondendo mensagens. Ela prepara um envelope branco e guarda num bolso nunca usado da bolsa de sua amiga.

Entrega-se aos tecidos das folhagens entre vento de sol e ceifa para um horizonte desértico, com um leite emanado para o céu. Uma dança de espíritos flamulando os ares como águas de um universo esquecido. O ventilador sacode os pensamentos sem peso da amizade que corre um uádi seco percorrido, entre as serpentes prontas ao bote, encapuzadas de preto brilho e olhos ardentes de fogo. Pecteilis gusta os demônios derretidos nos gelos aprisionados em alvéolos de laranja.

Renanthera se desmonta como uma coluna anelada de suas armilas, como relevos que derretem o calor de drapejados esquecidos no rosto. Como o inebriar diletante a música movimenta as plumas dos dedos que pairam caindo sobre os pômulos de Renanthera na percepção de sua forja numa espécie de cegueira lenta e intacta. Tão imperceptível como a plúmula que não se entrega ao rio. Apenas navega a tangência.

Um momento apenas. Longe de tudo. Nas sombras bistres núbias e um ressoar longínquo das margens opostas e o serrear renitente das terras natais, e em hena em si marcam os caminhos da carícia de cada contorno de pétala e

suas sombras projetadas nas saias das outras pétalas enfeixadas nas luzes das cores predominantes que a claridade queima. Como lignificação a tez é recoberta de substâncias incendiárias, com os dedos que contornam o desenho crayon em licorices[487] traços dos olhos ocultos dos planos da luz, como concavidades do deserto guardando um oásis brilhante de olhar.

Um voejo delicado, um repouso arrepiante num rastro de pássaro de fogo, que desatinado corre as flâmulas nos lenhos, com as escâncaras agônicas que tomam as nascentes que jorram incessantes águas espremidas das carnes de frutos. As sedes do deserto na devora dos veios úmidos acolchoadas em alfombras de plumas que transitaram os céus que descem em chuvas de meteoros caladas na humildade de uma consagração.

Pecteilis sentia o dardejar dos raios que recaíam sem tempestade, que aquentavam o sangue que, vomita-se pelas entranhas, socando atabaques que lhe davam o real rumor da viveza, e Renanthera consumida da repetição aguilhoada que a enraivecia de si mesma. "Flores murchas" que rebatia num verter oleaginoso prateado pelos lábios num arfar sibilando "Beije-me".

Os dedos dos gelos elétricos e as estranhas propriedades do cobre, percorriam lentos por entre os vãos dos cabelos como as ondas se espumam e estralejam bolhas.

_ Os esquecimentos não esquecerão as lembranças.

_ Delenimentum. Perfícus. Eburnĭus.[488]

E como a troca das asas e como a queda das folhagens e como o pender do trigo e como o arrastar da boca do vento, e como o propagar da voz engasgada do fogo e como o socar da chuva caída e o engalfinhar das águas e como ondear dos brilhos da lua e como as espadas da luz e como a lascívia fauna e como o emaranhar das trepadeiras e como o cair das águas da catarata.

Como gelo e fogo, as forças das sensações dos raios elétricos percorrem ramagens únicas em um choque simultâneo na estática ou em lâminas de fogo minúsculas com o poder de mudar a estação ou desabrochar a flor para um instante infinito.

_ Eu não poderia sentir que não fosse através de você.

---

[487] Bistres e licorices são nuances de cores.

[488] *Delenimentum* -i – Lat. – 1. O que acalma, abranda, lenitivo. Atrativo, sedução, engodo. 2. *Perfícus* –a um– Lat. Que completa, termina, aperfeiçoa. 3. *Eburnĭus* – Lat. Ebúrneo, da cor do marfim.

Renanthera recobra o olhar repousado no rosto, como uma meditação serena que registra cada pequeno estremecer, cada ruga que se alonga, cada músculo que eleva o lábio e que abrilhanta o sorriso, na felicidade translúcida que pode secar a chuva, extinguir o calor, a sega do medo, a revelação do afeto supremo.

Assim Pecteilis pairou suas mãos em v no contorno até o queixo, ali deixou o calor nos líquidos dos perfumes, nas dunas assopradas em linho egípcio.

Sela as dobras da boca com um selo: Salvaguarda dos monumentos da Núbia, Unesco 1959, na imagem em argila borgonha de Abu Simbel salvo da submersão. E diz:

_ Nenhuma relação fria pode possibilitar tocar o céu.

ξ Navigat in nubibus[489]

|16 SETEMBRO 2019 16:42 | 3 B |

Nascente do dia causava uma visão torpe sobre o rio, na indefinição da completude, na razão das proporcionalidades, um ar prometendo a fusão do aço com levezas de plumas que sopravam das frinchas da janela e deixava uma fina poeira navegante em tapetes voadores invisíveis, que ambas olhavam serenamente as ondas que faziam em ondear de mechas que se perdiam como bafejos de ouro advindo do rostro do pássaro na gárrula de esperança.

Pecteilis olhava as correntes de vento, arrumando as coisas na ilusão de cumprir as etapas dos lugares, reservando uma surpresa em cada local na própria surpresa que aqueles *blandimentis*[490] e na frutificação sagrada da tamareira, nos relevos dourados de seu bracelete pelos desertos tempos, a grande dádiva de uma entrega de sentimentos que ali deixavam a permanência do perfume *sisinum* que reunisse em si algo que simbolizasse o elo entre elas.

Renanthera olhou para o deserto que esperava até o mar vermelho, que cortaria antigos locais de minas até um litoral do desconhecido de si mesma, pela primeira vez não sabia mais sua vida. Sentia a desolação de deixar os recintos, deixar aquela atmosfera de um mundo antigo que restabelecesse o tempo, as cores maravilhosas das luzes, dos aromas e sabores e mistérios de si, dela, olhava o andar como a tentar recobrar a memória ainda viva do agora, fervilhando a pele de uma marca mais profunda do significado de afeto, algo amalgamado em uma matéria nova, uma liga nova de cores e brilhos jamais conhecidos, talvez reunidos numa *sardŏnix*[491] uma gota que ficasse como pingente para guardar no peito seu maior ato de coragem e amor desprendido.

A atmosfera prometia ventos tempestuosos, como fumaça que flamejam da rocha vermelha, nas chamas que são jogadas ao ar, dos momentos mais insigne de ambas.

Carro que cavalga a poeira de uma desintegração daquelas noites, largadas para as areias do tempo, no solo em solavancos, silêncio no riscar assobiado áspero

---

[489] *Navigat in nubibus* – Lat. (Ela) navega nas nuvens. – *nubes* -is – nuvens. No ablativo plural.

[490] *Blandimentum* –i (Blandus) – Lat. carícias, carinho, lisonja. Encanto, prazer, doçura.

[491] sardŏnix, sardonycis – Lat. – sardônia, pedra preciosa vermelha, com pequenas marcas internas que conferem tons tendendo ao marrom, castanho, vinho ou um efeito marmorizado de negro. Significa revelação no lado místico. Seria a cor que reveste o lugar aos escolhidos.

do *calămus*[492] grifando tintas nos papiros com as fibras ressecadas entre desenhos dourados de um lado e tons azuis marcados por negros hieróglifos, que Pecteilis se punha a grafar registros de si, em cálamo com hena. Assim no velho hábito de anotar com o veículo trafegando as ruas e estradas dos momentos de vazio.

Dizia entre alguns estranhos sinais de culpa.

"Datura, meu querido, parceiro de tanta coisa, vivi o extraordinário da vida, tantas vezes quis isto a você. Não consegui entender o desprendimento, por tantas vezes não compreendi o sentido mais horizonte das dunas, a própria liberdade de suas partículas de irem se movendo com as mãos do vento. Não compreendi o sentido de liberdade, até sentir o que senti, e me ver no direito de senti-lo. Perdoe-me pois não consegui compreender seu deserto. Mas tudo conflui que sinto enorme preciosidade de cada tempo que dividimos, ruins e bons, e no sentido amplo do seu carinho e da sua compreensão, muitas vezes de formas que não foram visíveis por mim. Ainda quero dar um abraço afável e um dia ver que experimentou algo assim. Sei que deseja que eu me sinta assim, assim quero que se sinta. Com amor em letras do nosso ouro de valia. Pecteilis Radiata".

Os ventos revolveram areias, o carro balançou e a visibilidade foi asfixiada de uma fumaça do tempo, enquanto amigas elas usavam alguma roupa para cobrir seus narizes em algum coriscar distante, uma *lusŏria*[493] com largas velas de uma barcaça embarrigava dos aspectos mais díspares de cada jornada, no mistério do próximo excerto, num sorriso longínquo nos olhos tigrados de Renanthera e de opalas negras nas íris isentas de opalescência, que Pecteilis cintilava seu momento de maior esperança.

Entre algumas horas, foi quase impossível a visão, como uma primavera passada, uma clareira se fez repentina e providencial, na aproximação de um porto no meio do nada. Um estranho efeito refletia o Sol a pino como se fosse um crepúsculo sedimentado na água, em filamentos de brilho vermelho, e o barco com os remos inertes contavam com duas velas grandes, em estrutura rústica amadeirada no cavername com taludos de papiro nalgum canto, e ranhuras que davam régua aos milênios, como algo que se permitisse estar assente num

---

[492] calămus –i – Lat. – cálamo, cana, haste de plantas, flauta, flecha. Caneta, pena de escrever.

[493] *lusŏria* – um barco iate. Deriva de *Lusorius* –a –um – recreativo, feito por brincadeira, fictício. Outra definição é jogo. Assume o sentido de barco fictício, ilusório.

estranho rio duma caligem que surgiu repentinamente enquanto as duas adentraram e uma espécie de capitão entre desenhos arabescados de hena nas mãos e braços, e olhar sombreado ordenou aos dois imediatos a partida, Ba e Ka. O barco começou a deslizar até ouvirem-se gotejamentos acachoeirados da quilha soerguida que desandava a cortar o leito de um rio leitoso, enquanto numa expressão enervada Renanthera segurava tensa, Pecteilis apoiava a mão esquerda sobre o ombro fazendo pequena pressão no trapézio com brando sorriso.

_ Renanthera, mandei uma mensagem tênue para Datura. Espero que ele se conforte com minha distância. Creio que ficou um pouco sentido, mas sério, queria que ele ficasse tranquilo, tenho benquerer e queria poder fazer jus ao tempo que tivemos boas coisas, mas a aridez da vida dele comeu o redor dos olhos, numa estranha cegueira e esquecimento entre nós.

_ Eu ia perguntar. Preferi esperar que dissesse. Ele está esperando você? Deixa-me responder... Sim. Não é?

Pecteilis sorriu tristemente, porque no fundo desejava e sentia por ambas pessoas coisas demais para conseguir uma trilha lúcida de explicação.

_ *Lis*, você não revelou aonde navegaremos. – Renanthera afligia uma ruga que decaía a feição de flores. Como um primeiro sinal de outono, o revirar das pétalas ao vento. _ Vai ser a última vez que embarco sem saber...

_Há uma passagem feérica quando estivermos bastante alto, todo esse caminho está numa dimensão que não conhecemos, portanto passaremos a noite viajando mas, atravessaremos o mar Vermelho e o Golfo e avançaremos uma distância como se estivéssemos dentro de uma constelação. Eu duvidava, mas a navegação etérea diz muito, porque não estamos na mesma realidade.

Um vento que soprava, conforme o Sol parecia angular, as nuvens que ilhavam uma espécie de água que na verdade era céu, foi desaparecendo e um azul *purpurĕus*[494] com a visão de pontos estelares abaixo da barcaça, como o ouro forjado nos cumes de monumentos, pirâmides e obeliscos, que iam ficando para trás.

---

[494] *purpurĕus* –a -um– Lat. Purpúreo. Da cor púrpura (incluindo vários matizes de cor: vermelho, avermelhado, vinho, amarronzado e preto). Vestido de púrpura. Brilhante, bonito, radiante.

Umas vibrações tremularam as velas. O Barco começou a afundar e se elevar num breu, e Renanthera mareava enquanto Pecteilis estava abismada. Elas entraram na pequena cabine, que contava com almofadas num canto sobre tapetes orientais.

_ A noite será longa, tente relaxar. Essas turbulências são magnéticas, mas eu creio que teremos uma espécie de amanhecer único. Descanse amiga! – Então murmurou-se – A dor de estar no passado impossibilita qualquer bem estar com ele...

Renanthera, desconfortável pela sensação de risco, pelo medo mais agudo sobre sua existência, pela falta de crença no que estava vivendo enervava o amplo silêncio do vácuo, numa agonia que lhe fazia ver cada minuto dos tantos momentos agônicos vividos por Pecteilis. Ela sentia de forma abrupta e ininterruptamente cruzar de algum meteoro tangenciando a atmosfera, e fazia um raiar prateado esverdeado que se pulverizava. Resolveu se acomodar na almofada e sentir uma gota de gratidão de sua amiga estar ali naquele suplício de um âmago profundo de si mesma. Um universo interno que virava ao avesso, como tempestades e relâmpagos, e chuva torrencial ou som de gritos que trincavam os ossos. Pecteilis, *quondam*[495] houvera navegado e de certa forma feito uma purga, não havia um caos nesse momento que a esperança, dera-lhe uma estranha crença em Amon, no oculto movimento dos ventos. Pela primeira vez sentia intrépida, mas o frio que subia em espiras o corpo advertia uma intuição úmida de uma memória reprovável, uma memória lodosa além da cabeça de chacal e que agora ela relutava ter qualquer sensação similar na ilusória da travessia. Por um instante que se supunha meia-noite a cor opala enfumaçou um denso nevoeiro negro insípido e inodoro, cegando as visões como um lago profundo para o qual somente se ouve tilintar dos seus vidros com fraturas e lascas, sem que se saiba se vai pisar em um de seus próprios cacos. Esse momento cada uma não podia ouvir nada nem se confortarem e essas quebras de suas próprias razões, objetivos de vida, vergas e concessões que fizeram acerca de tudo em que acreditavam, ressoava uma dor insensível, para que de certa forma marcasse num fogo invisível máculas sem cor nos braços e uma espécie de sabre de marfim no músculo do amor. Houve uma espera, uma chuva mansa que se iniciou, fraca e tênue, os movimentos calmos davam a inércia desacelerada, e as cores do espaço e o verde *pakistan* ia esmaecendo com a aparição de uma cor bizâncio e sangria.

Renanthera despertou com a calma do olhar de Pecteilis para si, e tudo pareceu inerte ou parado, como se apenas o planeta virasse muito lento num gradiente de cores que iam mansamente alternando para fandango e *red-violet*, e

---

[495] quondam – Lat. Certa vez.

uma cor *cerise* preencheu a abóbada completamente enquanto olhavam um estranho arredondar do solo, como um lugar dentro de uma redoma de vidro, e dentro dum espaço que não era normal. Então o céu ficou rosa e mais rapidamente se clareou.

Como um atravessar de uma cachoeira de brumas repentinamente um lugar verde montanhoso com picos altos ao longe se desponta num céu pálido que transitou da cor lavanda *blush* para lavanda.

|18 SETEMBRO 2019 15:15H | LISTA DE MÚSICAS MCROMARO AFFECTIO INSPIRAÇÃO.|3C | MÚSICAS: SINCE THE LAST GOODBYE – ALAN PARSONS, MEDIANOCHE – AIRSTREAM, VIRGO.

Sabres de gelo de serrear complexo em uma nova plaga, um impregnar profundo. De algo que as corta. De algo que as fere. Uma substância que se aprofunda nos poros de um giz, com a cor contundente de verdades ignoradas. O silêncio dá lugar a um rugido, como uma nova espécie de farfalhar das altaneiras frondes, de espadas de verde espigadas, que martirizam com a queima de fumaças incensárias dalgum mosteiro que guarda a infinita cor bandeirolada da razão centrifugada ao sentimento, um nado de peixes adversários, entrelaçar das partículas em díodo circuito.

Como um velho céu a que se conhece e desconhece, com tudo nele que o indefine, com as curvaturas do tempo, com a prenha do futuro imediato, com a estranheza do gélido refrigério e flautitantes sons de *danphes*[496] coloridos que dão um arco-íris próprio, o barco as alija para uma via vazia e empedrada com o tecido que agasalha de mato descabelado nas bermas, como estranjas a si mesmas, com retumbar de estridente balido, elas e suas bagagens nas cercanias de um urbe de cumes que pareciam confeitos coloridos de bolo, atacados por estacas de insculpires completamente rendados da própria teia da vida, em díspar ao que viram, o vento fresco as regelou ao mesmo que as fez arrepiarem-se ao sentimento de voz pairada sobre uma espécie de todo, uma confraria dos tempos que lhes dava plenitude do que foi vivido.

Dão-se a caminhar ao casario quejando, entre seus arabescos e cúpulas arredondadas, entre diversos varais de bandeirolas coloridas. Torres guarnecidas de pequeninas torres similares, colunadas e encimadas a prédios que pareciam bolos verticais de confeitos. Casas empilhadas de águas de telhados trapezoidais e uma confluência de cores circundada de montanhas, como uma brecha no serrilhar, uma planície diminuta.

---

[496] *Danphe* – Faisão *Lophophorus impejanus*. Faisão-do-Nepal.

_ Pecteilis, qual seu plano? Como chegamos aqui dessa forma?

_ Se chega no momento agora da vida, com os passos que já deu. Vai ver, tem uma hospedagem muito acolhedora e um monastério interessante. Vim a um convite.

_ Ah! Conhece alguém? Estou surpresa. – Murmura com certa apreensão e fleg-ma, com um risco do carvão da queima sob o olhar.

_ Rena, admire a mansidão da altura, a festa das cores, e colha seus melhores argumentos.

Renanthera andava e carregava consigo aquelas fotografias tatuadas na memória do tálamo de um elo que passou a vida tentando serrar a fusão de platinouro, jogando água de arrefecimento, mas cada passo e cada flâmula farfalhando ao vento, no meio das pessoas, dava um senso enérgico, uma vontade contrária, e sentia-se vívida em contrastes de cores quentes.

Pecteilis, adentrou um largo corredor que ficava lateralizado ao jardim e piscina, abraçadas de temperaturas mais amenas, nessa época, num prédio imponente construído em forma de u, caiado em amarelo *mikado* com recortes de relevos pintados de branco, sobre janelas de arcos e batentes de madeira negra envernizada, com pequenas mini torres de cumes como sinos esguios brancos.

Subiram ao aposento imponente, com uma parede de textura de tijolos recobertos de um tom rosado argiloso, contra ornamentos de relevo amadeirado *burgundy* com insculpir de flores e caneluras retangulares esguias, com os cantos roubados. Cama enluvada e recoberta de uma faixa de véu branco, uma sala contígua com sofás vermelhos e arranjos florais vermelhos e galhos secos negros que enraizavam os ares de luzes laterais, e janela com a austeridade de moldura imbuia que trazia os cumes das árvores do jardim, e azul profundo de um olhar vago.

_ Vamos ao Piano Bar? – Pecteilis vibrante convida a amiga a deixar os pesos mortos para trás, e dar primeiro passo nesse limbo estranho repleto dos incensos das suas dúvidas e dos pesos dalgum rancor e dalguma umbrosa ufania.

Em um andar até a porta, como uma *cordax*[497], cada uma ataviada de sua própria douradura, na graciosidade em *renudatae*[498] invisíveis, mas sentida em um abraço que Pecteilis inicia como um acolher do momento maduro como a uma possibilidade. Assim permanecem aquiescidas diante do dintel que aferroa a

---

[497] *cordax cordacis* – Lat. – dança licenciosa. Retumbante.

[498] *renudo* –as –are –aui –atum – Lat. – despir, expor, revelar, desnudar, despojar. No particípio passado, plural feminino.

porta, incrustado de figuras indianas interligadas que pouco se definiam, ensaiavam o caos de um rebuscamento.

Perpassaram o arco para o bar, como quem atravessa as cortinas d'água de uma cachoeira, que o ar embebido de *malobăthron*[499] impunha o inebriar sonífero da verdade. O lugar com luzes de luminárias presas nas laterais das paredes de tijolinhos rosados, com recortes de batentes largos para janelonas de altivo meio círculo, envidraçadas com um olhar de tênue obnubilar leitoso arranhado por uma parede de tijolos esquecidos à quina com inúmeros sinos ali decantados, com um balcão de grossa madeira negra, e música arpeada que percorria as frestas das peneiras que ocultavam as lâmpadas de alguma ressalva.

Nos nichos de cada grande janela, havia um berço da mesa negra com cadeiras de espaldar arredondado, e um banco emparedado. Elas sentaram-se e como convivas no melhor tempo de suas cordialidades que adentram o quarto de dormir do matrimônio que tiveram.

_ Lis. Como define seu casamento?

_ Nossa, deixa-me beber esse vinho aos borbotões para responder. – Em sua mente um enorme vórtice de tontura passava as lâminas de gelo nas costas de seu itinerário. "Como pude?", suspira e despeja:- _ Datura era um bonito sorriso que escondia o entoar mais demolidor de sua voz e de sua falta de amorosidade. Sempre soube que era o pé mais alicerçado na terra, sem nenhuma vocação para os riscos da escassez. No entanto tinha um bom sexo, objetividade e razão que me foram furtadas em algum panteão antes de encarnar. Fomos consumidos pela vida e pelas nossas experiências erráticas e meu carma afetivo.

_ Eu vivi nauseada pela água de temperatura furtada, depois acalentada por uma espécie de flor de única floração, depois por um tipo de situação que me dava veículo de fuga para mim mesma, aonde eu deixava muito das coisas que gostava a satisfazer aos interesses dele. Uma sensação de vazio e da perda que sofri enregelavam meus olhos e as paisagens foram perdendo o ar de vivacidade que continham as melhores lembranças. Parecia um lugar cuja poeira envelheceu e seu melhor ar de saudosismo não era capaz de restaurar. Algumas coisas me deram menos solidão, mas depois sentia essa desfiguração de locais que me eram caros, e nada nem ninguém podia fazer eu me sentir como houvera sido com ele.

_ Não posso dizer que sei, Rena, mas chorei sua perda. Devíamos ter-nos visto naquela época. Talvez tivesse sido diferente.

---

[499] *malobăthron* –i – Lat. – Malóbatro (árvore, que dá essência a perfume), essência de.

Renanthera olhava para o arranjo de flores que se impunha no centro de mesa do lobby longe e quase por uma fresta, numa neve que transpirava, fazendo apenas seu cimo criar uma pequena similaridade do ondear desértico, tomando um gole farto do vinho na certeza da vindima que não virá, com boca repleta de um desejo taciturno de uma perfeição de beijo, recolhido em um degustar irritante apimentado de um *achaar* e *momo*[500]. Um olhar triste passava delicadas mãos na pele intrincada da vida de Pecteilis, em seu rosto pálido e castigado da queima da geada, e respingos da travessia.

_ Renanthera. – Chamou ao olhar. - _ Como se sentiu comigo?

Ela ficou pensativa por quase meio minuto, sem perder contato com o olhar.

_ O sentimento mais misterioso. Sensação daquilo que tem delicadeza, certamente, senti esse embevecimento com estranheza. Uma espécie de eletricidade que permanece no toutiço, que corre como um refrigério as costas. Fez-me acordar com um gelo na barriga como o medo mais profundo.

Pecteilis curvou lentamente a cabeça para um ângulo de se dispor à compreensão. Algo que diferia.

_ Eu sinto muita coisa, de serena completude, paz, e um receio que me aterroriza sem saber o que seja. Mas naquele momento eu esqueci de tudo. Somente havia essa exuberância. Talvez escritos sejam mais apropriados, um que fosse um dístico inesquecível. Não creio ter sido capaz de compô-lo. *Incantamentum*[501] de amor.

_ Obrigada! Ah, eu preciso ir à toalete. Preciso trocar a roupa. Termine seu vinho. – Ergueu-se delicadamente trêmula, olhou ao redor vazio, olhou novamente, postou ao lado de sua amiga, passou a mão esquerda em seu rosto e cabelo, ela se virou e ela curvou-se e entregou um selo.

> *Selo Nepal 1972, coração vinho. Com as inscrições sobre a marca d'água verde clara:*
>
> *"Your heart is your heart".*

Como uma dança lenta das pernas que pareceriam madeiramento flexível dos dintéis das estruturas de Pecteilis, ressoando uma música antiga de Alan Parsons na cabeça, ela olhava para amiga em seus passos de lince, desaparecer. Ficou ali, e estranhamente a luz atenuou com nuvens.

---

[500] *achaar* e *momo* – culinária nepalesa, picles bem apimentados e um bolinho de carne de cabra, mas pode ser feito de outras carnes.

[501] *incantamentum* –i – Lat. – encantamento, encantos.

|MÚSICAS: LET IT RISE – SCHILLER, SETTING OFF KATHMANDU – DARIO MARIANELLI.

Pecteilis, levantou e saiu furtivamente para o quarto, deu-se conta que iam excursionar pela cidade, antes do dia seguinte com ida ao mosteiro. Chegou ao quarto com mãos que tenuemente não provocam solavancos do destrancar da fechadura. Entra e um ar vazio azulava antigas luzes da vivacidade. O ar da viveza dava lugar ao tamborilar da mente, numa aflição indefinida. Foi até o vazio do banheiro. Ao retornar à sala, passou pela cama e viu a caixa.

As cores do desenho envernizado das suas antigas emoções, jaziam.

O presente deixado soou o gongo da lâmina de gelo bater uma contra outra e Pecteilis, entre proferires ininteligíveis *evocavit*[502] no fervor de seu torvar de desespero crescente.

Ela se pôs a *defleri*[503]. Abriu a caixa de presente e revisitou o conteúdo, em deplorável sensação de uma morte que sopesava uma parte da carne de seu coração. _ Ela disjungiu. Não acredito que fez isso.

Pecteilis encarangou-se ao tempo infinito de cinzas nuvens. Como se Renanthera tivesse uma draga, tivesse sugado tudo de dentro e ressecado imediatamente a flor, que oxidou as pétalas, que encurvou, se retorceu, enegreceu com ferrugem, em um gradiente marrom se impregnou. Parecia um ferruginoso herbário contido num selo depauperado e amarelado de antiguidades esquecidas e sem preço estimado, com carimbo de uma fatia dum círculo *itinĕris*, por onde fora postado.

Renanthera saiu sem olhar para trás. Cada passo parecia ressoar em suas articulações, e olhava para o casario e templos que atonalizaram. Ela arcou com a bagagem e tentava conter um descontrole da respiração. Perambulando entre muitas pessoas que estavam empolgadas com o lugar, ela serpenteava deixando estranhos sonhos que sempre se apagaram ao acordar. Seguiu para o aeroporto. Checava suas coisas com incessante estranheza que parecia fazê-la supor ter perdido algo. Todo rumor tamborilava incômodo como facécias, como uma piada de mal gosto, fazendo regurgitar vindima seca.

---

[502] *evocavit* – Lat. na terceira pessoa do singular no perfeito indicativo. Verbo *euŏco* – as –are –aui –atum (e-vox) – chamar, fazer sair, mandar vir, convocar, recrutar, citar, intimar, requisitar, provocar, excitar, atrair.

[503] *defleri* – infinitivo passivo presente – chorar. De Deflĕo –fles – flere – fleui – fletum – Lat. – Chorar, deplorar, lastimar. Chorar amargamente.

As luzes foram deslizando parede, para o olhar mortificado. Pecteilis se encolheu sem se extasiar com as construções antigas, igrejas e jardins. Deixou de sentir o aroma das comidas exóticas e olhar os rostos humanos do povo daquela terra, e de sobrevoar montanhas. O oco ressoava seu caminho perdido. Desorientada e confusa não tinha atitude e sua exasperação tomou o choque da penumbra progressiva das horas. A dor se sobrepunha por tantas dores do despetalar, no apedrejamento de granizos, e o coração parecia tão pequeno dentro da palma da mão. Aquele selo definhava aquele ressoo líquido e insípido, o grande silêncio sem adeus. Ferida ficou jogada pela suntuosidade das mantas coloridas, e das sombras escondidas no rebaixo de cada relevo. "Não acredito que não há mais destino para as cartas, não há manuscrito e nem mão para poder fazer um ato de amor, uma expressão de salvaguardo de si mesma. Por que me abandonou de novo?"

Os olhos sepultavam as cores da caixa do presente. "Amanhã...".

Entre o estranho sabor da solidão servida em *Dal Bhat tarkari*[504], e dissabor envasado com uma garrafa de vinho, Pecteilis deitou nos travesseiros em lateral e estendeu a mão para a ausência e tentava enxergar as cores da florada de Renanthera, mas por mais que olhasse não a via, até que depois dos olhos trincarem, fecharam.

O voo acomodava Renanthera num espaço confinado entre suas aflições, o tempo todo se dizendo frases prontas como se fossem parte de uma ponte estaiada que pudesse se prender um a um o estirante a permitir cada passo. Sem posição para um lumbago e os valores caros de um preço que sentia empobrecer, ansiando sua casa, sua cama, um porto seguro que nem imaginava o que podia ser, esperava ser sua casa na ordem exata do que determinava. E adormeceu no jejum de suas próprias palavras.

Pecteilis despertou na madrugada, enjoada e vomitou. As ondas da ressaca, de um mar que sumira da praia, empalharam sonhos nos pássaros que caíram com granizos. Suas plumagens não tinham esplendor e as penas rêmiges e rectrizes perderam o arrepiado de leveza, estavam murchas grudadas em oleosidade da mesquinhez.

---

[504] Dal Bhat tarkari - prato da culinária nepalesa. Sopa de lentilha, grãos e arroz.

Renanthera notou antes as luzes do dia, se dizendo que o passado era a última página desse livro. E numa página rasgada de revista inútil anotava afazeres como algo de suma importância, dobrando junto com um orgulho altanado por si, no equívoco de percebê-lo como autoestima, e a náusea tomou a garganta com vapores do nada. Fingia a si mesma quando estava sentindo as cores da tristeza.

A casa era arejada, o tempo primaveril se anunciava com pássaros em abundância, e Datura pacientemente arrumava as coisas, com olhar revestido de alívio com anúncio de um breve retorno.

Pensava olhando o fremir das bandeirolas como um jeito humilde de não se rasgar com a força contrária. Pecteilis admitia que a paz havia sumido do rosto, mas prudentemente sabia que ninguém poderia ter o direito de subtrair as plumagens mais importantes da sustentação do voo. Dia perfeito para o monastério, se dava conta do quão importante, só não pretendia reviver esse desespero.

Egenae[505]

| 19 SETEMBRO 2019 12:31 ATÉ 20 SETEMBRO 0:30 |MÚSICAS: JARRA – SEGG – SHKOON, DYING STAR – YORK, SINCE THE LAST GOODBYE –ALAN PARSONS, BISTARAI – ROHIT JOHN, ABHIMAAN – ALBATROSS E ATTI BHAYO, WILDFIRE – BIPUL CHETTRI, SETTING OFF FROM KATHMANDU E LIZ ON TOP OF THE WORLD – DARIO MARIANELLI, SPIRIT OF THE EARTH – STIVE MORGAN, CARAVANSERAI - KARUNESH

Pecteilis ganha o Sol da rua, carros e carrocinhas a pedais ostentando cores vermelhas, e motonetas de todo tipo passando aos milhares. Pecteilis aguarda na frente do hotel, os dois motoqueiros estacionam, e ela se esforça a dizer que somente um irá, que houve desistência. Então ela sorteia com um pequeno papel na mão. Ela combinara falar a um monge, mas estava no calundu da ressaca. Vestiu o capacete e um nepalês de rosto esguio, com dentes falhos montado a sua frente, com cabelos negros e brilhosos de óleo liga a moto.

505 *Egenus* –a -um - Lat. - o que tem falta de; privado de; pobre. Forma nom. plural feminina.

Destemida, Pecteilis fecha os olhos para sentir apenas o vento com a cara exposta.

Bradou nas primeiras golfadas de vento: "Samsara[506]!"

O motociclista guiava, virou-se e sorriu derrubando o teclado de piano da boca, em um inglês arrastado mostrava os predinhos pintados de bordô, placas de todo tipo de comércio, dirigindo pelo lado esquerdo, no furdunço do entrecruzar de motos e carros, num gracioso caos e desenhando contornos aos buracos e asfalto derretido em chuvas do passado; os pedriscos atingiam o peito dela que tentava respirar a paz tão sonhada, expelindo granizos de litíases dos sofrimentos e injúrias da vida, expelia fortemente tentando um passo a despojos que não queria, acabara de ter conhecido...

Despojo da sibarita que entre perfumes e cetins, ainda lembrava êxtases alcançados de amor, numa aderência de sua felicidade, dificultava ver como tal amor poderia afastar da paz pura e que tinha que abandonar o sentir das sensações. Por outro lado, expelia a sensação de reprovação e repelência, procurava o saber profundo dos gestos de amor existidos que soassem mais como aqueles toques no couro do bumbo *tabla*[507] e soar de *ghungroos*.

Saíram da cidade, em estradas que por vezes se estreitavam, por vezes não eram pavimentadas, surgiam vistas da vasta cidade em construções, crianças correndo na rua, templos que despontavam em meio ao casario cimentando um passado de refúgio de tibetanos. Pecteilis pensava em respirar a liberdade individual num assobio lamentoso do vento naquele momento especial que achava tão interessante trazer ao conhecimento de sua amiga. Tarde.

A subida entre algum desgarrar e desviando de pessoas, e dos sentidos mais obscuros do destino. Pecteilis sabia que precisava sopesar e entender um julgamento depois da travessia da barcaça de papiro, sabia que tudo colocava carga na bagagem do futuro, um que não estava visto na face da catarata, estava além. "Esta manhã se aproximava do frescor da flor, sinto tanta falta!" - Pensava, enquanto uma enxaqueca avançava sobre a luz que seus olhos lambiam o mel.

---

[506] *Samsara* – sânscrito – vaguear, mundo, mudança cíclica no conceito de renascimento existencial, transmigração, reencarnação, ciclo cármico. Sobre o budismo LamRim, sobre o primeiro estágio, a busca da felicidade no Samsara, alto renascimento.

[507] *Tabla* – música indiana – percussão, dois tambores um de madeira *dahina*, outro de metal de som mais grave *bahiya*. O *ghungroo* é um conjunto de sinos que se prende ao tornozelo.

Renanthera estava no voo longuíssimo já há 16 horas, havia se tornado noite de uma crescente náusea, suava frio e revirou os pertences em busca de um medicamento. “Eu não precisava homiziar. Lamento não ter conversado. Eu ficarei bem, minha família não entenderia. Mas ela foi mais que amiga, ela me cuidou, me suportou no meu lado mais negativo e me deu coisas que ninguém jamais poderia. Fui tão ingrata, na verdade não, dei amor, mas será que era amor ou alguma loucura da idade? Um arroubo da insatisfação ou vazio afetivo, talvez tivesse me aproveitado dela. Não. Não é bem isso. Os gestos eram traços que haviam ficado interrompidos em algum lugar de mim mesma e de repente perdi meu autocontrole. Preciso me controlar”.

Pecteilis desce da moto e ganha alguns patamares com um lindo panorama de montanhas e o berço da cidade. Sentia-se no topo do mundo, porque aquela agitação dos monges, crianças iniciadas no budismo, aquela profusão de cores das plantas que recobriam como rendas, por vezes estátuas e relicários guardando Buddhas pintados a tinta dourada. Uma pracinha com um lugar redondo que como um monumento erigido em camadas de escadas, guardavam Buddha dentro de um tipo de caverna redonda branca com o teto apontando ao céu em acabamento arredondado como confeito. Um chafariz que jogava brilhos para um conjunto de estátuas douradas e logo ali, um templo, com paredes em carmim carnáceo, e as vestes farfalhando cores carmesim em suas *antaravasakas*[508].

Um monge recepcionou-a para o templo, com aquele telhado trapezoidal, ornamentado com barrados de madeiramento repletos de incrustações em cores grená, na parte de fora um felino de dentes à mostra, em corpo todo amarelo arredondado, assemelhava-se à uma carranca. As paredes eram ornamentadas em cores rosa, filamentos dourados e dentro, era amplo, repleto de lugares com pequenos colchonetes quadrados com uma almofada redonda para acomodar em posição lótus na meditação. O fundo parecia um enorme altar, preenchido de cor grená, dourado, amarelo, e muito rosa fúcsia. Retratos dos Lamas emoldurados entre flores e velas, incensos e talvez oferendas. No centro um nicho com foco de luz natural estava a imagem possante de Buddha.

Aquele momento os monges se reuniram em pé para recitar o Prajñā Pāramitā Hridaya Sūtra[509], lhe explicara o monge, sorrindo para, inclusive outras pessoas

---

[508] *Antaravasaka* – tecido que é usado a enrolar o corpo do monge budista, em cores açafrão ou carmesin, grená. Pode ser longo até o pé.

[509] *Prajñā Pāramitā Hridaya Sūtra* – sânscrito – sutra do coração, da perfeição da sabedoria. Faz a descrição do vazio absoluto, através da descrição de Shariputra, evidencia os cinco agregados da existência humana – *skandhas* (ser senciente) – enumerados como

que estavam ali. Eles recitarão e alguns sentarão para meditar, então logo após será permitido que, sentem-se a meditar, podem esperar em silêncio aqui.

Ouvia-se a marcha das vozes masculinas como rodas na estrada da vida, com leveza e firmeza no timbre:

> *"Gate gate, Pāragate, Pārasaṁgate, Bodhi svāhā ... Foi foi, foi além para a outra margem, foi completamente para outra margem, iluminação quão maravilhosa".*

Após uma longa espera, Pecteilis sentou-se em posição de lótus e tentou esvaziar a mente, mas o rosto dela ia e vinha, lembranças do deserto, do vilarejo espanhol, das montanhas Atlas, do acampamento noturno, da estação Cairo, do Safir e Cataract e o bar do Yak &Yeti. Ela afastava. As águas voltavam a se aglutinar. E fixou a imagem na caixa deixada em recusa sobre a cama. Por um tempo lágrimas se acumulavam, ela chorou que alguns soluços a estremeceram. Mas depois a enxaqueca lhe dava aguilhoadas na vista e náusea. Renanthera levanta-se da poltrona, ligeiramente avança pelo corredor do avião, abre o banheiro, fecha a porta e se põe a vomitar. Pecteilis, já amortecida nos pés até o joelho, com um intenso ofuscamento na vista, após um tempo indizível dessa meditação, clarividencia que está passando mal. De repente, desfalece em desmaio. Renanthera passa água no rosto lívido, seca a mão, lava a boca com um punhado de água. Ouve baterem à porta e sai. Senta trôpega e chama uma tripulante e pede com voz embargada: "Por favor, pode me trazer água? Estou com dor de cabeça e náusea e vou tomar um analgésico."; ainda sentada, seu amuo ia ainda incomodar, recobriu as pernas a tentar se sentir menos mal, no encruar de músculos estava mais franzina.

Sentindo um toque no braço, pequenas piscadas das pálpebras tamborilam pequenos sinetes, aromas amadeirados recendendo penumbras abaixo de pétalas, assim sentia-se, como acamada em apatia tranquila. Um rosto desconhecido com a cabeça imberbe olhava com os lábios finos de galhos de madeira, um rosto claro atípico, iluminado como que aquela beleza da intocada flor. Sua veste era cor amarela, sua íris transcendia para uma coroa.

Rupa (forma material), Vedana (sensações dos sentidos), Sañña (percepção), Sankhara (formação mental) e Viññana (Consciência). Na tradição Mahayana são exemplificados nos cinco Buddhas. Com o vazio, sem obstáculo mental, fica-se livre de qualquer coisa, sabedoria, ilusão, cobiça, atingindo a completa falta de medo e o estado Nirvana, que é o estado da libração dos Dukkha, sofrimento e superação do apego dos sentidos, que é um estado de paz, pureza, libertação, transgressão física e pensamento, elevação espiritual.

_ Oi, sou Rhododendron Campanulatum! - Pousou as mãos dos olhos em extrema afabilidade.

_ Oi, sou Pecteilis Radiata. É monja?

_ Não preciso dizer. Como se sente aqui no presente?

Subitamente, os olhos como toras de plátano, com uma cúpula de vidro estavam recobertos de sua desolação, e seu coração estava naquele selo, dentro da mão que transpirava água das vísceras afetivas. Lágrimas transbordaram seu Dukkha[510], aquele pedaço arrancado.

_ Eu viria com alguém que me expletiva. Chegamos ontem a Kathmandu e sem me dizer nada, ela disjungiu. Planejei um itinerário onde vivenciaríamos um processo de partilha de caminho, de amizade, mas... – O choro calou as palavras.

_ Nenhuma flor é igual, mesmo sendo semelhantes, a que me deu nome tem variação de tons brancos ao violeta. Há muito deles no jardim, emprestam cor para um ínfimo momento, nós florescemos tanto. No budismo que ensinamos há alguns níveis do Lam Rim. Geralmente procuram a felicidade na *samsara*, renascimento.

_ Eu fiz uma viagem com esse intuito, eu venho buscando a compreensão do meu carma, eu sei que minha amiga está nele.

_ Você já entendeu o que teve de entender. Você já sabe. Conseguiu ver todos os lados da verdade?

Pecteilis exsurgiu e foram à beira de um lago redondo ao redor de uma imagem Buddha.

_ Não sei responder. Sempre tive convicção que nosso caminho era a amizade, mas eu a amava, e ela me rejeitou, doeu muito porque eu lembrava uma outra vida.

_Curioso! Quem ela era? Seu caminho já foi trilhado. Continue.

_ Ela foi minha mãe. Quer que conte o resto?

_ Ande seu caminho.

---

[510] *Dukkha* – um dos princípios do budismo – a primeira nobre verdade - Causado pelas nossas perturbações e emoções.

_ Eu queria saber se ela me amava, eu queria conviver com ela, ela se afastou mais uma vez. Não consigo suportar reviver a dor.

_ Nessa viagem, como você disse, itinerário, pode demonstrar amor?

_ Sim. Mais do que isso. Ela não suportou e se foi. – Pecteilis novamente olhava sem ver.

_ Por onde vocês passaram?

_ Mara, Al Hoceima, Sijilmassa, Midelt, Cairo, Assuã, Marsa Alam. Kathmandu.

Ela sorriu afetuosamente passando a mão sobre o cabelo.

_ Pecteilis, pense algo simples. Vocês passaram porque ela aceitou. Você ama. Reconhece a maternidade precedente com plena aceitação senciente do todo dela?

_ Eu sei que ela me abandonou e tornou a fazer isso. Isso não podia ocorrer.

_ Entrega sua angústia para as águas, acolha o que ela é e o que sente como a flor, diversas pétalas.

_ Verdade. Eu compreendo a dificuldade daquilo que foi esclarecido, eu amava, eu amo, estivemos juntas com amor. Por que não pode ser?

_ Porque muitas vezes um instante vale mais que muitos anos. Porque cada pequeno passo em amor sublima a turra, e o julgamento. Você sabe a verdade, sabe as causas, e sabe novamente nesse momento. É um passo grande para conseguir dar o terceiro passo. Os sete pontos que levam à compaixão, a iluminação, são as cores da lótus, são as cores do mundo, que existem para cada momento, por isso precisa deixar o vento ventar, a água cair, fazer seu trabalho com alegria.

_ Eu tento. De verdade? Eu caio em depressão por esta perda todos os dias e me faço exsurgir.

_ Ela veio com você. Pense nisso com carinho. – Redarguiu Rhododendron.

_ Mas, por que ela me abandonou, sem nada explicar, deixando a *capsa*[511] do presente que eu houvera feito em amor? Seria porque eu amava mais do que ela, ou porque amava libidinosamente? – Pecteilis lamentava.

---

[511] *capsa* –ae – Lat. – Caixa de madeira para acomodar livros, papiros. Caixa de fruta.

_ Ela não consegue acomodar esta relação na vida dela. Ela ama, talvez diferentemente, teme as outras pessoas. Consegue sopesar seu coração na mão e ele voar como a pena rêmige?

_ Eu sinto a leveza de ter amado e sentido ser amada, e por ter sido sincera.

_Você quer dormir por aqui, podemos arrumar um alojamento, e poderia jantar conosco?

_ Eu preciso retornar para antecipar meu retorno pois não estou me sentindo bem, eu me consumi nesse itinerário.

Ao caminhar pelo jardim entre estátuas, ornamentos brancos, chafarizes, flores, repentinamente um voo bordejado entre Pecteilis e águas, de uma libelinha com as cores do entardecer purpúreo, pousou na anfractuosidade do braço e abanou as asinhas suavemente como prenúncio do passo seguinte, o doravante. E desaparece como as pétalas em violeta com o manto fulvo da iluminação.

Renanthera adormeceu, acordou ainda no escuro estremunhada, um senhor ao seu lado murmurou baixinho: _ Oi. Para você. - Entregou uma flor que retirara do íntimo das páginas viradas dum livro. Ela assentiu com a cabeça pesarosa, e no adiantado da hora calculou que estava em movimento de aproximação.

Pecteilis, sentia-se debilitada e andou em direção ao lindo quarto de hotel que elas deveriam fruir, com as luzes acesas em um sabor cereja de anoitecer. Ela desviou-se para o gazão aveludado verde, entre algum tipo de férula, andou até uma árvore. Abraçou o tronco em amargas lágrimas de ser *egena*[512], como se fosse fulcro de seu doravante. Como se pudesse andar com enorme estrutura. Talvez sentisse uma planta partida, um taludo de papiro quebrado ao meio, presa pelas fibras de sua persistência. Aprumou-se com os fachos luminosos do crepúsculo e adentrou o ar altanado sem esquiva de nada e recordou aquele pequeno ósculo carinhoso, ponderando os momentos em taoísmo que colocaram tudo em sintonia afinal. No humílimo de si mesma, arrumou bagagem e antecipou o voo para madrugada. Poderia dar uma última olhada para o serrear do cimo do Himalaia, no sabor azul de lua derretida naquele específico brilho para Renanthera.

---

[512] *egena* – lat. forma singular feminina de *egenus*. Destituída de. Com falta de.

Renanthera desceu de um taxi vestido a monge, ela andou com sua mochila pesando, sentindo compunção pela caixa. Destrancou a porta e a casa soltou o hálito abafado da solidão, com odor esquecido no ressuar de Titanum. Aquilo revolveu o estômago. Jogou as coisas em abandono. Passou a encaixotar coisas dele em containers de tampa plástica, lacrando uma ruma a ser retirada dia seguinte.

Tomou um banho e jogou roupas para o cesto. Mas o quarto ainda recendia ele. Arrancou as roupas de cama para lavar. Pegou limpas. Ao estender o odor levantava voos do seu enjoo. Enquanto aliviava pensar na *dichterin*[513] e nos voos de *papilionis*[514] de cada fragrância das pétalas dela. Retirou da mala uma mantilha verde que nem sequer usara, mas tinha impregna de essências egípcias. Levou ao nariz para um alento. Seus olhos marearam e ela se reergueu para ir esquentar uma comida congelada. Os gelos soltavam vapores enquanto ela olhava como se ao Everest proferindo vozes da verdade.

Levou seu prato lindamente brilhante, em uma louça porcelanada moderna, sobre uma pequena toalha xadrez, entre os talheres polidos, sentou-se e pegou o garfo, sentindo uma oleosidade apegada, e o prato brilhava uma ânsia. Levantou-se e correu ao lavabo para abolçar.

Como madeira frita de Sol, voltou à mesa, numa recomposição de seu antigo mundo. Os vapores alcançaram seus olhos mais profundos, com um desgosto abissal. O que arrufou todo seu ânimo, que em tremuras da cabeça, vibrar dos fios de cabelo, segurando com as mãos o rosto, repentinamente levou as duas pinças de dedo polegar e indicador às beiras do prato, torceu o tórax, elevou e arremessou o prato de comida no chão.

Entre os sons agudos dos cacos varridos à pá, ouviu o repenicar irritante com as pontas da chave na porta. Em ar de carbonização abriu a porta de um solavanco. Titanum com sorriso desabotoado com a mostra de pelos do peito, fala juntando espuma no canto dos lábios.

_ Passei para pegar as coisas.

Renanthera em profusão de atitudes, ocultava seu tremor nas mãos, adentra com seu sapato iracundo que pisa lavas, e aponta a pilha de caixas. Ele prontamente começa a agachar e carregar para o carro, desviando os olhos espasmodicamente para a mão trêmula dela.

---

513 *dichterin* – ger. – poetisa.

514 *papĭlio*, *papilionis* – Lat. Borboleta.

De chofre Renanthera dá-lhe uma frase de taco contra madeira.

_ Resolvi me desfazer dos utensílios, se interessar pode ficar com eles.

Com a sobrancelha em interrogação deitado, ele coça o início do cabelo e alisa-o com a palma da mão brilhante. Curva a boca, a mostrar os incisivos dentes dos quais arranca um estralo com um chicotear da língua ao lado.

_ Teque! Não. Deixo de caridade para você. Bom proveito.

Prefere as costuras da boca a trocar farpas e prolongar. Balança a cabeça como cachorrinho e deglute o fel de ter oferecido. Ele sai puxando a porta com os pés para um bater de gongo.

"Vou me mudar. É isso. Começar com tudo diferente em um lugar resguardado, vou esquecer".

Deita na cama com o manto cobrindo o travesseiro, e espelha o rosto que se mistura, num campo de flores que acordam para o manso sol, com um estrépito de ondas ou queda d'água. Tenta idealizar um retrato para dormir num travesseiro de paz, mas no fundo sabia que não houvera ido até a paz. Tivera ido até ela.

Pecteilis olha as nuvens da janela de seu voo, uma última visão do descabelar do cimo de neve, um espelho em cacos deveria ser o oceano de suas pretensões, enfezado em cinéreo momento que *inept**it***[515], sobre tudo que houvera e tudo que não pudera, na tempestade de uma ânsia ainda mais abrupta - a ânsia daquilo que houvera experimentado de verdade. Como *egena* passa os dedos em pouso delicado sobre seu próprio rosto tentando sentir tocar e ser tocada, com um frio que enfim a circunda de suas ilusões, pensando no seu *praeterhac*[516] olhando espectros do rosto da flor *renanthera*.

Datura sorri e abre braços para o rosto puro de Pecteilis. Dentro do abraço morno se dão beijo no rosto com eterno carinho, Pecteilis chora aquilo que nem sabe como dizer. Ele diz: "Senti sua falta. Sabe que estarei a seu lado. Era de se esperar que ela nem fosse ou te deixasse lá".

---

[515] *ineptĭo* –is -ire– Lat. – delirar, dizer tolices, perder a cabeça, ensandecer. Na terceira pessoa singular do indicativo.
[516] *Praeterhac* – Lat. De hoje em diante, doravante, daqui por diante, desde já. Aqui simboliza um preceito de certa forma budista, 'esse seu tempo é agora', como despertar.

Depois que esvaziou, todo vácuo de sua redoma, e rodeada socialmente de seus pormenores fios de cabelo obedientes que a entretivessem e dessem sensação indene; ela enfim emborcou a ampulheta de areias de quatro cores, rosa, vermelho, marrom e cinza azulado. A transmutação de cores que se miscigenavam transcorria, até o último grão de areia.

Na estante simples de sua casa minimalista num grande terreno repleto de mata nativa, jardinagem em canteiros rodeados de cabochões em tons cinzas, pinheiros ladeando a estrada, um pequeno pomar. A porta era amadeirada com um postigo de vitral colorido, dava a seus aposentos de trinta metros quadrados, incrivelmente decorado com galhos, folhagens em uma sequência de pequeninos herbários, com janelas para sua terra sem ninguém a importuná-la, sem grandes alôs para o pedregal do mundo, observava pássaros de um vitral tenuemente emoldurado de cores vivas lilases e rosas, pequenas galinhas garnisés que ladeavam um ranchinho depósito lá adiante, de uma espécie de eira diante de sua casinha, com uma sala-cozinha mínima, uma formosa prateleirinha de temperos em vidros tampados com cortiça, no fundo há uma janela em ângulos trapezoidais ao lado de uma biblioteca de duas estantes e um par de poltronas de tecidos jeans que formavam uma paisagem de tecidos aplicados. Doutro lado um banheiro sob um quarto elevado com janelas que vedavam e cortinas tênues, e uma voltada para o céu. Antena externa para comunicação, tudo alimentado de painéis fotovoltáicos. Uma cobertura para o carro.

Ela cozinhava algo para a filha que ia chegar, uma nova primavera se prometia, o gramado voltava ao viço pela garoa que amanheceu. Apagou botões do fogão, uma nudação ao banho e frescor da poltrona a ser ledora de mais uma página. No sossego, um movimento desprendeu sua concentração, olhou por cima dos óculos, e percebeu uma osga ou algo maior talvez, uma salamandra quiçá, que pulou para a mochila murcha dependurada numa alça aparafusada na parede. Ela se muniu de um garavanço, uma forquilha que alçou a bolsa, levando para o pátio na frente, distanciada um tanto, arremessou a bolsa para saber se era um réptil maior. A lagartixa saiu nas corridinhas esparsas e um cartão colorido caiu de um bolso. Renanthera abaixou-se e recolheu a bolsa e intrigada pegou o cartão com um desenho de uma orquídea vermelha, em tintura aguada revestida de um pequeno brilho apagado. Virou o verso e estava escrito apenas o destinatário e um selo colado sem carimbo.

Selo Singapore: Renanthera 20th WOC Singapore 2011. 45 cents. World Orchid Conference.



[ILLUSTRATIO 8]

Renanthera lentamente ventou sobre seus próprios galhos o antigo tremor e um gelo percorreu seu esterno até o umbigo, a voz e perfume de Pecteilis ressoavam no Sol que descia leitoso num funil de brecha. Ela olhou atentamente enquanto voltava à casa, viu um fio vermelho grudado para o lado esquerdo. Sentou na sua poltrona, colocou o cartão sobre a prateleira vazia, com as pálpebras que desciam para cada vez trazer uma cena colorida que remetia aos tempos muito primaciais entre elas e aquele momento no quarto escarlate em Assuã, que logo tentava espanar essas visões, com o ruído de chegada de Oncilium.

_ Oiê mãe! Como estão lindas suas flores! Peguei um pouco de chuva e demorei um pouco. Como está?

Renanthera se dirigiu à filha e abraçou veementemente, passou a mão sobre o braço subindo e descendo, andando até uma mesinha de almoço, com um pequeno vaso de flor sempre-viva. Sentaram a comer uma massa de fidéus com molho de cogumelos. Uma jarra de suco de acerola fulva cor, com pratos novos azul marinho que contrastavam com a toalha rosa.

_ A sua ampulheta acabou de virar! Um ano então! Podia me dizer o que houve lá... – Oncilium argumentou com certa apreensão com um curvar mais taciturno de sua mãe.

_ Achei isso hoje no bolso da minha mochila, que uma lagartixa entrou. Um cartão postal sem mensagem. Uma pintura dela. – Encerrou os olhos entregando para a filha olhar.

Oncilium olhou. _ Curioso mãe. Nada que preocupe. Já é tempo de olhar com serenidade. Particularmente, se me permite dizer, ela gosta de você, é inofensiva.

_ Eu sei. É que me envolvi filha. Tivemos um momento talâmico que nosso afeto nos banhou como flores em vasos. Mas assim como não se deve retirar a vida da flor só para satisfazer um ego, não se pode aprisionar a beleza em flores ceifadas. Nós tivemos um instante de cuidar, de desentender, de reatar, de afeto. Tit me envenenou com preconceito. Por fim, sempre era muito para mim.

_ Gostava dela? – Disse atinente, com olhar examinando atentamente o cartão postal. – Bonita flor! Ela agiu humildemente e corretamente com você mãe?

_ Sim, humílima e proba. Despedi sem que ela imaginasse, com um beijo. Nada mais soube dela.

_ Tenho que ir, vem vindo outra chuva, e pretendo viajar amanhã. Adorei ver você. Linda! – Se aproximou rápido e beijou e saiu intempestiva pro carro, virou e disse: _Talvez aquele fio seja de abrir...

Renanthera assistiu o carro desaparecer, pensando no sentimento que isso provoca. Entrou dentro de seu raciocínio sobre o fio vermelho no cartão, e então com jeito decidiu puxá-lo pra cima. A linha vermelha correu a aresta superior do cartão postal abrindo em dois cartões que estavam colados. Estupefata, Renanthera inseriu a unha esmaltada em vermelho na fenda pequena e sentiu um papel dançar dentro desse compartimento secreto.

Com cuidado usou uma régua para içar o papel com cuidado. Ele caiu sobre a mesa. Um papel quase papiro, finíssimo, dobrado em quatro com caligrafia que conhecia. Desdobrou. Atrás de sua lente de óculos de leitura, ergueu as sobrancelhas lendo a carta de única folha.

Começando a chorar incessantemente, ao final guardou com delicadeza numa gaveta com chave, em sua caixa rotulada de x. Como se todo seu mundo formasse nada mais nada menos do que maranha sem sentido, tristemente cho-

rava, a cair pelo chão frio, com a porta batendo do vento forte. A chuva bombardeando com furor o chão, resvalando os brilhos da água, e a friagem a lamber seus cabelos largados em profunda emoção, um pranto de eterna impossibilidade. Abraçou sozinha a si mesma e o escuro da noite acobertou seu rosto, vaticinando que em algum lugar Pecteilis sentiria em *synchronus*[517] seus sentimentos brotados nas primaveras de amor.

[517] *synchronus* – Lat. – síncrono, que ocorre ao mesmo tempo.

η Occursatio

|19 setembro 2019 22:22 21 setembro 14:17 | 3d, e

Restos da chuva no dia que despontou pendiam sem cair luzes que instigaram Renanthera, a se erguer e ferver uma água para um café que fluía para o bule de porcelana bojudo com flores secas aplicadas abaixo de um verniz. Uma caneca branca com a estampa de maçã, em fina alvura levava goles mornos do café. Ela se ajeitou e esticou a mão para o papel, calmamente em compaixão e respeito, abre-se a brecha de amplidão a saber o que se vê acima das nuvens, e de forma solene, caminha e se senta na raiz de uma árvore úmida, apenas com o papel, desdobra cuidadosamente, como a um objeto arqueológico, a reler a carta com o seguinte escrito...

"Occurris[518] *mihi*

Assuã, agosto 2020.

Minha flor invisível, amor sublime, sempre e sempre! As lágrimas que cristalizam nuvens de uma nebulosa. No meu coração és incomparável, que olho tua florada, como anjo das tempestades de luar negro, e sedimenta a visão mais profunda da tua alma, como a beleza incessante, as folhas que te tornam incomum, e elo que une, não aprisiona o Sol que virá dia após dia, no veludo do teu toque, no gosto que adivinho. O rosto que abre as ondas e sendas fechadas da minha vida, que derrama as pétalas da tua criança, eu vejo nas tuas mãos que se esboçam nas minhas sombras, eu sorrio os olhos de tudo que tu tonalizas na pele que observas, no olho que espera algo que não sei ser, e teu todo flui as águas de harmonia que me emocionam, que infinitam o tempo num querer, e no benquerer no abraço de tua vida.

Te quis na transformação do vento, no fender das bagas das sementes, na metamorfose do pássaro, no voo de renovação.

---

518 *ocurro* –is –ere –uri –ursum – encontrar, opor, resistir, vir à mente, ocorrer. *Occurris* – ele(a) encontra, na segunda pessoa singular do presente do indicativo, não imperativo. Tu encontras-me.

Por esta deificação nos aproxima a uma delicadeza perfeita que nenhum tempo enterrará. Por duas vezes sangrei o apagar do Sol, agora não suportaria o vácuo denso da black hole, porque qualquer gesto teu de afeto que, existindo me revive.

Encontras-me sempre, me ouves, sentes. Nada nem ninguém pode subtrair teu sentimento em mim em qualquer momento da intensidade do nascer do Sol no néctar de eternidade.

Apud, nectaribus ballucum![519] *Cum dilectione.*

Pecteilis"

Como que espalmando os batentes da porta com o peito aberto para a vida, o campo de flores em revoada de partículas de tudo, aquele senso da percepção da umidade que revigora, Renanthera olhava e enxergava sua amiga caminhando, imaginava, lembrava a voz que penteava, preenchida do afeto que sublimava qualquer tempestade, e nos confins por que não se abraçariam? A seriedade do que seria a dor de abandono, e sentiu em si mesma. Seus pensamentos revoavam sem escolher árvore a pouso.

Datura relembrava o olhar como uma lezíria de rio, que o estio tornou recrudescida. Distante lembrava que o abraço não pode tornar Pecteilis como quando conheceu seu andar e o seu riso largo, como falava ardentemente entusiasmada pela vida, que sua fala encobria qualquer outra preocupação. E sabendo como houvera sido, a pupila na negra noite que abre boca a abocanhar o senso das verdades dolorosas da vida, ela rebrilhava sofrimentos novamente para os quais ele não tinha bálsamo. Os dias voltaram a ser, a geladeira vazia, a vidraça com poeira desenhada, o verniz carcomido do Sol, a parede ressuava bolhas de umidade e manchas de fungos, e o varal trocava as roupas, despindo e vestindo as cores que foram desbotando. O entra e sai, os pássaros do dia e os uivos da noite, e um estio invisível consumia a alegria, na consunção de Pecteilis, entre os dias que tocava a árvore, e mergulhava a intensiva exegese interminável de seu sentimento de amor, cuja pureza ela advogava defesa à muda acusação velada. Por vezes, corria um fio de água. Por vezes a luz falhava. Nem

---

[519] *Apud, Nectaribus ballucum* – Com, néctares das areias de ouro. – Na forma plural genitiva das palavras, *nectar* e *ballux*, a segunda que significa areia de ouro ou pó de ouro. Significa também Apud como 'nos escritos de'. Quer dizer uma saudação do néctar dourado, ou seja, o pólen. Também nos escritos da flor no valor mais sublime do amor dileto, do que se poderia dizer da dedicação.

sempre os filhos conseguiam compreendê-la, as panelas tilintaram quase nada, e rebocos continuaram a cair. Entre Datura e ela, quando o sono sincronizava, ela murmurava seu velho chamado, e ele preferia confundi-los com gemer de sua incessante dor. Ela não mencionava, mas seus olhos estavam sendo corroídos de ácido mais rapidamente do que no vão dos dias perdidos do distanciamento da sua amiga. Então, ele evitava ter uma conclusão sobre o elo entre elas, apenas silenciava como a montanha, com altivez percebia a sublimação das nuvens que passavam pelo cimo. Após este tempo, Datura sentiu melhor em plantar flores e dançar o rastelo tirando as folhas caídas da vista.

Renanthera entre o eco de “nectaribus ballucum” e o ressoo de “flores murchas”, sentia-se compelida e retida. Mas dessa vez, ela sentia fortemente as visões de sua amiga, com desejo de estar, com a prece das mãos ao rosto dela, com o calor que quer confortar um cortante frígido olhar vago. Então, faz uma mochila, veste uma roupa revestida de simplicidade em *indigo blue*. Pensa em um presente, depois muda de ideia, veste uma gargantilha com um pingente que houvera sido Pecteilis quem dera. Murmura um grito de guerra a si mesma. E pela primeira vez, se admite na solidão sua consciência física e afetiva, não tão tímida como benquerer, mas como um faminto querer, se dizendo: “Agora eu sei, eu realmente me deixei saber quanto, mas ainda não sei tudo”.

Dirigindo o carro em poeira leve, o Sol amorna a manhã como um rictus de recém-nascido, e o carro serpenteia a estrada de mata atlântica, por vezes se vendo um pouso de anu, por vezes uma arara, e flores derrubadas em esquecimento. Em uma ânsia crescente, imaginava o que dizer, e o coração se agitava, ao pensar em estacionar o carro na frente da casa dela, e isso dava-lhe um tremor feliz, ao mesmo tempo ampliava os argumentos de quantas vezes ela a convidara, mas sentia o terror da transgressão, aquela transgressão de ofertar um carinho, que mesmo enquanto carinho guardava nele algo mais, que dava esse tremor. E por vezes uma brecada dava-lhe a frustração de que ela pudesse ter se mudado, não estar lá. Acelerou entre os moinhos e rodas d’água, mata-burros e pinguelas, por baixo de nuvens, com raios laranjas espontados, e o perfume que imaginava.

Algumas horas avistou a cidade espreguiçada no sopé da montanha, céu azul e brisa, um sorriso passou como cometa no céu branco de luz, e Renanthera por um instante acalmou seu coração. Percorreu as ruas e setas indicativas, o pneu tremendo contra o piso de pedra, árvores e casas avarandadas, e margear dum lago a fazia sonhar os escritos que talvez sua caligrafia em seu mester coligira páginas que fascinaram de alguma forma como um sequaz, nas noites preencheram seu íntimo florir de campos largos e um lado que abrilhantava a beleza da sua vida. Contornou e entre subidas, carros, ruas desconhecidas, chegou

exatamente antes das onze a um lugar que desacelerou e suavemente encostou, no ápice de golfadas de sangue nas veias, no som cadenciado e nítido. Ali parada, faltando coragem, esperava, buscava a fala, e desceu do carro, a porta se esqueceu no trinco, os olhos perfaziam cada cor e dança das folhas, e lá mais no alto, uma casa verde primavera e guarnições de janela em madeira. Tocou a campainha. Bateu palmas. A porta deslizou e apareceu Datura. Renanthera em simpatia lhe sorriu e perguntou: "Pecteilis está? Lembra-se de mim?".

Nas veias da noite que o dia urgiu, na chuva da madrugada que os milhafres rodearam suas plumagens renovadas. No ruflo e no primeiro piar do raiar, as dores enfeitavam gotas nos sabres do sofrimento. Na friagem, o estremecimento agudo se retesava em suas mantilhas e diante da tempestade, há que se querer o abrigo simples na soberba das cumeeiras ante a morte do vento. E no estrondo do raio, há que se calar a voz daquele refletir do raio. Uma flor branca sempre fotografada em preto e branco aos olhos puros do impossível amor.

Abriu a porta e ela se enlaçou ao ferrolho suavemente, doutro lado, circundado o carro, Renanthera, se joga ao banco, a porta se arremete ao peito do carro com estupor. Ela olha ao lado e sorri. E parte com o carro.

_ Bem que me escreveu! Nem acredito que vim até aqui! Sei que prefere estar aquiescida. Preciso dizer algumas coisas *cariño*... Senti sua falta que de repente eu tinha que falar com você! Sabe, eu sempre lia aqueles filamentos dentro da pétala. Enraizaram-se em meu coração. Ainda quando foram uns desenhos, eu guardei numa caixa, porque eu tinha pressões que me fizeram ficar distante, a insegurança de meus familiares. Você me deu lindos convites, alguns posso citar Pecteilis, eu não pude por circunstâncias, aquele almoço, eu tinha me casado de novo. Quando houvera sido uma carta branca e sua tentativa de paz, era o encaracolar da conturbação com meu ex-marido. Bom, deveria ter tido um meio, nunca enxerguei qual. Tudo que tentou, por um lado me mostrou persistência, mas no geral me traziam os coturnos da razão. Senti a friagem da incompreensão. Sobretudo *cariñosa* amiga, a tríade de sentimentos esteve, em algum tempo, em dados instantes e na verdade tudo estava no meu sangue, por mais que se renegue, chega uma hora que se sabe. Soube antes. Não gostava desse pender de cores do amor, as alturas do jorro do gêiser, e como Oncilium não compreendia, eu me vi encurralada. Eu te quero, te quero, te queria. Olha quis muito levar você a Monte Verde. Por aqui dá saída? Ah vou voltar pelo caminho que fiz. Eu fui morar numa pequena casa de chácara depois que me divorciei do você-sabe e ontem achei por acaso sua carta no cartão selado 'Renanthera'. Pecteilis, que anjo você foi que me trouxe os orvalhos da retina do coração e me senti acamada pôr tê-la deixado sozinha em Kathmandu. Perdoa-me? Eu fiquei com uma frase do Titanum estridente em metal

com uma pua, chamando-me de flor murcha e que nossa amizade suscitaria nojo. Eu olhei o vaso no átrio do hotel e o arranjo de flores me fizeram sentir como uma midoréxica. Então eu sofri náuseas depois que deixei você de tanto que isso me afligiu. Eu senti na pele a sensação do mar que vimos no *lusorĭa* como sua abstenção por mim, eu senti essa dor de algo arrancado como todas as dunas. Eu fiquei em casa me recordando de como me senti com você, sabendo que queria reviver a florada. Você não me saiu da cabeça e me desesperei, por querer dizer tudo que senti e nunca me permiti. Você é sempre uma flor linda, de todas as formas eu a vi assim, olhei os tons da madeira estratificada e entendi a magnitude da sua cor. Eu queria envolver com meus braços os seus braços que me envolvessem e dar tantas coisas que não houve chance. Eu era diletante das poesias que escrevia. Gostava muito e devia ter falado quando você estava asfixiada de angústia, devia ter falado e ter acolhido no meu coração não importasse como me amasse, tal era a carta nascente, ou tal como era o gosto do vento, e o rosto de fogo áureo, somente você poderia me ver assim.

O verde esbarrou no carro, no Sol adjunto, na dança parada, com um estranho colibri-abelha[520], que zunia voando para trás tal seu apelido *zunzuncito*. Os brilhos e sombras verdes desenhavam visões no vidro do carro estacionado diante da casa. Renanthera desceu, abriu a outra porta, se muniu de um abraço a tudo, no maior neblinar ao dia. Entrou nos passos brancos e a porta se cerrou, o tempo cendrou. Uma música que ela sabia que Pecteilis gostava tocava em seus ouvidos, e diante da mesinha ela se entregou ao abraço. Abraçou tudo.

E voluteou as espirais do cordonê, e de dentro do envelope negro Arquivo R olhou folhas de papéis, um saco cristal com uma folha encorpada, cujo ela puxou, e retirando a folha protetora, se deu com o desenho Retrato de granito e tulipa, rostos morenos de grafite ou óleo brilhante, cobertos de seda. Um caderno capa preta nas curvilíneas letras do seu éter verde jade. Procurou a caixa colorida, que ali não estava. Então...

Grandes pérolas caíam e pelo chão se perdendo. Grandes pétalas brancas nevavam as folhas manuscritas. Comiserada, penalizada, exasperada. Pensou estancar o tempo entre seus braços que abraçavam a si mesma.

Oncilium rebateu sua falta de notícia e dirigiu até o anoitecer. Porta deu entrada para a carta sobre a mesa, com o café interrompido. Olhou ao redor em chamado. Ia retornar mas voltou o rosto para as linhas das vogais consonantes da

---

[520] Colibri-abelha-cubano – espécie *Mellisuga helenae*, apelidado de zunzuncito. Beija-flor pequenino.

carta em fino papel de seda. Voltou para o carro, tentando completar a ligação. No coração sentiu um peso, culpa, receio, temor pela sua mãe, e apaziguou pois ela estaria sorrindo junto da amiga. Até seu telefone dizer: "Uma mão que me estenda e entenda". Ela olhou na ignição do sinal vermelho. E seguiu a indicação do local. Exausta dos faróis contra chuva fina e nevoeiro, Oncilium pensava porque ela estaria assim, mas sabia, a decepção sangra parecido. Na madrugada o farol se apagou. À porta bateu levemente, na calada da demora, experimentou a maçaneta e entrou. A mesa estava nevada de alguns papéis e a feição se esculpira nos riscos leves de grafite. Apenas uma lamparina acesa – uma tulipa. Renanthera estava dobrada e passada em branco, estava congelada em silêncio de pranto. Oncilium segurou a mão e buscou uma coberta a jogar sobre o ombro. Oncilium sorriu sofrer e então, disse: "Deprimida, ai ai ai. Vamos pôr um sorriso no rosto. Ela ama você mãe".

_ É minha vez de sentir perdida, filha. – Olhou sua mão guardando os papéis no envelope de lacre em um cordão, com cuidado cobriu o desenho, encerrou no envelope. E seu choro por fim em um rugido aspirado de felino ferido se guardou atrás dos dentes vorazes, do pelame macio.

Oncilium se devotou a ela durante o tempo de entender a depressão e os comprimidos ares do que isso significava, e cada dia as ondas dos vidros fraturados que vira da *lusorĭa* mostravam a ela o reverso do luar e o desconforto dos pedregulhos de um tratamento nos êmbolos de si.

|22 SETEMBRO DE 2019 15:15H A 21:52 | 3F | MÚSICAS: ICE AND FIRE – STIVE MORGAN, THE MOMENT – VARGO, KISSING – BLISS, SEA INSAHARA – MYSTIC DIVERSIONS, IN THE GARDEN – POLISHED CHROME, LEMMER, VIRGO – ALEJANDRO DE PINEDO, SICE THE LAST GOODBYE , THE SAME OLD SUN– ALAN PARSONS, SWEET LULLABY E (TERMINA COM) DEINE WEGE – KRAFT MIX E LAPISLAZULIKÜSTE – THOMAS LEMMER, LONG LIFE – BLISS.

Flores plantadas, flores de cores de ouro e de prata. Flores abriram. Flores secaram. Flores cadentes. Flores prometidas e ardentes. Flores na voluta de uma grinalda sem tempo. Pétalas queimadas. No dorso das cortadeiras. Flores do plantio, bulbos que barbeiam germinações, mãos presas no telúrico chão. Flores chovidas para vasos, blusas e gargantilha de prata. Inesquecível flor única enluarada.

Com uma manta jogada pelos joelhos, na casa rodeada em dança circular de árvores, o silvar de fio d'água, Renanthera em singelo olhar nas palavras escritas

de um livro, com o bafejo de um café ao lado. Ouviu a sineta de uma mensagem. Lentamente recolocou um marcador de desenho aquarelado que havia ganhado de Pecteilis entre as páginas, dobrou com um som surdo e depôs o livro na prateleira ao lado da poltrona, jogou de lado a manta e se dirigiu para o ecrã do celular.

"Olá Renanthera! Como vai? Encontrei um *notebook* de Pecteilis, numa bagagem esquecida naquela emergência à Midelt. Havia o plano de locais que ela pretendia ir. Soube que ela interrompeu em Kathmandu. Desses locais havia uma casa minha na montanha, que sua doença impediu de irmos, ela pretendia semear flores nos canteiros que eu disse ter intenção de fazer. Agora chegou o momento de semear. Irei lá para isso. Queria contar com vocês para as orquídeas. Consegue trazer? Não tive resposta de Pecteilis. Poderia contatá-la? Ficaria honrado que viesse cumprir e assim entrego os pertences e o outros locais x-y, quem sabe possa ir com ela... Venha me encontrar em Marrakec, escrevi em berbere."

Renanthera sorri depois de tanto tempo. Fica o fim da tarde entre lembranças e pensando nas leiras, bulbos, sementes, olhando fixamente para a mochila lôbrega nas sombras de um estagnar que se desprende e cai da parede. Ela anda por seu jardim, se depara na beira da árvore com as duas plantas amarradas em suas raízes à mostra e coleta duas partes da touceira de cada para meristemagem das orquídeas Renanthera e Pecteilis. Passa as horas seguintes em meio a seus pequenos vasinhos e humos e serragens a compor um local de semeadura.

" Adenium! Finalmente bom ter notícias. Sim, quero ir, mas preciso um tempo para preparo das mudas, ou terei que obter uma planta, o que seria inadequado. Vou preparar a ida em duas a três semanas e combinaremos nos encontrar na mesquita Kouttobia. Quem sabe...a confirmar".

Renanthera recorta embalagens para acomodar as pequenas mudas, preenche com algodão, serragem fina com grânulos de terra e encaixa as germinações. Carrega consigo o caderno do arquivo R envolto num lacre de celofane. Prepara sucintas roupas, mantilha verde. Na veraz amizade colorida no céu, um morno conforto de final de Sol de quase primavera, parte para o aeroporto, sentindo um fiapo de perfume verde jade em enfeite de etérea saudade.

Observante do céu de um silêncio em prece, de uma esperança muda, nos estranhos urudelos que rastejam nos róseos céus, com o mar azul enxovalhado enquanto Renanthera sorve um chá quente de jasmim, com um olhar em

dengo e faceirice olha para as rendas das ondas silentes em um fio de luz que bordejam o litoral em visível perau de azul profundo enquanto seus olhos diamantinos refletem profundamente as intrincadas faces internas de trapezoidais cristais. Nos primeiros passos que corta a multidão ruidosa, nas suas vestes ocidentais, olhares mordazes e invisibilidade entre os aromas que sobem revoadas coloridas como pequenas borboletas que rodeiam um mar indecifrável do caos de transeuntes e seus rotos sonhos, nas bolhas do encalço, na ferida aberta de um esforço debalde por suas histórias. As roupas sacolejam como dunas perdidas nos ventos fortes e o escorrer do mar seco oculto nas estrelas da noite.

Desde seu último adeus em Kathmandu, o vinho inacabado de uma seda *temetum*[521] que o desgosto a impede de ressenti-lo e deseja ardentemente voltar para a taça cheia nas cores vibrantes de uma tecedura das soluções no perfeito tear de Pecteilis em sua dança entre os dedos de seu cálamo úmido de hena.

Desde seu último olhar para Pecteilis, sentiu o fender daquele sabre de gelo, numa cicatriz de dor seca, em repuxos que atormentam sua escolha fancaria que tinge em taciturno olhar fosqueado em carbonos quatorze na aspereza incômoda de suas vestes. Se aproxima do torreão majestoso que sabia exatamente a descrição entusiástica da eulalia e dos brilhantes olhos que contaminavam de seu entusiasmo. Desde seu último olhar para o quarto na angústia das pressões sobre o que sentia, as esculturas derramaram lágrimas de seivas das árvores mortas.

Renanthera com seu coração dimanado em raízes que não tinham para onde crescer, se embrenhavam em seu peito numa dor de compunção. Retira sapatos para adentrar a mesquita de rica arquitetura almorávida, trabalhos de alto e baixo relevo, em símbolos como estrela, lua crescente, conchas; no peso dos séculos da estrutura quadrada do torreão de cúpula redonda e suas cantoneiras de esculpidos nichos e formas simétricas de estrelas ou concha e os orbes dourados em alinhamento planetário. Pela primeira vez, ela faz uma louvação ancestral, um ato instintivo, do qual logo se levanta em arrependimento e incompreensão de si mesma, no olhar súplice ao criador que de alguma restitua a ela sua dileção.

---

[521] *Temetum* – i – Lat. vinho puro, bebida inebriante.

[ILLUSTRATIO 20]

Sua vida parece um olhar vorticoso de tempestades advindas, de ventos gélidos que certamente Pecteilis planejara passar com ela momentos nas luzes do fogo amigo, convictamente sabia e no olhar distante se diluía seu pesar.

Adenium surge entre todos os vultos caminhantes, o furdunço de carros, o estrídulo de buzinas, barracas e açafates com flores a granel, rosas secas nos cantos da calçada, e temperos recendendo como incensos acesos de uma procissão, ambos caminham em olhar fixo em seus cenhos. Olhos lacrimais de alegria afetuosa em um abraço de encontro. Adenium esbaforido do dia acalorado.

Sorrisos. Uma sacola com a *amazigh*[522] que entredentes ele sussurra.

_ Azul lápis-lazúli como pediu. Não foi fácil achar uma assim.

_ Maravilha! Vamos tomar rumo já? Quanto tempo até a montanha?

---

[522] *Amazigh* – berbere – roupa tradicional feminina.

_ Vou surpreender. Fica a noventa quilômetros, um pouco mais adiante, que a casa de pedra fica afastada e nas proximidades de uma cachoeira. Vai gostar.

Em meio à confusão, ela desdobra o caimento do tecido e o engruvinha e passa a cabeça pela gola, deixa cair suavemente recordar de Fez em uma chuva *persian red* obscurecida que escurece o solo marga com o empalidecer anilado da neve cumeeira no pedregal de sombras. Renanthera quase podia sentir Pecteilis, tanto sentia a ausência, cogitava o quanto ela amaria este momento.

Deslizando os olhos numa serenidade aparente, ao mesmo tempo tranquila enquanto a subida intrincada de cada pesar, de cada memória e os antigos propósitos que são reavivados no entardecer que se apressa na montanha que rasga o chão de suas razões. Renanthera percebe os vazios pensando sobre as promessas de mensagens budistas que não acatou ao mosteiro que ruiu entre elas. Pensava os vazios dos mantras que talvez eles entoassem. Pensava que ela não conseguia esquecer, nem deixar de procurar os escritos pela internet, e se lamentava do vazio das letras que se apagaram e das folhas que houvera rasgado. Da sua bolsa vertia um brilho de um fio de lua, nesse tempo *illunis*[523] do caderno manuscrito, que sua mão segurava mais firme, enquanto trocavam algumas poucas falas.

_ Reformei minha *Dár*[524] com grandes vidros para a vista. A captação de água antiga foi restaurada do álveo das águas geladas, por onde corre tem um perau escavado das épocas de mais degelo. Está um pouco em desordem, no entanto quanto à comida nem se preocupe, providenciei tudo, incluindo uma garrafa proibida. – Jacta-se Adenium tenuemente sorrindo.

_ Mudei para uma casa diminuta, aboli muita coisa, e estou numa clareira entre árvores e gramado, na frente há canteiros de flores e árvores donde peguei as mudas. – Renanthera segurava como a um recém-nascido os recipientes a que arejasse. – Eu fui idiota de deixá-la lá sozinha, cada passo que dei me revirava as vísceras o que eu senti ao estar com ela e o que havia dispensado. Foi horrível me sentir sem vitalidade. A ampulheta correu areias lenta em demasia para o tempo.

Adenium olhava por vezes desviando da estrada, comiserado das lágrimas que saiam como o brotar do uádi. Estendeu a mão esquerda ao ombro e fez um afago por duas vezes, como a interjeição de sua compaixão.

---

[523] *Illunis* – Lat. tempo sem lua, sem o luar.

[524] Dár – arab. Marroquino – Casa.

A subida para flocos de nuvens que apagavam estrelas vindouras, e voos de milhafres abraçando lutuoso gosto que amargava para um ar frígido libertário, se adonando dos horizontes por todos os lados.

Conforme a noite contornava, os negrumes neblinados do Jbel Toubkal[525] como uma estranha e piramidal flecha apontada para o ermo celeste.

Passado das dezenove horas a curva em íngreme subida de pedregulhos amarronzados, davam vista a uma casa de pedras assentadas, com o teto atorreado e assobradada. Via-se grandes áreas envidraçadas e algumas árvores verdejantes que margeavam o lado esquerdo que se aproximava do álveo que emprestava um véu branco espumado à escuridão.

_ Que bonito Adenium! Frio hein?

Prontamente desceram, enquanto ele carregava bolsa grande à tiracolo, caixa com mantimentos, chave presa nos dentes, óculos que estava retorcido em desajeito, Renanthera titubeando andar em terreno solto resvalando pedras com sua mochila agigantando as costas sumindo com seus cabelos.

A porta de madeiramento pesado, com fechadura de ferro negra e chave antiga, rangeu quando a noite lhe penetrou, como se fumado terra pairasse numa tumba, Adenium tateou até o canto, riscou um fósforo grande que levou às lenhas e gravetos que deram gritos no espocar de fumaças decantadas e fagulhas que retorciam e o fogo ia atiçando luzes relampejadas nas paredes de argamassa amarelas. Como um chalé, mas uma casa rudimentar berbere, ela tinha um dormitório único acima, na continuidade da vidraça que ia de cima embaixo. Com um balaústre de madeiramento forte e escada em L para uma sala, lareira com um fogão de lenha ladeando. Uma pia pequena, um canto com uma banheira empoeirada, panelas douradas penduradas e canecas de faiança ornamentada de cores vermelhas, amarelas, azuis.

Renanthera ia se encantando da casa nas cercanias de Imlil com vista para o píncaro adiante, e o serrear de gelo. Ao redor, através da janela ela via montículos de gelo que pipocavam em encostas e barrancos, e recobria as folhagens.

_ Renanthera, hoje vamos brindar a ela! – Mostrava a garrafa rolhada e sem rótulo, que retirou dos envoltos de papel velho, indo assente sobre a mesa de madeira, naquela profusão de bricabraques escolhidos a dedo, entre eles um emoldurado retrato de sua esposa e filho.

Enquanto ele punha toalha rústica e faianças com comidas típicas, na panela aquecia sopa de semolina, e *batbouts*.   Renanthera retirou a veste marroquina

---

[525] Jbel Toubkal – pico do monte na montanha Atlas no Marrocos.

que escondia blusa e jeans. Sentou na mesa iluminada com um candelabro de várias velas. Adenium abriu o vinho e serviu na caneca colorida em tema floral vermelho.

_ Sabe, foi muito bom conhecer vocês. Eu nutri esperança que ela visse o meu chamado. – Explicava Adenium. – Você esteve com ela depois do Nepal?

_ Achei uma carta – seus olhos marearam – Adenium era um afeto que eu precisava retribuir! Compeli a ir vê-la. O seu esposo me recebeu após o ano que me isolei. Ele desceu com um envelope que era o Arquivo R, que ela havia guardado coisas que eram para mim, bilhetes, esboço de cartas, e alguns desenhos, não pareceu estar em condição de me dizer. Apenas disse que ela não estaria mais ali. Que deixara o arquivo.

Adenium com olhar grave tentava tirar conclusão indefinível.

_ Eu me deprimi, fiquei quase um ano mal, feito uma obcecada procurando informações que não constavam dela. Virei um pêndulo irrequieto entre ela estar morta e ter ido morar em outro lugar para recomeçar a vida.

_ Renanthera, enquanto esteve com *serrana*[526], a Pecteilis me disse que ansiava ir a uma ilha, era o local y, que o mosteiro era um renascimento, que ela considerava importante para despertar seu olhar. Ela queria resposta sobre a personalidade controversa da mãe pregressa dela. Ela gostava de um local de peregrinação, no entanto visões de deserto vieram para vida dela em dois mim e dezoito, por isso quis a qairauan.

Renanthera segurou a caneca com o *temetum* e ergueu em saudação da amiga.

_ Pecteilis, eu te amo, esteja você onde estiver!

_ *Salam! Ahlam sadiqati*![527] – Adenium bradou e bebeu de uma vez. _ A Pecteilis... - diz emocionado – saiba, foi devotada ao amor a você. O amor dela transcendeu e permanecerá, ela era cônscia, inclusive como era difícil se aceitar, e você compreender e acolher. Ela reafirmou que independeu da forma de amor, o sentimento foi sublime.

Olhos de Renanthera rorejaram como pequenos flocos de neve caiam pairando o azul de lágrimas do céu e estrelas desenhavam estranhas formas fractais no cristalino no resfriamento das horas e tempos perdidos.

[526] Serrana – árabe marroquino – Febre.

[527] Salam – árabe – saudação que significa paz. Ahlan sadiqati – do árabe saúda uma amiga. 'Ei amiga!'.

_ Queria apenas uma página, os livros que ela escreveu, os escritos que desapareceram!

Adenium recostou num dos lados em L do sofá, imergiu em vagas sombras do sono de saudade e inebriar, com um aceno árabe de dedos ao peito, lábios e testa e ao azul celeste.

_ A música 'A Quiet Conversation', era essa! Entre diversas ela escolheu essa.

As faíscas crepitaram sonolentas, as chamas agasalharam como luvas vermelhas as toras desfeitas em cinzas acarvoadas, um estranho azul refletia a frieza do ápice, e a lareira deixa poucos tições vermelhos despedaçados irradiando espíritos do Saara. Renanthera sobe os degraus com os pesos, e uma pequena ampulheta de areias alaranjadas que brinca por uns instantes sentada na soleira da cama.

O vazio ecoa o vento que percorre na gruta interna do crânio e Renanthera estende a mão solitária esvaziando as últimas ânsias vazias, de amor, de amor e amizade.

A vidraça contra montanha, com vapores condensados esquecidos nas beiras, mostra a irrelevante caminhada, e a valorosa partilha de afeto.

Um clarear etéreo se condensa no canto ao lado da visão panorâmica.

Incorpora-se uma luz de partículas branca-amarelada, que adensa, como um espectro de lente de água e se aproxima. Renanthera se despe intrigada para vestir a *amazigh* e a luz indecifrável *cerise* a envolve em amplexo que descarrega elétricos arrepios na pele, suaves e inaudíveis.

Partículas douradas como areia se depõem sobre a pele, em brilho áureo materializado. Formigamentos indescritíveis percorrendo seu corpo. Subitamente as hóstias voam acesas e formam um vórtice dourado.

No calor das mechas acesas voluteiam em espiras, a hipérbole do tocar metafísico, rodeando até a cabeça, cujos cabelos boiam, as lágrimas flutuam, e os fluxos se unem em arrefecimento e uma explosão muda dilui as hóstias que riscam o ar em tênue desaparecimento, para dar uma sombra metálica em insculpido corpo de cabelos longos e rosto imperceptível.

A fragrância ametista reveste a sensação quase imaginada, seus olhos estupefatos vitrificam as gemas das poesias em cores que se alternam como um disco que vira no eixo da pupila. Emanando pequenos brilhos mornos.

Renanthera sente a música, no seu silêncio absoluto, no flutuar dos braços e pés que não sentem o chão.

A música toca como um perpétuo selo.

Selo França 2002 - Le Baiser – Gustav Klimt

Renanthera em exsurgir, veste a túnica com o cabelo recaindo lentamente. Joga com antebraço sobre o envolver de seu ombro o *palliŏlum*[528] de tecedura larga verde e preta, como um xale grosso, porém de trama aberta.

Desce até a soleira da porta e sai até um tapete de neve, isenta e pura dos receios e repleta do afeto em sorriso.

Palma que toca o rosto em seu ouvido esquerdo são proferidos três bafejos como um cântico de rouxinóis no ar frio, emanando encaracoladas ondas douradas diziam:

"*Labium, Gemmĕus, Floscŭlus*"[529]

Adenium se aproxima, enquanto Renanthera brilha os olhos pairados no etéreo ar.

_ O que houve?

Ela se vira emocionada e murmura: _Senti uma presença maravilhosa, que me recobriu de vida, que me revestiu de amor, e jamais se apagará. Está quase na hora.

O crepúsculo nascente anuncia o novo Sol, e Renanthera volta com as mudas de orquídeas na mão.

A neve azul paira como poeiras volantes, no acachoeirar de raios dourados do novo dia, quando o gelo transpira e neblina um murmúrio.

---

[528] *palliŏlum* –i – Lat. pequeno pallium, pequena capa. mantilha, capuz.

[529] *Labium, Gemmĕus, Floscŭlus* – Lat.1) Lábios,2) de pedra preciosa, brilhante como pedra preciosa. 3) Pequena flor, flor nova e delicada. Beleza, ornamentos. As três palavras que são ditas à Renanthera, em resposta às três palavras ditas à Pecteilis em Assuã.

Eles semeiam as mudas, floresce Pecteilis e refloresce Renanthera ao lado, na leira, no valor dessa lavra, nas mãos firmes, as folhas aquareladas do rocio branco como beleza perene de juventude.

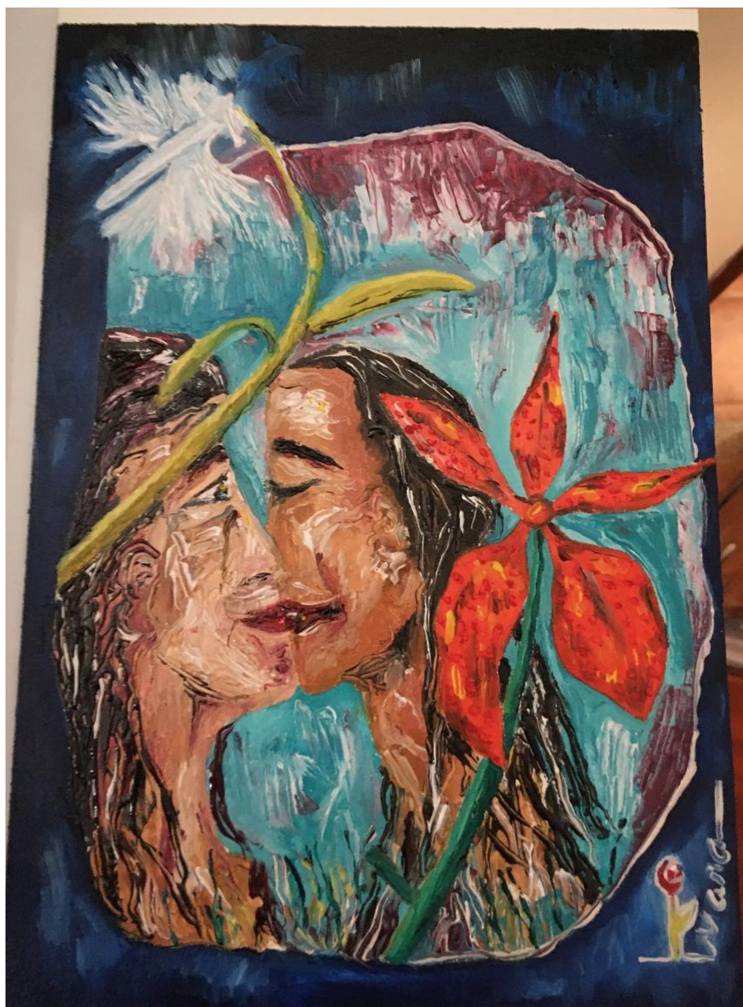
Renanthera com o papel do local y, enquanto Adenium lê algumas palavras do caderno de Pecteilis para Renanthera, que ela traduz objetivamente. O Sol recobre os rostos do infinito, em sua melhor face dourada.

O céu retorna, o dia da migração, Renanthera enfim visualiza o horizonte do mar aberto da ilha, drapejada de verde musgo e envolta em um manto real azul nas luzes que matizam um antílope azul turquesa de olhos perdidos. Ela escala entre as ranhuras de magma e pedregal ocra, e no último vento, está na borda entre a terra e o céu, com os braços estendidos saudando no promontório do dia seguinte. Sorri enfim seu renascer.

Pessoas se aglomeram enquanto zunidos de tsss vão dando cor turquesa, na enseada de oceano infinito, um facho de luz violeta amarelada está no penedo e aos poucos entre as cabeças, Renanthera observa o artista pintando-lhe a figura, ao lado do painel *Pergraphĭcus,* o que foi então chamado *Occursatĭo*[530]*.* Repentinamente as pessoas entendem a figura siamesa, e desanda um falatório entre as pessoas relacionando o convite do *itinĕris* para o local final da jornada que contava com a alusão que as amigas percorreram e por fim uma só concluiu. Outra pessoa objetava: _"As duas estão lá". - Soavam silvos e estrídulos de flashes de fotografias do painel, após tanto tempo. Renanthera furtivamente caminha, pé ante pé entrelaçando os espaços do vazio entre o deslumbre com os passos que arredondam do metatarso ao calcâneo, como um lince desaparecendo entre os raios de seu amor na multidão abismada.

Finalem

530 *Occursatĭo –tionis* – Lat. – ação de ir ao encontro. Atenção. Solicitude.



[ILLUSTRATIO 16]

Adendum

ϴ Observatio[531]

|02 Outubro 2019 17:40 |3m



[531] *Observatio, observationis* – Lat. Observação, atenção, ação de olhar, de ter notícias. Vocativo.

[Illustratio 21] Picturata E

Observationis reciprocae

Seu carro deslizava entre a estrada e as folhagens que borravam o verde num pensamento em um ressequir das flores da orquídea. A sensação de que o céu era incompleto, o dia se arrastara entre carros estúpidos e calor irreparável. O desejo de estar acolhida no âmago da sua casa, nas pequenas pinturas que emprestavam alguma cor da lembrança, e um ruminar daquelas palavras que foram a última carta. Sentiu-se estranha na observância espontânea não programada, sentiu-se naquele liame enrolado que havia tomado de luz seu corpo no cair de neve azul do Atlas.

Ela desceu e abriu a porta, a porta rangeu, diante dos tabiques que estruturavam esse habitáculo, erguido nos braços viris da árvore, uma vidraça deslizou, o ar úmido varreu o madeirame, e a simples cama. Fitou longe as frondes e clareiras, as mudas de bromélias, flores de mato que reluziam sinos pendentes.

Ligou o fogo de seu fogão a preparar um café, colocou uma colher de pó no recipiente da cafeteira italiana, por um lado sentiu solidão, chorou em secas lágrimas o arfar do peito que não podia fazer isso sem punir sua inação. O chiado borbulhou o café esparramando no compartimento acima, e ela desligou e deu essa tromba para uma xícara que naquele momento estranho havia trazido a ela as retentivas que a faziam tremer seus maiores medos. O medo do medo ter matado muito.

O dia descia pelas águas branquíssimas que caíam do rochedo caótico. Ela olhou e desceu a escada que dava pé num caminho de pedras assentadas, entre ramagens e flores miúdas e andando amiúde seu gingado, mas nutrido de certa preocupação. Entrou na varanda comum, deixou seu calçado, dando com chinelos e sem ruído passou pelas pessoas que ali estavam, aquiescidas por algum motivo ao qual nem se perguntava. Ela entrou num quarto cuja mesa negra envernizada dava a um computador. Ela rastreou visualizações de um site com olhar franzido. Executou verificações que denotavam buscas. Meneou a cabeça em expressão triste. E passou a procurar o que seriam as manifestações daquela pessoa. Sem grandes avanços, selecionou o número do IP escrito na caderneta, executou alguns scripts de programas que davam mensagens em letras verdes numa janela negra. A ferramenta então abriu para algumas opções: Áudio, Vídeo, Mensagem direta na tela, Bloco de notas para o local. Executou vídeo, que estava indisponível. Acionou áudio. Ouviu barulhos sem fala alguma, talher chacoalhando no gaveteiro, torneira que abriu, acionamento de chama de fogão e um chiado de borbulha. Se perguntou: “Seria esse um café coado por pressão do vapor?”. Parou e pensou. Abriu o bloco de notas e escreveu:

"Sedimentava a visão mais profunda de sua alma". Gravou na área de trabalho como: "Occursatio".

Investigatio observationis

|10 NOVEMBRO 2019 16:45 A 20:58 PARTE SEGUNDA - INSULAR, PREPARO 11:30 A 14:50, ESTUDO DE VERBETES, CORREÇÃO DO ANKH, GARIMPO DE PALAVRAS, IMERSÃO EM REPORTAGEM DO ARQUIPÉLAGO E DO CERRADO. EM 9 NOVEMBRO ESTUDO DO BIOMA DO CERRADO. OSSEUS DOS QUESITOS DE OBSERVAÇÃO.

Olhava através da vidraça do seu habitáculo, observando o escorchamento do casco e córtex da árvore mais próxima, de coração apertado após o esvaziamento que houvera sido desde o abandono do caminho, tanto por ter aberto o peito à liberdade, como em seguida ter guinado para ter perdido a sincronia do espaço-tempo. Inextricável liame mantinha um cordão de ouro atado, nas veias da alma pulsante, das palavras que não se produziam em livros, não mais. Essa lápide de certa forma sacrificava as raízes orquidárias. Renanthera sentia-se despetalada de alegria, entre constantes estridências do atrito dos quícios, em lutuoso momento indizível do itinerário recamo em uma lapela em encomenda de arte bordada, em pequenos símbolos memoráveis que cerziam uma estranha sensação da planta desflorescida. Da estranha adjacência com o estrépito silente da falta, de uma dependência que incompreendia, que entornava as memórias daquela investigação sobre ela. Nos primórdios de uma dança de fitas, que tremulavam nas cabeças que rodeavam uma dança de busca, de busca velada de informações, cujas motivações em si, vinham embebidas de inúmeros supostos periclitares, que investia poder em reler todos os dados do curriculum, e obter uma ficha pormenorizada de colaboradores e não sabendo os caminhos da atualidade, àquela época, cercou-se de um investigador, que observasse. No franzir de seus olhos, abriu um dossiê vestido em uma pasta cartonada marmorizada em cor salmonada e das folhas *enclipadas* guardadas em sacos plásticos, revirava antigas informações em profunda desolação de seus critérios e segredos. Digitou aquele telefone, mas não atendia. Recuperando o nome do serviço investigativo, sentou-se à uma mesinha, enluvou a mão no vão abaixo e puxou o computador para assentá-lo sobre a mesa de pau-marfim e diante da luz, buscou dados e em seguida se pôs em conversa: _Olá! Aqui é Renanthera. Tudo bem? Em meados dos anos dois mil e quatro a oito, por algumas diligências efetuou relatório sobre Pecteilis Radiata. Lembra-se? – Laconicamente ouviu. _ Sim senhora! Recordo vagamente os detalhes, mas naquela ocasião fiz campana de observação a binóculos, infiltrei no ônibus a saber dos locais aonde ela trabalhava e paguei almoços a colegas para saber mais, porém

não adentrei, como sabe meus métodos, em veredas proibidas e ilegais. Precisa nova incursão? Em quais moldes? Um dossiê de um mês ou acompanhamento mensal por amostragem? – Renanthera gelada em sua sensação de incerteza e agônica falta, requestava, e sabia disso com dor em seu estômago. _ Caro senhor, à priori, desejo uma verificação da presença dela, no seu habitual endereço no interior, dá para observar de campana, a dar início a saber se ela deixa rastro para duas hipóteses:- ter falecido ou ter se mudado; quiçá talvez ainda estar lá sem estardalhaço. Estive com ela há dois anos, em uma viagem, após estive em sua residência cujo esposo não me deu informações. Se o tempo for insuficiente, peço monitorar por mais uns meses, até as datas importantes, aniversários e fim de ano. Meu e-mail enviarei em mensagem instantânea. - Encerrando a ligação, Renanthera coloca o celular na beira da pia, entre um pequeno vaso raso de *ikebana* com flores brancas, as quais nos tremeluzires delicados envolvem o foco dos olhos nas vertentes lacrimais, como braços com dedos que tocam as águas cadentes da queda-d'água. O seu chambre em motivos pintados floridos decota seus filamentos do talo verde, filamentoso dos vasos que nutrem o sentimento de ânima anêmico de sua perda. Renanthera, a desbaratinar a angústia torce o dorso sobre o quadril e olha na tela do computador, encerrando o navegador, ao deslizar o cursor para o botão do desligamento, repara um ícone na tela, aproxima para ler a palavra que enregela a sua alma alvacenta na queda brusca alcantil. "Occursatĭo". E então, em olhar sulfurino lê enigmática frase, que por absoluta certeza, ali não havia gravado nem escrito. Arrasta a cadeira para trás atabalhoada e arvoada. Olha aos lados e leva as mãos com o trio de dedos à testa. "Que emanação teria capacidade física desta mensagem, a ilusória?".

Contemplationes Insulis – no dimissa[532]

Entre os caminhos cerrados, vaga com os pés leves nas bordas aquíferas entre as pedras, sem distar a casa de telha-vã, sem distar aquela fileira de abacaxis-ornamentais[533], com as pinhas rubras nas dobras de envelopes encantados de cores e zumbidos de zangões na sombra do tingui[534]. Do córrego dava-se às ondas do ziguezague do debruar da Margarida que sorria com as mãos deslizando o tecido de sua autonomia nos confins para partilha da comunidade. O cheiro da compota recendia entre os filamentos espigados do capinzal de capim-jaraguá[535] até a margem, nos ventos esquecidos do estio, sacudindo as vestes da túnica anelando os pés de Pecteilis com franjas no encouraçado da sandália entrelaçada pelas barbas de suas pétalas. Nos brilhos de água Pecteilis deixa à correnteza suas buscas recorrentes por sua amiga e o passado ressurge das chuvas, nas lembranças insulares de seu périplo costeiro que respingou das ondas na sua tebaida, a desfibrar o sentimento de abandono, e entregá-lo na rudeza do rocado, e vê-lo afundar nas áreas inframareais como peixes e arraias frondosas no labirinto de rochas de 'Los tuneles' cristalizando seu mistério frígido no resvalar constante das correntes pacíficas gélidas. Pecteilis vagara no marejar do destino incompleto de navegação, a contemplar a ida e vinda, a se gretar junto aos cactos e plantas indescritíveis e caminhar entre cágados, nas borbulhas das rochas vulcânicas aguilhoadas de gretaduras e rasgões de movimentos tectônicos, aonde poderia sepultar inúmeras lembranças e esperanças vãs, por onde seus pés deixariam os cascos dos ferimentos, nas sombras úmidas de provecto dessas dores que ali desapareceriam nas entranhas por vezes lavadas pelas águas, por vezes desidrataria em salgadura. Nesse tempo suas andanças trilharam entre sáfaras os passos livres, o ar remontado do confim, e seus cabelos permaneceriam despenteados ondeados sobre camiseta de algodão branca na contemplação profunda de caranguejos-vermelhos escaladores da grande falésia dos ventos. Diariamente se aninhara no esconder entre pedras e plantas no refúgio dos pensamentos fortes, e sorrira para as cenas de eventuais abraços de iguanas. Quando esvaziara das pessoas, dirigia-se ao cume do despenhadeiro, a

---

532 Contemplationes Insulis – no dimissa – Lat. Contemplações das ilhas (insulares) – não liberta. Verbo Dimitto –is –ere – ise – issum – perdoar, libertar, no particípio nominativo feminino. Representa a observação aprofundada de admiração, aprendizado, paixão e constatação da falta de liberdade, no âmbito de confronto das ações póstumas e ações refletidas da escrita, mas que remetem à sensação limitada da libertação, não tendo sido completa no tempo delas juntas. Insulares remete ao arquipélago, mas simboliza os isolamentos, as redomas dos mares que as circundam, ao passo de suas interações através das distâncias, como o mar sendo o condutor do elo.

533 Abacaxi-ornamental – *Ananas bracteatus*, bromélia também conhecida como ananas-vermelho, cujas flores assemelham-se a abacaxis avermelhados carmim.

534 Tingui – Cuitê, tingui-capeta, timbopeba, tingui-de-cola; Magonia pubescens. Árvore do bioma cerrado.

535 Capim-jaraguá – *Hyparrhenia rufa*.

enfrentar a ardência de seus temores, faltas, ânsias desmaterializadas na erosão eólica. Respirava uma esperança de um dia rever sua amiga dando passos nas intricadas pedras, nas areias da praia dos amores, em sorriso que semeasse uma estação vindoura. Ao pôr do sol, voltava os passos na descida para um pequeno povoado da ilha maior, de construções coloridas de portas arqueadas, que poderiam até lembrar os cascos das tartarugas-galápagos, ou arcos dos memoriais tempos medievais. Se não fossem ruídos de motores, do cais movimentado de lanchas e botes infláveis, do cruzeiro criando uma ilusão Fata Morgana. Ela vagara como voo parado no ar. Ela acocorara ao lado de patolas-de-pés-azuis[536], de olhar grácil e jeito incrível, por vezes empoleiradas nos seixos de cripta das falésias. Por vezes no cume do despenhadeiro. Por vezes no pedregal beira-mar. Um dia, enquanto subia a senda, notou um xale, um manto verde preto, cujas pontas esvoaçavam ao sabor do vento, entre alguns turistas em roupas coloridas em busca do pôr do sol de suas vidas. Os cabelos trinavam ondas do mar revolto, nos bicos do voo do gavião solitário; o olhar perscrutador da garça-noturna, assim que a explosão nuclear fizera a irroração em cogumelos de espirros atomizadores violentos da onda no rocado para cima verticalmente, e a garça começava a voejar o tempo congelado. As pessoas sentaram pelo desaparecer da hóstia do Sol, no reluzir de esfregadas pinceladas no azul com purpúreas cores daquela celebração específica de braços ao firmamento da estimada pessoa envolta em sua mantilha verde-preta para uma dança de braços gráceis tanto quanto o trejeito das aves puras. Ela contemplava de seu refúgio, em suas roupas ocras e brancas, como flor alvaiada de altivos cactos. Por um instante, a contemplação profunda, dava ondas do perfume anímico das flores, e Renanthera nas lágrimas da emoção do espargir agigantado do promontório abraçava em si o etéreo da sua amiga, na intenção daquele dizer tardio, nos resquícios de sua sensação corpórea no cume gelado da montanha onde estivera. Tudo fora estanque interconectado. Tudo parecia oceanografia das almas navegantes. Tudo fluía entre céu e mar, mar e céu no tempo do escarpamento da elevação vulcânica lambida pelos ares. Em surpresa desse reconhecimento, ela pairou nas pedras e passeios, distraída nas sombras distadas entre o brilho e afundar das ondas, entre as rotas espumadas das risadas de divertimento, como a vida que sua amiga pirateava para perfazer um itinerário truncado, para dar um passo de uma nova trilha, para pular nas águas com pés de pato e observar, lentamente as turquesas aleitadas do Sol, entre cardumes coloridos a arraias voando nas águas claras entre corais. Pecteilis dormiu num bote aquela noite na inanição das estrelas perdidas. Amanheceu dia que seguiu para a praia postal, na embarcação seguinte o rastro quebrado das ondas as unia, a contemplação da beleza infinita, dos abismos das criptas que sempre as distou. A charmosa caixa de correio de boca aberta para as mãos da benevolência, cada qual escolhia um cartão para entrega e deixava uma mensagem.

---

[536] Patola-de-pés-azuis – ave da família dos atobás, *Sula nebouxii*.

Renanthera aguardou calada dez passos atrás, podia vê-la com os cabelos do vento na indecisão insegura, mesmo na agitação da rebentação podia saber o que uma carta entre os dedos faria lembrar. Sozinha caminha até a caixa de correio beira-mar, entre as visões de escolhos dando alicerçamento de cais, Pecteilis navegava entre os respingos de sua divinação. Ela escolhe um cartão e posta um seu. Leva as mãos ao rosto, depois parte a se juntar ao grupo. Pecteilis perde uma de suas pétalas nessa comoção à distância, aporta passos até a caixa, sem cartas para postagem, pega um punhado em mancheia de cartões e envelopes, e começa a examinar, até que distingue um cartão endereçado a Adenium, selado. Cujo carimbo de seus lábios recebeu em toque mágico do hálito invernal no:

Selo Colibri do décimo segundo congresso de botânica. [537]

No decolar do voo do tesourão-grande[538], cujo peito vermelho inflara e o bico cortava o ar na migração do tempo. Ela segue para um local de mergulho raso entre lobos marinhos retorcidos na realização *in memoriam* de uma serenidade submarina que somente ambas guardavam a relíquia dessa liberdade escrita em pluma. Pecteilis retirou os pés do arroio sem sentido do chão, em quietude dos timburés, e retornou entre árvores cega-machados[539] floridas em rosadas flores para a casa alternativa, entrando pela sala de suas memórias, com a mesa de toalha rendada em amarração de franjas macramê, com uma corbelha delicada com cajus, mangabas[540] e jabuticabas que olhavam atentas para ela, entre um atilho de flores de capim-gordura[541] que encanavam um copo translúcido para os ventos que seduziam aqueles veludos do tempo presente.

---

[537] Selo do colibri diante da flor, de folha filatélica especial, La botánica en América Latina: Realidad y desarollo virtual. XII Congresso LatinoAmericano de Botánica, Equador 2018.

[538] Tesourão-grande – *Fregata minor*, ave pequena preta com peito vermelho Fragata, plumagem iridescente. Apresenta dimorfismo sexual, cujo macho apresenta saco gular vermelho, na época reprodutiva. A fêmea preta com manchas brancas pardacentas. Juvenil é de peito ferrugíneo. O filhote tem penugem branca com asas pretas.

[539] Cega-machado – pau-de-rosas. *Physocalymma scaberrimum pohl*. Árvore inerme, caducifólia, heliófila, monoica. Doze metros de altura. Copa piramidal. Habita o cerrado e florestas ribeirinhas. Flores visitadas por beija-flores, mamangavas e abelhas. Madeira empregada para construção de cercas e jiraus, caibros. Casca usada em fitoterapia como infusão cicatrizante. Flores e inflorescências lembras Resedá-da-índia em tons rosa.

[540] Mangaba – *Hancornia speciosa*. Planta do bioma do cerrado.

[541] Capim-gordura – *Melinis minutiflora*. Gramíneas invasoras, que compõe bioma da vegetação de diversas regiões do Brasil.

Observationis Persecutionum[542]

|10 NOVEMBRO 2019 22:22 DOMINGO A 23:46 – PARTE TERCEIRA – OBSERVAÇÃO DE BUSCA INVESTIGATIVA. SATÉLITES DA OBSERVAÇÃO – REDUNDÂNCIA, ADMIRAÇÃO, BUSCA, INTROMISSÃO, SIGNIFICAÇÕES, CATIVEIRO E SABER-APRENDIZADO. RENANTHERA EM DERRADEIRO.

Nuvem *cumulus nimbus* lançava luzes acima de sua própria cabeça, grandes pingos da tempestade fremiam ao redor de Renanthera, em tonante. Dia após dia na intriga das armadilhas desse elo, fazia um esforço de indiferença. Por vezes achava-se aturdida pelo caos irracional, depois olhava a lixeira do computador conferindo a evidência. Neste dia, todo equipamento desligou enquanto a tempestade arou os campos lambendo-os de lama da ansiedade desprecavida. Escondido sob uma tábua do beiral, escondia empoleirado um saí-azul. Na soleira de sua porta, ela sentia os respingos da chuva povoada do cheiro das braquiárias que preenchiam o caminho das águas e dali podia observar intromissiva na intimidade do pássaro acuado nos espaços em que ele teceu com galhos um ninho pequenino. Dava-lhe estranha vontade imediata de pegar com a mão e deixar sob o teto. Dava-lhe instintos esquisitos do seu olhar solitário outonal, de sair para onde quer que alguma pista desse paradeiro. Dava-lhe raciocínios inadvertidos que contradiziam todo comedimento que a vida investira como capa de invisibilidade. Dava-lhe gana de correr os ares feito grupos de pássaros transpassando os arcos-íris das cataratas. Dava-lhe fome de um café na xícara prometida e das tarteletes convidadas que jamais experimentara sob manto daquela amizade. Dava-lhe vontade de ter poder de girar os ponteiros anti-horário para retroagir. Dava-lhe nervos que estremecidos involuntariamente perturbavam o lodo de sua sedimentação. Entrou nos momentos escuros dentro do vendaval, para o qual flectiam as árvores derramando galhos secos. Sentou-se na luz pobre do final daquele momento, esperando um relatório que trouxesse qualquer coisa, principalmente um portal literário pseudônimo, porque os olhos da admiração estavam mirrados num porão abandonado do passado. Por instantes arrependia-se de não ter guardado melhor os suvenires, o que passava a incomodo de seu tamborilar de dedos no oco que esse abismo rasgou. Admitia que estava desequilibrada, mas acenava para o dia. Admitia a perda, mas não esquecia, nem cessava o lamento. À noite com a luz gerada, uma chuva amainada ressoando ainda volume de música, o relatório reluziu sua ávida busca de saber. Saber era palavra mais amena.

---

542 *Observationis persecutionum* – Lat. Observação das perseguições. *Persecutio, persecutionis* - Perseguição, caça; prosseguimento de ação judicial. Forma genitiva plural. Representa as buscas incessantes de ambas as partes, que mesmo em atos diferentes confere a reciprocidade.

"Senhora Renanthera, boa tarde. Estive por oito dias observando a residência, de onde sai e volta o esposo de PR e a filha mais nova esteve em um final de semana. Alternei dias e não notei nenhuma correspondência pessoal. Certamente nesse período PR não apareceu para nada, nem desceu do carro, ou colocou lixo, coisas banais. Perfis sociais não são públicos, exceto um, sem atualização, parece abandonado há quase três anos. Bem, o que tive de concreto é conversa dele no celular com o filho, combinando fazerem uma viagem no final de novembro à chapada. O filho, consegui saber que já esteve numa mesma viagem, o que me chama atenção e estarei verificando melhor esta pista. Em uma semana passo mais informações."

Renanthera devorou as palavras e ficou desapontada em não ter nada concreto. Mais uma pétala parecia desaparecer enquanto suas árvores já não eram mais as mesmas, quando as borboletas mal viveram um dia de tempestade, e aquela sensação do plantio no cume de montanha, aquele envolver de braços invisíveis davam sempre um horizonte paralelo nalgum lugar do céu. A presença naquela circunstância marcara a ferro o sentido, o sentir e o sentimento. Era seu. Em si. Na própria pele. "Por que era assim impossível corrigir a decisão na fuga das suas sombras? No entanto, foram sempre as correntes do pensamento que me ensinaram, foram nas poesias e escritos que me levaram às constelações. Não é maravilhoso isso? Minha fatuidade não deixou viva a corça. Razão autopunitiva e amor cativo foram axiomas que escolhi não ver, apenas ressaltando o exacerbo do amor como vezo. No fundo tudo era exornado, das pinturas à caligrafia, as palavras até a paixão. Era tinta de água meu coração. Enquanto agora o meu amor é sucedâneo, como seminal cura, na geração assexuada de uma flor sem o néctar da vida, tardiamente. Tristemente tardio. Nossas águas de espelho... não foram tão opostas, revés da invernia".

Transitus

|11 NOVEMBRO 2019 19:35 A 22:22| CHAPADA INTERAÇÃO, PERCEPÇÃO DO STALKING, TRANSFORMAÇÃO E DESMATERIALIZAÇÃO. SENSO DE FUTURO. ENCONTRO COM ESPOSO E FILHO. RECEPTIVIDADE. PECTEILIS TRANSIÇÃO METAMORFOSE| A07 |

De braços à quatro e trinta e cinco, com as mãos em para-brisas caminhava as sendas cujas formigas demarcaram o chão, aos seus milhares de pisadas, enquanto que os pingos rorejados e descendentes das folhas de pata-de-vaca, assa-peixe e exóticas flores de algodão-do-cerrado[543], que permeavam os sulcos da tez dos fragmentos dos fragmentos e de gotejos cegos do Sol. Desse

[543] Pata-de-vaca – *Bauhinia longifolia*; assa-peixe – *Vernonia polyanthes* usada como fitoterápico; algodão-do-cerrado – *Cochlospermum regium*.

gesto de andar às plantas que incorporara em seu tato, em sensação que conferia morno acolher à sua pele em meio ao frescor dessa parte da mata, entre guarirobas, pés de mangabas, entre as folhagens de café-de-bugre e lindos jatobás[544]. Pecteilis ainda podia sentir o rosto no florescimento juvenil enganando as sombras e o fustigar da estiagem. Sorria melancolicamente despejando os polens secos nas corbículas entre o zumbido e rodeio de abelhas que sondavam sua existência. Esse mínimo gesto de pisar o seu tapete de estrelas incandescentes dormentes nos recônditos intrincados das fendas das pedras e escarpas escaladas por musgos e bromélias[545]. Apesar desse furtivo abocanhar furtivo e de andar capoeiro, apesar desse ouro perdido no caminho, ainda nutria em si seivas leitosas de argumento de uma sabedoria instintiva que nascia das chuvas pósteras e parecia a promessa de nova vida onde o vivificar vestia nuances cristalinas e recebia festivos brilhos disparados de espadas de vidro que derramavam os próprios dentes ao Sol com sua cesta de pó que decaía entre as nuvens sobre as frondes dançadas em congelamento geométrico esquecido nas piras espontâneas do amor a embair da inospitez de cada gestação. Servida de um cajuzinho-do-cerrado[546] em sua boca que franzia em diminuto prazer da suculência efêmera tal pitéu, tal a exuberância do pintalgar de uma Renanthera em sua flor que vem e desaparece por longa estação de bulbos verdes abraçados em tronco de árvores, junto a diversas ervas-de-passarinho. Ensimesmada nutria sua visão para cada passo novo, cada nova trilha e farejava a umidade dos leitos encaracolados entre grutas, gretados e rochas cingidas pelo longevo. As músicas das águas permeavam aqui e acolá, entre os passos e setas pintadas por algum caboclo ou Calungas. Antes que chegasse ao Salto do rio preto, Pecteilis esgueirava sua resistência de viveza, buscava os músculos dos braços tortos ao avesso do cotovelo, em se apoiar entre as pedras, de olhos que derramavam atenção para pequenos besouros, rãs camufladas entre os troncos fantasiados de carnavalescas folhagens que se interpunham supervenientes à matéria que debaixo decomposta evaporava os alentos em resquício de suas fragrâncias de um dia, assim pé que firma a cada encalço ou pedra angular que se firma uma luz amarela do dia, em que esquece detritos escorregadios, a cada degrau contorce-se como serpe fina de um mindinho, por vezes agarrando um filamento taludo de raiz que se imiscui pelo mesmo trajeto, como cipó esquecido. E descendo, o estrondo da queda se pronuncia. Um vergel de braquiárias

---

[544] Guariroba, mangaba, café-do-bugre e jatobá – respectivamente as espécies Syagrus Oleracea, Hancornia speciosa, Cordia ecalyculata e Hymenaea courbaril.
[545] O tapete de estrelas de polens, é imagem da *poesis* de sua vida. A imagem do brilho das palavras de amor guardadas na possibilidade remota de reflorescimento. Refere-se à estranha leitura anônima que por seguir atenta, guarda em si algo inescrutável, sua motivação a somatória em si traduz a diletante razão.
[546] Cajuzinho-do-cerrado – *Anacardium humile*.

desenha seus arcos verdes pendidos contornados dos matizes de seus filamentos imersos na tez do verde. Rasteiro raspam as canelas até um estranho e pequeno acúmulo de água, uma bacia vertedora, de cor ocra que esquece o verde na beira, traz borbulhas de areias que parecem engolir o corpo que ali ela entrega, talvez desejando o sorvedouro que conclua uma transformação para o ar volante de sementes que planam simulando serem vivas libélulas que carregam filhos da lua da mata verde. Pecteilis deixa-se e a água a cospe para superfície, como uma densidade inexata, seu branco amortecido do Sol encoberto carrega uma roupa molhada que adere ao corpo em silhueta do busto, quadril, pernas e bunda, com os pés lambidos, sai entre os cabelos cortinados de si para caminhar sua solidão para o tropel do esquecimento. Preá[547] molhado do esquecimento dessa situação, desde qualquer sentir, aquele sentir transcendente, aquele sentir não dimensionável, aquele sentir misto turvo da nebulosidade, ou da própria catarata de sua íris. Pecteilis chorava junto das águas a queda irrestringível desbragadamente. Ninguém lhe perguntaria de suas lágrimas mistas ao corpo daquela sua catadupa. Ninguém retrucaria seu amargor ou compararia alguma cicatriz ou sequer saberia algo sobre o passado. Assim, o borrifar mais longe do âmago branco, numa piscina azul brasilis brilhante, com manchas cinzas ardósia escuro, e manchas eucalipto que pareciam almas das folhas verdes que ali vivificaram sua póstera atribuição, a de perfumar pureza nas mãos do intocável. Pecteilis não tinha coragem de adentrar sozinha na corrente de águas pluviais daquele salto, o gelo do medo a paralisava enquanto supunha em próprio pensamento quais motivos fizeram sua abantesma procurar informações ou esquadrinhar antes a poesia undícola nas vertentes do transcorrer. Pecteilis refrescada de seus rumores, retorna a trilha de onde viveu, desceu, entre um ângulo que permite ver a suntuosidade do ipê-do-cerrado que ilumina as copas em amarelado perdido entre folhas. No casario duma comunidade do quilombo vê-se paredes que dão forma de pão para a palha vergada sobre o telhado, desafiante do calor, rasgar dos ventos e chuvas de estação. Perto das casas do sítio na região norte da chapada, aquela *mimosidade* de bancos para se sentar, chão batido e tapete de linóleo na entrada. Chapéu dormindo em cabideiro. Retrato de pintura na parede caiada. Janela formosa com vestido de chita. Folhas reunidas nos tufos de piaçava. Ela adentra a cozinha, e pega uma pequena caneca de cabaça, e enche de água e bebe seguidamente de uma só vez. Depois pode resfolegar em riso e dizer olá para toda florada da chapada. E cada um responde com sereno flectir das ondas das brisas que passeiam nas poeiras da casa. Um olhar triste colírio de cometa que não será mais visto, ela rememoria o piano entre arpejos dos violinos de dança girada dos braços no promontório verdejante, numa gargalhada e sorrisos que se derramam até pelas enxurradas das encostas íngremes e cavernas que se deixam isoladas desconhecidas por todo sempre. Como um momento troféu predito,

---

[547] Preá – da fauna, *Cavia spp*.

esta esperança beijou as iridescências da catarata e adentrou ao mundo subterrâneo aonde sua visão não alcança nem sua força, *sepulcra-se* perdido. Ela poderia exaurir sua frágil vida nessa écloga e sopitar os calores das horas quando o zumbido estrepitoso trazia consigo amplificar, mais e mais infeta o rudimentar pomar das ilusões para o resvalo de rastro de poeira dos pneus de um carro, um áspero raspar de frear e um ácido esbarrar do sino. Assim Pecteilis despe sua desídia e pictórica se adorna nos batentes da porta com ombros em pose galharda com seus anéis de sorrir para os queridos Datura e Tillandsia. Os braços epífitos do filho abraçam Pecteilis graciosamente com risos que se aguam entre si, que borbulham as historietas dos acontecidos em seus caminhos e guardam brilhos infrangíveis de grande amorosidade. Loucos para um mergulho já iniciam a fuzarca abrindo cerveja de baru[548] enquanto no ingá[549] de grandes raízes de fronte à casa, pia alto crocitado o sabiá-laranjeira[550].

Como banhos e passos esmeraldinos entre as saudades do tempo restrito. Pecteilis compartilhava alegria com Tillandsia como debulha de flores de trigo de campo dourado, ou saciedade do licor de Pequi, ou a lambuza das jabuticabas averrugadas no tronco. Afabilidade de pequenos passos com Datura no primeiro estrepe não obvia mais nada a dolência antiga, e notadamente dão-se o carinho cabível entre voo da águia cinzenta[551] e o cuíca-d'água[552] que não se roga ao banho. Como proêmio de dias que seguiram a partilha do peixe assado, mandioca cozida, feijão grosso, banana-da-terra, suco de pitanga, as pedras escorregadias, as galhofas de cada erro cometido, o desfilar de gárrulas lembranças, entretanto o neviscar das entranhas dos bagos de algodões, os farelos que caíam dos fragmentos secos dos galhos sofridos nas queimadas davam cendrar daquela reunião. "Após quilômetros de caminhadas suarentas e esbaforidas nos sentamos no tronco de árvore para nos despedirmos". Eles seguiram carregados de preparados curativos, sacolas de frutosas árvores, sem momentos conflituosos, apenas a dúvida que pairava no murchar das pétalas a um regresso possível, improvável alfim. Pecteilis entardece os fogos de lenha, no cozido de bolo com baunilha-do-cerrado, na memória da broa assada na palha de milho lá de Minas, sorrindo levemente a insensatez de grande parte de seus desejos, do enfitar que se desamarra da laçaria e adeja e evola aos céus noturnos como dia de festejos, que recorda enlaces de amor, em todas as doidivanas e grandes gestos apaixonados nessas luzes de estouros tonantes duma tempestade sem nuvens, de um estrépito cadenciado de exortação que por um lado turvava-lhe a memória, mas persistiam cintilante cor que aludia algo

---

[548] Baru- cumaru, coco-pereba, entre outros nomes da *Dipteryx alata*.

[549] Ingá – árvore do cerrado de raízes grandes. *Inga sp*.

[550] Sabiá-laranjeira - Turdus rufiventris.

[551] Águia cinzenta – *Harpyhaliaetus coronatus*.

[552] Cuíca-d'água – *Chironectes minimus*.

maior, que não impossível era, que não incendiável era, que não endemoniado era, que dava olhares férvidos, que concedia toques de sensibilidade infinita, choques que percorriam os ares engolindo as dimensões. Abatia olheira do sono, nos lençóis brancos ficara a pétala, no travesseiro perfume. Dia do tempo novo amanheceu, com o campo de chuveirinhos florescidos em esferas de águas acachoeiradas que explodiram e assim sempre-vivas permaneceram congeladas drapejadas na planície que esperava a escarpa para dormir. Um grupo de pessoas adentrava o mar de chuveirinhos, no arrulho de seu embevecimento, cantando e passando mãos nas plantas. O grupo de pessoas caminhava a trilha das formigas e galgava as rochas intrincadas. O mergulho gelava a alma no frescor de suas ilusões. Sol que perdera as espadanas de suas próprias cipselas. Em forma de calor pendiam frutos. Harmonicamente babaçus, buritis, araticum[553] dava abrigo aos lobos-guarás, gatos-palheiros, macacos-aranhas e onça parda[554]. Do alto a linda gralha e o ziguezaguear do beija-flor-tesoura percorria como a um campo florido da alvura.

Cognita [555]

|12 NOVEMBRO 2019 16:31 17:15| SABER, O SIGNIFICADO E A BUSCA|A08

Sentiu. Falta de uma eulalia. A chuva se fez promessa e regalia. Os dias subsequenciaram-se as águas dos brilhos estanhados e pendentes brincos de um desejo de saliva. Renanthera olhava fixamente através de sua vidraça não sentindo o acolhimento, mas aprisionamento que um café em ressaibo avelhentado. Passou a mão num agasalho impermeável, quando a chuva se fazia véu espraiado homogeneamente pelo campo, e olhando aquele ponto branco longínquo caminhou entre grama, terra molhada, poças chapinhando um tênis sem se importar. Muito lá adiante das árvores, dos frutos caídos, da fetidez da solidão, do ulular do fogo-apagou[556], o mato se revirava, ritmado o curvar das folhagens em dança de braços que pegavam os borrifos para ungirem-se a si mesmos, o que lhe dava cismático olhar no silvar desse estrídulo que esse transir provocava. A linha de horizonte empunhava bandeira branca um campo a frente como aceno libertário, ela correu a orla de sua intriga, correu o penedo do não saber da Pecteilis, nada que a satisfizesse. “Quando essa satisfação se daria?” Os

---

[553] Babaçu – *Orbignya phalerata*; Buriti – *Mauritia flexuosa*; Araticum – *Annona crassifolia*.
[554] Lobo-guará – *Chrysocyon brachyurus*, gato-palheiro – *Oncifelis colocolo*, macaco-aranha – *Ateles paniscus*, Onça parda – *Puma concolor*.
[555] *Cognita* – Lat. Aprendizado. - Representa consequência de observação, busca de saber, compartilhamento intelectual. A criatura.
[556] Fogo-apagou - *Columbina squammata*.

violoncelos tocaram as cordas vibrantes desfibrilando o coração, os seus descompassos trôpegos vibravam através do cavalete através do ressoo no vão dos efes. Renanthera sentia súbita emoção entornada das luas engolidas para seu globo ocular. Pisando o chapeado da água lamacenta nos espirros de terra desprendida lhe dava o viés da liberdade do desgarro, do desprendimento. "Por que ela tem a capacidade de me tirar do prumo? Ai caramba...". Quando com braços a quatro e quarenta dos dedos perfurando os vãos entre as águas, se deu no vértice de um triangulo escaleno de um pequeno palude. Em meio às águas sobrenadavam os marfins das teclas do piano, o resvalo da chuva açoita as faces delicadas e seus olhos se esticaram para aquela cena inacreditável. Lírios-do-brejo desabrocharam, os seus estames sacudiam no movimento da euforia. Besouros e abelhas pareciam sob ataque duma planta carnívora, mas não, não eram eles. As flores pendiam suas cabeças contra suas cabeças e de olhos arregalados, Renanthera via o transir de suas corolas, do entrelaçar de suas folhagens entre os braços da outra e as cabeças selarem beijos convulsos entre a ventania que perfilava os dedos no pântano, provocando o desperdiçar das águas entre os dedos e o sentir, um sentir profundo do amar. Renanthera sentiu o desespero tomar conta de seus olhos, ter suas pestanas como marionetes do desespero, seu revirar de íris no extasiar na demolição de sua força, numa coisa dilacerante em seu peito que o rasgava como roupas de pétalas, que projetava de seu coração um estame. Renanthera tomada de pranto, dava catarata aos olhos dessa visão pluri abundante. Seguiu caminhando chafurdando os pés pântano adentro em meio ao tocar orgíaco dos lírios. Ali ficou como parte que falta sua metade. E a dor a tocou. A dor de Pecteilis. "Agora amei". Um sol de eucalipto perfumava seu pranto exclamado, espumado, gritado. Emergiu das águas com o amor nos braços, cambaleante voltou para casa. Entrou de roupa no chuveiro quente, enquanto os vapores dançavam mãos em seu corpo, as chagas se calavam, mas o vazio vestiu seu gesto, seu coração, sua boca e fino lábio. "Chapada...a chapada vai me fazer sentir beijar o androceu. As cachoeiras do fogo áureo...". Ali girou os braços tentando saber a trajetória de colher o branco no retângulo áureo. Se viu com mochila, cabelo preso, boné, a imaginar dar-se com flores Radiatas. E sua busca não era mais digital nem camuflada, nem tocaiada. Olhos reluziam os pingos da água do lirial em luar amado.

Persentĭo[557]

|12 NOVEMBRO 2019 17:25 PARTE 1 | CHAPADA, CONCEITO DE DESATRIBUIÇÃO DOS ELEMENTOS PARA INTELECÇÃO DO EXISTENCIAL E CONCEITUAÇÃO DE UNIÃO|A08

No entrementes de Renanthera em singrar pelos ares e aguilhoar a terra encarquilhada dos becos da vida, dava-lhe o simulacro de escolha, dava a sensação da dormência das sementes, o Sol fustigava mas o melhor estaria para a chegada das carícias pluviais. Apesar de que qualquer impressão que causasse, sentia determinação ao empunhar o volante enquanto o carro girava estonteante as rodas pelas estradas longas das horas para o sertão. O mapa revelado, havia de haver uma conjunção de estrelas naquelas paragens e em algum canto, sonhava em delírio reencontrar e poder dizer qualquer coisa que fosse mas sobretudo, ouvir o coração bater. "Vive o botão de flor? Pulsam as seivas? Os pedriscos não fustigam mais? Por que senti aquilo me percorrer a razão e me engolir no lago das flores? Lírios que se transiam... Jamais haveria de cogitar ver movimentos de plantas carnívoras em lírios... Que estranha sensação me sublevou para um tipo de nuvem que a vida jamais me cedeu em tapete". Parou o carro para erguer as pernas, esticar as costas e beber água. Secou os vapores porejados da testa amadeirada, como verniz que perde repentinamente o brilho, os ventos radicalizavam os fios pequenos do cabelo, e nunca percebeu realmente rebeldia no seu olhar como nesse momento. Entrou novamente no carro, puxou um travesseiro e acomodada, analisou o trajeto e notou que o sistema de localização estava congelado. Seguiu no breu. Nada mais importava sobre o que havia sido o trabalho, o que havia sido o receio, a estranheza, a face das cartas de reis que torreavam suas vidas nos arcanos que: revelara-a para aquele mar de pétalas do sentir. Quando o silêncio silenciou, seu coração alfim bateu. E nada era mais vivo do que a emoção desse sentir, esse visgo que vertia como água de nascente, como aglutinar das partículas nas nuvens a condensar a chuva. Nada. Nada podia retirar da sua visão os momentos envoltos na cura aromática egípcia e a deificação. Nada podia encerrar o caminho pelo qual tinha que passar até algo desconhecido. Uma escadaria para o Sol. Degraus do vento e existência, que não conferia atributo algum, mesmo sua maternidade não pronunciava música agora, nenhuma nuance podia maquiar sobre a purpurina dourada. Apenas o vento ventava. O sangue ainda vivia. A boca secava. Fazia sentido sentir a existência, tanto quanto o corpo da sua amiga, e certamente isso ela achava que encontraria nas grutas e cascatas do cerrado. Esticou a mão para um pote para segurar um sanduíche que despiu olhando

[557] *Persentĭo* –is –ere –sensi –sensum – Lat. Perceber plenamente, sentir profundamente. Simboliza a intuição, os sentidos sentidos conjuntamente, o aprofundamento da percepção. Sensibilidade e sensitividade.

voraz a estrada da vida, e mordeu com as geleias vazando pelos cantos e melando o canto da boca. Geleia de pêssego com licor de *cassis*. Mandara fazer a simular a que sua amiga dissera fazer. Depois pegou as tarteletes uma a uma e foi comendo, esfarelando sobre seu peito, com os recheios que formavam uma paçoca salgada e aromática na sua língua e assim pensava: “Será que se parece com o que ela fazia? Queria saber...”. Quando o sono dava receio aos olhos e braços, tentava se lembrar. Versos de alguma poesia dela. Tentava em vão recordar os versos que ela declamara no deslizar do trem. A inexorabilidade não se encaixava com esse sertão, nem mesmo poderia se saber o início ou fim, cenas se repetiam similares, como gerações de famílias, como pegadas paleolíticas e rochas que explodiam brilhos como adentrar cada novo ano. Renanthera tinha sua própria comiseração, desejos que chamava de loucura e dos quais se desvencilhava entre a holografia das coisas. No entanto, depois dos caminhos do encontro, do abandono e desencontro, seu rosto, sua veste, seu anel não significavam mais. E a palavra essência e completude só fariam sentido nas salivas do lábio de Pecteilis.

|13 NOVEMBRO 2019 12:46 | A09

Por um tempo que findou nas catandubas, Renanthera deixava o facciosismo de sua personalidade mais apegada, para dar as vistas para a grande meseta de rocha, deixando o rastro das migalhas da saudade no farelo arremetido de sua roupa ao chão. Próxima a Alto Paraíso desacelerou o coração, para inspirar o ar cálido do final do dia. Ao passar diante de uma vidraça de estabelecimento notou o semblante nas ferrugens da consumição, e isso coçava seu ouvido como um mosquito atolado na cera fazendo um *zunzuncito* ‘ainda não sei tudo’. De certa forma uma lágrima cristalizara, como rochas rebentas do solo, trazia aquelas frases da carta *Occurris mihi* de elegante transparência. O que poderia supor incompreensão, parecia ter sido triturado em areias que iluminariam a Via Láctea das noites como caminho saibrado da luz de significação. “Significou!”. Dizia-se repetidamente como revigorante envasado com ervas nordestinas em frascos rotulados de nomes sugestivos – ‘Levanta pau’, ‘Formosura eterna’, ‘Cipó prende marido’, ‘Xereca quente’, ‘Menino levado’, ‘Cura tudo’. Dirigiu-se para estalagem após umas provisões, algumas informações desencontradas, na reserva que dava nas cercanias. Contudo, planejava com um guia a ida numa cachoeira imperdível. “Qual cachoeira não seria imperdível?”. A porteira dava para um ladeado de cerca com uns cavalos em pequeno pasto, xairéis coloridos estavam estendidos na cerca junto ao selim esquecido. Um cabra-macho comia capim de canto de boca, tascou dedo na aba do chapéu e ‘Bumdia!’ embora fosse tardinha. O local de paredes coloridas, tinha um grande rancho de mesas de madeira e bancos improvisados à tábuas na tora, baforava cachimbo das horas no fogão de lenha esquecido em queima. Renanthera adentrou, trocou simpáticas palavras e jogou mochila sobre cama coberta de

fuxicos[558]. Sem espera nem nada, ela anda um caminho até um grotão, entre Tingui, por vezes atapetado de folhas decaídas, mas encantada da formosura das flores que saudavam sua chegada. Flores avermelhadas com traços diagonais, com folhas encorpadas em verde aspargo nessa hora. Entrou de sutiã e calcinha emprestando seus shorts aos capins. E emergiu das águas do arrepio revigorada para a felpa de sua toalha andando a piçarra de beira-rio em passos redondos. A senhorinha arrumou mesa atoalhada à tecedura de fios brancos e vermelhos, e assentou caldeirão de caldo de legumes ao lado da corbelha com pequis, cagaitas[559] e jabuticabas. A senhora em seu jeito tatibitate coava café manso na carapuça do saci. Aqueles vapores adormeceram um sonho preditivo, Renanthera via Pecteilis na margem oposta da piscina natural de azul *taparuere*, com a luz raiada da irroração acabelada da cachoeira. Ela chamava em surdo ignorar. Pecteilis saía andando sem tê-la visto. Acordou pelas bordas da algazarra de anhumas e bem-te-vis, ainda com as rugas do aturdir nas papadas dos olhos, revirou-se a sentar sobre a figuração de premonitória sensação de desalento. Não encontrá-la seria não encontrar-se. Lépida para o passeio se prepara com roupas, calçado para montanha, camiseta de estampas delicadas em algodão, de rosas sobre o branco. _Olá! Posso uma xícara de café? Que flores são aquelas ao lado ao caminho da nascente? Dona Margarida? – Insistiu Ela. _ Dia! Dormiu bem? São abacaxizinhos! Ornamentais. Achei que estava falando umburuçu[560], vai sair flor esses dias, se já não abriu. – Divagou a senhora. _ Tive um sonho esquisito com uma cachoeira com lago muito azul. Deve ser a tal. – Retrucou rilhando com pedaços de ázimo umectado com sabor de café adocicado. _ Santa Bárbara, fica pra outra banda, mas na cidade tem gente que leva você *inté* lá. Mas separe dia inteiro para o passeio. Muito bonito. – aconselhou a mulher. _ Esteve aqui uma mulher chamada Pecteilis? – Após pensar com olhar cozido e cinzento, ela muda, chacoalhou circular a cabeça o que não se parecia com sim nem com não. Juntou-se a um grupo de animados que se dirigiam à trilha para um salto junto às grutas. Percebia-se ela reparando a cada nova pessoa, a cada nova planta, a cada nova flor, em alegria delicada sem ser efusiva. Sua tez nesse momento solidificava os adobes de vicissitudes enrugando a sobrancelha diante da fome do Sol. "Meus passos na natureza são mais de mim que os relicários que adornariam a tumba." – Sorria uma esperança requentada, encarquilhada da abstinência da amiga. Uma sensação que fazia sobrar suas mãos ao vento. Fazia sobrar o inclinar de cabeça sem algum rosto de diadelfo que pudesse beijar. Sobravam palavras secas ao varal sem cores. So-

---

558 Fuxico, embora seja dito em fofoca, neste caso é artesanato que junta retalhos de crochê colorido de quadrados que formam desenho de flores ou algum outro motivo.
559 Pequi – Caryocar brasiliense; Cagaita – Eugenia Dysenterica.
560 Umburuçu – Pseudobombax longiflorum. É uma malvácea que dá uma inflorescência espigada de crista branca.

bravam ânsias de amor. Ao Sol das nove, seguiu passos, entre gretadas passagens costuradas na diversidade do cerrado, sendo ovacionados seus tornozelos com samambaias-bravas e capim-gordura não mais florido. Pés dos tais ingás, monjoleiro, macaúba, gravatás[561] que não poderia saber quais tipos. Ela, em seu fustigar das pétalas pintalgadas, ajeitava o boné, no descer entre o pedregal pisou titubeante, o pé direito escorregou para fora e ambos tornozelos foram crivados da grosa da pedra. Sangue que corre, alguns perguntam para o assentir de que estava bem. Um rosto feminil lá adiante, retorna, espera por ela, que quando pula o degrau para um tapete de gramíneas pisoteado e amarelento de secura, ela rasga o canto dos olhos numa dor calada. A mulher se aproxima, com os cabelos soltos como cipós nos ombros, olha e retira uma toalha limpa pequena da mochila e estende para ela junto à garrafa de água. _ É melhor enxugar. Calma que eu conheço o caminho e espero você! – Em solicitude sorri sem mostra de dente. _ Muito obrigada! Vacilei. – Renanthera enferrujada trasteja poucas palavras de tamanha solidão. Sorri e agacha-se e vai cuidando do sangramento. Por uns minutos aquiescidas. Abre a mochila e pega um estojo com medicamentos e retira um curativo grande e nota que não cobrirá. Ela estende duas gazes e esparadrapo e senta-se ao lado e coloca sobre o primeiro machucado. Após essa ajuda, novamente em trilha. _ Chegou ontem? –emendando a fala – Olha! Olha! Beija-flor-tesoura! – Enquanto os passos são submersos pelo som adocicado do correr derramado de águas. _ Lindo! Já nem sinto mais. – Profere os trovões silentes de Renanthera[562]. _ No final há a certeza da completa compreensão. – Diz os olhos faiscantes de brilho, como chuva de estrelas, e Renanthera destaca o olhar incisivo profundo para ela. Enquanto prossegue mais uns passos aproximando-se da roda d´água, por onde seguiam uma trilha inclinada lustrosa de úmida de terra argilosa batida com mato arrematando as bordas do escorregadio. Seguiu a moça que segurava um encordoado cipó, com Renanthera apoiando no seu ombro, mas mesmo assim ambas deram escorregões com retesar de abdômen em choque elétrico. Sorriram enquanto lado a lado, examinavam o girar cadenciado no eixo mancal da Roda que dava duas do seu tamanho. Subia gotejando as sobras, e de uma calha caía um cordão generoso branco que preenchia bacias entroncadas de madeira que impulsionavam o pensamento da nova colega. _ Mergulhões vêm em busca de taguaras e timburés. Eu vi pegar o peixe. – Ela se aproxima do derramar de águas da roda gigante. Entra e arca de costas a lavar com jorradas de água o cabelo num urro de frescor. Renanthera observa o que considera intri-

---

[561] Ingá – *Inga sp*, monjoleiro – *Acacia polyphylla*, macaúba (coco-de-espinho) – *Acrocomia aculeata*, gravatá – bromeliaceae.

[562] Trovejar, elemento real da escrita com a chuva que se aproxima pelo lado esquerdo da Itapetinga, manancial chuva pressentida que acabei de constatar a cair. Enquanto a A passa em esbarrão saindo do canteiro para dentro, com seu rabo dançando.

gante para seu estupor. _ Não venha agora, nem antes e nem depois! Mergulhe logo e esquece a dor do tombo. Venha[563]. – Pasma com olhos fitos, ternamente olhava com mansidão para tal cor de tentáculo de antigos versos. Como se Pecteilis tivesse preparado o caminho, a corredeira, o ir e voltar da pega da água, na continuidade incessante. Como se cada existir fosse um jorro que seguia o curso, mas resvalava acima como a poesia do nunca. Ela fitava pensativa que seu momento era estar e ter justamente vindo para ela, para ver sua flor, sua cor, seu vergar ao vento. Torvada de emoção diz. _ Por acaso já nos conhecemos antes? – E ao proferir já não queria que tivesse saído de sua boca. Ali, despida dos orgulhos, dos adornos, da secura do cabelo, do empoar do rosto, das tintas da boca, dos carros, das casas, das distâncias, das muralhas, das nuvens cumulus, das chuvas secas de silêncio e até da solidão. Era apenas um elemento conjunto na natureza, com a irara[564] que no serpentear bebia água mansamente. Com o irerê[565] sacudindo as plumas em tremeliques engraçados e um zurro longe, e a costura das águas nas chagas da alma. _ Sabe que até pensei isso. Rosto familiar. Reconhecível. Deixa eu me apresentar. Paepalanthus! – Estendendo a mão. Renanthera saiu então do molhado, se reequilibrando nos encalços do riacho e estende a mão em aperto que ela cobriu com mão esquerda como selo. O benfazejo espreita nas piruetas do macaco-aranha[566] no alto de um ingá. _ Prazer! – Diz aquiescendo saudade mas com caroável sensação. "Não sei qual rosto eu temia...". À beira verdejante o viço do mato era de sempre chuvisco. Dizia em murmurar contínuo: Venha agora. Então elas retomam o caminho até uma descida entre pedras pintadas e adentram um cavername escavado pelo curso do rio, no qual atolam pés de tênis molhados e seguem o intrincado, até toras amarradas a dar apoio entre um achegamento ao alarido das pessoas na beira da lagoa da queda d'água. As pessoas as viram e exclamaram: _ Já mergulharam! – Paepalanthus responde risos brilhantes de ano novo. _ Roda d'água sempre! – Renanthera gelou. Um pouco apática adentrou nas águas, quando sua amiga olha nos olhos carinhosamente e pergunta: "O que há na retina do coração?". _ Águas de Fevereiro o ano inteiro. – Inclinando a cabeça com um olhar de ângulo melancólico altaneiro que se afeiçoa ao intelecto permanente da transcendência que é o aprendizado. Sorri por dentro. "Queria que estivesse aqui". Perfazia o caminho dos rostos dos olhos daquele grupo de pessoas percebendo a frialdade distante de cada um, exceto dela. _Vamos! Estou varada de fome. Já viu uma cariopse? – Paepalunthus agindo como conhecedora abaixa para gramínea e retira o pericarpo-

---

[563] Refere-se a um tentáculo ao texto poético 'Roda d'água sempre' (mesma autora) inclusive em frases simbolizando a contradição e incorpora imagem poética, e também Roda d'água nunca foi estímulo.
[564] Irara – *Eira barbara*.
[565] Irerê – *Dendrocygna viduata*. Pato marrom de cabeça branca.
[566] Macaco-aranha-preto – *Ateles* paniscus. Macaco preto.

semente e mostra nas mãos. Com o cabelo estanhado de brilho Renanthera veste camiseta sobre o maiô molhado, os shorts e calça. O grupo ruma para a casinhola e o rancho, visões que apeteciam suas falas. Renanthera não tinha a mesma carapaça, já não o mesmo arcabouço, nem mesma sorte. A natureza respondia com a mesma longevidade que seu silêncio de exílio tivera em recidiva de ruptura. Insólita, reconheceu em si a louvaminha para os olhos da amiga. Antítese do destino. Como campo que se abre frondoso em planície baldia, de lhano florescimento de gravatás e cactos, no chão entrecortado de cristais ocultos nos gnaisses porosos de recrudescimento ao afeto. Cristaliza o brilho da nebulosa em prantos de espectro, curiosamente esse pensamento remetia Renanthera para as cores espiraladas que o grafite do seu painel deixava no céu acima do promontório, com aquela sensação da presença da flor tão estimada.

Observationis exstinctionis et instinctus [567]

| 13 NOVEMBRO 2019 – TRANSIÇÃO DE RENANTHERA E INSTINTO ESPIRITUAL.| PONTO FOCAL DUPLO | A09

Paepalanthus se esgueirava pela trilha galgando com destreza de sua permanência, avançando adiantada do grupo, e rebocando os tropeços da nova amiga. Tenuemente sentia um manto acolhedor, das preces deprecadas que trouxeram insigne amiga, emergida da talisca entre as rochas, resfolegando arduamente. Enquanto que Paepalanthus tagarelava uma longa fala olhando o rosto acobreado no desvelo do seu esticar de mão para içá-la volta e meia. _ Ah não sabe quão sozinha ando nessas terras, entro e descubro grutas, mas não mais, pois há que se temer uma queda, e depois ficar com problema para se esgueirar entre pedriscos e toda água, agreste e pedregal. Eu adoro essa região, mas a piscina natural nas bandas de Cavalcante é deveras especial, sempre quis levar alguém que integrasse meu pensamento, tal fosse a junção de versos de uma poesia que fora separada forçosamente, como gêmeos que não se conheceram. Eu tinha comigo essa coisa de uma chave mestra para que identificasse alguém amigo. Intuo isso como esse vento que apraz na subida quando o Sol ataca. Nasci na região nordeste, mas lá mais ao litoral. Adorava, no entanto anos atrás foi tão devastador. Aquilo revestiu de piche meu olhar cativo. Parti de lá e vim me reconhecer como alguém que sou, sem meus caraminguás e âncoras, sem a cerca de arame farpado de um perímetro que me limitasse,

---

[567] *Observationis exstinctionis et instinctus* - Lat. observação de perecimento (extinção) e Instinto. Significa a transição e a desmaterialização progressiva, no instinto da alma.

sem isolar mas estando entre a natureza, e pessoas que nela se integram despidas de sua matéria. Ah estou enveredando fio d'água entre fendas, né? Por vezes meu eco machuca a solidão. – Assim no resfolegar arfado alto da amiga se exaurindo entre os gigantes degraus da colina que está quase a terminar, Renanthera e ela tem um simultâneo assombrar de elementos existenciais, uma pelo monólogo que de certo modo tamborilava o tamborim na verga de açoite uma reminiscência, enquanto que a rouquidão do resfolegar dava inquietante preocupação sobre a condição da amiga. A essa altura Renanthera fez uma parada olhando o Sol descendo entre as aguilhoadas da terra crua, um descanso no hiato de rasourar as distâncias até a casinhola. Mas a subida terminara praticamente. Entre goles de água, exclamou: _ Praticamente monologou. – Reafirmando a si mesma, essa simetria oculta entre a espessura do vidro e a camada de nitrato de prata. A montanha que termina, uma nova cachoeira que começa, a subida que cessa, o caminho que suaviza, como um estranho horizonte de sabedoria e exaustão, a visão se rejubila por si mesma, no vento que move os chuveirinhos como acenos do dia de ano novo. Como a luz que atrai na escuridão de problemas recidivos. Como esperança que reacende o viço, o tal viço das águas da Roda d'água. Assim recuperava a força e numa cadência par, estavam à frente dos cansaços dos demais por talvez trinta metros de altura, ou dez minutos. Ou a paridade que as tornava essa junção de anel partido numa joia secreta. Renanthera foi tomar um banho, enquanto sua amiga papeava sem hora com Margarida. Desejava comprazer a cachoeira, na própria sensação de retornar ao Nilo, como tivera a catarata de Assuã. Talvez voltar a ver as Sete-quedas e numa dobra de papel de seda escrito, tais palavras se enfunariam da alma da voz de sua afetuosa e louvaminha amiga. A aresta do rancho dava-se a um mulungu[568], conhecida como suinã, que deteve Renanthera entre a suavidade da flor e os aromas *acurcumados* que sapeavam pelos vapores nas madeiras das mesas, e no azulado de final do dia podia se perceber os vultos, observados pelo lobo-guará cujas esferas de olhos de mel se escondiam nas folhagens entre serpentes finas e fervilhantes formigueiros. O gentio alvoroçado nas cachaças e luminosidade do braseiro moquém estrilando queimas de gordura. Ela acomodada dá um aceno para que se aconchegue.

Renanthera discorde, permanece com olhar perdido, sentindo o instinto do lobo, sentindo a gana do desejo, como se seu corpo deitado fosse a lezíria, na espera das chuvas e inundações. Como se fosse o fosso das furnas com os sedimentos coligidos e guardados com excesso de zelo para momentos raros de apreciação. Introspectiva nos sangues vascularizados de uma clarividência, ela ressente aquela aparição de Pecteilis, relembra com a precisão e presteza convicta de que a ocasião dera a ela uma manifestação intromissiva de uma proje-

---

568 Mulungu – Erythrina spp, flor laranja com vermelho.

ção astral ou uma aparição espiritual, que, no entanto, ambas davam essa irradiação da Pecteilis, diferindo apenas o estado da sua vida. Ela pensava profundamente se a busca havia sido uma nulidade e o conhecimento assemelhava-se ao oócito de uma concepção, todavia alimentava uma estranha fome que exacerbara na consciência, mas que antes de estar no itinerário aquela sensação era um sedimento que ia fazendo a voçoroca da sua vitalidade. "As lacunas dessa erosão, são locais que nenhuma coisa pode preencher durante mais de duas décadas". Renanthera se reúne com um grupo animado, e na quina está Paepalanthus diante do prato vazio. _ Estava esperando por você. Margarida preparou a matula com feijão-branco. E as carnes assaram hoje, não são carne de lata[569].- A mesa tinha pratos já em andamento com as folhas de bananeira meladas do tutu com carnes assadas de lado cortadas. Tigelas de barro esmaltado com quibebe de abóbora, arroz, mandioca frita. Renanthera, sentada com olhos azeitados no apetite, delicadamente abria a folha da bananeira, quando Margarida passava por trás dela, punha o punho e massageava o seu ombro, dizendo comentário simpático gracejado por rapazes que compraziam do jantar. _ Ela parece franzina hoje, não acham? Come direito mulher, senão não chega na cachoeira!! – Na algazarra de risos e assobios, pediam doces e sucos de Pequi. Renanthera respondia em risos animados, quase esquecendo sua perda. Quase esquecendo a sensação de encontro. Quase vagando pelas trilhas como se soubesse tudo mais que não sabia. Com essa sensação peculiar, com os olhos afáveis de nova amiga, apesar das borbulhas da comida, os perfumes agrestes enlaçavam sua alma, como um banho secreto no rorejar da madrugada nas flores. Sentindo-se exausta, recolheu em seu aposento, cuja porta entreaberta deu passos delicados da animada Paepalanthus, que trouxe para os olhos da ternura um buquezinho da flor de mato que na luz esquecida do lampião, era uma órbita estelar de uma explosão de estrelinhas iluminadas em afago da mão. O transe do pensamento em amor, o candeeiro derramava uma chama urucum tremulante. A fumacinha negra cerrou os olhos como o profundo afeto dos olhos de urso. Na penumbra dançavam aquelas cores, como filamentos soltos em vermelho triássico, cornalina, vermelho-laranja, e *venetian red*. Os filamentos soltos ao ar pairavam com suas centelhas circundando o buquê das luzes brancas. E com soprar do grande desejo, congregaram na corola de uma flor, e as chamas em pétalas adormeceram.

Quando naquele dia Paepalanthus acordou, vestiu-se em afobação, para que fosse na caminhada, temendo se perder do grupo. Na cozinha, Amarílis coava café e no cesto desta vez haviam broinhas. _ Bom dia! _ Está melhorzinha flor?

---

[569] Matula é um prato gastronômico do cerrado, a feijoada-do-cerrado, preparada com feijão-branco ou mulatinho, com linguiça, carne-de-sol, por vezes carne de lata (carne de boi grelhada armazenada na banha de porco). Temperada com açafrão-da-terra, cebola, alho e pimenta verde servida na folha de bananeira.

_Hoje melhor. Finalmente irei conhecer a catarata! Então ela saiu pelo passeio do riacho, as árvores estavam frondosas e então havia arbustos folhados, que floriram subitamente. O caminho estava aceso com essas tochas vivas. Flores-do-cerrado. Suas explosões de vermelho e gotículas douradas de seu pólen. Saltitante de emoção se aproximou da floração com seu rosto, sorrindo olhos vendados. Emocionada, voltou para pegar a mochila compacta a jogar no ombro, deu um brado para a mulher. _ Floriu o fogo!

Perstrictae[570]

> **|13 NOVEMBRO 2019 20:24 | VÍNCULO E TRANSCENDÊNCIA, PAEPALANTHUS ALPINUS E CALLIANDRA DYSANTHA. | VIRGO – ALEJANDRO DE PIÑEDO, WHILE YOU WERE GONE – PAUL VAN DICK, SNAPNESS – BLANK & JONES, I NEED YOUR LOVE – ALMADRAVA, GHOST – BORDERLESS EXTENDED REMIX – CONJURE ONE, SNAPNESS – BLANK & JONES, THOSE WERE THE DAYS EDIT – DIDO, LAPISLAZULIKÜSTE – THOMAS LEMMER.**

_ Chuveirinho, corra senão vai perder o transporte! – Paepalanthus já dava corrida pela terra batida, com a mochila subindo e descendo. O carro com jovens de bonés e chapéus gritavam. _ Vamo-vamo-vamo! Assim que se jogou para o banco, bateu a porta, os pedriscos foram arremessados e o carro se pôs em marcha. Descia em ladeira íngreme, atravessava os cascalhos de raso riacho, erguia a pata numa pedra e galgava a estrada que prosseguia. O Sol que ressequia, o Sol ainda morno como um eclipse impaciente. Os laços de alvedrio daquele dia, moscados[571] e ocultos no dilema do tempo sedimentado em nuvens assopradas pela filha das nove horas. Ventrículo que bate. Ventrículo que verte a espadana do fogo branco. O calor que traz o deserto dentro do carro, e partículas se elevam no ar seco, caindo como purpurina das drusas. O sacolejo do carro deixava-a dançante, com sorriso largo, olhos brilhantes voltados para o caminho transcorrente. Seguiram estrada que rasgava planície e colinas, que rasgava morros e contornava cumes e cortava o cerrado, entre flores do mulungu e espreita da irara e festejada pelo angico-branco, cedros-rosa e

[570] *Perstrictae* – Lat. ultravinculadas. Particípio passado nominativo feminino plural. *Perstringo* –is –ere –strinxi –strictum – Ligar completamente, vincular por completo. Deslumbrar, impressionar. Tocar de leve. Moderar, abrandar, atenuar. Aproveitar. Censurar, reprovar, repreender. Narrar brevemente, citar rapidamente. - Significa a ligação aprofundada que permite diversas interações afetivas. No sentido mais de ultravínculo.
[571] Moscar – ser logrado, não compreender. Desaparecer. Sumir-se.

pororocas. A estrada em alternâncias de cascalho, chão socado, pedras em escolho, sombra e sol. Pouco mais que hora, os quase noventa quilômetros foram percorridos. A comunidade Kalunga estava de porteira aberta. Os transeuntes de suas vidas essenciais caminham entre as cores variadas de seus pensamentos. Suas únicas posses, músculos hidratados da ilusão de viver. Imersos no chão da natureza viva que os acolhe nessa constelação, com suas ações equívocas e os passos arriscados numa trilha perfeita para um conjunto de curiosos que não deixam lixo de sua inexistência. O existir era apenas esse estar. Paepalanthus segue confiante, em meio aos meninos e dois casais atrás. O guia ia mostrando o trajeto, enquanto ela tropeçava num fragmento drusa que a luz observava a sombra de seus passos ventados nas madeixas negras. Ela toma para si o pequeno cristal na aba saco da mochila. Pedras recobertas de musgos e afeto verde *celadon, chartreuse e hooker's green*. O grito da água freme o tímpano do tempo. O proferir da água cai em melenas que quebram. O céu desce em meio ao mistério. Beija-flores pairam em semicírculos. Os passos são irrigados umedecendo as roupas antes de se ver qualquer banco de vitórias-régias petrificadas que margeiam a essência da transposição. As águas que se retém e se acachoeiram mais de uma vez. Um grupo de cinco pessoas penetrara a Santa Bárbara, quando o grupo se aproxima das vistas. Paepalanthus cintila brancas cores, e atrai olhos das pessoas naquela comunhão. Ela olha extasiada no turbilhão, tem uma pessoa próxima de costas olhando sem aproximação. Paepalanthus pensa: "Não vim aqui para só chegar a uma distância segura. Quem teria receio? Vim aqui para comer os arcos-íris. Vim aqui para ser o irisar dos beija-flores". Aquela cor borbulhada dos filamentos obeliscados de esmeralda cujas frondes espelhavam as cores feridas do Sol. Dançavam as cores *spring green*, *teal*, verde pinho, *aqua*, *brandeis blue*, enfitados nas ondulações batizadas da cabeleira branca cristal.   Paepalanthus em seu biquíni azul-preto mergulhou enfim sua compenetração, enquanto fluíam bolhas pelo nariz como bulbos que semeariam espectros de luz pura. Ela levanta os olhos escorrendo pelas mechas as águas, cristais que se prendem em sua sobrancelha. Ela se ergue e anda até a mulher de cabelos arruivados. Ao emparelhar, menciona cortesmente: _ Espetacular! – Ela torna o olhar perdido com os olhos amendoados. _ Impressionante, não? A natureza além de todas as experiências! _ Sim, mas porque não estar dentro dela? O que resulta, qual análise fará disso não importa. O fazer é ser. _ Aperceber é estar. Sentir é existir. _ Não coexistiria? Se entregar de costa para a água, para uma água em roda. Esta passa e depois em chuva volta. – Paepalanthus disposta a não perder a chance, adentra a tora de água, uivando e dando olhares dos brilhos tapetais noturnos, como cristalino opalescente. Enquanto ela olha espantada e sorrindo com o esfuziar doido. Ela sai do estrondo das brancas cabeleiras caóticas, se aproxima frente a mulher. _ Oi, sou Paepalanthus Alpinus. há muito queria ter vindo aqui, pois era um local x que junto a uma nova amiga pensava. – Na proximidade, ela sentiu reconhecimento inesperado, olhar, voz, receio, inibição. Eram símeis, não se afirmaria

que apenas estavam símeis, eram símeis, de alguma forma havia uma sensação de complemento. Ela respondeu: _ Prazer! – Estendeu a mão. E desta vez Paepalanthus estendeu de volta, e ela cobriu com a mão esquerda. Ela pode aspirar fortemente o ar em perplexidade, franzindo olhos. _Quanto tempo! Há algo que me prometera. Pode conseguir isso exatamente por agora, nesse toque divino do derretimento do eterno. Podemos. - Disse assim na caradura. Os olhos cismáticos processavam análises de uma exegese. Que entregou o seguinte mel: _ Os brilhos parecem polens. Polens em brilhos que derramam de nossas iluminações do cabelo. *Apud, nectaribus ballucum*! Isso quer dizer o néctar em pó dourado. Como escrito. Li isso num livro. – Com ar de severidade ela afirmou afetuosamente. E acrescentou. _ Posso entrar na água, se me disser que tipo de profecia inventou para me convencer... – Paepalanthus serenamente diz entredentes. _ Primeiro entramos e prometo contar o que pensei e senti. É mais do que requisitou. – Franzindo olhar com a barganha. Estendeu a palma da mão e teve de volta o espalmar estralando um abafado diante da torrencial força da água. Andaram até a cachoeira e em seus urros, silvos, assobios, gralhar, cicio, soaram as enormes risadas, e gargalhadas que apareciam e sumiam na face alva e diáfana do eterno. Na opalescência irisada dessa atomização, no açoite pesado da queda, adiante haveria um algar que desorientadas perceberam atrás da cortina das águas. Olharam-se para se dar um abraço. Aos berros ela disse: _ Meu nome é Calliandra Dysantha. _Uma flor vermelha! Olá! Meu nome significa as flores chuveirinho. Venha! Tenho algo a mostrar.

Selo Comunidade Kalunga Cavalcante –Brasil 2014.[572]

Calliandra tornou para a piscina rodeada de admiração. Em sua exultância apoteótica, tinha o andar ladeado de Paepalanthus na prolongada risada expansiva, que galgava o fraguedo pincelado de nuvens de alta alvura e que tinham suspiros do próprio deus. Sentindo-se como no topo do mundo, como no âmbar do deserto no oásis perfeito, sentindo-se com a felicidade sublime do reencontro. Como se assim fosse, ainda que nada disso fizesse sentido. _ Promessa cumprida. Rir de tudo juntas. – De alguma forma Calliandra parecia ter intelecção profunda do que isso significava. Subitamente o spray radialmente desparzia cuspido e espraiado. Grande espectro se difratava. Uma chuva de poeira cósmica de cristal suavemente decantava sobre elas o nácar de uma outra dimensão. Calliandra seguiu os passos com o grupo em que a amiga estava. Arrebanhando sua mochila, para a comunidade da casinhola caiada de afeto. Lá che-

---

572 Selo filatélico cujo primeiro dia de circulação recebeu carimbo da comunidade, em 27 de setembro de 2014. Desenho dos quilombolas à esquerda e da Cachoeira Santa Bárbara à direita. Valor de face 1,30.

gando, Paepalanthus mostrou a aleia do riacho, o frondoso ingá, os reminiscentes abacaxis-ornamentais. _ Tem de ver uma coisa! – Em franca curiosidade ela caminha até o batente da porta, as cortinas de véu de cometa e chegando no habitáculo, vendo mesa, livros, sorri. Paepalanthus encosta a porta, que no verso tinha uma pintura retrato afixada com sua moldura imbuia. Rosto ao vento. Calliandra olha franzindo o ângulo do olhar. Trêmula se aproxima e sente-se dentro da figura, de forma inexplicável, toca com a ponta do indicador. Um forte arrepio regela e aquece. Como ter caído um relâmpago. Ela se aproxima muito do quadro e olha em ângulo de um lado e depois o outro. Percebendo as ranhuras, as elevações, os detalhes e aquele brilho drapejado magistral. Passos atrás. _ Nossa! Parece minha avó. _ Eu vi você. É uma pintura que ficou guardada numa caixa ornamentada que Pecteilis guardava. – Fez-se o ondear marítimo no cristal.

Tibi gratias ago pro Lectio!



[ILLUSTRATIO 17]

ABSTRACTIO

|11 NOVEMBRO 2019 | SOBRE O SER – METAFÍSICA.

Sou continuidade de mim mesma através do tempo, além desses átomos, renovada fisicamente, entre criação e morte. O pensamento pode se dissolver, mas pode prevalecer. Sou continuidade energética em parte ancestralidade, em parte um conjunto sensitivo, experiencial, indeterminado e incontível que trafega no tempo e objetos e deposita-se nesse corpo.

Sou as lembranças que tenho e registro, imagens, criações que a matéria se torna meio como o corpo.

O corpo se integra à obra.

Estou. Estou na obra, no manuscrito, caligrafia, pintura, entalhes, ordenação do espaço, impregnação de fluidos nas roupas. Estou no desenho que fiz projetando.

Estou na emoção que irradia da contemplação profunda. Essa contemplação adentra outro ser e se torna universal. Estou no ser póstero da obra.

Não sou na obra. Estou. E acontece na contemplação e persistência. Persistência será a posteridade da obra. Aí serei. Na intelecção.

Ela adveio da ancestralidade, de sua contemplação, da fusão de pais. Ela contém inter-relações existenciais com meu ser. Independe do seu estado e atributo. Prova disso: Amor e memória. Prova atual disso: Pensamento nela e dela em mim. União pela obra, não material e material. Meio etéreo.

Amor a F, ecos de nossas existências incompletas. O amor não absorveu puramente o atributo contemporâneo de maternidade, não houve ligação física, houve toque físico.

A união é, quando somos enquanto indivíduos não unidos, entretanto importante ‘lobo’ de nossa intelectualidade se compõe de nossa coexistência contemporânea e *acontemporânea*. Passado-Presente-Futuro.

Amor a F e dela a M, existe e não se restringe à matéria, espaço, distância, elementos corporais, forma, mas razão e finalidade. Essa intercorrência com tudo que é, foi, aqui nesse M e F, lá com M e M, antes com X e Y, foi perpetuada na criatura, poesia e escrita e desenhos.

Estou e estamos nesse meio condutor de persistência além tempo. Portanto estaremos.

A obra contém intuitivas reações, intromissões e consequências, por isso é criatura de nosso elo existencial.

Eu e H, somos e estaremos na parcela que criamos nos filhos.

Eles têm poder de regeneração e progressão. Portanto, estaremos parcialmente neles, mas advieram de nossa união física, carnal, amorosa e desastrosa.

As falas se esvaziaram, mas ecoam como alicerces de existência, por isso ainda que indivíduos, têm nosso fundamento parcial.

Imanência e transcendência são alfim existência infinita.

M e F são o amor idílico poético. O que sou tem maternidade e vice-versa. Tornamo-nos amantes pois o momento da criação persistiu.

Por Mara.

POSFÁCIO AFFECTIO NULLUSDUM

|10 SETEMBRO 2019 11H |21GRAUS|ND 8,5 |P 87:55

Quando comecei em maio, pretendia registrar literariamente os áudios e me centrar no projeto quinze. O projeto quinze se abstinha de uma vontade sobre a abordagem dos devaneios e não pretendendo que o livro se prolongasse pretendi à priori um adendo de lucubrações ou algo relativo às ânsias.

Ocorre que apesar de ter tido experiência em descrever pontos e transcrever os áudios do *Novam Scripturam*, nesse caso, os áudios tinham teor denso e nevrálgico. Embora eu os conhecesse, transformar em escrito me fez talhar um meio, primeiro por anotações de palavras chaves para início dos capitulares 15, 14,13, para passar a escrever simultaneamente ao ouvir. Abreviar ou não, ir na carne ou não, apontar certos detalhes ou omiti-los.

Sendo algo que me extenuava, achava que a interposição com escrito do adendo iria me trazer refresco.

O *Nudorum* nasceu então de escritos de abstrações, a dança Mali, título a definir, centrava-se na dança que vinha sendo parte de meus momentos de concentração e desaceleração pós escrita. Mas não era dança de libertação, que eu escrevera já um poema – Flamingo Flamenco, portanto, essa dança era propriamente de inspiração, a materialização da liberdade.

Affectio, era a abstração de um momento citado no despertar após dormir em casa de uma amiga, mas este seria realidade alternativa no aspecto de devaneio, no aprofundamento da sensação do que aquele momento guardava no íntimo da alma.

Nudez oposta, conteve descrição de intensidade de sensações quase reais.

Nudez frontal é de escrito espontâneo em momento de ebriedade, cujo conteúdo cheguei a esquecer que tinha escrito, notei sua presença no arquivo e deixei. Nesses pensamentos soltos havia 'o encontro'.

Esse 'encontro' veio a amadurecer como a sequência *Itinĕris*.

Mane Sidereum é a descrição abstrata de um sonho. Não tão abstrata, apenas em linguagem poética talvez, até porque o sonho era bastante e particularmente lúcido, mas com cores surreais, elementos surreais. Relata um reencontro com minha falecida mãe e dá a representatividade de elementos intuitivos, mediúnicos, experiências reais de teor espiritual.

Lumina Auream, este conjunto de textos são escritos da abstração representativa de delírios amorosos, talvez pensamentos íntimos ou o teor do que eles representaram nos últimos tempos, que advém de uma imagem poética inspirada por uma pintura de um corpo vermelho sobre uma espécie de restinga – *Gratitud al Mar*. A partir dessa visão se constrói a imagem do encontro, do beijo, cena de amor noturno, momento do êxtase – apesar de ter já escrito poema que descreve um orgasmo, descrevo o momento terno, um tipo de momento que prolonga o amor em delicadeza, e o estuário descreve a sensação exultante de uma manhã com a atmosfera romântica após um momento tão especial de amor. O todo representa os momentos como fases de lua de crescente à minguante. Um ciclo que deveria sempre ocorrer, no aspecto mais da alma feminina, do que a masculina, que na verdade não percebe.

Itinĕris

Concebido para ser um itinerário, na verdade é mais do que uma simples viagem.

Representa uma espécie de viagem que por vezes me passou na mente, como um sonho acordado para suportar as distâncias, suportar o vazio. Era um devaneio simples e sem nenhum detalhamento, mas tinha pontos chaves da aproximação humana entre duas pessoas distanciadas.

Já o itinerário parte de uma forma de acesso à pessoa e não um encontro por acaso. Existe uma concepção mais ampla quanto aos personagens. Um quádruplo onde os pares representam os casais, mas há a representação em nenhum momento como triângulo amoroso. São caracterizações da masculinidade bruta e insensível, e a masculinidade sensível, porém, imatura e sem iniciativa. Caracteriza a feminilidade em aspectos, não dá razão propriamente, mas de autocontrole e explosão, da contenção de sentimentos e doutro lado representa o amor assexuado, a forma amorosa não simplesmente homossexual, ela dá o tom no amor e convicção, e a dedicação que exemplifica a dileção e a dedicação.

Os personagens adjuntos representam a ligação familiar no aspecto da época da fase da mulher madura, filhos adultos e menos dependentes.

O itinerário tem simbologia quase o tempo todo, amadurecendo a linguagem poética e pensamento durante os acontecimentos.

Era um desejo que os locais fossem hipotéticos, mas o itinerário seria para mim a realização, portanto escolher e dar certos aspectos dos locais tem mais do que apenas as essências previstas que era o ponto de partida que sela o pacto, a aventura em local inóspito, o adoecimento, um amigo estranho, elemento para a recobra da confiança.

Não era previsto ruptura, mas uma sequência de elementos de aconchego para restauro da amizade. Era previsto que isso levaria no final, um local de neve e recolhimento que a relação feminina ocorresse.

A persecutória do personagem masculino representa os aspectos morais da heterossexualidade, como uma imposição moral. Representa o pensamento que somente 'daquela' forma dá certo, que será um paradigma quebrado.

A relação afetuosa quanto uma espécie de assistência do outro elemento masculino, representa as formas respeitosas de amizade em relacionamentos que se findam por qualquer razão. Representa as relações de conveniência também.

Os nomes serem flores, tem diversos aspectos, são analógicos, são metáforas, compõem características de arquétipo, incorporam o elemento do afeto na essência da delicadeza da flor em si.

A relação carnal é demonstrada, até onde já foi escrito, de duas formas, como a reunião das flores no vaso, como a fibrilação, seria um aspecto inexistente na natureza, que ignora a polinização, e faz com que as cabeças das flores se penetrem. Essa demonstração traz o aspecto assexuado, onde as existências assumem posições masculinas e femininas e vice-versa.

Nos acontecimentos há simbologias, a forma de convite para o itinerário tem conexão com a observância longínqua e anônima. A fase de caravana traz dois aspectos, o primeiro é a conexão com o lugar de memória colhida em uma das sessões de regressão, que origina o desenho de meu eu em véus e o cavalo no deserto, representando o povo berbere. O segundo motivo é que a simbologia do deserto sendo atravessado, significa o tempo que atravessaram as personagens em suas vidas separadas por desavença e opção. Como são dois momentos, a travessia é um e o adoecimento é o outro.

O adoecimento traz a questão do cuidar e dá a dimensão do elo amoroso e elo espiritual, com aspectos maternais.

O transitar no trem era inicialmente previsto na Europa, mas nada melhor de o ter mudado para o ambiente de sítios arqueológicos, que simboliza o tempo perdido entre elas e dá o teor mais denso de seus reencontros, porque a ruptura traz as tantas situações de desagrado representadas na agressão, com dupla interpretação, a existência do lado do ódio da amiga fundamentado em mais de um ponto, e da abstenção dos diálogos. É até mais complexo, porque mescla questões das duas em atos de cada uma.

Desta forma cria fundamento da empatia. Mas não há perfeição até porque na visão de quem escreve, supõem-se muitas coisas.

O fato de passar batido em locais importantes, demonstra novamente a perda das oportunidades, mas representa o foco nos pontos x, que cada um reúne em si uma característica simbólica. Sijilmassa, a casa de banho e o curandeiro – representa a necessidade de cura, não física.

Luxor passada sem parada para Assuã onde aprofunda a intimidade. Local escolhido pela construção da represa, alterações naturais de grande porte que representa o comedimento e a autocensura, sentimentos submersos.

Nesse local são libertados os sentimentos, como trazer do submerso para a rocha.

O ponto x – monumento da barragem, representa o significado aprofundado da flor-de-lótus, onde haverá entrega do presente – simboliza selar a amizade no aspecto mais profundo.

A perseguição finda ali no aspecto de que replanta a dúvida.

Os momentos seguintes levam em conta a força do amor e a força das pressões morais-sociais.

Parte final indefinida, há duas possibilidades, com uma mais provável.

O itinerário materializa fortemente ainda que simbólico, a união, a celebra, coloca num altar maior do que as classificações.

O momento deificado que reúne o banho, as fragrâncias ancestrais egípcias, as flores, as notas de permanência e fixação representam bem diversas coisas – a purificação, a cura – até porque o ser mítico reúne a habilidade do perfume e cura, os perfumes egípcios já tinham conceito de aromaterapia – a suavidade terna e união pura ocorre de forma extremamente sutil na palavra aglutinar. Onde representa a junção dos pingos de água, que são os corpos que se juntam e colocam as cabeças nos ombros e ali ficam.

A linguagem reuniu além de muita pesquisa, formas não convencionais e ensaísticas, junto ao método *Novam scripturam*, que me fez criar intervalos para maturação e muito foi feito de estrutura óssea e pesquisa fundamentada.

Todo conteúdo das partículas produziu inúmeras anotações que foram parar em manuscritos cadernos, cadernetas, planilhas, links, livros repletos de clips, dicionários, filmes, o calhamaço de papéis com palavras que foram selecionadas para cada texto, garimpadas, e que por vezes foram elementos importantes de imagens poéticas.

Frases aleatórias foram anotadas, foram influência e também parte.

Seleção de músicas, imersão cultural e estímulos novos foram usados. Coleta de impressões em sensações corporais e observação profunda com a junção de elementos nos personagens. Reuni conhecimentos que possuía previamente com conhecimentos que foram arduamente obtidos e reestudados em cada momento de concentração pré-escrita, porque eram detalhes demais que não conseguia relembrar tudo. Foi o mais extenuante trabalho com momentos graves de depressão após as elaborações e uma corrida contra o tempo.

Hoje 23 de setembro de 2019, um dia após concluir a escrita do *itinĕris*, ainda estou vivendo entre as ruas e lugares de seus parágrafos, experimentando detalhes que esqueci, momentos que desejava melhor linguagem, ao mesmo tempo que saboreando a emoção de uma visão do afeto, que rompe a cortina de fumaça, que trilha caminhos da mente muito mais do que viaja, e sobre os capítulos, gostaria de fazer comentários específicos e gerais.

a Fatoro Arcana, é uma espécie de plano, que se propõe juntar amigos, num ato de sugestão processual que permita a individualidade, a vivência da amizade e restauro de relações. No propósito é colocada a pureza do sentimento como o passaporte da relação humana, que comumente sofre embargos motivados por questões menores ou preconceitos. O propósito é planejado como um desafio que ao mobilizar muitas pessoas, arrebanha a volição soterrada de sua amiga. Propor a individualidade e a atitude liberta dos grilhões convencionais, sociais, materiais é parte de um processo de autorrespeito ao que o indivíduo sente.

Os elementos ocultos estabelecem os estímulos ao proibido para que com a curiosidade a pessoa encontre seus ímpetos na vitalidade morta ou amordaçada.

b *Qairauān,* o transitar no deserto, é um ponto bastante amplo em termos de imagem poética, ele traduz o devaneio de peregrinação para uma rota de caminho essencial, o caminho da transposição do tempo perdido, da libertação e expurgo daquilo que faz a pessoa subserviente, e inicia o livramento do peso material e das fugas de consumo, estilo de vida e escravidão pela aparência. A doença também representa a máxima agressão ao sentimento sufocado, é quando o sentimento suprime a vivacidade e corrói a qualidade.

Além dos símbolos já descritos, o ex-companheiro que busca, traduz os dilemas da posse sobre o relacionamento amoroso ou de conveniência. A questão da posse que se atrela às uniões faz dela um carrasco das liberdades individuais.

γ Illabendi, traz o deslizar entre o tempo e as possibilidades. A recuperação da saúde traz consigo a liberdade de escolha e os afloramentos dos elementos contrastantes de cada pessoa, suas contradições e o quanto a aceitação das autorrepressões violentam o ânima, sua própria personalidade aflora o lado exacerbado dessas repressões, como chibatadas para continuar mantendo o sentimento cativo. Há as realidades que se violentam no aspecto de que a condenação que se dão e fazem ao outro ser consumir a vida, o tempo. O deslizar também significa a análise mítica das vidas passadas, na verdade dos pesos do carma, de forma mais focada na vida atual, mas trazendo os arquétipos.

O nascimento da relação aprofundada, simboliza a liberdade de sentir, a liberdade de viver ou manifestar sob qualquer forma o afeto, como direito primordial, que pode denotar níveis diferentes de sentimento amoroso. No caso os acontecimentos ilustram de forma pura a relação amorosa em si, com abstenção das formas de sentimento, ou desses cabrestos. As manifestações não exigem, não impõem condições, não projetam exigências futuras, são manifestações que essencialmente relatam o prazer de compartilhar união, desejos, e um teor utópico de delicadeza que uma relação tradicional não oferece.

Além do ato em si, o texto conta o envolvimento de afeto que se alarga espontaneamente nos demais momentos, e que torna o amor o elemento principal ao invés do status ou aparência. Por exemplo, jogar o lenço da veste berbere, traduz a liberação feminina, a liberdade de não se escravizar da vaidade masculina, que é a posse sexual, mas não sua fidelidade.

Em linhas gerais o texto mostra que na vida madura, o lado feminino não se satisfaz apenas de apoio financeiro, que não deseja relações em geral baseada em apenas conveniências e bajulação, e que se aventura a descobrir elementos mais reais como amizade e amor.

Entre colocar no diálogo os erros do passado, sim, necessário a se dar os passos para viver a plenitude, sem o ressaibo de mágoas. Então demonizar o passado, só atrasa o lado de superar e aprender com a história de cada um que deve ser vista como um todo. A carta final frisa essa visão de acolhimento da pessoa como o todo de sua vivência, o que inclui seus envelhecimentos, no teor de amor profundo e sublime.

δ Ankh, por si só exemplifica os mitos de si, as amplas estruturas de formação, sentimento, amor, aparência, e espiritualidade, na inter-relação que colocada como assexuada na verdade exemplifica os lados femininos e masculinos de cada pessoa, e coloca o amor acima de qualquer ressalva. O acontecimento reúne de diversas formas e intensidades, a se supor que por estarem há anos separadas pelo moralismo, suas volições foram comprimidas a um grau extremo. Nada é exato, na verdade cada leitor pode supor ou enxergar nos atos de amor, as coisas mais simples e puras, ou os atos mais intensos, porque o que une é o sentimento, cujas manifestações são elementos de realização do sentimento e não meramente prazeres ou elementos que denotem poder a qualquer pessoa.

Chegar às relações mais viscerais também não propõe uma mudança qualificativa, não invalida o pacto da amizade, que justamente as relações convencionais costumam rasgar pressupostos mais básicos do afeto ao mudarem o status para casamento, ou pessoa com quem transa, porque desqualifica o elo básico da conquista, o afeto, a amizade, o amor puro, migrando para o interesse. O interesse não colabora com as relações. Nem as cobranças ou restrições. São esses fatores que apodrecem a relação, quando não se enxerga mais a pessoa que está do outro lado.

Os elementos intelectuais, eram pontos de interesse entre as amigas, é vivido durante o itinerário como um ponto relevante entre o relacionamento, pois incentiva e respeita o lado das áreas que cada pessoa gosta, áreas de interesse e ofício, numa relação que deveria trazer o diálogo equilibrado.

No itinerário os diálogos se mostram inexatos, rarefeitos, primeiro a demonstrar o distanciamento e as barreiras impostas. Depois se aproxima e atenua o distanciamento, mas ainda resguarda dúvidas internas no íntimo, de alguma forma nos intentos do itinerário e nas indecisões da outra.

A ligação com o etéreo entre elas na verdade é uma herança de algo pessoal, que advém de outros livros que escrevi, o que coloca-me muito próxima da personagem e situações que trafegam entre o real, uma vida anterior, e um saibrar de caminho que traz os anseios de forma que cercam mais do que simplesmente a visão unilateral. Capta o resultado de toda uma análise profunda

nos exílios do tempo e dos registros de eclosão sentimental, para trazer essa tônica para a ficção como hipótese.

ε Hathor, faz justamente um passeio nas essências da feminilidade, elementos quanto a fertilidade, maternidade, carinho, delicadeza, vaidade e isso é misturado na inter-relação das personagens, contrapostas pelo lado machista, e elas revisitam o lado simbólico da divindade, no aspecto de sopesarem suas uniões, nesse momento dando respostas aos entes envolvidos.

Nesse momento se traça o elemento básico de reatar da amizade, que se coloca de forma independente da relação feminina. Dá a permissão de uma relação sem a exigência, ou nivelamento. O presente é o ato simbólico da entrega de elementos da dedicação, não são exemplificados, mas no ato da escrita foram baseados no retrato em óleo que seria algo de completo desconhecimento da amiga, e mensagem. Não é caracterizado, apenas simbolicamente pelo adorno especial da caixa, denota essa dedicação. Pode significar os atos de amizade ou a luta para mantê-la viva.

A louvação coloca o lado da espiritualidade que ao reverenciar antigos mitos e deuses, se afasta da categorização de uniões, de censuras, e restabelece o elo espiritual com a criação da natureza puramente feminina, e seu direito de ser como achar. Livre. A queima simboliza pedir em sacrifício essa libertação também para a consciência da personagem amiga que é amada.

ζ *Navigat in nubibus*, entra na parte mais existencial, usando o símbolo dos mitos do livro dos mortos, que a existência trafega no barco egípcio para passar na avaliação quanto a eternidade.

O elemento da transcendência, simboliza o tempo de vida, das personagens, o peso que o tempo teve sobre a vida, o mar contém os lados opostos de sofrimentos de cada uma, a ser feita uma ótica de empatia entre elas, a sentir na pele o desconforto dos lados de cada sofrimento. O peso da depressão de Pecteilis, causa o agrave para Renanthera.

A viagem transcende o espaço físico, o percorrer dos mais de quatro mil quilômetros pairando, denota o descolamento da matéria, do corpo e cria o enfoque do papel do afeto em si, ao mesmo que o embate da vaidade contrabalanceia o amor vivido.

Essa parte do itinerário abre a visão do ciclo como um ciclo de vida, o itinerário traduz o ciclo da vida dentro de si, simbolizando eventos que ambas ficaram distantes em deserto e dunas, o encontro breve que foi o conhecimento e formação da amizade simbolizado na aldeia, o pacto que era a amizade no primórdio.

Aportar na cidade na beira do céu, significa trazer ao julgamento suas vidas relacionadas. O local e o mosteiro, são parte do ato de julgar e assumir a consciência completa sobre a vida e o elo afetivo.

O abandono da amiga, era o ato mais gravitacional da personalidade dela, a falta de coragem de reconhecimento do elo afetivo que toma vulto pela colocação mordaz que agride sua autoestima. A decisão furtiva simboliza os atos sem diálogo que foram característica de anteparo e até uma certa depreciação da outra para justificar a si mesma. Não ter que pensar ou ter argumentação contrária.

O ato imperativo também viola e sabota sua felicidade e amor. Ela reage com os vômitos que é sua parte que recusa algo de si mesma, representa o autojulgamento.

A monja significa o conhecimento de outras filosofias, faz parte da jornada espiritual em busca da resposta aos *insights* que a personagem tinha e as formas de amor que desenvolveu pela amiga. A monja se transforma em libélula a dar a transitoriedade da vida e a percepção do tempo adiantado e traz a luz de serenidade, para que a personagem consiga chegar a um grau maior do que o nível de problema e de renascimento, para uma compaixão. São os níveis do ensinamento budista citado de forma sutil e superficial.

Os retornos demonstram mudança para Renanthera renegando o lado da conveniência, manifestando o desprendimento sem compreender o que é de verdade o seu amar.

Pecteilis retorna para o acolhimento mais consciente do que significa o amor pela amiga e definha – simbolizado em uma única palavra.

A carta faz a quebra da altivez, uma vez que sensibiliza para o peso do abandono e as chagas que ela passou a saber.

η Occursatĭo simboliza basicamente a disposição ao ir ao encontro. Isso ocorre duplamente. Ao buscar a amiga. Ao buscar o novo amigo em cumprimento do itinerário proposto, mesmo sem sua presença.

Não se define sua morte, o que se define é o desencontro. Concretiza as consequências do exílio com a imposição do bloqueio por muitos anos e o novo romper, ele potencializa os efeitos negativos da desamizade.

O arquivo são as memórias da amizade que ficou impossibilitada basicamente pela decisão de uma. E no momento seguinte como consequência ela recebe o vazio, algo que afligiu a amiga.

Como ciclo de consequências ocorre essa inflexão. Questões se invertem no acontecimento para as duas personagens a dar conhecer o lado de cada.

A casa minimalista significa a disposição para sair do materialismo, artificialismo que ela descobre não trazer satisfação nem felicidade, e o amor impossível finalmente ela compreende ser esse o único elemento de completude.

Como influxo ela é atingida pela depressão e efeitos do tempo. O influxo das essências que foram baseadas em fatos, se estendem para outros aspectos. No tocante que a personagem Renanthera se vê apaixonada sem aceitação de si mesma, ainda que plausível este detalhe é colocado em sutilezas, na forma que se dá a intensidade do ato de amor como uma despedida em Assuã, e expressa na ânsia com o olor de Titanum, na apatia-depressão ao encontrar a carta e se dar conta daquilo que feriu e do desperdício de sua própria felicidade. Outros aspectos são quanto ao monólogo; que exprime o diálogo interno que Pecteilis houvera sofrido com os bloqueios de diálogo. O monólogo é muito mais, ele demonstra o afloramento do afeto na pureza que significava, num ensejo de convívio hipotético, representa o desespero da perda contendo dizeres que se proibiu dizer, isso ocorre também no brinde à amiga, e contém o lado da insanidade da força do sentimento, o lado que projeta holografias para dar suporte da perda, do afastamento e da dor provocada pela sua autocensura. Representa diversas coisas que talvez a amiga pudesse ter dito, ou sentido, já nesse último aspecto, isso está contido nas falas durante a agressão, como afloramento de mágoas, que podem ter sido outras, no entanto o texto de certa forma é categórico quanto ao autopreconceito e a repressão de sentimento, fosse qual fosse o teor de afeto, grau, intensidade, mas que nunca ficara limitado a padrões. A inflexão também joga a personagem na situação de estar bloqueada à amiga, seja por um sumiço ou morte.

A parte final, deixo a reflexão para o leitor.

Elementos simbólicos:

Os **selos** simbolizaram mais do que um ato ou gesto de afeto. Eles assumem a essência de serem sempre uma imagem mensagem adicional na correspondência de uma carta. Na verdade, transforma um elemento de afeto aderindo a ele uma mensagem ampla pela imagem, tema, cor, um elemento que reveste o momento e guarnece o amor. Sim, partiram do ensejo do beijo, mas que beijo seria? O que queria dizer os gestos e carinho e até qual ourela iam as sensações percebidas por ambas? O que suscitava a seguir? Eles representam entrega de afeto corporal assumindo essência.

Os selos são reais, existentes, demandaram horas de pesquisas para sua seleção. Foi dificultoso pois a filatelia comercializa pacotes mistos de selos, nem

sempre temáticos, nem sempre da nação pesquisada. Os selos foram do mundo.

Os primeiros têm dois elementos que definem duas formas de sentimento – amor filial e amor feminino.

O Selo de Abu Simbel representa a preservação.

O monumento transposto, o amor que transpõe a barreira da amizade. Representou o local x também.

O Selo coração, a realidade do sentimento e dos impactos ao corpo humano do sofrimento, e a independência do sentimento bem como sua singularidade.

Selo Renanthera, este foi extenuante a pesquisa, as buscas não traziam nada que igualasse e quase desisti. Quase não o notei, a busca pelo termo 'orchid' foi o que trouxe o selo nas imagens, no entanto naquele paiol de flores, com letras praticamente ilegíveis fez com que eu tivesse que examinar selo a selo no zoom. O significado é maior, é hipérbole do sentimento. Exatamente isso. O cartão seria o simulacro de um lançamento de selo. Os lançamentos filatélicos elaboram extensão da figura central do selo para o envelope ou postal, contém carimbo de seu primeiro dia de circulação – esse carimbo, exprime a liberdade, como um primeiro voo, e o cartão colado com carta oculta, traz essa alusão ao lançamento do selo, que representa a orquídea, o encontro porque é a conferência sobre orquídeas, e o amor que vai além das serrilhas do selo, dos gestos de amor e carícias. A carta oculta, o envelope de certa forma esse postal, já eram projetos antigos que nunca foram feitos de verdade, o que incluía o cordonê que cortaria em abertura o envelope. Era uma ideia que remonta os fatos de uma amizade cujas correspondências tiveram de cessar num dado momento.

O Selo da pintura de Gustav Klimt mostra o valor, não somente do beijo mas, da união perfeita do afeto, no aspecto mais sublime e mais essencial. O propósito do selo final era o Amor, mas a seleção não satisfazia a figura, nada com a palavra amor esteve à altura da essência. O selo Gustav Klimt veio após mais de duas horas de incessante pesquisa, e o dourado foi o elemento mais importante além do beijo em si. Até porque essa figura não é exatamente explícita em gênero. Sempre foi uma obra muito admirada por mim, mas não era um requisito algo tão clichê. Mas à medida que avaliei, compreendi que ele elucidaria o sentido do selo beijo, a pureza do valor, elementos áureos e universal linguagem do amor. Poderia aqui discorrer horas sobre essa obra, vou me conter.

Os **transportes** tiveram suas conotações algumas já esclarecidas. Mas o barco de travessia (balsa) até o Marrocos é a transposição do fosso no feudo do isolamento.

O camelo, dromedário, o esforço de sobrevivência ao tempo e falta, nas depressões de Pecteilis.

O trem o deslize, o transcorrer pelo tempo com inação. Reflete as barreiras e bloqueios por largo tempo demais. O desperdício das oportunidades.

O Barco é a transcendência, reconhecendo e trazendo novamente o elo que existe além dessa vida.

O voo como visão de consciência e horizonte. Em cada voo há a visão da paisagem como o conhecimento e apreciação.

Os **locais** x, eram Sijilmassa pela casa de banho, como purificação, assumir a pureza do sentimento.

Cairo, a estação, a transição entre o presente e o passado.

Abu Simbel a concretude do arquétipo feminino simbolizado no culto a Hathor.

Monumento da amizade é o tributo e a própria reverência da forma de amor isenta de qualquer cobrança. Simboliza o reatar da amizade entre elas.

Mosteiro Kopan no Nepal, a abertura da mente para o carma espiritual e a serenidade. Descrição da mesquita almorávida em ambos os momentos está posicionada em Kouttoubia. A reverência de Renanthera na mesquita, tem dois aspectos, origem ancestral no aspecto espiritual, também como inflexão das experiências de Pecteilis no que tange sua noção de vida passada. Há o aspecto de simbolizar o respeito às vivências e manifestações espirituais de sua amiga. É um elemento de jornada espiritual que houvera sido uma meta de Pecteilis.

Casa minimalista, o lugar hipotético isento do interesse material. Significa uma transição da Renanthera, não exatamente sobre desapego material, mas aquisição de consciência espiritual, aprendizado, humildade e intelecção do seu afeto por Pecteilis fazendo o desapego principalmente do preconceito, pressões morais e mordaças que visam satisfazer os quesitos de outras pessoas e não a si mesma. Desapego da vergonha ou culpa por sentimento feminino. Isso engloba uma fase de processo de autoconhecimento do afeto que Pecteilis já houvera passado antes, mas o representa também. Complementa-se com o rompimento com Titanum, que representa os relacionamentos heterossexuais, no entanto a falta de amorosidade e delicadeza.

Casa de Pecteilis, a realidade. Minha própria casa.

Casa na montanha, a princípio era o momento de isolamento para o amor purificado se tornar uma união sedimentada. Mas a realidade do abandono tinha que existir. Esse local simboliza o mesmo, mas com a barreira do tempo e da morte entre elas.

O local Y, é a ilha, na verdade concebido como ponto final, passa ser o local onde Renanthera de verdade consegue sua consciência afetiva com relação à sua amiga e alcança o renascimento, que simboliza o direito a uma outra vida. Mas também é o isolamento. Aqui encerra o mistério, de certa forma reabre uma outra oportunidade.

O lugar do Painel, é o ponto de partida e final, simboliza duas coisas – a arte perfeita da amizade, que é seu cultivo e não deixar morrer e o *Occursătio* é a referência de que a amizade e o conteúdo afetivo foram trilhado por elas, junto aos elementos contrários e favoráveis. E mais do que disse, é ciclo.

As hospedagens foram baseadas em locais reais. Simbolizam no caso da tenda a humildade, o hospital o cuidado, o hotel da costa em Al Hoceima, Mira Palace vista do Buena Café, escolhido pela visão do mar, os símbolos de liberdade do mar, que as reúne em gosto comum. O Safir o confortar, ambienta o agora. O Cataract o ambiente romântico que ambienta o passado. O Yak & Yet significava a possibilidade futura. A casa da montanha, além vida, a um degrau do pós vida.

A casa da montanha se baseou inicialmente em uma hospedagem nas cercanias de Sijilmassa, e construções na região de Imlil, foram de fotos sem referência, bem como a tenda de acampamento. Mas eram locais reais. Local irreal é a casa minimalista, a ilha é um local existente, porém mantido em sigilo, propositalmente.

POSFÁCIO II

|27 NOVEMBRO 2019 17:54 ATÉ 22:22 PARCIAL, 06 DEZEMBRO 2019 13:30 ÀS 14:40, 13JANEIRO2020, 17 JANEIRO2020, 11 MARÇO2020 | OSSEUS | R04 | R08 |R16 | R19 – FINAL PARA COLAGEM NO _AFFECTIO. VERSÃO FECHADA.

Capitular

Há inúmeras imagens poéticas, símbolos que eu poderia descrever, no entanto me centro em alguns textos e suas particularidades, para dar uma ótica do que foi o processo criativo e a profundidade dessa transliteração poética de registros auditivos sobre amor. No início não sabia como sucederiam as espiras e os relatos.

Papilio de 15 Virtualis

O voo da borboleta em inesperada aproximação, trouxe em seu rodopio uma espiral que derivou mais a amplitude do roteiro espiral, não apenas por intercalar acontecimentos em sincronismo, doutro modo me concedeu a percepção das vistas, ângulos do tempo, referenciais pessoais e entremeio de tempo presente. Tudo novamente, foi um processo poético-afetivo.

Turris de 9 Flos

Os torreões do feudo e as armaduras nos obstáculos do elo e dor. O amor encarcerado nos anteparos físicos – distância, decisão, receio, medo, vergonha e os anteparos virtuais – bloqueios sociais, anonimato de pesquisa e leitura, olhar distante e compartilhamento sem rastro. O som que não se limita nesses obstáculos, representam a escrita, no soar de instrumentos musicais. São as situações da própria história de amor que se perde nas irradiações do deserto, esse local sem fim, sem determinação de rota, árido que abarca o livro e essa presença virtualmente etérea, que coexiste nesse elo de forma que não se pode determinar materialmente e em fato. O torreão é o ponto de vista, o local mais alto de campana para essa vigia.

Cælitus Lucis 8 Luces

Foi uma gestação para um ser, numa preocupação com sua respiração, neta de minha irmã que houvera perdido duas meninas. Nossa ânsia mais esplendorosa desse raio de luz.

Siderĕus de 8 Luces

Uma das exposições difíceis, a demonstrar sentimentos da sensação de presença de F em amor carnal, etéreo, como um momento sonâmbulo e de despertar. A sensação dessa projeção houvera sido recorrente, intermitente em dias e intensa. Essas luzes são as imagens das constelações, como uma órbita de imagens esplêndidas que denotam o êxtase.

Criptae 'Palazzese' de 7 Praestigĭae

A cripta é a permanência através do tempo, pois a imagem poética do mar, ondas, simbolizaram o amor entre mim e F. A cripta era quando o rochedo se rende ao mar. A falésia é cingida pelas águas em grutas em locais inexpugnáveis. Essa gruta trazia a imagem do lugar mágico com seu mirante de mar infinito, numa eternidade construída em local fascinante, panorama incrível do restaurante ao mar. Vista dessa persistência da coexistência. A cripta traz essa submersão e traz esse local introspectivo na rocha, que pode ser considerada meu casamento, e o afastamento de F. Mas o local e seu horizonte são a harmonia da beleza, e dessa intromissão do mar.

Solistimum Castrorum

Como momentos que expressaram liberdade profunda, felicidade, união e imersão na natureza, como o empírico aos filhos pequenos. Todos esses momentos eram memórias douradas de nossa vida, trazem e confundem épocas e lugares. Não o sentimento. Foram aglutinados alguns momentos para representação em alguns textos. Ilustrados em aquarela em papel simples valem o registro de fotografias analógicas. Locais referem-se ao Camping Pedra Grande, dos Carvalhos em São Lourenço e das Pedras em Itu.

Balnĕum de 6 Sollistĭmus

O banho representa diversos banhos e nudezes. Representa uma descrição de clímax sensual que tem a percepção da distante relação, entre M e F. O banho também foi o local de gravação do áudio mais profundo dos registros, o amor dois, que acolheu importante expressão de sentimento mais puro. O banho de

imersão teve essa sensação também de marcar o início do dia para alívio de dores crônicas, e que traziam o conteúdo das madrugadas, nas quais acompanhava a 'imprensa de palavras' cujas leituras ocorriam nesse espaço noturno, também usado como metáfora interlúnio, intercoluna. Esse banho especificamente faz a nudação da alma e encontro com F.

Ros Aridam de 5 Matercŭlae

Orvalho árido traz em si a morte da imagem poética, de certo prisma, que essencialmente era uma figuração do sentimento materno de F por M. A condensação trazia essa sensação marcada por inúmeros gestos, expressões faciais, falas e tons de voz que muito certamente camuflaram a verdade, dando contraposição. Não sempre, mas muito destacada em momentos tensos. A aridez representa o engolir do deserto. Um ambiente pós vida. Um espaço sem dimensão. Traz uma jornada de pés e areia, e tempo. Marcante e tormenta para M. A aridez - obstáculo, o silêncio e distanciamento (que não significa distância).

Noctivagus de 3 Adscita

Notivagus- noctívago é um escrito simbólico para um fato. Um fato percebido com senso um tanto diferencial naquela ocasião. Analisado e reanalisado. Momento que se deu ocasião de festa, embriaguez, atendimento médico e pernoite na casa, foi disposto neste livro em alguns descritos segmentados. A noite foi um momento guardado em minha introspecção por essas quase duas décadas. Aquela noite em si, absorveu questões de vivência muito próxima, com incidências, reações e intimidades inesperadas. O adormecimento foi pautado com atitudes de autoafirmação nítida quanto a seu matrimônio, sutil claramente perceptível. A sensação que a insônia provocou foi essa cena de interação, que simboliza dispor o lugar da filha para a amiga M, a qual sente-se na inadequação. Além dessa situação peculiar, há a reprimenda, e ações implícitas de demonstração de afeto que não se encaixam em afeto entre mãe e filha. O tocar representa o acolhimento, do chão para um lugar. Simboliza todas as formas intromissão instintivas e espontâneas de F. A estranheza é que o sentimento começa vazar e ser percebido por ela mesma.

Plenitudo Candens, Passio, Favus Melis, Anthera de 2 Nectar Nectăris *

|13 janeiro2020.

São quatro textos que perfazem o conteúdo literário para o áudio Amor dois, foram sequenciados devido a tanta relevância.

Em *Plenitudo candens* a troca dos tipos de cavalos, significa sair do branco amor para vermelho amor. Significa proferir esse amor como paixão que se cavalga as nuvens. As fragrâncias significam os poemas de amor feminino. O abraço se torna submarino a dar uma profundidade assimilada. Os meteoritos, significam o peso da percepção de amplitude, intensidade.

Passio, traz as pontas expostas na luva, a dar a percepção tátil representando a paixão, ou a consciência dela. Traduzidas em fantasma com a capacidade de tocar até o ferimento. Contrapõe os tipos de sentimentos e a capacidade de fazer oclusão da forma de sentimento. A restinga dos passos de fogo é relativa à pintura 'Gratitud al mar', que demonstra as luzes da ânsia. A itaipava significa a cachoeira, elemento da poesia 'Rosto de fogo áureo', presente no *Observatĭo*, *Adendum*, representando o gesto de trazer para si o ser amado, em forma de retângulo áureo. O galope encerra o sentimento dessa loucura que o sentimento conduziu.

Favus mellis, denota grande sedução da amizade, acobertadas por lençóis dos interesses e características intelectuais que eram magneto recíproco. Como luz dourada adentra o recinto, um oceano de mel, como a abelha que leva a vida inteira sintetizando o mel, como essa elaboração literária que se mistura nessa afabilidade, como produto do amor. Favo significa a detenção do tempo. Absorção de todo ele como espaço dessa síntese. O navegar da piroga, significa fazer o barco de fogo, navegar nas chamas do sentimento. O opérculo da concha, é a busca de oportunidade, a luta pela amizade que fez afetar um meio delicado ferindo a pérola (sentimento manifesto de afeto dela).

Anthera, fala de epifitia, da coexistência das orquídeas e árvores, em uma nutrição da orquídea, personagens de ambas, como se estivessem presas entre si nessa sobrevivência. A flor representada no conjunto de inúmeras pétalas significa o amor e afeto da qual aguarda, alguma pétala que seja, a aceitação de qualquer manifestação que desintegre o silêncio-obstáculo, sendo essa cura, esse unguento que trate as dores feito dessas pétalas – o amor.

Novum ad amorem litteras Lynx de 2 Nectar Nectăris (carta) | 13 janeiro2020.

Nova carta de amor Lince, é o espectro através de um prisma, da carta vermelha que contém 'Uma carta de amor', dizeres de imagem poética de expressão para leitura consensual, que foi origem para a escrita literária da 'Outra carta de amor' que trazia destaques do referido áudio Amor dois. Neste capitular entendi ser necessário fazer essa projeção de cores, através desse prisma idílico, tornando verde o céu que talvez houvera sido vermelho e depois trazido na

chama dos olhos do flamingo, que traz um ramo - a esperança. Então, as plumas do pavão abrem esse olho no céu verde, como um telescópio de aproximação. Situado no parque dos flamingos, são citados animais da fauna local, que compõe harmoniosa sinfonia da natureza, cujo manancial lacustre simboliza o *philtrum* como brilho desse espelho-prisma cujas existências, junta. Como incorporando as águas como os braços abertos, acolhe o amor. Junção da emoção das lágrimas. Sua esfinge incorpora o lince em sua alma. Não está explícito em que ser me incorporo, mas esse voo dimensional se insere no pássaro talvez, um inseto, quem sabe, quem viu? Então no pouso, simboliza junção de brilhos de olhos, como o amor íntegro e a entrega.

Intercolunium de 1 Respectus

|13 janeiro2020.

Referencia a áudio para não esquecer, uma manifestação de amor, em 31 de dezembro de 2018. Esse espaço entre as colunas, as lacunas, são as fraturas de tudo que se quebrou, o amor e amizade que se fraturaram, o tempo e distância, que o amor é esse amálgama. Fala da libertação de sentimento soterrado, mas não o de M.

Obtutus de 1 Respectus

|17 janeiro2020.

O olhar penetrante tomou pensamentos durante mais tempo e dele a imagem própria se fez o mergulho parafuso em uma queda abrupta, esta sensação vertiginosa foi sendo compreendida lentamente, sob prisma diferente, na amplitude da análise de micro expressões do rosto e posturas consequentes. O texto retrata três perspectivas dessa batalha de lanças de brilhos significantes e visões. O ato marca um momento crucial impactante. Olhares perfurados impôs uma consequência simples, uma espécie de cegueira mútua de uma autossugestão.

Optical Spiralis de 1 Respectus

|17 janeiro2020. Baseado em áudio de post scaenam 20191101 fim capitular.

O espiral é a abstração da coluna vertebral desse livro. Seria 'Eu' como partícula olhando para o sentimento. O ato de descer a voluta, é ser tragado e emergir, é a dinâmica desse amor. Não tinha a verdadeira percepção do todo. É a consciência e explosão, absorver o amor feminino juntando-o às formas de amor. O espiral ótico está ligado ao conspecto, em sua profundidade de cegueira e visão peculiares. É o próprio gêiser fazendo o 'eu' passageiro da força motriz do amor.

Labyrinthus de 1 Respectus

| 06 dezembro de 2019. | Baseado em áudio 20191101 Post scaenam Fim capitular minuto 4 adiante. Anotações do Caderno-de-sei-lá-o-quê de 31 outubro 2019 página 119.

O texto labirinto foi um texto de concepção com muitas colunas de alicerce, entre simbologia e escritos que já fiz, elaborado em um teor mais visceral do método *Novam Scripturam*, aprofundado nos estímulos, numa imersão que fora arquitetada a usar elementos importantes de pesquisa do Labirinto, referências do capítulo Codex – do Livro 004, através de nova pesquisa e imersão. Rever parte do que foi compor Roma para o *poemarium* deste capítulo, ver a foto do dia dessa escrita, pesquisar novamente labirinto literário, que descartei para impor uma estrutura de *osseus* diferente. O intento era demonstrar o labirinto que o cerne do amor idílico por F fez em minha vida. Analisando onde esse labirinto se fazia perceber, identifiquei os diálogos internos de inúmeras perguntas sem resposta. Anotações efetuadas listaram as imersões: Filme, música 'As the world falls down' de David Bowie, o mito Minotauro e Dédalus, filosofia Wittgenstein, e pontos de ótica de observação Mara:

Metáfora – Frase – Obstáculo. O eco.

O texto a situa nas fronteiras do pensamento, o andar e a metáfora, são os mecanismos de todo mundo simbólico-poético de mim mesma que constituiu toda minha escrita que trilha evolução para estreitar o laço na procura pela amiga perdida. As paredes do labirinto recebem a frase e o eco reverberado traz um abreviar do mesmo, que provoca um pensamento avesso, mas, no entanto salienta o silêncio dela e conceitua o próprio refletir do pensamento próprio sobre o cerne. O amor e a perda. Traz também resíduos dos *insights* sobre uma outra vida. O eco não pensado de cara, logo naturalmente vem como resultado do autoconhecimento e sempre faltando pedaço, contendo a asfixia dessa distância imposta.

Simbologia:

Paredes – o silêncio e a distância (sendo alguém). O chão – a água, aspecto do abrandamento e presença materna, alterna temperatura. O caminho – o eco, transcendência. Percepção – o tato, conceito percepção. Variação – tempo-temperatura. O Eu – a inexistência, contraposição onde eu estou na inexistência, amor impossível. A janela – fechada – a parede, transição. Só existe o caminho. Caminho – a experiência sensorial de perda e busca. O desafio – inteligência e superação na tortura da desorientação do labirinto. Paredes de silêncio e distância, feita de plantas vivas, arboescultura, como labirinto do Iluminado.

O centro – não é a libertação; passagem de nível espiritualidade espectral-existencial. Arboescultura no centro. O centro magnético instintivo, leva o eu ao seu eu, encontro do corpo com 'o agora', que é chave. O pensamento instantâneo nos passos do caminho 'agora'. O 'eu' sobe e retorna a si ao descer, faz-se uma fusão do eu com o eu e o agora. O horizonte se mostra com a perspectiva fora do eu. A partir de então passa a ser instantâneo.

Entradas e saídas Dédalos – mutáveis fendas da libertação da prisão do silêncio (ela). Via mutável - Livre arbítrio. Escolhe sair.

Ponto externo setentrional – oposto ao início, transposição do labirinto, saída conceitual da transposição da palavra-frase para a ruptura do constructo do aprisionamento.

Frases interrogativas (Palavras-frase) – Ditas pelo eu existencial. Foram frases diretas, dúbias, insolúveis, mútuas, são os ecos do labirinto mental. Ato de ficar se questionando porque havia aprisionamento. Não são as mesmas perguntas e são capciosas e jogadas ao silêncio, que é ela, e o eco responde. Ela escuta. São vinte e uma, que representariam os anos passados nessa jornada de início de amizade, rompimento e banimento, contato virtual e bloqueio, que perfazem dezenove anos, mas dois anos a mais, como vislumbre de consequência, futuro. Essas frases podem representar o autoconhecimento, seu próprio bloqueio, e as questões provocadas e impactadas pelo silêncio e obstrução de relacionamento. Podem ser também o pensar dela. Nenhuma pergunta pode ser completamente estanque. Na verdade ecoa a ambas e denota que o labirinto é um local de andar só, mas acompanhado dela em outro momento e lugar da situação. Tudo isso jamais remete para uma conclusão mesma, pode ser a mesma escultura, entretanto a visão de ângulo de cada uma.

Vigésima é para se dizer e se escutar dizer o eu te amo, é a afirmação do coração. Para pensar sobre, como seria ou como ela sente isso.

A vigésima primeira, o que seria esse fazer, o que produziria, de que forma poderia se concretizar.

Arboescultura – volta do "Esculpidos em", que é a arte de moldar a natureza, se traduz conceitual, como o ato de moldar o eu existencial, e tem inúmeros vieses sobre 'o eu' como eu mesma, como o eu dela mesma, como a dificuldade dessa evolução da forma, ou seja, da própria psique ou das cicatrizes de uma situação afetiva. A escultura também representa a evolução, provocada, e também natural, porque é *arbo* e portanto, cresce. Como cerne da questão é o confronto também do amor, sua conceituação evolutiva, seu crescimento incontível, e sua formatação conforme a poda.

A saída – como Dédalus há diversos pontos e não uma saída única. O que expande a significação do amor raiz entre elas, a constituição desse elo além tempo.

O espelho – representado na água, representa inúmeras analogias de espelhamento, para esse olhar na dimensão do espaço onde estou, para o outro lado, que é o espaço onde ela está, por onde perpassam percepções metafísicas entre elas. Há inclusive um poema, denominado "Espelho de fogo – L014", que nele, há como que o encontro dos lábios através dessa cortina dimensional, cuja força de sentimento transpõe através do pensamento mútuo, traz a visão transcendente e que existe no texto "Mãos que atravessam espelhos de distâncias – L010" já como o toque, que deu essa percepção da imaterialidade e derivou um novo tema.

Há poucos dias eu refletia sobre todas as portas terem se fechado para mim; é como estar dentro do labirinto existente, labirinto físico, concreto e real. O transitar entre dois mundos e meus familiares estão alheios. O caminho (o labirinto) passa ser minha existência, quando não há portas só existe ele. Quando não tive mais oportunidades, eu segui. Sendo algo de extrema dor. Enfim o processo do livro *Affectio* faz uma densa água de caminhar, me imerge nessa vivência que transita entre esses mundos.

A imagem poética foi o andar esse labirinto de jardim, como meu viver em pensamento e intelecto. O labirinto também expressa nessa existência viva da imagem poética contendo diversos elementos da minha escrita, do herbário - uma antologia de imagens dessas poesias, na constituição do labirinto, denotando que esse cerne se impregna fisicamente na estrutura. As palavras também são silentes, labirinto simboliza as palavras caladas que podem nem terem sido lidas ou ouvidas por alguém (ela) ou acolhidas, tido receptividade. O Jardim absorve o abstrato do Viridarium[573]. Alfim, coloca sobre o além do amor. Sentimentos de amor idílico visceral.

---

[573] Viridarium – texto capitular do livro 4, que contém uma jornada em jardins simbólicos.

Epistula Scriptam in sanguinem de 1 Respectus

|17 JANEIRO2020. BASEADO EM ÁUDIO POST SCAENAM 20191101 FIM CAPITULAR.

Essa profundidade que gostaria de adicionar à amplitude de interpretação(ões) do leitor.

Carta poema que materializa, o que dantes fora a concepção de ato de última escrita, algo muito sério, trazendo para uma escrita presencial e quebrando o tabu de seu antigo propósito. Escrita, dia após a uma crise depressiva, em meio a escrita tão densa e profunda dos últimos dois capítulos do livro, foi embasada pela Carta Vermelha, carta secreta que contém 'uma carta de amor', derivando 'outra carta de amor', 'Novum ad amorem litteras lynx'. Imersa em empirismo, houve leitura, música, escrita de *osseus* e a escrita em sangue no caderno 'Vacuum'. O ato de ferimento, produzindo dor no ato da escrita, a concepção visceralmente sanguínea, demandou muita tensão e autocontrole, dimensionada minimamente o necessário a produzir sensação e percepção. O elemento real, foi o sangue, e a borboleta que apareceu no instante desse ferimento, me circundou. Borboleta mariposa laranja, que se assemelha à folha de outono.

A poesia cercou-se de tentáculos com as poesias, da existência do sofrimento de viver o amor, todo esse arsenal da sensibilidade poética.

O acre, significa ardente. *Lineamentum*, liga-se profundamente à demonstração de amor. Amor como amor e amor como o chamamento. A importância do rosto e sangue, é a doação. O figo, elemento elo na obra 'O gosto do vento' representa as sensações metafísicas ligadas à sensualidade. A pedra *Ostium*, é a passagem de abertura, a fresta, com duplo sentido, ligados à sensualidade. O vinho, este amor - a existência na maceração, maturidade.

Acolher das mãos, o gesto permissivo, é o que eu diria, esse dizer misterioso, simbolizado no cicio, uma mensagem especial de consagração, baseado em 'Uma carta de amor'.

A calmaria, navegação representam o abraço na receptividade do amor, é transpor a Carta Vermelha, pressupondo aceitação, casca de noz, como cuias das mãos sobre as mãos. Respingar no lirial, é tornar escarlate, transformar-se em Renanthera, nas orquídeas que personificam o *Itinĕris*. Pranto erva doce, alento, emoção suave promovida pelos poemas escritos. Taça de vinho, é a receptividade, amor dela doado a mim. Boca razão significa trazer ao racional na assimilação do sentimento como um todo, referenciando a 'Carta nascente',

representando a consciência do amor, enquanto que o faisão representa a paixão, e o atucanar, o bico de fogo – a união de sexualidade, sensualidade feminina. O teor leva para o desejo constituído, não tão como impossível. Os átomos rubros, são as 'hemácias' relativas às poesias que já foram escritas. Gosto, rosto e corpo é o circundar, os trezentos e sessenta graus da relação. O chamado e o sangue, respectivamente a aproximação e o acontecer. A dor e o pulsar do amor. Sem dúvida, o brilho da lâmina requereu o domar desse dragão oculto diante de minhas fraquezas, num duelo entre o tamanho do coração e o todo o sofrimento que ele tem.

Argentum Litus, Aureum corpus fluidum - de Nullusdum – Lumina Auream

O primeiro texto desses dois últimos episódios de Lumina Auream, ainda tem um teor preso ao desenho da restinga, pois o efeito luminoso traz coloração prateada em branca junto aos efeitos amarelados que dão o facho rastro do Sol.

Traduz a sensação da caminhada pelo primeiro lumiar da manhã, impressão colhida em meus áudios de viagem, Mar, transpondo esse caminhar para o encontro do vulto. Esse reencontro muito tempo depois, traduz o levar pelas mãos, gesto de aceitação ao menos amistoso, e personifica o 'Eu' na solidão. A solidão passa ser o elemento elo de ligação entre ambas personagens. Elas se ligam nesse sofrer de uma solidão especial em suas intelectualidades. Ao mesmo tempo significa encontro de amor. O felino traduz a ferocidade das posturas mais áridas ao mesmo passo que graciosas. Rio de prata é o novo caminho para esse encontro das suas completudes amorosas e intelectuais. Simboliza o local todo o sentido herbário de diversos poemas e livros.

O rio se torna dourado. Como mudar a noite para o dia. Como acendimento da chama. O encontro se marca por suas especificidades e união de harmonias.

O segundo texto é o que ocorreria desse reencontro. Vestir o dourado, seria submergir à arte como guarda de suas almas e corpos, como uma espécie de benção ou brinde à essa 'reunião' em amor. A casa simboliza o aconchego, um ato recluso e asséptico dos preconceitos sociais. Veste-se uma iluminação especial da flâmula perfumada do cerume, onde existe uma espécie de espaço sideral privado, o céu de uma noite em pleno dia, acesa em lampiões que lembram os balões coloridos que constam de um poema. As fitas negras trazem o brilho para o teor da sedução com uma cachoeira de pó dourado, simbolizando as cachoeiras em um derramar infinito do amor, sua força, sua pureza, sua luz, em mão dada com a simbologia da proporção áurea. Como tornar vivo o quadro

do Rosto áureo, em corpos cuja nudez de amor, traduz basicamente suas próprias liberdades de sentir na forma que quiserem. A deposição do dourado torna isso às claras, luz do dia, ou seja, uma posição unida nas expressões existidas de amor de cada uma. Os elos passam a ser adornos sensuais e não uma amarra, fitas negras. A carta para o rosto da Picturata dourado em Nácar, sedimentando todo significado.

Observatio de Adendum de Itinĕris

|07 dezembro 2019.

Observatio, uma importante sequência de textos, é parte do *itinĕris*. Pensado como um adendo por ser uma realidade alternativa – Pecteilis vive. Anotações referenciam a experiência de encontro de Renanthera na montanha Atlas uma ligação metafísica. Pecteilis reaparece na ilha em observação. Esse fato detalhando a estada que o painel final menciona, a visão do promontório da ilha Isabela em Galápagos, torna-se lembrança em tempo mais adiante, coisa de mais dois anos. Ou seja, de 2020 passa-se um ano até o cair da areia da ampulheta – 2021, termina o itinerário em 2022 e a chapada se dá em 2023, o que perfaz três anos após Kathmandu.

Para este episódio que contém um outro desfecho, além de um terceiro misterioso. O fim de Occursatĭo coloca o desencontro como consequência do último abandono e suposta morte com encontro espiritual.

Abordar *Observatĭo*, a observação profunda, é dissecar algo que ocorreu mutuamente entre M e F, de certa forma a visão colocada nas observações, inicia em parágrafos que alternam as personagens de forma não clara, marmorizando o ato. O ato sob qualquer forma de observação, seja um olhar microscópico na perspicácia, sejam dados cadastrais e informantes de comum relacionamento, da observação de proximidade causada ou meramente ocasional. Quando durante o itinerário Renanthera sofre a emersão de teores amorosos mais intensos como consequente consciência do amor de Pecteilis. Isso simboliza a absorção da poesia amorosa. No *Observatĭo*, Renanthera mostra consciência amorosa na tristeza da perda, ao ir à ilha é consolidar o elo afetivo no tardio das consequências do tanto tempo de seu afastamento provocado e silêncio. A perda a faz assumir então a busca. A busca parece ser o único sentido, entre as memórias de cenas de amor que são analiticamente colocadas nas imagens poéticas de alusão às fitas (da cena de lumina auream) e no amor dos lírios-do-pântano.

O *Observatĭo* significa uma simbologia de outra vivência. Essa outra vivência ainda traz permeada resquícios de devaneios, ânsias, mas há nele o lado de ânsias do ponto de vista de Renanthera. Uma dessas ânsias se daria pelo desaparecimento da escrita da amiga, o quase encerramento da 'imprensa de palavras' que causa essa abstinência da escrita que vinha consumindo.

A observação insular, representa Pecteilis assumir o olhar à distância e dar o silêncio tal qual sofreu anos, mas não como punição, mas pelo abandono em si a espanta, fazendo-a trilhar sua busca em metamorfose. Nessa estada na ilha, ela está sempre à certa distância da não percepção, passo atrás, notando a crescente sensibilização que traz essa evolução para Renanthera.

Foram feitos estudos focados em metafísica, bioma das ilhas e do cerrado brasileiro. Como o cerrado tem abrangência de regiões, dá representatividade de raízes, raízes que tenham simbolismo do amor à natureza de ambas personagens. Inúmeras imersões foram feitas para a localidade da Chapada dos Veadeiros, outras regiões de chapadas, fotografias, e levantamento de espécies, costumes e gastronomia.

O processo do livro veio influindo, dado que foram escritos capitulares, parte do *Lumina auream*, os densos capítulos do terceiro ao primeiro, textos como *Ad femina et veritatis*, *Carentis*, *Noctivagus*, do Nectar Nectaris – Labium, *Gratias memoriam, Mons* (andar na montanha, cuja analogia é o corpo dormente da minha amiga, entre sentimentos contraditórios, numa visão mais de consciência de sua perda), *Amor plumule* que me liga à escrita da nova carta de amor que é *Novum ad amorem litteras lynx*. O labirinto, a carta escrita em sangue e *Obtutus*. Estava escrevendo uma confluência muito, muito densa de sentimentos durante a composição do *Observatio*, que absorveu dessas experiências e suas concepções, enquanto estavam sendo concebidas e iniciadas as pinturas.

As anotações do caderno de Sei-lá-o-quê mostram claramente. No mapa mental foram desenhados balões das palavras: Falta de liberdade, admiração, cuidar, significações, aprendizado, intromissão, perseguição, saber, desejo, aproximação, compartilhar.

E ideias soltas para composição da Transição das espécies:

Esquecimento como ideia solta, catarata, Reserva natural, chapada Veadeiros, Identidade, Reencontro, Desmaterialização, Metafísica, Metamorfose, Vida. Fim como centro de Caminhada, Outra vida, Transição, Essência, Cachoeira, Rirmos juntas, Ponto de ligação. O que faz ir à reserva.

O Mapa mental construiu as sequências:

Observationis reciprocae, onde ambas tiveram motivações e buscas de informação, que neste caso Pecteilis rastreia o quanto ela a observava, representando a leitura 'imprensa de palavras' e outras pesquisas. Elas carregam entre si buscas que foram de ambas, mas que não necessariamente houve esse meio. A mensagem gravada no computador como resquício de prova contundente de que houve a observação denota invertida situação da leitura dos escritos e visualização dos sites de M.

|17Janeiro 2020

Investigatio observationis, preliminar à descrição insular, mostra em tempo posterior Renanthera demandar pesquisa sobre paradeiro da amiga, não convicta de sua morte, e tem impacto relevante pelo contato misterioso *Occursatĭo*. É um chamamento final.

Contemplationes Insulis – no dimissa, parte insular, situada na chapada, traz memória sobre a visão da visitação ao promontório que simbolizou o mural final do itinerário. Pecteilis observa ao longe, no encalço da visitante, Renanthera. Não se determina a concretude existencial de Pecteilis. Foi pesquisado sobre o arquipélago Galápagos que focou a comunicação na caixa de correios, simbolismo da troca de conteúdo afetivo e vida através das correspondências repletas da natureza poética, idílica portanto. Encontro à meia distância, simboliza um tipo de relação imaterial, ocorrida nos porões virtuais da tecnologia. O ambiente concebido para destino do Diário de Navegação, remonta um destino final sem propriamente a solidão. Mantilha verde representa a esperança. O penúltimo selo encerra este lugar. Transita a memória para o local da Chapada.

Observationis Persecutionum, como ironia Renanthera fica presa a sua ânsia de busca da amiga desaparecida, num crescente passo de transição de vida. Assume atitudes antes comedidas em sua característica reprimida em um prelúdio de sua decisão de procura.

Transitus, Pecteilis inicia sua metamorfose. Ela adentra o bioma, ela se entrega ao sorvedouro, significa sua entrega ao vórtice negativo do sentimento, que desintegra sua parte temporal, mas ela ainda existe em sua andança solidão. Sua integração ao seu meio prossegue como parte de sua transição. Chegam ex-marido e filho para um encontro. A mistura dos dois mundos e dos dois horizontes de amor. Ela vive a vida que se lhe aproxima. No final o trânsito astral se dá em libertação quando os campos amanhecem repletos da sua espécie percebida pela amizade antiga ao beija-flor.

Cognita: Um ponto branco magnetiza a crescente insatisfação e delírio de Renanthera, imerge na chuva até o pântano que abisma ver os lírios no gesto que remonta o momento de amor de ambas no Egito, sente a dor compreendida

então de Pecteilis. A expressão 'agora amei' quer dizer também 'sei'. Em transe sua ânsia obcecada a faz abandonar o estado de dormência para busca de fato material.

Persentĭo: Nesse caminho à chapada, não há uma sincronia exata com a transformação de Pecteilis, à priori, no caminho se alimentar de confeitos da amiga, cria simulacro de situações incompletas entre elas. Vivências nunca vividas que saber através das observações a instigava querer. Os curativos preparados, trazem verdades e mentiras, rótulos, promessas impossíveis de cura, que denotam quanto se compra o enganar a si mesmo conscientemente. Conhece Paepalanthus no caminho que as leva à roda d'água que gira e inverte a vida, o tempo e as faz naturalmente dividir o caminho de entrega e percepção profundas.

Observationis exstinctionis et instinctus, a caminhada entre as sendas da chapada, uma condução labiríntica entre vegetação e seres, as duas personagens se interagem, Renanthera com uma espécie de silêncio e monólogo da outra. No final ela representa como luzes de ano novo, como fogos de artifício os brilhos da régua do tempo enquanto que Renanthera se extingue após experimentar efeitos metafísicos, como clarividência e perceber a presença da amiga, Pecteilis. Ela parte após essas luzes do chuveirinho se reunirem nas cores escarlates. O aprendizado encontra o instinto.

Perstrictae, representação da transposição da vida em outra vida, como a extinção de uma ou outra espécie. Cumpre-se a extinção das espécies. Persiste Paepalanthus que então conhece Calliandra, como um reencontro reconfigurado no mistério da Picturata então revelada.

SPISSATĭO[574]

| 6 DE OUTUBRO 2019. NOITE. | ESCRITOS PERDIDOS NO BLOCO PRETO. BASE DE SENTIMENTOS PARA O TEXTO SOBRE OS OLHOS. OBTUTUS. CAPITULAR 2. ENTRETANTO, ESSA PERCEPÇÃO NÃO FOI UTILIZADA. VINHA EM SEGUIDA DE 'ARRASTAR O LÁBIO EM SUAS AREIAS' DE LABIUM |IPSIS LITERIS | R04 | DA AUTORA

Olhos do núcleo do tronco
Olhos inundam-me
de um saber
Olhos amam-me
de um pestanejar tocado
Boca
filamentos que
tracejam Um voo O toque
ou O ato
Boca de carne que
me devora
Cabelos que açoitam
cabelos que me inundam
pescoço de sabor do caule
dorso que dança
em apenas um andar simples
Coração que derrete e
goteja um ouro de vidro
em meus olhos feridos

574 Spissatĭo, spissationis – Lat. – Condensação.

Bibliografia

1. **Dicionário de Latim essencial | Autores: Antônio Martinez de Rezende e Sandra Braga Bianchet | Editora Crisálida.**
2. **Latinitas 1 e 2 - de José Amarante.**
3. **Latim é simples.**
4. **O Egipto – da pré-história aos romanos – Dietrich Wildung – Taschen.**
5. **Site árvores do bioma cerrado.**

Editorial

Versão: L019 R27 26 set 2024 correção lapsus*** Direitos reservados ***

Versão ant: V0 R26 13/7/23. Lapsus |V0 R25 13/1/23 Versão editorial: R21 19 maio 22 edt55

Status: Perspecto e Promptus

Etapas: Revisão adicional, adequação editoração para versão Edt e formatação, erratas.ok.

Pendência: Ilustrações não desenvolvidas para Itinĕris.

Fontes:

DRACONIAN TÍTULO, 1979 E NORMAL: HUMANIST 521 TAM10. LT , LANOTIPES E NEWSGOTH LT BT PARA REFERÊNCIAS. CAPITULAR: ARCANEWIDE 9.

Revisora: a autora.

Revisão 25 e 26: até o final, devido a versão original não ter funcionado a correção automática ortográfica. E Erros de editoração nas numerações das referências.

Contém erros, porque sou assim. Não sou perfeita. Proponho-me criatividade e espontaneidade, linguagem simbólica e imagens poéticas vivas. Gostaria de não errar, mas erro. Neste caso, a instalação do Word apresentou problemas.

Playlists: [Spotify] MCromaro Affectio inspiração

MCromaro Imersão

Illustratio

[Illustratio 1] 1Capa: Picturata Affectio

20200405 L019 Picturata MArch2 O [DSCN3245].

Pintura abstrata de Pecteilis e Renanthera, baseado em esboço Fineart, em óleo Le franc sobre papel Arches Huile. Tamanho 20,5X31. Pintura de tinta jogada em espátula, cinzel, efeitos de pincel.

ILUSTRAÇÕES CAPITULARES

[Illustratio 13] Prefácio

20191009 L019 A feição MA4 A. [P IMG_4236] [DSCN3174] *

Aquarela e desenho em lapiseira. Fotos originais M, casamento 1987, F 2000.

[Illustratio 2] 1.Respectus – Litos Amatorum

20191028 L019 Praia dos amores MA4 O. [P IMG_4280][DSCN3253]*

Óleo sobre papel. M na praia dos Amores – Itajaí – SC 1987 – foto arquivo pessoal.

[Illustratio 4] 9. Flos – Collus II

20191119 L019 Collus II MA4 A. [P IMG_4237] [DSCN3179]*

Aquarela. M com L bebê no colo. Baseado em foto de 1992 – arquivo pessoal.

[Illustratio 5] 5. Matercŭlae - Agilĭtas Agilitatis

20191119 L019 Bicicleta roxa MA4 A. [DSCN3249]*

Aquarela. L e G no condomínio, baseado em foto de 1996 – arquivo pessoal.

[Illustratio 6] 6. Sollistĭmus – Solistimum castrorum II

20191119 L019 Solistimum Castrorum II MA4 A. [P IMG_4275][DSCN3177]*

Aquarela. M, G e L no camping Pedra grande, foto de 1992 – arquivo pessoal. Papel Canson escolar. Aquarela W&N. Detalhes em pena, aquarela, nanquim branco.

[Illustratio 7] 6. Sollistĭmus – Solistimum castrorum II – Camping G

[20191119 L019 Camping G MA4 A] [P IMG_4134] [DSCN3248]*

Aquarela de foto velada do camping Pedra Grande nos anos noventa. Papel Canson lay-out 150g. Foto velada de G perto da barraca.

[Illustratio 10] 4. Solitudinum - Ubi

[20190731 L019 Melro Violeta MA5 L E] [P IMG_4283][DSCN3256]*

Desenho esboço à lápis de cor, em passeio no lago. Esboço do Melro violeta no caderno de madeira que foi desenhado posteriormente em aquarela e que fez parte desse capítulo.

[Illustratio 21] 5. Matercŭlae – Solistimum castrorum III

20200122 L019 Solistimum Castrorum III MA4 A. [P IMG_4515]

Aquarela. M, G e L no camping São Lourenço, Camping dos Carvalhos, foto de ~2001 – arquivo pessoal.

ILUSTRAÇÕES PARA NULLUSDUM

[Illustratio 3] Lumina Auream – Aureum corpus fluidum

[20191107 L019 Aureum Corpus Fluidum MA4 O] [P IMG_4282] [DSCN3254]*

Óleo sobre papel.Cena concebida para o texto, a luminária foi desenhada em modelo natural, os rostos são baseados em fotos de 2000 festa Suda, como base. Verniz localizado e pó de ouro.

[Illustratio 9] Nullusdum- lumina auream - Aestuarium

20190609 L019 Gratitud al mar MA4 O. [P IMG_3187][DSCN3165]*

Óleo sobre papel Filiperson acid free, efetuado em dois dias. F em restinga de praia.

Itinĕris

[Illustratio 14] Itinĕris β Qairauān

[20191022 L019 Hammam Sijilmassa MA4 A] [P IMG_4235][DSCN3173]*

Desenho baseado em um documentário que retrata Silgilmassa no Marrocos. Aquarela. Papel Filiart grana fina aqua.

[Illustratio 11] Itinĕris δ Ankh

[20191007 L019 Renanthera banho MA4 A] [P IMG_4277] [DSCN3176]*

Aquarela em papel Filiart grana fina art. Entretanto este papel composto com algodão apresentou absorção descontrolada da tinta. Desenho conceitual sem base fotográfica.

[Illustratio 12] Itinĕris ε Hathor

[20191007 L019 Renanthera vermelha MA4 A][P IMG_3959][DSCN3172]*

Aquarela conceitual. Papel Filiart grana fina aqua. O papel apresentou absorção descontrolada da tinta. Sem base fotográfica. Representando o quarto vermelho do hotel em Assuã.

[Illustratio 15] Itinĕris ε Hathor

[20191022 L019 Cataract Assuã I MA4 A] [P IMG_4274][DSCN3178]*

Desenho de salão bar inspirado em hotel egípcio de Assuã. Aquarela W&N. Desenho conceitual em papel Filiart grana fina aqua.

[Illustratio 8] ζ Navigat in nubibus

20191124 L019 Selo Renanthera MA4 A. [P IMG_4276][DSCN3175]*

Aquarela baseada em floral e selo filatélico de Singapura:- Selo Singapore: Renanthera 20th WOC Singapore 2011. 45 cents. World Orchid Conference.

[Illustratio 16] Picturata Affectio

20200405 L019 Picturata MArch2 O [IMG_4682]* [DSCN3245].

Pintura abstrata de Pecteilis e Renanthera, baseado em esboço Fineart, em óleo Le franc sobre papel Arches Huile. Tamanho 20,5X31. Pintura de tinta jogada em espátula, cinzel, efeitos de pincel.

[Illustratio 17] - Pintura Nácar

20191021 L019 Nácar MArchII O [P IMG_4272][DSCN3168]*

Pintura Nácar, é a pinura referenciada em ser no capítulo Picturata. Seria o conteúdo da caixa Picturata. Pintura óleo sobre papel Arches Huile, Le Franc.

Representação retrato de F baseado no rosto de fogo áureo e sua base.

[Illustratio 18] - Esboço fineart de Nácar

20191021 L019 Nácar MA4 FA [IMG_4273][DSCN3171]*

[Illustratio 19] - Esboço fineart da Picturata

20200127 L019 Picturata MA4 E

*não concluído

[Illustratio 20] Quairauan

[20190820 L019 Itineris Quarauan MA5 E C] [P IMG_3436][DSCN3257]

Desenho em lápis de cor, no caderno ‘De-sei-lá-o-quê’, nas anotações do itineris, durante concepção do Quarauan, cujo torreão é da mesquita relatada no final do itineris como ponto de encontro, esta mesquita não estava na rota inicial, mas foi inspiração da ambientação cultural.

[Illustratio 21] Picturata Esboço

[20200127 L019 Picturata MA4 E] [P img_8539]

Esboço de Pecteilis e Renanthera, desenho em papel Canson 180 layout, lapiseira 0,3 e lápis Cretacolor fineart.

Δ



[ILLUSTRATIO 18] [ILLUSTRATIO 19]

Devido a fatores extraordinários, publicável.

Status: *Perspecto*, *Promptus*

Escrito 6 maio 2019 a – 13 novembro 2019

V1 R27– 26 setembro 2024


Schematismus
Promulgatio
Perspecto
Promptus
Illustratio